YRSA SIGURDARDÓTTIR

Autora de *Cinza e Poeira* e *Lembro-me de Ti*

Alguém para Tomar Conta de Mim



«A resposta islandesa a Stieg Larsson.»

The Daily Telegraph

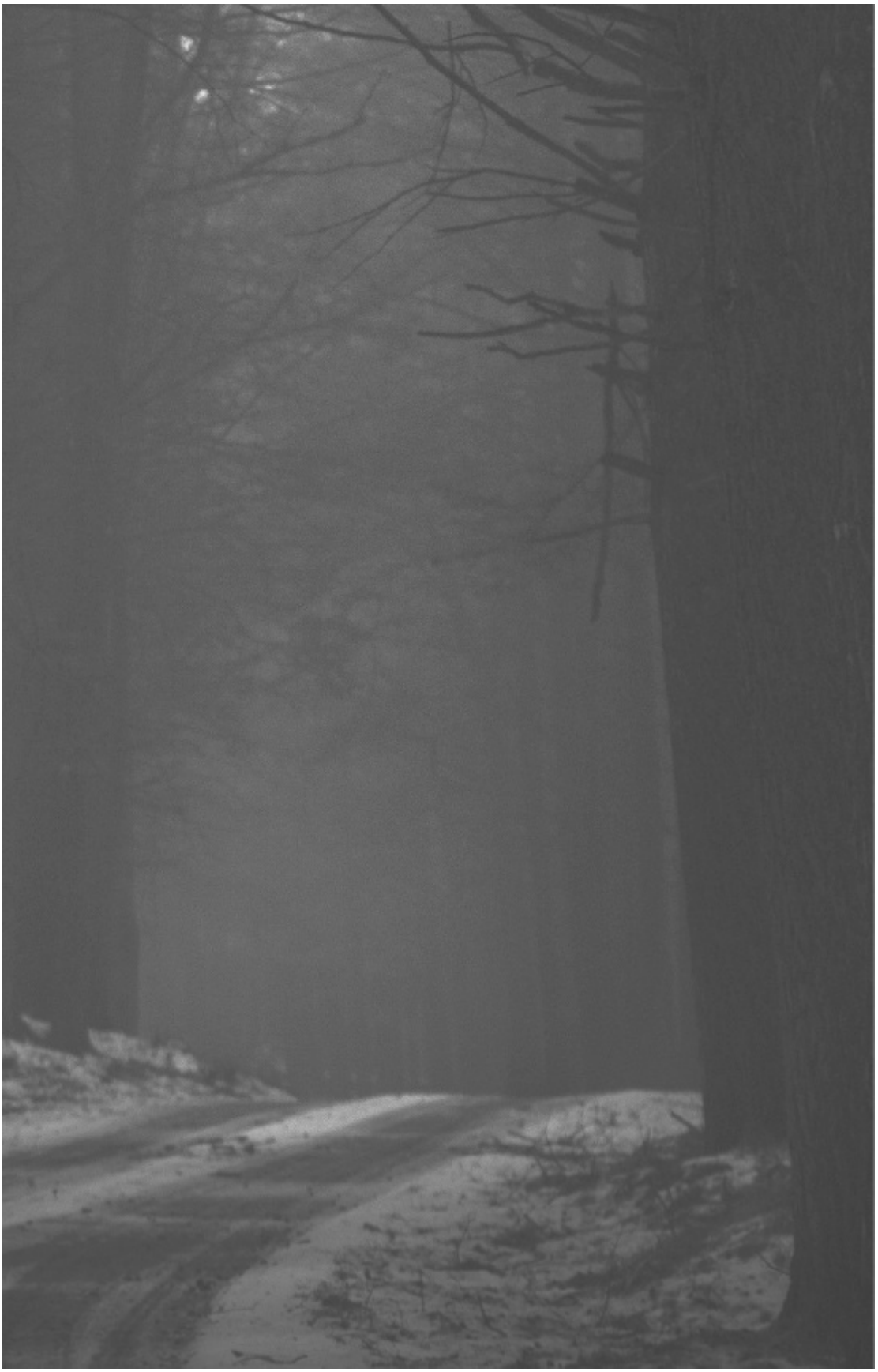
QUETZAL

serpente emplumada | Yrsa Sigurdardóttir



© Sigurjon Ragnar Photography

Yrsa Sigurdardóttir vive com a família em Reiquejavique. É diretora de uma das maiores empresas de engenharia da Islândia. Os seus livros elevam-se aos topos das listas de *best-sellers* em todo o mundo. Muitos deles estão a ser adaptados ao cinema e à televisão.



Título: Alguém para Tomar Conta de Mim
Título Original: Horfðu á mig
Autora: Yrsa Sigurdardóttir
1.ª edição em papel: maio de 2015
A partir da edição inglesa da Hodder & Stoughton
Tradução: Miguel de Castro Henriques
Revisão: Patrícia Xavier

Design da Capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores
Fotografia da Capa: © Krakozawr / GettyImages

© 2015 Quetzal Editores
© 2009 Yrsa Sigurdardóttir
[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

Edição segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Quetzal Editores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
quetzal@quetzaleditores.pt
Tel. 217 626 000 · Fax 217 625 400

ISBN: 978-989-722-236-8

Este romance é dedicado à memória da minha avó.
Vilborg G. Gudjónsdóttir
(4 de novembro de 1909-24 de julho de 1982)
YRSA

Prefácio

Sábado, 8 de novembro de 2008



O GATO MANTINHA-SE DISCRETO, escondido na escuridão por detrás do denso maciço de arbustos sem folhas. Imóvel, agachado, o único movimento visível nele era o dos olhos amarelos, que cintilavam. Estava em guarda contra tudo o que por ali pudesse andar. As pessoas que costumavam alimentá-lo há muito que o tinham esquecido, e o gato sabia de coisas escondidas no escuro que não se atreviam a aparecer à luz do dia. Tornava-se sempre invisível quando o silêncio da noite descia, quando as pessoas baixavam a guarda, à medida que as sombras desapareciam ou tudo invadiam, dependendo do ponto de vista. O gato ainda não se tinha decidido nem por uma coisa nem por outra, e também não se ralava: gostava daquela altura do dia, mesmo se, de vez em quando, ficasse com o pelo todo eriçado na expectativa de que algo inesperado ou qualquer coisa má pudesse emergir de algum recanto. Tudo o que odiava a luz tinha agora liberdade de ação: os recantos sombrios fundiam-se com tudo o que o rodeava, e tudo em volta era treva e solidão.

Um estalido surdo fez com que o gato cravasse as garras no chão húmido e frio. Não podia ver nada mas, mesmo assim, tentava não chamar a atenção sobre si mesmo, respirando mais superficialmente, comprimindo e achatando o corpo magricela contra o solo. O ar frio, que momentos antes fora tão refrescante,

depois de um dia passado a dormir no sofá, tornou-se opressivo, e cada inalação deixava um sabor desagradável na língua áspera do bicho. Sem querer, bufou baixinho e ficou tenso, pronto para dar um salto e fugir daquela coisa terrível que andava algures por ali mas que era invisível, como as vozes da rádio e das pessoas com quem ele partilhava a casa. De repente, virou-se, disparou para fora dos arbustos e correu o mais que as suas patas o puderam levar para longe da casa.

Berglind sentou-se na cama, completamente acordada. Quando despertava a meio da noite, isso acontecia-lhe normalmente de forma gradual, enquanto andava às voltas na cama, procurando a posição perfeita para dormir. Mas, desta vez, parecia-lhe ter saltado de um sono profundo, embora tivesse a impressão de não ter dormido de todo. Estava tudo às escuras no quarto principal e lá fora um céu escuríssimo, sem estrelas. Os ponteiros iluminados do despertador indicavam que mal passava das três e meia. Teria sido acordada pelo choro do filho que dormia no quarto ao lado? Berglind pôs-se à escuta com toda a atenção, mas apenas ouviu o ligeiro tiquetaquear do despertador e o som pesado da respiração do seu marido.

Berglind empuxou o edredão para baixo, com cuidado para não despertar Halli. Tinha sido custoso para ele suportar os últimos meses, e a única coisa que ela queria era perturbá-lo. Embora tudo indicasse que os sacerdotes tinham feito o seu trabalho como devia ser, nunca ousara esperar que o assunto ficasse resolvido logo a seguir à sua visita. Mas não podia dizê-lo ao seu marido, nem a mais ninguém, porque podia dar-se o caso de as pessoas pensarem que o estava a fazer só para chamar a atenção para si, assim acabando por duvidar da sua palavra – ou duvidar ainda mais – em relação ao que acontecera recentemente. Até o próprio Halli, que testemunhara o mesmo que ela, tentara encontrar explicações racionais, mas a maior parte daquilo era tão pouco plausível que chegava a ser ridículo. Nunca quisera aceitar plenamente as teorias de Berglind, embora, com o passar do tempo, tivesse desistido de as pôr em questão, dado que nada mais parecia ser verosímil, à medida que os estranhos acontecimentos

continuavam a multiplicar-se. No entanto, ficava bem a Halli ter aguentado e tentado tudo o que podia para a apoiar, apesar das fendas que se tinham aberto nos alicerces do seu casamento. Ainda não estavam bem: os seus problemas estavam longe de ter acabado, embora pelo menos um dos maiores problemas parecesse já ter sido ultrapassado. O horário laboral de Halli fora reduzido, sendo que as horas reduzidas dificilmente seriam repostas e, embora o trabalho de Berglind como funcionária do Estado fosse em princípio seguro, também havia alguns problemas financeiros. Quem sabe, se calhar seria a próxima a sofrer devido aos cortes.

Os olhos de Berglind adaptaram-se rapidamente à escuridão e ela saiu com todo o cuidado da cama. Não fazia sentido voltar a deitar-se já. Iria beber um copo de água e verificar se Pési dormia profundamente; depois, era provável que se sentisse outra vez cheia de sono. Caso contrário, iria jogar um jogo de paciência no computador ou navegar na internet até as pálpebras começarem a ficar pesadas. Há muito que dominava a arte de se distrair com tarefas repetitivas e sem objetivo, por forma a restabelecer a paz de espírito. Se não fosse assim, Berglind seria incapaz de ficar tanto tempo em casa. Fechou a porta do quarto, tentando que as dobradiças não rangessem. Eles tinham planeado substituir todas as portas quando compraram a casa, mas nunca o chegaram a fazer. O corredor estava um gelo; a tijoleira fria fazia-lhe formigueiro nos pés e Berglind arrependeu-se de não ter enfiado as chinelas. No seu íntimo sabia que nunca as teria calçado; levaria ainda muito tempo até estar em condições de andar à procura delas debaixo da cama, na escuridão. Oxalá isso um dia acontecesse. Não, *oxalá* não, *tinha* mesmo de acontecer. Senão acabaria por perder a cabeça.

A água na torneira da cozinha estava morna, por isso deixou-a correr um pouco, enquanto olhava para a rua familiar e as casas em frente. A rua estava envolta pela escuridão, embora parecesse que alguém se esquecera de apagar a luz na garagem que ficava mesmo em frente. Alguém também devia ter deixado a janela aberta, porque se via uma lâmpada a balouçar como se impelida por uma suave brisa. De resto, toda a fileira de casas estava às escuras. A luz amarelada do candeeiro da rua não chegava aos jardins dianteiros e morria logo no limiar

do pavimento onde começavam as sombras. Berglind olhou os telhados, rua abaixo, ignorando a água que corria, enquanto deixava os seus olhos seguir até ao onde a rua de Vesturlandsvegur dava uma curva e iniciava a subida, em direção ao subúrbio de Kjalarnes. Retirou a mão da torneira e esfregou a parte de cima do braço em que tinha pele de galinha. Um carro passou pela rua principal e Berglind teve a impressão de ouvir o motor a gemer, enquanto o carro chapinhava no sulcos de pneus repletos de água. Estariam ali desde o acidente? O tempo não estivera chuvoso, naquela noite. A estrada estava a precisar de reparações, mas isso não seria para breve. Berglind deixou de olhar pela janela e enfiou um copo debaixo da água que continuava a correr.

Se ao menos tivessem recusado o convite para a ceia de Natal. Não se questionou se estava a pensar nisso apenas retrospetivamente; para começar, nunca tinham querido ir, mas deixaram que os amigos os persuadissem. Se não tivesse sido assim, ela não teria aceitado o convite; era mais fácil lidar com as consequências se fosse de outra pessoa a culpa de se terem vestido a rigor, de terem pedido a Magga para fazer de *baby-sitter* e depois terem ido. Desde então nunca mais tinham solicitado os serviços de uma *baby-sitter*, nem tencionavam fazê-lo. Agora a vida social deles estava limitada à casa ou a sítios aonde pudessem levar o seu filho de quatro anos.

Berglind não era capaz de se ver a desfrutar de uma noite fora de casa, sabendo que o filho tinha ficado com uma *baby-sitter*, e isso desde aquela noite terrível, e tudo o que acontecera desde então. Pela milésima vez, pensou para consigo que as coisas se teriam passado de modo diferente se eles tivessem desistido de ir àquele jantar de Natal ou se, pelo menos, não tivessem decidido beber um copo em casa e não no restaurante. Mas pensar nisso era como esfregar sal na ferida. Haviam aceitado o convite e arranjado quem tomasse conta do miúdo. O olhar de Berglind voltou-se automaticamente para a janela, detendo-se no asfalto negro da rua de Vesturlandsvegur, que avançava como um rio escuro, sem correntes, ao longo do limite do bairro. Fechou os olhos e imediatamente se deparou com a imagem com que fora confrontada naquela noite fatídica. As luzes intermitentes da ambulância e dos carros da polícia tinham eclipsado tanto

as luzes de Natal no telhado da casa em frente como a neve intensa que caía. As pequenas luzes brancas, que deviam estar lá como uma promessa de paz na Terra e esperança num novo ano, não podiam competir com as cores brilhantes provenientes dos veículos. Com a mesma visão retrospetiva que empregara para se convencer de que, de início, tinham pensado em não ir àquele jantar, Berglind dizia agora para consigo que na altura relacionara imediatamente o acidente na rua de Vesturlandsvegur com Magga, a sua baby-sitter que ainda não tinha aparecido.

Abriu os olhos e bebeu a água. Ainda estava morna e Berglind arrependeu-se de não ter deixado a torneira a correr durante mais tempo. Ultimamente, tudo o que fazia lhe parecia velado por algum remorso, não que se pudesse comparar a temperatura da água à morte de uma jovem, e não que o acidente tivesse sido por culpa sua, no entanto, sentia-se horrivelmente culpada. Os pais de Magga, que voltara a ver por várias vezes depois do acidente, haviam ficado destroçados, e a expressão dos seus rostos ensombraria tanto Berglind como Halli para o resto dos seus dias, e talvez mais ainda. Claro que ninguém os censurava pelo acidente, pelo menos abertamente, mas Berglind julgava ver nos olhos angustiados da mãe a convicção de que eles eram, de certo modo, os responsáveis – se tinham mesmo de sair, porque não foram buscar Magga a casa? Se ao menos tivessem feito esse esforço, a rapariga não teria atravessado a rua e estaria ainda viva. Mas como eles se tinham deixado convencer a sair, Magga acabara por se encontrar no sítio errado, à hora errada, e um filho da mãe qualquer, sem coração, tinha-a atropelado. Se calhar nem olhara para trás, quanto mais parar, para ajudar a jovem caída no meio da rua. Nem o carro nem o condutor foram encontrados; não havia trânsito algum na rua quando ocorreu o acidente, e não apareceu nenhuma testemunha, malgrado os diversos apelos nos meios de comunicação social. Por isso, Magga morreu sozinha, abandonada no asfalto gelado: já não respirava na altura em que o condutor do carro seguinte deu por ela e parou. Por pouco que não passou ele também por cima da rapariga, dado que já uma fina camada de neve cobrira o seu pequeno corpo. Com os dedos húmidos, Berglind esfregou os olhos com força e voltou a fechá-los. Que

largura teria um carro? Dois metros, dois metros e meio? A rapariga estaria pelo menos a oitocentos metros da sua casa, talvez a um quilómetro. Que reviravolta mais azarada, estar precisamente no local em que havia de aparecer aquele detestável condutor. Berglind estava demasiado cansada para calcular as probabilidades, mas deviam ser pequenas. Pensando melhor, as probabilidades de más notícias parecem ser sempre mais exageradas do que as boas, por mais inesperado que seja o acontecimento; quase ninguém ganhava a lotaria, mas havia muitas pessoas que contraíam doenças fatais e raras de modos improváveis. Berglind abriu os olhos de novo e deitou fora o resto da água do copo. Embora o acidente ainda a ensombrasse, o pior não fora lidar com a morte trágica de uma rapariga que tinha toda a vida pela frente. Essa parte, pelo menos, era lógica; quando uma rapariga com pouco mais do que quarenta quilos encontra uma tonelada de aço a uma velocidade superior a noventa quilómetros por hora, só pode haver um resultado. Claro que era uma tragédia terrível, mas a possibilidade de morte súbita faz parte da condição humana. Tinha sido mais difícil aceitar o que acontecera a seguir: Magga – ou, antes, uma espécie de projeção do seu espírito – parecia decidida a manter a sua promessa de tomar conta de Pési, e aparecia para tomar conta dele assim que começava a escurecer. Quem sabe? Talvez a violência da morte impedisse o seu espírito de descansar em paz? Tanto quanto Berglind podia inferir dos poucos filmes de terror que vira, as pessoas voltavam como fantasmas, caso as suas mortes continuassem por resolver. A princípio, ela e Halli não tinham percebido o que se estava a passar, pensando que Pési dizia que Magga estava com ele porque ficara sugestionado ao ouvi-los falar depois do acidente. Demasiado pequeno para perceber o que era a morte, era provável que estivesse a tentar encontrar um sentido para o desaparecimento dela. Era perfeitamente natural que Pési sentisse a sua falta; tinha sido a sua *baby-sitter* desde que ele fizera um ano e estava muito ligado a ela. Porém, os sinais de alarme começaram a soar na cabeça de Berglind quando o rapaz começou a repetir sem parar que Magga se sentia mal e que tudo era um *dói-dói*. Foi então que Berglind começou a escutá-lo com toda a atenção, tentando ultrapassar a fraqueza que sentia desde o acidente. Dadas todas as

coisas inexplicáveis e assustadoras que tinham acontecido desde o acidente, já não tinha dúvidas sobre o que estava a acontecer.

O quarto de Pési arrefecia muito, e as janelas ficavam embaciadas mal caía a noite. Aumentar a temperatura do termóstato não fizera nenhuma diferença e o canalizador que chamaram ficara perplexo, a coçar a cabeça durante uma hora, antes de os deixar no mesmo barco, mas com uma conta bem salgada. Um velho *mobile* que estava suspenso sobre a cama do menino, e que há muito tinham pensado em retirar, mexia-se mesmo quando não havia brisa, e também havia perturbações da eletricidade só naquele quarto; a luz tremulava constantemente e nada se alterava, por mais que mudassem a lâmpada. O ar no quarto começava a ficar denso e pesado ao fim do dia, mesmo que abrissem a janela. Era como se todo o oxigénio fosse consumido, e cada respiração lá deixada tivesse um gosto desagradável e metálico. Claro que tudo isto podia ter uma explicação lógica, e se tivessem tempo e paciência acabariam por descobri-la. A casa era antiga e precisava de muitas obras. Contudo, uns tantos desses fenómenos não podiam ser atribuídos à idade da casa: de manhã, a pilha de bonecos de peluche de Pési estava sempre arrumada numa fila perfeita; tinham visto a sua roupa dobrada num banco a um canto, embora estivesse amontoada no chão antes de ele ir dormir. Pési acordava frequentemente de noite, mas agora os pais não precisavam de lhe ir buscar uma bebida, ou de o levar para a cama ou de ir ao quarto dele para o acalmar, porque quando iam vê-lo encontravam-no sorridente e a dizer: «Não precisavam de vir, a Magga está a tomar conta de mim.»

Então, os pais levavam Pési para a cama de casal, mas o espírito da rapariga parecia não apreciar isto. Acordavam muitas vezes vendo o edredão a deslizar lentamente até cair no chão. Ouviam um arranhar debaixo da cama; o som começava sempre de modo suave e depois, de repente, aumentava para o som violento do esgravatar. Cessava quando Halli espreitava debaixo da cama, murmurando, sonolento, qualquer coisa sobre o raio dos ratos, embora eles nunca tivessem visto um único rato. O frio que tinham sentido no quarto de Pési surgia agora no quarto do casal, bem como as janelas embaciadas e as perturbações na corrente elétrica. Além disso, umas pequenas poças escuras

tinham começado a formar-se junto da porta: na semiescuridão pareciam sangue, mas, quando as luzes se acendiam, via-se que eram formadas por água. Por duas vezes chamaram os carpinteiros para observar o telhado à procura de alguma infiltração.

De facto, era incrível como tinham suportado aquilo por tanto tempo, apenas com os operários a ajudá-los. Numa manhã, Berglind disse que já não aguentava mais; a casa tinha de ser imediatamente posta à venda; que se lixasse a recessão e a crise do setor imobiliário. Nessa manhã, tinham acordado e visto algumas das suas roupas penduradas do lado de fora do armário. E não eram umas roupas quaisquer: o fato elegante de Halli, com uma camisa e uma gravata, e um dos vestidos de Berglind, com um bolero a condizer. A roupa que tinham usado naquela noite do jantar de Natal. Tudo estava arrumado no armário quando eles se deitaram. O medo de Berglind tornou-se ainda mais intenso, porque pela primeira vez desde que isto começara, Halli parecia tão assustado quanto ela. Em vez de tentar vender a casa na pior altura possível, decidiram chamar um médium espírita para se livrarem do fantasma – ou fosse lá o que fosse. Tal como Halli reparara, eles não podiam ter a certeza de que a venda da casa os ajudasse, dado que o fantasma parecia estar a assombrar Pési, e não a casa.

Contrataram um médium que disse que podia sentir a presença de uma alma penada e infeliz pairando à roda de Pési, mas não que sabia como os havia de livrar daquela presença. O mesmo aconteceu com uma parapsicóloga que chamaram a seguir, e que fora entusiasticamente recomendada pela tia de Berglind. Nenhum deles chegou a essa conclusão de graça e as finanças da família não eram suficientemente sólidas para percorrer a longa lista de pessoas que ofereciam os seus serviços nos anúncios classificados. O seu último recurso foi o pároco, que eles não viam desde o batismo de Pési. A princípio, o padre mostrou-se relutante, julgando que estaria a ser alvo de alguma graçola. No entanto, o terror que Berglind emanava tornou-se evidente para ele assim que a viu; a atitude do sacerdote mudou, embora lhes tivesse dito que não podia prometer nada. Durante as várias visitas, sentiu o frio que parecia envolver Pési ao cair da noite, bem como a eletricidade estática no ar à roda da criança. O

padre chamou o bispo e em conjunto fizeram o primeiro exorcismo da Islândia, desde há um século. Depois de passar por um quarto após o outro, o bispo disse-lhes cerimoniosamente que o espírito da rapariga não voltaria a entrar em casa deles. E, como por milagre, aquilo parecia ter resultado. Como se uma varinha mágica por ali tivesse passado, o ambiente em casa tornou-se logo diferente, embora fosse difícil indicar ao certo o que havia mudado. A atmosfera em casa voltou a ser como antes. Claro que seria difícil livrarem-se do medo constante de que algo estava para acontecer, e demoraria um certo tempo até as suas mãos deixarem de tremer. Mas o tempo cura todas as feridas, e Berglind disse para si que doravante havia de se concentrar numa recuperação lenta mas segura.

O soalho estalou no andar de cima, no quarto de Pési, Berglind pousou o copo e virou-se devagar. O som continuou, como se o rapaz estivesse a andar de um lado para o outro. Berglind sentiu a garganta seca e voltou a ficar com pele de galinha. Estava a ser ridícula ao sobressaltar-se só por causa de umas sombras. Com passos cadenciados subiu a escada e, ao chegar à porta do quarto do filho, ouviu a voz abafada que vinha lá de dentro. Teve vontade de colar a orelha à porta e de se pôr à escuta, mas em vez disso abriu a porta calmamente. Pési estava nas pontas dos pés à janela, a olhar para fora. Ao ouvir a porta a abrir-se, parou de falar e voltou-se para trás, e Berglind levou a mão à boca quando viu a janela embaciada.

– Olá, Mamã. – Pési esboçou um sorriso triste.

Berglind correu para o filho e retirou-o à força da janela. Segurou-o, apertando-o junto a ela, e ao mesmo tempo tentou limpar o vidro da janela. Mas não conseguia limpar o embaciado que estava do lado de fora.

Pési olhou para ela.

– A Magga está lá fora. Não pode entrar. Ela quer tomar conta de mim. – A criança apontou para a janela e franziu as sobrancelhas. – Ela está um bocadinho zangada.

Capítulo 1

Segunda-feira, 4 de janeiro de 2010

VISTO DA ESTRADA, O EDIFÍCIO PARECIA BASTANTE VULGAR. Os turistas, provavelmente, julgavam que era apenas outra quinta onde os homens labutavam e suavam felizes, em paz com Deus e com o mundo. Talvez chegassem a pensar que se tratava de uma casa de família invulgarmente grande e imponente, mas não demorariam muito tempo a contemplá-la, nem se voltariam para trás a observá-la depois de passarem por ali. Na verdade, era também mais ou menos assim que os islandeses pensavam, mas aquele lugar raramente era tema de conversa; das poucas vezes que a imprensa o mencionava era normalmente porque algo trágico acontecera a algum dos pobres infelizes que lá moravam. Tal como fazem sempre, os leitores ignoravam os pormenores banais, à procura das partes mais sumarentas que descreviam os aspetos mais chocantes ou bizarros do comportamento dos residentes, e a seguir avançavam na esperança de encontrarem algo mais positivo. Logo depois de fecharem o jornal, era improvável que tivessem retido alguma informação sobre aquele lugar e os seus moradores: era mais fácil esquecer gente daquela. Mesmo dentro do sistema havia a tendência para marginalizar aquela secção: alguns percebiam o valor do

trabalho que ali se fazia, mas parecia haver um consenso tácito entre os funcionários públicos no sentido de terem o menos possível a ver com aquilo. Thóra tinha a certeza de que, se tivessem mais trabalho na firma de advogados, teria recusado o caso que a trouxera até ali. Claro que era possível que a sua curiosidade pelo caso, que fora descrito de forma muito vaga, a tivesse levado a aceitá-lo mesmo que estivesse muito atarefada – não era todos os dias que um paciente da Unidade Psiquiátrica de Segurança de Sogn lhe pedia auxílio.

Na verdade, a história da UPS era breve; até 1992, os prisioneiros com problemas de saúde mental eram quer colocados em instituições no estrangeiro quer simplesmente mantidos no contexto normal da prisão de Litla-Hraun. Nenhuma destas opções era a ideal. No primeiro caso, a barreira da língua devia causar aos pacientes uma série de dificuldades inomináveis, sem falar da distância a que ficavam da família e dos amigos; no segundo caso, a prisão não era, por certo, uma unidade de tratamento adequada. Thóra não sabia até que ponto os prisioneiros ditos normais interagiam com aqueles que sofriam de doenças mentais, e não conseguia imaginar como as duras condições de vida na prisão poderiam ser favoráveis ao tratamento dos que tinham problemas de foro psíquico. Os sete lugares disponíveis em Sogn estavam sempre ocupados.

A curva era apertada e as rodas do carro derraparam no saibro escorregadio. Thóra segurou o volante com mais firmeza e concentrou-se na pequena subida. Não queria começar a sua visita com um despiste do carro, para a seguir ter de ser rebocada da valeta – aquele já era um dia suficientemente esquisito e ela não precisava de lhe acrescentar mais nada. A senhora a quem telefonara a pedir para ver o paciente fora bastante agradável, mas pelo seu tom de voz era evidente que aquele tipo de perguntas era tudo menos trivial. Thóra também achara o tom de voz da senhora um pouco nervoso, como se tivesse ficado preocupada com o objetivo da sua visita. Não que isso fosse surpreendente, dados os antecedentes do homem com quem se ia encontrar. Não era um residente como outro qualquer, não tinha uma depressão, nem era viciado em droga ou álcool. Jósteinn Karlsson encontrava-se no caminho da perdição desde a sua juventude, apesar de inúmeras intervenções do sistema.

Thóra tinha-se familiarizado com os seus antecedentes depois de se ter decidido a prestar-lhe apoio, e não fora de todo uma leitura agradável. Só tivera acesso a dois dos seus casos – os pormenores dos crimes que cometera enquanto jovem passavam das marcas. Jósteinn tinha sido acusado de sequestro, agressão e abuso sexual de crianças. Na rua, seduzira alegadamente um rapaz com cerca de seis anos de idade, convencendo-o a ir para sua casa, com o objetivo que felizmente nunca se soube ao certo qual era, porque o vizinho do lado chamou a polícia. Atento, há muito que desconfiava de Jósteinn e insistia que ele era o responsável pelo desaparecimento dos seus dois gatos, desde que os animais tinham sido encontrados em mau estado mesmo debaixo da varanda de Jósteinn. No entanto, embora tivesse sido apanhado em flagrante com uma criança que não era sua conhecida, Jósteinn escapara deste caso praticamente ileso. Não foi possível persuadir a criança a depor, quer no tribunal quer noutro lugar. Um psicólogo tentou falar com o garoto, mas sem nenhum resultado. O rapaz fechava-se mal o assunto era abordado. O psicólogo era da opinião de que Jósteinn tinha assustado o rapaz, ameaçando-o. Tratava-se, dissera, de uma técnica comum entre os abusadores, comprar o silêncio da criança com ameaças antes de violar a sua inocência, e não havia ninguém mais fácil de assustar do que uma criança. Fora impossível levar o rapaz a dizer como é que Jósteinn o tinha ameaçado, ou se algo se passara antes de a polícia chegar, o que tornara impossível provar sem sombra de dúvida que Jósteinn abusara da criança no apartamento. A acusação de assédio sexual e de agressões físicas formulada pelo Ministério Público não foi muito longe, dado que o rapaz não apresentava ferimentos. No entanto, ninguém na sala do tribunal acreditava na explicação de Jósteinn: pensara que o miúdo estava perdido e queria ajudá-lo a encontrar os seus pais. Devido à falta de provas, Jósteinn recebeu uma pena suspensa de seis anos, por sequestro da vítima. Dez anos mais tarde, Jósteinn assediou sexualmente um adolescente, e desta vez não havia nenhum vizinho atento. Os pais do rapazinho que tinha escapado quase ileso deviam ter proferido orações fervorosas de agradecimento, quando os meios de comunicação social começaram a relatar os pormenores daquilo que Jósteinn fizera ao segundo

rapaz. Thóra lembrava-se bem desse caso, embora já tivesse passado uma década, mas só agora lera o veredito. Parecia evidente que Jósteinn tentara matar o rapaz, e que só por puro acaso não o fizera: a empregada que limpava as áreas comuns do prédio viera trabalhar um dia mais cedo do que o costume, visto que a sua filha ia ser crismada no dia seguinte. Provavelmente, não teria dado por nada se se tivesse limitado a aspirar, mas uma criança deixara cair o seu gelado na parede mesmo diante da porta de Jósteinn, pelo que ela se demorou por ali mais tempo do que o costume. Quando desligou o aspirador, ouviu os gritos abafados da vítima a pedir socorro e, depois de um momento de hesitação, decidiu telefonar à polícia, em vez de bater à porta. Na chamada, disse ao operador dos serviços de emergência que nunca ouvira sons daquela espécie vindos do apartamento e que era incapaz de os descrever. Tudo o que podia dizer era que estes davam a ideia de um sofrimento terrível. A polícia forçou novamente a entrada no apartamento de Jósteinn e, desta vez, apanhou-o em flagrante.

Enquanto lia o texto da sentença, Thóra reparou num estranho pormenor que lhe espicaçou a curiosidade. Durante as investigações, a polícia recebera uma dica anónima dizendo exatamente em que lugar do apartamento de Jósteinn se poderiam encontrar certas fotografias; essas haviam sido tiradas ao longo dos anos e mostravam claramente quantas crianças haviam sido vítimas de Jósteinn, e de que maneira ele o fizera. As fotografias lançaram a investigação para outro escalão; se não tivessem sido encontradas, as infrações com que Jósteinn seria incriminado só lhe teriam valido uma sentença de poucos anos. A descoberta das fotografias permitiu à polícia obter um mandado de busca no local de trabalho de Jósteinn, uma loja de computadores à qual anteriormente não tinham tido acesso. Aí foi encontrada uma quantidade enorme de pornografia infantil e ainda outro material pornográfico, o que deu aos investigadores provas suficientes para formularem a acusação contra ele. Pouco depois, realizou-se o julgamento, e Jósteinn foi intimado a passar por uma avaliação psiquiátrica, após o que foi considerado culpado, mas penalmente inimputável devido à sua insanidade. Isso queria dizer que ele saiu ilibado das acusações criminais, mas condenado a ficar

detido na Unidade Psiquiátrica de Segurança em Sogn, onde devia permanecer até os tribunais decidirem que o tratamento estava completo e que Jósteinn já não constituía uma ameaça para as pessoas à sua roda.

Thóra pouco mais pôde apurar, a não ser que Jósteinn parecia ter tido melhor sorte do que a sua vítima, a qual ainda estava a recuperar na unidade de reabilitação do Hospital da Cidade de Reiquejavique quando a sentença foi pronunciada. No seu contacto telefónico bastante peculiar com Jósteinn, ele dera a entender que queria discutir um velho caso, mas não ficara claro se se referia ao primeiro ou ao segundo. Reabrir qualquer deles parecia ridículo: da primeira vez, Jósteinn recebera uma sentença ridiculamente leve, e o caso mais recente tinha contornos tão nítidos que Thóra não conseguia ver nenhuma razão para contestar o veredito. Teria Jósteinn a esperança de anular o acórdão de insanidade do tribunal e de transformar o seu encarceramento numa pena comum, depois da qual talvez pudesse voltar à liberdade? Pela breve conversa que tinham tido, era-lhe impossível avaliar o seu estado mental; parecera-lhe completamente normal, embora talvez um pouco brusco e arrogante. Estaria, talvez, tão doente como no dia em que ali chegara: o veredito incluía um sumário do diagnóstico do psiquiatra, em que se declarava que Jósteinn sofria de esquizofrenia aguda e de outros distúrbios de personalidade, que poderiam ser controlados mediante terapia medicamentosa e psicoterapia, mas que seriam quase impossíveis de curar por completo. Thóra notara que o mesmo psiquiatra sugeria que se explorasse a possibilidade de Jósteinn ser internado numa unidade psiquiátrica de segurança no estrangeiro, uma que estivesse mais bem equipada para lidar com um indivíduo tão desequilibrado; o médico acreditava ser improvável que alguma das unidades da Islândia fosse capaz de lidar com aquele caso.

Thóra saiu do carro e tirou a sua pasta do banco de trás. Na verdade, esta não continha mais do que fotocópias dos dois vereditos do Supremo Tribunal, além de um grande bloco de papel. Não estava à espera de tirar muitas notas; tinha quase a certeza de que não iria aceitar o caso, dando como pretexto um trabalho imaginário qualquer. Os pormenores sobre o modo como Jósteinn abusara do

adolescente ainda a perturbavam, e ela não tencionava apressar a libertação daquele homem. De facto, pensava agora que teria sido melhor ter recusado logo de início. Fechou a porta do carro e dirigiu-se para a entrada. Não estava ao seu alcance avaliar a saúde mental do indivíduo e não sabia o que a esperava: Jósteinn teria recuperado a saúde mental? Estaria agora tão cheio de remorsos que queria uma segunda oportunidade? Ou tratar-se-ia de um ser incuravelmente malévolo, desesperado por obter a libertação para poder encontrar a sua próxima vítima?

Tocou à campainha e olhou em redor. Enquanto aguardava, viu dois homens a caminhar lentamente na direção de uma pequena estufa, onde acabaram por entrar, levando cada um deles um balde. Um dos homens parecia sofrer de síndrome de Down e devia ser um dos pacientes, enquanto o outro parecia fazer parte do pessoal da unidade. A atenção de Thóra voltou-se de novo para a casa, quando a porta se abriu e surgiu uma mulher de bata branca, desabotoada sobre uns jeans e uma camisola muito coçada. A bata parecia tão velha como a camisola, e repetidas lavagens tinham quase apagado o logótipo do Hospital Nacional.

A senhora apresentou-se como sendo a enfermeira de serviço. Mandou entrar Thóra e indicou-lhe um sítio onde pendurar o casaco, enquanto dizia trivialidades sobre o trânsito e o tempo; depois conduziu-a mais para o interior da casa e abriu a porta de uma sala de estar antiquada mas confortável, onde disse que decorreria a entrevista. Grandes janelas davam para um jardim e para a pequena estufa, dentro da qual os dois homens que Thóra avistara há momentos estavam muito ocupados a tratar de plantas de uma exuberância impressionante. A enfermeira comentou que a construção da estufa fora financiada com um donativo generoso de uma senhora que há mais de sessenta anos perdera a filha de dois anos de idade; um homem com graves problemas psíquicos acordara um dia com vontade de matar alguém, não importava quem, e escolhera aquela criança, embora fosse uma completa desconhecida para ele. A benevolência daquela mãe, depois de tantos anos, evidenciava uma grande força de carácter, pensou Thóra, embora isso não acalmasse a sua ansiedade quanto às condições

de segurança na sala de estar, caso Jósteinn decidisse atacá-la. O ideal teria sido sentá-los frente a frente, separados por um vidro à prova de bala.

– Estou em segurança aqui? – Olhou para as cadeiras com almofadas bordadas.

– Vou estar na sala ao lado. – A enfermeira permaneceu imperturbável. – Se acontecer algo, grite, e venho logo. – Dando-se conta de que Thóra ainda dava mostras de algum receio, acrescentou: – Ele não lhe vai fazer mal. Está aqui há mais de dois anos e nunca agrediu ninguém. – Teve uma breve hesitação. – Bem, pelo menos, a nenhum ser humano.

Thóra franziu o sobrolho.

– O que quer dizer? Ele fez mal a algum animal?

– Isso já não é um problema neste momento. Agora já não há animais, devido à maneira como os residentes com maiores problemas de saúde reagiam à sua presença. Mas, claro, estamos no campo, e animais das quintas vizinhas às vezes aparecem no terreno. – A enfermeira não deu mais hipóteses para Thóra aprofundar esse assunto. – Por favor, sente-se que eu vou buscar o Jósteinn. – Parecia que o homem não tinha adquirido uma alcunha durante o período da sua detenção. – Sei que ele está muito entusiasmado por poder falar consigo.

A enfermeira saiu, e Thóra perguntou-se se seria mais seguro sentar-se. A coisa que ela menos queria era que Jósteinn ficasse demasiado perto dela. Uma cadeira de braços, coçada, posta ligeiramente de lado, parecia ser a melhor escolha, e Thóra dirigiu-se para lá, pousando a pasta sobre a mesa de café à sua frente. Decidiu ficar de pé até à chegada dele, por ter lido, há muito, sobre a importância de estar de pé quando se queria ficar com o controlo da situação. Uma pessoa sentada era forçada a olhar para cima para encarar a outra, e isso – segundo a tal teoria – pesava no equilíbrio de poder.

A enfermeira trouxe Jósteinn, apresentou-o a Thóra e relembrou-a de que estaria ali por perto, se precisasse dela. Thóra viu Jósteinn esboçar um sorriso ao ouvir aquelas palavras, embora a enfermeira tivesse tido o cuidado de as dizer como se estivesse a oferecer-se para lhes trazer cafés, caso o pedissem. O homem percebeu perfeitamente que Thóra estava nervosa, pelo que o equilíbrio

de poder era irrelevante. Não serviria de nada enervar-se, por isso Thóra recompôs-se e convidou-o calmamente a sentar-se. Recusando-se a olhá-la nos olhos, ele aceitou o convite com o mesmo sorriso sarcástico de há pouco, escolhendo o sofá diante da sua cadeira. Ela imitou-o e sentou-se. Jósteinn era magro, e embora as roupas que usava não lhe assentassem bem, o seu pescoço musculoso e as suas mãos revelavam que era um homem forte. Parecia ter cabelo escuro, mas podia ser por causa do gel ou da cera que tinha posto, o que o tornava mais escuro do que era. Dir-se-ia que estivera a nadar e, num ponto, aquela substância clara escorrera-lhe bochecha abaixo, deixando um sulco brilhante na sua cara ossuda, de rato. Jósteinn ainda não olhara diretamente para ela.

– Sente-se confortável? – perguntou. Embora fosse uma pergunta de cortesia, o seu tom era vagamente trocista. – Quase nunca tenho visitas, por isso quero que se sinta o melhor possível. Queriam que conversássemos numa sala de reuniões, mas pensei que seria demasiado formal, por isso perguntei se nos podíamos encontrar aqui. – Estreitou os seus olhos cinzentos, olhando para a mesa de café que estava entre ambos, e cerrou os lábios. – Quase nunca tenho visitas – repetiu, e depois sorriu pouco convicto. – De facto, nunca as tive.

– Seria mais fácil se começasse por dizer o que pretende. – Thóra, em geral, era muito mais educada com os seus constituintes, mas Jósteinn tinha-a feito sentir tão pouco à vontade que dificilmente conseguiria evitar ser rude para com ele. – Estudei o seu caso o melhor que pude, mas não sei o que o senhor espera de mim. Naturalmente, preferia que me dissesse o que quer ao certo.

– *Naturalmente?* – Jósteinn, desta vez, olhou para ela. – O que é natural? Nunca fui capaz de saber o que isso era. – Riu-se à socapa, de um modo desagradável. – Se fosse capaz, não estaríamos sentados aqui.

– Não, provavelmente que não estaríamos. – Thóra abriu a sua pasta. – O senhor está aqui em Sogn há cerca de oito anos ou perto disso. Não é verdade?

– Sim. Não. Não tenho bem a certeza. Eu e os números não nos damos bem. Os números são armadilhas para mim, armadilhas em que caio e de onde não consigo sair.

Thóra não fazia ideia do que ele queria dizer, mas tinha todas as provas de que precisava: Jósteinn continuava doente. Se ainda era perigoso, isso era outra história. Thóra tinha quase a certeza de que ainda o era.

– Creia-me, são quase oito anos. – Olhou-o enquanto ele acenava com a cabeça de modo apático. – Tem saudades da sua liberdade?

– Acabei por me considerar tão livre aqui como noutro sítio qualquer. – Jósteinn fez uma pausa, talvez na expectativa de que Thóra o contradissesse, e continuou a falar ao ver que ela não dizia nada. – A liberdade é multifacetada, não tem a ver apenas com portas fechadas e grades nas janelas. A espécie de liberdade a que eu aspiro não existe, na minha opinião; portanto, nunca seria completamente livre fosse lá onde fosse. Aqui não é pior do que noutro sítio qualquer.

Thóra não conseguia que a conversa assentasse em bases mais sólidas.

– Tem alguma coisa com que se entreter? Há aqui atividades recreativas, artes e ofícios, algo desse estilo? – Não conseguia vê-lo com tesouras e cola, a menos que estivesse a colar os lábios de uma pessoa, para a fazer parar de gritar enquanto a apunhalava com a tesoura.

Jósteinn riu-se secamente, como um mau ator num casting para uma comédia. O riso parou tão abruptamente como começara, e ele endireitou-se na cadeira.

– Temos aqui algumas atividades, sim. Há um tipo que borda almofadas e, como vê, há muito que faz isso. Eu trabalho a arranjar computadores que o Governo nos dá de graça. Era o que fazia antes de vir para cá. – Apontou para lá da janela. – E Jakob trabalha na estufa, faz crescer ervas e alfaces.

Thóra virou-se e observou os dois homens que saíam da pequena estufa, com os baldes parecendo mais pesados do que antes. Agora era evidente que o mais gordo tinha a síndrome de Down.

– É muito prático. – Thóra sentiu um intenso desejo de perguntar o que Jakob fizera; tanto quanto sabia, as pessoas com a síndrome de Down eram geralmente pacíficas e bem-dispostas. Claro que isto era válido para a maioria dos casos, e só as exceções à regra vinham ali parar.

– Ele é meu amigo. Um bom amigo. – Pela primeira vez, Jósteinn parecia estar a falar com sinceridade, mas isso não durou muito tempo. Afastou-se da janela. – É possível reavaliar casos antigos? E suspender uma condenação e obter uma sentença de absolvição, se a pessoa for inocente?

Thóra tinha-se preparado para essa pergunta e, de facto, estava à espera dela.

– Sim, se houver provas suficientemente válidas que indiquem que a pessoa foi injustamente condenada.

– Recentemente, tornei-me um homem rico. Sabia disso?

Thóra abanou a cabeça. Estaria ele a fantasiar?

– Não, não investiguei as suas finanças. Tem obtido lucros com o seu trabalho nos computadores? – Talvez a noção que ele tinha de «rico» fosse diferente da sua.

– Herdei dinheiro da minha mãe. Agora, tudo aquilo que sou *e* tudo aquilo que tenho provém dela. – A sua fisionomia suavizou-se num sorriso sonolento, e Thóra lembrou-se de ter lido algo sobre a sua infância problemática e a natureza genética da sua doença. Provavelmente, fora criado por uma mãe incapaz, uma versão feminina dele mesmo.

– Foi atropelada por um carro, compreende, e como ficou paralisada teve indemnizações. Morreu pouco tempo depois, e agora o dinheiro e tudo o que ela possuía pertencem-me. Vou livrar-me de todos os seus bens pessoais, mas vou ficar com o dinheiro.

– Tem um administrador? – perguntou Thóra. Estava quase certa de que não seria permitido a Jósteinn controlar as próprias finanças.

– Não, mas tenho um supervisor. Nunca me veio ver; nem sequer me telefonou. – Jósteinn falara num tom neutro, como se não estivesse consciente do que isso significava. – Quero usar o dinheiro para reabrir um processo antigo. Não tenho muito mais em que gastá-lo. Felizmente, já passou muito tempo desde que fui condenado por causa daquela história com o rapaz para que ele me peça uma indemnização. Ou melhor: para que os seus familiares me peçam uma indemnização; ouvi dizer que ele ficou pirado da bola. – Jósteinn sorriu, como se achasse que aquilo era uma coisa divertida.

De repente, bateram à janela. Thóra não conseguiu esconder o susto e Jósteinn pareceu ter ficado encantado com isso.

– É só o Jakob. Quer saber quem veio visitar-me. Como lhe disse, nunca tive uma única visita. – Sorriu mais uma vez. – O que é compreensível, evidentemente.

Thóra olhou o rosto radiante, com óculos de lentes grossas, que se comprimia contra a janela. Jakob passou as mãos enlameadas pelo vidro da janela, deixando um rasto acastanhado, antes de acenar entusiasticamente para Thóra. Ela também lhe acenou.

– Porque é que ele está aqui? – A pergunta escapara-lhe antes que ela a pudesse conter.

Jósteinn não pareceu ficar espantado.

– Matou cinco pessoas por ter ateado um incêndio, assim, sem mais nem menos. Foi espantoso.

– Sim, um caso extraordinário. – Thóra lembrava-se do sucedido, dado que gente a morrer carbonizada era algo que não acontecia todos os dias na Islândia. O caso fora abafado pela crise financeira que acontecera na mesma altura. – Foi há cerca de dezoito meses?

– Acho que sim. – Jósteinn acenou com a mão como que a desvalorizar a data do incêndio. – Ele só tem uns vinte anos e, provavelmente, vai ter de passar o resto dos seus dias aqui. As pessoas como ele, em geral, têm um coração fraco, por isso é capaz de morrer antes de poder sair.

Parecia que estavam outra vez a desviar-se do assunto. Thóra disse:

– Acho que lhe devo dizer que não há muito a ganhar em reabrir o seu processo. O senhor foi apanhado em flagrante, por assim dizer, e não estou a ver como é que vai conseguir dar uma nova explicação para aquilo que aconteceu sem ter provas muito convincentes. A sentença parece à prova de bala, e eu não tenho nada a apontar à forma como o processo foi conduzido.

Jósteinn riu outra vez; agora ainda mais alto. Um cheiro desagradável a mau hálito chegou ao nariz de Thóra e ela contraiu o rosto involuntariamente, tal como fazia quando uma mudança súbita do vento lhe trazia às narinas o cheiro

pestilento da compostagem do seu vizinho. A hilaridade foi de curta duração, e Jósteinn ficou de novo com uma expressão vazia no rosto.

– Não é o *meu* caso! É o do Jakob. O incêndio. – Passou a mão pelo cabelo oleoso e depois limpou-a ao braço do sofá. – O culpado não foi ele. Eu sei mais do que se possa imaginar sobre o que é preciso para se fazer coisas más. Jakob não pegou fogo a nada nem a ninguém, e quero que a senhora prove isso. – De súbito, inclinou-se para a frente e agarrou com ambas as mãos a mão de Thóra, que estava pousada sobre a mesa de café. Os seus olhos encontraram os dela durante um breve momento, e depois moveram-se para as suas mãos juntas. Thóra sentia o gel peganhento, como se fosse um suor espesso, na palma da mão. – Por vezes, uma criança que já queimou os dedos continua a querer brincar com o fogo…

Capítulo 2

Quarta-feira, 6 de janeiro de 2010

CHAMAVA-SE GRÍMHEIDUR PORBJARNARDÓTTIR e se tinha alguma alcunha, optou por não a revelar a Thóra. Parecia estar à defesa e, depois de ter veementemente declinado tirar o casaco um pouco coçado, sentou-se, assim bem agasalhada, apesar do calor que estava no escritório. No entanto, não demorara a tirar o seu xaile tricotado à mão, o chapéu a condizer e as luvas de couro forradas, e pousara tudo no colo. O chapéu e o xaile tinham uma cor semelhante à do casaco, mas não o suficiente para combinarem bem. Grímheidur provavelmente não usava o casaco quando comprou a lã, e o resultado foi um pouco dissonante. Os seus dedos avermelhados e inchados brincavam com as franjas do xaile, enquanto os seus olhos procuravam um lugar para o pendurar.

– Tem a certeza de que não quer que lhe pendure o casaco? – Thóra estendeu a mão na esperança de que ela aceitasse a oferta. Era um daqueles dias de inverno em que o vento frio do Norte luta com o sol para ver quem é que leva a melhor, mas nem um nem outro parecia estar a ganhar. Enquanto a batalha se desenrolava, Thóra não podia abrir as janelas; os ventos embatiam na fachada do edifício, e a menor fenda na armadura significaria que o pequeno escritório

ficaria logo um congelador. Manter as janelas fechadas só melhorava um pouco as coisas, porque o sol impiedoso transformava o espaço numa fornalha. Ao longo dos anos, Thóra e Bragi, o seu sócio, de algum modo tinham evitado comprar cortinas, o que tornava quase impossível permanecer no escritório num dia frio e soalheiro como aquele.

–Não. – A resposta de Grímheidur foi brusca, quase mal-educada. Pareceu aperceber-se disso, porque as suas bochechas, já avermelhadas devido ao calor, ruborizaram-se ainda mais. – Quer dizer, não, obrigada. Estou bem.

Thóra anuiu, baixou a mão que tinha estendido e decidiu ir direta ao assunto.

– Tal como lhe disse ao telefone, pediram-me para tratar do processo do seu filho, com base no facto de que ele foi injustamente condenado à prisão. – Fez uma pausa para permitir uma resposta a Grímheidur, mas esta nem falou nem reagiu. – Dado que a senhora é a responsável legal pelo seu filho, não quero aceitar este caso sem o seu consentimento. Claro que eu o podia aceitar sem consultar ninguém, mas não estou disposta a fazê-lo sem a sua total cooperação, bem como a do seu filho. Também falarei com o advogado nomeado pelo Supremo Tribunal para supervisor do Jakob; como sabe, ele é o responsável por assegurar que Jakob não permanecerá na instituição mais tempo do que o necessário. Obviamente, qualquer ação no sentido de se reabrir o processo dir-lhe-á respeito. – Grímheidur olhava impassível para a mesa, e Thóra não tinha a certeza se ela lhe estava a prestar atenção. – Dado que o desenvolvimento do seu filho é… – Antes daquela reunião, Thóra tentara encontrar as palavras certas para descrever Jakob sem ofender ninguém. Agora que tinha chegado o momento, não conseguia lembrar-se do que decidira, por isso tinha de improvisar e esperar o melhor. – Dado que o Jakob tem a síndrome de Down, a sua opinião tem mais peso do que normalmente aconteceria, embora eu tencione falar mais pormenorizadamente com ele, caso a senhora queira que avancemos com a reabertura do processo. Gostaria de repetir que não terão de pagar nada, nem a senhora nem o seu filho, por isso o seu consentimento não irá prejudicar a situação financeira do Jakob, de quem a senhora é a representante legal. – Jakob, ao invés de Jósteinn, fora privado da gestão das suas finanças, e o tribunal tinha

nomeado a mãe como sua representante legal. – Tal como lhe disse ao telefone, o seu filho tornou-se amigo desse Jósteinn que insiste em pagar os custos da investigação. Devo dizer-lhe que não percebo ao certo porque está ele a fazer isto e é-me difícil não ter a impressão de que ele tem outro motivo, além do da pura filantropia, mas não me compete a mim julgar.

– Eu conheci-o. – Os lábios finos de Grímheidur comprimiram-se de tal modo que quase desapareceram. – Não gosto dele. Mas o Jakob considera-o um grande amigo, e ele sabe muito bem avaliar o carácter das pessoas, apesar da sua dificuldade de aprendizagem. – Grímheidur voltou a ficar silenciosa e recomeçou a alisar as franjas do xaile. Thóra não sabia o que mais havia de acrescentar sem correr o risco de revelar a sua ignorância em tudo o que dizia respeito a incapacidades mentais. Sabia pouco acerca de pessoas com dificuldades de aprendizagem ou, pelo menos, com problemas tão graves como os de Jakob, e isso fazia-a ficar ansiosa e pouco à vontade. Sem dúvida que era matéria sobre a qual havia muita informação, mas Thóra não dispusera de muito tempo e tinha decidido esperar até ter a certeza de que o processo iria avançar. E isso dependia da senhora que tinha agora à sua frente a liquefazer-se.

– Mas, pondo de parte a questão da pureza de intenções do Jósteinn, qual é a sua opinião sobre o assunto? Vê algum sentido nisto? Que efeito é que acha que poderá ter no seu filho, dado que não há garantias de que venha a haver alterações seja no que for? Eu não sou capaz de prever como é que o Jakob irá reagir se o seu processo for reaberto... nem sequer sei o quão dececionado ele ficará se tudo isto não servir de nada.

Grímheidur parou de brincar com as franjas do xaile e cerrou com força os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos. Depois relaxou e deixou descair os ombros.

– Quando descobri que estava grávida do Jakob, eu e o meu marido já há muito que tínhamos perdido a esperança de ter filhos. Já tínhamos mais de quarenta anos e claro que ficámos encantados. Quando me fizeram uma amniocentese, aconselhada devido à minha idade, também ficámos a saber o sexo do bebé. – Inspirou profundamente e sentou-se ainda mais direita. Bem, de

qualquer modo, fui aconselhada a fazer um aborto, não de modo explícito, mas com muita ênfase. Nem eu nem o meu marido éramos capazes de tomar essa decisão, apesar de toda a gente nos dizer que isso ia absorver completamente as nossas vidas; pelo contrário, era por isso que queríamos um bebé. Não me importava ter de parar de trabalhar, embora nos desse jeito receber dois salários, visto que nenhum de nós ganhava muito; mal chegávamos a ter um salário médio. De qualquer modo, fazer um aborto estava fora de questão. Era o nosso filho, não importava o número de cromossomas que tivesse.

Thóra não pôde deixar de ficar impressionada. Tinha a certeza de que, confrontada com o mesmo problema, a sua opção seria diferente, mas isso era irrelevante, dado que já tinha dois filhos. Talvez a decisão não tivesse ajudado o casamento de Grímheidur; era a única pessoa registada no número de telefone para o qual Thóra ligara.

– Ainda está casada com o pai do Jakob?

– Faleceu quando o Jakob tinha dez anos. Mais outra vítima da burocracia do Estado-providência. Era canalizador, e foi enviado para leste, para Hveragerdi, encarregado de fazer um pequeno trabalho para um empreiteiro. Era o princípio do mês de maio e tinham posto pneus de verão em todos os veículos da companhia, mas esses regulamentos não controlam o tempo e o meu marido acabou por encontrar uma estrada cheia de gelo e lama. O seu carro derrapou em Kambarnir e ele teve morte instantânea. – Grímheidur desviou o olhar, que se perdeu do outro lado da janela. – Não tinha gostado do estado do tempo, por isso telefonou para a polícia a ver se podia mudar para pneus de inverno. Disseram-lhe que não. – Fez uma pausa. – Quando o Jakob fez vinte anos, o sistema entrou em ação para o pôr numa instituição para pessoas com deficiência. O assistente social que tomou conta do caso achou que seria melhor ele separar-se de mim, dado que, na sua infinita sabedoria, considerava que eu o protegia demasiado e que estava a inibir o seu desenvolvimento. Não tenho a certeza como tudo foi decidido, pois na altura havia uma longa lista de espera para essa instituição. Por alguma razão, os outros da lista foram preteridos e o Jakob foi para lá. Se quer a minha opinião, o suposto apoio que me davam funcionava precisamente ao

contrário: uma pessoa nunca obtinha o que queria, e a pessoa nunca queria o que obtinha.

– Opôs-se a que ele fosse viver numa instituição para pessoas com deficiência? – Era uma pergunta ridícula, tendo em conta o que a senhora acabara de dizer, mas Thóra gostava de esclarecer tudo, para que não houvesse equívocos.

Grímheidur não pareceu importar-se.

– Claro, com certeza que me opus. E ele também, mas isso tornou-se um desafio para o sistema, e no fim este ganhou e eu deixei-me convencer. Mas as minhas dúvidas não se deviam a receios em relação ao futuro do meu filho; se tivesse uma bola de cristal, certamente teria lutado com mais força. Apenas queria ficar com ele; pensava que o trataria melhor do que gente completamente estranha, num lugar distante, no meio da cidade. E os subsídios que ele recebia também faziam alguma diferença. É muito difícil governar uma casa sozinha. Depois de ele ter saído, a comunidade recebia grande parte do seu subsídio mensal, e o pouco que sobrava não chegava para eu lhe comprar roupa e sapatos.

– Há quanto tempo é que Jakob lá vivia, quando essa instituição ardeu? – Thóra teve o cuidado de não dizer *quando ele ateou um incêndio na instituição.*

– Já há quase seis meses. Não foi muito tempo.

– E ele estava contente aí, ou não teve a oportunidade de se adaptar devidamente?

– Sentia-se muito triste, na verdade, deprimido. Talvez não tanto como a seguir ao incêndio, ou como quando foi transferido para a Unidade Psiquiátrica de Sogn, mas sentia-se pessimamente. O Jakob precisa de estabilidade, não de agitação.

– Então, acha que talvez seja desaconselhável eu avançar com este processo? Inevitavelmente que irá causar-lhe alguma agitação.

Grímheidur lançou a Thóra um olhar de firme determinação. O rosto dela apresentava as marcas de uma vida difícil; rugas profundas saíam-lhe dos cantos dos olhos para as têmporas, como os raios de sol que a filha de Thóra rabiscava no céu em todos os desenhos. Rugas ainda mais profundas percorriam-lhe a

testa, mas, embora o seu rosto estivesse sulcado com sinais de angústia, tinha os olhos de uma adolescente, com o branco do olho claro e o contorno da íris nítido.

– Alguém me telefonou de Sogn e me aconselhou a dizer-lhe que não seguisse em frente, para bem do Jakob. Eu ainda tinha as minhas dúvidas, mas depois desse telefonema tomei uma decisão, e nada a vai alterar.

– Portanto, a senhora não quer que eu prossiga com o caso. – Thóra ficou ao mesmo tempo aliviada e desapontada. Tinha pensado em avançar com o caso, mas também se sentia impelida a recusá-lo. Às vezes, era bom deixar os outros tomar decisões em nosso lugar, mas estava um pouco irritada por alguém ter tentado influenciar a mãe de Jakob, mesmo que o tivesse feito com as melhores intenções.

– Não, de todo, não. Quero que prossiga e que não poupe ninguém nas suas investigações. Nem a mim nem ao Jakob. Já estou farta de seguir os conselhos de pessoas que acham que sabem mais do que eu. Esta é a minha decisão.

Thóra esboçou um pálido sorriso.

– No entanto, acho que deve pensar um pouco mais no assunto. Essa não é uma base muito sólida para uma decisão tão importante. Há outros fatores que tem de considerar: as poucas vantagens que se obtiverem serão difíceis de conquistar, e as desvantagens podem ser consideráveis. Deve pensar em todos os cenários possíveis.

– Já pensei nisso e a minha decisão mantém-se: quero que a senhora avance com o processo. Eu seria uma tonta se recusasse em nome do Jakob, e não teria possibilidade de custear as despesas se fosse eu a reabrir este processo. – Grímheidur olhou para Thóra, os seus grandes olhos azuis muito abertos, como os de uma criança. – O Jakob está inocente, o seu nome tem de ser limpo o quanto antes. Já não tenho muitos anos à minha frente, tenho a certeza, e quando eu partir não haverá ninguém para tomar conta dele. Por isso, é agora ou nunca. Eu daria tudo para que pudéssemos passar o tempo que nos resta juntos, mas não da maneira como as coisas agora estão. Não deste modo.

Segundo a experiência de Thóra, os membros da família geralmente

pensavam que os seus amados eram inocentes; costumavam reagir como se o acusado fosse um coelhinho fofo que devido a uma incrível má sorte fora parar às garras da lei. Voltou a pensar no jovem inocente que avistara em Sogn e decidiu que um «coelhinho», naquele caso, não era uma metáfora absurda.

– Antes de tomar a minha decisão final gostaria de ver as provas que me trouxe. – Observou a mãe de Jakob, que procurava uma pasta antiga de plástico já a estalar.

– Não deitei nada fora; era-me impossível. – Grímheidur pousou a pasta na mesa com um ruído maciço: era pesada. – Vai ler isto de uma maneira diferente da minha, mas eu tenho a esperança de que o que eu penso lhe seja óbvio. – Ia a levantar-se, mas esquecera-se do xaile, do chapéu e das luvas que tinha ao colo. Caíram-lhe ao chão, e a ela corou para os apanhar. Depois endireitou-se e disse: – O Jakob não incendiou o lar, por isso não matou ninguém. Merece voltar para casa.

– Assim o espero. – Foi tudo o que Thóra conseguiu dizer. O que aquele pobre rapaz merecia era o que ainda iam ver.

Os olhos de Thóra tinham ficado secos de tanto fixarem o ecrã do computador. Não tinha aberto a pasta, visto que levaria tempo a ver o que continha; também receava encontrar imagens de corpos carbonizados e precisava de se preparar mentalmente. Por isso, decidiu escrever uns quantos e-mails e depois ler algo sobre a síndrome de Down. Thóra não sabia muito sobre o assunto, mas talvez fosse do conhecimento geral que este distúrbio desse azo a comportamentos agressivos ou a episódios psicóticos que pudessem explicar a razão de Jakob se ter transformado num incendiário; isto se ele tivesse de facto algo a ver com o ataque. Apesar de uma pesquisa demorada e de ter lido bastante sobre o assunto, Thóra não chegou a nada de concreto. No entanto, ficou muito mais informada a respeito da síndrome. Ficou a saber que era causada por um cromossoma a mais e que várias patologias lhe estavam associadas, incluindo dificuldades de aprendizagem, deficiências cardíacas, um tónus muscular baixo e uma esperança de vida inferior à média. Dizia-se que a esperança média de vida

de uma pessoa com síndrome de Down era cerca de cinquenta anos, mas a maior parte dos artigos indicava que esta era uma melhoria extraordinária em comparação com a realidade de há meio século, quando não se passava dos vinte e cinco anos. Eram referidas várias outras características: os traços do rosto eram notoriamente diferentes dos da maioria dos ocidentais, e a língua por vezes era demasiado grande para caber na boca, e por isso sobressaía. As palmas da mão tinham uma só linha transversal, em vez de duas, como na maioria das pessoas. Outras características eram descritas, mas a maior parte parecia ter pouca relevância para o caso e muitas eram demasiado técnicas para Thóra as compreender por completo. Lembrou-se que talvez pudesse encontrar uma análise sobre Jakob na pasta, na qual se devia mencionar o seu QI, embora se pensasse que tais classificações eram altamente subjetivas: o QI dos indivíduos com síndrome de Down situava-se geralmente entre os 35 e os 70. Era um intervalo demasiado amplo, por isso as generalizações que estava a desenterrar pouco lhe diziam sobre Jakob.

Thóra também levou algum tempo a familiarizar-se com as leis e os regulamentos que se podiam aplicar a Jakob, concretamente enquanto pessoa com deficiência, e não tardou a dar-se conta da mudança que ocorrera na sociedade em relação a este grupo. A denominação das leis mais antigas que tinham sido retiradas antes de a legislação atual em relação aos deficientes ter entrado em vigor revelava uma atitude que deixara de existir: uma Lei de 1936 chamava-se «Lei dos Asilos de Idiotas» e outra de 1967, «Lei das Instituições para Imbecis». Num relatório que acompanhava o texto para a última lei promulgada, Thóra encontrou a definição da época para a incapacidade intelectual, que então era chamada «debilidade mental». Essa designação era aplicada a diversas categorias: a indivíduos que tinham um QI inferior a 50 e que eram rotulados de «cretinos», se os seus QI se situassem entre zero e 24, ou de «imbecis», se os seus QI estivessem entre 25 e 49; e «idiotas» se o QI se encontrasse entre 50 e 70 ou 75. As palavras eram como agulhas nos olhos de Thóra, e os parcos recursos disponíveis para aqueles pobres infelizes também lhe eram penosos; naquela altura não havia outra escolha além do internamento do

indivíduo. Não havia serviços de cuidados continuados nem de assistência, o que significava que os pais de crianças com deficiência grave ou difícil de controlar não tinham outra opção a não ser interná-las. Isto tinha mudado, graças a Deus, mas ainda havia um longo caminho a percorrer até se conseguir dar resposta às necessidades de cada um.

Thóra também encontrou um relatório sobre o número de pessoas com deficiência mental na Islândia: correspondia a cerca de meio por cento da população, o que não era pouco. Também procurou, especificamente, informações acerca dos centros para deficientes internados e descobriu que a implementação deste sistema tinha começado em 1980, pelo que houvera tempo para se reunir alguma experiência em relação à melhor forma de as gerir. De acordo com a informação que recolheu, estas unidades eram abrigos para pequenos grupos de pessoas com deficiência, geralmente não mais do que seis, com idades a partir dos dezasseis anos, e estando cada paciente sob a supervisão de pelo menos um membro do pessoal. A responsabilidade do pessoal consistia em providenciar apoio e terapia, no sentido de desenvolver a autonomia e as capacidades dos residentes. A administração e o estabelecimento desses centros eram suportados pelo Estado, embora o dinheiro proviesse de uma diversidade de orçamentos estatais: os custos da construção eram suportados pelo Fundo de Investimento para os Deficientes, os salários do pessoal vinham do tesouro público, e as despesas comuns eram pagas pelos seguros dos residentes, o que contemplava até setenta e cinco por cento do total. Ao fim e ao cabo, havia quase noventa estabelecimentos deste género, para cerca de quatrocentos e cinquenta residentes.

O telefone sobre a secretária emitiu um som estranho, que sobressaltou Thóra. O toque era alto e agudo – a sua secretária, Bella, devia ter mudado as definições do som, se calhar só para a aborrecer. Thóra conteve a sua cólera e levantou o auscultador.

– Sim?

– Os seus pais estão aqui para a ver: devo dizer-lhes que entrem ou que não está cá?

Thora sabia perfeitamente que os seus pais estavam diante de Bella. Aquela rapariga era uma causa perdida.

– Diga-lhes para entrar. – Não fazia sentido repreendê-la, quanto mais não fosse porque, uma vez que Thóra começava, não era capaz de pôr um ponto final.

Os pais apareceram à porta do gabinete, e depois de os cumprimentar convidou-os a sentarem-se. Pareciam pouco à vontade e, mesmo após alguma conversa fiada sobre o tempo, não pareciam ter ficado mais soltos. Por fim, o pai foi direto ao assunto, e tornou-se evidente qual a razão de estarem tão agitados.

Quando ele acabou de dizer de sua justiça, Thóra abafou um suspiro e agarrou nos papéis que lhe estendiam.

– Portanto, acham que não vão ser capazes de pagar o empréstimo? Mas isso não vos ocorreu, quando compraram a casa? – A propriedade que os pais tinham financiado com um grande empréstimo de moeda estrangeira era uma casa de verão, assaz grande, em Espanha; o preço de compra parecia-lhe elevado, mesmo sem a dupla taxa de câmbio do euro. – Os pagamentos mensais seriam incomportáveis, mesmo se não estivessem reformados.

– Disseram-nos que a poderíamos alugar, e assim a renda cobriria os pagamentos da hipoteca. Os antigos proprietários disseram que iam tratar disso em nosso lugar – disse o pai de Thóra, e a mãe anuiu vigorosamente.

Thóra rangeu os dentes.

– Claro que disseram isso. – Nesse momento, viu a cláusula do acordo que especificava os valores de cada pagamento. – De acordo com o que aqui está, a propriedade foi comprada inteiramente a crédito. Uma hipoteca de cem por cento é extremamente arriscada, e eu duvido de que a renda pudesse cobrir as prestações, mesmo sem a crise financeira global e sem o declínio na indústria de turismo espanhol. – Olhou para os pais. – Então, conseguiram alugá-la? E a renda, ao princípio, deu para pagar a hipoteca?

Ambos pareciam envergonhados, agitando-se nas cadeiras.

– Bem… – disse o pai.

– Até quanto é que cobria os pagamentos mensais? Tudo? Metade? Um

terço? – Thóra não estava à espera que fosse menos. – Como é que vocês acham que vos posso ajudar nisto? E porque não me disseram que tinham comprado uma casa em Espanha? Estão numa enrascada, é quase impossível negociar uma hipoteca.

– Não queríamos envolver-te nisto nessa altura. Mas estávamos à espera de que soubesses alguma maneira de transformar a hipoteca num empréstimo a reembolsar de uma só vez no final do prazo…? – Esboçou um meio sorriso, dando-se claramente conta de que aquela não era uma opção válida. A mãe de Thóra ainda parecia nutrir alguma esperança e anuía de modo ainda mais enérgico do que antes.

– Não se pode fazer isso. – Thóra não queria perder tempo fingindo que aquilo era exequível. – A vossa posição é ainda pior do que era no início, visto que não pagaram nada durante vários meses. Se calhar o vosso processo já está marcado como crédito malparado no banco, e se em breve não efetuarem um pagamento, podem acabar na bancarrota.

– Não há algo que se possa fazer? Algum truque legal?

– Nada, tanto quanto eu saiba. Os advogados que delinearam essas hipotecas não são nenhuns palermas e o banco emprestou-vos dinheiro de boa-fé. As pessoas que vos convenceram a comprar a casa também me parece que se protegeram bastante bem, dado que está aqui declarado de forma muito clara que não dão nenhuma garantia de que vocês sejam capazes de alugar a casa. – Thóra pousou delicadamente os papéis sobre a mesa e tentou manter a compostura. – É uma situação muito embaraçosa e tenho a certeza de que vocês tentaram encontrar uma solução. A casa está à venda, o que é bom, mas duvido de que consigam vendê-la rapidamente e é muito improvável que consigam recuperar o vosso dinheiro. Seja o que for que recuperem, *deveria* diminuir a vossa dívida, pelo menos, mas o mercado imobiliário neste momento está tão morto lá como na Islândia, portanto é pouco provável que a casa possa ser vendida em breve. – Thóra suspirou. Os pais não eram os primeiros que lhe apareciam no escritório à espera de uma solução mágica para dificuldades financeiras intransponíveis. – Como é que estavam a pensar safar-se disto?

– Bem, na verdade temos uma ideia – disse o pai, trocando um olhar com a mulher. – Só vamos conseguir alugar o raio daquele lugar em Espanha por uma semana, de tempos a tempos, mas aquilo que fizemos foi pôr a nossa casa aqui, na Islândia, à venda, e obtivemos uma boa oferta, que nos vai permitir pagar a hipoteca mensalmente até podermos voltar a pôr aquela casa no mercado. Também encontrámos um apartamento simpático que está ao nosso alcance e que não vai pôr em perigo os pagamentos em Espanha. O problema é que temos de entregar a casa imediatamente e só podemos ir para o apartamento daqui a dois meses. Se nos decidirmos por isto, claro. – A mãe de Thóra, tal como o marido, tinha parado de acenar com a cabeça e observava atentamente a reação de Thóra.

– E onde vão ficar enquanto o vosso apartamento não está pronto? – Thóra engoliu em seco, resistindo à tentação de fazer figas. Era filha única.

– Bem, estávamos a pensar que talvez pudéssemos ficar contigo. – Agora, ambos sorriam ansiosamente. – Não te daríamos nenhum incómodo, e podíamos ajudar nas lides domésticas.

Thóra esforçava-se por permanecer calma. Claro que queria ajudar os pais a sair do buraco financeiro que os próprios haviam cavado. Tinham sido bons para ela durante toda a vida e Thóra sentia-se mais do que grata por isso. A sua relutância provinha da sua situação doméstica, Tinha uma casa de tamanho razoável, mas já lá vivia bastante gente. Além de si, os seus dois filhos, Sóley, com dez anos, e Gylfi, com dezanove; a namorada de Gylfi, Sigga; e o filho deles, Orri, agora com dois anos e meio. Matthew, o companheiro de Thóra há vários anos, também se mudara pouco tempo antes. Acrescentar uma quarta geração ao agregado familiar iria devorar o pouco de tempo de que ainda dispunha para si.

– Estou a ver. – Foi tudo o que foi capaz de dizer.

– Não vai ser durante muito tempo, se calhar nem serão mesmo os dois meses – disse o seu pai alegremente. – Hei de encontrar trabalho, e então poderemos ir para um hotel ou fazer um arrendamento a curto prazo algures.

Nitidamente, ninguém lhe tinha falado dos números do desemprego. Não

queria desencorajá-lo, fazendo-lhe ver o quanto as coisas tinham mudado desde que se reformara, ou que naquele momento o mercado não tinha mesmo necessidade de um bancário, nem sequer de alguém cuja carreira terminara no cargo de gerente de uma agência bancária. Tanto quanto sabia, a única capacidade laboral que ele tinha era gerir o dinheiro das outras pessoas, o que tornava ainda mais difícil de fazê-lo compreender como fora enganado. De facto, tinham sido duplamente enganados: tinham sido levados a aplicar as suas poupanças em fundos de investimento que, segundo o fala-barato do vendedor, davam lucros muito razoáveis; e, depois, aconselhados a contrair empréstimos, dando os seus bens como garantia para comprar tudo aquilo de que tivessem vontade. A quantia inicial que os pais tinham aplicado nesse fundo dava para cobrir a totalidade do preço da casa de verão, quando tomaram a decisão de comprá-la, mas agora encontrava-se reduzida a um terço, e as coisas pareciam estar muito sombrias para eles. As poupanças de uma vida tinham praticamente desaparecido, e a dívida ao banco – o mesmo que dirigia a bolsa de valores – já era demasiado elevada para eles mesmo antes de a queda da coroa islandesa ter duplicado o montante do empréstimo.

Agora que estava ao corrente desta situação deprimente, Thóra percebia por que razão os seus pais estavam tão embaraçados. De início, pensara que tinham aparecido para escrever os testamentos e que estavam pouco à vontade, sem saberem como abordar esse assunto. Agora parecia-lhe uma ideia cómica, visto que, de momento, era evidente que tinham muito pouco para legar.

– Tenho a certeza de que vamos resolver isto de algum modo – murmurou, forçando-se a exibir um sorriso tranquilizador.

– Eu sei que vocês têm a casa cheia, mas talvez possamos ficar na garagem – disse o seu pai com vivacidade. – Acho que podia torná-la um sítio bastante confortável. Aposto que o Gylfi me daria uma ajuda, e talvez também o teu… amigo, o Alemão. – Os pais de Thóra não gostavam muito de Matthew, e ela pensava que isso se devia a duas coisas em particular: em primeiro lugar, eles não falavam alemão e tinham um inglês um pouco básico; em segundo lugar, Thóra estava quase certa de que estavam convencidos de que ele acabaria por

lhes levar a filha, os netos e o bisneto para a Alemanha. Talvez fosse isso que os levara a comprar uma casa de verão no estrangeiro. Ficaram ainda menos bem impressionados quando não ofereceram a Matthew a possibilidade de trabalhar no novo banco, construído sobre as ruínas do antigo; ele era um estrangeiro, demasiado caro para ficar. Matthew ainda não encontrara um emprego adequado, e as suas perspetivas não eram nada cor-de-rosa. Na verdade, estava quase no mesmo barco do que o pai de Thóra.

O pai voltou a sorrir, desta vez com mais convicção.

– Como disse, não será durante muito tempo. Acredito plenamente que a coroa islandesa se tornará mais forte e então talvez possamos ir a Espanha passar algum tempo na casa. Mas como as coisas agora estão, não temos meios para isso. – Por outras palavras, assim que encontrasse um emprego tencionava celebrar indo de férias. Thóra devolveu-lhe o sorriso, tentando que este lhe fosse caloroso, apesar dos seus sentimentos contraditórios.

– E se isso não acontecer e se ficarem connosco a tempo inteiro, não há problema. Claro que são bem-vindos. – Então, decidiu que, por agora, não os iria maçar a respeito do pagamento das prestações. Haveria bastante tempo para isso. – Tudo fica mais calmo de quinze em quinze dias, quando os miúdos vão passar o fim de semana com o pai deles, e nessa altura teremos mais espaço para nós. – Ao dizer isto, deu-se conta de como sentiria a falta dos poucos dias em cada mês que passava sozinha com Matthew. Não estava com vontade nenhuma de lhe contar as novidades. Bella irrompeu pelo gabinete, e Thóra perguntou-se, não pela primeira vez, se não seria mais sensato fechar a porta à chave quando tinha clientes ou visitas. Chegava sempre à mesma conclusão: a de que isso não seria impeditivo para Bella.

– Tirou-me o meu agrafador? – Bella pousou ambas as mãos sobre as suas ancas largas, olhando para Thóra.

– Não, Bella, não o tirei – respondeu Thóra, calmamente. – Porque havia de o fazer?

– Foi roubado, e a senhora é a principal suspeita.

– Bem, do ponto de vista legal, é impossível uma pessoa roubar-se a si

mesma. Eu sou a dona desta firma, o que significa que não posso *roubar* nada aqui. – Thóra fixou o seu olhar nos olhos semicerrados de Bella. – Por favor, da próxima vez bata à porta antes de entrar, e feche-a quando sair. Vamos. – Thóra esperava que a rapariga saísse antes de descobrir o agrafador sobre a sua secretária. Tinha-o usado nessa manhã, antes de Bella chegar, e esquecera-se de o devolver, embora não tencionasse admitir isto.

Bella deu meia-volta sem mais uma palavra, mas deixou a porta aberta, num gesto de quem tem a última palavra. Os pais de Thóra tinham observado tudo boquiabertos, e depois de a secretária já se ter afastado, a sua mãe sussurrou:

– Não podes despedir esta rapariga? É terrivelmente malcriada.

Thóra abanou a cabeça.

– É complicado. – A firma não podia livrar-se de Bella, porque ela era a filha do senhorio e o seu emprego fora parte dos termos do aluguer.

– Isso é mesmo pouca sorte – disse a mãe, com um ar de censura, pegando na sua malinha de mão e segurando-a com firmeza, não fosse aquela Bella fazer um ataque-surpresa e tirar-lha por detrás da cadeira.

– Bem, Thóra, não podemos demorar mais. – O pai levantou-se. – Deves ter muito que fazer e temos de ir ter com o agente imobiliário para tratar do resto da documentação relativa à oferta.

Thóra engoliu em seco.

– Com certeza. – Acompanhou-os até à saída, disse-lhes adeus e, assim que saíram, regressou a correr ao seu escritório para telefonar a Matthew e contar-lhe os últimos acrescentos ao agregado familiar. Como ele ficaria contente! Enquanto marcava o número, o seu telemóvel emitiu o som indicando a receção de mensagem. Cheia de curiosidade, desligou o telefone fixo e agarrou no seu telemóvel. A mensagem vinha do serviço da internet *ja-is.*, por isso podia ser qualquer pessoa. Abriu-a, pensando que o conteúdo ou a assinatura identificariam o remetente, mas aquela mensagem de uma só palavra não fazia sentido algum; talvez se tivessem enganado...

Grávida

Thóra teve um súbito ataque de pânico. A namorada de Gylfi estaria grávida

outra vez? Telefonou de imediato para o filho, que felizmente não fazia a menor ideia do que se tratava e que lhe assegurou que Sigga não estava grávida nem fazia tenções de ficar. Thóra sentiu-se aliviada, mas havia algo naquela mensagem misteriosa que a deixava perturbada.

Capítulo 3

Quarta-feira, 6 de janeiro de 2010

NÃO ERA DE ESPANTAR que a pasta que a mãe de Jakob lhe deixara estivesse a desfazer-se em pedaços. Bastava só mais um post-it para dar cabo dela, tão cheia estava. Thóra provavelmente teria de transferir tudo para uma nova pasta quando devolvesse os documentos a Grímheidur: seria mais fácil do que tentar metê-los a todos nesta. No entanto, agora estava vazia, todos os papéis que antes a tinham dilatado ao ponto de quase ficar a rebentar estavam espalhados pela secretária. Thóra inclinou-se para trás na sua cadeira de escritório topo de gama, que comprara quando o destino da companhia parecia finalmente promissor, cerca de um mês antes de a economia implodir. Ali havia imensa informação e, obviamente, não se podia dar ao luxo de verificar todos os documentos antes de decidir se aceitava ou não o caso de Jakob. Teria de escolher os documentos com maior probabilidade de conterem informação útil. Assim, começou a fazer duas pilhas sobre a mesa, escolhendo as folhas que lhe pareciam mais relevantes. É verdade que os seus critérios se regulavam mais pela sua vontade de manter a pilha dos «sim» com metade do tamanho da dos «talvez». Quando já tinha selecionado quase a maior parte das folhas, parecia-lhe que o seu plano

funcionara.

Embora apenas tivesse visto os documentos de relance, Thóra ficara cheia de receio. Não precisava de um extenso relatório para perceber que os acontecimentos daquela noite tinham sido terríveis. Cinco pessoas haviam morrido tragicamente, quatro residentes e um vigilante. O centro admitia pessoas deficientes desde os dezoito até aos vinte e cinco anos, e os residentes eram destacados para outro estabelecimento ao atingirem a idade-limite. Era um edifício novo, o que significava que todos os residentes que tinham perecido eram jovens e que tudo era ainda mais triste. E, para agravar ainda mais as coisas, o vigilante que tivera a pouca sorte de estar de turno nessa noite tinha apenas vinte e três anos de idade. O fogo pode ser impiedoso e, naquela residência, aparentava ter lavrado descontroladamente e feito que tudo e todos que encontrara pelo caminho ficassem irreconhecíveis. Thóra não podia acreditar que um edifício daqueles não tivesse um sistema de alarme de incêndio em condições, o que poderia ter salvado algumas das vítimas, senão todas. Também achou estranho que nem os residentes nem o vigilante tivessem sido capazes de fugir e de fazer soar o alarme. Talvez o fogo se houvesse propagado demasiado depressa, mas isso parecia improvável.

Thóra reuniu as restantes folhas e pousou-as por cima da maior pilha, a dos «talvez», e focou a sua atenção na pilha mais pequena. Assim que começou a ler o primeiro documento, lamentou não ter ordenado as folhas quer por data quer por importância. Pôs de parte aquele documento – um relatório sobre aspetos técnicos do fogo – e procurou entre os restantes até encontrar o veredito do processo de Jakob. Em breve, obteve resposta para a maior parte das suas questões iniciais e pôde ver uma sequência nítida dos acontecimentos.

Pouco depois das três da manhã, a gasolina fora espalhada ao longo dos corredores e alguém ateara fogo aos alojamentos. As portas corta-fogo tinham sido mantidas abertas, por meio de cadeiras e outros objetos, mas apenas as que levavam até aos apartamentos ocupados: nos quartos onde não estava ninguém não houvera qualquer intervenção. Seria difícil argumentar que se tratara de um acidente: era um claro exemplo de crime premeditado. O relatório declarava que

o vigilante, Fridleifur, fora atacado; alguém lhe batera na base do crânio. Embora a autópsia e as outras provas não fossem conclusivas, ele provavelmente apercebera-se de que alguém derramara gasolina pelo edifício. O seu corpo foi encontrado derretido numa cadeira na sala de vigilância, e não havia nada que sugerisse que se tivesse movido ou tentado fugir. A causa da morte indicada era asfixia devido à inalação de fumo. Então, Fridleifur fora incapaz de assegurar a segurança dos seus pupilos; o sistema elétrico do edifício também falhara, visto que o lar era tão recente que o alarme de incêndio e os aspersores ainda não estavam ligados. Isto suscitara preocupação, mas como a obra estava tão atrasada, a excitação de poder transferir todos os residentes sobrepôs-se ao senso comum e estes foram instalados antes de todas as pontas soltas estarem atadas. As preocupações foram rapidamente esquecidas, e os sensores – que teriam salvado vidas – enviaram as suas mensagens para o espaço, em vez de ativarem o sistema automático de extinção de incêndios.

Graças a outra ironia do destino, um segundo vigilante que deveria estar de serviço no turno da noite alegara estar doente pouco tempo antes e não fora possível encontrar alguém que o substituísse. Na sua declaração, disse que Fridleifur lhe telefonara para casa uma hora antes da altura em que se pensava que o incêndio tivera início. Até aqui não havia nada de especial: o outro homem só telefonara a perguntar por uma chave que não conseguia encontrar. Os documentos também referiam outra chamada telefónica, mas para o centro, e não dele. A chamada, breve, ocorrera momentos antes de Fridleifur ter telefonado ao colega doente. A pessoa que tinha ligado, um jovem cujo nome não vinha referido nos documentos, dizia que estava embriagado e que se lembrava apenas de ter feito essa chamada: devia ter marcado o número errado, dado que não conhecia ninguém na residência. A sua explicação não foi posta em causa, dado que outros membros do pessoal testemunharam que era frequente pessoas embriagadas telefonarem para o centro em noites de fim de semana. Sempre pensaram que o número de telefone da residência seria muito semelhante ao de um clube ou de um bar, embora não o tivessem verificado, visto que não parecia ter importância.

O lar estava localizado numa zona habitacional mesmo ao pé do lago Reynisvatn, por onde serpenteavam estradas pavimentadas e asfaltadas em redor de lotes de terrenos desocupados. O edifício ficava um pouco afastado do mais próximo, por isso o incêndio demorou a ser detetado. Por fim, alguns vizinhos acordaram com o cheiro a fumo, telefonaram para os serviços de emergência e quatro carros de bombeiros acudiram ao sinistro. Os bombeiros perceberam imediatamente que não fazia sentido entrar no edifício a arder, por isso os seus esforços centraram-se no controlo das chamas.

Assim que conseguiram ter o fogo mais ou menos sob controlo, começaram as buscas no que restava do edifício e encontraram os corpos de quatro residentes, bem como o de Fridleifur. Contactaram a diretora do lar, Glódís Tumadóttir, acordada de um sono pacífico para entrar num pesadelo real. Glódís conseguiu apenas gaguejar, dizendo que devia haver seis pessoas no edifício, cinco residentes e o vigilante, e imediatamente se iniciou uma caça ao residente que faltava. Era impossível, na altura, identificar qualquer dos corpos, o que dificultou a busca. No entanto, a polícia conseguiu encontrar Jakob no espaço de uma hora: vagueava pelas ruas do bairro de Grafarholt, tresandava a gasolina e estava apavorado. Fugiu quando os dois polícias que o tinham descoberto saíram do seu carro, mas as restrições físicas resultantes do seu cromossoma a mais impediram-no de correr mais depressa do que eles. Foi a tentativa que levou o tribunal a pronunciar uma sentença contra ele, bem como as impressões digitais num bidão de gasolina de vinte litros, encontrado no local, e a incapacidade de explicar o que sucedera. Não havia nada nas decisões do tribunal que pudesse sugerir que a deficiência de Jakob não fora levada em consideração. O facto de não querer residir naquele centro foi pormenorizadamente apresentado como possível explicação para os seus atos. Concluiu-se que ele ateara fogo ao edifício, tendo deste modo causado a morte dos que lá estavam dentro. Contudo, a decisão também dizia que o tribunal aceitava a avaliação de um especialista que considerava Jakob criminalmente inimputável, devido às suas incapacidades funcionais. Portanto, ficou ilibado das acusações de natureza criminal. Os médicos que o tinham avaliado também aconselharam o tribunal a considerar

que ele constituiria um risco para outras pessoas e, portanto, devia-se tomar medidas que o impedissem de voltar a prevaricar, entre as quais o seu alojamento numa instituição adequada. Daí que Jakob agora estivesse confinado à Unidade Psiquiátrica de Segurança de Sogn.

Deviam estar seis pacientes na residência comunitária. Só quatro tinham perecido no incêndio: Jakob era o quinto. Thóra foi incapaz de encontrar no longo documento qualquer referência ao destino do residente que faltava. Devia haver uma explicação algures naquele maço, e tomou uma nota no sentido de procurá-la. Também anotou que precisava dos nomes de toda a gente que testemunhara e prestara declarações; nos documentos do tribunal, quase toda a gente estava identificada apenas por uma letra: «X testemunhou que…; B achava que…» e por aí afora. Se se deparasse com algo que pudesse indicar um erro judicial, ela teria de falar com algumas dessas pessoas. Embora já tivesse passado algum tempo desde o incêndio, havia a possibilidade, embora diminuta, de alguém se lembrar de algo – de algum pormenor que não parecera importante na altura, mas que agora poderia ajudar a comprovar a inocência de Jakob.

Thóra teve uma enorme dificuldade em encontrar sentido nos testemunhos de Jakob, tanto no tribunal como nos inumeráveis interrogatórios a que fora sujeito. Antes nunca lera um testemunho tão truncado e confuso. As palavras pareciam mais as de uma criança, o que, de certo modo, não fugia muito à verdade. A maturidade intelectual de Jakob estava em contradição com a sua idade. Thóra encontrou uma referência ao seu QI, que ficava um pouco abaixo de 50, embora para ela isso não indicasse mais nada a não ser que Jakob, em 1967, teria sido considerado um «imbecil». Era uma palavra feia, mas útil para relembrar a Thóra o que lera acerca do QI; a média era de 100, o que tecnicamente significava que Jakob tinha meio intelecto, seja lá o que for que isso quisesse dizer. A advogada tirou outra nota, desta vez para se lembrar do que significava uma pontuação de 48. Teria Jakob uma idade mental de cinco anos? Ou de dois, ou de doze anos? Seria mesmo possível estabelecer tal comparação? Se pudesse integrar Jakob num contexto familiar, talvez isso a ajudasse a compreender o comportamento dele.

Jakob apresentara diversos relatos incongruentes do que fizera nessa noite. As explicações que dava para não ter sido encontrado no local do incêndio pareciam mudar a cada interrogatório: saíra para ir visitar a mãe; tinha fome e queria comprar gelado; não se lembrava de nada; tinha ficado assustado, mas não estava a fugir do local. Não sabia explicar por que razão as suas impressões digitais se encontravam no bidão de gasolina, mas, como havia dúvidas se ele tinha entendido a pergunta, trouxeram-lhe o bidão e mostraram-lho. Jakob teve uma reação imediata e violenta; fechou os olhos com força e recusou-se a abri-los enquanto não lhe tiraram o bidão da frente. Isso apenas serviu para dar mais peso à acusação, visto que parecia que o bidão lhe recordava o que fizera. Mas Thóra não estava convencida desse argumento. Se Jakob não tivesse tido nada a ver com o fogo, o bidão podia assustá-lo por estar ligado ao incêndio. Talvez tivesse visto alguém a ateá-lo, o que também poderia explicar por que razão ele tresandava a gasolina: podia ter fugido do local depois de derramarem a gasolina pelo chão. Mas era uma mera hipótese, dado que em nenhuma altura Jakob dissera que tal acontecera. Não teria razão para ficar calado… a menos que tivesse medo do verdadeiro culpado. Thóra sorriu para si. Estava a especular demasiado: era muito mais provável que Jakob não fosse capaz de distinguir a realidade da fantasia, quando estava sob tensão.

Thóra pousou a sentença do tribunal na mesa e puxou para perto de si a pilha dos «sim». Ao percorrê-la, tirou outro documento ao acaso. Demorou o seu tempo a percorrer todo aquele maço de papelada, mas não sentia que estivesse mais perto de determinar a culpa ou a inocência de Jakob. Pousou o último documento na pilha e procurou as notas que tinha rabiscado. Irritada por os seus esforços terem sido em vão, suspirou profundamente, enquanto revia as suas anotações. Quem seria capaz de fazer tal coisa? Se Jakob estava inocente, alguém era culpado, e talvez fosse impossível descobrir essa pessoa. O ato tinha todas as marcas de uma psicose: que outro motivo poderia levar alguém a assassinar cinco pessoas que não lhe tinham feito mal algum? Era possível que o incendiário tivesse como objetivo o vigilante, mas certamente haveria uma maneira mais simples de matar só um homem...

Thóra releu os nomes dos quatro jovens residentes que tinham morrido. Junto de cada um anotara aquilo que descobrira em relação às suas deficiências. Tivera a esperança de conseguir determinar se um deles havia causado o incêndio, ao querer suicidar-se ou ao ter ficado acidentalmente preso no interior. Todos tinham sido encontrados nas suas camas ou perto delas, por isso tal parecia improvável, embora não inconcebível. No entanto, aquela não era uma explicação viável para as duas jovens raparigas da lista. Uma, Lísa Finnbjörnsdóttir, estava em estado semicomatoso: não andava, não falava ou fazia seja o que fosse e, por isso, não podia ser ela a atear um incêndio nem a compelir outra pessoa a fazê-lo. A outra, Sigrídur Herdís Logadóttir, era cega e surda, e ainda tinha uma deficiência mental profunda, pelo que também era improvável que fosse a culpada. O mesmo acontecia com um dos dois homens residentes, Natan Úlfheidarson. Tinha um grave problema de epilepsia e de noite estava altamente medicado, de modo que não poderia estar de pé e ativo. A menos que, evidentemente, nessa noite não tivesse tomado os remédios, mas isso parecia improvável: Thóra teria de verificar o relatório da autópsia. O outro jovem, Tryggvi Einvardsson, teria sido fisicamente capaz de cometer o crime, mas mentalmente não. Tinha autismo em grau muito elevado e nunca saía do seu quarto.

Thóra olhou para as suas notas. Era ridículo trabalhar a partir da ideia de que aquelas pessoas eram de algum modo responsáveis pelas próprias mortes, e se tinha a esperança de demonstrar que outra pessoa, que não Jakob, era a culpada, teria de procurar noutra parte. Na verdade, se não encontrasse mais nada nos documentos, talvez fosse melhor não aceitar o caso. Tudo parecia ter sido executado segundo as regras, como seria de esperar num processo de tal gravidade, embora o julgamento se tivesse realizado o mais depressa possível. Thóra puxou da outra pilha de folhas, aquela que esperara não ter de verificar. As fotografias do local do crime deixaram-na com pele de galinha. Embora fossem em baixa resolução, a preto e branco e de fraca qualidade, Thóra quase era capaz de sentir o cheiro a fumo e a cinza extraordinariamente intensos quando estas foram tiradas. A polícia havia legendado cada uma, o que, dada a

extensão dos estragos causados pelo fogo, era muito útil para identificar o que mostravam as fotografias. Agradeceu aos céus o facto de as fotografias terem sido tiradas depois de removidos os corpos; não tinha a certeza se teria coragem para ver essas imagens. Só de olhar para elas já se sentia um pouco nauseada e com a garganta seca. Tinha vontade de beber água, tanta que o seu corpo ficaria inundado e assim o fogo não lhe faria mal algum.

Reuniu todos os relatórios das autópsias. Primeiro, o de Natan, o epilético que estava sob medicação. As análises de sangue *post-mortem* indicavam que, de facto, tomara o seu remédio, e isso significava que morrera enquanto dormia, por asfixia devido à inalação de fumo. A posição em que fora encontrado indicava claramente que não tentara fugir nem defender-se do fogo. Thóra sentiu-se aliviada, mas a esperança de que os outros também estivessem a dormir foi sol de pouca dura. A mulher cega e surda, Sigrídur Herdís, fora encontrada junto da sua cama; provavelmente, tentara enfiar-se debaixo dela. A causa da morte não fora a inalação de fumo, mas queimaduras. Thóra teria preferido não ter lido isto, ficava horrorizada só de pensar numa rapariga que não podia ver nem ouvir e que morrera deste modo. Para agravar as coisas, Sigridur era a mais nova da casa, só tinha dezoito anos.

Thóra começou a ler o relatório de autópsia seguinte, com muita relutância, temendo o que iria encontrar. O relatório era sobre Lísa Finnbjörnsdóttir, a paciente em estado semicomatoso. A causa da sua morte só poderia ser inalação de fumo: Thóra não conseguia imaginar nada pior do que a pobre rapariga ali deitada, incapaz de se mover, enquanto o fogo a envolvia, independentemente do facto de estar ou não consciente.

Thóra não chegou a ler a causa da morte: quando estava a meio do relatório, deu-se conta de que algo não batia certo. Voltou à primeira página para ter a certeza de que estava a ler sobre a mesma pessoa, depois pousou os papéis na mesa e esfregou os olhos. Aquele dado mudava tudo, e deixava-a sem a menor dúvida de que o processo de Jakob devia ser aberto. A sentença não continha uma só palavra sobre o que ela acabara de se aperceber; mas parecia inconcebível que toda a gente se tivesse esquecido disso. Abriu outra vez os

olhos e começou a inspecionar os documentos da pilha maior, desta vez com mais atenção.

Uma comunidade protegida devia ser um porto seguro para os infelizes, uma fortaleza destinada a proteger os mais necessitados e mais vulneráveis membros da sociedade. Mas, nitidamente, não era assim que as coisas se passavam. O que teria, na verdade, acontecido ali?

Capítulo 4

Quarta-feira, 6 de janeiro de 2010

FELIZMENTE, SÓ FALTAVAM DEZ MINUTOS para acabar o programa. Margeir, ao fim do dia, costumava sentir-se bastante aborrecido, mas não se recordava de alguma vez ter estado tão ansioso por acabar uma transmissão. O apresentador do programa seguinte ainda não chegara, mas isso não tinha importância: Margeir acabaria a transmissão à hora prevista. Voltaria a passar um velho *show*, esperando que ninguém se queixasse. Duvidava que alguém o fizesse; quase metade das suas transmissões consistia em repetições, porque essa era a única maneira de uma pequena rádio privada se manter no ar. O número de ouvintes diminuía durante a noite, de qualquer modo, e era improvável que os poucos que ainda estivessem a ouvir protestassem. O programa de Margeir a custo lá se ia mantendo com a cabeça de fora da água; era baseado em telefonemas dos ouvintes, por isso, quando ninguém telefonava, não havia programa propriamente dito. Adiara por demasiado tempo uma conversa com o diretor da estação, no sentido de mudar a emissão para outro horário, mais cedo, de tal modo que agora estava farto do programa; isso refletia-se no seu desempenho, o que, por seu turno, gorava as suas hipóteses de ver realizados o seu desejo.

Margeir não era capaz de indicar o momento preciso em que o seu interesse pelo trabalho começara a decair, nem percebia o que causara esse declínio, mas sentia-se invadido por uma forte apatia – e isso era evidente.

Uma luz vermelha começou a piscar, indicando que havia um ouvinte em linha. Margeir baixou a música que estava a tocar para não terminar a debitar aquela tagarelice barata com que ocupava o tempo entre uma e outra chamada. O seu produtor estava de férias e não havia orçamento para uma substituição temporária, pelo que Margeir fora forçado a recordar-se de todos os pormenores técnicos que aprendera há anos: como lançar anúncios, inserir canções e responder às chamadas telefónicas. Os elementos mais complicados já tinham sido alinhados por outras pessoas antes de o programa ir para o ar e, ao telefone, haviam-lhe dito que tudo o que ele tinha a fazer era aparecer no estúdio, esperar que programa gravado anterior ao seu terminasse e depois começar à hora indicada. Quando se dirigia para o trabalho, perguntava-se o que faria se o programa pré-gravado já tivesse terminado antes da sua chegada. Decidiu que, em vez de tentar pedir ajuda, se limitaria a voltar a casa, deixando que o ruído do equipamento avariado – ou apenas silêncio – fosse transmitido pelo éter.

A luz piscou mais depressa e Margeir praguejou no seu íntimo, por não ter um identificador de chamadas e, desse modo, saber quem lhe ligava. Quando o produtor estava de serviço, era-lhe previamente dito se a pessoa que estava a ligar era um dos «amigos da estação», um daqueles que lhes ligavam a cada programa para falar pela enésima vez sobre os seus interesses – ou, antes, as suas obsessões – com um entusiasmo que raiava a mania. As queixas nunca eram originais, e nenhum deles estava interessado em ver as suas opiniões refutadas; consideravam a estação como o seu confessionário privado. Era precisamente esse tipo de gente que o levara a perder todo o prazer no seu trabalho; cada palavra reciclada estragava a felicidade e a expectativa que caracterizara o primeiro mês naquela estação de rádio. De início, não se pretendia que o foco do programa fosse a política; a ideia era abordar assuntos mais leves e, desse modo, abranger uma audiência mais jovem. Não resultara. As pessoas que telefonavam não se interessavam por filmes nem pela nova música, e ainda menos pelas vidas

de atores e estrelas pop. Os ouvintes de dia eram os mesmos que da noite, e só se interessavam por assuntos políticos. A luz ainda estava a piscar; pelos vistos, o ouvinte não desistira. Margeir nem precisava de um identificador de chamadas, percebia claramente que este era um dos obsessivos; qualquer pessoa normal teria desistido depois de estar tanto tempo à espera.

A canção parou de repente; agora, Margeir tinha um dilema: ou falava de qualquer coisa ao acaso ou lutava para conseguir dizer uma palavra no meio das elucubrações de sabe Deus quem. Margeir não conseguiu pensar em nada de inteligente para dizer, por isso atendeu a chamada.

– Boa tarde, está a falar com Margeir. O que se lhe oferece dizer?

– Tenho estado a ouvir o programa e queria dizer que acho que o meu amigo Gunnbjörn, que falou há pouco, está a ficar mais estúpido a cada dia que passa. O que é que ele tem contra a União Europeia? Tem medo, ou quê?

Como era um velho hábito seu, Margeir defendeu a pessoa que estava a ser visada, mas a torrente de disparates continuou e, sempre que o tentava interromper, o ouvinte levantava a voz. Em breve, estava praticamente aos gritos, o que teve o efeito pretendido, porque Margeir parou de interferir. Por fim, já farto, o locutor elevou o tom de voz a um ponto que ele nem sabia que era capaz e conseguiu silenciar o tagarela.

– Bem, está na altura de fazer um intervalo para a publicidade, por isso, infelizmente, temos de nos despedir agora. Obrigado, pela sua chamada. – Desligou, sem se importar com o que pensariam, e rapidamente passou um anúncio. Sabia que tinha começado a recorrer a este método demasiadas vezes como meio de fuga, e o diretor da estação já lhe dera um ralhete, dizendo-lhe que se os patrocinadores, ao princípio, ficavam encantados que os seus anúncios fossem ouvidos com mais frequência, não demoravam muito a perceber que o número de ouvintes diminuía devido a essa mesma razão. Infelizmente, as pessoas não ligavam o rádio para ouvir anúncios.

Só faltavam cinco minutos para acabar o programa, quando o último anúncio da gravação terminou. Em vez de ceder ao seu desejo de pôr mais uma canção, decidiu falar de um artigo de jornal sobre as ciclovias. Na verdade, não tinha

opinião formada sobre essa área da política de transportes, e ficou espantado por ver como era bom a falar de um dado assunto sem acreditar numa única palavra do que dizia. Isto tinha começado a afetar a sua vida privada; as mulheres com quem se encontrava não ficavam nada impressionadas quando ele automaticamente mudava de registo para a gíria de radialista, a cada vez que havia um silêncio embaraçoso. Ultimamente, os pais tinham começado a revirar os olhos quando ele se juntava à conversa nas reuniões de família.

A luz voltara a piscar. Desta vez, a chamada era uma verdadeira bênção: o programa estava quase a terminar, por isso não importava que fosse um banana qualquer – não demoraria muito tempo.

– Boa tarde, está à conversa com Margeir, o que tem a dizer? – Estremeceu quando o som agudo do outro lado lhe atravessou os tímpanos. – Por favor, podia baixar o som do seu rádio, caro ouvinte? – Não era um dos habituais, disso tinha a certeza. Há muito que tinham aprendido a baixar o som quando lhe telefonavam. O ruído parou e Margeir repetiu o seu cumprimento de boas-vindas, tão batido que seria capaz de dizê-lo de trás para a frente sem o mínimo problema. – Boa tarde, está à conversa com Margeir, o que tem a dizer?

– Boa tarde, *Margeir.* – Não reconheceu a voz, e a ênfase com que o seu nome fora dito parecia-lhe sarcástica.

– Com quem estou a falar? – Margeir tinha estado tão atarefado a resmungar consigo mesmo a respeito das pessoas que habitualmente lhe telefonavam que se esquecera como podiam ser difíceis os que ligavam pela primeira vez.

– Comigo.

Margeir olhou para o relógio com a esperança de que, por uma vez, o tempo tivesse acelerado no momento certo, mas ficou desapontado. Ainda faltavam quatro minutos.

– Bem, meu amigo. – O homem devia estar bêbedo; por vezes, os grandes bebedolas telefonavam à noite só para terem alguém com quem falar. Mais uma razão para querer um novo horário. – O nosso tempo está a acabar, por isso é melhor despachar-se, se quiser partilhar algo com os nossos ouvintes.

– Telefonei para falar consigo. Apenas consigo. – A voz não era nada

entaramelada; pelo contrário cada palavra soava a claro e parecia estar carregada de um significado oculto.

– Bem, que pena, meu amigo. Estamos no ar. Não quer partilhar nada com os ouvintes? – O diabo do relógio devia estar avariado. O tempo recusava-se a passar.

– Se quero que os ouvintes escutem o que tenho para dizer? – A voz fez uma pausa. – Não tenho a certeza de que o senhor queira.

Margeir não estava acostumado a deixar que os ouvintes o embaraçassem. Não podia negar que muitas vezes os achava cansativos, mas mantinha sempre o sangue-frio. No entanto, aquela chamada não era nada como aquelas a que estava acostumado: a voz era calma e equilibrada, mas um bocadinho desagradável, como se o homem estivesse prestes a desatar numa desagradável risada.

– Eh, penso que o nosso tempo está a acabar. O Karl estará aqui dentro de um minuto, por isso, se tiver sorte, pode voltar a telefonar e conversar com ele. – Margeir devia ter-se limitado a dizer «adeus» e a desligar, mas fez uma pausa que foi suficiente para que o homem, com aquele tom estranho e calmo, recomeçasse a falar.

– Tenha cuidado. – A voz parecia estranha, e Margeir, de repente, perguntou-se se não seria uma mulher, ou mesmo uma criança, a fingir que era um homem. – Em breve chegará o ajuste de contas, e não será bonito. Pensou que isto tinha acabado?

– Isto? O que quer dizer com «isto»? – De novo, Margeir sentiu que não estava a ser profissional: devia ter cortado a conversa, em vez de encorajar o ouvinte.

– O senhor devia saber. – Ouviu-se uma risada tranquila, que parou tão repentinamente como começara. – O que é que faz quando, nestes últimos tempos, fica bem bêbedo? As coisas não estão a correr lá muito bem, não é verdade, quer de um modo ou de outro? – A respiração do homem tornou-se pesada e irregular, e então disse: – Estou tão quente. Estou a arder.

Margeir já estava farto.

– Okay, obrigado, amigo. – Desligou a chamada. – E por agora é tudo da minha parte. Caros ouvintes, despeço-me e espero que nos possamos encontrar amanhã à noite à mesma hora. Boa noite. – Tirou os auscultadores e pôs a tocar o tema musical do programa, depois levantou-se, sentindo os joelhos fracos. Recordou a breve conversa, mas não foi capaz de perceber o que o deixara abalado, salvo que aquela voz lhe fora impossível de decifrar. Era invulgarmente calma e contrastava em absoluto com as vozes dos outros ouvintes que costumavam telefonar. Devia ser isso. Estava cansado e farto de tudo. Dirigiu-se para o outro lado da mesa, onde por norma se sentava o produtor, e levantou o pequeno auscultador que mostrava os números dos ouvintes. Verificou o mais recente, mas o pequeno ecrã apenas mostrava as letras *Nº. P.*, de Número Privado. Margeir olhou para o ecrã e mordeu o interior da sua bochecha. A carne ali estava rugosa, cicatrizada, devido a esse tique nervoso, ainda que há muito que não o tivesse, mas naquele momento os seus dentes sentiam as cicatrizes.

– Olá! Desculpa, estou atrasado. O raio do carro fez outra vez das suas. – O locutor do programa seguinte chegara sem Margeir se dar conta disso. Aquela saudação pronunciada em voz alta sobressaltou Margeir, que teve de respirar fundo antes de responder.

– Ia agora pôr uma gravação. – Margeir pousou o pequeno auscultador. – A minha música ainda está a tocar, portanto tens alguns segundos.

– Quem era esse maluco que estava a falar? Estava a ouvir no carro. Eh, pá, espero que não siga o teu conselho e me telefone.

Sem saber porquê, Margeir tinha a certeza de que isso não iria acontecer. A sua intuição dizia-lhe que o ouvinte pensava que tinha de acertar contas com ele, não com os outros locutores. Sentia-se pouco à vontade quando se dirigiu para o escuro parque de estacionamento. A ideia intolerável de que sabia exatamente o que o ouvinte queria invadiu-lhe o espírito, e assim que se viu dentro do carro trancou de imediato a porta.

– Ela está a dormir? – Svava pousou a caneta e tirou os óculos, contente por poder fazer um pequeno intervalo na leitura daquela miudinha letra impressa.

Escolhera aqueles óculos para ler ao acaso, numa estação de serviço e a graduação, ao fim e ao cabo, não era a adequada para ela. Não podia continuar a adiar uma consulta ao oftalmologista.

– Quem? – Aquela jovem era uma das enfermeiras em regime temporário que andavam de serviço em serviço, substituindo as que estavam de baixa por doença ou férias, por isso não era de admirar que não soubesse de quem estava Svava a falar.

– Quarto 7, a rapariga que acaba de dar entrada.

– Para ser franca, não fui lá vê-la. Estava a verificar o soro na Sala 3. Estava a acabar, por isso mudei o saco.

– Não há problema. – Svava levantou-se. – É melhor ir vê-la. – Pôs os óculos na testa, para o caso de precisar: não faziam grande diferença, mas era melhor do que nada. Sorriu à colega; na verdade, não importava se ela tinha observado a paciente, dado que Svava gostava de estar atenta aos que acabavam de chegar, para tentar aprender um pouco mais. Frequentemente, podia-se detetar quando um paciente se estava a ir abaixo, por meio de sinais que não eram necessariamente evidentes para quem não os conhecesse. Só sabendo o que era normal é que se podia identificar as anormalidades.

Svava saiu da sala do pessoal e encaminhou-se para o Quarto 7. O seu trajeto levou-a a passar por vários quartos e, em cada porta, podia ouvir uma respiração lenta e os sinais eletrónicos dos monitores e de mais equipamento. Tudo parecia normal, ou tão normal quanto era expectável, e à medida que se aproximava do Quarto 7 não ouviu nada que a fizesse apressar o passo. Pensando que a rapariga estava a dormir, entrou na ponta dos pés naquele quarto branco espartano, quase vazio, à exceção da grande cama. Não fora feita qualquer tentativa de disfarçar a cama de hospital para a tornar mais familiar: a estrutura cromada era perfeitamente visível.

Svava nunca pensara muito nisso até aquela jovem ter sido admitida, dado que não parecia fazer muito sentido. A maior parte dos pacientes não se demorava muito ali, e as suas doenças terminavam de um modo ou de outro: ou os pacientes tinham alta ou saíam de lá num caixão, o qual, pelo menos, era

coberto com uma colcha de cetim. Mas para esta rapariga, ainda jovem, as coisas eram diferentes. Passara muitos anos da sua curta vida em camas de hospital, e havia de continuar numa delas até morrer. Estava completamente paralisada, o que fazia que tivesse de ficar confinada a uma cama durante a maior parte do dia. A única mudança ocorria quando a sentavam – com grande esforço – numa cadeira de rodas que fora adaptada às suas necessidades, e assim lhe era permitido sair para respirar um pouco de ar fresco, acompanhada por uma assistente de enfermagem. Não era um serviço prestado pelo hospital; a jovem estava gravemente doente e não era considerado seguro movê-la. Svava desejava que se pudesse de algum modo tornar o quarto mais confortável, mas pensou que qualquer tentativa nesse sentido seria como pendurar iluminações de Natal numa arma de fogo. A rapariga não ficaria naquele quarto por muito tempo, por isso era inútil fazer qualquer tipo de esforço para o mudar: o papel de Svava, tal como o dos seus colegas, era tomar conta dos pacientes e curá-los, e não brincar aos decoradores de interiores.

Mal entrou no quarto, Svava notou algo de estranho. O cheiro estéril que, por norma, dominava tudo estava contaminado por um cheiro a odor corporal. Svava aproximou-se da cama da rapariga e viu que esta tinha a testa húmida. Tirou uma toalha de flanela da mesa de cabeceira e enxugou a testa da rapariga, antes de lhe pôr a mão na testa para ver se estaria febril. Não parecia ser o caso: a rapariga até estava fria ao toque. No entanto, havia qualquer coisa de errado, porque os olhos dela estavam completamente abertos e moviam-se para trás e para a frente, como se ela estivesse a ter uma espécie de ataque. Talvez sofresse de cãibras, embora o seu corpo jazesse imóvel, dado que os músculos já não estavam sob o controlo do cérebro. O seu ECG apresentava um pulso rápido, *demasiado* rápido, embora as pressões sistólica e diastólica parecessem normais. Talvez a rapariga sentisse um ligeiro mal-estar e estivesse em pânico. Svava tinha muita experiência no que se referia a cuidar de deficientes motores, mas era raro ver alguém tão gravemente afetado e incapaz de se exprimir a não ser por meio dos olhos.

– Tiveste um pesadelo? – Svava inclinou-se, aproximando o seu rosto ao da

rapariga e olhou atentamente para os seus olhos. Achou que lhe tinham dito que ela pestanejava uma vez para dizer *sim* e duas vezes para *não*, mas ela nunca tinha testado isto, pelo que podia ser ao contrário; Svava não se lembrava. A rapariga pestanejou duas vezes, e Svava decidiu optar pela sua primeira intuição. – Estás com sede? – De novo, a rapariga pestanejou por duas vezes. Svava esperava estar certa: seria horrível se a rapariga tivesse acordado de um pesadelo a morrer de sede e não lhe dessem nada para a aliviar. – Estás…estás acordada? – Uma pergunta ridícula, mas era a única que lhe ocorrera para testar as respostas. A rapariga pestanejou uma vez. Portanto, Svava *tinha* acertado: um só pestanejar significava *sim*, e dois, um *não*. Embora ela tivesse descoberto isto, ficaria ali a noite inteira se não fizesse as perguntas certas.

– Pode usar os cartões. – Svava levantou os olhos e viu a enfermeira substituta que estava à porta. – Já trabalhei em serviços que tomam conta de casos tão graves como o dela e aprendi um pouco a comunicar com este género de pacientes. Há equipamento computadorizado, que é muito mais sofisticado, mas nada disso parece ter vindo com ela, mesmo que soubesse utilizá-lo. – Olhou para a rapariga, e depois para Svava. – Não que eu saiba como utilizar esse tipo de coisa, por isso não teria sido de uma grande ajuda. Mas com os cartões sou bastante boa, e estes deviam estar algures por aqui…

– Quais cartões? – Ninguém tinha informado Svava sobre o assunto. A rapariga entrou e olhou à volta. Inclinou-se junto da mesa de cabeceira e pegou nuns cartões de plástico, cada qual dividido em vários quadrados com imagens ou símbolos. Pôs um diante da rapariga e começou a apontar. Movendo os olhos, quer pestanejando quer olhando para a esquerda ou para a direita, a rapariga dirigiu a enfermeira para o cartão correto. Depois de fazer isto durante algum tempo com alguns cartões, a rapariga de repente fechou ambos os olhos e não voltou a abri-los. Só então Svava ousou falar – não tinha querido perturbar aquela comunicação primitiva, quase alienígena.

– Conseguiu perceber alguma coisa?

A jovem encolheu os ombros e pareceu embaraçada.

– Não sou especialista nisto e posso não a ter compreendido, mas aquilo que

percebi não é propriamente útil.

– O que é que ela disse?

– Quente. A arder. – A mulher encolheu os ombros, como que a pedir desculpas. – Algo do género.

– A arder? – Svava pensou que os cartões não eram uma grande ajuda, se aquele era o resultado. – Não parece estar quente ao toque; mas talvez tenha de trocar o seu edredão por um cobertor mais leve. – Pôs a sua mão na perna imóvel da rapariga: sim, quando muito, esta parecia-lhe um pouco fria. – Acho que o melhor seria aconselhar o pessoal do turno da manhã a pedir a um terapeuta do desenvolvimento para falar com ela. Alguém que consiga falar com ela como deve ser.

Olhou para a jovem, que aparentava estar a dormir – embora isso não fosse muito provável –, e reparou que ela tinha um auscultador num ouvido ligado ao rádio. Retirou-o cuidadosamente e segurou-o junto do seu ouvido. Estava sintonizado numa daquelas estações de rádio em que havia fóruns de discussão; reconheceu o tema musical que estava a tocar.

– Não seria melhor que ela escutasse algo mais leve? Se bem que seja o que for que esteja a tocar, não é bom dormir com isto enfiado na orelha. Se calhar, ela só queria deixar de ouvir este ruído.

Depois de guardar os cartões de plástico no seu lugar, ambas saíram. Svava, ao chegar à porta, virou-se e olhou para o rosto pálido da jovem e para os seus cabelos lisos.

Quente. A Arder.

Que quereria ela dizer?

Capítulo 5

Quinta-feira, 7 de janeiro de 2010

O LAR ERGUIA-SE NO LIMIAR DO BAIRRO – se é que se podia chamá-lo bairro. Estradas pavimentadas separavam os lotes de terrenos que ainda aguardavam a construção de casas. Cruzamento após cruzamento, os sinais das ruas atuavam como desconfortáveis recordações dos sonhos destruídos dos urbanistas daquela área. Levaria ainda muito tempo até que qualquer família feliz se mudasse para as novas casas em Mímisbrunn, Friggjarbrunn, ou outro «brunn». Se ainda havia alguém que quisesse ali construir, então teria de dispor de uma boa quantia de dinheiro extra ou de um empréstimo com condições favoráveis, e nenhuma das opções estava disponível nos tempos que corriam. Tudo se passava como se os castelos da Islândia já não estivessem no céu, mas tivessem caído por terra, nas periferias da cidade, para lhes fazerem ver que da próxima vez teriam de ser mais cautelosos. A rotunda que, supostamente, estava ali para o trânsito fluir, agora só complicava o caminho de quem se encontrasse ali. Thóra olhava pela janela do carro, enquanto Matthew estava ao volante, tão estarrecido como ela pelo que ambos viam. Assim que viraram numa esquina, uma casa apareceu ao fundo de um beco, mas em vez de atenuar a atmosfera surreal, aquele edifício

solitário acentuava-a.

– Suponho que as pessoas que primeiro se deram conta do incêndio vivam aqui, não? – Matthew apontou para a casa, que desapareceu da vista assim que saíram da rotunda. Thóra tinha-lhe contado tudo em relação ao processo, antes de lhe pedir que a acompanhasse nesta visita. Sentia-se mais à vontade com ele a seu lado; não era capaz de se orientar naquela área, ainda por cima no meio daquela escuridão e com neve ligeira a cair. Deste modo, podia concentrar-se em encontrar o lugar sem ter de se preocupar com a condução. E também era agradável ter companhia.

– Provavelmente – respondeu. – Não me lembro do nome da rua, mas também não há muitas casas por onde escolher.

– Vais fazer-lhes uma visita? – A voz de Matthew sugeria que ele esperava que não.

– Não. Não há nada de confuso em relação aos seus testemunhos, pelo menos nada que tenha tido influência no veredito. Não viram ninguém, não ouviram nada, foram simplesmente dormir e depois acordaram com o cheiro do fumo quando já era demasiado tarde. Quem sabe, talvez surja alguma coisa que me faça mudar de ideias, mas acho que não tenho nada para falar com eles. – Thóra inclinou-se por forma a ler o sinal que tinham à frente deles. – Acho que temos de virar aqui.

Matthew tirou os olhos da estrada por um momento e sorriu-lhe.

– Não me digas. Ou viramos aqui ou saímos da estrada para este pântano.

– Bem, nunca se sabe – disse Thóra. – De acordo com o mapa que estive a ver, já devíamos estar quase a chegar. Continuamos até ao fim desta rua e a partir daí deve haver um pequeno beco que nos levará até à casa.

– Se é que ainda está de pé – disse Matthew. – Talvez tenha sido demolida. Pelo modo como descreveste o incêndio, parecia que tinha ficado praticamente destruída, não deve ter ficado grande coisa para recuperar.

Porém, a casa não tinha sido demolida nem recuperada. Uma estrutura de cimento estava exatamente onde o mapa dizia que devia estar, ao fundo de uma pequena estrada que provavelmente fora construída para servir essa única casa.

O facto de lhe terem concedido um nome fora bastante generoso, dado que era extremamente parecida a um caminho particular. Uma vedação baixa marcava os limites do grande terreno que circundava o centro e um portão amplo balançava para trás e para a frente como se os estivesse a convidar para a sua solidão.

– Bom, então… – Matthew conduziu lentamente em direção à entrada do edifício. Depois parou o carro e olhou para Thóra. – Basta-te ver daqui ou queres dar uma volta à casa?

Thóra já tinha abotoado o seu casaco até ao pescoço, para se proteger do frio.

– Vamos sair, claro. Espero que possamos entrar. – E mal pronunciou aquelas palavras, saltou do carro, de modo a não ouvir as objeções de Matthew. Assim que fechou a porta, reparou em duas coisas: o frio cortante, que seria insuportável se houvesse vento, e um vago cheiro a fumo, apesar de já ter passado bastante tempo desde o incêndio. Thóra inspirou fundo para ter a certeza de que não era imaginação sua, e embora o cheiro fosse ténue, sentiu umas picadinhas no nariz. Puxou o colarinho do seu casaco até debaixo dos olhos, para manter à distância aquele desagradável cheiro. Também viu Matthew a franzir o nariz mal saiu do carro, mas ele limitou-se a estremecer ligeiramente, antes de decidir ignorar a sua repugnância. Não era o género de pessoa que tapava o nariz, mas Thóra conhecia-o suficientemente bem para perceber que era exatamente isso que ele tinha vontade de fazer.

Contornaram a casa, avaliando os estragos. As janelas estavam tapadas com painéis de contraplacado, e a cor branca das paredes exteriores tornara-se negra, sobretudo no cimo, onde ainda se podia adivinhar a sombra das chamas, erguendo-se para o céu.

– Os vidros devem ter-se estilhaçado com o calor. – Matthew apontou com a sua lanterna para uma das janelas. – Não sou especialista em incêndios, mas duvido que tenham sido os residentes que morreram a partir os vidros. Baixou o foco de luz. – Ou talvez tenham sido os bombeiros, quando estavam a tentar salvá-los.

Thóra baixou-se e apanhou um grande pedaço de vidro.

– Não creio, porque o vidro caiu para aqui... – Os vidros devem ter sido

partidos a partir do interior. – Deixou cair o pedaço de vidro. – De qualquer modo, tenho um relatório da Unidade de Prevenção de Incêndios que certamente há de dar uma explicação. Parecia-me demasiado complicado de se ler, quando vi pela primeira vez os documentos. – Chegaram junto de uma porta lateral, que levava até ao jardim nas traseiras do edifício. Tinha uma grande tábua de madeira pregada nela e do outro lado encontrava-se uma mesa de jardim com duas pernas partidas e sem as respetivas cadeiras.

Havia uma abertura bastante grande na parte de baixo da tábua.

– O trinco caiu. – Thóra empurrou cuidadosamente aquela proteção, que cedeu. – Podemos entrar, se quisermos.

– Mmm, pois, não, obrigado. – Matthew não parecia impressionado. – Dá para perceber que não é um local seguro. O telhado talvez esteja por um fio e pode cair-nos em cima. Não estou preocupado comigo, mas tu não vais entrar aí.

– Vamos. – Thóra pegou numa lanterna, empurrou outra vez a proteção e focou a luz no teto daquela passagem lateral. – Aqui o teto é feito de cimento, por isso não vai cair. Olha lá. – Matthew, embora com relutância, convenceu-se da robustez daquela estrutura, mas continuou a tentar dissuadir Thóra. E mesmo enquanto empregava toda a sua força para alargar a abertura, por forma a se enfiarem por ali, continuou a adverti-la dos perigos que podiam aguardá-los. Por fim, entraram no edifício.

A lanterna não servia de muito naquela escuridão total. Todas as janelas estavam tapadas, impedindo a entrada da luz fraca dos candeeiros da rua, mas havia água a brilhar no chão.

– Não pensei que fosse dar cabo dos sapatos. – Thóra sentiu a água gelada a entrar-lhe pelas costuras dos ténis.

– Não somos os primeiros visitantes sem autorização a vir cá. – Matthew apontou a lanterna para um canto, onde se viam várias latas de cerveja junto de um maço de cigarros e de mais alguns papéis – Isto não podia estar aqui aquando do incêndio.

– Não, suponho que não. – A Thóra parecia que ali fora uma sala de estar, embora a mobília tivesse sido retirada. Numa das paredes, viam-se, salientes,

uns quantos suportes de prateleiras abandonados. Havia cacos de louça espalhados na água que cobria o chão, mas era difícil dizer de onde provinham: talvez de jarras ou de potes de barro para plantas de interior. – Vamos tentar avançar um pouco mais? A casa está dividida em vários apartamentos e seria bom dar uma vista de olhos em cada um deles. De qualquer modo, já estragámos os nossos sapatos.

Matthew apontou a lanterna para os pés dela.

– Não estás a brincar. – Depois direcionou a lanterna para a casa, para ver o que tinham pela frente. Ao fundo da sala, o corredor seguia em duas direções. – Podemos dar uma vista de olhos, embora não perceba ao certo o que achas que vamos encontrar. Não há aqui nada que possa fazer a menor diferença. Trata-se de uma estrutura vazia e já foi inspecionada por várias vezes antes... e em melhores condições.

– Vou sentir-me mais à vontade depois de ter visto tudo com os meus olhos. As descrições que li só contam metade da história; dão uma visão bidimensional da situação, em vez de ser tridimensional, o que me vai ajudar a perceber realmente as declarações das testemunhas. – Sentiu-se grata por estar demasiado escuro para não ver a expressão no rosto de Matthew. Duvidava que ele valorizasse muito aquela justificação, e era imperativo seguir em frente antes que ele protestasse e a arrancasse dali. Dirigiu-se para o corredor. – Não vai demorar muito.

Começaram a andar com cautela; não tinham a menor ideia do que podia estar escondido naquela água pouco profunda. Nenhum deles estava interessado em cair – o facto de terem os pés encharcados já chegava. A água tornou-se um pouco mais profunda quando entraram no corredor, o suficiente para lhes dar quase pelos tornozelos. Ambos estremeceram, e Thóra lembrou-se do velho ditado que dizia que mal o frio invade os pés, sente-se frio em todo o corpo. Depois de passarem pela pequena cozinha, começaram a ver as portas das divisões. Estavam todas abertas, e Matthew observou que eram obviamente resistentes ao fogo, porque o único dano nelas visível era uma camada de fuligem. Depois apontou a lanterna para o teto, e ambos olharam para o sistema

de extinção de incêndios instalado no corredor.

– Isto não devia ter sido possível. – Thóra julgou sentir o cheiro do fumo a intensificar-se só de pensar em como os residentes tinham tido uma morte horrível, tramados tanto por outras pessoas como pelo destino. – Houve uma asneira da grossa; talvez seja essa a razão para estarem com tanta pressa de encerrar este caso. Tenho a certeza de que há uma justificação para que ele tenha sido concluído tão rapidamente, embora suponha que o facto de não terem podido manter o suspeito numa cela normal não tenha sido uma grande ajuda.

Entrou, depois de Matthew, na primeira divisão. Observaram rapidamente tudo o que ali estava. A maior parte do mobiliário fora retirada. Chamavam àquelas divisões «apartamentos», mas este pequeno espaço a custo merecia tal nome; o quarto de dormir, a cozinha e a sala de estar estavam numa divisão aberta, com a cama a um canto, perto da casa de banho, a única parte do apartamento que se poderia considerar espaçosa. Espreitaram lá para dentro e viram que esta fora concebida para se adaptar às necessidades de um residente gravemente disfuncional; só a área do duche era, pelo menos, duas vezes mais ampla do que a de Thóra, e era necessário que assim fosse, para poder conter as diversas pegas e elementos de suporte aparafusados às paredes. A cortina do duche, outrora festivamente decorada com imagens de peixes coloridos, pendia em farrapos do teto, cheia de fuligem, amarrotada e em parte derretida. Thóra teve o cuidado de não tocar naqueles restos, temendo ficar ainda mais suja do que já estava, e pensou que teriam de conceber uma área de duche daquele tamanho na sua casa, quando estivessem oito pessoas a viver lá, visto que agora só havia um. Matthew mostrara-se até agora positivo em relação às mudanças iminentes lá em casa, mas Thóra sabia que ele estava apenas a ser educado; devia temê-las tanto quanto ela, se não mais ainda. Agora que o seu trabalho no banco era uma coisa do passado, seria ele quem teria de ficar em casa com os pais durante a maior parte do dia. Thóra teria de levá-lo consigo sempre que pudesse, doutro modo tudo acabaria por correr mal. Estava mesmo a pensar em fazer uma depilação com cera, à brasileira, da qual uma amiga sua lhe falara entusiasticamente, por forma a surpreendê-lo, embora lhe tivessem dito que da

primeira vez seria como se estivessem a arrancar-lhe a pele – sem anestesia.

– Sabes quem vivia em cada quarto? – Matthew tentou fechar o armário carbonizado que se encontrava pregado à parede junto à cama. Estava vazio, à exceção das prateleiras cobertas de fuligem, ao fundo.

– Não sei ao certo, mas lembro-me de que os residentes com as deficiências mais graves viviam em apartamentos com a casa de banho comum. Li isso algures. Onde habitavam os outros deve estar referido nos documentos, mas a informação encontra-se espalhada, e eu ainda a tenho de reunir. Vai ser mais fácil agora que estivemos aqui, porque neste momento tenho uma imagem mais nítida de tudo. – Passaram pelos outros apartamentos. Ao chegarem ao quarto, tornou-se evidente que aquele fora destinado a um indivíduo com uma deficiência extremamente grave. No teto, havia uma calha fixa, que se ramificava em várias direções, estendendo-se até um pequeno quarto ao lado, que tinha uma casa de banho imponente, e até ao lugar onde a cama provavelmente estivera e ainda até ao corredor. Seguiram a calha e descobriram que esta ia dar a uma espaçosa sala de banho, com a maior banheira que Thóra alguma vez vira. No teto, sobre a banheira, via-se uma espécie de aparelho preso à calha. Havia uma robusta barra de suspensão, à qual estavam ligadas duas correntes que terminavam em ganchos. – Que engenhoca primitiva é esta? – Thóra puxou uma delas, que emitiu um ligeiro rangido enquanto deslizava lentamente para trás e para a frente. – É pouco provável que isto fosse usado para transportar pessoas de um quarto para o outro, não achas?

Matthew fez que a corrente parasse de oscilar.

– Na verdade, é para isso mesmo que devia ser usada. Eles não andavam aqui a transportar água em baldes para as banheiras. Suponho que devia haver umas cordas, ou algo do género, na extremidade disto, mas terá sido destruída pelo fogo. – Tentou puxar a engenhoca ao longo da calha, mas esta parecia estar encravada, porque só a conseguia mover uns centímetros. – Acho que isto devia ser usado para mover as pessoas, por mais estranha que possa parecer essa ideia.

– Meu Deus! – Thóra teve um forte sobressalto de compaixão. Como é que as pessoas deficientes eram capazes de suportar tanta coisa? Talvez fosse melhor

ter já nascido assim e não ter conhecido nada diferente, mas quem era ela para julgar? Sem dúvida, tinha de se preparar para suportar tudo o que ainda havia para ver em relação com este caso. Seguiram a calha até ao apartamento seguinte, que era muito semelhante ao anterior. A única diferença estava numa parede junto da cama que tinha uma caixa com tubos de ligação, que ela reconheceu como sendo iguais aos das salas de cuidados intensivos dos hospitais. Os rótulos de plástico debaixo deles já não tinham a identificação legível.

– Isto é provavelmente para o oxigénio. – Matthew, que se inclinara para ver a caixa, endireitou-se de novo. – Penso que a pessoa que vivia aqui precisava de oxigénio durante a noite. – Sob a luz mortiça, Thóra viu-o a franzir o sobrolho – Não gostaria nada de estar perto da botija de oxigénio quando o incêndio se propagou. O oxigénio alimenta as chamas e havia dispositivos destes em todo o lado, o que pode explicar porque os danos foram tão intensos. O fogo deve ter-se intensificado e tornado incontrolável numa fração de segundo.

Era óbvio que Thóra teria de ler o relatório sobre o incêndio. Anteriormente não tinha pensado no oxigénio, embora se desse conta de que Matthew tinha razão mal o referiu. Olhou à sua volta, em busca de provas de danos que não pudessem ser atribuíveis ao incêndio.

– Será que o incêndio poderia ter sido causado por uma explosão? – perguntou, embora não visse quaisquer vestígios. – Quero dizer, e se a provisão de oxigénio de algum modo começou a arder? Não deveria haver um reservatório de oxigénio algures neste edifício ligado a estes tubos na parede?

– Eu diria que sim. – Matthew espreitou debaixo da caixa, mas não estava lá nada. – Não há nenhuma ligação visível a esse reservatório, embora haja linhas atrás da caixa. Deve haver uma sala de equipamentos algures, onde está armazenado o oxigénio. Devemos encontrá-la se virmos tudo o que há neste local.

Completaram a volta pelos apartamentos sem terem descoberto muito mais. Eram todos muito semelhantes e há muito tinham sido despojados de qualquer marca pessoal ou individual, primeiro pelo incêndio e depois pela limpeza. As

poucas coisas que haviam ficado não diziam nada nem a Thóra nem a Matthew: pedaços de vidro partido pelo chão, uma panela virada de lado na cozinha. Thóra não estava realmente à espera de encontrar nada de significativo, mas continuaram a inspecionar a casa. Na sala do vigilante noturno apenas encontraram um armário aberto para as chaves e um quadro branco, sujo, que estava surpreendentemente intacto, em comparação com tudo o que tinham visto. Também espreitaram para um quarto grande, vazio, cuja função era difícil de determinar. O material do chão parecia diferente do restante que haviam encontrado na casa, e, ao arrastar os dedos pela superfície, Thóra reparou que havia traços regulares que indicavam que era de tijoleira: o chão nos outros locais era macio; provavelmente tivera uma carpete.

– Talvez este fosse o quarto das arrumações. – Matthew andou pelo espaço, examinando as paredes.

– Bem, não era a sala de equipamentos. Não há aqui tomadas, além das duas habituais. – Saíram do edifício sem terem percebido para que serviria aquele quarto, e espreitaram para mais algumas divisões com acesso pelo exterior: uma arrecadação que tinha uma bacia de aço inclinada, presa à parede, e outro pequeno quarto de arrumações.

Ainda estava a nevar, e continuaram à pressa o seu périplo pelo exterior. Mas foram forçados a ir mais devagar, ao chegarem às três portas da frente que não tinham sido fechadas. Uma delas afinal conduzia até a um quarto de arrumações, e outra a uma área de armazenamento exterior, onde viram um cortador de relva enferrujado a um canto, junto de alguns utensílios de jardinagem, também eles enferrujados. A gasolina era sem dúvida guardada ali, e Thóra por momentos examinou a fechadura da porta que parecia não ter sido forçada. Não estava fechada, embora isso não significasse nada, visto que já muito tempo passara desde o incêndio.

A terceira porta levava ao que fora, sem dúvida, a sala de equipamentos. Na parede, estavam tubos de ligação com os rótulos derretidos e armações de aço que deviam ter servido de suportes a reservatórios ou outros recipientes. Matthew bateu com os dedos dos pés para preservar o último resquício de calor

que havia neles.

Claro, esta divisão não tinha acesso direto à casa, dado o risco de incêndio. Talvez ali houvesse os materiais mais perigosos.

– A porta está muito danificada. – Thóra tentou empurrar a pesada porta de aço, que estava meio aberta. Ficara tão torcida que uma das quatro potentes dobradiças se tinha quebrado e não se movia. – Será que isto indica que houve uma explosão?

– Sim, dá essa ideia. Também se pode ver que o reboco caiu em diversos lugares. – Apontou a lanterna para uma grande fenda na parede, onde se via o cimento. – Isto pode ter-se devido a um recipiente que explodiu.

– Deve ter feito um ruído incrível. – Thóra pôs-se na ponta dos pés para ver a que distância estavam da moradia por que tinham passado. Julgou ter avistado o telhado. – Porque é que os vizinhos não ouviram nada? Será possível dormir durante uma explosão e só acordar com o cheiro do fumo?

– Quem sabe? – Matthew desligou a lanterna – Não seria melhor voltar para o carro antes que os nossos dedos congelados comecem a cair? Tenho a certeza de que vais encontrar algo sobre esta explosão nos documentos. Não temos mais nada a fazer aqui.

Thóra acedeu com um menear. Afastaram-se da casa em direção do carro.

– Esqueci-me de te contar um pormenor que encontrei nos relatórios. – Olhou com tristeza para as ruínas da casa. – Uma das raparigas que morreu no incêndio estava grávida.

– E então? – Matthew não parecia surpreendido. – Coisas más acontecem a qualquer um. – Olhou-a, perplexa. – Queres dizer que achas isso estranho por ela ser deficiente? As pessoas são como são, Thóra, quer os seus corpos funcionem ou não na sua plenitude.

Thóra arregalou os olhos.

– Oh, por amor de Deus, achas que fico chocada assim tão facilmente? – Soprou, irritada, mas a sua irritação rapidamente cedeu lugar à tristeza. – Essa mulher... ou antes rapariga... estava praticamente em coma. Não é a isso que eu chamo «sexo consensual».

Matthew não disse nada. Abriu-lhe a porta e Thóra entrou no carro. Ele apressou-se a ir sentar-se no lugar do condutor, ligou o motor e pôs o ar condicionado no máximo, depois esfregou os dedos e soprou-lhes. Quando o ar quente chegou aos pés de Thóra, isso provocou-lhe uma sensação de queimadura que era quase pior do que o frio.

– Os relatórios diziam quem era o pai?

– Não, nunca apareceu, e o veredito não diz uma única palavra acerca disso.

– Achas que quem engravidou a rapariga ateou o incêndio para ocultar esse facto? – Matthew parecia muito cético. – Seria drástico demais.

– Raios, não sei. Mas o responsável podia ser o Jakob.

– Quem ateou o fogo? Ou quem teve relações com a rapariga? – Matthew começou a recuar com o carro para sair do parque de estacionamento.

– Ou uma coisa ou outra. Ou as duas. – Thóra recostou-se na cadeira e olhou pelo retrovisor para o edifício até o perder de vista.

Capítulo 6

Sexta-feira, 8 de janeiro de 2010

THÓRA POUSOU A CANETA e olhou com orgulho para o desenho que fizera da planta do edifício. Claro que não ganharia nenhum prémio de arquitetura, mas, mesmo assim, estava imensamente orgulhosa do resultado, posto que o que lhe interessava era marcar cada apartamento com o nome do respetivo locatário. A tarefa acabara por ser muito difícil, porque Thóra fora forçada, por várias vezes, a usar os testemunhos de vários indivíduos para situar os residentes devidamente. A seu tempo, descobriria se aquele trabalho duro valeria a pena. Num estado de espírito contemplativo, passou o indicador ao longo da planta da casa, percorrendo todos os apartamentos e sentindo vagamente os pequenos traços que a caneta deixara no papel. Eram como os vestígios deixados por aqueles jovens, pensou – vestígios nas memórias de quem os amava e que se tornariam cada vez mais ténues com o passar do tempo, acabando por desaparecer por completo quando os familiares dos residentes morressem. Thóra levantou o dedo do papel e tentou clarificar o seu espírito. Aqueles pensamentos melancólicos não a ajudariam a resolver o caso, e ela já tinha perdido demasiado tempo para desenhar aquela planta. Não era o único caso em que estava a

trabalhar; claro que era extremamente invulgar, mas era complicado demais para ela se perder nos seus aspetos emocionais. Uma das coisas que a perturbavam era o facto de Jakob ter ocupado o apartamento ao lado de Lísa Finnbjörnsdóttir, a jovem grávida. Embora os apartamentos mais afastados não estivessem muito distantes uns dos outros, Thóra, apesar disso, sentia que era um mau augúrio; Jakob teria podido entrar no apartamento dela numa fração de segundos. Para agravar as coisas, muito poucos residentes podiam ser o pai da criança; cinco dos seis apartamentos estavam ocupados, e dos cinco residentes apenas três eram homens: Jakob, Natan Úlfheidarson e Tryggvi Einvardsson. Natan era o epilético que estava fortemente medicado, enquanto Tryggvi fora um caso de autismo grave e, segundo os relatórios do tribunal, quase nunca saía do seu quarto. Não parecia que algum deles pudesse ter tido relações com a rapariga, embora Thóra soubesse que essa avaliação podia estar completamente errada. Restava-lhe esperar que alguém fosse capaz de responder inequivocamente a esta questão. Talvez a paternidade tivesse sido determinada, embora não mencionada nos registos, por respeito pela falecida e sua família: talvez a rapariga tivesse um namorado; talvez tivesse engravidado de alguém que a vinha visitar. As possibilidades eram infinitas; o que importava era encontrar a explicação correta e esperar que não tivesse nada a ver com Jakob.

Antes de ter começado o seu desenho, Thóra falara com uma das vizinhas do centro, que dera o alerta do incêndio, mas não fora capaz de colher nada de substancial da sua conversa. A senhora respondera às suas perguntas, e Thóra tivera de ouvir as queixas dela, dizendo como era horrível viver naquela cidade-fantasma; a construção da escola pré-primária tinha sido adiada indefinidamente, forçando-a, a ela e ao marido, a encontrar uma escola na cidade para os dois filhos. A neve raramente era limpa e, quando o era, o trabalho ficava malfeito; o mesmo acontecia com a recolha de lixo. A mulher continuou com as queixas até Thóra ter uma oportunidade para começar a falar do que importava. Ficou aliviada quando se despediram, tendo ficado convencida de que o testemunho do casal era credível; eles estavam a dormir e, provavelmente, foram acordados pelas reverberações da explosão, embora nenhum deles se tivesse dado conta do

que era. A única nota peculiar no testemunho da mulher fora a referência ao facto de que o casal estava habituado a dormir com o barulho, como o do trânsito intenso. Às vezes havia bandos de jovens que andavam pela vizinhança durante a noite, sobretudo aos fins de semana, mas felizmente isso agora era uma coisa do passado. Não tinham visto ninguém nessa noite, nem notado nada de anormal.

Então, Thóra resolveu agir. Procurou o nome da diretora do centro: Glódís Tumadóttir, que lhe soava a um nome muito luminoso e alegre. Quando, por fim, conseguiu encontrar a diretora através do Ministério da Segurança Social, a sua voz parecia precisamente o oposto do que o nome lhe sugerira. Glódís estava sempre a suspirar profundamente, como se carregasse nos ombros todas as tristezas deste mundo. Depois de ouvir durante meia hora todas as suas queixas acerca da agitação que havia na Delegação Regional para os Deficientes em Reiquejavique, Thóra, a certa altura, conseguiu convencê-la a marcarem um encontro, embora a conversa tivesse incluído um longo e pormenorizado relatório, explicando a razão de Glódís não lhe poder conceder mais do que quinze minutos, dado que naturalmente tinha de voltar a trabalhar, quase como uma escrava a quem ninguém agradecia, na sua delegação com pouquíssimo pessoal. Thóra estava com vontade de gritar quando, por fim, desligou. Já conhecera demasiadas pessoas como Glódís, que achavam que os salários não correspondiam aos seus grandes talentos e que, constantemente, se afundavam em autopiedade. Thóra não devia ser a única a ter vontade de lhes dar uma boa tareia na esperança de os arrancar do seu tão proclamado martírio. Mas isso teria de ficar para outra altura. Ao recordar a conversa telefónica, deu-se conta de que, sob aquele queixume, a diretora ficara preocupada e agitada por causa da sua chamada. Talvez aquela conversa sobre a equidade no seu trabalho tivesse sido provocada por uma ansiedade: ao fim e ao cabo, não devia ser agradável para Glódís ter de voltar a falar daquele caso. Podia ser que tivesse algo a esconder, mas talvez não houvesse ali nada de pouco natural ou suspeito; os jovens que tinham morrido estavam sob a sua responsabilidade e, embora o lar não estivesse a funcionar há muito, devia ter criado laços afetivos com as vítimas. Sem dúvida,

tudo se tornaria mais claro quando se encontrassem frente a frente.

O telemóvel de Thóra deu um toque, informando-a de que recebera uma mensagem. Esta era completamente misteriosa e, mais uma vez, fora enviada de um número anónimo. Thóra tinha esperança de que não fosse algum idiota que tivesse gravado mal o número de uma pessoa amiga e, agora, por engano a contactasse. Se fosse caso disso, alguém estava a fazer uma pergunta extremamente importante: *Como é que a Helena se queimou em criança?* Thóra ficou momentaneamente assustada, dado que a mensagem tinha a ver com fogo, mas afastou essa ideia, pensando que não passava de uma coincidência, e largou o seu telemóvel.

Bella ainda não chegara, embora fossem já quase dez da manhã, por isso Thóra rabiscou uma nota a lembrá-la para comprar mais papel para a fotocopiadora. As hipóteses de Bella o fazer eram mínimas, mas Thóra recusava-se a deixar que aquela jovem a pusesse na mó de baixo, por isso acrescentou, à pressa, em baixo: *Não te vou poder pagar o salário se não puder imprimir uma nota de pagamento.* A seguir, enfiou o casaco e saiu. Ainda estava a nevar, mas agora a neve caía mais rapidamente e era mais espessa, bem diferente dos suaves flocos de neve da tarde anterior. Teria de se apressar, caso quisesse tirar o gelo e a neve do seu carro e chegar a Sidumúli a tempo da breve entrevista que Glódís tão amavelmente lhe concedera.

O carro estava coberto por uma camada espessa e pesada de neve, e o chão escorregadio tornava difícil que se aproximasse o suficiente para o limpar como devia ser. Assim, os movimentos da sua mão eram trapalhões, e Thóra ficou mais ou menos coberta de neve quando, por fim, se sentou ao volante e arrancou. Ao longo da estrada, carros mal equipados causavam intermináveis demoras, derrapando e acabando por ficar atravessados no meio da via, enquanto condutores irritados faziam soar as suas buzinas.

Thóra optou por não se associar ao concerto de buzinas e, em vez disso, aproveitou a oportunidade para telefonar para casa e falar brevemente com Matthew. Ele estava quase a sair para correr, coisa que fazia todos os dias da semana, exceto aos domingos, fosse qual fosse o tempo. Thóra achava aquilo

totalmente incompreensível – a única vez em que ela pensaria em correr seria para fugir de um assassino enlouquecido, embora fosse muito improvável que alguém estivesse atrás dela. Contudo, nunca falara disso a Matthew, já que parecia ser algo tão importante para ele. Limitava-se a sorrir para consigo de cada vez que ele lhe sugeria que o acompanhasse, embora o seu sorriso tivesse esmorecido um pouco quando ele lhe ofereceu um par de ténis de corrida de primeira qualidade como presente de Natal. Por enquanto, ainda podia usar o tempo como justificação, mas quando chegasse a primavera, o medo de partir uma perna no gelo já não seria uma desculpa aceitável; em vez disso, teria de admitir que não se interessava por esforços físicos desnecessários, ou teria de inventar outro pretexto. Ainda não fora capaz de inventar algo melhor do que uma alergia às abelhas; mas faltava muito para a primavera e talvez lhe aparecessem ideias mais credíveis, à medida que os dias iam sendo cada vez mais longos. Felizmente, não precisava de ir ao ginásio para se manter elegante; era magra por natureza, e alta, pelo que os quilos a mais que por vezes surgiam – e que depois desapareciam, sem nenhum esforço da sua parte – se distribuíam facilmente pelo seu corpo sem se tornarem demasiado evidentes.

Arriscava-se a chegar tarde. Quando, por fim saiu do carro no parque de estacionamento, que estava meio enterrado na neve, lembrou-se do que Matthew lhe dissera antes de desligar: devia avançar cautelosamente com as suas perguntas sobre o lar. Ele não quisera adiantar mais sobre o assunto, tendo apenas dito que as deficiências e as doenças eram tópicos delicados e que era fácil ferir as pessoas, mesmo sem querer. Só uma coisa: desconfiava que as pessoas que tomavam conta de deficientes eram mais sensíveis ao modo como se diziam as coisas do que os próprios deficientes. Esse comentário em nada ajudara Thóra a superar os seus sentimentos de insegurança precisamente em relação a esse ponto; apesar de ter percorrido os inúmeros documentos do caso, deu-se conta de que a sua informação sobre o assunto ainda era muito fraca e de que não sabia quais seriam os termos apropriados para se referir aos antigos residentes do lar e às suas circunstâncias. Apesar dos avisos de Matthew, sentia-se aliviada por falar primeiro com uma mulher que não tinha ligações de sangue

com os residentes; era menos provável que Thóra a ofendesse a ela do que a um membro da família. Talvez pudesse aprender algo com esta conversa e absorver conceitos e terminologia considerados apropriados. Mas não seria capaz de evitar falar com os familiares dos residentes mortos – se, de facto, eles quisessem encontrar-se com ela –, porque a maior parte das fontes de informação sobre o centro tinha ficado em cinzas. Não tinham obrigação de falar com ela, claro, e o facto de o seu cliente ser precisamente a pessoa que eles acreditavam ser o responsável pela morte dos seus filhos não jogava propriamente a seu favor. Além de tudo isto, não precisava de ir ainda ofender essas pessoas com comentários inadequados.

Depois de conseguir sair do carro, que ficara inclinado sobre um monte de neve, Thóra apressou-se a entrar. Foi recebida muito calorosamente por uma mulher ainda jovem: era o oposto de Bella, e disse-lhe que não teria de aguardar por muito tempo. Pouco depois, a mesma rapariga sorridente veio anunciar-lhe que Glódís a aguardava. Levou-a até à diretora e, em breve, Thóra estava sentada numa cadeira naquele escritório despretensioso.

– A minha agenda aligeirou-se um pouco, por isso não estamos com o tempo tão apertado. – Enquanto falava, Glódís arrumou alguns impressos de candidatura já preenchidos e enfiou-os numa pasta. – As pessoas de quem estava à espera desmarcaram a sua consulta. Acontece muitas vezes, quando as estradas estão como estão. O que, evidentemente, quer dizer que não vou ter mãos a medir quando o tempo melhorar outra vez, mas não se pode fazer nada. – Glódís era mais ou menos da idade de Thóra, mas com um ar mais cansado do que a própria Thóra julgava ter. O cabelo com duas tonalidades, loiro nas pontas e preto na raiz, não ajudava muito à sua cara inchada, com excessiva maquilhagem. Era o tipo de mulher que devia ter sido a mais bonita da turma quando adolescente, antes de os indelicados estragos do tempo terem principiado. – Então, em que posso ajudá-la? Disse-me que estava a trabalhar para o Jakob. Não sei ao certo o que posso fazer: como sabe, não o conhecia lá muito bem.

Thóra anuiu com a cabeça.

– Pediram-me para investigar o caso minuciosamente, dado que parece haver dúvidas quanto à responsabilidade do Jakob. Estou a reunir provas e informações, na expectativa de ver o caso aberto pelo Supremo Tribunal.

A expressão de Glódís endureceu, mas ela esforçou-se por manter um tom de voz agradável.

– O que quer dizer? Que espécie de dúvidas?

Thóra optou por não dizer a Glódís quem tinha instigado a nova investigação. Sabia que se mencionasse o pedófilo, a conversa morreria logo ali. Por isso, falou da maneira mais vaga possível.

– Depois de rever os testemunhos e outras matérias relacionadas com o veredito do caso, quer-me parecer que a sentença não foi satisfatória. Também é possível que a incapacidade de Jakob não tenha sido inteiramente levada em conta. Os seus depoimentos foram bastante erráticos e, provavelmente, não compreenderam como o caso era sério.

– Todos os protocolos foram seguidos à risca. – Os lábios de Glódís tinham-se comprimido em jeito de reprovação. – A polícia procurou aconselhar-se connosco, e nós enviámos um terapeuta do desenvolvimento, que esteve presente nos interrogatórios e em tudo o que dizia respeito às circunstâncias especiais do Jakob. Não creio que se pudesse ter lidado melhor com isto.

– Talvez não; mas, apesar de tudo, as dúvidas que mencionei existem. Talvez mais tarde se torne evidente que tudo foi concluído precisamente como deveria ter sido, mas até lá tenho de me informar o melhor possível sobre tudo o que possa suscitar dúvidas razoáveis em relação à culpa do Jakob.

– Não vejo porquê. – Glódís estava obviamente ofendida e não fez qualquer esforço em escondê-lo. – O Jakob ateou o incêndio e matou aquelas pessoas. Tem a maturidade intelectual de uma criança, o que significa que não é possível censurá-lo por ter intenções criminosas, mas, apesar disso, deveria ter pensado melhor e não fazer o que fez. As pessoas com incapacidade não estão isentas das obrigações que a sociedade nos impõe, nem querem estar isentas delas. Querem viver as suas vidas em pé de igualdade com o resto de nós, e devem ser obrigadas a cumprir as leis do nosso país.

– Então, já tem uma opinião formada sobre o que o levou a fazer aquilo? Já antes demonstrara ter tendências violentas ou outro tipo de comportamento que sugerisse que fosse perigoso? – Thóra estava muito empenhada em impedir que a conversa se tornasse demasiado genérica e vaga. Se se desviasse do tema central, Glódís lançar-se-ia num monólogo sobre os seus temas preferidos, que tinham pouco interesse para Thóra.

– Talvez não fosse violento, pelo menos aparentemente, mas estava zangado e amedrontado, e opunha-se a qualquer mudança das suas circunstâncias. Quase todos os outros residentes estavam encantados com os cuidados que recebiam, mas ele era a exceção à regra.

– Creio que a mãe se tinha oposto inteiramente a que ele fosse transferido para lá. Seria essa a razão da sua infelicidade? – Talvez houvesse ainda algo mais; algo que a mãe de Jakob não soubesse ou quisesse ocultar.

– Sim, é verdade. Tinha ficado triste com a transferência, mas não lhe foi permitido dar a sua opinião. Ao fim e ao cabo, ficaria tão satisfeito como os outros, assim que se apercebesse de como era melhor estar afastado da asa protetora da mãe.

– Não havia muita gente que queria ir para o lar? Porque pressionaram tanto a mãe para ela consentir na ida de Jakob?

Glódís passou a mão pelo seu cabelo de duas tonalidades.

– Não vejo que diferença isso poderá fazer. Está a tentar dizer que nós somos os responsáveis? Que isto nunca teria acontecido se o Jakob tivesse continuado a viver em casa?

– Não, não é isso que eu quero dizer. – Thóra manteve a calma, dizendo a si própria que não responderia a nenhuma provocação. – A minha intenção é demonstrar que ele não teve nada a ver com o incêndio. Se for assim, tem certamente importância o local em que estava a viver. – Permitiu que Glódís pensasse por um momento e viu que os seus ombros tensos relaxavam ligeiramente. – Pela pouca interação que me diz que teve com o Jakob, acha possível que ele tenha recorrido a essa medida desesperada para conseguir os seus fins? Terá pensado que a única maneira que tinha de regressar a casa era

atear um incêndio, de modo a reduzir o lar a escombros?

– Não sei. – Glódís estava a ser cautelosa. A sua melhor opção, evidentemente, era dizer o menos possível. – As vezes que estive com ele foram poucas, e eu decidi não me sobrecarregar envolvendo-me no caso mais do que o meu trabalho ditasse ser necessário. Tudo isto me atingiu duramente; enquanto diretora do centro, provocou-me um tremendo choque profissional. – E, apressadamente, acrescentou: – Bem como um choque emocional, claro. Conhecia muitos destes jovens há bastante tempo. Os que tinham deficiências mais graves tinham sido visitantes regulares numa residência infantil para estadias de curta duração, onde trabalhei durante muitos anos. Estabelecemos relações com os nossos utentes, mesmo quando somos pagos para os supervisionar.

Thóra anuiu, mostrando-se solidária.

– É natural. – Sorriu calorosamente para Glódís. – Então há de concordar comigo quando digo que é importante que não restem dúvidas sobre quem foi o verdadeiro responsável... Tenho a certeza de que não gostaria de ver um criminoso em liberdade enquanto um inocente está na prisão.

– Claro que não. – Mais uma vez, Glódís comprimiu os lábios, que quase desapareceram.

– Se admitirmos por um momento que o Jakob está inocente, consegue pensar em quem poderia ter sido o responsável? Não estou a referir-me aos residentes; poderia ser uma pessoa de fora ou um empregado insatisfeito que achasse que tinha contas a acertar?

Thóra tinha de dar a Glódís o seu devido valor: parecia estar a pensar antes de responder. Mal abriu a boca, os seus lábios passaram de brancos a cor-de-rosa, outra vez, com a circulação restabelecida.

– Tenho de insistir que acredito que foi o Jakob quem ateou o fogo, para que isso fique claro entre nós. – Hesitou antes de continuar: – Os jovens, homens e mulheres, que morreram naquela noite não eram como as pessoas comuns, que podiam ter alguém que lhes desejasse mal por uma razão qualquer. Não faziam mal a ninguém nem tinham ofendido seja quem for, exceto algum desses

fanáticos que não toleram ninguém que seja diferente deles. Dito doutra maneira, não tinham inimigos e não existe nenhuma lista de pessoas que nutrissem ressentimentos em relação a eles.

Thóra optou por esperar mais um pouco antes de referir a questão da gravidez, embora tivesse muita vontade de atirar esse facto à cara daquela mulher ríspida. Temia que fosse difícil aprofundar o tema, e a conversa acabaria nesse instante.

– Muito bem. E quanto às famílias? Não é assim tão insólito um familiar recorrer a medidas drásticas quando as coisas ficam feias; seria concebível que um deles tivesse ateado o incêndio para deixar de ver o filho ou a filha em sofrimento? Talvez alguém que não aguentasse esse fardo e que já não tivesse forças para apoiar a pessoa que amava? O desemprego e a incerteza privam algumas pessoas de toda a sua força; poderia ter sido um ato de desespero por parte de alguém que tivesse perdido toda a esperança e que não estivesse no seu perfeito juízo?

– Parece que está a descrever o Jakob. – A mulher sorriu pela primeira vez, mas era um sorriso sem alegria e cheio de desdém e de sarcasmo. – Ele satisfaz esses dois critérios. As esperanças desfeitas e a ausência de um juízo perfeito.

Thóra ignorou a observação.

– Portanto, todos os vossos empregados estavam felizes com o trabalho e não tinham queixas? – Fez uma pausa para permitir que Glódís digerisse a ideia. – Isso deve ser bastante invulgar.

– Não vou falar sobre nenhum dos funcionários consigo, nem sobre o pessoal no seu conjunto. Nenhum deles tem nada a ver com isto; optaram por um trabalho desinteressado com salários baixos, porque queriam praticar o bem. Seriam incapazes de fazer mal àqueles que estavam sob os seus cuidados.

– Não é que não haja precedentes – disse Thóra, cautelosamente –, mas não me interprete mal quando pergunto. Não estou aqui para sacar informação, nem estou a acusar os vossos funcionários, ou seja quem for. Estou simplesmente a tentar excluir o maior número de pessoas possível, de modo a poder empregar o meu tempo naquilo que realmente interessa. – Então, Thóra deixou cair a sua

bomba. – Por exemplo, descobrir a pessoa que engravidou a Lísa Finnbjörnsdóttir. Devia ser importante para alguém ocultar esse facto.

Glódís empalideceu.

– O que quer dizer? – Não havia dúvida de que ela sabia precisamente o que Thóra queria dizer.

– Tenho a certeza de que sabia que esta jovem que se encontrava ao seu cuidado estava à espera de um bebé, não é assim? – Thóra continuou a pressionar, enquanto o ferro estava quente. – A única coisa que preciso de saber é quem era o pai, e se a criança foi concebida com o consentimento de Lísa.

Depois de um breve silêncio, Glódís voltou a falar. Obviamente, não era pessoa para se deixar intimidar.

– Não sei quem foi. – Em vez de tecer uma história e alegar que não sabia de nada, Glódís parecia querer debater o problema abertamente. Era inteligente da sua parte, pois devia ter percebido que Thóra não iria desistir, continuando, antes, a insistir até ser capaz de falar com alguém que lhe pudesse dar respostas. Seria muito melhor que essa pessoa fosse Glódís, e não o seu superior hierárquico imediato, ou mesmo a pessoa acima deste. A diretora teria a sensatez de acabar a conversa desagradável enquanto estava nas suas mãos. – Esse foi outro choque terrível: apanhou-me completamente desprevenida, quando fui informada dos resultados da autópsia. Juro que pensei que se tratava de algum erro.

– E como procedeu? – pressionou Thóra. – Imagino que tenha levado a cabo uma espécie de investigação interna para apurar responsabilidades. Os pais dela devem ter, pelo menos, exigido isso.

– Obviamente, ficaram desesperados quando se soube. E embora estivessem demasiado perturbados com a morte da filha para insistirem nas averiguações, claro que fizeram muitas perguntas. Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para descobrir quem fora, mas não tivemos sucesso. Nenhum dos empregados com quem falámos tinha alguma ideia de como poderia tal coisa ter acontecido durante o seu turno, e é difícil entender como é que uma coisa dessas poderá ter acontecido sem eles se darem conta. Durante o dia, havia pelo menos três

membros do pessoal de serviço, e os quartos estavam sempre abertos. Além dos empregados permanentes, também havia enfermeiros, assistentes e terapeutas do desenvolvimento que não estavam lá a tempo inteiro mas que, mesmo assim, passavam horas no local. Não encontro nenhuma explicação.

– Ela alguma vez foi para casa ou deixou o centro? Esteve no hospital ou fez uma visita a amigos ou familiares?

– Não, porque haveria de o fazer? Era uma paciente semicomatosa, o que significa que não havia qualquer razão para a perturbar, salvo em circunstâncias excecionais. Era alimentada por via intravenosa e precisava de oxigénio, e não se tem este tipo de equipamento em lares convencionais. Na verdade, esteve no hospital por duas vezes, desde que ficou ao nosso cuidado, mas nenhuma dessas vezes foi na altura em que terá engravidado. Quando morreu já estava no quarto mês de gravidez, e todas as nossas investigações para saber quem poderia ser o pai basearam-se nesse período de tempo. – Glódís esfregou uma das têmporas, com um ar pesaroso. – A Lísa, na verdade, não era uma residente permanente do lar, mas foi-nos pedido para tomar conta dela enquanto se procurava outra solução. O departamento em que estivera durante muitos anos tinha fechado e nós tínhamos vaga, por isso fazia sentido. Na verdade, ela estava prestes a ser transferida, quando o incêndio ocorreu, mas claro que isso nunca aconteceu.

– O que pode indicar que o responsável queria aproveitar a oportunidade de o fazer antes de ela ser transferida.

– Como disse, não temos a menor ideia de quem possa ser o pai, por isso qualquer teoria não passa disso mesmo: de uma teoria. O lar estava cheio de gente e é impossível perceber como é que a gravidez da Lísa ocorreu.

– Disse-me que havia sempre muita gente no centro, mas o que acontecia à noite? Só havia uma pessoa de serviço na noite do incêndio, e talvez não fosse a primeira vez. O turno da noite também devia estar sob suspeita.

– Tivemos sempre dois membros do pessoal de serviço de noite, com apenas duas exceções. Uma na noite do incêndio, e a outra na primeira semana em que abrimos. Essa primeira vez não coincide com a ocasião e, de qualquer maneira, é óbvio que os vigilantes noturnos não tiveram nada a ver com isso. Eram, ao

todo, quatro membros, dois turnos diferentes e duas pessoas por cada turno. Trabalhavam semana sim, semana não, e estavam fora entretanto. É difícil contrariar o relógio biológico assim, a intervalos regulares, e não há dúvida de que só um tipo especial de gente opta por fazer tal trabalho. Mas nenhum deles foi o responsável por esse ato terrível.

– Porque não? Porque eles assim o disseram?

– Não. – Glódís parecia ligeiramente irritada. – O médico legista pediu que o ADN de cada um fosse comparado ao do feto, e a análise ilibou-os, aos quatro, incluindo o que morreu. – Fechou os olhos. – O que eu não daria para saber quem o fez e como. Fico furiosa ao pensar que uma coisa destas possa ter acontecido numa instituição sob a minha responsabilidade.

– Fizeram-se análises aos outros? E os residentes masculinos?

– Sim, mas as coisas não passaram daí. Cada análise individual custa à roda de duzentas mil coroas, mais ou menos, por isso nunca seria possível analisar todas as pessoas do sexo masculino que tivessem posto os pés no nosso centro. Mas no que diz respeito aos meus rapazes, nem Natan, nem Tryggvi, nem Jakob eram o pai. Talvez deva mencionar que eu não vi o relatório, embora tenha obtido uma cópia do resultado dos testes efetuados aos vigilantes noturnos, que me foi enviada porque eu era a chefe deles nessa altura. Mas vim a saber por uma pessoa do escritório que os outros resultados tinham sido negativos, e não vejo razão para duvidar disso. Seja como for, o malvado que violou a Lísa ainda está por descobrir.

– Nesse caso, concorda que seria impossível ela ter consentido o ato?

Glódís olhou-a nos olhos.

– Claro que é impossível. Encontrava-se num estado de semicoma; nunca estava consciente. Está fora de questão pensar que consentiu uma relação. Foi um ato criminoso, de qualquer ponto de vista.

– Então, o assunto foi referido à polícia? Não se pode fechar os olhos ao facto de ter havido uma violação, e feita em circunstâncias deploráveis.

– Não, a polícia não foi informada.

– Porque não?

– Não fui eu a decidir. Mas quando chegou a altura de tomar uma decisão, os pais dela não quiseram que a polícia fosse informada e tiveram ajuda para impedir que tal acontecesse. Disseram que não queriam ver artigos nos jornais a fazer comentários sobre a filha, e sabiam que os pormenores iriam ser espalhados por toda a parte. Era demasiado tarde para ela, em todo o caso, e as condenações por agressões sexuais não são suficientemente pesadas para que se possa dizer que são verdadeira justiça. Mesmo que tivessem descoberto o culpado, era provável que recebesse uma pena reduzida, que os pais da Lísa teriam muita dificuldade em aceitar.

– Mas, e em relação às instituições públicas? A polícia ou os delegados do Ministério Público? Não fizeram uma investigação, como era devido? A violação, se for descoberta, não é um crime privado.

– Não.

Tudo aquilo parecia muito estranho.

– Mas como é possível? Trata-se de uma grave violação da lei criminal. E os pais não tinham, na verdade, nada a dizer sobre a condução do processo.

– Tiveram ajuda, como lhe disse. O pai do Tryggvi, o rapaz autista que estava na residência e que morreu nessa mesma noite, ocupa um cargo de topo no Ministério da Justiça, e os pais da Lísa recorreram a ele. Ele impediu que as coisas fossem mais longe.

– Estou a ver.

Glódís acenou com a cabeça.

– Depois disso, ficámos de mãos atadas.

Capítulo 7

Sexta-feira, 8 de janeiro de 2010

Nessa tarde, Thóra tinha uma reunião com um cliente no seu escritório. O cliente estava a divorciar-se da mulher; o processo iniciara-se antes da derrocada dos mercados financeiros, mas tinha sido adiado porque o casal mudara, entretanto, de ideias. Na sequência do desastre, tinham-se reaproximado à procura dos bons e velhos tempos em que toda a gente era honesta, e as autoridades respeitáveis. Este reacender do afeto, no entanto, não passava dos estertores finais do seu amor de juventude, e após dois meses de intimidade renovada chegaram à conclusão de que nada mudara – ao fim e ao cabo, não tinham sido feitos um para o outro. O divórcio voltou a estar na agenda, mas agora sob condições inteiramente diferentes; a carteira de ativos do casal tinha-se evaporado no ar, e já só havia as dívidas para dividir. A boa educação parecia ter-se evaporado com os ativos, e o casal, que antes parecia dar-se bastante bem, portava-se agora como dois abutres insaciáveis. Thóra e a advogada da mulher não tinham mãos a medir para os impedirem de andar à pancada sempre que eles se encontravam. Felizmente, nesta tarde, só o marido vinha falar com Thóra.

O cachorro quente que Thóra comprara para o almoço era bastante grande, e

a última dentada foi engolida com alguma dificuldade. Lambeu a maionese que lhe ficara no lábio inferior e deu um gole da bebida com gás que acompanhava o petisco. Sentia-se contente consigo depois da conversa com Glódís. Deu uma vista de olhos pelo impresso com os nomes de todos os que tinham trabalhado no centro; a antiga diretora entregara-lhe a lista, depois de Thóra lhe ter dito que poderia encontrar facilmente os nomes dos membros dos funcionários nos registos do tribunal. Talvez não fosse inteiramente verdade, dado que era improvável que tal lista fosse completa, e não seria nada fácil para Thóra preencher as lacunas. Pela lista de Glódís, apurou que tinham passado pelo centro catorze funcionários a tempo inteiro e dez substitutos e especialistas, o que, na verdade, significava que encontrar todos estes nomes nos relatórios da polícia teria sido uma tarefa hercúlea. Seria impossível falar com todas essas pessoas mas, com perspicácia e com uma boa dose de sorte, talvez conseguisse contactar os que lhe poderiam ser mais úteis. Glódís também lhe dera os nomes dos pais dos residentes que, sem dúvida, teriam sido mais fáceis de encontrar, mas isso poupou a Thóra o trabalho de ter de verificar todos os obituários e notícias de funerais do período subsequente ao incêndio. Tinha a certeza de que algumas dessas pessoas, membros do pessoal ou da família, deviam saber que Lísa estava grávida, porém o nome do pai não constaria provavelmente em nenhuma das listas.

Embora a violação de Lísa tivesse sido um ato ignóbil, a verdade é que tinha precedentes. Nessa manhã, Thóra estivera a ler na internet várias publicações sobre necrófilos, indivíduos cujo fetiche é ter relações sexuais com os mortos. Mas esse desvio sexual repugnante não era nada de novo. O «pai da História», o grego Heródoto, contava como os Egípcios deixavam apodrecer os corpos das mulheres jovens e belas, durante três ou quatro dias, antes de serem entregues àqueles que as iriam ungir, para assim impedirem que fossem desonradas. Claro que Heródoto também era conhecido como o «pai das mentiras», portanto Thóra não sabia até que ponto podia confiar nessa história. No entanto, era evidente, pela leitura que fizera de outros textos, que não se tratava de uma fantasia moderna e invulgar. Cerca de setenta por cento das pessoas que tinham esse

fetiche diziam que sonhavam ter sexo com pessoas que nem resistiam nem demonstravam sinais de as rejeitar. Uma pessoa em estado de semicoma certamente que se incluiria nessa categoria.

Thóra tirou o telemóvel da sua mala de mão, que estava excessivamente cheia, e ligou para o serviço de informações. Optou por preencher o tempo que tinha antes da reunião com o seu cliente a falar com o antigo advogado de Jakob. Este advogado também fora nomeado pelo Supremo Tribunal para supervisor de Jakob. Tentara por várias vezes contactar com Ari Gunnarsson, desde o início da investigação, mas sem sucesso, e ele não tinha respondido às mensagens. Porém, Thóra não tinha outra alternativa a não ser continuar a tentar, dado que o ponto de vista de Ari sobre o caso iria contribuir para a sua investigação. Também era mais adequado pô-lo oficialmente ao corrente das suas intenções do que simplesmente por meio de mensagens deixadas no atendedor automático. O papel de Ari enquanto supervisor consistia em assegurar que o indivíduo que fora considerado criminalmente inimputável não permanecesse numa dada instituição por mais tempo do que o necessário, embora este aspeto particular não tivesse nenhuma influência na reabertura do processo.

Thóra reconhecera de imediato o nome de Ari no dossier. Os seus dados pessoais eram frequentemente ministrados a indivíduos que tinham sido presos e requeriam um advogado. Tanto quanto podia dizer, tratava-se de um tipo decente: não era propriamente um génio, mas também não era nenhum idiota. Lembrava-se de um boato que circulara no mundo dos juristas, segundo o qual Ari estivera perigosamente perto de ser expulso da Ordem por ter estado em bancarrota durante muitos anos, mas, de algum modo, ele escapara a essa punição. Era uma pessoa que parecia não ter particularmente boas referências, o que espicaçava a curiosidade de Thóra em saber quem o tinha escolhido para ser o supervisor de Jakob e porquê. Teriam pedido a Jakob para apontar um nome ao acaso numa lista da polícia, ou fora a mãe que o fizera? Ocorreu a Thóra que se uma pessoa não conhecesse nenhum advogado, aquela não era uma maneira pior do que outra qualquer para escolher um.

Ari atendeu ao segundo toque e parecia estar a meio do almoço. Murmurou

qualquer coisa no sentido de ela aparecer daí a pouco – tinha uma hora livre, e a sua visita seria um pretexto para ele pôr de parte o trabalho chato em que estava envolvido. Desculpou-se por não ter respondido às suas mensagens; ainda não tinha arranjado tempo. Depois de engolir a comida de modo altissonante, parou de balbuciar e deu-lhe de modo inteligível a morada do seu escritório. Como Thóra calculava, era ali perto; poucos eram os advogados que se estabeleciam nos subúrbios. Quando lá chegou, percebeu que a firma de Ari partilhava um corredor com outros escritórios modestos, que incluíam pequenos comerciantes e um dentista. Este último não devia ter saído para almoçar, como se percebia pelo gemido da broca que Thóra ouviu ao passar junto à sua porta fechada.

O escritório de Ari era uma confusão. Ele era obviamente o único a trabalhar ali, porque naquela sala espaçosa só havia uma secretária. As paredes estavam cobertas de estantes cheias de papelada, que parecia ter sido para ali atirada ao acaso. Um sofá que já conhecera melhores dias estava junto à janela, mas ela mal o podia ver, tal era a quantidade de papelada, pastas e livros espalhados por cima dele. Mesmo o chão era usado como arquivador, e Thóra teve a impressão de que não levaria muito tempo a formar-se uma via estreita da porta até à secretária e à cadeira das visitas, de aspeto muito usado. Depois de Ari lhe ter dito para entrar, Thóra sentou-se. Ele estava a falar ao telefone, tratando da venda de um carro, pedindo mais dinheiro do que o seu comprador estava disposto a pagar. Uma sanduíche quase comida ia e vinha num restolhar do papel de embrulho sempre que Ari queria dar uma ênfase particular às suas palavras. Um pedaço de alface caiu das fatias de pão e aterrou no ecrã do computador que estava diante dele. A alface escorregou preguiçosamente, enquanto Ari limpava o sulco de maionese que ficara no monitor. Por fim, desligou, sem ter concluído o negócio do carro, e sorriu para Thóra.

– Desculpe, não pensei que estivesse tão perto. – Thóra começou a balbuciar educadamente que não tinha importância, mas nem chegou a acabar o que dizia, porque Ari a interrompeu. – Bem, mudando de assunto. O que é que posso fazer por si? Disse-me que tencionava reabrir o processo do Jakob. Mas como é possível? – Deu outra grande dentada na frágil sanduíche de pão branco, agora

quase a desfazer-se devido ao seu gesto vigoroso.

Thóra contou-lhe toda a história da sua nova investigação antes de ir direta ao assunto:

– … e dado que o senhor foi o advogado do Jakob, pensei que talvez tivesse alguma informação útil, ou que se pudesse recordar de alguma coisa deste caso que lhe tivesse parecido estranha ou invulgar.

Ari riu-se bruscamente. Era um pouco gordo e, por isso, as suas bochechas balouçavam.

– A coisa mais estranha do caso era o cliente. Era completamente gagá. Nunca mais hei de defender um atrasado mental, ou seja o que for que hoje em dia lhes queiram chamar. Foi como lidar com uma criança demasiado crescida e feia. E como se não bastasse ter tido de defendê-lo, também me nomearam seu supervisor.

Thóra tentou não se sentir demasiado ofendida, esperando que aquele comentário não passasse de um reflexo da insegurança do seu colega. Duvidava que muitos clientes viessem até ali, àquele antro do caos.

– Claro que este jovem tem uma disfunção intelectual, por isso compreendo perfeitamente que a comunicação entre vocês tenha sido difícil. Mas eu estava a pensar em algo relacionado com a investigação ou com o processo. Formarei depois a minha própria opinião sobre ele enquanto pessoa.

– Que sensibilidade! – Outra vez aquele riso desagradável, mas felizmente acabou de modo abrupto. – Sabe, na verdade, sinto-me aliviado por não me terem consultado sobre a reabertura deste caso. Devia sentir-me insultado ou mesmo zangado, mas não o estou, de todo. Foi um dos piores casos de que tratei, e já vi muitos na minha vida. Mas tudo me parecia perfeitamente claro: quanto aos que morreram, foi o melhor que lhes podia ter acontecido, para não estar com rodeios, e é melhor que o Jakob permaneça institucionalizado durante o resto da sua vida. Se a senhora doutora, de facto, acredita que ele está inocente, tudo o que lhe posso dizer é: «Desejo-lhe boa sorte.»

Thóra não sabia ao certo como havia de responder àquela extraordinária declaração. Era, provavelmente, melhor não fazer nenhum comentário; doutro

modo, arriscava-se a provocar uma discussão. Tinha sérias dúvidas de que aquele homem tivesse tratado dos interesses de Jakob com algo que se pudesse assemelhar a integridade profissional.

– Então não reparou em nada que pudesse indicar que alguém, de algum modo, tenha contribuído para o que aconteceu? Estou ciente de que o testemunho do Jakob é contraditório, ao ponto de, por vezes, nem haver razão para questionar a sua culpa, mas, tal como disse, ele comporta-se como uma criança, e elas nunca são consideradas testemunhas fidedignas. Embora tenha levado em conta a sua disfunção, também é muito provável que se tenha ignorado acidentalmente algo que pudesse indicar outra pessoa que não ele. – Enquanto falava, Thóra pensava na má sorte que Jakob tivera em ficar com Ari como seu advogado. Talvez fosse estupendo a medir forças com o sistema judiciário quando defendia a pequena criminalidade, mas era exatamente o oposto do que seria preciso neste caso.

– Não, não me parece.

Thóra não estava convencida.

– Portanto, não houve nada que tivesse vindo à tona em relação à direção do lar, ou outra coisa qualquer, que pudesse sugerir que outra pessoa, além do Jakob, teria razões para destruir a residência?

– Não, nada.

– E aquela jovem paralítica que estava grávida, a Lísa Finnbjörnsdóttir? Acha que seria ir longe demais supor que o pai da criança devia estar ansioso por ocultar a gravidez?

– O quê? – Ari parecia verdadeiramente surpreendido. O seu maxilar inferior descaiu e a boca semiaberta desenhou-lhe um buraco negro no rosto pálido. – Onde é que foi buscar essa ideia?

– Está escrito com todas as letras no relatório da autópsia da rapariga. Estava grávida de quatro meses quando morreu. Desconhece-se quem era o pai, mas é evidente que a conceção ocorreu no centro. Ela quase nunca saía, pelo que me foi dito. – O buraco negro ficou ainda mais aberto, e Thóra teve um vislumbre da ponta cor-de-rosa da língua do homem.

– Não fazia a menor ideia, nem eu nem mais ninguém, tanto quanto sei. Nunca se mencionou isso durante as audiências ou os interrogatórios, ou onde quer que fosse.

– Não é verdade que ninguém soubesse; simplesmente o assunto não foi falado, por consideração pela família. O senhor podia facilmente ter descoberto este facto, mas dado que não o fez, todos puderam respirar melhor.

Ari recuperou rapidamente a sua compostura. Fechou a boca com um pequeno estalo audível e abriu as mãos de modo dramático. Tinha os punhos da camisa gastos, e o tecido do seu fato às riscas, de tão usado que estava, brilhava nos cotovelos. Era óbvio que Ari não ganhava dinheiro suficiente a defender assaltantes.

– Bem. Duvido que esse facto altere seja o que for. Quem iria matar uma porção de gente só para ocultar isso? Compreendo que seja uma coisa embaraçosa e tudo o mais. Mas, quer dizer... – Deixou cair as mãos. – ... Porque não matá-la só *a ela*? Enfiar-lhe uma pastilha ou duas na boca, e acabou-se a história.

Thóra pensou que acabaria por lhe enfiar uma coisa ou duas, se ele continuasse por muito mais tempo.

– Claro que é impossível perceber como e porquê isso aconteceu; estou só a indicar que algo se passava e que alguém queria ocultá-lo, e pode haver muito mais a descobrir. Será que não chegou a ver algo, um pormenor que tenha considerado irrelevante para a estratégia de defesa?

– Não, juro que não me lembro de nada. Dir-lhe-ia, se soubesse. – A sua cadeira rangeu quando se reclinou. Tenho de lhe dizer que estava inundado de trabalho quando me foi atribuído este caso. É possível que não tenha tido tempo para pesquisar cada pormenor. Mas isso é outra história; o mais importante é que isso não tenha feito qualquer diferença. Tudo indicava que o Jakob tinha ateado o incêndio, e o tribunal dificilmente teria sido recetivo a teorias vagas acerca de outros culpados. – Virou-se para a estante vagamente inclinada atrás de si. – Posso fazer uma coisa, evidentemente, que é emprestar-lhe a documentação. Ainda a tenho algures por aqui. – Olhou em redor e sorriu maliciosamente para

Thóra. – Não sou o género de pessoa que deita as coisas fora, como já deve ter percebido. – Ela não lhe devolveu o sorriso.

– Já tenho a maior parte do material, que me foi dada pela mãe do Jakob. Ela guardou tudo o que lhe foi parar às mãos.

– Isso é apenas uma pequena parte. Ela também pode ficar com isto, se quiser. – Extraiu documentos atrás de documentos da estante. – Era uma mulher já com alguma idade, já não adiantava mostrar-lhe nada. E caso a colega seja particularmente suscetível, devo avisá-la, antes de ler, que há aspetos deste caso que são um pouco… repugnantes. Mais outra razão por que não me debrucei devidamente sobre ele. Passava-se ali muita coisa; era demasiado estranho e lixado para a minha cabeça.

– Como assim? – Thóra não entendia aonde ele queria chegar. Tendo em conta as suas declarações anteriores, podia muito bem dar-se o caso de ter sentido tanta repulsa pelas descrições dos pacientes disfuncionais e pelo trabalho do lar que tivesse resolvido pôr de parte o caso.

– Toda aquela gente era muito esquisita... os residentes, está bom de ver, mas o pessoal também. Esses ditos profissionais prestaram testemunho no tribunal, uns a seguir aos outros, e as coisas que lhes saíam da boca eram tão estranhas que, quando terminaram, eu não era o único que tinha ficado farto. A seu ver, nós todos devíamos deixar as nossas profissões e começar a fazer algo de nobre, como tomar conta dos deficientes. As pessoas podem dizer que o trabalho que eles fazem é incrível, mas acho que este não se deve só à bondade dos seus corações, se me está a entender. Havia algo de estranho que se passava.

Thóra clareou a voz com veemência, em parte para se impedir de começar aos gritos. Ari estava agora a dizer qualquer coisa a sugerir que essas pessoas deviam ser todas metidas numa picadora, mas Thóra já não o estava a ouvir. Poderia alguém, que sentisse o mesmo que Ari, ter incendiado o lar em virtude só do seu ódio a essa gente menos afortunada? Tinha-se passado muita coisa desde que o dinheiro do país se evaporara, e algumas pessoas deviam sentir ressentimento por ainda serem atribuídos fundos a estas causas. Ainda assim, seria preciso mais do que um grande azedume e uma mente mesquinha para

fazer algo tão drástico como matar cinco pessoas.

– Havia mais alguma coisa, além do pessoal especializado, que o irritou neste caso?

– Muita coisa. – O ar ultrajado perante as manigâncias do centro desapareceu lentamente do rosto de Ari e foi substituído por uma expressão mais séria. Desviou o olhar e fitou a desordem da papelada sobre a sua secretária, em vez de olhar diretamente para Thóra, como fizera até agora. – Acho que o que mais me frustrou foi perceber que imenso dinheiro foi injetado na construção deste centro, mas não noutros empreendimentos semelhantes. Investiguei um pouco, para ver se seria normal instalar equipamentos e pessoal num centro como se fôssemos um império rico em petróleo, e não era. Este centro só teve tanto dinheiro investido nele porque um dos futuros residentes tinha ligações em altas esferas. Foi aceite em vez de outros que estavam na lista de espera, e isto é só a ponta do iceberg. A corrupção está por toda a parte, como sabe. – A súbita expressão de horror no rosto de Ari, que ele tentou imediatamente esconder, levou Thóra a pensar que ele dissera algo que não queria.

– O que quer dizer? Qual dos residentes? – perguntou Thóra. Ari levantou as mãos. – Desculpe, mas não me lembro. Vou saber e depois mando-lhe um e-mail. – Não lhe pediu o endereço dela, portanto era evidente que aquele e-mail nunca seria enviado. Thóra teria de descobri-lo doutro modo.

– Será que essa corrupção, ou seja lá o que for, poderia ter sido a razão oculta do incêndio? – Thóra não fazia a menor ideia de como isso poderia ser, mas talvez alguém, cujo filho não tivesse sido admitido, tivesse perdido a cabeça ao saber que o filho de outra pessoa com melhores contactos havia passado à frente de toda a gente na lista de espera.

– Não. – Ari abanou a cabeça. – Já lhe disse que o Jakob é o único culpado. Foi ele que ateou o incêndio e não há mais nada a dizer. Talvez não tenha pensado nas consequências, mas foi ele. Não se está a dar bem em Sogn? Não deve ser muito diferente da vida naquele centro.

A imagem de Jakob comprimindo o rosto contra a janela, no dia em que Thóra visitara a Unidade Psiquiátrica de Segurança, cruzou o espírito da

advogada.

– Eu acho que ele não se sente nada bem lá. Mesmo nada.

– Ahh … – A expressão de simpatia de Ari era inteiramente desprovida de sinceridade. – Bem, pelo menos, as pessoas nessa unidade são mais parecidas com ele. O outro lar era uma misturada de malucos de todo o tipo, percebe? Aqueles pobres desgraçados não tinham nada em comum. Foi outra ideia merdosa dos burocratas.

– Ah sim?

– Alguém teve a ideia genial de tentar gerir uma instituição para indivíduos com diferentes tipos de disfunções. Era suposto ser um plano diretor, por alguma razão, embora eu nunca tenha percebido qual. Fizeram imensa pressão sobre a mãe do Jakob para ele ser lá colocado. Precisavam de um mongoloide; hoje em dia fazem-se abortos para evitar estes casos, o que significa que não havia muitos do seu grupo etário, quando se fez a seleção dos que seriam admitidos.

– Síndrome de Down. – Thóra teve de o corrigir. Ari desconhecia nitidamente os termos adequados para se referir a pessoas que escapavam à sua estreita definição de normalidade. E pensar que ela tinha estado preocupada com as palavras que utilizava.

– Como queira.

– Mas a pessoa que passou à frente das outras na lista de espera não cumpria os requisitos de um tipo específico de disfunção, que os outros não tinham?

Ari agitou as mãos como se estivesse a ser incomodado por uma mosca invisível.

– O quê? Não... era um autista e há dúzias deles. Mas isso não é detetado nas ecografias, percebe? – Piscou o olho a Thóra, de modo cúmplice.

– Certo. – Thóra esforçou-se por não franzir o sobrolho; não tinha a menor vontade de encorajar mais comentários daqueles, mas também não queria que o homem ficasse irritado e se recusasse a emprestar-lhe os documentos. Todo este encontro estava a ser um martírio, mas tinha de aguentar até ele lhe entregar a resma de papéis que estava na iminência de cair sobre a papelada dispersa pela secretária. No entanto, uma coisa pelo menos era clara: a pessoa que tinha

passado para a frente da lista devia ser Tryggvi, o residente autista.

Ari, de súbito, espetou uma mão para a frente, e quase fez cair a resma de papéis.

– Por isso, já sabe o que a aguarda… – Desabotoou os botões do punho da camisa e enrolou-o para cima, deixando à mostra um braço cor-de-rosa e gordo que há anos não devia mexer uma palha no que tocava a exercício físico. No meio do braço, via-se uma cicatriz grande e brilhante em forma de ferradura de cavalo. – Foi o Jakob, o seu cliente, quem me fez isto. Vê-se logo como é uma pessoa doce e inocente.

Thóra não conseguiu despregar os olhos daquela pele irregular e com mau aspeto.

– O que aconteceu?

Ari puxou a manga para baixo.

– Mordeu-me. Tirou-me um bocado de carne.

– Sem ter sido provocado?

– Claro, acha que eu o irritei de propósito? – Voltou a abotoar o punho. – Ele empurrou-me sobre a mesa em que estávamos sentados e mordeu-me.

– De que é que estavam a falar?

– De qualquer coisa em relação ao caso. Não me lembro ao certo do quê, mas não era nada de perturbador ou significativo.

Ari empurrou os documentos cautelosamente até ficarem a poucos centímetros de Thóra.

– Nem sequer participei o sucedido, por isso ninguém pode dizer que eu não tenha protegido os interesses do meu cliente. Devia ter desistido do caso, claro, mas estávamos quase a ir para tribunal e, estupidamente, não me sentia à vontade com a ideia. A senhora, por outro lado, ainda pode desistir, e é isso que eu lhe recomendo. Uma cicatriz destas, para si, seria mais prejudicial do que para mim. E eu não fui a única pessoa que ele feriu: atacava frequentemente as pessoas que viviam com ele, tanto membros do pessoal como residentes. Esta não é a única cicatriz que ele traz na consciência. Tem tendência para a violência, e não é de espantar que fosse culpado, não há mais que se possa dizer.

– Não se lembra porque foi escolhido para defender o Jakob? Depreendo, de tudo o que me acabou de dizer, que ele não era propriamente o tipo de cliente para quem gostaria de trabalhar.

– Não, de todo. É o pior cliente que alguma vez tive. – Ari deu a impressão de estar a ponderar, mas não era convincente. – Mas como acabei por defendê-lo…? Não me consigo recordar. Talvez a polícia me tenha sugerido. – Sorriu e deu uma palmadinha na resma dos documentos. – Foi um erro tremendo ter aceitado este caso, mas, como lhe disse, ainda pode desistir. O raio do braço ainda me dói.

Thóra pegou nos documentos. Não tencionava desistir do caso, mas sabia que teria de tomar muito cuidado com Jakob.

– Obrigada por me avisar. – Tinha combinado encontrar-se com o seu cliente no dia seguinte em Sogn e, decididamente, levaria Matthew consigo. Não ficaria a sós com Jakob, isso era mais do que certo.

Capítulo 8

Sexta-feira, 8 de janeiro de 2010

A REUNIÃO COM A ADVOGADA correra pior do que Glódís alguma vez imaginara. Na verdade, antes não pensara muito naquilo de que iriam falar, estava convencida de que não seria complicado persuadir essa Thóra da culpa de Jakob e, a seguir, a não levar a investigação adiante. No seu espírito não havia a menor dúvida em relação ao papel que ele tivera naquele ato nefando, pelo que a tarefa devia ter sido fácil para Glódís, mas nunca pensara que aquela mulher estivesse tão bem preparada e que a conversa tomasse aquele rumo inesperado. Como poderia ter sabido que a advogada tivera acesso a todos os documentos sobre o caso? Glódís pensara que tinham sido arquivados, depois de a sentença ter sido pronunciada. Não fazia a menor ideia do que a levara a fazer tal suposição, mas enganara-se redondamente. Que confusão tremenda! Não podia suportar a ideia de o caso ser reaberto. Já tivera muitas consequências na sua carreira e só agora, finalmente, se estavam a dissipar as repercussões do processo. Glódís já perdera a conta das reuniões para que fora convocada por causa de tudo o que tinha surgido ao longo das investigações e do julgamento. Durante esse tempo, sentira-se como uma estranha no seu local de trabalho: ninguém falava com ela por sua

livre iniciativa, com medo de que a sua falta de popularidade junto dos superiores fosse contagiosa. Não sabia como aguentaria passar por tudo isso outra vez, se voltasse a acontecer.

Uma sensação familiar de angústia começou a invadi-la. Como podia tudo ter corrido tão mal? Sempre lhe parecera que era uma boa ideia, independentemente do que qualquer pessoa pudesse ter dito a seguir. De um dia para o outro, Glódís tornara-se uma espécie de estrela em ascensão no contexto da organização. Antes de ela ter sugerido um lar comunitário unificado, encontrar residências para os deficientes era como juntar pares de peúgas depois da lavagem. Os cegos para aqui, os paralíticos para acolá, e os autistas noutro sítio qualquer. Ups, aqui está um com uma demência grave – oh, muito bem, é o único, não se pode fazer nada por ele. Por fim, a sua proposta fora acolhida com grande expectativa e implementada a grande velocidade; a economia da Islândia estava a crescer bastante, as pessoas sentiam-se entusiasmadas e havia imenso dinheiro. Se a experiência resultasse, mais centros deste tipo seriam construídos assim que os recursos orçamentais o permitissem. Quando a informaram de que estavam a pensar nela para dirigir essa unidade inovadora, foi como se o destino lhe sorrisse, sobretudo depois de ter sido diretora-assistente durante dez anos, ao longo dos quais fora obrigada a tratar dos assuntos mais cansativos e difíceis por um diretor que apenas se ocupava dos mais agradáveis. Agora era a oportunidade de Glódís se dar esse luxo. Mas o seu período de êxtase foi de curta duração.

Jakob, o diabo desse Jakob. Se ela não tivesse insistido tanto na sua admissão, ainda estaria agora no seu pequeno escritório naquele novo e simpático lar, a verificar, de vez em quando, recibos com contas de supermercado ou a tirar algum tempo para ver na internet lugares soalheiros onde poderia passar as férias de verão. Mas não. Agora estava sentada na Delegação Regional para os Deficientes, a atender telefonemas de familiares, cujo único papel na vida parecia ser o de a irritar. Quando haverá uma vaga? A cadeira de rodas tornou-se demasiado pequena. Não é possível aumentar as horas de cuidados da minha filha? Pedidos incessantes que ela dificilmente conseguiria

satisfazer, e com poucos agradecimentos pelo trabalho que tinha. Agora, desde que tinham imposto tremendos cortes e poupanças, parecia que as poucas conversas positivas que tivera com os clientes da Delegação, ou com os seus familiares, se tinham tornado uma coisa do passado. A possibilidade de satisfazer os desejos das pessoas de tempos a tempos dera um pouco de cor aos seus dias monótonos. No entanto, a sua vida sofrera uma transformação completa. Tudo por causa de Jakob.

Sentiu uma palpitação dolorosa na parte de trás da cintura que lhe subiu pela coluna e se lhe alojou no pescoço. Glódís gemeu suavemente e esfregou com a mão a área que lhe doía, atrás da cabeça. Não sentiu grande alívio, como sabia de antemão. Ainda não tinha conseguido livrar-se da dor de cabeça. O médico dissera-lhe que eram as consequências das lesões que sofrera quando lhe tinham batido com força com o cabo de uma vassoura na região lombar. Duas vértebras haviam ficado comprimidas e pouco havia a fazer, exceto uma intervenção cirúrgica de grande envergadura em que não havia garantia de sucesso. Mais uma vez, culpa do Jakob. Ele tinha-a atacado pelas costas, sem ter sido provocado, e a pancada fizera-a chocar contra uma cadeira de rodas, no corredor. A pancada fora tão forte que nem sentira o impacto inicial; o medo de ficar paralisada fora o pior de tudo, e Glódís chorara de alívio ao sentir as pernas doridas. Felizmente, outros membros do pessoal tinham aparecido e retirado Jakob, porque ele, provavelmente, teria continuado a espancá-la com o cabo da vassoura. De qualquer modo, quando abriu os olhos, ele estava de pé a olhar para ela com a sua expressão habitual, todo encabulado. E agora aparece a tonta desta advogada a pensar que o tipo está inocente. Mudaria de opinião num ápice se lhe batessem. Glódís deu por si a pensar que até gostaria que isso acontecesse.

– Vai haver uma reunião rápida daqui a dez minutos. Vamos continuar a debater os cortes. – O facto de a mulher que estava à porta ter vindo chamá-la era mais um sinal de que essa história do incêndio estava a entrar no coma profundo do esquecimento. Se ao menos pudesse permanecer assim como a Bela Adormecida, tudo seria perfeito outra vez.

– Obrigada. Já vou. – Glódís adotou uma das suas expressões mais sofridas e

continuou a esfregar o pescoço. – Estou a morrer de dores. Isto nunca mais passa.

– Tome um analgésico. – A mulher desapareceu da porta sem evidenciar a menor empatia. Glódís teria um longo caminho a percorrer, sobretudo se esta advogada começasse outra vez a abanar tudo. Glódís precisava de se assegurar de que isso não acontecia; tinha medo de ser simplesmente despedida. Os cortes significavam, inevitavelmente, reduções do pessoal, e ela estaria entre as primeiras pessoas a serem despachadas. E então, o que sucederia? Havia poucos empregos disponíveis, em virtude da recessão, e os subsídios de desemprego eram baixos e não duravam muito tempo. Estava a par dos requisitos necessários para pedir baixa por incapacidade, retirando vantagem da sua lesão nas costas, mas receberia muito pouco. Tinha alguns planos de emergência, no entanto; por exemplo, trabalhar arduamente e tão bem que fosse considerada insubstituível, contactar o sindicato e fazer com que ficassem do seu lado, ou jogar a carta de trunfo que guardaria até que todas as outras saídas estivessem fechadas. Podia ser que esse tempo estivesse próximo.

De momento, contudo, tinha de tomar uma decisão urgente. Deveria falar aos seus superiores hierárquicos da visita da advogada e da possível reabertura do processo, ou manter-se em silêncio? Evidentemente, seria pior se eles descobrissem depois, sem que ela lhes tivesse dito nada. Por outro lado, qualquer esperança de que aquilo fosse uma coisa passageira desapareceria mal abrisse a boca.

Glódís tinha dificuldade em concentrar-se devido à dor que sentia no pescoço. Deixou pender a cabeça sobre o ombro e fechou os olhos. Graças a um esforço de concentração, esvaziou o espírito de todas as preocupações. Contudo, essa espécie de autoconsolação não a ajudou muito, visto que abriu o caminho para outros pensamentos perturbadores. *Olha para mim. Olha para mim. Olha para mim.* Esta frase não deixou de se repetir até ela abrir os olhos.

Glódís enxugou uma lágrima que se tinha lentamente formado. Era um pequeno ponto húmido nas costas da sua mão, que desapareceu rapidamente mas que deixou um sulco cinzento de maquilhagem, o qual seria impercetível se ela

não soubesse que lá estava. Isso lembrou-lhe amargamente o seu trabalho enquanto diretora do centro: durara muito pouco tempo, mas conseguira deixar-lhe uma mancha negra na alma.

O enfermeiro sabia que estava a esquecer-se de algo, mas não fazia a menor ideia do que podia ser. O seu turno estava a terminar, e não era a primeira vez que tinha semelhante impressão que persistia até ao fim do dia. Tinha um trabalho intenso e era-lhe impossível acabar tudo; na maior parte das vezes tinha de adiar visitas aos pacientes e nem sempre podia ficar tranquilamente à conversa com eles, como gostaria. As tarefas estritamente necessárias tinham prioridade e, nos últimos tempos, a falta de pessoal significava que tinham de ser divididas por menos mãos. Na verdade, não receava ter-se esquecido de algo importante; administrara todos os remédios requeridos e os pacientes que estavam programados para fazer análises ou raios X tinham ido e vindo. Não, isto era algo diferente.

– Como está o seu estômago? – Inclinou-se para um homem de idade que estava curvado numa cadeira de rodas parada no corredor. O homem embarcara numa jornada demasiado longa e não conseguira atingir o seu destino, fosse ele qual fosse.

– Que horas são? – As suas gengivas cor-de-rosa brilharam. Tinha a dentadura ao colo; cada palavra sua era acompanhada por um estalido húmido.

– São quase quatro da tarde, meu amigo.

– Você é o médico? – Mais estalos secos, e a última palavra custou-lhe tanto a dizer que um pequeno fio de saliva lhe correu até ao pescoço.

– Não, sou o enfermeiro, não se lembra? Medi-lhe a tensão arterial há pouco. – Postou-se atrás da cadeira de rodas. – Quer que o ajude a voltar para a sala de estar? Pode ver televisão antes do jantar ou desfrutar da vista lá para fora.

O pescoço cheio de tendões do idoso deu um estalo, quando ele tentou virar a cabeça para olhar para o enfermeiro, mas só conseguiu virar a cabeça o suficiente para que um olho encontrasse o olhar do outro. Tinha uma expressão desconfiada e cheia de dúvidas, mas o jovem enfermeiro há muito que se

acostumara a ver esta expressão no rosto dos pacientes muito idosos. Eram pessoas doutros tempos, quando todo o pessoal de enfermagem era feminino. De qualquer modo, esses pacientes eram cada vez menos, e o enfermeiro nunca ficara ofendido com as suas suspeitas nem deixara que isso o enervasse. A certa altura, num futuro distante, também ele estaria sentado numa versão mais avançada da mesma cadeira de rodas, a olhar com olhos amarelados para tempos novos, tempos que tinham mudado e que ele não compreendia. Empurrou a cadeira de rodas até à sala de estar e posicionou-a de molde a que o velhote pudesse optar entre ver televisão ou olhar a vida do outro lado da janela.

A sala de serviço estava em ordem, pelo que não era limpá-la nem acabar o trabalho administrativo que o preocupava. Um registo médico estava sobre a mesa, pegou-lhe para o pôr no seu lugar. Ninguém podia dizer que deixava trabalho por fazer para o turno seguinte. A pasta caiu no chão, abriu-se e um pedaço de papel deslizou dela. Apanhou-o enquanto caía e, mal viu a caligrafia feminina, lembrou-se do que tinha esquecido; nem precisava de ler para se lembrar. Tinha-se esquecido de chamar um terapeuta do desenvolvimento para falar com aquela pobre jovem rapariga do Quarto 7, como lhe pedira a sua colega Svava, do turno da noite. Apressou-se a ligar o número interno, mas não obteve resposta. Não era um bom sinal. Eram quase quatro da tarde e os terapeutas do desenvolvimento não providenciavam um serviço de 24 horas por dia. Raios.

Não havia mais nada a fazer, a não ser visitar a rapariga e ver se seria capaz ele próprio de fazer alguma coisa. Tanto quanto sabia, nenhum médico viria antes de o seu turno acabar e, de qualquer modo, não havia garantia de que um médico pudesse fazer mais do que ele. Pelo menos, tentaria comunicar com a rapariga, por forma a informar o turno que vinha a seguir – se, de facto, houvesse algum problema. A nota referia um ritmo cardíaco acelerado e ansiedade que poderiam ter sido provocados por um pesadelo, mas era necessário descobrir se qualquer incómodo suscetível de ser tratado estaria a perturbar a doente. Era extremamente complicado lidar com pacientes que tinham muitas dificuldades em comunicar ou que não comunicavam de todo; só

eles podiam descrever a maior parte dos seus sintomas, o que tornava qualquer diagnóstico mil vezes mais difícil do que o costume, se não mesmo impossível. Aquela rapariga era o pior exemplo deste problema que encontrara até agora, e o departamento não estava devidamente equipado para lidar com tais casos. Assim, o enfermeiro não possuía experiência prévia em que se basear para comunicar com esta paciente, e tinha de admitir para consigo mesmo que passara o mínimo de tempo possível com ela. Havia naquela completa imobilidade algo que o perturbava. Esperava que, para bem dela, ele fosse o único a sentir-se daquela maneira, mas no seu íntimo sabia que não era esse o caso.

No interior do quarto, ouvia-se um bip abafado, proveniente do eletrocardiógrafo, ao qual a rapariga estava ligada desde o incidente da véspera. As leituras do dia já tinham sido recolhidas para o médico, que a observaria depois do jantar. Alguém teria de verificar a informação que neste momento estava a ser produzida, mas, por ora, o enfermeiro sentia-se grato por a diligente agulha que se movia continuamente sobre o papel mostrar que ainda existia vida na rapariga. Quase não havia mais nenhuma evidência que o confirmasse: o seu corpo magro jazia praticamente imóvel sob o cobertor, e uma pessoa tinha de concentrar-se para notar os quase impercetíveis movimentos do peito, que mal se movia quando ela respirava. A rapariga estava a olhar para o teto e parecia não se ter apercebido da sua chegada, embora o enfermeiro soubesse que ela podia ouvir perfeitamente.

– Olá, Ragna, como está? – Dirigiu-se até ela e agarrou a sua mão pálida e ossuda. Uma agulha tinha sido inserida numa cânula nas costas da mão, e ele desconfiava que metade do peso que agora ali descansava pertencia ao invólucro de plástico cor-de-rosa e à ligadura que o mantinha no lugar. A ligadura devia estar enrolada em torno da cânula, apenas porque esse era o procedimento de rotina, pois não se corria o risco de a rapariga bater com a agulha contra as coisas em que tocasse. A sua mão não se movia, a não ser que fosse movida. O enfermeiro afagou a mão dela em redor da cânula de plástico, sabendo que ela tinha plena sensibilidade. Que existência terrível, terrível.

Os olhos da rapariga moveram-se e ela pestanejou. Ele aproximou-se um

pouco mais e sorriu-lhe.

– Tenho de confessar uma coisa: esqueci-me de pedir ao terapeuta que viesse falar hoje consigo. Mas prometo que não me vou esquecer outra vez, e pode ficar zangada comigo se ele não vier vê-la amanhã. Vai ser a primeira visita da manhã. – Sorriu outra vez, perturbado pelo facto de ela parecer tão irreal. Uma boneca em tamanho natural que não se conseguia mexer. Continuou a sorrir, mas agora com um sorriso triste, embora fosse suposto alegrá-la. Claro que a rapariga não lhe devolveu o sorriso e, em vez disso, olhou para ele com os seus grandes olhos assustados. O enfermeiro não sabia por que razão achava aqueles olhos assustadores: talvez porque o olhar dela lhe lembrava o de um gatinho doente que ele uma vez tratara, numa débil tentativa de brincar aos veterinários, a pedido de uma senhora de meia-idade que vivia no apartamento ao lado. Como sabia que ele trabalhava no hospital, a vizinha pedira-lhe que visse o bichano, que estava doente e muito quente. Ele protestara e dissera que não percebia nada de animais, mas de nada lhe servira. No entanto, não fora a opinião da sua vizinha que o incomodara, mas os olhos do gatinho que o fixavam, enquanto o seu coração batia descompassadamente no seu pequeno peito. O pobrezinho percebera que dependia inteiramente do homem que o tinha nas mãos: podia atirá-lo ao chão, esmagá-lo ou acariciá-lo – que foi o que ele fez, naturalmente. A rapariga encontrava-se na mesma situação: estava tão desamparada que toda a sua existência dependia de terceiros. Se não a alimentassem, ou se não lhe dessem água, cuidados e tudo o mais de que uma pessoa precisa, teria os dias contados. Devia ser uma sensação terrível, sobretudo num lugar novo, onde ela não conhecia ninguém.

– Está à espera de visitas para esta tarde? A sua mãe ou o seu pai? – Eles, pelo menos, saberiam comunicar com a rapariga, mesmo que a maioria do pessoal não fosse capaz disso. Ela piscou os olhos por duas vezes e ele ficou a saber que queria dizer «não». Não tinham ensinado ao enfermeiro mais do que *sim* ou *não,* tal como não lhe haviam ensinado linguagem gestual, para a eventualidade de uma pessoa surda estar internada.

– Vou dizer ao pessoal do turno da noite que eles têm de lhe perguntar como

se sente ou se está com dores, combinado? – Ela piscou os olhos por uma vez. – Sente dores? – Ela piscou os olhos por duas vezes, mas ele continuou sem saber como é que ela realmente se sentia. Os pais teriam de conseguir obter mais informação, saber ao certo do que se queixava. Ficou com pele de galinha nos braços, porque mais uma vez não conseguia deixar de se perguntar como é que seria viver só na mente, não sendo o corpo mais do que uma concha sem vida.

Para impedir que ela notasse como ele se sentia pouco à vontade na sua presença, voltou-lhe rapidamente as costas e fingiu que estava a verificar o saco de soro.

– Talvez gostasse de ver televisão? Há filmes até às seis, no canal do hospital, e tenho a certeza de que haverá algo que interesse. – Inclinou-se para a erguer ligeiramente na cama e apertou-lhe, debaixo dos braços, uma correia concebida para o efeito, de modo a impedir que ela escorregasse. Puxou a televisão para mais perto, ligou-a e sintonizou o canal dos filmes. No ecrã apareceram dois atores americanos que reconheceu, embora não se lembrasse dos nomes. Não sabia que filme era aquele e só podia esperar que ela gostasse de vê-lo.

– Ora bem. O meu turno está quase a acabar, mas vemo-nos amanhã de manhã.

Ao chegar à porta, virou-se para trás. Até então tinha evitado o seu olhar, e ficou perplexo ao ver que ela o seguia com os olhos que piscavam sem parar.

– Até amanhã. – Saiu para o corredor, meio envergonhado por não voltar para junto dela. Provavelmente, tinha algo para lhe dizer, mas ele sentia-se tão pouco à vontade na presença da rapariga que não confiava em si mesmo para tentar perguntar-lhe o que se passava. O tempo que lhe restava do seu turno seria melhor empregue escrevendo um bilhete destinado aos pais dela. Eles poderiam falar com a jovem e descobrir o que a estava a incomodar. Assim que tomou essa decisão, sentiu-se um pouco melhor.

Como havia ele de saber que ela nunca tinha visitas?

Capítulo 9

Sábado, 9 de janeiro de 2010

A VIAGEM ATÉ SOGN PARECIA INTERMINÁVEL. O tempo estava horrível – nevava e fazia vento, e o piso estava gelado e lamacento –, e Thóra tinha a impressão de que o local de chegada ficava cada vez mais longe. O embaraço que reinava entre os passageiros também não ajudava; Matthew conduzia, enquanto Thóra fazia repetidas tentativas para manter uma conversa com Grímheidur, a mãe de Jakob. Thóra julgava essencial que ela os acompanhasse naquele primeiro encontro formal com o seu cliente. Grímheidur permanecia quase imóvel no banco de trás e parecia aterrorizada, segurando a pega por cima da janela com toda a força. Dissera a Thóra, numa voz débil, que não tinha carta de condução, o que a fazia sentir-se bastante ansiosa quando as condições da estrada eram tão más. Acrescentou que essa era a razão por que raramente vinha visitar Jakob durante o inverno, embora durante o verão tivesse dificuldade em arranjar uma boleia. Não tinha muitos amigos e, claro, os familiares não tinham mãos a medir com as próprias vidas; não se sentia à vontade para lhes pedir que percorressem a longa distância até à região rural a leste de Reiquejavique. Era mais fácil quando Jakob estava na residência comunitária, embora tivesse de andar a pé

uma distância considerável, desde a paragem de autocarro. Concluiu o seu pequeno discurso agradecendo sinceramente a Thóra pela gentileza de a ter trazido: já fazia mais de um mês desde a sua última visita. Thóra ficou em silêncio depois de a ouvir; a situação entre Grímheidur e o filho era mais triste do que pensara. Ao mesmo tempo, esperava que ela não tivesse demasiada esperança de que aquela fosse uma visita normal.

Enquanto o automóvel avançava, Thóra, com muito tato, perguntou-lhe como fora o relacionamento dela e de Jakob com o advogado Ari Gunnarsson, e recebeu a resposta de que estava à espera: fora bastante tenso. Tinham tido muito pouca sorte com a escolha do supervisor de Jakob; Thóra verificara todos os documentos que Ari lhe dera e quase não havia sinais de que ele os lera. Não havia notas rabiscadas nas margens, nem cantos de páginas dobrados, e, tendo em conta como ele era descuidado e trapalhão, era improvável que tal se devesse a alguma tendência para manter os documentos limpos e arrumados. Grímheidur disse que Ari não mostrara qualquer compreensão em relação às limitações de Jakob e que estava sempre à espera que o rapaz fizesse coisas que era incapaz de fazer: tomar notas, ler depoimentos e criticá-los, e por aí afora. Também fora indelicado tanto com Jakob como com ela, e não parecia ter-se esforçado muito na defesa, embora Grímheidur tivesse salientado que não percebia nada dessas coisas e que não estava habilitada a julgá-lo. Thóra continuou a conversa perguntando-lhe como fora Ari escolhido para advogado de Jakob, e Grímheidur respondeu que ele lhe telefonara na manhã a seguir a Jakob ter sido encontrado a vaguear, depois do incêndio, e quando tivera início o processo da sua detenção formal. O processo não se afigurava fácil, dado que Jakob era menor e muitas pessoas tinham de ser convocadas, incluindo a mãe, enquanto sua tutora. Grímheidur não sabia como Ari obtivera o seu número de telefone, mas acreditava que a polícia ou alguém implicado na detenção lho tivesse dado. Ela não fazia ideia de como essas coisas funcionavam e, quando o advogado se propusera defender o filho, Grímheidur aceitara. Por essa altura, pensava que tudo não passava de um erro que em breve seria corrigido. Quando percebeu que assim não era, não quis dar-se ao trabalho de mudar de advogado – até julgara

que era demasiado tarde, dado que iam tentar acelerar o processo tanto quanto possível.

Thóra permaneceu em silêncio durante todo o relato de Grímheidur, embora achasse aquilo tudo bastante estranho. O incêndio ocorrera numa noite de sábado e a detenção formal fora efetuada na manhã seguinte. Os advogados não tinham o costume de telefonar às pessoas oferecendo-lhes os seus serviços, muito menos, num domingo de manhã. Como é que Ari soubera do caso? Thóra nunca antes ouvira dizer que a polícia entrava em contacto com os advogados para lhes dar dicas acerca de possíveis clientes, o que a levou a pensar que a explicação de Grímheidur era improvável. No entanto, com toda a confusão à roda do nível de desenvolvimento de Jakob e do seu estatuto legal, talvez se tivessem seguido procedimentos pouco ortodoxos, embora Thóra duvidasse dessa hipótese. O mais certo era as autoridades terem querido cumprir tudo à risca.

O vento amainara e a neve tinha quase parado de cair quando finalmente chegaram à Unidade Psiquiátrica de Segurança de Sogn. O sol começou a surgir no horizonte, lançando os seus raios impiedosos sobre a camada de neve. Tiveram de proteger os olhos enquanto aguardavam à porta de entrada por alguém que respondesse ao videoporteiro. Houve uma grande confusão devido à presença de Matthew, dado que Thóra se esquecera de informar o centro de que ele a acompanharia. Depois de uma troca de palavras, foi-lhe permitido acompanhá-la enquanto seu assistente. Também houve uma demora pelo facto de Grímheidur ter trazido dois sacos de plástico cheios de mantimentos para o filho. A pobre mulher teve de entregar tudo o que trouxera, e o conteúdo dos sacos relembrou Thóra de como ela própria era uma terrível cozinheira. Ali estava uma lata de chocolates *Mackintosh c*heia de donuts, uma pilha de biscoitos, metade de um presunto envolto em papel celofane, tarte de ruibarbo e um sortido de outros bolos e pães, tudo feito em casa. Grímheidur devia ter passado a noite a preparar tudo aquilo. A comida voltou a ser posta nos sacos, que depois foram levados para um quarto de arrumações. Por fim, conduziram-nos à mesma sala um pouco dilapidada, com ar de sala de família, onde Thóra conhecera Jósteinn. Gostaria de aproveitar a viagem para falar com ele a propósito do custo da

investigação, mas não podia deixar de se sentir aliviada por ele ter outros compromissos. Não queria, propriamente, voltar a encontrar-se com ele.

Sentaram-se no sofá e tentaram ficar à vontade, embora o assento estivesse muito descaído: Grímheidur optou por sentar-se numa ponta do sofá, obviamente à espera que fosse permitido a Jakob sentar-se junto dela, uma vez que puxou uma poltrona grande para perto de si antes de se sentar. Thóra não disse nada; quanto melhor se sentissem a mãe e o filho, mais relaxado estaria Jakob, e mais provável seria falar. Quando por fim apareceu, acompanhado por um membro do pessoal, a mãe já tinha arrumado as almofadas bordadas pelo menos quatro vezes no lugar que lhe tinha preparado. Deram um longo abraço antes de ele se afundar na poltrona. Não demorou muito a juntar as almofadas que estavam debaixo dele e a deixá-las cair ao chão. Thóra e Matthew permaneceram calmamente sentados, enquanto a mãe lhe perguntava como se sentia, se estava a comer bem e se continuava a lavar os dentes durante dois minutos todas as manhãs e noites. Ele respondeu a todas as perguntas da mesma maneira:

– Quero ir para casa. – Por fim, Grímheidur apresentou-o a Thóra e a Matthew, a quem Jakob não prestara a menor atenção.

– Esta é a Thóra. É uma advogada. Como o Ari, mas muito melhor. Ela é boa, e talvez, só quero dizer *talvez*, ela possa ajudar-nos a voltares para casa.

Jakob olhou para ambos, um de cada vez, e franziu as sobrancelhas. Parecia ter dormido mal, tinha o cabelo despenteado e restos brancos de saliva e de pasta de dentes nos cantos da boca. As suas calças eram demasiado curtas e a camisola de lã estava muito usada e demasiado larga. Por que razão não era possível manter as pessoas devidamente apresentáveis naqueles sítios?

– Quero que eles se vão embora. Quero falar contigo, Mamã. Só contigo. Porque não podes viver aqui, já que eu não posso ir para casa? – Dizia tudo quase em simultâneo, como se tivesse pouco tempo. Talvez pensasse que teria mais hipóteses se falasse tão depressa que fosse impossível perceber as palavras.

– Olá, Jakob. – Thóra interrompeu-o e estendeu-lhe a mão. Visto que ele não lha apertava, retirou-a. – Seria bastante melhor se pudesses voltar para casa. Tal como disse a tua mãe, eu vou ver se isso é possível, mas tens de me ajudar um

bocadinho. – Jakob mantinha uma expressão cética, e agora parecia mesmo um pouco irritado. – Preciso de te fazer algumas perguntas e tens de me responder de modo verdadeiro e correto. Isto não vai ser como quando as outras pessoas falaram contigo; podes contar-me tudo, que eu nunca me vou zangar. Quero ser tua amiga e tu podes confiar nos teus amigos.

– Como é que te chamas? – Não era bom sinal que ele não fosse capaz de se lembrar do seu nome por mais de um segundo. Como seria, então, possível que se lembrasse de coisas que se tinham passado há mais de um ano? Talvez não tivesse estado atento à conversa.

– Chamo-me Thóra e quero tentar ajudar-te. Na verdade, não tenho a certeza de que tenhas sido tu a atear o incêndio. Lembras-te do incêndio? – Abanou a cabeça, que era grande, porém a sua expressão de terror dizia outra coisa. – Sim, Jakob, lembras-te disso, não é verdade?

– O fogo é quente e queima e magoa. Sei isso, de certeza.

– Exato. – Thóra sorriu. Tinha de ser cautelosa. Sobretudo, não devia fazer perguntas fundamentais. – Talvez tenhas visto como é que o fogo destruiu o lar e feriu as pessoas lá...

– A casa também feriu as pessoas. – Jakob olhou para a mãe. – Muitos deles começaram a chorar e a gritar, mas eu não.

– Começaram a chorar quando o fogo apareceu na casa? – Thóra não tinha a certeza se ele estava a falar de uma maneira geral, referindo-se a como se sentia infeliz no centro, ou se falava dos gritos daqueles que tinham morrido no incêndio.

– Também nessa altura. Eu não desatei aos gritos. – Olhou orgulhosamente para a mãe. – Portei-me bem, como tu me dizias para fazer.

– Portanto, viste o incêndio. – Thóra fez o possível por não soar demasiado agressiva, mas precisava de perceber isto.

– O fogo era mau. – Virou-se outra vez para a mãe. – Não quero falar do fogo e não quero falar com esta senhora. Ela é igual ao homem mau. – Thóra pensou que ele se estava a referir a Ari.

– Sabes que trouxe bolos de passas para ti? – Grímheidur segurou a mão

grande do filho entre as suas. – Se te portares bem e se falares com a Thóra, vou ver se podes comer um depois. Fiz o bolo naquele tacho grande. Lembras-te dele? – Jakob anuiu e virou-se lentamente para Thóra.

Seria, talvez, melhor começar com algo que não o incêndio.

– Lembras-te da Lísa, Jakob? – Ele confirmou e não pareceu ficar abalado por mencionarem o nome da rapariga. – Ela era a tua namorada?

– Não, não podia falar. No entanto, era boa.

– Como é que ela era «boa»? – Thóra pediu a todos os santos que ele não desse uma resposta romântica ou sexual.

– Ela nunca gritava, estava só cansada e a dormir.

– Alguém, alguma vez, esteve na cama com ela? – Jakob olhou, surpreendido, para Thóra.

– Não. Nunca. Aquela era a cama dela.

– Tu alguma vez te deitaste na cama dela? – Thóra sentia que tinha de ir direta ao assunto, embora o ar de espanto de Grímheidur indicasse que ela não percebia por que razão Thóra estava a fazer uma pergunta daquelas. – Ou viste alguém a fazer isso?

– Não. – Jakob quase que gritara. – Não havia espaço e eu tinha a minha própria cama. Toda a gente tinha a sua cama. – Fez uma pausa antes de acrescentar. – A minha ardeu, mas isso foi bom. Eu não a queria. Tenho um quarto em casa da Mamã. Lá, ninguém é mau.

– Quem é que era mau no lar?

– Muitos. Havia uma mulher muito má e eu bati-lhe. – Franziu as sobrancelhas. – Mereceu. Era má.

– Nunca se deve magoar as pessoas, Jakob. Tu sabes isso. – A mãe deu-lhe umas palmadinhas nas costas da mão papuda. – Lembras-te como toda a gente ficou zangada?

– Ninguém ficou zangado quando *ela* magoava… – Interrompeu-se.

– Estás a falar da Glódís? A quem é que ela fez mal? – Thóra tivera a esperança de que Jakob tivesse atacado apenas a diretora. Com a mordedura no braço de Ari, eram duas agressões, o que já era demais. Thora vira o testemunho

de Glódís sobre o incidente da segunda vez que estudara os documentos do tribunal, mas alimentara a esperança de que fosse um exagero ou um equívoco, de que Jakob não tivesse tido a intenção de a magoar.

– Ela magoava muito. Não quero falar disso.

– Ela tinha-te magoado, *a ti*? Foi por isso que lhe bateste?

– Não. Ela tirou-me o desenho que o Tryggvi me deu. Era meu, mas ela tirou-mo e disse-me que não podia ficar com ele. Ela mereceu. Não se pode tirar o que pertence a outra pessoa. Isso é roubar.

Thóra apressou-se a falar antes que Grímheidur interviesse com algumas orientações maternais e ralhasse com o filho por causa desse ato já ocorrido há muito.

– Voltaste a ficar com a imagem? Era o desenho de quê? – Talvez Jakob tivesse surripiado um relatório ou qualquer outro documento do apartamento de Tryggvi; de acordo com as descrições nos papéis do tribunal, Tryggvi não comunicava com outras pessoas.

– A Glódís nunca mo devolveu. E eu queria ficar com ele, era o desenho de um homem a gritar. E tinha umas letras que não percebi.

– O Tryggvi deu-te esse desenho? Disse-te alguma coisa?

– Não, só mo entregou. É o mesmo que dar. O Tryggvi não podia falar.

A conversa não parecia levar a lado algum. A agressão a Glódís tinha, aparentemente, sido provocada por sentimentos de frustração e irritação pela injustiça que Jakob pensava que lhe tinha sido feita; primeiro, tinham-no privado da sua casa, e a seguir tiraram-lhe o tal desenho. – Então, o Tryggvi era teu amigo. Isso é bonito.

– Pobre Tryggvi. – Jakob fechou os olhos e murmurou algo incompreensível. Depois abriu-os muito e fitou Thóra. – Olha para mim. Olha para mim.

Thóra, que quase não despregara os olhos dele desde que ali estavam, susteve o olhar.

– Estou a ver-te. Querias dizer-me alguma coisa? – A energia do jovem de repente enfraqueceu e Jakob como que amoleceu na sua cadeira.

– Quero bolo. – Tinha o clássico tom choramingas de uma criança. – Não

vou responder a mais perguntas.

– Só mais um bocadinho, Jakob. E a seguir podes comer o bolo. – Thóra esperava estar certa. Não fazia ideia das regras da instituição em relação à comida: podia até ser proibido comer entre as refeições. Esperava que não. – Quem achas que pegou fogo ao centro, Jakob? Podes dizer-me, só a mim, porque não vou dizer a mais ninguém. Mas ajudar-me-ia muito se me dissesses o que pensas, porque tu conhecias toda a gente. – Não precisava de se ter esforçado tanto nesta pergunta, porque a resposta surgiu imediatamente de modo categórico.

Só era pena que não pudesse ser levada a sério.

– Foi um anjo. Um anjo com uma auréola. Uma auréola partida.

– Conhecias esse anjo? – Thóra esperava que Jakob quisesse simplesmente dizer uma boa pessoa, talvez alguém com quem ele se tivesse sentido bem.

– Não, não conheço nenhum anjo. Pertencem todos a Deus.

– Se um anjo largou fogo na residência, então não era um anjo de Deus. – Thóra abanou a cabeça, para que a ideia ficasse clara para ele. – Os anjos são bons e os que são bons não ateiam incêndios para fazer mal às pessoas. Como é que sabes que era um anjo? Foi ele que te disse?

– Não. Apenas sei que o era. Quase que o vi por completo e era completamente bom. Queria que as pessoas parassem de gritar.

Apesar da confusão sobre este personagem, Thóra tinha finalmente uma pista. Talvez Jakob, ao fim e ao cabo, tivesse visto quem fora o culpado. Se de algum modo estivesse a dizer a verdade.

– E que estava o anjo a fazer quando o viste?

– Estava a andar. Com uma mala. No meu quarto. Depois senti um mau cheiro, e ele saiu.

– Para onde é que foi, Jakob? Subiu ao céu? – Thóra queria saber até que ponto se tratava de uma história maluca. Se ele respondesse que o anjo tinha subido ao céu, seria muito difícil levar aquele relato a sério. Se não, havia boas hipóteses de que o brilho do fogo, ou outra ilusão, pudesse ter feito o incendiário assemelhar-se a um anjo, para a mente entorpecida de Jakob. Talvez, por

exemplo, a mala fosse o bidão de gasolina.

– Foi-se embora, só isso. Foi ter com os outros. – Jakob, subitamente, inclinou-se para a mãe. – Depois ficou incrivelmente quente.

– Porque é que não contaste isso à polícia, Jakob? Eles teriam castigado o anjo, em vez de a ti. Eles acham que tu é que ateaste o fogo.

– Eu contei-lhes sobre o anjo, mas não quiseram saber. Disseram-me que eu não devia mentir.

– Ninguém foi simpático contigo, quando falavas com a polícia? – Thóra sabia que um terapeuta estivera presente durante os interrogatórios, e tinha dado uma vista de olhos a essas transcrições, mas não se lembrava do nome da pessoa. Claro que a história do anjo podia ter surgido num interrogatório que não fora registado e, nesse caso, a investigação não podia propriamente ser considerada exaustiva.

– Ninguém foi bom. Nem uma vez. Estavam todos tão zangados comigo. – Fechou os olhos e enfiou a cabeça nos ombros da mãe. O rosto de Grímheidur estava banhado de pena; escutar outra vez toda aquela história estava nitidamente a custar-lhe muito.

– Só estavam polícias contigo?

– Não quero falar disto. Quero ir para casa. – Jakob não abriu os olhos, e em vez disso agarrou-se mais à mãe, que teve de inclinar a cabeça completamente para o lado.

– Talvez consigas ir para casa, Jakob, se continuares a ajudar tanto como até agora. Acho que te estás a portar muito bem ao falar comigo e acho que em breve vais poder comer o teu bolo. – Thóra optou por deixar o assunto do interrogatório para uma melhor altura. Ainda tinha de examinar os documentos que Ari lhe dera, e talvez o interrogatório sobre o anjo estivesse algures por lá. – A mala era verde? Verde como a relva?

– Eu sei exatamente o que é a cor verde – respondeu Jakob, com irritação, endireitando-se. A cabeça da mãe retomou logo a posição normal. – Mas não me lembro. Estava tão escuro.

– Mas era muito grande, ou só deste tamanho? – Thóra pôs a mão à altura

que devia ter um bidão de gasolina.

– Era assim. Não era grande. – De súbito, Jakob sorriu abertamente. – A Mamã e eu uma vez fomos a Espanha e comprámos uma mala. Era grande, assim, ‘tás a ver? – Agora era a vez de Jakob estender as mãos, e afastou-as o mais que lhe era possível sem cair da cadeira. Pobre mãe... se Jakob tinha razão quanto ao tamanho, a mala era suficiente para ambos lá caberem e talvez para mais umas quantas pessoas. Thóra suspirou. Se aquilo indicava a quantidade de erros que as declarações do jovem podiam conter, ele nunca seria uma grande testemunha.

– Jakob. Diz-me uma coisa. Tens de me prometer que vais ser totalmente sincero. Faz o sinal da cruz no teu coração. – Thóra fez o sinal da cruz sobre o seu coração, e ele imitou-a. – Foste tu quem pegou fogo à casa, se calhar por acidente? – Ele abanou a cabeça a dizer que não. – Tinhas um isqueiro ou fósforos, ou encontraste-os no lar? – Ele abanou outra vez a cabeça. – Não estás a dizer uma mentira?

Jakob abanou a cabeça pela terceira vez, com tanta força que ficou com o cabelo em pé.

– Não. Não. Não. Não. Eu estava com medo do anjo e saí. Não queria que me levasse com ele para o céu. Queria ir ter com a Mamã.

– Mas levaste a mala contigo?

Jakob hesitou e olhou para a mãe. Ela continuou a acariciar-lhe a mão.

– Basta que digas a verdade, querido. Lembra-te que as histórias verdadeiras são sempre as melhores.

– Levei-a. O anjo tinha-a perdido e eu não queria que o fogo a estragasse. Deus podia ficar zangado com o anjo, e isso não seria nada bom. Levei-a para a rua para que não ardesse.

Bingo. Thóra acreditava nele, apesar de toda a conversa sobre seres divinos e de outras particularidades da sua história.

– Muito bem, Jakob. Obrigada. – Sorriu-lhe e ele devolveu-lhe o sorriso timidamente, com os seus olhos oblíquos semicerrados sobre as bochechas gordas. – Ouviste o anjo a dizer algo, Jakob? A ti ou a outra pessoa?

– Não, mas eu também não podia ouvir muito bem. Havia muita gente aos gritos e depois deu-se uma explosão. Eu acho que o anjo saiu por causa daquela barulheira toda. Os anjos não gostam lá muito de barulho. Por isso é que querem levar as pessoas para o céu; porque elas gritam tanto na Terra.

Thóra e Matthew encontravam-se agora no corredor. Ela estava contente com o resultado do encontro. Depois de perguntar a Jakob sobre a vida no centro, e não tendo ficado a saber nada de novo, tinham saído da sala de estar para que mãe e filho passassem algum tempo a sós, antes de voltarem para a cidade. Sem dúvida de que tudo o que Jakob lhe dissera já fora registado nos ficheiros sobre o caso e também no tribunal, mas agora que ele falara pessoalmente com ela, Thóra acreditava na sua história, apesar do modo como se expressava ser infantil. O veredito declarava que as explicações de Jakob não eram plausíveis e estavam de acordo com o seu deficiente intelecto, mas não entrava em mais pormenores. Estaria abaixo da dignidade do tribunal registar por completo o testemunho de Jakob? Obviamente, as pessoas consideradas mentalmente sãs já podiam despejar toda a espécie de lérias. Thóra já lera inúmeros depoimentos de pessoas que não pareciam ser muito mais avançadas intelectualmente, ainda que se lhes reconhecesse uma melhor noção da realidade.

– Tenho a certeza de que ele está inocente, mas sei bem que isso não é o suficiente para levar o tribunal a reabrir o processo. Precisamos de mais, e não apenas da verdade sobre o que aconteceu com essa jovem grávida.

– Bem… – Matthew não parecia estar tão convencido como ela. – Sabes, tu és muito impressionável, Thóra. Eu percebi a maior parte das coisas que ele disse, mas não me sentiria seguro para o declarar culpado ou inocente se apenas dispusesse destas declarações para seguir em frente.

– Não, mas *eu* sinto-me segura para o fazer. Não se criam duas crianças e meia sem aprender umas quantas coisas: eu sei como mentem as crianças. O Jakob é simplesmente uma criança grande, e eu senti que ele estava a responder com sinceridade. Pode ser confuso, mas é sincero.

– É um adulto, Thóra. Um homem. Não é uma criança, apesar da sua

deficiência intelectual. Não te esqueças disso. Os teus filhos, por certo, não andaram a bater nas pessoas com cabos de vassoura ou a tirar-lhes pedaços de carne.

Para isto, Thóra não tinha resposta. Uma vez Gylfi empurrara um amigo para fora do balouço na pré-primária, e Sóley puxara os cabelos a uma rapariga no supermercado, mas não houvera mais incidentes violentos. E o filho de Gylfi, Orri, nunca fizera mal a uma mosca; Matthew tinha razão; os adultos com deficiências intelectuais não eram crianças.

O homem trouxera os bolos de passas para Jakob e, depois de Thóra e de Matthew terem saído da sala, reapareceu. Trazia consigo Jósteinn, e Thóra sentiu que ficara com a pele arrepiada nos braços.

– Jósteinn ouviu dizer que estava por cá e quer trocar algumas palavras consigo. Sei que está a fazer um trabalho qualquer para ele e que já se encontraram. Não se importa de falar com ele? – Thóra não sabia como havia de recusar, visto que Jósteinn estava mesmo atrás do funcionário, por isso disse que sim, e o homem afastou-se, deixando-os embaraçados no meio do corredor. – Estou por perto, se precisar de mim – disse, antes de desaparecer.

– Estou muito contente por ter aceitado este caso. – Jósteinn sorriu. Parecia estar a olhar para a barriga de Thóra. – Tão contente. – O seu hálito azedo quase a silenciou, e Thóra recuou involuntariamente, batendo com a parte de trás da cabeça na parede.

– Sim, bem, ainda não sei se vai dar resultado, mas acho que há boas razões para continuar. – A cabeça doía-lhe tanto que tinha vontade de chorar. – Na verdade, devo dizer-lhe que, devido às suas circunstâncias especiais bem como às de Jakob, há um limite para as informações que lhe poderei dar acerca dos progressos deste caso. Muitos dos dados que eu vier a descobrir permanecerão confidenciais, ficando só entre mim, o Jakob e a sua mãe. Isto não é negociável.

Jósteinn sorriu, mostrando os seus dentes amarelos. O seu olhar fixara-se agora no braço dela.

– Eu não ia sugerir-lhe nada de diferente.

– Como é que lhe posso entregar o orçamento? É melhor que o aprove antes

de avançarmos mais. Também lhe posso enviar uma nota do tempo que dediquei a esta investigação. Tem uma conta de e-mail ou acesso a um fax?

Um estertor seco, que provavelmente significava riso, saiu da garganta de Jósteinn e, mais uma vez, o seu mau hálito envolveu Thóra.

– Nem pensar. Não temos acesso nem à internet nem ao telefone. Tem de perguntar na receção se me pode enviar um fax através do escritório. Acho que se poderão dar ao luxo de gastar uma folha de papel comigo.

Thóra não apreciava o tom sarcástico de Jósteinn, nem nenhum outro aspeto dele. Mais uma vez, tinha demasiado gel no cabelo. Dir-se-ia que fora passear à cidade.

– Okay, vou convencê-los a concordarem com isso. – Thóra esperava que o isolamento dos reclusos do mundo exterior não se estendesse também à esfera bancária. Talvez, ao fim e ao cabo, ele não lhe pudesse pagar: talvez nunca tivesse tencionado pagar-lhe.

Como se lhe estivesse a ler a mente, Jósteinn acrescentou:

– Vou pedir ao meu supervisor que lhe faça os pagamentos, embora isso não esteja no âmbito da sua missão oficial. – Tirou da algibeira um pedaço de papel dobrado que entregou a Thóra. – Está aqui o nome e o número de telefone dele. Pode telefonar-lhe quando quiser o seu pagamento. – Sorriu novamente, mas desta vez com os olhos fechados. – Ou para se tranquilizar e ficar a saber que tenho o dinheiro suficiente.

Thóra observou os dados escritos à mão. Cada letra fora desenhada com muito cuidado e parecia que Jósteinn tinha usado uma caneta antiga. Mas Thóra não precisaria de guardar aquele pedaço de papel, porque o nome nele inscrito já lhe era familiar, bem como o número. *Ari Gunnarsson.* Que estranha coincidência.

Capítulo 10

Domingo, 10 de janeiro de 2010

– Espero que a avó e o avô fiquem para sempre connosco. – Sóley sorriu de contentamento e pousou a sua torrada, que estava a ficar mole sob o peso do doce com que fora barrada. – É muito mais simpático tê-los a *eles* na garagem, em vez de um monte de caixotes velhos. – Thóra retribuiu o sorriso à filha, enquanto tirava o último prato da máquina de lavar louça. À exceção das horas mortas da noite, a máquina estava em constante utilização desde a chegada dos seus pais, na tarde anterior. Assim que o agregado familiar estivesse completo, a máquina de lavar roupa também passaria a trabalhar todas as horas do dia.

– Sim, foi uma mudança agradável, não foi?

– Orri, Homem-Nhanha! – Três pessoas do agregado familiar estavam acordadas: Thóra, Sóley e o neto de Thóra, que tinha dois anos e meio. Desde que lhe tinham dado uma t-shirt do Homem-Aranha, Orri pensava que era um super-herói. O miúdo ainda tinha um longo caminho pela frente antes de poder ser considerado um grande orador, mas estava a começar a falar mais.

Sóley abriu a boca para corrigir o sobrinho, mas optou por dar mais uma dentada na torrada.

– Ah, é verdade. Tens de me ajudar a encontrar um disfarce. Amanhã são os anos da Kolla e temos de ir mascaradas. – Sem contar com a sua mãe, era pouco provável que alguém a tivesse percebido, já que falara com a boca cheia.

– Quando é a festa? – Thóra sabia que tinha de ser nesse dia ou no dia seguinte: Sóley adquirira a especialidade de informar a mãe à última hora.

– Hoje, mais tarde. – Sóley engoliu de modo dramático tudo o que tinha na boca, e que era muito. Embora Thóra estivesse tentada a dizer-lhe que devia mascarar-se de Homem Invisível, limitando-se a não ir à festa, optou por não dizer nada disso.

– Talvez a avó ou o avô te possam ajudar.

Sóley, radiante, concordou.

– Quando é que as pessoas vão acordar, afinal? Acho que já dormiram o suficiente.

– Está toda a gente cansada da noite passada. É melhor deixarmo-los dormir. – Trabalhando em conjunto, Thóra e Matthew, os pais de Thóra, Gylfi, o seu filho, e a namorada dele, Sigga, tinham arranjado espaço na garagem e montado uma cama e outra mobília essencial para os novos membros do agregado familiar. Enquanto trabalhavam, Sóley tomara conta de Orri; mas o miúdo queria à força ajudar na mudança, o que não entusiasmou especialmente o resto da família. A garagem estava atulhada e não tinham tido tempo para fazer uma escolha de toda aquela tralha. Em vez disso, parte das coisas fora posta na cave e o resto no barracão do jardim. O barracão nunca tivera grande uso, mas agora não cabia lá mais nada.

– Vão acordar daqui a nada, e vão querer café e bolos.

– Homem-Nhanha. – Orri olhava para o seu peito, fascinado pela imagem do Homem-Aranha que ostentava na t-shirt. Não tinha tocado no pequeno-almoço, que permanecia na mesa à sua frente, dado que não tirava os olhos do super-herói o tempo suficiente para comer.

– Homem-Aranha, não é Homem-Nhanha. – Sóley acabara por se cansar daquela interminável repetição. – Chama-se Homem-Aranha.

– Homem-Nhanha. – Orri nem deixava de olhar para a imagem nem deixava

que a sua professora de línguas o distraísse.

– Porque é que ele não consegue falar melhor, Mamã? – A frustração de Sóley não causou surpresa a Thóra; a filha há muito que comparava Orri à irmã da sua melhor amiga, que era da mesma idade, e o rapaz estava muito atrás dela no que se referia ao desenvolvimento da linguagem.

– Ele já diz umas quantas coisas, por isso não te preocupes. Quando deres por isso já ele vai falar pelos cotovelos, e depois vais ter saudades dos tempos em que mal dizia coisa com coisa. – Sóley, obviamente, não concordava, por isso Thóra mudou de assunto. – Deste de comer à Mjása esta manhã?– Ao contrário do que era costume, a gata da família não aparecera quando Thóra entrara na cozinha; normalmente, era a primeira a pedir comida, pela manhã, e dar-lhe de comer era a tarefa com que Thóra iniciava a maior parte dos seus dias.

Sóley anuiu e engoliu o último pedaço de torrada.

– Não foi capaz de esperar por ti. Acho que estava a morrer de fome.

– Como de costume. – A gata comia várias vezes por dia, mas não parecia estar a dar-se mal, visto que continuava elegante, apesar do seu apetite insaciável. Se estivesse dentro de casa e alguém passasse pela cozinha, aparecia sempre, dando miadelas de meter dó, na esperança de que lhe dessem comida. – Não lhe apeteceu esperar pela sua dona dorminhoca. – Quando finalmente chegara a hora de se deitar, Thóra não sabia do seu telemóvel, e não quisera telefonar para o localizar. Assim, ficara sem despertador, e deixara-se dormir até mais tarde. Nesse momento, teve um vislumbre do telemóvel, debaixo de uma toalha de chá amarrotada, sobre o aparador da cozinha. Foi buscá-lo e viu que, enquanto dormia, perdera uma chamada e recebera uma mensagem de texto. Era uma coisa invulgar. Já ninguém lhe telefonava de noite; outrora sim, quando era possível que algumas amigas com os copos, no centro da cidade, lhe viessem dar notícias das festas que continuavam pela noite adentro e, embora se lembrasse desses tempos com carinho, Thóra não sentia saudades. Talvez não se passasse o mesmo com alguma das suas amigas, que simplesmente tivesse querido falar-lhe de algum homem interessante que conhecera. Quando tentou ver os detalhes da chamada, o ecrã dizia *número privado.* A chamada ocorrera por volta das três da

manhã, muito depois de ela ter mergulhado no país dos sonhos. A mensagem de texto chegara cinco minutos mais tarde. Fora enviada do ja.is, pelo que não havia como saber se era da mesma pessoa que telefonara antes, embora tal parecesse provável. Nesse caso, a pessoa em questão utilizara um computador ou acedera à internet através de um telemóvel. Várias amigas suas tinham *smartphones*, que usavam por tudo e por nada. Abriu a mensagem, embora pudesse adivinhar o que iria ler: *Deixa o teu homem em casa e junta-te à festa* ou *Adivinha com quem é que fui para casa?* De facto, a única coisa que não era capaz de calcular era quantos rostos sorridentes estariam a ler a mesma mensagem.

Mas ao ver do que se tratava, Thóra ficou tão surpreendida que deixou cair o telefone com um estrondo no lava-louça. Sóley lançou-lhe um olhar inquiridor e Orri até tirou os olhos do Homem-Aranha, pela primeira vez desde que o tinham posto na sua cadeira. Thóra tirou o telemóvel, que ficara entre duas chávenas de café, mas felizmente estava seco e intacto. O ecrã continuava aceso e as letras negras proclamavam de modo provocador: *Quem violou a Lísa? Quem será o pai da criança?* Eram duas boas perguntas, mas a que dominava o espírito de Thóra era: «Quem terá enviado esta mensagem?»

Matthew pousou o telemóvel, deixou-se cair na almofada e bocejou.

– Não está ninguém no duche?

– *Duche?* – Thóra agarrou de novo no telemóvel. – Mas quem quer saber disso? É a terceira vez que recebo este tipo de mensagem; recebi duas no outro dia, mas ignorei-as, porque pensei que me tinham chegado por engano. Uma delas dizia apenas *Grávida*, mas a outra dizia *Como é que a Helena se queimou quando era miúda?* Tens de admitir que é muito estranho. Tenho-as aqui, se quiseres ver; felizmente não as apaguei.

– Está bem, não, não é preciso. É muito estranho, sem dúvida. – Matthew fechou os olhos. – Só ainda não estou bem acordado.

– Não, é óbvio que não. – A luz do ecrã do telemóvel começou a desaparecer, embora o texto ainda fosse visível naquele fundo cinzento. – O que se passa é que pouca gente sabe que estou a investigar este caso. De facto, só me lembro de

duas pessoas: o preguiçoso do Ari, o advogado, e a senhora que dirigia o centro, a Glódís. Tenho praticamente a certeza de que a mãe do Jakob não sabia aonde eu queria chegar com as minhas perguntas sobre a Lísa, e o Jakob não fazia a menor ideia. Além disso, ele não tem acesso nem à internet nem ao telefone.

– Mas por que razão o Ari ou a Glódís haviam de te enviar uma mensagem dessas? – Matthew parecia agora mais desperto, embora tivesse disfarçado um bocejo enorme. – Qual é o objetivo das perguntas? Levar-te a investigar, para ver se descobres quem é o pai? Não creio que algum deles quisesse atrair a tua atenção para esse assunto. O Ari admitiu que só vira os documentos por alto, e a Glódís deixou claro que não tem muita consideração pelos seus clientes.

– Bem, não sei, talvez um deles estivesse bêbedo e quisesse agitar as coisas.

Matthew ergueu-se um pouco, apoiado num cotovelo.

– Isso não é um bocado rebuscado? – Virou a cabeça para escutar, depois sorriu, ao perceber que não estava ninguém no duche.

– Sim. – Thóra enfiou o telemóvel no bolso. – Mas não pode ser outra pessoa. Pelo menos, não consigo pensar em mais ninguém.

– Poderá a Glódís ter falado disto lá no seu trabalho, e alguém ter ficado irritado? Talvez um antigo empregado do centro, que tenha ficado descontente com o desfecho do caso?

– Talvez. – Thóra relaxou a testa e as suas rugas de preocupação desapareceram. – Também tenho outra ideia. A Sóley vai à festa de aniversário da sua amiga, e os miúdos têm de ir mascarados; isso fez-me pensar numa explicação possível para o anjo de que o Jakob falou. O lar ardeu em outubro, o mês do Halloween. É um acontecimento cada vez mais popular e, se calhar, houve algumas festas com mascarados na vizinhança, embora o incêndio não tenha decorrido no dia trinta e um.

Matthew não parecia convencido.

– Tenho sérias dúvidas quanto a isso.

– Mas não faz mal nenhum verificar.

Matthew levantou-se, vestiu um roupão e dirigiu-se para o duche, e Thóra pegou na lista de funcionários do centro e sentou-se diante do computador.

Primeiro, tentou encontrar alguma referência a um baile de máscaras que se tivesse realizado na vizinhança no dia do incêndio, mas não encontrou nada, nem mesmo depois de alargar a pesquisa à cidade inteira. Era uma ideia demasiado improvável, como dizia Matthew. Sóley e Orri estavam profundamente concentrados a ver desenhos animados na televisão, portanto Thóra dispunha de paz e de calma total, de momento, pelo menos. Desapontada por não ter chegado a parte nenhuma com a sua ideia da festa de máscaras, decidiu verificar se alguma das pessoas da lista ainda trabalhava para o Departamento Regional. A tarefa acabou por se revelar mais fácil do que esperava. No site do departamento havia uma lista com os nomes dos seus empregados, embora não estivessem especificadas as suas funções, pelo que não podia determinar se uma pessoa em particular trabalhava com Glódís no escritório principal ou numa residência comunitária na cidade. O departamento geria um total de vinte e oito lares, mas apenas os nomes dos diretores eram referidos no site. Thóra reconheceu apenas um nome da lista dos antigos funcionários: Elías Práinsson, que entretanto fora promovido, o que devia ter sido penoso para Glódís. Thóra desconfiava que, apesar dos seus queixumes a respeito da carga laboral, Glódís tinha uma vida fácil no emprego; pelo menos, o seu telefone não tocara durante a reunião com Thóra. Outros telefones do escritório quase não paravam de tocar. O incêndio devia ter sido um rude golpe na carreira de Glódís, quanto mais não fosse por se ter revelado a gravidez de Lísa e o facto de o sistema de segurança ainda não ter sido montado. Claro que não se podia culpar Glódís pelo incêndio, mas alguém não tinha cumprido o seu dever.

Thóra concluiu que aproximadamente metade das pessoas na lista ainda trabalhava no Departamento Regional. À exceção de Elías, não conseguiu descobrir que funções desempenhavam agora, apesar de ter procurado por toda a parte, e perguntou-se se isso teria alguma importância. Se a pessoa que lhe enviava aquelas mensagens tinha o hábito de apagar o seu rasto, ser-lhe-ia muito difícil admitir que enviara as mensagens ou confessar o seu propósito. Talvez fosse mais proveitoso para Thóra parar de tentar descobrir este misterioso mensageiro e, em vez disso, concentrar-se naquilo que os empregados tinham a

dizer sobre o funcionamento do centro. A este respeito, Thóra tinha quase a certeza de que aqueles que já não trabalhavam para o Departamento Regional seriam capazes de falar mais abertamente. Por outro lado, não fazia ideia como iria descobrir esses funcionários em particular, visto que a maior parte tinha nomes bastante comuns, e toda a informação de que ela dispunha era a que constava da lista de Glódís. Não conseguiu pensar em mais nada a não ser consultar a lista telefónica na internet. Pôde, deste modo, eliminar um grande número de nomes, com base nos cargos que lhes estavam associados.

Só lhe faltava um nome quando Matthew apareceu por trás dela e lhe fez uma festa no cabelo. Thóra sentiu o perfume do seu aftershave. Agarrou-lhe a mão e levou-a até aos seus lábios, mas quando se virou para ele, avistou a mãe, que trazia um roupão de que Thóra se lembrava da casa da sua infância. Até o cinto, firmemente apertado à roda da sua cintura, tinha um ar bastante usado. Algumas partes do tecido, de tão puídas, não eram mais do que fios, e revelavam uma camisa de noite comprida de veludo vermelho que parecia capaz de derreter icebergs. Os efeitos do aftershave desapareceram instantaneamente.

– Como estão? Faço um café para todos? – A mãe de Thóra sorriu-lhes e entrou, com passo decidido, na cozinha, sem esperar pela resposta. Pouco depois, ouviram-na a cantarolar uma melodia familiar mas impossível de reconhecer. Da garagem vinha o assobio do pai, que entoava a mesma melodia.

Seria uma interessante forma de viver. Talvez não fosse uma má altura para Thóra marcar aquela depilação especial…

Margeir acordou a sentir-se péssimo e, a princípio, julgou estar com uma ressaca. O seu espírito lutou para se orientar. Sentia-se como se tivesse bebido uma enorme quantidade de qualquer coisa – uma caixa inteira de vinho barato, talvez duas. Mas depois conseguiu pôr as ideias em ordem e lembrou-se de que não bebera nem uma gota. A dor de cabeça tinha outra causa. Abriu cautelosamente os olhos e evitou levantar a cabeça do travesseiro. Ficou imóvel durante alguns momentos, a olhar para a janela do seu quarto, que estava completamente fechada. O ar do quarto estava pesado e denso, e embora até

agora isso lhe tivesse passado despercebido, ardiam-lhe as narinas a cada inalação, forçando-o a respirar pela boca. Para o fazer, tinha de afastar do pensamento a ideia de uma nuvem cinzenta venenosa que lhe atravessava os dentes e a língua, antes de lhe passar pelo palato em direção aos pulmões. Sentia-se enjoado e tentou arranjar forças para se levantar e abrir a janela. Mas, ao fim e ao cabo, porque estava fechada? Margeir dormia sempre com a janela bem aberta, fosse qual fosse o tempo. Se pudesse, teria tirado a parede exterior durante a noite, para permitir que o ar límpido e frio flutuasse ao seu redor. Devia ter-se esquecido de abrir a janela ou então fechara-a a certa altura da noite.

Procurou o despertador e virou-o para si. Era o rádio-despertador que o seu irmão lhe dera como presente de Natal, pensando que era adequado, pois Margeir trabalhava numa estação de rádio. Eram quase 9h30 da manhã, como calculara. Sentia-se tão mal que nem sequer era capaz de dizer se ainda estava cansado. Porém, o nevoeiro na sua cabeça começara a dissipar-se e, por fim, conseguiu lembrar-se das horas a que fora dormir e do que estivera a fazer. Não tinha nada a ver com copos. Alugara um filme na loja de esquina e, depois de o ver, ficara a ver lixo televisivo durante duas horas. Só fora dormir por volta das três da manhã, o que nem era muito tarde para ele. A maior parte dos homens solteiros da sua idade deviam ficar acordados até mais tarde do que ele aos fins de semana, e pensar nisso incomodava-o. O inverno fora diferente dos anteriores, e a sua vontade de sair e de se divertir tinha desaparecido pouco a pouco. Todas as boas sensações que o álcool despertava nele pareciam agora vazias e falsas; sorrir e dar umas gargalhadas eram coisas completamente avessas ao seu estado de espírito. O seu trabalho, sem dúvida, contribuía para esta infelicidade; tinha todos os descontentes e desiludidos do país em linha. Quando se sentia assim tão em baixo, não tinha, simplesmente, vontade de se divertir. Não sentiu nada, a não ser alívio, da primeira vez que declinou o convite para dar uma volta pela cidade com os seus amigos, e a partir daí não havia regresso possível; tinha-se tornado cada vez mais fácil ficar em casa. Há muito que não lhe telefonavam para o convidar.

O despertador na mesa de cabeceira disparou de repente e Margeir olhou

para o aparelho que emitia a sua própria voz. Era uma repetição do programa do dia anterior. Por um segundo, pensou que ligara o rádio com o poder da sua mente, mas a seguir percebeu o que na verdade acontecera. Sabia que era patético, mas até as coisas melhorarem e arranjar um trabalho diurno, não queria habituar-se a dormir até tarde. Por isso, levantava-se e tentava ocupar-se com algo. Às oito nos dias de trabalho, às nove e meia ao fim de semana.

Sentia agora a cabeça mais leve e aquela dor latejante no pescoço diminuíra de intensidade. Ergueu-se, apoiado nos cotovelos, e sentou-se. Quanto mais cedo abrisse a janela, melhor. Com a mesma técnica que empregava para mergulhar numa piscina fria, levantou-se sem pensar nem hesitar, e deu aqueles dois passos em direção à janela. O fecho estava perro mas, por fim, conseguiu abrir a janela e inspirou o ar puro e gelado.

– Quem é? – A sua voz parecia desprovida de vida, naquele rádio usado atrás de si. – Se era só para ficar a respirar para o recetor, mais valia não ter telefonado.

Margeir sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo, mas não sabia se era por os seus pulmões estarem agora cheios de ar límpido e frio, ou se a repetição da chamada telefónica da véspera o estava a perturbar.

– Espere um pouco. Espere um pouco. – Se a sua própria voz na rádio lhe soava como a de alguém com pouca energia, a voz da pessoa que lhe estava falar era completamente desprovida de vida. Ao ouvi-la agora, tinha a certeza de que fora deturpada, provavelmente por meio de um programa que se podia descarregar da internet. Aquela voz tinha um tom particular, mecânico, que se tornava mais evidente no seu rádio do que ao telefone da estação, na noite anterior. A sua própria voz ouviu-se outra vez e a agitação que o invadira tornou-se óbvia para ele, embora os outros mal se fossem dar conta disso… pelo menos, Margeir assim esperava. Soava arrogante e sem cerimónias:

– Para quê? Para você ir ao que interessa? De que quer falar, meu amigo?

– Do ajuste de contas.

– Qual ajuste de contas? – Agora, aquela falsa dureza desaparecera da voz de Margeir. Era óbvio para ele que aquele era o maluco que desatara a fazer

chamadas em quase todos os programas. A continuar assim, poderia ser considerado um caso de assédio, mas Margeir não tinha a certeza se a polícia concordaria, nem via como seria possível implementar uma restrição de chamadas. Sobretudo porque Margeir nunca iria envolver a polícia no assunto. Não se o maluco ao telefone estivesse a insinuar o que Margeir julgava que estava.

– Sabe perfeitamente o que quero dizer. A justiça acaba por tocar a todos. – Inspiração ruidosa, longa expiração. – E não há fuga possível. – O ouvinte desligou e um sinal de linha ocupada ressoou alto, até que o técnico de som percebeu que Margeir não ia acrescentar nada de inteligente e pôs uma canção.

A dor de cabeça estava a tornar-se cada vez mais intensa. Mergulhando lentamente na almofada, Margeir desligou o rádio, embora tivesse vontade de o atirar da mesa de cabeceira abaixo. Nesse instante, viu o seu telemóvel ao lado do rádio e pegou-lhe, julgando que talvez tivesse registado o número de telefone que o acordara a meio da noite. Enquanto mexia nos botões, à procura das chamadas não atendidas, lembrou-se, de repente, do que tinha sucedido: recebera uma mensagem do ja.is que o despertara de um sono agradável, perturbando-o de tal modo que tivera de se levantar para ir fechar e trancar a janela. Embora não sentisse a menor disposição para ler a mensagem outra vez, os seus dedos correram as teclas e abriram-na, contra a sua vontade.

O ajuste de contas vem aí. Está alguém lá fora?

Capítulo 11

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

AS MANHÃS DE SEGUNDA-FEIRA eram, de um modo geral, caóticas no escritório. Era como se lhes fosse difícil perceber que o fim de semana terminara e que estavam no início de uma nova semana de trabalho. Andavam de um lado para o outro nos gabinetes como se estivessem a tentar lembrar-se do que deviam fazer, ou na esperança de que mais uma chávena de café lhes pusesse os cérebros a funcionar. Thóra não era exceção à regra, e ainda menos nesta segunda-feira: trabalhar era a última coisa que lhe apetecia fazer.

Ao despertar ao som do rádio, dera-se conta de que estava sozinha na cama. Isso não a surpreendeu muito: Matthew acordava bastante mais cedo do que ela, saía para dar uma corrida e, em geral, já estava a meio caminho quando ela começava a despertar. Hoje, contudo, não só já voltara como também tinha tomado o seu duche, e estava impecavelmente vestido e pronto para o dia. Aproximou-se da cama, olhando Thóra com uma expressão suplicante.

– Tens de me levar contigo para o trabalho. Posso fazer qualquer coisa. Até posso ajudar a Bella. – Thóra esfregou os olhos para espantar o sono e murmurou algo indistinto que tanto podia ser interpretado como sim ou como

não. – É que não aguento nem mais um minuto das assobiadelas do teu pai. Hei de me acostumar, eu sei, mas de momento estou a passar-me com isto.

Thóra consentiu que ele a acompanhasse ao trabalho. Os avós encarregaram-se de acordar os miúdos, de lhes dar o pequeno-almoço e de os levar à escola, por isso ela conseguiu ficar pronta mais depressa do que o costume. O aumento do agregado familiar tinha as suas vantagens, e Thóra despediu-se dos seus pais com um beijo, sentindo-se excecionalmente contente com a vida, apesar do assobio que os acompanhou até saírem de casa. Não lhe desagradou que Matthew já tivesse o carro pronto. Aquela era uma das tarefas que Thóra menos gostava de fazer, se calhar porque, regra geral, acabava por ficar com os braços cheios de neve. Embora a garagem estivesse cheia de caixas e não tivessem feito planos para avançar com o projeto de arrumação e limpeza, Thóra não desistira ainda da ideia de um dia vir a arrumar o carro ali dentro. Esse sonho distante, que frequentemente lhe voltava à cabeça pela manhã, era agora coisa do passado – para os próximos dois meses, pelo menos.

O desassossego de Thóra não podia, assim, ser atribuído ao facto de a manhã ter começado mal. Simplesmente, custava-lhe que o fim de semana se tivesse, de modo algo inesperado, convertido numa nova semana de trabalho. Até poder deitar verdadeiramente mãos ao trabalho, tinha de se ocupar com uma coisa qualquer; o único problema era decidir que coisa seria essa. Não podia começar por nenhum dos processos que tinha em mãos, por isso percorreu os e-mails à procura de mensagens esquecidas ou ainda à espera de resposta. Mas até isso era problemático e, por fim, desistiu e fechou o seu e-mail. Faltava verificar as contas da firma que não tinham sido pagas, mas isso teria de ficar para o dia seguinte, ou até para daí a dois dias. Precisava de fazer algo mais criativo, ou mais excitante, até ao meio-dia, altura em que já devia ter recuperado a energia.

Thóra afastou-se do computador e da pilha de contas pendentes. Matthew descansava num pequeno sofá ao fundo do escritório, com uma das pernas por cima do braço do sofá e com um portátil ao colo, sem dúvida a ver notícias do seu país. Depois do fim de semana, Thóra pensara que talvez pudessem fechar-se no escritório para passar algum tempo juntos, mas vendo como o corpo de

Matthew preenchia por completo o sofá, a ideia não lhe parecia muito viável. Além disso, a porta bem fechada não seria suficiente para manter Bella à distância, caso ela estivesse com disposição para os chatear.

Thóra fez uma bola com um envelope vazio e atirou-o gentilmente para Matthew, para lhe desviar a atenção do computador.

– Gostavas de ir ao Ministério da Justiça comigo, para ver se podemos persuadir o pai do rapaz autista a contar-nos alguma coisa? Podíamos passar por um café e tomar alguma bebida estimulante.

Matthew apanhou a bola e pareceu contemplar a hipótese de a atirar contra ela, mas optou por não o fazer.

– Tomar um café parece-me uma excelente ideia. O que vocês têm aqui na sala de espera é completamente intragável. – Matthew fez uma careta para a chávena pousada na mesinha à sua frente. O café tinha ficado quase frio pouco depois do primeiro gole. – Se não te conhecesse melhor, pensaria que usaste os grãos mais do que uma vez. – Levantou-se. – Não que isso fosse uma completa novidade neste escritório. – Atirou a bola de papel, e acertou-lhe no alto da cabeça. – Um a um.

O ministério ficava situado na rua Skuggasund – o nome vinha de *skuggi*, «sombra» –, e era impossível uma pessoa não se perguntar por que razão ostentava a rua aquele nome. A zona não parecia especialmente escura ou sombria e, além disso, a rua já tinha esse nome antes de os prédios terem sido construídos. Quem lho dera tivera, talvez, a perspicácia de supor que os prédios de ambos os lados da estrada projetariam sombras bem visíveis sobre o lugar onde se erguia o ministério. Ou talvez o nome se devesse ao facto de a rua estar condenada à obscuridade, ficando eternamente à sombra do Teatro Nacional. Assim que entraram no Ministério do Interior, o ambiente desanuviou-se; porém, à medida que avançavam mais para o interior do edifício, uma sensação peculiar tomou novamente conta de Thóra: parecia-lhe agora que tinham recuado muitas décadas no tempo, dado que a própria arquitetura do edifício era o testemunho vivo de meados do século anterior. A sensação desapareceu quando entraram no

corredor do escritório, depois de o pai do rapaz ter dito ao rececionista que os iria receber. Este corredor, por seu turno, poderia situar-se num qualquer prédio contemporâneo; passaram por diversos gabinetes, todos equipados no mesmo estilo: uma secretária com um computador e um telefone maciço, e as paredes repletas de estantes da IKEA. Quando chegaram ao gabinete pretendido, estavam à espera que fosse como todos os outros, mas enganaram-se: este era bastante mais amplo e também mais luxuoso.

– Por favor, entrem. – Einvardur Tryggvason levantou-se da sua imponente cadeira de escritório e dirigiu-se até eles. Tinha uma voz amável e profunda, um aperto de mão firme e mãos macias. O seu aspeto era impecável: trazia um elegante fato escuro, que parecia brilhar, e dava a impressão de ter acabado de sair do barbeiro, depois de um corte de cabelo e de um barbear perfeitos. O sorriso evidenciava dentes brancos que não eram completamente regulares, mas que lhe davam carácter e faziam a diferença entre uma pessoa atraente «real» e um modelo. Por estranho que parecesse, era precisamente essa imperfeição que lhe dava um aspeto perfeito. Ocorreu a Thóra que aquele homem estaria perfeitamente à vontade numa carreira política e não pôde deixar de se perguntar porque escolhera ele o sistema burocrático em vez do parlamento ou de um lugar de ministro.

– Fiquei extremamente contente quando me disseram que queria falar comigo – continuou Tryggvason, dirigindo-se a Thóra –, porque ouvi dizer que o caso do Jakob estava a ser investigado de novo, e o seu nome foi referido a esse respeito. – Sorriu educadamente para Matthew. – Mas de si não ouvi dizer nada.

Thóra apresentou Matthew, dizendo que era seu assistente em diversos trabalhos e que estava obrigado ao mesmo sigilo profissional que ela. Depois acrescentou que, em ambos os casos, esse sigilo estava sujeito a uma condição: se surgisse algum dado novo, demonstrando ou apoiando a tese da inocência de Jakob, o mesmo constaria do relatório que ela entregaria juntamente com o requerimento para a reabertura do processo. Sem que a sua expressão se alterasse, Tryggvason declarou não ter qualquer objeção quanto a isso; todos, certamente, queriam que o caso fosse resolvido e que o verdadeiro culpado

arcasse com a responsabilidade. Thóra reparou que o seu rosto suave se ensombrara ao falar do criminoso, e percebeu que, por detrás daquela cortesia formal e requintada, havia um indivíduo que, naturalmente, sentia cólera, felicidade, tristeza e todas as outras emoções que moldam uma personalidade

– Façam o favor de se sentar, que responderei a tudo o que estiver ao meu alcance, desde que as perguntas se encontrem dentro dos limites da seriedade. – Dizendo isto, exibiu mais um dos seus sorrisos *Colgate*, mas os seus olhos tinham deixado de brilhar. – Pedi para nos trazerem café, mas se preferirem chá, também é possível.

Era uma manhã de segunda-feira, portanto tinha de ser café. Einvardur sentou-se com cuidado, para evitar amarrotar o casaco, e deu um ligeiro toque no nó da gravata, como para se assegurar de que estava ainda centrado e devidamente apertado.

– Antes de começarmos, gostava de lhe perguntar algo que, como é compreensível, tem uma grande importância para mim: acha que há, de facto, alguma possibilidade de o Jakob ter sido injustamente condenado? – Einvardur fitou Thóra como se ele próprio tivesse um detetor de mentiras nos seus olhos azuis-escuros.

– Sim, acho que sim. – Thóra não precisava de fingir. Quanto mais pensava nisso, mais lhe parecia que o pobre e simplório Jakob não fora o responsável. – Tenho dúvidas substanciais relativamente às declarações que ele fez durante os interrogatórios e no tribunal, e também acho bastante improvável que tenha sido capaz de conceber e levar a cabo um ato tão complexo.

– Mas, por certo, não seria assim uma coisa tão complicada… – A expressão no rosto de Einvardur tornara-se, de repente, feroz. – Basta derramar um pouco de gasolina e largar-lhe fogo.

– Pensando bem, seria preciso um pouco mais do que isso: primeiro, tem de se arranjar gasolina e deixar todas as portas corta-fogo abertas, e duvido muito que o Jakob soubesse o que era uma porta corta-fogo. Considerando a sua versão dos acontecimentos, e tendo presente a sua deficiência, o meu palpite é que ele viu o autor do crime, mas não foi capaz de identificá-lo. E há outro pormenor

que levanta questões, um pormenor demasiado complexo para o discutirmos aqui. Mas, em suma, acho que ele não tem a capacidade mental para ter posto semelhante plano em prática sem sucumbir ele próprio ao fogo.

Einvardur ouvia Thóra atentamente, sem deixar transparecer o que achava das suas explicações.

– A polícia, o Ministério Público e dois tribunais diferentes estão em desacordo consigo.

– Estou ciente disso – respondeu Thóra, sem ironia ou irritação. Já contava com as reservas de Einvardur em relação à sua investigação e, na verdade, até estava surpreendida por ele os ter recebido. – Mas tal não altera a conclusão a que cheguei depois de ter estudado o caso, e é por isso que decidi investigar mais do que os documentos que formaram a opinião dessas partes no processo. Daí esta visita.

– Quem é que acha que terá ateado o incêndio, se não foi o Jakob? – A voz dele parecia desprovida de qualquer emoção, o que de algum modo lhes emprestava mais peso do que se tivessem sido ditas num tom colérico.

– Ainda não formei uma opinião sobre isso, mas, obviamente, espero chegar lá. Num pedido de reabertura de um processo, o ideal é conseguir identificar de forma categórica o verdadeiro culpado.

– Devo depreender desta visita que a senhora me julga implicado? – Einvardur exibiu um sorriso jovial.

– Tal como disse, ainda não formei uma opinião sobre quem possa ter sido o responsável. Ainda não tenho provas suficientes. – Thóra devolveu-lhe o sorriso, mas Einvardur empalideceu ligeiramente. Estava, claramente, à espera que Thóra se risse de uma ideia tão ridícula. – Mas não, não foi por isso que vim. Pensei que talvez o senhor me pudesse dar uma melhor ideia da vida naquele lar, e queria perguntar-lhe se haveria alguma coisa que lhe parecesse desajustada, algo que não estivesse como era suposto.

Einvardur parecia ter recuperado a sua compostura e mostrava-se agora tão cauteloso como antes.

– Bem, tenho de admitir que se trata de uma pergunta difícil. Só visitávamos

o nosso filho e, na verdade, não seguíamos muito atentamente o que se passava na residência; ao fim e ao cabo, a ideia era que os residentes tivessem o seu local de refúgio, um lugar que eles pudessem considerar como sua casa.

– Quando diz «nós», refere-se a si e à sua mulher? – Thóra partia do princípio de que ele era casado: usava uma aliança de ouro, por sinal bem grossa. Não se via nem um risco na sua superfície polida.

– Sim. – Agarrou numa fotografia emoldurada que estava na estante atrás de si. – E à nossa filha. – Passou a fotografia para Thóra. – É a Fanndís, a minha mulher, e a nossa filha, Lena. E este é o Tryggvi. – Apontou para a fotografia, deixando uma impressão digital sobre o rosto do seu defunto filho, no vidro impecavelmente limpo. – Ninguém devia passar por uma coisa destas.

Thóra pegou na fotografia e ficou sem saber se ele se referia ao facto de ter um filho tão doente ou de o perder em circunstâncias tão trágicas. Partiu do princípio de que se referia à segunda hipótese. A fotografia de família fora tirada num espaço interior e o fundo sugeria que estavam no apartamento do seu filho, no centro. Pai e filho estavam sentados no pequeno sofá, enquanto a mulher de Einvardur se inclinava sobre o braço do sofá, junto do filho, estando a filha do outro lado, muito empertigada. Eram todos extremamente bonitos. Einvardur parecia estar relaxado, embora envergasse um fato ainda mais elegante do que aquele que trazia de momento. Tinha os braços à roda da mulher e do filho. Fanndís, também muito elegante, com um vestido rosa-salmão, sorria radiosamente para a máquina fotográfica. A filha usava um vestido branco comprido e uma fita amarela no cabelo, lembrando uma sacerdotisa romana. Cada filho parecia-se com um dos pais; a filha era parecida com a mãe loura e excecionalmente bonita, e o filho, com o pai de cabelos escuros. Todos tinham ar de manequins, exceto, talvez, o rapaz, que embora muito bonito, parecia bastante desconcentrado. Os outros três olhavam diretamente para a máquina fotográfica e sorriam, enquanto Tryggvi olhava para o lado, atento a algo que lhe atraía mais a atenção do que o fotógrafo. Também tinha as mãos numa postura pouco natural, os dedos cruzados, como numa oração peculiar. Além disso, os seus dedos pareciam ligeiramente desfocados, como se estivessem a mover-se

rapidamente. Ao contrário do resto da família, Tryggvi estava vestido de modo informal.

– Peço desculpa pela minha grosseria. – disse Thóra. – Devia ter começado por lhe apresentar as minhas condolências. Não vou fingir que entendo como se sente; só posso imaginar. Deve ter sido horrível. – Passou a fotografia a Matthew. – O seu filho era realmente muito bonito.

– Era, sim. – Einvardur aceitou de volta a fotografia que Matthew estivera a observar atentamente – Mas esse foi o único trunfo que o destino lhe concedeu. Mentalmente, vivia no seu próprio pequeno mundo, ao qual nenhum de nós que o amávamos podia ter acesso. – Voltou a pôr o retrato na estante, tendo o cuidado de pô-lo por molde a que ficasse virado para a frente.

– Ele nunca se exprimia… nunca falava nem usava algum tipo de linguagem gestual? – Thóra queria saber se o rapaz poderia ter dito aos pais algo de relevante sobre a vida no lar.

Einvardur abanou a cabeça.

– Não, nunca disse uma única palavra. Percebia o que as pessoas diziam, ou pelo menos é o que pensamos, mas nunca comunicou. Interessava-se imenso por livros ilustrados pedagógicos, mas nunca soubemos ao certo se os lia ou se apenas olhava para as imagens. Às vezes ficava a olhar para uma imagem durante muito tempo.

– Mas acha que ele estava consciente do ambiente à sua roda?

– Não, duvido que estivesse. Pelo menos, não creio que se apercebesse do que acontecia à sua volta do mesmo modo que nós. A minha mulher, claro, não concordava comigo. Durante os vinte e dois anos que estivemos com o Tryggvi, nunca conseguimos chegar a uma conclusão sobre isso, o que talvez seja a melhor indicação de quão incompreensível era a sua vida, pelo menos para nós, que supostamente somos normais.

– Então, a sua mulher pensava que era possível comunicar com ele? – Talvez ela estivesse mais bem informada do que o pai de Tryggvi.

Einvardur pousou as mãos abertas sobre a mesa e inclinou-se para a frente com ar de conspirador.

– Ela pensava que sim, e nunca desistiu da ideia de que seria possível tratar o Tryggvi e educá-lo para ser um membro totalmente funcional da nossa sociedade ou, pelo menos, perto disso. Tal parecia-me impossível, mas, evidentemente, não queria destruir as suas esperanças. Claro que, no meu íntimo, partilhava o seu sonho; cheguei mesmo a ter algumas modestas esperanças. Já aconteceram coisas mais estranhas. – Inclinou-se para trás na cadeira. – Nunca descobriremos se poderia ou não ter acontecido.

– Mas devem ter-lhe feito visitas, e estiveram no lar, embora ele não tenha lá vivido muito tempo. O que é que pensava das instalações e do tratamento que o pessoal proporcionava ao seu filho? De acordo com o Jakob, os residentes sentiam-se terrivelmente. Mas não sei se o seu ponto de vista terá ou não sido influenciado pela infelicidade que ele próprio sentia por ter de lá viver.

Einvardur ergueu as suas sobrancelhas escuras, que, à exceção de um ou dois pelos fora do lugar, pareciam ter sido depiladas.

– Não me apercebi de nada disso, é certo, e ia visitar o meu filho de dois em dois dias. Embora aquele lugar fosse um bocado afastado, tentava passar por lá depois do trabalho, pelo menos duas vezes por semana, e também lá íamos aos fins de semana. A Fanndís e a Lena iam visitá-lo mais do que eu. A mãe ia quase todos os dias.

– Mas não se deu conta de nada? Nada que lhe tenha parecido estranho, ou que pudesse sugerir que os residentes não estavam felizes?

– Bem, muitos deles, nitidamente, não se sentiam bem, mas isso não tinha nada a ver com a residência em si. Alguns estavam em sofrimento ou tinham problemas em exprimir-se, e o Jakob provavelmente tomou isso como sinal de angústia. Antes de ir para o centro, ele apenas tinha vivido com a mãe, se não me falha a memória.

Thóra anuiu; ela própria tinha chegado a uma conclusão semelhante. Ainda pensou em falar-lhe do que Ari insinuara, que Tryggvi passara à frente de todos os outros na lista de espera, mas optou por não dizer nada. Talvez houvesse ali falta de transparência, mas não lhe parecia que tivesse interesse para o caso.

– E quanto ao seu filho… ele parecia estar contente?

– Tanto quanto eu pudesse dizer. Ao princípio ficou bastante agitado e infeliz por se ver num novo ambiente, mas começou a recuperar e voltou a ser exatamente como era dantes. Disse-me que leu os documentos sobre o processo, o que significa que estará ao corrente do elevado grau de autismo do Tryggvi, que o tornava extremamente sensível às mudanças. Ele não suporta… – Einvardur corrigiu-se, embaraçado. – Desculpe. Não suportava, queria eu dizer. O Tryggvi não suportava um ruído inesperado, um movimento de que se apercebesse pelo canto do olho, não podia estar com gente estranha nem ter alterações da dieta; detestava andar de carro e ainda menos tolerava o avião, por isso os nossos sonhos de levá-lo a passar umas boas férias na praia eram irrealistas, no mínimo. Ele queria que tudo permanecesse imutável e reagia muito mal à mudança, fosse ela qual fosse.

– O Tryggvi alguma vez ia aos apartamentos dos outros? Sabe se visitava os outros residentes, ou se dava uma volta pela residência? Talvez não logo de início, mas depois de ter passado algum tempo?

– Não, de todo. Nunca tomava a iniciativa no que implicasse relacionar-se com outras pessoas e, na verdade, evitava isso o mais possível; estava sempre no seu apartamento, a menos que fosse forçado a sair. O pessoal não estaria a fazer bem o seu trabalho se lhe permitisse fazer visitas… e duvido muito que isso tenha acontecido. Quem é que disse que o Tryggvi visitava outros apartamentos? O Jakob? – A sua expressão endureceu. – Está a tentar responsabilizar o meu filho?

Thóra abanou a cabeça.

– Não foi essa a razão da minha pergunta. Embora em circunstâncias diferentes, o seu filho estava no mesmo barco do que o Jakob, na medida em que atear o incêndio requeria capacidades de organização que nem um nem outro possuía. Não estamos a tentar responsabilizar o Tryggvi. Por outro lado, ele era do sexo masculino e, de momento, estou a tentar fazer uma lista dos homens que podem ser excluídos como suspeitos de terem engravidado uma das residentes do lar. Não sei se lhe disseram, mas a Lísa Finnbjörnsdóttir, a jovem que se encontrava em estado de coma, estava grávida.

Uma fenda surgiu no semblante tão polido de Einvardur, permitindo a Thóra ter um vislumbre do ser humano por detrás daquela fachada.

– Deve estar a brincar.

– Não. As minhas piadas, em geral, são de melhor nível. Na verdade, fico surpreendida que esteja surpreendido, porque, de acordo com a informação que possuo, o senhor estava inteiramente informado disto.

Einvardur começou a ficar agitado, passando os dedos pelo cabelo e abrindo muito os olhos.

– Não era o que eu queria dizer. Fiquei tão surpreso que falei sem pensar. – Tirou a mão da cabeça. – Ouvi falar do problema depois do incêndio, quando a investigação já estava a decorrer. Ainda não fui capaz de encaixar isso. Peço desculpa pela minha figura ridícula.

– Sabe que existe ADN do feto, ou pelo menos havia, mas é preciso material genético do pai, para se proceder a uma comparação.

– Estou disponível para que me tirem uma amostra, a fim de se certificarem de que não sou o pai. Eu próprio sugeri que fizessem o mesmo ao meu filho, e até paguei o teste do meu bolso. – Corou ligeiramente no alto da testa. – Os pais da rapariga pediram-me que os ajudasse a pôr fim à investigação sobre esse caso, e puxei uns quantos cordelinhos. Para afastar qualquer suspeita de que pudesse ter feito algo de errado, quis deixar muito claro que o que estava a fazer não era de modo algum uma tentativa de cobrir o rasto do Tryggvi. Os resultados do teste do meu filho também me excluíram a mim: havia muito poucas correlações entre o ADN do Tryggvi e o do feto. Mas tal como disse, se quiser fazer outro teste, terei o maior gosto em colaborar.

Na verdade, a exclusão só faria sentido se Tryggvi fosse mesmo filho de Einvardur. Mas Thóra optou por não mencionar a possibilidade de não ser assim.

– Mas qual a razão que o levou a ter esse gesto para com os pais da rapariga? É uma proposta estranha de se fazer, num caso tão sério.

– Eu não estava, de todo, em mim nessa altura. É tudo o que lhe posso dizer. Bem, foi isso e também o facto de os pais da rapariga estarem muito desgostosos e mo terem pedido insistentemente. Devo dizer que não estava a agir de forma

isolada; a polícia sabia tudo a este respeito, bem como o Ministério Público. Fomos unânimes em concordar que eu devia satisfazer o pedido. O pai da jovem já fora ilibado de qualquer suspeita. – Einvardur parecia muito empenhado em convencê-los de que se guiara apenas pela vontade dos pais e, de facto, era difícil conceber outra razão para o que fizera. A menos que estivesse a tentar que o interrogatório de Jakob e o julgamento decorressem o mais depressa possível. – Creia-me, farei tudo o que puder para a ajudar a descobrir quem abusou daquela jovem, e se, de facto, foi uma outra pessoa que não o Jakob a atear o incêndio. Na altura, não estabeleci uma ligação entre estes dois terríveis acontecimentos, mas vejo perfeitamente o que pretende com esta investigação, e porquê.

– Toda e qualquer ajuda é muito bem-vinda, naturalmente. E se, por acaso, se lembrar de algo, agora que já teve algum tempo para se distanciar dos acontecimentos…

– Concorda que conte à minha mulher o que aconteceu à Lísa? Ela passava mais tempo do que eu no centro, e pode ter reparado em algo ou lembrar-se de algum pormenor. Sofreu muito com a morte do nosso filho, o que em nada melhorou o seu estado; a minha mulher é terrivelmente sensível.

– Não vejo nenhuma razão contra, desde que ela guarde essa informação para si. Se a sua mulher quiser falar comigo, ficava-lhe muito grata.

– Isso é fácil. Ela está quase sempre em casa. Deixou de trabalhar quando o Tryggvi nasceu, e como a nossa filha ainda vive connosco, ela continua a sentir-se ocupada, embora tudo seja mais fácil e tranquilo do que quando o Tryggvi estava vivo. Vou pedir-lhe que lhe telefone. – Einvardur pegou no cartão de visita que Thóra lhe entregara. – Falou com o cineasta?

– Qual cineasta? – Thóra não vira qualquer referência a um cineasta nem nos documentos do tribunal nem em nada do que até agora lera.

– Havia um jovem que estava a juntar material para um documentário sobre o trabalho do centro. O projeto tinha sido aprovado pelo Departamento Regional e, tanto quanto sei, estava tudo a correr bem. O homem estava lá o tempo todo, e deve ter imenso material para lhe mostrar. Quem sabe, talvez lá encontre alguma

coisa que lhe interesse. Além disso, aposto que ele tem uma boa noção de como as coisas se passavam no centro, em comparação com outras instituições. Tenho a certeza de que lhe poderá assegurar que tudo estava bem. – Com isto, Einvardur esquivava-se habilmente a qualquer outra discussão sobre o que poderia ter acontecido a Lísa. Sem dúvida, deu-se conta de como esta atitude podia parecer cruel, pelo que acrescentou rapidamente, num tom mais grave: – Espero que encontre a pessoa que abusou da Lísa, e se não foi o Jakob a atear o incêndio, serei o primeiro a celebrar quando a senhora descobrir o estupor do responsável. Por outro lado, se o Jakob for, de facto, o culpado, sinceramente, espero que fique preso em Sogn até ao dia da sua morte.

Capítulo 12

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

THÓRA SAIU DO ESCRITÓRIO DO PAI DE TRYGGVI razoavelmente satisfeita com a reunião. É certo que não obtivera novas informações, mas Einvardur tinha-se prontificado a ajudá-la, o que era um passo em frente. Se precisasse de informação, ele estaria disponível para lha fazer chegar. Thóra pensou que devia ser agradável fazer parte dessa misteriosa elite que parecia conseguir sempre obter tudo. A informação que Einvardur lhe pudesse prestar não dependeria do consentimento de outros, nem era uma simples oferta retórica no sentido de ver em que poderia ajudar. Einvardur decidira, simplesmente, ajudá-los, e parecia convicto de poder fazê-lo. Thóra não estava acostumada a este nível de cooperação e, por instantes, pensou que o interpretara mal – não por ele estar tão certo de conseguir obter informação, mas porque parecia disposto a dar-lhe esse material incondicionalmente. A informação útil andava de mãos dadas com o poder, pelo que as pessoas raramente gostavam de a partilhar. Assim, podia ser difícil extraí-la de certas pessoas, e era raro vê-la servida numa bandeja. O cenário mais provável seria Einvardur fazê-la andar atrás dele, antes de, relutantemente, consentir em partilhar a informação, de modo a sublinhar a sua

própria importância. Talvez este temperamento acessível explicasse o facto de Einvardur não ter tentado fazer carreira na política.

Levando a sua colaboração ainda mais longe, antes de se despedir de Thóra e de Matthew, Einvardur telefonara à mulher, dizendo-lhe para seguir o seu exemplo e prestar a Thóra toda a ajuda de que ela precisasse. Thóra escutara a conversa, mas adotara a postura de alguém que, embora obrigado a ouvir uma troca de palavras entre um casal, está tão distraído que tudo lhe entra por um ouvido e sai pelo outro. Claro que ouvira tudo o que Einvardur dissera, bem como o som longínquo das respostas da sua mulher. A mensagem fora claramente transmitida como uma ordem, mas não num tom ameaçador ou desagradável. Era, no entanto, por demais evidente que Einvardur esperava que a sua vontade fosse cumprida. A seguir, informou Thóra e Matthew de que Fanndís se encontraria com eles onde quisessem, escrevinhou o seu número de telemóvel num pedaço de papel e entregou-o a Thóra. Quando ela o agarrou, Einvardur reteve-o ainda alguns instantes na sua mão, fitando resolutamente a advogada.

– Todos queremos que o verdadeiro culpado seja condenado. De facto, insisto nisso. – A seguir soltou o papel, e Thóra ficou sem saber se o comentário era de ordem geral, ou se lhe era dirigido apenas a ela. Quando se despediram, murmurou algo expressando o seu acordo.

Matthew não tinha percebido muito do que se passara naquele encontro mas, pouco a pouco, ia juntando os principais dados do caso.

– Como achas que será ter um filho com uma deficiência tão grave?

– É, sem dúvida, difícil. – A neve estalava sob os pés de Thóra. Nas áreas mais densamente habitadas, a camada de neve branca já teria, provavelmente, derretido, mas por aqueles lados pouca gente saíra e andara na rua, embora já fosse quase meio-dia. – Difícil e triste… mas também deve ser compensador. As pequenas vitórias tornam-se grandes, e é espantoso como as pessoas se conseguem adaptar a circunstâncias diferentes e aceitar o seu destino.

– Estás muito filosófica.

– Foi a tua pergunta que me fez pensar deste modo. – Atravessaram a rua em

direção ao carro. – Para ser sincera, não faço a menor ideia; nem sequer sou capaz de pensar nisso. – Era a verdade pura e simples; desde que aceitara este caso, Thóra dera muitas vezes por si a perguntar-se, involuntariamente, como seria a vida de Orri se estivesse preso dentro de um corpo ou de uma mente incapaz de se desenvolver, embora afastasse esses pensamentos assim que surgiam. Também se questionava se algum preconceito subconsciente lhe tornaria a visão nebulosa, mas estava quase certa de que não era esse o caso. Na sua opinião, o preconceito alimentava-se do ódio, e ela sentia quase o oposto: achava insuportavelmente triste pensar em jovens com deficiências tão profundas que perdiam tanto da vida. Também era totalmente evidente para ela que eles deviam sentir-se magoados por este tipo de atitude; pelo facto de não serem considerados como indivíduos e de, em vez disso, serem definidos pelas suas incapacidades. Resolveu cultivar um modo de pensar mais informado e tinha a certeza de que isso a iria ajudar no decurso da sua investigação. – Não me importava nada de comer algo como deve ser. – Olhou na direção da rua Hverfisgata, na esperança de ver um restaurante. – Não sei se estou deprimida ou esfomeada, mas preciso mesmo de comer.

Dirigiram-se para um pequeno café-restaurante nas imediações, e Thóra, ao ver no menu que havia ovos com bacon, escolheu esse prato. Matthew não estava tão entusiasmado. O local encontrava-se decorado com livros antigos, dispostos em estantes que pareciam ainda mais antigas e à beira da desintegração. Havia muito poucas mesas. Thóra achou o local acolhedor, mas Matthew não concordou, murmurando calmamente que duvidava que o pó dos livros fosse limpo regularmente. Thóra esperava que, para bem dos empregados, fosse mesmo assim; além disso, do ponto de vista dos clientes, não seria boa ideia o pessoal estar constantemente a limpar poeira que poderia, afinal, ficar colada aos velhos tomos, sem incomodar ninguém. Contudo, não disse nada, pois há muito percebera que Matthew preferia que os lugares onde comia tivessem níveis de higiene idênticos aos de um bloco operatório.

– Só não podes dar uma dentada nos livros – disse-lhe. Ele lançou-lhe um olhar irritado, antes de começar a estudar o menu à procura de alguma coisa

cozinhada para comer. – Acho que devíamos contactar a mulher do Einvardur, Fanndís, quanto antes. Malhar no ferro enquanto está quente. – Thóra observou a rapariga ao balcão, que enchia duas chávenas de café. – Podem mudar de ideias, se esperarmos.

– Queres que eu vá contigo? – Matthew não parecia muito excitado com a perspetiva. – Não tenho muito a acrescentar, e ela pode sentir-se incomodada com a minha presença, sentado em silêncio entre vocês as duas.

– O marido pareceu não ficar incomodado. Falou à vontade, embora não tenhas dito nada.

– As mulheres são diferentes. Tenho a certeza absoluta de que te vai dar mais informações se fores sozinha. Eu nem sei onde me enfiar quando falam dessas deficiências. Infelizmente, pelos vistos, percebo tudo o que dizem, embora preferisse não saber.

Trouxeram-lhes o café, e ficaram educadamente em silêncio enquanto a empregada os servia. Depois de ela se afastar, Thóra falou de novo.

– Não há problema. Hás de acostumar-te rapidamente ao assunto. E talvez ela seja aquele tipo de mulher que fica toda excitada quando há um homem bonito por perto e acabe por falar mais do que queria. – Bebeu um gole daquele café tão aromático. – Além disso, não quero ir sozinha.

A comida foi servida com uma rapidez impressionante e desapareceu nas suas barrigas igualmente depressa. Thóra sentia-se muito melhor, até porque a comida estava particularmente apetitosa. Depois de um começo cauteloso, Matthew não deixara nenhum resto no prato.

– Não vão precisar de lavar a nossa louça – disse Thóra, olhando para o seu prato que brilhava –, por isso, talvez tenham tempo para dar uma espanadela nos livros. – Sorriu para Matthew, enquanto tirava da mala o número de telemóvel de Fanndís.

Lena viu a sua mãe pousar o telemóvel e ficar a olhar no vazio. Não parara de esfregar a orelha enquanto falava. Depois da morte de Tryggvi, o irmão de Lena, o nervosismo da mãe aumentara de tal modo que uma das suas orelhas

estava quase sempre vermelha de tanto ser esfregada.

– Quem era? – perguntou Lena, tentando não se mostrar interessada.

– Hum? – A mãe lançou-lhe um olhar, surpreendida, e por um momento Lena teve a impressão de que não a estava a reconhecer.

– Ao telemóvel. Quem era? – Lena deu uma dentada na maçã que escolhera da gaveta do frigorífico e deixou a grande porta de aço fechar-se sozinha.

– Oh… – O beicinho que a mãe fez para formar esta palavra sem sentido durou mais tempo do que o necessário. Os seus lábios, pintados de vermelho-claro, formavam um círculo à roda da cavidade da boca, enquanto Lena esperava que ela continuasse a falar. – Ah, sim… era uma mulher com quem o teu pai quer que eu fale. – Levou os dedos à cabeça e começou a remexer no seu cabelo perfeito. – Devias lavar as maçãs antes de comê-las, Lena. Foram pulverizadas com pesticidas e não deves querer engolir isso.

Lena ignorou o conselho e engoliu um bocado de maçã.

– Uma mulher com quem o papá quer que fales? Quem é ela? E porquê?

– É uma advogada. E não é nada com que tenhas de te preocupar. – A mãe torceu a boca num sorriso que era tudo menos convincente. – Não vais passar o dia a estudar? Faltam poucos dias para os teus exames.

Lena encolheu os ombros.

– Mais tarde. Não há pressa. – Dirigiu-se para a bancada no centro da cozinha e sentou-se num banco alto, diante da mãe. – Vocês estão a pensar divorciar-se? – Tentou soar despreocupada, como se não se importasse. O pai, nos últimos tempos, estava sempre no trabalho, o que era um pouco insólito e sugeria que algo não estava bem, embora Lena não tivesse, na verdade, desconfiado de nada até ouvir os pais a discutir acerca de uma mulher que trabalhava no ministério e que a mãe queria que ele pusesse de baixa. A mãe nunca se envolvera em assuntos que dissessem respeito aos empregados do pai, o que sugeria que algo se passava. Que importava à mãe que uma mulher estivesse ou não no ministério? A parte da discussão que ouvira, antes de se aperceberem da sua presença, também sugeria que isto não dizia respeito apenas ao trabalho: a mãe queixara-se de que essa mulher a fizera de tola e se rira dela,

e que o pai era um completo idiota em acreditar no que ela dizia. Não, não havia dúvida de que a mulher era uma pega qualquer por quem o pai ficara embeiçado, precisamente por a achar bem diferente da tão perfeita mãe de Lena. Lena, na verdade, não podia censurar o pai por procurar um abraço menos gelado.

– Ora, claro que não. – A mãe tirou a mão da sua orelha avermelhada e pousou ambas as palmas sobre o tampo de granito que as separava. Lena compreendia-a bem; a superfície era fria ao toque e ela própria costumava fazer o mesmo, para serenar: umas vezes com as palmas da mão, outras, encostando o rosto à pedra. – Tem a ver com o Tryggvi. Algo que o teu pai acha que é importante, mas eu não percebi por completo.

– Que tem o Tryggvi? – A boca de Lena ficou seca. Teria de reabrir as velhas feridas? – Pensei que isso estava tudo acabado. Tu prometeste-me.

A mãe comprimiu as mãos com tanta força contra a pedra que ficaram brancas, com os ossos mais salientes do que de costume.

– Bem, não tem diretamente a ver com o Tryggvi, mas com o Jakob.

– O Jakob?– Lena pousou a maçã. Deixara de ser deliciosa para se tornar um peso embaraçoso na sua mão. – Estás a brincar? O Jakob que ateou o incêndio? – Mas o que se passava na cabeça do pai? Por vezes, podia agir de maneira estranha, mas aquilo era demasiado esquisito da parte dele. Sabia exatamente tudo aquilo por que a mãe passara quando Tryggvi morrera, e agora corria o risco de fazer recomeçar tudo outra vez.

– O teu pai diz que esta advogada está a investigar se o Jakob foi, de facto, o verdadeiro culpado. Ela está convencida de que persistem algumas dúvidas.

– Ela disse *algumas* dúvidas? Não disse *dúvidas fundamentadas*?

A mãe fechou os olhos e pareceu a Lena que estava a contar até dez. Depois abriu-os e olhou para a filha.

– Não sei, Lena. Se calhar existem dúvidas fundamentadas em relação à sua culpabilidade.

– Mas quem ateou o fogo não foi aquele anormal do Jakob? – A sua voz soara mais estridente do que o costume. Um novo julgamento e uma nova versão da morte de Tryggvi deixariam a mãe com os nervos em franja, e levariam o pai

a barricar-se atrás de um muro de silêncio protetor. Desta vez, a ideia do divórcio não desapareceria como acontecera antes. Da última vez, o casamento estivera por um fio, e só recentemente os pais tinham voltado a uma certa normalidade, exceto na medida em que, agora, a vida familiar não girava em torno dos problemas de Tryggvi. Lena sentia-se um pouco culpada. Gostara imenso do seu irmão, talvez não como a mãe, mas provavelmente tanto como o pai. Simplesmente, Tryggvi não retribuía o afeto, o que prejudicara a relação entre pai e filho, enquanto a mãe parecia não se ressentir. Talvez o que a mantivera em funcionamento durante todo aquele tempo tivesse sido a sua crença inabalável de que um dia seria possível ajudar Tryggvi a sair da sua concha. Lena sentia tristeza ao pensar que isso poderia na verdade ter acontecido se o seu irmão tivesse vivido mais tempo. – Mas que outra pessoa faria tal coisa?

– Ela não disse. – A mãe estava a ficar irritada e era óbvio que não queria falar mais do assunto. – Vai passar por cá daqui a pouco e talvez então as coisas fiquem mais claras. Se calhar não passa de algum disparate que o teu pai levou a sério.

– Mas por que razão é que essa advogada quer falar contigo? Não podem deixar-te em paz?

– Seria de esperar que sim, mas não é o que parece. Não entendo por que há de querer encontrar-se connosco. Talvez esteja a falar com todos os pais.

– Talvez pense que foi o Tryggvi quem ateou o incêndio. – Lena arrependeu-se das suas palavras mal as pronunciou, mas já não podia voltar atrás. – Talvez saiba que ele gostava de fogo.

A mãe abriu e fechou a boca por duas vezes, antes de dizer:

– Acaba de comer a tua maçã. Não deves desperdiçá-la toda dando-lhe uma só dentada.

Lena perguntou-se se devia deixar que a mãe se escapasse tão facilmente ou se devia repetir a pergunta.

– Não tenho fome. – Ainda assim, pegou na maçã, encostou-a aos lábios e sorveu-lhe o sumo. – Quando é que vem essa advogada?

A mãe olhou para o relógio, que lhe estava largo no pulso. Sempre fora

magra, mas a morte de Tryggvi fizera-a perder o apetite durante vários meses e ainda não recuperara o peso anterior.

– Daqui a meia hora. Devias ir vestir-te.

Lena olhou para o seu pijama aos quadrados.

– Eu? Eu não me vou encontrar com advogada nenhuma – replicou, e arrependeu-se imediatamente, porque estava morta por saber o que diria a mulher. Era improvável que fosse capaz de persuadir a mãe a contar tudo o que tinham dito na conversa, e se a sua vida familiar estava prestes a ficar uma merda, Lena queria saber porquê. E quanto mais cedo, melhor.

– Não sejas tonta. Claro que não vais, mas ela não tem de vir cá a casa e ver uma adolescente a andar por aí às voltas de pijama quando o dia já vai a meio.

– Tenho quase vinte e um anos, Mãe. Caso não tenhas reparado, o tempo da minha puberdade já lá vai.

– Claro que reparei. Toda a gente reparou. – A mãe ficava mais irritada a cada palavra que dizia. Lena sabia perfeitamente que não tinha nada a ver com ela: não passava de um saco de boxe dialogante que a mãe usava para se acalmar. Quando voltou a falar, Fanndís estava mais calma, e a sua orelha tinha quase uma cor normal. – A sério, Lena. Vai mudar de roupa.

– Meu Deus. – Lena levantou-se e levou a maçã consigo. Já tencionava tomar um duche e vestir-se, mas estava teimosamente a adiar a tarefa só por causa da agressividade da mãe. Lena há muito se acostumara a que tudo tinha de parecer estar bem, por mais dor ou cólera que fervilhasse sob as aparências. Aos sete anos, deixara cair uma caixa de madeira forrada de zinco por cima do pé, na Festa de S. Porlákur, e esmagara a unha do dedo grande, mas tivera de calçar sapatos de pele na véspera de Natal, embora a dor lhe deixasse os olhos marejados de lágrimas a cada passo. Tryggvi estava sempre bem vestido e bem arranjado, apesar de isso nada lhe importar. Uma vez, Lena propusera-se ir com a mãe ao Centro Comercial de Kringlan para lhe comprarem um fato de treino, que ele certamente acharia mais confortável do que umas calças de ganga apertadas. A mãe tinha ficado extremamente irritada com ela – os fatos de treino eram para exercícios de ginástica, retorquira, não para uso diário. Talvez a mãe

fosse muito diferente antes de Tryggvi ter vindo ao mundo; Lena não sabia, porque era mais nova do que ele.

O duche espevitou Lena; tomara-o ligeiramente mais frio do que lhe seria agradável. A letargia dissipou-se, deixando-lhe uma mente desperta e atenta num corpo cheio de arrepios – estava com pele de galinha em todo o lado, exceto na barriga das pernas, onde tinha um enxerto de pele. O enxerto era tão suave e brilhante como quando a pele fora implantada. Tinha dez anos, na altura. Lena não sabia se a nova pele não reagia ao frio ou se, simplesmente, a pele de galinha não se formava ali. Talvez ambas as explicações fossem verdadeiras. Apressou-se a secar a barriga da perna. Não queria lembrar-se disso, não queria reviver o momento em que se queimara, não queria pensar que por causa disso nunca poderia usar uma saia curta nas saídas noturnas, como as suas amigas. E ainda menos se queria lembrar de como Tryggvi gostava do fogo. Do fogo que tanto a magoara. Os pais tinham-na proibido de alguma vez mencionar o fascínio do irmão pelo fogo. Essa proibição ainda devia estar em vigor. Tinha sido feita quando o centro ardera.

Lá em baixo, a campainha tocou, e Lena enrolou-se rapidamente numa toalha. Claro que a advogada não seria capaz de ver através do teto, mas qualquer proteção era bem-vinda. A mulher não devia descobrir nada daquilo. No interesse de Lena, e dos seus pais, mas sobretudo no interesse da memória de Tryggvi.

Capítulo 13

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

MARGEIR TENTAVA O MAIS QUE LHE ERA POSSÍVEL ocultar o seu desespero, mas era-lhe difícil controlá-lo e as pequenas gotas de suor que sentia a formarem-se na testa não eram grande ajuda.

– Mas será que o senhor não está a pensar em fazer algumas mudanças em breve? Uma nova programação para a primavera, que lhe permitisse mudar o horário do programa?

O rosto do diretor da estação não evidenciava sinais de empatia. Atrás dele, um póster proclamava: *Nunca é demasiado tarde para te tornares a pessoa que poderias ter sido.* Por baixo dessas palavras via-se um homem desdentado, que sorria, com um grande manual nas mãos. Embora ainda lhe faltassem algumas dezenas de anos para chegar à idade do homem do quadro, Margeir não pôde deixar de sentir compaixão pelo velhote. Talvez fosse mais simples tirar um curso universitário do que lidar com o seu patrão; na escola, a pessoa tinha de lidar com vários professores, não só com um, que controlava tudo. Aquela pequena estação de rádio privada tinha um monarca, que agora estava sentado diante de Margeir e que não parecia disposto a conceder-lhe o mínimo favor. Se

a sua proposta não caísse nas boas graças do diretor, não havia nenhum supremo tribunal a que pudesse recorrer.

– Foi-lhe oferecido um outro horário quando o contratei. Na altura não o quis. – O diretor encolheu os ombros. – O pássaro madrugador é que apanha a minhoca.

– Eu, de facto, *queria* esse horário. Só que não me era possível, porque tinha outro trabalho, além do programa de rádio. Mas já desisti há que tempos desse emprego, portanto as coisas mudaram. Faria uma grande diferença para mim poder fazer o programa de manhã ou ao início da tarde. Dado que me foi proposto isso mesmo no inverno passado, achei que podia perguntar se a oferta continuava de pé.

O diretor fez uma careta.

– As coisas não são assim tão fáceis, amigo. As coisas mudaram muito desde que começou a trabalhar aqui.

Margeir sabia que ele estava a falar da recessão, que engolira tudo na sua trajetória. Mas era injusto usar as dificuldades económicas como desculpa: ao contrário de outras indústrias, a rádio beneficiara da crise financeira.

– As audiências têm aumentado. As vendas de publicidade também.

– Exato. – A careta desaparecera, substituída por um sorriso de contentamento. – É isso mesmo que quero dizer. Agora as pessoas ouvem-nos porque oferecemos uma rádio independente com programas de entrevistas. Os problemas nacionais mantêm-nos à tona. O seu programa é mais… – O diretor olhou para o teto, como se procurasse as palavras certas. – Mexericos, trivialidades, canções pop. Nos tempos que correm, as pessoas querem é protestar e discutir. Não querem andar para aí a cantar.

– Tem ouvido o meu programa, ultimamente? – Quando lhe pareceu que o diretor não tencionava responder à pergunta, Margeir apressou-se a continuar. Não precisava de se humilhar a ouvir um «não». – O programa pode ter começado num tom mais leve, dado que era, basicamente, um programa musical, mas agora está completamente diferente. Faço exatamente o que os outros fazem durante o dia: atendo chamadas de ouvintes que estão furiosos com a situação do

país. Por isso, a programação é idêntica de dia e de noite. As pessoas estão tão zangadas durante o dia como à noite.

– Exato.

Margeir não esperava aquela resposta. O diretor estaria a concordar com ele? O seu tom de voz sugeria outra coisa.

– O que quer dizer?

– Tendo em conta aquilo que ouvi dizer, o seu programa é uma variante daquilo que temos durante o dia. Uma versão mais fraca do que temos durante o dia. Não vou mudar o horário dos meus radialistas mais populares a favor de alguém que não tem o mesmo brilho.

– Que quer dizer com isso do brilho? – Margeir sabia precisamente a que se referia o diretor, mas não conseguia pensar numa maneira de se defender. A sua paixão esmorecia, o seu entusiasmo eclipsava-se. Atendia as chamadas só por dever e seguia a via da menor resistência possível, em vez de exprimir opiniões fortes ou de discordar deliberadamente de quem lhe ligava. De facto, em geral, concordava com os ouvintes, o que os desanimava. As pessoas que telefonavam estavam mais acostumadas a que as contradissessem ou a serem provocadas, e não sabiam o que dizer quando o apresentador do programa replicava, simplesmente: *Sim, tem razão, percebo o seu ponto de vista.*

– Sabe bem aonde quero chegar. Ouvi, outro dia, uma repetição do seu programa, e não prestava para nada. Quase se podia perceber como estava aborrecido. Estive a esta distância de o chamar para lhe dizer que não se preocupasse em voltar no dia seguinte. – Enquanto dizia estas palavras, o diretor fazia com que o seu dedo indicador quase tocasse no espesso polegar. – Para sua felicidade, não quis ter a maçada de encontrar um substituto, portanto, é graças à minha preguiça que ainda tem o seu trabalho. Mas enquanto continuar assim, esqueça tudo em relação a uma mudança de horário. Os locutores dos programas diurnos têm de estar despertos e motivados. Não podem andar meio a dormir nem mostrar-se aborrecidos. Quem pensa que vai querer publicidade assim?

– Se tivesse a oportunidade de apresentar o programa mais cedo, talvez o convencesse de que me posso sair bem. Estou muito interessado em debater os

problemas nacionais, embora de início não fosse esse o objetivo do meu programa. – Margeir estava a mentir: achava todo esse disparate que agora se instalara na Islândia terrivelmente aborrecido; só se falava de confusões políticas incompreensíveis e de magnatas lunáticos da banca e dos negócios. Para quê desperdiçar energia com os ambiciosos e os desonestos? – Leio todos os jornais que posso e estou sempre online, por isso o programa que ouviu não foi como os outros. Devia estar em baixo de forma. Toda a gente tem dias maus.

– Eu não. – O diretor não estava a brincar, embora toda a gente na estação soubesse que ele não era melhor do que qualquer dos outros; estava sempre a confundir o que os ouvintes diziam e acabava por se irritar com eles. Talvez fosse fácil um tipo julgar-se perfeito quando era um ditador. – Mas isso não faz qualquer diferença: não vejo necessidade de alterar algo que está a funcionar bem. *No que está mal não se mexe.*

Margeir estava em pulgas para o corrigir, mas não o fez, temendo que isso pusesse prematuramente fim à conversa.

– E que tal pôr-me como parceiro de outro locutor? Não me importo de ter um papel secundário.

O diretor pôs o lábio inferior para fora ao mesmo tempo que torcia o nariz: um feito, na verdade.

– Nã. – Pensou durante mais um instante, mas repetiu: – Nã. Está tudo a correr tão bem agora que não há hipótese. Todos os programas que precisam de dois locutores já os têm, e seria uma loucura ter três. Não haveria espaço para toda a gente no estúdio. Quer ficar atrás deles, aos gritos para ser ouvido?

Isto nem merecia uma resposta.

– E que tal trabalhar como temporário? Como suplente, em caso de necessidade, quando as pessoas adoecem ou vão de férias?

– O que se passa, Margeir? Arranjou uma mulher que o quer em casa à noite?

– Não. – Se ao menos fosse isso.

– Então, que se passa? Até agora andava contente com o seu horário, ou estou enganado?

– Sim. Não. – Margeir agitou-se na cadeira. Não tardava a ser educadamente

mandado porta fora. Só faltavam dez minutos para começar o programa do diretor. – Quero dizer, sim, até agora estive contente. E não, não está enganado, tem a ver com outra coisa. – De repente, sentiu a boca cheia de saliva, e engoliu com força. – Há um tarado que começou a fazer chamadas, e a ideia de que possa ser a pessoa seguinte a ligar está a dar-me cabo dos nervos. Acho que ele não se atreveria a ligar de dia.

O riso que esta afirmação provocou foi tão ruidoso como sentido.

– Continue a sonhar. Então não aprendeu nada? Esses doidos ligam sempre que tem a linha aberta, e não faz a menor diferença qual seja a hora do dia. Isso faz parte deste trabalho; a maioria dos que telefonam não arranja problemas, mas há sempre um ou outro que é… como hei de dizer… diferente. Não veja nisso uma crítica pessoal.

– Mas este não é um louco como todos os outros. Há algo realmente perturbante nas suas chamadas, embora ele não fale muito e não fique em linha muito tempo.

– Então, não responda. Simples. – O diretor levantou as mãos e moveu-as em círculos sobre a sua cabeça, como se estivesse a conjurar ideias a partir do ar. – Sei lá... ponha uma canção a tocar, leia qualquer coisa do jornal, encontre algo divertido na internet para os seus ouvintes. Passe uns quantos anúncios.

– Ele liga de um número privado. Mas há outros que também o fazem, por isso não há maneira de os selecionar; se não atendo enquanto ele está a tentar falar, também ninguém mais pode ser atendido. Seria uma grande ajuda se pudéssemos filtrar as pessoas que ligam. – Margeir sabia que há muito estava na calha a compra de uma máquina que tornaria isso possível.

– Mmmm, sim. – O diretor pousou as mãos no colo. Nada indicava que a estação estivesse a investir no que quer que fosse; um dos auscultadores do estúdio precisava de ter a espuma substituída desde setembro. – Isso é algo que planeio resolver, claro, mas com a coroa islandesa como está, teremos de esperar, nem que seja alguns meses. Certamente que entende isso… as suas finanças também não devem estar grande coisa. – Tratava-se de um golpe baixo, e o diretor pareceu dar-se conta disso, pelo que se apressou a continuar. – Mas

por que fica tão incomodado? Todos recebemos chamadas estranhas e, se formos a ver, isso não tem significado nenhum. Vêm de tipos que querem ser comediantes ou que são demasiado tímidos para falar quando estão no ar e, em vez disso, ficam a respirar contra o recetor do telefone. Não sei porque deixa que isso o perturbe tanto.

– Estes telefonemas são diferentes. Não é um graçolas qualquer, nem um tipo que se ponha para ali a respirar. – Margeir queria explicar-se sem ter de entrar em detalhes. – Parece que me conhece. Diz coisas que sabe que me vão incomodar.

A conversa estava a tornar-se demasiado pessoal, e o diretor não era propriamente conhecido pela sua capacidade de sentir empatia.

– O quê? Não vai deixar que isso o afete, pois não? Não é mais do que um cobarde que sente prazer em chateá-lo. Ria-se dele e desligue. – Recostou-se, satisfeito com esta solução. – Não é preciso ficar nervoso. – Era óbvio que o patrão estava farto da conversa. – Acha que consegue acalmar-se? – Nem precisou de acrescentar «ou devo começar a pensar noutra pessoa», pois era óbvio para Margeir de que lado o vento estava a soprar.

– Oh, sim, claro. Não há problema. – As suas palavras estavam longe da verdade, porém, se contasse ao diretor toda a história, seria o mesmo que despedir-se. – Bem, não se esqueça do meu pedido, se houver lugar a alterações, mas, até lá, não há problema. – Margeir levantou-se e dirigiu-se para a porta, tendo o cuidado de sair com a cabeça bem erguida De repente, ocorreu-lhe que devia voltar atrás e pôr-se de joelhos. Talvez essa fosse a maneira de agradar ao diretor. Mas hesitou só por breves momentos e deixou que a porta se fechasse com um estalido atrás de si. Fazia tão pouco sentido humilhar-se dessa maneira como imaginar que continuar com o programa não seria um *problema*. Ainda assim, consentiu a si mesmo a esperança de que os seus medos não tivessem, afinal, razão de ser.

Fora uma manhã difícil, e isso refletia-se na atmosfera da sala de serviço, onde estavam sentados, invadidos pelo desânimo e pela frustração, depois de

terem sabido dos últimos cortes que estavam planeados para o hospital. Tal significava, em suma, mais trabalho e menos salário no fim do mês: uma combinação mortífera.

– Como é que o Bjarni do quarto 2 não teve alta? Os raios X mostram que pode perfeitamente ir para casa, e precisamos da cama. Ontem deixei isto bem claro. – O médico-chefe raramente estava contente, e era sempre muito liberal nas suas críticas. Estava para se reformar em breve e as recentes mudanças na organização do hospital e do seu departamento não tinham feito nada para melhorar o seu mau feitio. – Não perceberam o que eu disse?

O silêncio abateu-se sobre o grupo e cada um deles estava à espera que alguém avançasse com uma explicação. O médico-chefe tentou, em vão, olhar alguém nos olhos, até que uma enfermeira se resolveu a falar.

– A mulher dele recusa-se a levá-lo para casa. Um assistente social está a tentar encontrar uma solução, mas, entretanto, disseram-nos para o deixar onde está.

– E ninguém disse nada? Esse não é um problema nosso; o homem está de perfeita saúde. Enfim, com uma saúde bastante razoável. – Mais uma vez, ninguém falou; o paciente ainda não acabara a convalescença e a sua mulher fora submetida a uma cirurgia à anca, pelo que lhe seria difícil cuidar dele em casa. – Estamos à espera de admitir dois pacientes esta tarde. O que sugere que se faça com eles? Se calhar, mandá-los para casa desse homem, não?

– O problema não é o Bjarni ainda cá estar; mesmo que já tivesse saído, não poderíamos pôr dois pacientes na mesma cama. Os internamentos têm de ser mais bem organizados. Não importa se é um ou se são dois pacientes que acabam por ter de ficar no corredor. Não devia lá estar nenhum. – O médico que respondera era aquele que se julgava que iria ocupar o posto de médico-chefe quando o atual se reformasse. Era um homem calmo, despretensioso, embora ultimamente tivesse vindo a tornar-se mais notado.

O médico-chefe não se deixou impressionar. Cruzou os braços e puxou a sua gravata às riscas (demasiado larga para estar na moda) para um dos lados.

– Não foi só isto que correu mal aqui ontem. Vejo no relatório da rapariga

paralisada do quarto 7 que ela ainda não foi vista por um terapeuta. Aproveito para vos recordar que tal avaliação nos poderia dar valiosas indicações sobre o seu estado e, assim, ajudar-nos a estabelecer um diagnóstico.

– Ela veio ontem. – A enfermeira que falara corou um pouco, arrependendo-se logo de ter atraído a atenção do seu maldisposto superior. – A terapeuta. Alguém pode ter-se esquecido de o registar, mas esteve aqui e ficou sentada junto da rapariga pelo menos durante meia hora.

– E? É muito improvável que tenham tido uma agradável conversa. Ela não contou a ninguém as conclusões a que chegou nessa sessão? Será que simplesmente desapareceu sem falar com ninguém?

A jovem enfermeira ficou ainda mais embaraçada e pôs-se a remexer distraidamente numa caneta que trazia no bolso da sua bata.

– Ela falou um pouco comigo, quando estava sair. Disse que nos iria contactar hoje, a respeito desta paciente.

– E porquê a demora? – O médico-chefe apertou os braços contra o peito, empurrando a sua gravata amarrotada para um ângulo ainda mais ridículo. – Será que ela não sabe que temos estado à espera desta avaliação?

– Não sei. – A jovem enfermeira corou ainda mais e, pelo canto do olho, lançou um olhar suplicante ao médico que falara em primeiro lugar, mas não teve sorte. – Disse que ia rescrever as suas notas com a informação que conseguiu obter da paciente e que precisava de voltar a analisá-las. Se bem a percebi, achou que talvez não tivesse compreendido o que a paciente lhe estava a tentar dizer, ou que podia tê-la interpretado mal.

– Não ter compreendido? Ter interpretado mal? – O tom sarcástico não era, de todo, justificado, mas o médico-chefe não se importava; sabia-lhe bem poder descarregar a sua irritação. Já estava farto de não poder fazer o seu trabalho como devia ser. Os controlos de qualidade do hospital estavam a diminuir, mas isso não era culpa do pessoal; as mudanças constantes e a falta de fundos tornavam a situação muito difícil. – Como é possível não interpretar bem? Já viu os cartões que são usados neste tipo de comunicação? Não parece que tenham lá muitas palavras à escolha.

– Não sei exatamente o que ela queria dizer, mas penso que está em melhor posição do que nós para retirar conclusões da conversa com a paciente. – A enfermeira tinha parado de remexer na caneta. Estava a ficar irritada. – Não concorda?

O médico-chefe descruzou os braços.

– Bem, não posso continuar à espera disto mais um dia inteiro, por isso sugiro que entre imediatamente em contacto com a terapeuta e que descubra algo. – A enfermeira limitou-se a anuir. Dentro de si, a irritação crescia, mas agora era dirigida aos seus colegas, que tinham permanecido em silêncio, não tendo feito qualquer tentativa para a ajudar. Claro que já fizera o mesmo que eles, mas esta era a primeira vez em que se via no papel do bode expiatório. Esperava ter a integridade suficiente para aprender a lição e da próxima vez acorrer a ajudar os outros, em vez de ficar calada. Contudo, no seu íntimo sabia que provavelmente não o faria.

Depois da reunião, sozinha no seu posto, pegou na lista de telefones do hospital. Quando já perdera as esperanças de que a terapeuta respondesse, ouviu uma voz esbaforida do outro lado da linha.

– Olá, desculpe, não me esqueci de si. Chamaram-me inesperadamente do hospital infantil e só cheguei agora. Ainda tenho de reler as minhas notas mais uma vez, mas serei capaz de fazer isso dentro de meia hora ou pouco mais.

– Isso seria excelente. Estamos ansiosos por saber se a paciente tem algumas queixas ou se sente dores. Estamos a ter dificuldade em determinar a causa dos seus sintomas.

– Oh, duvido que seja capaz de vos ajudar nisso. Na verdade, preciso de lhe fazer mais algumas perguntas; ontem ela não quis dizer nada sobre como se sentia fisicamente. Mas nada impede que se tente outra vez.

– Ah sim? Mas, então, o que é que ela *disse*? – A enfermeira queria obter toda a informação possível, para o caso de lhe fazerem mais perguntas.

– Se a percebi corretamente, sente-se infeliz… ou assustada, para ser mais precisa. Mas não fui capaz de saber porquê. É por isso que irei, hoje, tentar falar com ela outra vez. Trata-se de um meio de comunicação extremamente

primitivo, embora ela esteja mais bem preparada para o utilizar do que muitos outros pacientes, porque sabe ler e escrever e pode soletrar palavras. Só que leva imenso tempo e, além disso, é muito fácil desembocar no quadrado errado. Ela estava cansada e impaciente, por isso não correu lá muito bem. Oxalá hoje consiga melhores resultados.

– De quem é que ela pode ter medo? De nós?

– Não tenho a certeza. Quando lhe perguntei, soletrou a palavra «oxigénio» por várias vezes, mas não faço ideia do que quereria dizer. Também soletrou a palavra «homem» mais do que uma vez, e «homem mau», quando lhe pedi para se explicar melhor. Não percebi o que quis dizer, mas quando chegámos a este ponto não consegui que ela continuasse. Além disso, há outras coisas que não compreendo ao certo, mas preciso de um pouco mais de tempo para refletir e tentar descobrir o contexto.

– Não pode ser um pouco mais clara?

– Acho que quanto menos eu disser agora mais seguros estamos. Deixe-me ver isto mais um bocadinho e falar consigo como deve ser, depois de visitar a paciente de novo. Se calhar, tudo isto não passa de coisas sem sentido… um sonho mau que ela teve, ou alguma espécie de delírio, mas quero chegar ao fundo da questão, se for possível. O seu ritmo cardíaco aumentou imenso quando ela se referiu a esse homem, por isso, pode bem ser que o medo lhe esteja a provocar sintomas que vos confundem.

– Compreendo. – A enfermeira tentou lembrar-se de mais alguma pergunta oportuna, mas nada lhe veio ao espírito. – Então, até logo. Chamo-me Svava e vou estar aqui até às quatro. – Despediram-se, e a enfermeira ficou a olhar para o telefone durante alguns momentos, antes de se pôr de pé. Talvez devesse começar por ver a pobre rapariga: ao que parecia, ela gostava de ouvir rádio; talvez isso a relaxasse e a ajudasse a ultrapassar o medo. Mas, atenção, da outra vez o ritmo cardíaco da rapariga acelerara-se quando lhe pusera o auricular no ouvido, e por um segundo Svava perguntou-se se não seria a crise financeira que a estava a assustar, já que não se falava de outra coisa na rádio. Não, não podia ser isso. Devia ter sido uma coincidência.

Capítulo 14

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

CADA ANDAR DAVA PARA ALBERGAR CONFORTAVELMENTE uma família de três pessoas. A casa era tão impressionante que, na verdade, se tornava difícil apreciar o seu estilo arquitetónico; o seu aspeto geral dava a impressão de que a planta fora feita numa escala errada e de que o edifício resultara numa versão ampliada da ideia original. O mesmo acontecia com a casa ao lado. Estavam todas muito juntas, e nenhuma tinha janelas nos lados, por causa da proximidade dos vizinhos. Ou os moradores viviam bem ou tinham recebido um bom desconto dos construtores. Thóra tivera algumas dificuldades em orientar-se até à zona norte do subúrbio de Grafarvogur, aonde normalmente nunca precisava de ir. Na maior parte dos caminhos de acesso a essas casas enormes não se viam carros, dado que para manter semelhantes palácios eram precisas duas pessoas com bons ordenados, mas viam-se reboques de motos de neve em muitas das rampas, e uma caravana aqui e acolá, coberta com um oleado. No caminho de acesso à casa de Einvardur e Fanndís, porém, não se via nenhum reboque, e Matthew estacionou junto a um carro de família novo, cujo proprietário não devia nadar em dinheiro mas não queria dar a entender que assim era.

Numa placa de cobre, sob a campainha da entrada, estavam gravados os nomes de todos os membros da família, incluindo o de Tryggvi. Thóra reparou que Matthew erguera as sobrancelhas ao ver o nome do filho, mas ele nada disse; a sua experiência com crianças resumia-se aos filhos e ao neto de Thóra, e parecia dar-se conta das suas limitações no que tocava a compreender os pais. Tocou à campainha e, pouco depois, Fanndís abriu a porta. Era tão elegante como sugeria a fotografia que o marido tinha no escritório, embora tivesse envelhecido desde então. Pequenas rugas desenhavam-se-lhe entre os cantos dos olhos e as têmporas, e tinha linhas verticais de cada lado da boca. À parte isso, o seu rosto era suave e tinha um ar saudável. Estendeu-lhes uma mão esguia e ornamentada com anéis, sorrindo calorosamente quando se apresentaram. A roupa que trazia não era nada do género que Thóra escolheria se trabalhasse em casa; Fanndís parecia estar de saída para um almoço no clube de golfe. Mas talvez se tivesse vestido assim especialmente para receber as suas visitas e, se assim fosse, Thóra lamentava ter-se vestido de acordo com o tempo que fazia de manhã.

Seguiram-na através do belo átrio e chegaram a uma sala espaçosa e elegante, que tinha um ar acolhedor, apesar da sua dimensão. Havia alguns quadros bonitos nas paredes e viam-se fotografias de família nas estantes e aninhadas nas mesas. Em todas as fotografias que mostravam a família vestida com as suas roupas mais elegantes, a filha envergava um vestido comprido, que a Thóra pareceu ser espanhol.

– A sua filha tem, nitidamente, uma personalidade forte – observou, apontando para a mesma fotografia que Einvardur lhes mostrara no escritório. – Às vezes penso que as jovens se vestem todas da mesma maneira, mas, pelo que vejo, não é o que acontece com ela.

Fanndís deteve-se e olhou para o retrato. Corou ligeiramente e esfregou a orelha.

– Sim, a Lena tem bom gosto e quer estar sempre bonita. – Sorriu com tristeza e desviou os olhos da fotografia. – Essa foi a última vez que vimos o Tryggvi com vida. O meu marido e eu estávamos de saída para ir ao baile anual

do ministério, que se realizou em Selfoss, e autorizámos a Lena a convidar os seus amigos para uma festa. Nem posso descrever o nosso regresso a casa, depois de sabermos o que se tinha passado. Nunca mais hei de ir a esse baile; receio que me trouxesse demasiadas memórias penosas. – Aclarou a voz e deixou a orelha, que agora já estava ruborizada. – Mas nada disto vos interessa. Estava a fazer café: ficará pronto daqui a nada. – Fanndís esperou que Thóra e Matthew se instalassem e só depois se sentou. – Talvez estejam com fome… Posso preparar-vos qualquer coisa para acompanharem o café, se não tiverem ainda comido.

– Não, obrigada. – Thóra tinha a certeza de estar a recusar algo delicioso, mas o bacon pesava-lhe como chumbo no estômago, não deixando espaço para mais nada. Matthew seguiu-lhe o exemplo e também declinou, embora não se importasse, certamente, de comer mais um pouco.

Conversaram por uns momentos sobre o tempo, depois sobre a situação económica da Islândia, embora os comentários de Fanndís sobre a crise parecessem convencionais e neutros. Thóra estava impressionada: ainda não fazia ideia do que Fanndís realmente pensava quando ela decidiu orientar a conversa para o assunto que ali os levara.

– O meu marido disse-me que estão a investigar o incêndio na residência comunitária. Não sei como vos posso ajudar, mas farei o meu melhor.

– Muito obrigada. O seu marido foi muito generoso e eu começo por lhe agradecer por ter aceitado encontrar-se connosco. Compreendo que seja penoso reviver uma tal tragédia, e a última coisa que queremos é provocar-lhe qualquer tipo de sofrimento. Só gostaríamos de ouvir a sua opinião sobre o que se passava naquele lar, caso saiba de algo que não apareça nos documentos.

Fanndís franziu os lábios antes de falar, mas não evidenciou outros sinais que revelassem que se estava a sentir pouco à vontade com o assunto. Sem dúvida, detestava falar de assuntos privados com gente estranha.

– Não sei o que mais possa acrescentar ao que já foi dito. Eu ia frequentemente ao centro e nunca me apercebi de nada em particular, a não ser que o pessoal, apesar de ser mal pago, trabalhava com diligência e abnegação.

Não vejo que faça sentido passar as minhas lembranças a pente fino na esperança de detetar algumas pequenas falhas.

– Não é o que estou a sugerir. – Seria muito mais difícil falar com Fanndís do que fora com o seu marido. Ela erguera imediatamente um muro à sua frente, e era pouco provável que conseguissem derrubá-lo sem mudarem de tática. Ir diretamente ao assunto não era, obviamente, a melhor maneira de prosseguir. – O seu marido mostrou-me uma fotografia do vosso filho, esta manhã. Era um jovem muito bonito.

– Sim, era. – Fanndís espreitou pelo canto do olho a fotografia de família mais perto de si. – Mal acabara de nascer, destacava-se de todos os outros bebés da maternidade. Tinha tanto cabelo e causava uma tal impressão...

– Deve ter sido um choque, quando percebeu que era autista.

– Sim e não. Desde o início, havia sinais que nós ignorámos. No íntimo, sabíamos que havia algo de profundamente errado, muito antes de o conseguirmos admitir para nós próprios. – Fanndís olhava a fotografia do filho enquanto falava. – Em bebé, nunca me olhou nos olhos. Nem mesmo quando o amamentava. Essa foi a primeira coisa que estranhei, mas como era o meu primeiro filho, eu não sabia ao certo como era suposto os bebés se comportarem. O Tryggvi também quase nunca chorava, mas pensámos que isso era por ser um anjo. Com o passar do tempo, os sintomas tornaram-se mais acentuados e quando fez dez meses de idade tivemos de admitir que havia problemas. O Tryggvi não fazia nenhum dos sons que os bebés fazem. Quando pegávamos nele, não se endireitava; deixava-se ficar de corpo mole, impotente. Não gostava que lhe tocassem, não queria aprender a falar e só comia se a comida fosse posta sempre no mesmo lugar à sua frente: o prato tinha de estar alinhado com a borda da mesa, e o copo de plástico e a colher tinham de ficar sempre no mesmo lugar. Nunca percebi o que o levou a optar por essa disposição. Talvez eu tenha posto a mesa dessa maneira da primeira vez que tentou comer sozinho. Tudo tinha de ser feito da mesma maneira, sempre. Detestava mudanças, e muitas vezes ficava cheio de medo quando acontecia algo de inesperado. De qualquer modo, a sua vida não era simples.

– Como se sentiu quando foi viver para o centro? Não tinha sempre vivido em casa até então?

– Não foi fácil, mas as coisas estavam a melhorar na altura em que aconteceu o desastre. Ter ido para lá acarretou tantas mudanças que ficou completamente confuso e, ao princípio, foi muito difícil para ele. Nós passávamos imenso tempo lá, no início, para o ajudar a acostumar-se. Ninguém o conhecia tão bem como nós. – Fanndís olhou para baixo, agitada, e ajeitou o colar. Depois de o ter colocado no centro do peito, pareceu sentir-se melhor. – O Tryggvi viveu connosco até aos seus vinte anos. Eu tomava conta de tudo o que lhe dizia respeito, durante o dia, salvo quando ele estava a fazer terapia ou nas aulas; depois ia buscá-lo. Quando lhe propuseram um lugar no centro, nós aceitámos, porque tínhamos a esperança de que isso o ajudasse na sua terapia de desenvolvimento. Não foi porque quiséssemos desistir ou porque já não confiássemos em nós próprios para o manter em casa, como muita gente pensou. Achámos que ele talvez já tivesse evoluído tanto quanto lhe era possível sob o nosso cuidado e que a mudança o ajudaria a fazer progressos. – Fez uma pausa antes de continuar: – Ninguém esperava que as coisas acabassem desta maneira.

– E ele fez alguns progressos? Quer dizer, antes do incêndio?

Fanndís pareceu ficar surpreendida com esta questão, o que era um pouco estranho, visto que parecia ser uma mulher muito inteligente.

– Não, nem por isso, mas o incêndio ocorreu apenas seis meses depois de ele ter ido para lá, por isso talvez tivesse tido algumas melhoras mais tarde.

Agora, a conversa parecia estar a fluir, o que encorajou Thóra um pouco.

– Então, ele tinha sessões de terapia e aulas no centro? Eu vi que a lista do pessoal incluía uns quantos terapeutas do desenvolvimento e fisioterapeutas.

– Sim, tinham um bom programa, se bem que fosse um pouco antiquado para o meu gosto, embora a diretora estivesse aberta a inovações. Há tantos tratamentos para autismo que têm produzido excelentes resultados, mas não os experimentam na Islândia, devido a preconceitos ou por outra razão qualquer. Não sei. No entanto, o pessoal do lar trabalhava afincadamente e não quero parecer ingrata; simplesmente, teria gostado de os ver com mais ambições num

programa que era suposto ser progressista. Mas, claro, a direção não tinha muita experiência.

– Ouvi dizer que os residentes se sentiam bastante infelizes; apercebeu-se disso?

– Meu Deus, esqueci-me do café! – Fanndís levou uma mão ao peito e levantou-se de repente. – Já volto. – Apressou-se a sair da sala.

Matthew, surpreendido, olhou para Thóra.

Da cozinha começaram a chegar ruídos de uma grande azáfama, a porta de um armário que se fechava e o tinir dos talheres. Depois ouviram uma voz, mas era difícil dizer se provinha de um rádio ou se Fanndís estava a falar com alguém, talvez ao telefone. Thóra pôs-se atentamente à escuta, mas não percebia o que estava a ser dito, nem sequer se eram duas pessoas a falar. Reparou num desenho emoldurado que estava numa estante baixa perto do sofá e que a intrigou. Inclinou-se para ver melhor a imagem e acabou por tirá-la da estante. Não se tratava, obviamente, de um trabalho de um artista conhecido, pois Thóra sabia que raramente optavam pelo uso de lápis. Portanto, devia ter sido feito por uma das crianças da casa, e não foi difícil chegar à conclusão de que o autor fora Tryggvi. Thóra não sabia ao certo o que o artista quisera representar, porém, num dos cantos viam-se algumas letras grandes, e uns números desenhados com atrapalhação, onde se lia *o8INN*, ou qualquer coisa parecida. O retrato fora desenhado de forma demasiado cuidadosa para ter sido feito por um miúdo, e o assunto era muito peculiar. Em primeiro plano, via-se uma figura, aparentemente uma pessoa, mas sem olhos nem nariz, apenas com uma boca aberta, de onde parecia sair um grito mudo. Atrás da figura havia um edifício que parecia ser o do centro, desenhado esquematicamente, e fora esse pormenor que atraíra a atenção de Thóra. Embora tivesse alguma semelhança com a realidade, algo não fazia sentido, mas Thóra não chegou a perceber ao certo o que a desconcertava. Havia uma segunda figura, de um dos lados. Ao contrário da primeira, que estava deitada, esta encontrava-se de pé e tinha dois olhos e uma boca fechada. As suas mãos estavam levantadas e entre elas via-se um círculo desenhado quase na perfeição, dividido em três setores por linhas que se uniam no centro. A figura

tinha qualquer coisa de sinistro, mas era difícil indicar porquê; os traços do seu rosto não eram nítidos, à exceção da boca vermelha e feroz. Se era assim que Tryggvi via as pessoas, não admirava que achasse a vida tão difícil e que tivesse tanto medo de mudanças.

Era óbvio que o desenho fora originalmente desenhado a lápis e depois colorido. O papel espesso e amarelado fazia-o parecer mais antigo do que provavelmente era. Thóra passou a imagem a Matthew, que concordou que o edifício se assemelhava ao do centro e que lhe chamou a atenção para o que parecia ser fogo a arder numa das janelas. Thóra inspecionou o desenho com mais atenção, mas não ficou muito convencida, embora pudesse distinguir ali alguma coisa amarelo-avermelhada. Estava a inclinar-se para pôr a moldura no lugar quando Fanndís apareceu com os cafés numa bandeja.

– Estava a ver este desenho. Foi o Tryggvi que o fez?

Fanndís pousou a bandeja na mesinha de café e aproximou-se de Thóra.

– Posso ver? – Pegou na moldura e franziu as sobrancelhas. – Já me tinha esquecido disto. Onde estava?

Thóra apontou para a estante.

– Foi o Tryggvi quem o fez? – repetiu.

– Sim – respondeu Fanndís, distraidamente, olhando a imagem. – Tinha jeito para o desenho. Neste aqui não se percebe bem, porque foi colorido mais tarde, mas o Tryggvi executava todos os seus desenhos num só longo movimento, sem nunca levantar a caneta ou o lápis do papel. Acho que via as imagens claramente no seu espírito antes de as transferir para o papel, porque não hesitava nem ficava nervoso depois de começar. – Voltou a colocar o desenho no seu lugar, mas agora tão escondido atrás dos livros que só se via parte da moldura. – Tinha-me completamente esquecido deste desenho. A minha filha mandou emoldurá-lo e deu-o ao pai como presente de aniversário pouco depois de o Tryggvi se ter mudado para o centro. Não sei porque escolheu este desenho, já que há muitos outros, bastante melhores. Acho este um bocadinho assustador, por isso é que está ali meio escondido.

– Trata-se de uma representação do centro? – perguntou Thóra. – Acho que

reconheço o edifício, embora não seja exatamente como me recordo dele.

– Ah, sim. Não tinha percebido isso? – Fanndís sorriu para Thóra, como se a achasse um pouco lenta. – É uma imagem em espelho do edifício. O Tryggvi desenhava sempre imagens em espelho; era um dos seus sintomas de autismo. Tentaram descobrir porquê e chegaram à conclusão de que o radar do seu cérebro, se é que lhe podemos chamar assim, estava mal calibrado. Aquilo que ele via e queria transmitir num desenho aparecia ao contrário. Na verdade, nunca percebemos se ele via a vida assim, porque era difícil fazer-lhe testes, mas há registo de outros casos. As pessoas com este tipo de incapacidade não podem ler as horas num relógio, por exemplo. Embora nos parecesse inconcebível quando morreu, talvez o Tryggvi pudesse vir a ser capaz de o fazer um dia. – Indicou o café. – Façam o favor de se servir enquanto ainda está quente. A cafeteira já está um bocadinho velha e por isso arrefece em pouco tempo.

O café ainda estava, de facto, quente e agradavelmente forte. Thóra pousou a sua chávena, que tinha um padrão estampado no pires. Enchera-a demasiado e estava com medo de entornar o café.

– Ele desenhava muito?

– Se lhe pusessem um papel e uma caneta à frente, começava imediatamente a desenhar. Tal como disse, as imagens já estavam formadas por completo na sua cabeça, por isso não tinha hesitações. Não falava, o que significa que nunca pedia folhas para desenhar; podia indicar de uma forma ou de outra que queria uma folha, mas nunca o fez. Nunca pedia nada, nem mesmo água, quando estava com sede. Para o Tryggvi, a vida, simplesmente, acontecia; ele não tentava influenciar ou mudar o curso das coisas. Perguntei-me muitas vezes como seria viver essa espécie de vida, mas não consigo imaginá-la. É pena, porque talvez nos tivesse ajudado a compreendê-lo melhor. O Tryggvi tinha tudo aquilo de que precisava para fazer o que nós fazemos de forma natural: as suas cordas vocais eram normais e, de acordo com os inúmeros TAC e testes que fez, não havia nada de errado com o seu cérebro. Simplesmente, faltava-lhe algo que nunca conseguimos identificar, alguma ligação ou faísca. Disseram-me que era como se houvesse uma desconexão numa peça de equipamento elétrico: quando duas

partes não estão acopladas, nada funciona como devia, mas quando se estabelece a ligação, tudo começa a funcionar. – Fanndís levou a mão à outra orelha e esfregou-a. – Eu ainda não tinha desistido da ideia de que isso pudesse acontecer. – Sorriu, embaraçada, e olhou através de uma das janelas, claramente para não se confrontar com o ar cético das suas visitas.

Thóra, com muito tato, absteve-se de comentar a possibilidade de recuperação do rapaz; nada sabia sobre autismo, a não ser que ninguém se curava por completo, ainda que pudesse haver progressos notáveis em certos casos.

– Nesse desenho ele representou alguém a gritar. Acha que se trata de uma forma de exprimir o que sentia em relação ao lugar onde estava a viver? Perguntei-lhe há pouco se os residentes lhe pareciam infelizes: talvez esta fosse a maneira de o Tryggvi manifestar os seus sentimentos. Tenho tanto interesse em falar disto consigo porque a senhora deve ser a pessoa que mais tempo passou no lar, a seguir aos que lá trabalhavam. Será muito difícil que alguém do pessoal me confesse que os residentes não eram tratados como seria desejável.

– Não sei o que lhe hei de dizer. Tal como referi, o Tryggvi detestava mudanças, o que é um sintoma muito frequente no autismo. Dado que a sua estada durou pouco, é difícil saber como viria a sentir-se com o passar do tempo. Mas convém não esquecer que provavelmente não era o local em si que lhe causava desconforto, mas este aspeto da sua incapacidade. Obviamente, eu conhecia um pouco os outros residentes, e parecia-me que se estavam a dar bem, cada um à sua maneira. De um modo geral, diria que os que tinham deficiências físicas pareciam melhor do que os que tinham deficiências mentais. Mas talvez isso seja o normal.

– Portanto, nunca ouviu ninguém aos gritos ou aos berros? Ou qualquer outro ruído que pudesse sugerir que algo não estava bem?

– Não, quero dizer, claro que os ouvi a gritar, a chorar e tudo isso. Os residentes frequentemente ficavam irritados com alguma coisa. Por vezes, ninguém era capaz de perceber porquê, mas normalmente conseguiam dizer qual era o problema. Por exemplo, alguns eram capazes de fazer um grande alarido

quando alguém os estava a tentar ajudar, mesmo que o desconforto fosse apenas temporário. Penso que a terapia podia ser desagradável, e mesmo bastante penosa. Uma vez tive um problema num ombro, por isso falo por experiência própria, embora eu tivesse o autocontrolo necessário para não gritar durante a fisioterapia. – Fanndís dirigiu-lhes um sorriso. – Mas qualquer incómodo que os residentes pudessem sentir não era por culpa do pessoal; pelo contrário, procuravam facilitar-lhes a vida o mais possível. Claro que nem sempre conseguiam, porque há resultados que nem os analgésicos nem a amabilidade alcançam. Há certas coisas que doem de um modo diferente, sei lá, como levar uma martelada no dedo. – Parou de sorrir. – Como a dor que senti com a morte do Tryggvi.

– Percebo que tenha sido terrivelmente difícil para si, e continuará a ser. – Thóra queria voltar ao assunto que lhe interessava. – Partindo do princípio de que o Jakob não ateou o incêndio, consegue imaginar algum outro residente que pudesse ter recorrido a um ato tão desesperado? Talvez sem se dar conta das consequências dos seus atos?

Fanddis levou outra vez a mão à orelha.

– Não me ocorre mais ninguém. Toda a gente que lá vivia era física e mentalmente incapaz de fazer uma coisa destas. Exceto o Jakob.

– Bem, isso é o que a senhora pensa, mas mesmo no caso do Jakob, tenho sérias dúvidas quanto à sua capacidade mental para levar a cabo um ato deste tipo. Preparar aquele incêndio exigiu uma capacidade de organização que ele não revela. – Pelo canto do olho, Thóra reparou que Matthew estava a olhar para a porta da sala, embora tentasse disfarçar. Não precisava de se incomodar, porque toda a atenção de Fanndís estava concentrada em Thóra. – E quanto aos membros do pessoal, ou aos familiares dos outros residentes? Poderiam estar implicados de algum modo?

Claramente, Fanndís achou aquela pergunta de mau gosto; olhou para Thóra como se ela tivesse tirado uma pastilha elástica da boca para a colar debaixo da mesinha do café.

– Claro que não. Os funcionários eram pessoas normais, que nada teriam a

ganhar cometendo um crime desses. Muito pelo contrário, de facto, teriam tudo a perder, visto que um incêndio ali significaria o desaparecimento do seu posto de trabalho; houve uns quantos que perderam esse emprego. Quanto aos outros familiares, não iam lá tanto como eu; muitos trabalhavam, pelo que as suas visitas eram mais espaçadas. A maior parte deles vinha aos fins de semana e nunca notei nada de suspeito no seu comportamento.

– Vão desculpar-me. – Matthew levantou-se de repente, a sorrir. – Tenho de ir ao carro fazer um telefonema. Não devo demorar.

Thóra teve o cuidado de não deixar que Fanndís percebesse quão surpreendida ficara. Esperou que ele saísse e depois perguntou:

– O seu marido disse-lhe que a rapariga que se encontrava em estado de semicoma estava grávida? – Fanndís anuiu e a sua mão rastejou de novo até à orelha, começando a esfregar o lóbulo. – O homem que a engravidou devia ter boas razões para intervir. Não concorda?

Mais uma vez, Fanndís limitou-se a anuir. A pergunta era, obviamente, injusta; não se podia esperar que uma pessoa normal se pusesse na pele de um criminoso violento, alguém capaz de abusar de uma pessoa que não era, literalmente, capaz de mexer um dedo para se defender.

– Bem, temos boas hipóteses de descobrir o responsável; há ADN do feto, e agora é só questão de recolher uma amostra do culpado.

– Que deve ser o Jakob, não é assim? – Fanndís olhou para Thóra. – Sugiro que lhe façam um teste de ADN. Não sei ao certo o que pensa dele, mas tem tendência para ser violento e penso que seria perfeitamente capaz de fazer isso.

– Já foi excluído – respondeu Thóra. – Quem quer que tenha sido o responsável, ainda anda à solta, e pode ser que tenha algo mais na consciência. Como o incêndio, talvez.

Duas chávenas de café mais tarde, Thóra e Matthew despediram-se. Matthew tinha voltado a aparecer mesmo antes de Thóra decidir dar a conversa por terminada. Quando ouviram a porta de entrada fechar-se atrás deles, Thóra deu-lhe um toque com o cotovelo e perguntou-lhe aonde fora realmente. Mas não

conseguiu que ele lhe respondesse antes de se encontrarem no carro.

– Reparei numa jovem que estava a ouvir tudo enquanto conversávamos na sala. Quando se apercebeu de que eu dera por ela, ficou com um ar muito embaraçado, mas depois recuperou a sua compostura e fez-me sinal para que fosse falar com ela.

– E? Que foi que ela disse? – A conversa estava a ser demasiado lenta para Thóra.

– A sua história não condiz com a da mãe, isso é mais do que certo.

Capítulo 15

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

O JARDIM NÃO AGRADAVA À VISTA. À medida que a neve desaparecia gradualmente sob o inesperado calor do dia, a relva amarelecida e os canteiros vazios ficavam a descoberto. Os arbustos por podar emergiam do manto pesado que derretia e as suas últimas folhas caíam no chão. Não havia nenhum vestígio do verão pelo qual Berglind tanto ansiava, a não ser a pá vermelha de Pési. Aconchegou-se no seu roupão e enfiou os pés descalços nas botas de borracha que trouxera da garagem. Estavam geladas, e Berglind sentiu os dedos a comprimirem-se na tentativa de retirar calor uns dos outros. Claro que se podia ter vestido convenientemente antes de sair, mas sabia que se tivesse desperdiçado tempo com isso teria perdido o ânimo. O corvo selvagem que estava morto no meio do jardim teria de ficar ali, diante dos seus olhos, até Halli voltar para casa, e ela não o podia suportar. Berglind agarrou o puxador da porta de correr e abriu-a com força, antes que a pouca coragem que tinha se esvaísse.

Deu de caras com um ar frio e húmido, e ao inspirar profundamente sentiu um odor que lhe lembrou o fedor da pilha de compostagem que tinham tentado fazer no ano anterior, mas da qual se tinham livrado precisamente por causa do

mau cheiro. Tinha a esperança de que o cheiro não viesse dos restos do pássaro; na verdade, sabia que não era possível, pois o cadáver não estava lá na noite anterior e não podia ter começado a apodrecer tão rapidamente, sobretudo no inverno. Ainda assim, tapou o nariz com uma mão, enquanto caminhava pela erva húmida, preparada para o pior. Na outra mão levava uma pá e um saco de plástico, para não ter de tocar no corpo do pássaro – a sua coragem tinha limites. O cheiro aumentava à medida que se aproximava e, sem dar por isso, Berglind dava passos cada vez mais lentos e mais curtos. Talvez o pássaro ali estivesse há mais tempo do que julgava; talvez só tivesse ficado à vista durante a noite, quando a neve começara a derreter, mas isso parecia-lhe improvável – não se via nenhum montículo de neve no local onde agora jazia. Assim que chegou suficientemente perto do pássaro, Berglind deu-se conta de que o cheiro não tinha nada a ver com o pequeno cadáver, pairando, simplesmente, no ar. Mas era impossível dizer o que o provocava, porque parecia estar em toda a parte, espesso e repelente. Encostou a pá ao corpo, para libertar as duas mãos, e levantou a gola do roupão de modo a tapar a boca e o nariz. Inclinando a cabeça e apertando o roupão entre a bochecha e o ombro, podia proteger-se do mau cheiro. Sabia que não seria capaz de segurar o roupão durante muito tempo e que a gola lhe cairia sobre o ombro, pelo que se impunha agir com rapidez.

Berglind debruçou-se cautelosamente e pousou o saco de plástico aberto no chão. Quanto mais depressa pusesse lá dentro os restos mortais e depois o atasse, melhor. Como se lhe quisesse dificultar ainda mais a vida, o saco fechou-se logo em seguida; a calmaria que a acolhera quando dera os primeiros passos no jardim era, afinal, ilusória. Berglind agarrou numa pedra que estava ali perto, para manter o saco no lugar. Mas isto, por si só, não seria suficiente, e então optou por apanhar mais umas quantas pedras do caminho de cascalho que seguia ao longo dos canteiros ao fundo do jardim. A gola caiu-lhe do rosto quando começou a andar, por isso enfiou a boca e o nariz na dobra do braço, para se proteger daquele pivete que o vento não conseguira dispersar. Sentiu-se melhor e, ao chegar junto dos canteiros, o único cheiro que detetou era um ligeiro aroma a detergente em pó.

Não podia ver ao certo onde estava o cascalho, porque naquela parte do jardim, que ficava à sombra, a neve ainda não fora atingida pelo sol. Com a ponta do pé, remexeu a neve, e depois de uma busca rápida encontrou o que procurava. Limpou a neve que cobria um pedacinho de terra e inclinou-se para apanhar as pedras maiores – e, nessa altura, ficou com o cabelo preso a um dos arbustos. Berglind irritou-se por não ter insistido o suficiente com Halli durante o outono, quando ele se esquivara a fazer-lhes a poda; se ele tivesse cedido às suas reclamações, nada disto teria acontecido. Com o couro cabeludo a doer-lhe, tentou desemaranhar o cabelo, mas parecia que o arbusto estava a resistir. Só quando conseguiu agarrar todo o cabelo que ficara preso à roda dos ramos e o puxou com força é que ele se soltou, emaranhado e despenteado devido à luta. Uma mecha de cabelo ainda ficou presa aos ramos, a ondular com o vento, até que, a pouco e pouco, se libertou e voou. Berglind ficou a olhar, irritada, esfregando a cabeça dorida. Sentia-se tentada a largar uns bons palavrões em voz alta, mas não o fez; os vizinhos já a achavam um bocadinho maluca, e não queria dar-lhes razão começando agora a falar sozinha. Agarrou nuns bons punhados de cascalho e preparou-se para se endireitar, porém, ficou tão atónita com um som sibilante perto do ouvido, que perdeu o equilíbrio e caiu sentada na neve húmida.

O coração batia-lhe com força no peito. Sentindo o frio a atravessar-lhe o roupão, reparou nos olhos amarelos que a fitavam através da folhagem dos arbustos. O gato do vizinho estava desavergonhadamente no limiar do seu jardim, o dorso arqueado. Berglind também sentia o pelo dos seus braços eriçado.

– Bicho estúpido – murmurou, já sem se importar que alguém a pudesse ouvir. – O que foi? – O gato respondeu bufando de novo, ainda com mais força do que da primeira vez. – Vai-te embora daqui! – Berglind acenou com a mão, esperando assustá-lo, mas ele não se mexeu. Ficou ainda mais irritada quando se levantou e limpou as mãos sujas no seu roupão branco, mas depois suspirou – tencionava lavá-lo em breve, de qualquer modo. Olhou em redor à procura das pedras, mas tinham desaparecido na neve onde as largara, deixando atrás um padrão de buracos negros que tinha mais ou menos a forma de um rosto: dois

olhos e uma boca aberta. Irrefletidamente, estremeceu ao imaginar que teria de enfiar as mãos nuns olhos imaginários ou dentro de uma garganta negra, e decidiu procurar pedras noutro lugar. Desta vez teve mais cuidado, evitando os ramos dos arbustos e mantendo o gato debaixo de olho, enquanto recolhia outro punhado de pedras. Tendo em conta a maneira como o gato estava a agir, fazia muito bem em não baixar a guarda. O gato costumava vir ter com eles e ficava a miar diante da sua porta, à espera que lhe dessem comida – coisa que frequentemente conseguia –, mas ultimamente não passava daquele limiar do jardim, de onde observava tudo atentamente. Berglind sabia sem margem para dúvidas há quanto tempo esta mudança se dera, mas optara por ignorar a certeza de que tal se devera aos exorcismos que por um breve período os tinham libertado do espírito lá em casa. Talvez o gato fosse o único a compreender Berglind, dado que, tal como ela, parecia saber que o fantasma, ou o que quer que fosse, ainda pairava por ali.

Todos os outros lhe tinham virado as costas, mesmo aqueles que de início se tinham mostrado chocados e solidários. Isso também demonstrava algo de que Berglind suspeitara toda a sua vida: o interesse das pessoas nos problemas dos outros era limitado. Podiam ser solidárias durante um certo tempo, caso alguém tivesse sofrido um acontecimento traumático, mas a seguir esperavam que a pessoa lidasse com a situação e seguisse em frente como se nada se tivesse passado. Ela própria tinha experiência disso – em miúda, fora muito afetada pela morte do seu avô e, a princípio, o resto da família comovera-se com a sua tristeza. Mas à medida que o tempo passava, as suas lágrimas começaram a despertar indiferença ou cólera.

– As cenas que tu fazes! Quanto tempo vais continuar assim? – Sussurravam esses comentários de modo que os seus pais não ouvissem, mas não lhes importava que ela ficasse abalada. Agora, vinte e cinco anos depois, era mais uma vez acusada de querer chamar a atenção, e até julgavam que não batia bem da cabeça. A mesma tia que a ferira com a sua insensibilidade tantos anos antes voltara a fazê-lo quando Berglind a encontrara no Centro Comercial de Kringlan. Quando a tia lhe perguntara entusiasticamente sobre a assombração, Berglind

fora sincera, e depois, mal virara as costas com Pési, ouvira a tia a sussurrar em tom conspiratório para a amiga:

– É um bicho estranho. Sempre foi, desde criança. Mas agora parece que se passou de vez. Até espanta que não se tenha separado, ou que não lhe tenham tirado o filho. – Berglind ficara a ferver e cheia de vontade de voltar para trás e dizer das boas à tia, mas em vez disso apertara a mão do filho e foi-se embora, afogueada e com os olhos cheios de lágrimas.

Sentiu-se ainda mais arrepiada, não por recordar o desprezo daquela velha tia, mas por causa do que a aguardava, aquilo que assustara o gato. Tentou recordar os rostos dos que tinham sido bons para com ela, tentando animá-la, mas lembrava-se de tão pouca gente que isso a deprimia ainda mais. Na verdade, contavam-se pelos dedos de uma só mão: a sua irmã, o casal de vizinhos do lado e um supervisor no seu trabalho. A irmã estava do seu lado simplesmente porque tinha de estar; na verdade, nunca dissera se acreditava ou não em Berglind, pois a seu ver isso era irrelevante. Se Berglind estava a passar por um mau bocado, ela lá estava para a ajudar e ponto final. O casal vizinho e o seu supervisor, por outro lado, nunca tinham duvidado do assombramento: tinham querido ouvir todos os detalhes e ser informados de quaisquer novos desenvolvimentos. O que quer que o futuro lhe reservasse, Berglind sentia-se eternamente grata a todos eles. Era preciso ser-se alguém especial para remar contra a maré.

Mas nenhuma dessas pessoas estava ali agora, apenas aquele terror desconhecido atrás de si, e ainda tinha de voltar para dentro de casa sozinha, custasse o que custasse. Não tinha muitas alternativas; não podia saltar a sebe e correr pelo meio do jardim dos vizinhos de volta à sua própria casa, quanto mais não fosse porque a porta principal estava fechada e o único caminho possível era através do portão atrás de si. Também não podia aguardar no local onde se encontrava à espera que aquela *coisa* se fosse embora; agora o vento soprava e o seu roupão encharcado protegia-a muito pouco do frio. Tinha de voltar por onde viera e caminhar através do jardim, passar pelo corvo morto e pela outra coisa em que não queria pensar. Fixou o olhar no gato, que também a olhou sem pestanejar. Abriu a boca e bufou outra vez, de modo abrupto mas com força. Não

havia nenhuma razão para ficar ali: *um, dois, três, vamos!* Berglind levantou-se devagar e o gato continuou a bufar com força. Agora o bicho parecia mais perturbado do que quando ela estivera agachada; os seus olhos amarelos olhavam através dela, como se visse algo do outro lado. Berglind ficou paralisada. Por que raio saíra para o jardim? Podia simplesmente ter corrido as cortinas, já que o pássaro morto a incomodava tanto, e ter tentado esquecer as plumas pretas e o bico aberto que gritava silenciosamente para o céu cinzento. Talvez o gato estivesse amedrontado apenas por causa dos restos mortais. Talvez o corvo desse a impressão de estar vivo e o gato se sentisse simplesmente ameaçado pelo seu tamanho, pondo-se a bufar para o fazer sair dali. Se os humanos tivessem outrora possuído uma capacidade semelhante, há muito que fora esquecida, substituída por outros talentos mais úteis numa sociedade civilizada, mas que não serviam de nada em momentos como este. No entanto, Berglind esforçou-se ao máximo por conjurar algo que lhe desse forças, ousadia ou destemor – mas em vão. Tudo o que podia fazer era não pensar em nada, voltar-se e enfrentar aquilo que a esperava.

O gato, de repente, moveu-se, interrompendo os pensamentos de fuga de Berglind. Recolheu uma das patas da frente junto ao corpo, como se prestes a recuar para o seu jardim. Antes de ir, olhou para Berglind e emitiu uma miadela patética. Depois, virou-se e fugiu, e a sua cauda comprida às riscas foi a última coisa dele que Berglind avistou. Agora estava só, e embora a presença do gato não lhe tivesse propriamente inspirado confiança, sentia-se melhor com outro ser vivo por perto. Agora, como geralmente acontecia na sua vida, estava sozinha perante o desconhecido. Halli acabara por se cansar da sua ansiedade e das suas intermináveis especulações sobre o problema, embora tentasse não o revelar. Recentemente, passara a trabalhar mais horas, embora a companhia há muito tivesse deixado de pagar horas extraordinárias e os projetos fossem raros. Desde a experiência de exorcismo, as tentativas de Berglind para o interessar nas suas teorias tinham tido cada vez menos sucesso. Halli não escondia que queria que ela se controlasse e ultrapassasse aquelas obsessões. Quanto mais tempo passava desde aquele estranho fenómeno, mais esbatido se tornava na memória do

marido, e as velhas explicações racionais voltavam a surgir. Nos últimos tempos, Halli parecia não se recordar nem de metade do que acontecera diante dos seus próprios olhos, e atribuía o resto à estrutura da casa. Quaisquer ideias em relação a mudar de casa e começar de novo noutro sítio estavam postas de parte; ninguém conseguiria vender a casa naquele momento, e não era de esperar que a situação melhorasse em breve. Quando Berglind sugerira que fossem viver com os seus pais ou com amigos até ao verão, até que os dias longos finalmente expulsassem as sombras, Halli olhara-a como se a achasse estúpida ou louca. Berglind não sabia ao certo qual das duas coisas seria pior.

Uma rajada de vento surpreendentemente quente enfiou-se-lhe como um sopro pela gola dentro. Em vez de a aquecer e a fazer sentir-se melhor, pareceu reavivar o mau cheiro, que se atenuara desde que Berglind se vira forçada a destapar o nariz e a boca. Ou talvez o odor tivesse continuado ali e ela se tivesse acostumado, mas o vento o tornasse agora mais forte. Mais uma vez, julgou sentir o hálito de alguém junto à sua gola, mas agora por trás, e sentiu um arrepio na nuca. O cheiro tornou-se ainda mais forte, como se um fantasma estivesse atrás dela, exalando o ar dos seus pulmões podres ao longo da sua coluna. A memória da pilha de compostagem voltou-lhe ao espírito e Berglind teve de combater uma onda de náusea. *Um, dois, três, vira-te e caminha energicamente para casa. Um, dois, três!* Permaneceu onde estava.

A luz velada da tarde projetava sobre a ponta das suas botas uma sombra que parecia rastejar-lhe até às pernas, crescendo a cada instante. Não ia ficar ali até que a escuridão invadisse o jardim, pois não? Tinha de entrar em casa e ir buscar Pési ao infantário daí a pouco. Embora uma parte dela quisesse ficar ali até que Halli chegasse e a salvasse, não trouxera o telemóvel, portanto, não podia pedir a ninguém para ir buscar Pési em vez dela. Não havia nada a fazer senão voltar para casa. *Um, dois, três.* Os pés pesavam-lhe como chumbo. Sentia-se patética, absolutamente patética. Se queria sair dali, tinha de se controlar. O seu estado de pânico tornava tudo muito pior, aumentando aquilo que o psiquiatra definia como as consequências de um choque que ela ainda não ultrapassara, ou seja, o acidente em que Magga morrera. Mas depois ouviu um suave pisar de neve atrás

de si. Um choque, mesmo um tão traumático como o da morte de Magga, não podia fazer surgir sons do nada. E se realmente tivesse enlouquecido? O psiquiatra teria um dia em cheio se soubesse que ela estava a começar a dar-lhe razão. Talvez a culpa fosse da baixa por doença que ele lhe impusera: se estivesse a trabalhar, não estaria ali com um roupão sujo e o cabelo em desalinho, aterrorizada com algo que se calhar não existia. Mais uma vez, ouviu um estalar na neve. Não importava nem um bocadinho se era a sua imaginação ou algo real que a estava a ameaçar; não podia ficar ali – só que também não se conseguia mover. *Um, dois, três.* Resolveu ignorar tudo o que a rodeava e concentrar-se noutra coisa qualquer. Pési. O que estaria a fazer agora? Talvez a beber chocolate quente e a comer uma maçã, que era o que o encontrava a fazer quando o ia buscar um pouco mais cedo. Berglind fechou os olhos, e lembrou-se do sorriso doce com que a recebera quando o fora buscar na véspera. Estava sentado, encostado à parede da sala, enquanto os outros miúdos andavam à roda da caixa dos brinquedos. O barulho esmorecera quando Pési se levantara e se dirigira para ela, os garotos afastando-se à medida que ele passava pelo grupo. Berglind ficara surpreendida ao vê-los pousar os brinquedos no chão e recuarem. Nenhum deles dizia uma só palavra, e a algazarra que Berglind ouvira ao chegar era como uma lembrança distante. Pési não parecia estar perplexo e agia como se as crianças não estivessem lá. Berglind ficara perturbada; andava tão preocupada com os seus próprios problemas que nem se perguntara como estaria ele a dar-se na pré-primária. De início tudo correra bem, parecia ter companheiros de brincadeira e até amigos, mas, pensando melhor, as coisas tinham mudado. Estava sempre sozinho quando o ia buscar. Sozinho no balouço, a abanar os pés; sozinho a mexer na areia, com ar ausente, na caixa de areia; sozinho a dar pontapés na neve ao fundo do parque de jogos. Sozinho.

A educadora sorrira para Berglind como se não houvesse nada mais natural do que as outras crianças terem medo do seu filho, e Berglind inclinara-se diante de Pési pedindo-lhe que fosse calçar as suas botas de neve. Depois, perguntara sem rodeios à educadora se Pési estava a ser importunado pelos outros. A rapariga voltara a sorrir, com pouca convicção, e respondera que as crianças, às

vezes, agiam assim, sem que isso tivesse qualquer significado. Não havia nenhuma razão para este comportamento; começara algum tempo antes, aparentemente sem motivo, e desde então não se alterara. Tinham pensado em contactar Berglind e Halli, mas decidiram esperar até à tarde dos pais, na Páscoa, esperando que a situação entretanto melhorasse. *Mas não se preocupe, há de melhorar. Há que dar um pouco mais de tempo.* Ora bem – isto era exatamente o que lhe tinham dito a ela; estava a atravessar uma fase, precisava de tempo para recuperar. Quando insistira na pergunta, num tom possivelmente mais ansioso do que pretendia, a educadora retorquira que tinham questionado os miúdos mais inteligentes, tentando perceber o que se passava, mas não tinham conseguido obter uma resposta sensata; apenas algo vago a respeito de terem medo de uma mulher zangada que andava atrás de Pési. Não tinham sido capazes de explicar a que mulher se referiam, mas à medida que a educadora falava, Berglind deu-se conta de que ela estava a somar dois e dois e se encontrava prestes a dizer que eram cinco. A rapariga pensava que Berglind era a mulher zangada de quem os miúdos tinham medo. Em vez de contar à educadora toda a história, Berglind agradeceu-lhe educadamente e saiu. Sabia por experiência que nunca devia falar daquele assunto com alguém que não conhecesse bem. Já havia gente suficiente a conhecer a sua desgraça e era bom agarrar-se à ténue esperança de que ainda restassem umas quantas pessoas que não soubessem de nada.

Pési estava à sua espera no vestiário, e enfiara o pé esquerdo na bota do pé direito e vice-versa, contente por sair do infantário e ir para casa. Não importava o que ela estava a passar – o seu filho merecia melhor. Por isso, em vez de encontrar um escape para o seu desapontamento, curvara-se para ele e sorrira-lhe. *Vamos para casa, e podemos passar pela padaria para comprar donuts.* Ele abanara a cabeça e dissera que queria ir diretamente para casa; queria ir para o seu quarto. Berglind sabia porquê: a sua casa era o único refúgio daquelas intimidações incessantes e inexplicáveis. Desde que ele não fosse até à janela… *Um, dois, três.* Para o bem de Pési, tinha de ir lá dentro e preparar-se para sair. O cheiro parecia estar outra vez a desaparecer; ainda persistia, embora não fosse tão intenso como ainda há instantes. Talvez fosse o sinal de que não corria

perigo; por fim, Berglind decidiu-se, antes de pensar mais. Virou-se rapidamente.

O movimento fez que o seu cinto se desapertasse, e ficou com o roupão aberto, sentindo-se ainda mais vulnerável, de frente para o jardim vazio. À parte o cadáver do corvo, não havia nada à vista; ninguém arrastava os pés na neve, fazendo-a estalar; ninguém inspirava profundamente, soprando-lhe para dentro da gola. Voltou a aconchegar-se no seu roupão e deu o primeiro passo em direção à porta que dava para o jardim. Como nada aconteceu, a sua confiança aumentou, e antes de se dar conta tinha passado pelo pássaro morto e estava de regresso a casa, e agora a sua mão húmida agarrava com força o puxador da porta. Pela primeira vez desde que se tinham mudado para esta casa, a porta não se movia, e a coragem de Berglind diminuía a cada tentativa desajeitada para a abrir. Não ousava respirar pelo nariz, temendo que aquele odor terrível estivesse outra vez mais intenso, e a agitação que a invadia, enquanto lutava com o puxador, fê-la esquecer o vento; já não sabia se estava quente como um hálito, ou gelado. De repente, a porta desencravou-se e abriu-se o suficiente para ela conseguir entrar. Ofegante e com o coração a bater descontroladamente, precipitou-se para o calor, ouvindo, de novo, aquele estalar da neve atrás de si. Com um só movimento, conseguiu fazer correr a porta e fechá-la, mas teve de empregar toda a sua força, fazendo a porta bater com estrondo. Permaneceu imóvel por alguns momentos, tentando recuperar o fôlego, sem tirar os olhos do chão por forma a não olhar para o jardim.

Assim que o seu coração voltou a bater a um ritmo semelhante ao normal, e que as veias das costas da mão pararam de tentar saltar-lhe para fora da pele, Berglind agarrou no cortinado, que chegava ao chão, e correu-o. Que se estava a passar? Deveria fazer algo, dizer alguma coisa? Não sabia, na verdade, quase nada sobre Magga, e muito menos sobre a sua morte. A primeira teoria que formulara, segundo a qual o espírito confuso da rapariga estava a tentar cuidar de Pési e a completar a última tarefa que recordava da sua vida terrestre, não fazia sentido, porque agora Berglind estava sozinha e Pési encontrava-se no jardim infantil. Como explicar isto?

Subitamente, o ar arrefeceu e mais uma vez Berglind ficou com pele de galinha. O frio parecia irradiar da porta de correr, subindo pelo cortinado e espalhando-se pela sala como fumo invisível. Tomada pela raiva, Berglind puxou o cortinado, e o tecido caro rasgou-se até à calha onde corria. Em circunstâncias normais, teria desatado aos gritos ao ver o cortinado estragado, que agora pendia preguiçosamente de um gancho; quase de certeza que não tinham dinheiro para o substituir, e agora teriam de ver aquele sórdido jardim durante o resto do inverno, mas de momento essa preocupação estava longe do pensamento de Berglind. Boquiaberta, olhou o vidro, que se cobrira de gelo de alto a baixo, do lado de fora. Através do gelo, pareceu-lhe ver a sombra de alguém do outro lado, mas o vulto desapareceu. No vidro congelado leu: O8iNN. Ou seria OBINN? Não tinha a certeza. Nada daquilo fazia sentido, e Berglind afastou-se da porta de correr sem verificar se quem quer que tivesse escrito aquilo deixara pegadas atrás de si.

Capítulo 16

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2010

A NEVE NO BEIRAL DA JANELA DERRETERA por causa do tempo fora do normal daquela tarde, mas voltou a gelar depois do pôr do sol. Embora a firma de advogados ficasse a uma curta distância da sua casa, Thóra estava com receio de conduzir sobre o gelo e arrependeu-se de ter deixado Matthew em casa depois da sua visita a Fanndís. Estava à espera de um cliente, o que significava que Matthew teria de fazer companhia a Bella na receção enquanto durasse a consulta, vendo-a executar o seu trabalho de secretária com a sua costumeira boa vontade. Não que faltasse trabalho a fazer em casa: faltava arranjar espaço para alguma da tralha da garagem, e Matthew oferecera-se para tratar das arrumações, apesar de saber que teria de trabalhar com o fundo sonoro das incessantes assobiadelas do sogro e das intermináveis perguntas da sogra, a respeito de ele querer ou não tomar um pouco de óleo de fígado de bacalhau. Matthew conseguira adaptar-se a muitos aspetos da sociedade islandesa, mas tomar óleo de fígado de bacalhau era uma das exceções. Thóra consentira que ele escapasse a esse hábito – já tolerava o suficiente com os seus amigos, que tinham ideias semelhantes quando os convidavam para um jantar ou uma festa: queriam que

Matthew comesse tubarão fumado e bebesse *brennivín*. Agora que tinham completado a ronda dos amigos de Thóra e que ele representara alegremente o papel do estrangeiro ingénuo, fingindo-se espantado perante as iguarias islandesas, os convites tinham praticamente cessado, como se os amigos de Thóra não soubessem o que fazer com um convidado tão exótico.

Antes de se despedirem, Matthew tinha contado a Thóra tudo o que Lena, a filha de Fanndís, lhe dissera à porta de casa. Fazia questão de que a verdade a respeito da morte de Tryggvi fosse trazida à luz do dia, mas receava que a mãe estivesse a tentar branquear a imagem do centro, do pessoal e dos residentes, prejudicando assim a investigação. Dissera-lhe que a mãe gostava que tudo fosse claro e agradável, e que por isso usava lentes cor-de-rosa. Claro que era impossível saber qual das duas falava verdade: talvez tivessem tido experiências diferentes daquele lugar, mas Lena, pelo menos, confirmara que o ambiente no lar era desagradável e o pessoal pouco amistoso, e que os residentes estavam visivelmente desanimados. Isto era consistente com o relato vagamente estranho de Jakob, mas a jovem não se alongara nas explicações a Matthew, tendo-se limitado a dizer que não lhe parecia que os residentes tivessem vontade de lá viver, e que poucos de entre eles se mostravam felizes. Lena lembrava-se de Jakob e, segundo Matthew, encolhera os ombros quando ele lhe perguntara se achava que era ele o culpado. «Não sei. Ele não parecia problemático, sabe? Nunca o vi a atear fogo nem o ouvi falar em tal coisa». Depois tentara que Matthew lhe dissesse por que razão a culpabilidade de Jakob estava posta em questão, e parecera muito interessada em saber se algum dos funcionários era suspeito. Declarara que o pessoal era incrivelmente severo e capaz de tudo, à exceção dos funcionários mais novos, que eram fixes. Matthew julgava ter conseguido desviar as perguntas da rapariga de forma hábil, ao mesmo tempo que lhe espicaçava a curiosidade. Lena referira ainda que os seus pais tinham opiniões bem diferentes sobre Tryggvi. Costumavam discutir a respeito da melhor maneira de cuidar dele e tinham expectativas diferentes quanto às suas melhoras. O pai há muito que deixara de ter qualquer esperança, mas a mãe levava a terapia muito a sério e informava-se constantemente sobre os mais

recentes tratamentos que prometiam milagres. Um ano antes de Tryggvi ter ido para o centro, a mãe descobrira um charlatão, que não enganava ninguém, a não ser a ela, e que proclamava ser capaz de curar o autismo. Fora a gota de água: o pai batera o pé e declarara que as coisas tinham ido longe demais. Tiveram uma discussão acesa depois da visita daquele homem, que Lena não descrevera em pormenor, dizendo apenas que fora terrível, e desde então a mãe rendera-se por completo à sua convicção de que, embora preso atrás das grades do autismo, Tryggvi tinha uma mente perfeitamente sã. No fim dessa discussão, o pai determinara que Tryggvi iria para um local onde os especialistas pudessem tomar conta dele sem que o estado emocional da mãe influenciasse o seu tratamento. Seis meses mais tarde, Tryggvi fora transferido para o seu novo apartamento. Lena queria que Matthew não duvidasse de que o seu pai era uma boa pessoa. Tomara aquela decisão porque se preocupava com o bem-estar de Tryggvi e não porque tivesse vontade de pô-lo fora de casa. Depois de o irmão ter ido para o centro, o relacionamento entre os pais melhorara muito e Lena sentira-se tremendamente aliviada. «O Tryggvi não era uma pessoa má, mas não parecia estar realmente vivo, entende o que quero dizer? Não se conseguia perceber se tinha sentimentos, era como um robot. Sabe, mal programado…»

Lena não dissera mais nada, tanto quanto Matthew se recordava, mas antes de voltar a entrar em casa, ele perguntara-lhe se Thóra lhe podia telefonar para lhe fazer mais algumas perguntas. «É melhor ela não me telefonar», disse Lena, «mas pode enviar-me uma mensagem e eu a seguir telefono-lhe. Não quero mesmo que a minha mãe saiba que estive a falar consigo. Ela às vezes consegue ser muito estranha.» Thóra não sabia se havia de contactar a rapariga; ainda tinha tanta gente com quem falar e sabia, pela sua experiência pessoal, que os pontos de vista dos adolescentes eram muitas vezes extremos, por estarem tingidos de emoções fortes. Claro que, por outro lado, Lena podia ser a única pessoa capaz de falar com ela de modo totalmente sincero. Fosse como fosse, Thóra não precisava de tomar uma decisão nessa noite. Ainda havia tempo.

Depois do encontro com o seu cliente, contactou os familiares de alguns dos outros residentes. Sentia-se apreensiva em relação a estes telefonemas e tinha-os

adiado, mas agora que visitara Fanndís não fazia sentido esperar mais. Corria o risco de Fanndís os contactar antes que ela o fizesse, pois era provável que todos os pais se conhecessem do período em que os seus filhos viviam debaixo do mesmo teto, e talvez se tivessem mantido em contacto após a tragédia vivida em comum. O ideal seria que os telefonemas de Thóra os apanhassem desprevenidos. As pessoas dariam respostas diferentes se já se tivessem preparado mentalmente, nem que apenas para se certificarem de que respondiam de modo satisfatório.

Ninguém parecia ter ouvido falar dela ou estar à espera do seu telefonema. Na verdade, Thóra passou grande parte de cada conversa a repetir as mesmas palavras sobre a razão da sua chamada e a tentar convencer as pessoas de que o seu objetivo não era libertar um homem culpado, mas sim um inocente. Claro que já estava à espera desta reação. Poucos pais teriam ficado contentes com o telefonema da advogada do homem que achavam que lhes matara o filho ou a filha, e Thóra ficou, na verdade, surpreendida por ter sido capaz de manter uma conversa com familiares que ainda estavam de luto. Talvez fosse porque Jakob fora ilibado das acusações de carácter criminal, ainda que apenas por ser inimputável. Thóra teve imenso trabalho a descobrir os nomes dos pais das vítimas, porque poucos tinham sido interrogados pela polícia ou chamados a testemunhar no tribunal. Porém, com a ajuda dos obituários, acabara por conseguir fazer uma lista dos nomes requeridos. Contudo, não encontrou nenhum obituário sobre Natan Úlfheidarson, e dos três Úlfheidars que constavam da lista telefónica, só dois tinham idade suficiente para que o jovem falecido pudesse ser seu filho. Por fim, Thóra descobriu a mãe de Natan ao pesquisar o nome do rapaz no Google. A sua pesquisa desaguou num blogue que a tia de Natan tinha carregado com fotografias de uma reunião familiar, e numa delas figuravam Natan, a sua mãe e o seu tio materno, cujos nomes se liam na legenda. Thóra passou algum tempo a observar atentamente o jovem na fotografia, bem como a sua mãe. Não pôde deixar de pensar que aquele podia ser o homem que tivera relações sexuais com Lísa, embora na fotografia parecesse o

mais inocente possível. Ele e a mãe estavam sentados a uma mesa coberta por uma toalha, com chávenas brancas e pires da mesma cor à sua frente. A mãe de Natan, Úlfheidur, parecia ligeiramente mais velha do que Thóra e, pelo que a fotografia dava a entender, era uma pessoa bastante solene. O seu irmão não parecia muito mais animado; nenhum deles aparentava ser a alma da festa, e as cadeiras vazias ao seu lado pareciam confirmar isso mesmo. Talvez toda a família tivesse sido feita no mesmo molde.

Natan era mais difícil de ler do que a mãe e o tio. O capacete que ostentava na cabeça dava-lhe um ar um pouco estranho, mesmo antes de se reparar no seu sorriso rasgado, que ia de orelha a orelha – num contraste notável com os seus parceiros de mesa –, ou no facto de ter apenas um olho aberto. Thóra sabia muito pouco sobre a epilepsia, mas o capacete devia ser uma proteção para a sua cabeça, no caso de um ataque. A expressão do jovem sugeria que tinha igualmente deficiências de desenvolvimento, causadas pela epilepsia ou congénitas. Claro que também era possível que o fotógrafo tivesse contado uma piada a que o rapaz achara muita graça, e que tivesse depois carregado no botão num momento infeliz. De qualquer modo, a alegria de Natan era incongruente, comparada à tristeza estampada no rosto da sua mãe e do seu tio.

Por fim, Thóra elaborara uma lista com os números dos telefones e as moradas dos familiares dos quatro residentes falecidos, além de Tryggvi. Num dos casos, os pais deviam estar divorciados, visto que o pai e a mãe de Sigrídur Herdís Logadóttir viviam em localidades diferentes.

Depois de ter telefonado a toda a gente da lista, sentiu-se tomada por uma imensa fadiga. Fadiga e tristeza, embora não soubesse porquê, visto que nenhum daqueles pais se queixara do seu destino ou do seu filho, e todos pareciam suportar a situação de forma notável. As suas histórias de lutas penosas com o sistema, quando procuravam um alojamento decente para os seus filhos, foram todas contadas sem o menor sinal de autocomiseração, e Thóra ficou a pensar que talvez a rejeição e os obstáculos fortalecessem as pessoas e as ajudassem a lidar mais estoicamente com as dificuldades. Úlfheidur, a mãe de Natan, foi a única que lhe pareceu ser bastante fria. A fotografia tinha, de facto, captado bem

o seu carácter. Não deu mostras de se sentir incomodada com a possibilidade de uma pessoa inocente ter sido considerada responsável pela morte do seu filho, e de o culpado ainda estar à solta. Descreveu a doença de Natan a Thóra como se estivesse a ler um texto numa folha de papel, sem manifestar a menor emoção, mas parecia contente por poder falar sobre ele demoradamente. Após o nascimento, Natan parecia ser normal, mas mesmo antes de ter tido alta da maternidade começara a ter ataques, e tivera de ficar no hospital quando a mãe fora para casa. As células nervosas do seu cérebro não funcionavam como devia ser; eram hiperativas, de acordo com Úlfheidur, e ele fazia parte desse grupo de epiléticos com pouca sorte para os quais não havia medicação eficaz. A seguir fez uma operação, mas a intervenção não teve sucesso, deixando-o sujeito a sofrer um ataque a qualquer momento. Aos oito anos perdeu a vista de um dos olhos, quando bateu com o rosto no canto de uma mesa durante um ataque epilético.

No entanto, ao chegar a este ponto, Úlfheidur pareceu ficar cansada de repetir toda aquela história. Começou a falar mais depressa, contando a Thóra que cada ataque epilético provocava lesões no cérebro de Natan, e que depois do último ele ficara muito mal. Como era uma mãe solteira e trabalhava dia e noite para não passar necessidades, Úlfheidur não podia mantê-lo em casa, sobretudo estando a economia do país em declínio. Então, Natan foi transferido para uma residência destinada a crianças com deficiências graves, e só vinha a casa para passar um dia, ocasionalmente, bem como duas semanas no verão. Ali viveu durante cerca de quinze anos, altura em que ultrapassou o limite de idade e foi para o novo centro onde viria a morrer. Embora o relato de Ulfheidhur parecesse de uma grande insensibilidade, Thóra duvidava que ela tivesse sido sempre assim; ao princípio, devia adorar o seu filho, tal como as outras mães. As circunstâncias tinham-na obrigado a separar-se dele, e ao longo do tempo a sua alma devia ter sofrido danos. A menos que fosse naturalmente uma pessoa fria.

Úlfheidur não tinha muito a dizer sobre o centro; raramente lá ia, porque não tinha automóvel e não havia autocarro – aquela área era uma cidade-fantasma. Cruzara-se com algumas pessoas aquando das suas poucas visitas e, na verdade,

só se lembrava de uma mulher que descreveu como metediça. Essa mulher lançara-lhe um olhar zangado quando, no decorrer da conversa, percebera que Úlfheidur estava de visita ao centro pela primeira vez, dois meses depois de a instituição ter aberto. Úlfheidur soprou de raiva ao contar este episódio e, pela primeira vez, Thóra detetou uma ponta de emoção na sua voz – ficara magoada com a reação da outra mãe. «Claro que ela passava lá a vida, embora o filho nem sequer desse pela sua presença», disse a Thóra. «O Natan, pelo menos, sabia que eu lá estava e queria que eu lá estivesse.» Thóra não tinha qualquer interesse em ouvir mais sobre o conflito entre ela e Fanndís, e dirigiu a conversa para Jakob, embora não tivesse descoberto nada de especial: Úlfheidur mal se lembrava dele. Não que estivesse convencida de que ele ateara o fogo; podia certamente ter sido outra pessoa qualquer. Mas não se deixou persuadir a referir outros nomes, e Thóra ficou com a impressão de que ela só dissera aquilo para lhe agradar.

No fim da conversa, Thóra, com toda a cautela, fez-lhe uma pergunta acerca do desenvolvimento sexual de Natan, mas ela disse nada saber a esse respeito; simplesmente, nunca pensara nisso. Antes de se despedirem, Úlfheidur disse-lhe que tentava pensar o menos possível no incêndio; há muito que aceitara a morte do seu filho, e sempre soubera, desde o seu nascimento, que ele não viveria muitos anos. Enquanto Úlfheidur proferia estas palavras, Thóra olhou para a imagem de Natan no monitor, com um sorriso de orelha a orelha, num encontro de família, feliz com a sua vida, sem pensar que algumas pessoas veriam a sua existência apenas como uma longa luta até à morte.

Embora a conversa com Úlfheidur tivesse sido difícil, fora uma brincadeira, comparada à conversa que tivera com os pais de Lísa Finnbjörnsdóttir. A mãe de Lísa atendera o telefone, mas era quase impossível persuadi-la a dizer fosse o que fosse, exceto que tinham optado por deixar que o crime contra a sua filha fosse esquecido, para evitarem que o seu nome fosse postumamente arrastado para um processo judicial e que o caso fosse tratado de forma sensacionalista pelos jornais. Quando Thóra lhe fez a pergunta, a mãe de Lísa admitiu que Einvardur os ajudara a bloquear a investigação sobre o caso, mas negou categoricamente que ele ou qualquer outra pessoa tivesse influenciado a sua

decisão. Depois, chamou o seu marido ao telefone para terminar a conversa, e ele tentara persuadir Thóra a não se referir diretamente a Lísa no requerimento para a reabertura do processo de Jakob. Thóra não podia, de modo algum, concordar com isto, e a discussão arrastou-se, tendo o homem insistido e vendo-se ela obrigada a contrariá-lo habilmente. Ao mesmo tempo, tentou convencê-lo a referir os nomes das pessoas que, a seu ver, poderiam ter violado a sua filha. Se estava a dizer a verdade – e parecia ter sido sincero em todas as suas respostas –, era óbvio que pensara muito sobre o assunto, mas Thóra não lhe conseguiu sacar nada. A chamada terminou com ele a implorar-lhe uma última vez que deixasse a sua filha descansar em paz. Dava a impressão de se ter posto de joelhos.

De resto, Thóra não conseguiu muito mais com as suas chamadas, embora a investigação continuasse a progredir lentamente. Por exemplo, após ter falado com os pais de Sigrídur Herdís Logadóttir , Thóra ficou com a certeza de que a rapariga não tivera nada a ver com o incêndio: era cega e surda, para além de ter graves deficiências mentais. Lísa Finnbjörnsdóttir também estava excluída, pelo que restavam apenas os outros dois residentes, Natan e Tryggvi, e nenhum deles parecia um culpado provável. Nada, nestas conversas com os pais, sugeria que tivessem alguma informação útil a dar-lhe; o único novo dado era que a terapia não convencional de Tryggvi fora prejudicial, visto que lhe provocara, ao que se sabia, um sofrimento desnecessário. Contudo, nem o pai nem a mãe de Sigridur tinham querido aprofundar a questão, visto que pouca ou nenhuma importância tivera para o que acontecera mais tarde. A mãe revelou que chegara a queixar-se à diretora de que os gritos de Tryggvi a perturbavam muito durante as visitas à sua filha. Acreditava que a queixa os forçara a adotar uma terapia mais convencional, porque não notara nenhum desses sons em subsequentes visitas. Thóra perguntou-lhe quando é que apresentara essa queixa e a mãe de Sigridur respondeu que fora três meses antes do incêndio. Nem ela nem os outros pais sabiam o nome do terapeuta de Tryggvi, embora Thóra pensasse que devia estar na lista de Glódís. Depois de desligar, procurou o e-mail de Glódís e enviou-lhe uma mensagem a solicitar o nome do profissional em questão. Esse terapeuta devia conhecer Tryggvi muito bem e talvez lhe pudesse dizer ao certo do que ele

era capaz. Estava a ficar tarde, pelo que já não esperava uma resposta da diretora nesse dia.

Depois de falar com os pais de todos os residentes, Thóra não tinha quaisquer indícios de que os seus filhos tivessem tido algo a ver com o incêndio. Em última análise, o mais provável era que um membro do pessoal estivesse implicado, ou outra pessoa de algum modo ligada à unidade. Não havia nenhuma razão lógica para que qualquer dos jovens que lá viviam tivesse querido matar os outros, e por mais que pensasse no assunto, Thóra não conseguia imaginar um motivo para um ato tão cruel. Se o objetivo fosse ocultar a gravidez de Lísa Finnbjörnsdóttir, ninguém poderia argumentar que aquela fora a melhor maneira de o fazer; não houvera nenhuma tentativa clara de dar ao incêndio uma aparência acidental, e teria sido melhor asfixiar Lísa, dado que estava confinada na sua cama. De facto, fora precisamente a maneira como ela morrera que levara a que se fizesse uma autópsia; assim, se alguém a tivesse matado para ocultar o seu estado, a estratégia revelara-se extraordinariamente estúpida. Talvez o plano não consistisse em ocultar o ato, mas antes em desviar a atenção de Lísa, fazendo que os residentes e o funcionário no turno da noite tivessem o mesmo destino da jovem. Mas o mais perturbador para Thóra era o facto de ninguém ter sabido que a rapariga estava grávida, o que comprometia a sua alegação, no pedido de reabertura do processo, a de que o incêndio fora ateado para ocultar a gravidez. Claro que alguém devia saber do estado de Lísa, mas Thóra não tinha como prová-lo. De acordo com Glódís, os períodos da rapariga eram, no mínimo, irregulares, e a gravidez era tão recente, na altura da sua morte que o ventre ainda não sofrera qualquer dilatação. Portanto, a pergunta talvez fosse como teria o autor do crime sabido da gravidez.

Qualquer que fosse a razão do incêndio, era evidente, pelo número de vítimas, que se tratara de um ato ilógico e irresponsável. Em princípio, o ato de alguém de inteligência limitada, alguém que não compreendesse as consequências das suas ações – a menos que o autor do crime tivesse deliberadamente feito que assim parecesse. Mas porquê, e quem faria tal coisa? Não havia muitas possibilidades, mas a cabeça de Thóra girava sem cessar.

Quem lhe enviara aquelas mensagens de texto, e por que razão? Quem sabia que o sistema de alarme não estava ainda a funcionar? Seria coincidência que o mesmo advogado tivesse defendido tanto Jakob como o seu assustador amigo Jósteinn? As palavras *olha para mim*, que Jakob lhe repetira, teriam algum significado? Os residentes estariam descontentes com as condições de vida que tinham no centro, sem que os seus pais o soubessem, e seria isso relevante? Por que motivo só um dos funcionários, e não dois, se apresentara ao trabalho naquela noite – e quem sabia disso?

Mas a complexidade do caso não era o único problema de Thóra. Havia muito poucos precedentes de pedidos de reabertura de processos, por isso, para além das próprias leis, não tinha muito mais a que se agarrar; e embora as leis fossem claras, não eram suficientemente pormenorizadas. O caso tinha de satisfazer pelo menos um de entre quatro critérios, para que o Supremo Tribunal aprovasse o pedido: novas provas que tivessem surgido; uma acusação de que a polícia, o Ministério Público, o juiz ou outras partes tivessem prejudicado o caso, sobretudo por meio de provas falsas ou falsos testemunhos; uma suspeita razoável de que as provas apresentadas tivessem sido erradamente avaliadas; ou a descoberta de vícios processuais substanciais na tramitação do processo no tribunal. Dado que um novo julgamento requeria a autorização do Supremo Tribunal, Thóra não precisava de apresentar à partida uma defesa perfeita, mas tinha de demonstrar de forma inequívoca que podia satisfazer um ou mais dos quatro pré-requisitos. Se o requerimento fosse aprovado, o caso passaria para o nível seguinte.

Thóra ainda não tinha descoberto qualquer indício de ilicitude por parte da polícia, do Ministério Público ou do juiz, embora subsistisse a questão de saber se a gravidez de Lísa não devia ter sido convenientemente esclarecida. Como o relatório da autópsia fazia parte dos dossiers do processo, não podia apresentar a gravidez como uma nova prova, embora esse dado não tivesse sido referido em tribunal. O terceiro critério, contudo – a avaliação insuficiente das provas –, podia ser suficiente para reabrir o processo. Thóra não estava a pensar apenas no estado de Lísa, mas também na descrição que Jakob fizera de um anjo com uma

mala, um pormenor que, a seu ver, não merecera a devida atenção por parte do tribunal. Se era verdade que Jakob tentara comunicar este dado à polícia, então o seu testemunho não fora registado – pelo menos, Thóra não o encontrara nos relatórios nem nos restantes documentos. Também lhe interessava o quarto pré-requisito, o que dizia respeito a erros processuais, e o papel de Ari a esse respeito. Embora lhe fosse difícil provar que ele não agira no melhor interesse do seu cliente, Thóra estava convencida disso. O ideal seria conseguir descobrir novos elementos de prova. Depois poderiam reavaliar o processo através do sistema, com melhores resultados.

Enquanto considerava todos estes pontos, Thóra não podia evitar a questão mais difícil, aquela que mais a atormentava: estaria ela realmente certa de que Jakob não era o culpado? Talvez fosse mais astuto do que o julgava e tivesse, afinal, inteligência suficiente para deixar todas as portas abertas de modo que o fogo se propagasse livremente. Por mais improvável que parecesse, não estava fora de questão que Jakob tivesse mais capacidades de organização do que se pensava. O seu ar inocente talvez tivesse influenciado a maneira como o viam, e era possível que houvesse alguma verdade naquilo que Glódís e Ari tinham dito acerca das suas violentas tendências. Talvez lhe fosse útil ver imagens de um dia normal no lar – se o cineasta tivesse algo desse tipo e quisesse partilhá-lo com ela. Não conseguia imaginar com nitidez a vida no centro. Não estava à espera de ver alguém a andar às voltas pelos corredores a experimentar os mecanismos das portas, ou a subir por um escadote para inspecionar o sistema de irrigação antifogo, mas talvez ficasse com uma ideia mais clara das condições que poderiam ter desencadeado aquela fatídica sequência de acontecimentos. Não tinha mais nenhuma prova que sugerisse a inocência de Jakob; de momento, parecia-lhe que se estava a apoiar num conjunto de pequenas coisas que se combinavam para formar um todo maior do que a soma das suas várias partes.

Lembrou-se da descrição que Jakob fizera do anjo com a mala, e suspirou profundamente. Não fazia a menor ideia do que ele queria dizer, mas, no ponto em que se encontrava, o anjo era um culpado tão provável como outra pessoa qualquer.

Capítulo 17

Terça-feira, 12 de janeiro de 2010

THÓRA FINALIZOU A SESSÃO NA INTERNET para evitar a tentação de ficar para ali sentada a ler as notícias do dia. Precisava de ir trabalhar e, além disso, o noticiário era sempre um pouco deprimente. As notícias do estrangeiro tinham sido sempre mais excitantes do que as nacionais, mas depois da falência do banco, a situação invertera-se. Drama islandês – sim, por favor! Quanto mais lia sobre o assunto e ouvia comentários de colegas bem informados, mais estarrecida ficava pela maneira como os acontecimentos se tinham desenrolado antes da crise. De certo modo, Thóra tinha inveja dos seus pais, que deviam ser os únicos a achar que tudo aquilo não passava de uma espécie de equívoco. No entanto, eram vítimas das massas criminosas e tinham perdido mais do que a maior parte das pessoas que Thóra conhecia, embora toda a gente tivesse sido afetada de um modo ou doutro. Tinha saudades dos tempos em que tudo corria bem; quando o país celebrara a medalha olímpica da equipa de andebol e os sucessos dos islandeses no mercado estrangeiro pareciam imparáveis. Agora, tudo isso parecia irreal. Resolveu deixar de ler notícias sobre a crise logo de manhã; não era saudável para ninguém começar o dia numa nota tão depressiva.

Já era suficientemente mau ter de olhar para Bella.

– A máquina de fazer café partiu-se. – A secretária encostou-se à ombreira da porta. Dir-se-ia que tinha um pacote inteiro de pastilhas elásticas dentro da boca. – Deixou agora mesmo de funcionar.

– Partiu-se? Deixou de funcionar e depois partiu-se, ou partiu-se primeiro e depois deixou de funcionar? – Thóra nem sabia porque perguntava; tinha ouvido qualquer coisa a quebrar-se no corredor, mas não ousara ir ver o que se passava, dado que a seguir ouvira Bella largar todo o seu praguejar brejeiro, que ainda lhe ecoava nos ouvidos.

– Parou de trabalhar porque se partiu. – O rosto de Bella não evidenciava nenhum sinal de que tivesse achado graça. – Tem de comprar uma nova, e tem de ser já. Nem pensar em passar cá o dia sem café.

– Não há café instantâneo? Temos uma chaleira algures, e eu não tenho tempo para sair e ir comprar uma máquina de café nova.

– Está a brincar? Só os fracalhotes é que bebem essa mistela. Acha que sou alguma fracalhota?

Thóra não pôde deixar de lhe dizer que não. Uma fracalhota era a última coisa a que a sua carrancuda secretária se assemelhava. Ultimamente, andava a fazer experiências com a cor do cabelo, que neste momento era verde fluorescente. A tinta deixara-lhe o cabelo extremamente seco, o que, associado à sua tendência para ficar espetado, produzia um efeito ainda mais alarmante.

– Devia ter pensado nisso antes de partir a máquina. Como foi que isso aconteceu? – A máquina de café encontrava-se em segurança sobre a mesa da receção. Talvez Bella estivesse a fazer exercícios de ginástica e a tivesse derrubado; não seria uma coisa inédita.

– Atirei o meu telefone contra ela. – Bella disse isto sem pestanejar. – O som que estava a fazer ia dando comigo em doida.

Thóra esteve quase para soltar um grito louco, mas mordeu a ponta da língua.

– Então, tenho a certeza de que vai desfrutar do assobio da chaleira quando fizer um pouco de café instantâneo. Eu punha-a no mesmo lugar; acho que vai aguentar os seus ataques melhor do que a máquina de café. – Thóra virou-se para

o seu computador. – Agora, deixe-me em paz, por favor. Estou ocupada. Aqui, na verdade, há gente que trabalha, por mais estranho que lhe possa parecer. – Fez questão de não se baixar quando a rapariga se virou; Bella não trazia nada nas mãos que lhe pudesse atirar. Ainda assim, era melhor manter-se atenta, por isso observou-a pelo canto do olho enquanto ela pairava junto à porta como uma nuvem negra, antes de rodar nos calcanhares e desaparecer. Thóra teria de tomar cuidado, mais tarde, ao sair do escritório. O cineasta, Sveinn, aceitara encontrar-se com ela e, embora não pudesse deixá-la ficar com o material, concordara em mostrar-lhe o vídeo que realizara no lar. Também lhe explicara demoradamente que as filmagens ainda estavam em bruto: não tivera oportunidade de as editar e era pouco provável que alguma vez o fizesse, dado que o apoio financeiro para o projeto desaparecera. Na verdade, isto era o que mais convinha a Thóra: se o material não fora editado, era mais provável que conseguisse descobrir o que procurava. Pensou em levar Matthew consigo, dado que dois pares de olhos viam mais do que um só, e ele também ficaria feliz por estar longe dos seus pais por algum tempo. Esperava que ele parasse para tomar café a caminho do escritório.

– Entre. Já tenho tudo pronto. – O homem que lhes deu as boas-vindas tinha a barba por fazer e os olhos encovados, e vestia um velho fato de treino. Thóra imaginara um estúdio ou atelier, mas devia ter percebido que não seria o caso; o endereço era o de um grande edifício de apartamentos no subúrbio de Breidholt. Toda a mobília fora aglomerada ao fundo da sala de modo a criar espaço para uma mesa de jantar, sobre a qual se encontravam três monitores de computador alinhados. Também se via um pequeno teclado e uns auscultadores de grande formato. Perto da mesa estava uma cadeira de escritório com rodas, ligeiramente inclinada para um dos lados, como se estivesse tão cansada como o seu dono. – Trabalho em casa, como pode ver, por isso desculpe a confusão. Teria feito uma pequena arrumação se me tivesse avisado com mais antecedência da sua visita.

Thóra apressou-se a dizer-lhe que até apreciavam um pouco de caos , antes de o cineasta se dar conta da expressão horrorizada de Matthew. Matthew não

suportava sujidade nem desarrumação, embora já se tivesse visto obrigado a relaxar um pouco em relação à sua mania das limpezas, desde que se mudara para uma casa onde viviam dois adolescentes e uma criança. No entanto, a desarrumação na casa de Thóra consistia sobretudo em roupas, sapatos, livros de escola, brinquedos e outros objetos do mesmo estilo espalhados ao acaso, como se os habitantes da casa tivessem sido forçados a sair com urgência. Sveinn cultivava outro género de desordem. Tinha pratos sujos sobre uma mesinha de apoio, com as facas e os garfos cuidadosamente colocados lado a lado, como se estivesse à espera da empregada, para ela retirar tudo da mesa e perguntar se alguém queria um café. Debaixo da mesa estavam embalagens da KFC. Uma toalha de banho, toda amarrotada, fora atirada para as costas de um sofá, e dava a impressão de que Sveinn gostava de tirar as meias diante da televisão, ao final do dia. À frente do sofá encontrava-se uma seleção de meias desemparelhadas, como se os seus pés tivessem feito turnos para se descalçar, enquanto as suas mãos se ocupavam noutra coisa, talvez a esvaziar uma embalagem de frango frito.

Thóra só olhou de relance na direção das estantes onde estava a televisão, mas não pôde deixar de reparar nas latas de *Coca-Cola* que pareciam estar a decorá-las. O resto da tralha nas prateleiras não era suficientemente familiar aos olhos de Thóra para ela a poder identificar num olhar breve.

– Puxem umas cadeiras. É mais fácil ver as imagens no computador, quando o material ainda não foi trabalhado, como disse ao telefone. A resolução é bastante boa, portanto, tudo deve estar muito nítido. – Sveinn sentou-se na cadeira de escritório, preparando-se para pôr o vídeo. – O que é muito chato é que provavelmente nunca vou conseguir usar este material.

– O projeto abortou por causa dos cortes no orçamento?– Thóra tinha-se instalado perto da mesa, mas Matthew ainda olhava em redor, à procura de uma cadeira minimamente limpa.

– Estou muito chateado com isso, apesar de saber que nestes tempos o dinheiro não abunda, e há outras coisas que devem ter prioridade. – A primeira imagem surgiu no ecrã e Sveinn ajustou a definição, para ficar mais nítida. – O

projeto teve luz verde em 2003 e comecei a trabalhar um ano mais tarde. Por isso, fui filmando este material ao longo de vários anos… não continuamente, claro. Mas ainda assim...

– E qual era o objetivo do filme? – Thóra observava o cineasta, que cruzava e descruzava os braços sem fazer ideia do que estava a fazer.

– O ano de 2003 foi o Ano da Pessoa Deficiente e este projeto foi da iniciativa do Ministério da Segurança Social; era para ser um documentário sobre a situação dos deficientes nos nossos dias, destinado tanto àqueles que não sabiam nada do assunto como aos que já tinham algum interesse nele. Obviamente, quando comecei, ignorava quase tudo sobre esta matéria, mas agora tornei-me um especialista. Daqui a cem anos vão ser tratados de um modo completamente diferente. Nestas filmagens veem-se coisas incríveis, mas não é provável que seja eu a encontrar soluções mágicas. – Tendo-se certificado de que as definições estavam como devia ser, Sveinn abriu o leitor de vídeo. – Quando o centro ardeu, as duas estações de televisão procuraram-me e ofereceram-me bastante dinheiro para ficarem com algumas imagens do centro quando estava a funcionar.

– E deixou que as utilizassem? – Thóra não se lembrava de ter visto algo do género nas notícias sobre o incêndio.

– Não, não tive autorização. Pertence tudo ao ministério e eles proibiram a difusão das imagens. Claro que a polícia teve direito a uma cópia… sem me pagar nada, evidentemente. Uma grande porra, porque me tinha dado jeito o dinheiro. Isto não é um negócio muito rentável, deixem-me que vos diga.

Thóra murmurou qualquer coisa parecida com um «sim».

– Disse que tinha visto uma série de coisas estranhas enquanto filmava o documentário. Alguma dessas situações ocorreu no lar que ardeu?

Sveinn virou-se para ela.

– Bem, não me lembro ao certo. Filmei o meu material em vários lugares, dado que o documentário pretendia dar uma visão geral da situação, e filmar apenas um centro não seria o suficiente. Não era, de todo, o sítio mais estranho que vi, embora as circunstâncias dos residentes fossem comoventes. Há tantos

graus de deficiência, e as pessoas desse centro eram das mais gravemente afetadas. A maior parte dos deficientes que conheci eram como nós: perfeitamente capazes de singrar na sociedade normal, desde que tivessem os instrumentos necessários. – Sveinn tinha o cursor em posição para passar o vídeo, mas o rato devia estar pegajoso, dado que ficou a carregar no botão durante muito tempo. – A deficiência mental é tão diferente da deficiência física que eu acho que os dois grupos têm pouco em comum. Será uma das coisas que mudará com o tempo: as fronteiras entre ambos tornar-se-ão mais nítidas.

Thóra começava a pensar que ele nunca ia pôr o filme em andamento, mas não queria pressioná-lo.

– Então, não notou nada de invulgar ali, em comparação com o que viu noutros lugares?

– Bem, tratava-se de um centro novo, evidentemente, e era suposto ser uma espécie de bandeira, apesar do rumo que as coisas tomaram. Não se poupou nada na sua conceção, mas, tanto quanto percebi, as finanças minguaram e a qualidade da construção diminuiu. Na altura, senti que os residentes não se tinham adaptado à mudança e o pessoal também não. Comparado com as outras unidades que visitei, aquele centro dava quase uma impressão de amadorismo.

– Pode especificar um pouco?

– Oh, achei que o pessoal era demasiado jovem e, às vezes, um pouco desajeitado na maneira como lidava com os residentes. – Sveinn viu pela expressão no rosto de Thóra que ela inferira das suas palavras algo que ele não queria dizer e apressou-se a acrescentar: – Não que os intimidassem, ou algo do género. Simplesmente, não tinham tido tempo para aprender a lidar com aquelas pessoas. Por exemplo, vi funcionários ao pé dos residentes a falarem deles como se não estivessem ali, o que é muito pouco profissional. – Começou a passar o filme, com um ar ligeiramente embaraçado, ou pelo menos assim parecia. – Na verdade, acho que isso ficou num dos excertos.

A qualidade da imagem que aparecia nos três ecrãs podia ser melhor, embora os cabos que se viam no chão, na cena de abertura, sugerissem que a iluminação e o som não tinham sido negligenciados.

– Vou avançar rapidamente pelas partes que não são tão importantes. Avisem-me se quiserem que vá mais devagar ou que volte para trás. – Observaram atentamente e Thóra indicou a Matthew quem era Glódís, quando ela apareceu. A diretora estava de braços cruzados e observava à distância, enquanto uma funcionária dava assistência a uma mulher jovem que estava sentada numa cadeira, aparentemente sem reparar na bola transparente que tinha ao colo. A auxiliar de enfermagem pressionava uma das mãos da jovem contra os seus lábios e segurava-lhe a outra mão sobre a bola. «Bola.» A auxiliar apertava a mão da rapariga, forçando-a a apertar a bola com mais força. Em seguida, reduzia a pressão que ela própria exercia sobre a mão da rapariga e dobrava os seus dedos, deixando depois que a paciente os sentisse antes de mover os dedos dela para a mesma posição.

– Linguagem gestual? – perguntou Matthew.

Sveinn anuiu.

– A rapariga era cega e surda, e ainda por cima tinha uma deficiência de desenvolvimento. A senhora que a tratava era uma terapeuta ocupacional, ou terapeuta do desenvolvimento, ou qualquer coisa desse tipo, mas não me consigo lembrar nem do seu nome nem do da rapariga.

– Sigrídur Herdís Logadóttir. – Thóra lembrava-se de quase todos os nomes dos residentes, e Sigrídur Herdís era a única que era surda e cega. Observou a rapariga a segurar na bola e noutras coisas que a terapeuta lhe ia dando. De cada vez que a terapeuta lhe entregava algo novo, repetiam o exercício: uma mão no objeto e a outra nos lábios dela, enquanto a terapeuta lhe ensinava o nome do objeto; depois, exercitava-a a fazer o sinal com as suas mãos. De vez em quando, a rapariga dava-se conta daquilo que estava a agarrar e era a primeira a fazer o sinal, e de cada vez que era bem-sucedida, recebia alegres elogios da parte da terapeuta. Glódís permaneceu imóvel durante todo o tempo, a observar tudo. – Este é o primeiro vídeo que filmou?

– Sim. Formam uma sequência. Porque pergunta?

– Estava a pensar na diretora do centro. Ela estava lá, obviamente, no princípio, para se assegurar de que tudo corria bem, mas com certeza que não

poderia acompanhar o tratamento de todos, continuamente.

– Pois não. Concordo, não podia. De início, desconfiava muito de mim, mas depois acostumou-se ver-me por lá e comecei a encontrá-la menos. Estava à espera que fossem os residentes a ter problemas com a minha presença, mas não ela.

À medida que as filmagens se sucediam, o rosto de pedra de Glódís deixou de aparecer em todas as imagens. Viram as primeiras sequências do princípio ao fim, mas quando pouco mais havia a observar para além da vida quotidiana dos residentes, começaram a pedir a Sveinn para avançar mais rapidamente. Não teriam qualquer vantagem em acompanhar intermináveis refeições e sessões de terapia, e sentiram que era embaraçoso estarem a espiar, como se fossem mirones, as vidas daqueles infelizes que tinham morrido. Numa das cenas viram o jovem vigilante que estava de serviço naquela noite fatídica, e Sveinn parou a fita.

– Este morreu no incêndio. Foi por puro acaso que o seu colega não morreu também. Estava com baixa por doença, ou pelo menos foi o que me disseram.

– Isso é significativo? – Matthew olhou para Thóra.

– Não sei. – Ela virou-se para Sveinn. – Havia vigilantes de serviço durante o dia? Ou era só de noite e aos fins de semana?

– Durante os dias de semana o pessoal de serviço estava lá todo, portanto, só havia necessidade de um vigilante nos turnos da noite; mas aos fins de semana, dois deles trabalhavam até ao meio-dia, e depois aparecia mais gente para tratar do almoço e receber as visitas. Eu estive lá a filmar em vários domingos de manhã, porque estava tudo mais calmo. É por isso que sei deste horário. O que morreu era um bom tipo, muito atencioso com os residentes, e muito calmo, como todos os vigilantes noturnos. Uma vez, a sua irmã e um amigo vieram visitá-lo e deram-lhe uma ajuda, embora pelo cheiro que deitavam se percebesse que tinham passado a noite na borga na cidade.

Matthew não conseguiu esconder que ficara chocado.

– Isso era permitido?

– Sim, claro. Eram simpáticos, e não estiveram lá assim tanto tempo. Não era

proibido visitar o centro, exceto, naturalmente, de noite, embora eu nunca tenha lá estado a essas horas. Penso que o mesmo acontecia tanto para o pessoal como para os residentes: os amigos e familiares podiam aparecer, desde que não os impedissem de trabalhar. Não era assim *tão* frequente, parece-me, mas no meio disto tudo é possível que haja imagens de alguém a passar por lá.

No entanto, de entre o que pareceram centenas de imagens, não encontraram uma só que fosse relevante a esse respeito. O caso tornar-se-ia infinitamente complicado se tivessem de analisar as visitas não programadas da parte de amigos e familiares dos funcionários, e Thóra começou a pensar que a única maneira de descobrir o homem que violara Lísa seria tirar uma amostra de ADN a cada homem da Islândia. Tentou afastar essa ideia e concentrar-se no monitor. Os residentes sucediam-se e ela foi capaz de identificá-los a todos, dado que eram tão poucos e as suas deficiências tão diversas. Jakob aparecia várias vezes e, numa imagem, parecia estar muito perturbado, murmurando sem parar que queria ir para casa, enquanto lhe diziam uma e outra vez que aquela era a sua nova casa e que devia parar de se queixar e arranjar qualquer coisa de interessante para fazer. O vídeo parou de repente, quando ele empurrou o candeeiro da mesa de cabeceira e começou a andar furiosamente à roda do quarto. Noutras partes do vídeo parecia estar apenas aborrecido, e quando se juntava aos outros para alguma atividade de grupo, fazia-o com um ar amuado e de cabeça baixa. Tryggvi aparecia muito pouco, e Thóra pensou que tal se deveria certamente aos aspetos antissociais do seu tipo de autismo. Só apareceu por duas vezes, sentado no seu quarto, e numa delas estava a desenhar algo que parecia ser uma cara sem olhos, mas com uma máscara sobre o nariz e a boca; da outra vez, estava a olhar para o espaço, balançando-se devagar para trás e para a frente. A parede do quarto estava mais ou menos coberta com os seus desenhos, que tinham todos o mesmo tema: uma figura sem olhos, prostrada e de boca aberta, e outra pessoa, ao longe, erguendo um anel dividido em três. A mesma estranha sequência, 08INN aparecia em todos eles. Contudo, as imagens não eram idênticas; quando a câmara fez uma panorâmica lenta ao longo da parede, aperceberam-se de que em alguns dos retratos se viam chamas bem evidentes.

– Sabe o que significam estas figuras? – perguntou Thóra. – Por exemplo, a figura que está deitada. – Começara a desconfiar que se tratava de Lísa. Devia passar todo o tempo na cama, e os seus olhos estariam sempre fechados. Por que razão a boca estava sempre aberta daquela maneira era uma outra história; talvez fosse um daqueles segredos de artista que nunca seriam revelados.

– Não faço ideia, mas ele era extremamente meticuloso a desenhar. Devia ter visto como ele fazia. Esqueci-me de passar as imagens mais devagar, para lhes mostrar isto. Ele desenhava tudo num só movimento, sem nunca levantar o lápis do papel. – Esperaram, enquanto Sveinn rebobinava a película até ao momento em que Tryggvi estava a desenhar, e observaram em silêncio uma demonstração daquele peculiar método. O jovem parecia não hesitar, movia o lápis à mesma velocidade para trás e para a frente, percorrendo o papel. – Eu apostaria que se alguém tivesse estudado estes desenhos, teria chegado à conclusão de que ele descobriu uma maneira de fazer isto escolhendo a linha mais curta possível e usando o mínimo de pontos de interceção. E nunca parava para pensar. É espantoso.

No ecrã via-se Tryggvi a erguer o desenho para a câmara sem levantar os olhos. «Obrigado», disse uma voz, e uma mão apareceu para receber a folha de papel, a imagem oscilando ligeiramente.

– Deu-me o desenho, coitado. Pensei que tinha ficado sem *Blu-Tack* para colar os seus trabalhos e que não sabia o que fazer com eles.

– Incrível. – Thóra olhou para a parede que agora ocupava todo o ecrã. – Não tenho a certeza se gostaria de ter estes desenhos no meu quarto. São demasiado tristes… No entanto, ele não devia sentir-se incomodado por eles, já que os deixava tão à vista.

– Bem, não sei. Da vez seguinte que lá voltei, tinham desaparecido todos, e tinham-lhe tirado todos os seus instrumentos de desenho. Nunca cheguei a perceber porquê, mas talvez aquelas imagens tivessem uma influência negativa sobre ele. Ficou bastante triste depois disso, embora antes a sua vida também não fosse propriamente um mar de alegria. – Sveinn fez o filme avançar, pulando umas quantas imagens trémulas do corredor, depois do que o vídeo retomou o

seu curso.

Thóra começava a sentir os olhos a arder, mas de repente algo lhe atraiu a atenção. O cineasta avançava pelo corredor, captando breves imagens do interior de cada apartamento.

– Não se importa de parar? – No monitor via-se o apartamento número seis. Lá dentro estava alguém deitado na cama; o cabelo curto e escuro tanto podia pertencer a um homem como a uma mulher. – Quem é esta pessoa? – Quase sem se aperceber, Thóra tinha estado a contar o número de residentes durante a viagem que a câmara fizera pelos apartamentos, e todos os cinco tinham já aparecido.

– Ah, a rapariga. Não me lembro do seu nome. Estava ali a viver, mas ficou doente ou teve algum problema, portanto ou se encontrava em casa ou no hospital, acho eu, quando se deu o incêndio. E graças a isso ainda está viva.

– O quê? – Thóra não podia disfarçar o seu espanto. De repente, lembrou-se que tinha escrito uma nota para descobrir por que razão o centro tinha seis quartos e apenas cinco residentes, dado que havia muita necessidade de lugares, e lamentou não se ter lembrado disso durante o seu encontro com Glódís. – Onde está ela agora? Acha que será possível falar com ela?

– Não faço ideia de onde terá ido parar. Pelo menos, não a encontrei em nenhuma outra residência, das poucas vezes que fui filmar depois do incêndio. – Apontou para o equipamento em redor da sua cama. – Ela está gravemente incapacitada, e não há maneira de comunicar com ela, a menos que se domine uma determinada técnica; só faz sinais com os olhos, não sei se estará completamente lúcida, mas pareceu-me bastante alerta. Os seus olhos seguiam-me de cada vez que eu ia ao quarto dela, embora isso possa não querer dizer nada.

Thóra teria de procurar obter informações sobre ela, a partir de Glódís ou de outra pessoa qualquer no Departamento Regional para os Deficientes. Se não conseguisse, teria de procurar Einvardur e de lhe lembrar a promessa que fizera de a apoiar. Mas que poderia uma pessoa com uma deficiência tão grave acrescentar àquilo que já sabiam? Parecia improvável que ela tivesse alguma

informação que Thóra desconhecesse, e certamente não estaria presente quando o filho de Lísa fora concebido. No entanto, era inacreditável que só agora tivessem ouvido falar dela: até ao momento, ninguém proferira uma só palavra acerca daquela jovem, e Thóra não encontrara qualquer referência a seu respeito no dossier do processo.

Quando Sveinn pôs o vídeo a correr, Thóra estava distraída e teve dificuldade em concentrar-se no que estava a ver e a ouvir. Com Matthew passava-se o contrário: estava a acompanhar tudo com muita atenção, talvez, precisamente, por a ver tão desconcentrada.

– Volte para trás só um bocadinho. – Matthew pusera a cabeça de lado. – Pode aumentar o volume de som? Acho que ouvi qualquer coisa. – Sveinn assim fez, e viram um funcionário do centro inclinado sobre uma toalha grande numa casa de banho. – Ouviste aquilo? – Matthew olhou para Thóra, que abanou a cabeça, pois não tinha a certeza de ter percebido bem. – Mais uma vez – pediu Matthew.

O homem desdobrou a toalha em movimentos sacudidos, enquanto Sveinn rebobinava a fita, até que começou a mover-se de modo normal. No entanto, Thóra já não prestava atenção ao que ele estava a fazer, mas àquilo que ouvia vagamente e que era repetido num tom zangado, ao fundo.

– Olha para mim! Olha para mim!

Capítulo 18

Quarta-feira, 13 de janeiro de 2010

O TRÂNSITO NA RUA SKÓLAVÖRDURSTÍGUR estava novamente mais intenso. O ruído dos carros e o fumo dos tubos de escape entravam pela janela semiaberta do escritório de Thóra. Depois de ter tido a má ideia de inspirar profundamente, expeliu o ar e fez uma careta, e manteve o nariz tapado até fechar a janela, depois do que utilizou a folha de papel que tinha na mão – e que era nada menos do que a lista dos empregados e dos especialistas do centro – como um leque. Parecia-lhe que assim dispersaria o mau cheiro, mas talvez já se tivesse habituado àquele odor. Sentiu-se um pouco melhor ao sentar-se de novo. Já era suficientemente difícil decidir quais as pessoas da lista com quem deveria falar a seguir para, ainda por cima, ter dificuldades graves de respiração pelo meio. Glódís empregara gente a mais, catorze funcionários a tempo inteiro e dez em regime de tempo parcial, e não havia maneira de saber de antemão qual deles seria capaz de lhe dar informações úteis. Thóra ainda estava à espera que a diretora respondesse ao seu e-mail, no qual lhe pedira o nome do terapeuta que tratava de Tryggvi. Thóra também pusera uma cruz noutro nome: o da própria Glódís. E, na verdade, também podia eliminar Fridleifur Gudjónsson, o vigilante

noturno que morrera no incêndio. Não ficaria a saber nada, por certo, se falasse com a sua lápide tumular, mas Thóra ainda hesitava em riscar o seu nome. A sua caneta pairava sobre as letras escritas a negro, sem tocar no papel, enquanto contemplava o nome. Aquele jovem fora atingido por um golpe na base do crânio antes de o fogo ter sido ateado. Seria o objetivo impedi-lo de ajudar os residentes a sair ou haveria alguma outra razão?

Thóra procurou o relatório da autópsia, por forma a certificar-se de que se lembrava corretamente da sequência dos acontecimentos. Na verdade, lembrava-se. O homem fora atingido pelas costas e morrera asfixiado pelo fumo, provavelmente enquanto jazia inconsciente. Thóra bateu ao de leve com a caneta na borda da mesa. Teria o incêndio sido provocado para eliminar o vigilante noturno? O cineasta referira que Fridleifur recebia visitantes no centro, portanto era possível que se tivesse zangado com um convidado, nessa noite. As visitas noturnas não eram permitidas, mas quem aplicava o regulamento quando só o vigilante noturno estava de serviço? Também era inteiramente possível que o criminoso julgasse ter morto o vigilante e que tivesse ateado o incêndio numa tentativa desesperada de ocultar o seu ato. As pessoas numa situação desesperada são capazes de fazer as coisas mais incríveis, e haveria melhor maneira de ocultar um crime do que criar a impressão de que o alvo da violência fora outra pessoa? Podia ter sido aquele mesmo homem a violar Lísa, o que teria levado a uma discussão fatal com Fridleifur. Thóra mal conseguia conceber tal ideia, uma vez que os vigilantes dificilmente teriam permitido que os visitantes andassem à vontade pelos apartamentos durante a noite, mas não era impossível. Não sabia nada acerca de Fridleifur Gudjónsson, além da parca informação que constava dos testemunhos na documentação do processo, e da opinião positiva que dele tinha o cineasta, embora não servisse de muito. As pessoas raramente diziam mal dos mortos, mesmo quando não os tinham em grande conta enquanto vivos.

Por outro lado, seria fácil falar com o jovem que fazia os turnos com Fridleifur, dado que o seu nome vinha referido nos dossiers. Thóra olhou para o seu número de telemóvel e ligou-lhe, mas nem ele respondeu nem a chamada foi

para o atendedor. Até conseguir contactá-lo, a única maneira de saber se estava a seguir a pista certa era falar com os familiares de Fridleifur. Olhou para o relógio – eram quase cinco da tarde – e apressou-se a procurar os nomes dos seus pais nos documentos. Ninguém respondia do telefone fixo, e o telemóvel da mãe estava desligado ou sem rede. No entanto, o pai de Fridleifur atendeu ao segundo toque. Dava a impressão de estar a guiar.

Thóra apresentou-se e ofereceu-se para telefonar mais tarde, caso o momento não fosse oportuno.

– Se não for oportuno? O que quer dizer? – Ouviam-se estalidos na linha, mas dava para perceber que o homem tinha ficado surpreendido.

– É que me parece que o senhor está a conduzir.

– Não há problema. Vou estacionar já. – Passados instantes, ouviu o motor a ser desligado. – Disse que era advogada? É do banco? – Thóra explicou cuidadosamente quem era e para quem estava a trabalhar. Houve um longo silêncio. Thóra pensou que ele ia desligar, mas depois ele falou de novo, com uma voz cortante. – E que raio quer a senhora de mim?

– Estou a tentar perceber como é que este incêndio aconteceu, e parte deste processo implica falar com o pessoal do centro e com aos pais dos que morreram.

– Como se soubéssemos alguma coisa! A senhora deve estar mesmo desesperada, se pensa que os membros da família estão agarrados a qualquer espécie de informação secreta. Acha, realmente, que não teríamos contado à polícia, quando estavam a investigar o caso?

Ia ser difícil entrevistar aquele homem, isso era certo e sabido.

– Boa parte do que vocês revelaram durante a investigação não ficou registada. Não incluíram nos relatórios todos os pormenores das entrevistas. Mas, de qualquer maneira, o senhor percebe aonde quero chegar. Tenho de excluir a possibilidade de que o incêndio tenha sido causado para eliminar o Fridleifur.

– Ninguém teria querido fazer-lhe mal. Era apenas um tipo comum. Nunca foi um marginal, nem nunca se envolveu numa briga. – A voz do homem quase

se silenciou, e depois acrescentou, com tristeza: – Nem mesmo quando era miúdo.

Depois a conversa decorreu muito melhor. A irritação do pai de Fridleifur atenuou-se e, aos poucos, ele foi-se dando conta de que as intenções de Thóra eram boas. Ela formulou cautelosamente as suas perguntas, de tal maneira que fosse impossível interpretá-las como sendo negativas em relação a Fridleifur.

– Portanto, ele não se dava com ninguém indesejável? E consegue pensar em alguém com quem pudesse ter tido um conflito no trabalho, e com quem os problemas se tivessem agudizado desde então?

– Não, não me parece. Os amigos que tinha eram como ele. Gente calma, sem problemas. Claro que eu teria gostado que fosse mais amigo dos livros, mas não sei se isso tinha algo a ver com os seus amigos; tiveram todos mais ou menos o mesmo percurso, e a maior parte deles desistiu do ensino médio. Na verdade, acho que o Fridleifur estava a fazer planos para voltar à escola. Não passa de um palpite, mas, quando finalmente consegui entrar no seu quarto, descobri uma brochura sobre aulas noturnas e alguns manuais de farmacologia, que provavelmente tinham sido comprados por ele. É sabido que tinha mais do que tempo para estudar durante os turnos da noite.

– Ou seja, ainda vivia em casa?

– Sim, não ganhava propriamente uma fortuna com aquele emprego, nem com os anteriores, por isso não tinha condições para pagar um apartamento, e nós também não estávamos numa posição suficientemente confortável para o poder ajudar. É um grande alívio não se estar preso a um apartamento invendável, a dever mais do que aquilo que se pagou por ele. No entanto, as coisas estavam a correr-lhe bem; tinha aprendido a gerir melhor as suas finanças.

O telemóvel de Thóra emitiu um sinal e ela leu a curta mensagem recebida, enquanto continuava a falar. Era de Sóley, que lhe perguntava quando chegaria a casa.

– Não creio que o senhor e a sua mulher tenham alguma vez ido ao lar, embora saiba que a sua filha de vez em quando lá ia… – Respondeu: *daqui a pouco* a Sóley, enquanto esperava pela reação do pai de Fridleifur.

– Ah foi? Não sabia disso. Porque se refere a esse facto? Se ela o foi visitar, não vejo que importância isso possa ter. Ele e a irmã davam-se bem, é tudo.

– Estava só a pensar que talvez a sua filha me pudesse dar alguma ajuda. Uma pessoa de fora, às vezes, consegue fazer uma ideia mais clara das coisas, e em todo o dossier do caso não encontro uma única declaração dela.

– Não, não fez nenhuma. E, como lhe disse, não sabia que ela tinha visitado o irmão. Tem a certeza?

O telemóvel emitiu outro sinal sonoro.

– Bem, não sei por que razão a minha fonte o teria inventado, ou como teria sabido que o Fridleifur tinha uma irmã. Não quero, de todo, sugerir que algo de desagradável tenha ocorrido, mas mesmo assim estou interessada em falar com ela. – Thóra agarrou no telemóvel para ler a nova mensagem. Sóley ainda tinha de aprender a parar com aquelas trocas de mensagens; a cada resposta seguia-se uma nova mensagem. Thóra já falara disso com ela, mas pelos vistos não surtira efeito.

– Gostaria de falar primeiro com ela. Acha que a deixaria falar consigo sem primeiro lhe perguntar se ela quer fazê-lo?

– Não, não. De todo. – Carregou no teclado para ver o que a sua filha lhe queria agora. No ecrã leu *02 tubo curto,* o que para Thóra não tinha qualquer significado, mas por baixo vinha uma fotografia. – Talvez eu possa entrar em contacto consigo daqui a alguns dias, ou pode telefonar-me, e… – Thóra tinha perdido o fio da conversa. A imagem no pequeno ecrã estava longe de ser o género de coisa que Sóley normalmente lhe enviava. Tratava-se de um corpo enegrecido, carbonizado, inclinado nos restos de uma cadeira de escritório. A cabeça deformada pendia sobre as costas da cadeira, como se a pessoa estivesse à espera que lhe cortassem o pescoço; as mãos estavam caídas dos lados, com as palmas negras, viradas para a frente. Thóra já vira aquela imagem antes. Era Fridleifur.

– Ainda está aí? – O homem parecia preocupado.

– O quê? Oh, sim, desculpe. – Thóra premiu a tecla que mostrava o número do remetente e viu que a mensagem não era, evidentemente, de Sóley. – O

senhor enviou-me uma mensagem pelo telemóvel?

O homem, por seu turno, parecia ter ficado surpreendido:

– Nem saberia como. Não percebo o suficiente de telemóveis para enviar uma mensagem enquanto estou a falar. Porque pergunta?

– Desculpe, fiquei um bocado confusa. – Thóra estava a ter dificuldades em concentrar-se na conversa com Gudjón, uma vez que a imagem que acabara de ver preenchia todo o seu espírito. – Então, o senhor vai falar com a sua filha e depois diz-me alguma coisa. Quanto mais cedo, melhor. – Gudjón disse que assim faria e despediu-se. Mal desligou, Thóra voltou a procurar a mensagem no telemóvel. Estava com tanta pressa que parecia que tinha dez polegares, pois receava ter apagado a mensagem com a sua trapalhice. Verificou a proveniência da mensagem, mas agora parecia ter sido enviado pela companhia de telefones Telecom. Depois de uma chamada bastante demorada para a companhia, que passou por diferentes departamentos, informaram-na de que o remetente teria provavelmente utilizado o serviço de SMS gratuito que eles ofereciam na internet. Quando Thóra lhe disse que também recebera mensagens estranhas do ja.is, o assistente suspirou e disse-lhe que o melhor seria pedir que essas mensagens fossem bloqueadas antes de lhe chegarem ao telemóvel. Era um procedimento muito fácil e podia ser feito online. Quando Thóra disse que não lhe agradava a ideia, o homem suspirou outra vez; obviamente, não era a primeira vez que o serviço de mensagens era mal usado e ele devia estar farto daquelas conversas. Thóra explicou-lhe que o seu pedido de esclarecimento tinha a ver com um processo judicial, e então o tom de voz do homem mudou e ele disse-lhe que todas as mensagens enviadas a partir da internet ficavam, na verdade, registadas, pelo que era possível determinar a sua origem, embora demorasse algum tempo a fazê-lo. O assistente comprometeu-se a fazer essa busca assim que pudesse, mas não podia garantir-lhe que fosse encontrar algo. Registou o número de telefone de Thóra e a data da sua mensagem, dizendo que era toda a informação de que precisava, e desligaram.

Thóra observou a imagem mais atentamente. Não estava muito nítida no pequeno ecrã, mas era possível reconhecer a pessoa. Uma fotografia análoga

fora incluída nos registos da polícia que estavam entre os documentos que Ari lhe entregara. A fotografia era umas das muitas tiradas no local do crime antes de os corpos dos mortos terem sido retirados. Todas tinham deixado Thóra com os cabelos em pé e cada uma delas ficara tão fortemente impressa no seu espírito que não precisava de olhar demoradamente para as reconhecer. Telefonou a Matthew.

– Como posso aumentar uma fotografia que recebi numa mensagem?

– Oh, «Olá, Matthew. Como estás?»

– Vou dar-te um olá como deve ser mais tarde, quando chegar a casa. Agora preciso mesmo de saber como posso ver em tamanho normal uma fotografia que me enviaram para o telemóvel. Sabes fazer isso?

– Mmm… – Matthew, nitidamente, não queria admitir que aquela tarefa estava acima das suas capacidades, embora tivesse mais jeito para as tecnologias do que Thóra. – Não sei como fazer isso no teu telemóvel, mas deve ser possível descobrir.

– Então sabes como fazê-lo no *teu* telemóvel? – Talvez Thóra lhe pudesse encaminhar a mensagem.

– Mmm… – Matthew deu um estalido com a língua nos dentes. – Não, ao certo, não sei. – Mas antes que Thóra pudesse dizer algo, apressou-se a acrescentar: – Se ainda tens os cabos que vinham com o telemóvel, deves poder descarregar a fotografia para o teu computador. Se os perdeste, tenho a certeza de que o Gylfi te poderá ajudar.

– Mas conhecemos alguém que guarde esses cabos e que se lembre de onde os guardou? – Mal disse isto, ocorreu-lhe que, de facto, conheciam: o próprio Matthew. – De qualquer modo, vemo-nos daqui a uns dez minutos – disse, apressadamente.

Antes de sair do escritório, Thóra procurou a fotografia no processo, para confirmar que a pequena imagem que recebera era mesmo a do corpo de Fridleifur. Por sorte, foi uma das primeiras que encontrou, pelo que não teve de ver toda aquela confusão mais uma vez. Era bem evidente que se tratava da mesma pessoa e, de facto, parecia ser precisamente a mesma fotografia. Quem

diabo teria acesso ao banco de fotografias da polícia, e porque lhe enviara aquela imagem a ela?

– É o assassino, e está a querer assustar-te. – O rosto da mãe de Thóra estava crispado de preocupação. – Tens de parar com essa investigação antes que ele apareça e nos queime *a nós*.

Thóra revirou os olhos.

– E se não falarmos deste assunto enquanto estamos a comer? – Sorriu para Sóley e para o pequeno Orri, que tinham os olhos arregalados e fixos nela. Infelizmente, a mãe surpreendera Matthew e Gylfi quando Gylfi estava a descarregar a fotografia para o seu portátil, no preciso momento em que a imagem aparecera em toda a sua glória no ecrã. Não parara de falar sobre o assunto até Thóra lhe explicar a situação, e ainda estava preocupadíssima.

– O assassino vem aí para nos matar? – Sóley pousou o garfo. – Uau, isso é mesmo fixe. – Depois deu-se conta do que dissera e acrescentou: – Não é?

– Acha-chino. – Orri ainda era demasiado pequeno para perceber o que a palavra queria dizer, mas era suficientemente inteligente para perceber que se tratava de algo terrível, e portanto pertencia à classe de coisas excitantes, como dinossáurios e crocodilos.

– Claro que não. A avó está só a brincar. – Percebeu que Sóley não acreditara nem um bocadinho no que acabara de dizer e acrescentou: – Não te preocupes, não vem aí nenhum assassino. Come a tua sopa, querida. – Thóra lançou um olhar furioso à mãe.

Quando acabaram de comer, Sóley estava de novo feliz como de costume, uma vez que os adultos tinham todos começado a falar com uma alegria fingida sobre algo totalmente diferente. Thóra esperou até a filha ir para a cama e os pais estarem sentados diante da televisão, e só depois voltou ao computador para ver melhor a fotografia. Matthew sentou-se junto dela à mesa da cozinha e abanou a cabeça, após ter olhado em silêncio para o ecrã durante alguns momentos.

– É muito estranho, devo dizer. Será que a pessoa que te enviou isto não percebeu que tens todos os documentos do processo?

– Boa pergunta. Não consigo pensar em ninguém que possa estar por detrás disto. Por que razão haveria alguém de me enviar tal coisa?

– Como disse, talvez essa pessoa não saiba que já tens as fotografias. – Matthew afastou-se do monitor. – Ainda assim, não percebo a sua motivação. Talvez o objetivo seja pregar-te um susto, como a tua mãe tão diligentemente sugeriu quando estávamos à mesa. Parece-me que o primeiro passo será tentar descobrir quem tem acesso à fotografia. A qualidade sugere que não provém diretamente da câmara, por isso, pode ter sido digitalizada.

– Ainda há outras possibilidades. Além dos polícias que trabalharam na investigação, todas as diferentes partes implicadas no caso receberam cópias dos documentos: os juízes, o gabinete do Ministério Público e o advogado do Jakob, o Ari. Ele deixou a mãe do Jakob ficar com uma cópia do material, mas isso não incluía as fotografias. Não vejo que razão teria o Ari para me enviar de novo a fotografia, desta maneira. Podia ter chamado a minha atenção para a imagem com um *Post-it*. Ou podia ter-ma indicado quando fui ter com ele.

– Poderá ter sido alguém do sistema judiciário, da polícia ou do gabinete do Ministério Público?

– É possível, mas porque haviam de me incomodar com algo deste género? Ficariam em muito maus lençóis se se soubesse que foram eles, e não posso conceber que alguém se arriscasse a tanto. E quer a intenção seja ajudar-me quer seja assustar-me, parece-me uma maneira estranha de enviar uma mensagem. A polícia e o procurador do Ministério Público podiam facilmente convocar-me para uma reunião, caso estivessem interessados na minha investigação.

– E os pais das vítimas? Deram-lhes cópias dos documentos?

Thóra abanou a cabeça lentamente.

– Não me parece, de todo. Normalmente, fazem-se os possíveis para se proteger os familiares da angústia desnecessária que sentiriam ao ver uma imagem deste tipo. Para receberem uma cópia destas teria de haver uma boa razão. Não consigo imaginar um motivo para se entregar uma fotografia destas aos pais ou outros familiares.

– E as pessoas que dirigiam o centro? Achas que teriam acesso aos dados da

investigação?

– Sem dúvida que tinham, mas não a todos os detalhes… e certamente não a este tipo de fotografia. Isto é totalmente incompreensível. A única coisa em que posso pensar é que alguém dentro do sistema, alguém que sabe do meu envolvimento neste caso e que tem acesso a esta imagem, não está bom da cabeça.

– Ou se calhar já não era bom da cabeça. – Matthew fitou Thóra de olhos nos olhos. – Se o Jakob *está* inocente, o criminoso provavelmente anda à solta. Talvez a tua mãe tenha razão. A fotografia sem dúvida que é capaz de pregar um susto enorme, mas a mensagem podia ter sido mais clara. Ainda assim, arrisco dizer que será qualquer coisa do tipo «mete-te na tua vida», ou algo parecido.

– Mas se for esse o caso, o verdadeiro assassino terá de ser um polícia, um advogado ou um juiz. Ou a mãe do Jakob. Nenhum deles me parece provável. – Thóra pegou no telemóvel. Já que estamos a falar da mensagem, o que quererá dizer *02 tubo curto?*

– O número de um dos apartamentos? Os apartamentos dos residentes não eram numerados 01, 02 e por aí fora?

– Sim, exato. – Thóra respirou profundamente. – Se bem me lembro, 02 era o número do apartamento do Natan, mas tanto quanto sei não havia lá nenhum tubo, nem comprido nem curto. Talvez a rapariga que ainda está viva saiba o que significa.

– Não é uma boa razão para tentares descobrir onde ela está? Talvez o texto não seja uma ameaça, mas uma sugestão. Ela é a única pessoa viva que sabe como era morar no centro. Talvez esteja implicada no caso.

– Está paralisada e não consegue falar. Não sei como poderá estar implicada. – Thóra fechou o seu portátil. – Mas é claro que tenho de me encontrar com ela. Primeiro preciso de saber quem ela é e onde está.

– Isso não vai ser difícil. – Matthew sorriu. – Ao que me parece, o teu verdadeiro problema vai ser descobrir como lhe hás de fazer perguntas.

Thóra fechou os olhos.

– Fantástico. Este caso está a correr cada vez melhor.

Capítulo 19

Quinta-feira, 14 de janeiro de 2010

A Unidade Psiquiátrica de Segurança de Sogn não mudara nada desde a última visita de Thóra: os mesmos carrinhos de mão abandonados permaneciam no caminho de entrada e os mesmos caixotes de madeira estavam empilhados junto à parede, com umas quantas luvas de trabalho por cima. Dava a impressão de que aquele lugar adormecera mal as portas se tinham fechado atrás dela, dias antes, e que voltara a acordar apenas alguns minutos antes de Thóra tocar, de novo, à campainha; toda a gente parecia vestir as mesmas roupas e, tanto quanto se lembrava, os mesmos sapatos de exterior estavam alinhados no átrio.

– Está realmente frio lá fora – disse Thóra, entregando o seu casaco à funcionária na receção. Não lhe ocorrera mais nada para lhe dizer e seria bizarro perguntar-lhe se estivera ali à sua espera desde a última vez, embora assim lhe parecesse.

– Ah está? – A mulher pendurou o casaco no braço. – Veio para ver o Jósteinn? Ele estava à espera de uma advogada.

– Sim. Sou eu mesma. – Thóra lançou um olhar furtivo aos seus sapatos, que estavam molhados por causa da neve derretida no parque de estacionamento, e

olhou em redor à procura de um tapete onde limpá-los. – Telefonaram-me daqui esta manhã, a dizer que ele me queria ver. Eis tudo o que sei. – Embora Thóra tivesse preferido desculpar-se com excesso de trabalho para não ir até lá, não seria correto fazê-lo; Jósteinn estava a pagar a fatura da investigação do caso de Jakob, o que significava que merecia um mínimo de cortesia.

– Faça o favor de esperar na sala enquanto vou buscá-lo. Lembra-se do caminho? – Thóra anuiu e desistiu de limpar a sola dos sapatos, o que era uma tarefa impossível. Em vez disso, descalçou-se sem cerimónias, enquanto a empregada lhe dizia: – Oxalá o consigamos arrancar da sua oficina, já que veio especialmente para o ver.

– Ele passa lá muito tempo? – Thóra tinha de fingir que se interessava pelos trabalhos quotidianos do homem e, de facto, sentia-se contente por estar ali à conversa com a empregada, porque assim ia adiando o encontro. Não tinha propriamente medo de Jósteinn, mas também não tinha vontade de o ver.

– Sim, no meio daqueles computadores avariados, dá a ideia de que se sente como se estivesse em casa; e consegue fazer coisas incríveis, de facto. Já perdemos a conta às máquinas que foi capaz de arranjar a partir das que estavam avariadas. Conseguiram ter vidas novas em países em vias de desenvolvimento.

– Acha que ele se sente bem com isso, com essas boas ações? – Talvez Thóra precisasse de rever a sua opinião sobre Jósteinn. Parecia estar genuinamente preocupado com Jakob, e agora isto. Talvez existisse uma boa alma algures dentro daquele homem deprimido e perturbado.

A funcionária esboçou um sorriso amarelo.

– Não, não diria isso. Ele não se importa nada com essa gente pobre do Terceiro Mundo. Gosta dos computadores por aquilo que são: diz que são perfeitos, que nunca erram sozinhos. Gosta de lhes dar uma nova vida. Uma vez disse-me que uma das melhores coisas dos computadores era não terem nem olhos nem cérebro, porque assim não podiam ver como ele era feio, tanto por dentro como por fora. É um homem muito doente, e os computadores parece que lhe proporcionam alguma satisfação, coisa de que ele precisa. Como todos nós.

Thóra não sabia o que dizer, por isso limitou-se a responder com um aceno

de cabeça. Foi sozinha até à sala, e ao abrir a porta teve a mesma sensação de *déjà-vu* que experimentara ao entrar no edifício; dava a impressão de que as almofadas bordadas não tinham mudado nem um milímetro de posição, e o puzzle sobre a mesa da sala de jantar parecia também não ter sido mexido. Até as duas peças do puzzle que vira caídas junto a uma das pernas da mesa continuavam na mesma posição, à espera de serem engolidas pelo aspirador ou de serem detetadas e apanhadas por alguém com olhos de águia. Thóra ainda pensou em apanhá-las da carpete, mas optou por não o fazer. Seria uma mera espectadora naquele lugar; não mudaria nada. Não compreendia o que sentia, mas não queria deixar nenhum vestígio da sua passagem, por mais pequeno que fosse, naquele triste posto avançado da humanidade.

Thóra espreitou pela janela e viu a estufa vazia e solitária no jardim. Os vidros brilhavam, mas lá dentro estavam os potes de barro vazios, junto de um regador amolgado que podia ou não estar cheio de água. Não se via Jakob em lado algum.

Quando Jósteinn surgiu, acompanhado pela empregada da receção, Thóra sentiu que os seus pulsos se cerravam e teve uma vontade quase irresistível de se chegar para a ponta do sofá. Havia algo naquele homem pequeno e esquelético que lhe causava repugnância. Tal não se devia apenas ao facto de saber o que ele fizera a outros. O cabelo fino de Jósteinn estava oleoso e o couro cabeludo aparecia-lhe na risca feita pelo pente; os seus óculos estavam tão sujos que era difícil acreditar que conseguisse ver através daquela imundície. Ele fez uma tentativa falhada de esboçar um sorriso e Thóra acenou com a cabeça. Não era capaz de lhe estender a mão, mas isso não parecia incomodá-lo.

– Posso deixá-los a sós? Vou estar aqui perto, se precisar de alguma coisa. – A empregada da receção olhou para Thóra nos olhos enquanto dizia estas palavras e, tal como antes, o significado subjacente das suas palavras era claro.

– Sim, está bem. – Thóra adotara um tom despreocupado, como se nada daquilo a incomodasse. – Não vamos demorar muito. Não é verdade, Jósteinn?

– Sim. – Jósteinn sentou-se na cadeira diante de Thóra. Olhou em silêncio para o seu colo até a funcionária sair. – Como está a correr?

– Refere-se ao caso do Jakob? – Thóra deu por si a olhar para a porta fechada.

– Sim. Já o resolveu? – A voz de Jósteinn era quase um sussurro, como se preferisse não ser ouvido.

– Não. Não posso dizer que o tenha resolvido, mas temos feito progressos. – Thóra mudou de posição no sofá, que era demasiado mole e demasiado baixo. – Por que razão queria encontrar-se comigo? Só para saber se tenho avançado?

– Sim. Exatamente.

– Não acha que é desnecessário eu fazer todo este caminho até Sogn para lhe dizer o pouco que consegui apurar? Podia ter-me telefonado.

Sem tirar os olhos do colo, Jósteinn sorriu. O seu lábio inferior abriu-se, deixando um sulco de sangue no meio. Não pareceu dar-se conta disso, nem sentir-se incomodado pela dor. Thóra não conseguia desviar os olhos daquela boca de lábios finos e dos dentes manchados que, apesar da cor, eram perfeitos e regulares. O sorriso desapareceu tão rapidamente quanto aparecera e uma pequena gota de sangue escorreu devagar ao longo do queixo de Jósteinn.

– Não posso telefonar. Aqui não tenho acesso a um telefone, como sabe.

– Certamente poderá falar ao telefone se pedir ao pessoal que faça a chamada e se esta for supervisionada.

Ele encolheu os ombros.

– Nunca tentei fazer isso. Nem nunca antes tinha tido necessidade de fazer uma chamada.

– Pense nisso da próxima vez, se quiser contactar comigo. Esta viagem da cidade até aqui é longa e é melhor empregar o meu tempo a trabalhar no caso. A menos que me quisesse perguntar algo específico, ou dizer-me qualquer coisa…? Percebo perfeitamente que queira estar a par das horas que dedico a este trabalho ou que queira repensar a sua posição em relação à investigação. Não é uma coisa invulgar, quando as pessoas se dão conta de que está a ficar caro.

– Não, não se trata de nada disso. Eu só estava preocupado porque a doutora não voltou para falar com o Jakob, e queria saber se isso era por não ter conseguido avançar.

– As coisas estão a desenvolver-se, como disse. – A sala, de repente, pareceu-lhe insuportavelmente quente. – E hei de falar com o Jakob quando tiver uma razão para o fazer, pois não faz sentido confundi-lo com múltiplas visitas. Ele já tem dificuldade em falar do que aconteceu, naturalmente, e prefiro não o saturar nem baralhar-lhe as ideias com perguntas intermináveis.

– Bem, então é uma viagem demasiado longa para si. Seria melhor se estivéssemos localizados em Reiquejavique. – Jósteinn calou-se, olhou abruptamente para cima e depois voltou a fixar os olhos no colo. – Não lhe parece?

– Sim, é provável. Mas não podemos fazer muito quanto a isso.

Thóra optou por tirar partido da viagem tentando que Jósteinn lhe dissesse algo sobre o seu relacionamento com Ari, uma das poucas pessoas que poderiam ter-lhe enviado a fotografia para o telemóvel, embora achasse pouco provável que Ari ou qualquer dos outros envolvidos no processo judicial o tivesse feito.

– O seu supervisor jurídico era Ari Gunarsson, o mesmo advogado que defendeu o Jakob. Trata-se de uma coincidência, ou será que motivou a sua decisão de custear uma eventual reabertura do caso? Talvez tenha algo contra ele e queira vingar-se.

Jósteinn abanou a cabeça, mas pareceu a Thóra que ele tinha corado um pouco, embora estivesse de cabeça baixa.

– Não.

– Portanto, trata-se simplesmente de uma coincidência?

– Sim.

Thóra não precisava de um detetor de mentiras para perceber que Jósteinn estava a esconder algo, mas não fazia ideia de como levar aquele homem estranho a dizer-lhe a verdade. Desconfiava que se fosse dura com ele não conseguiria grande coisa.

– Ele fez um bom trabalho com o seu caso?

– Como hei de saber? Não sei o que outros poderiam ter feito. Eu, provavelmente, teria vindo aqui parar mesmo se tivesse contratado todos os advogados deste país. Quando uma pessoa é doente, é doente. Não se pode tratar

uma mente perturbada como se tratam ossos partidos. Seria possível se o cérebro fosse sólido, em vez de ser mole. Os consertos são sempre mais complexos quando não se podem aparafusar ou pregar as coisas.

– Sim, é… pena que assim seja. – Thóra não tinha vontade de aprofundar o assunto. – Mas de algum modo deve ter percebido se ele estava a trabalhar com dedicação no seu caso. Ele veio vê-lo? Ou nunca se encontrou com ele?

– Encontrámo-nos diversas vezes durante a fase de preparação do julgamento. Penso que poderia ter demonstrado um bocadinho mais de interesse, mas não seria a primeira nem a última pessoa a achar difícil permanecer concentrado na minha presença. As pessoas não me compreendem, mas eu percebo-as a *elas*. Sabe o que eu quero dizer?

– Não posso dizer que saiba. – Thóra respirou fundo antes de continuar. – Alguma vez se encontrou com o Ari por causa do caso do Jakob? Ele veio cá alguma vez?

– Sim, vi-o depois de o Jakob ter sido transferido para aqui. Ele ainda me reconheceu, mesmo passado tanto tempo.

Thóra não achou que isso fosse estranho; ela própria levaria muito tempo a esquecer aquele homem.

– Mas se pensa que o Ari afundou, de alguma forma, o caso do Jakob ou, sobretudo, se tem a certeza de que o fez, seria bom não o esconder e dizer-me imediatamente o que pensa. Tenho a certeza de que acabarei por apurar os factos, mas a si saía-lhe mais barato se me dissesse já.

– Nunca hei de ter uma oportunidade para gastar todo o meu dinheiro, por isso umas horas a mais ou a menos não têm a menor importância. Se calhar gosto de vê-la andar às voltas. – Não sorriu nem alterou o seu tom de voz, por isso Thóra não foi capaz de saber se ele estaria a tentar fazer-se de engraçado. – Mas posso dizer-lhe que o Ari se esforça o suficiente no seu trabalho para que seja impossível criticá-lo. É um talento que algumas pessoas têm; sabemos que podiam esforçar-se mais, mas não se lhes pode apontar nada em particular. Por exemplo, uma das empregadas de limpeza daqui faz as camas mas não estica bem o lençol sobre o colchão; no entanto, o lençol também não fica tão folgado

que se possa reclamar. – Jósteinn levantou ligeiramente a cabeça e olhou para a almofada bordada perto de Thóra. Estava pálido e não parecia dar-se conta do calor que fazia na sala. – Isto é, ninguém a não ser eu. E porque haviam de me prestar atenção?

Mais uma vez, Thóra optou por ignorar as queixas.

– Então – continuou –, não sabe ao certo se o Ari negligenciou o caso do Jakob, é isso?

– Na verdade, sei. – Jósteinn não ergueu os olhos, ficando com o olhar fixo no ponto cruz da almofada florida.

– E não está a pensar em partilhar o que sabe comigo? – Thóra tentou disfarçar a sua impaciência, mas (depois de calçar umas luvas de borracha) era bem provável que sacudisse o homem para lhe extrair informação.

– Sei que não fez o seu trabalho como devia ser e posso demonstrá-lo. – A expressão no rosto de Jósteinn tornou-se quase alegre. – Ele é parente de uma das vítimas, e aposto que não revelou esse dado a ninguém.

– Como é que *você* sabe, já que ele não disse a ninguém?

– Antes de começar a consertar computadores, estudei genealogia. Estava a pesquisar a minha linhagem, à procura de antepassados com os quais tivesse algo em comum. Tenho ligações distantes com a família da minha vítima. Quando temos tempo suficiente para dedicar aos nossos hobbies, conseguimos alcançar progressos notáveis. Quando já não tinha mais nomes a procurar, comecei a investigar pessoas que conhecia, e um dia pesquisei a família do Ari. Quando o Jakob cá chegou e ouvi falar sobre o caso, reconheci o nome de uma das vítimas. Depois de voltar a consultar os meus registos, vi que o pai de um dos jovens que morreu queimado era parente do Ari. Parecia bastante estranho, dado que o Ari escolhera defender a pessoa acusada dos assassínios. Achei isso intrigante. E, na verdade, foi assim que fiquei interessado no Jakob.

Thóra franziu as sobrancelhas.

– Tanto quanto aprendi na escola, se recuarmos o suficiente quase todos os islandeses têm alguma relação de parentesco. Qual era relação entre esses dois?

– Ari e o pai do rapaz que morreu são primos direitos. Têm um parentesco

mais próximo do que o normal. A doutora e eu, por exemplo, temos um antepassado comum há sete gerações.

Thóra ficou indignada ao saber que aquele homem a investigara à procura de algum tipo de ligação familiar. Esperava que a informação não fosse verdadeira, e que ele não soubesse nada acerca de Gylfi e de Sóley, ou até de Orri. A mera ideia de que Jósteinn pudesse ter visto os seus nomes impressos era-lhe insuportável.

– Primos direitos? – Se fosse verdade (e considerando que Jósteinn tinha uns quantos parafusos a menos, Thóra não podia ter a certeza), era uma coisa absolutamente irregular. De facto, era imoral.

– Ele realmente não cumpriu o seu papel enquanto advogado do Jakob, pois não?

Thóra não respondeu, embora no seu íntimo concordasse.

– Como se chamava esse jovem?

– Tryggvi Einvardsson, filho de Einvardur Tryggvason e neto de Tryggvi Helgason, o qual é irmão de Gunnar Helgason, o pai de Ari. Portanto, como vê, Ari e Einvardur são primos direitos. Se quiser, posso recuar e mostrar-lhe onde as suas linhagens se cruzam com a minha. Tenho uma excelente memória.

– Não, obrigada. Isto chega perfeitamente.

Ao sair, Thóra encontrou Jakob. Estava de costas para ela, inclinado sobre o lava-louça numa cozinha que parecia bastante pequena, dado o número de pessoas que ali viviam, e lavava pratos com entusiasmo.

– Olá, Jakob! – Ele voltou-se ao ouvir a saudação. Envergava um imenso avental branco cheio de grandes manchas húmidas. – Como estás?

Jakob olhou para ela, parecendo não a reconhecer. Depois como que se acendeu uma luzinha e ele sorriu inocentemente para Thóra.

– Veio buscar-me? Posso ir para a casa da mamã?

– Não, Jakob. Ainda não. Estou a tratar disso, e vou fazer tudo o que puder nesse sentido. Até lá, tens de ter coragem! – O sorriso de Jakob desapareceu e foi substituído por uma carranca.

– Eu sou muito corajoso, mas mesmo assim quero voltar para casa.

– Eu sei. E hás de poder voltar, mas não hoje.

– Amanhã? – Ficou outra vez alegre, e Thóra percebeu que teria de escolher as suas palavras com mais cuidado, para não alimentar esperanças irrealistas.

– Não, amanhã não, Jakob. Já pensaste mais sobre aquela noite de que falámos quando vim cá no outro dia? Tentaste lembrar-te melhor?

Jakob abanou a cabeça a dizer que não.

– Não quero pensar nisso. Sinto-me mal quando penso nisso.

Thóra anuiu.

– Diz-me uma coisa: alguma vez ouviste falar sobre um tubo curto? Algo que estava no apartamento em que vivia o Natan? O número 2? – Jakob olhou-a de modo inexpressivo e abanou a cabeça. – Deixa lá, não faz mal. Mas se calhar podes dizer-me outra coisa: como se chamava a rapariga que vivia no apartamento ao fundo do corredor? Lembras-te? – Jakob adotou um ar de espanto exagerado. Olhando de esguelha e franzindo as sobrancelhas ao mesmo tempo.

– Não, não me lembro.

– Esforça-te só um bocadinho; ela estava sempre na cama e não falava.

– Nunca falei com ela. Ela costumava estar sempre a olhar para mim. Fazia-me sentir pouco à vontade. – Inclinou-se um pouco para a frente, com uma expressão de conspirador. – Acho que se chamava Ragga, mas não sei ao certo. Nunca fazia nada connosco.

– Ragga? – Podia ser um diminutivo de Ragnhild, Ragnheidur ou vários outros nomes. – Sabes quem eram os pais?

– Não. O pai e a mãe dela tinham-se mudado para longe. Nunca iam lá. Se calhar não era filha de ninguém e chamava-se só Ragga.

Thóra sorriu.

– Talvez. Agora, visto que és tão corajoso, vou perguntar-te uma coisa diferente, e tem a ver com a maneira como o Ari, o teu advogado, te tratava. Eu sei que achavas que ele era maçador, mas tratava-te mal? Alguma vez ficou zangado contigo ou foi mau?

– Ele era estranho. Nunca estava contente e queria sempre falar de coisas maçadoras. Era maçador.

– Mas mau? Achas que ele era mau?

– Sim, ele é muito mau. Ele… dava pontapés nos animais. – Jakob não a olhava nos olhos enquanto falava e Thóra tinha quase a certeza de que ele tinha dito aquilo só para lhe agradar. Independentemente do que se pudesse dizer de Ari e da situação bizarra em que se colocara, era pouco provável que andasse aos pontapés a animais diante dos seus clientes.

– Falemos só daquilo que sabemos ou que tenhamos visto, e não daquilo que pensamos, está bem? – Jakob anuiu, um pouco envergonhado. – Bem, eu sei que lhe mordeste o braço, não foi?

– Ele foi mau.

– Talvez, mas porque é que o mordeste? Talvez ele seja mau, mas deve ter dito alguma coisa que te fez ficar especialmente zangado, não foi?

– Sim.

– E o que foi que ele te disse, Jakob? Seria ótimo se me pudesses dizer o que foi.

Jakob ficou com a língua ainda mais protuberante do que era costume e lambeu os lábios.

– Ele foi mau; disse que eu lhe estava a mentir e também disse que eu estava a mentir à polícia. Disse que me ia pôr na prisão se eu não dissesse que tinha ateado o incêndio, e disse que eu nunca mais voltaria a ver a mamã. Nunca mais.

Jakob corara, de tão perturbado que estava com aquela lembrança. Thóra decidiu não o incomodar mais, dado que era bastante claro o que tinha acontecido. Aquele filho da mãe do Ari pressionara Jakob para que ele confessasse o crime, estando obviamente convencido da sua culpa. Era um comportamento inaceitável, mas seria impossível provar que assim acontecera. Apesar disso, Thóra não tinha a menor dúvida de que Jakob lhe estava a contar a verdade. Ficou ainda com mais vontade de conseguir a sua liberdade. Uma das coisas que tinham jogado contra ele era o facto de ter confessado, depois retirado a sua confissão, voltando a confessar e acabando por se contradizer no seu

depoimento. Talvez, em parte, tudo isso se devesse à interferência de Ari. Como pudera Jakob ter tão pouca sorte com o seu advogado?

– Não devíamos falar mais do Ari. Em vez disso, vamos falar do Fridleifur; lembras-te dele? Era empregado do centro e trabalhava muito de noite e de manhã cedo… – Jakob anuiu outra vez, mas agora parecia receoso. – Ele era simpático, fazia bem o seu trabalho?

– Ele tinha graça. Era engraçado. – Jakob sorriu, provavelmente ao lembrar-se de qualquer coisa divertida que o nome do vigilante evocara.

– Às vezes tinha visitas no trabalho? Os amigos dele vinham vê-lo?

– Às vezes. – Jakob cerrou os lábios outra vez.

– Como é que eles se portavam? Será que às vezes discutiam com o Fridleifur? – Jakob abanou a cabeça, surpreendido. – Então eram calmos… não falavam alto, nunca se zangavam?

– Não. – Jakob parecia perplexo e olhou à sua volta. Depois aproximou-se de Thóra e parecia que estava a olhar para trás dela, certificando-se de que ninguém os podia ouvir. – Pode guardar um segredo?

– Sou mesmo boa nisso.

Jakob inclinou-se para ela e sussurrou:

– Os amigos do Fridleifur vinham visitá-lo para *respirar.* Ele disse-me isso, mas pediu-me para não dizer a ninguém. Nunca. Por isso, não pode dizer isto a ninguém, certo?

– Não, não vou dizer, Jakob. Mas às vezes os segredos deixam de ser segredos quando a pessoa que tos contou morreu. Nem sempre, mas às vezes.

Jakob parecia ter ficado um pouco confuso com estas novas regras sobre algo que ele obviamente julgava ter percebido claramente.

– Prometeu que não dizia nada a ninguém. Prometeu. – Começou a ficar mais agitado a cada palavra que dizia e Thóra lembrou-se das histórias sobre as tendências violentas daquele homem baixo mas robusto.

– Não vou dizer nada, *prometo*. – Sorriu, esperando assim acalmá-lo. Depois, recorrendo a todos os seus talentos de representação, adotou um ar de conspiradora e sussurrou. – Estavam a respirar fumo? De um cachimbo? – A

única coisa que lhe ocorria era que Jakob podia ter encontrado o vigilante e o seus amigos a fumar haxixe e que Fridleifur tivesse tentado convencê-lo de um disparate como respirar em segredo.

A raiva de Jakob dissipou-se e, em vez disso, ele pareceu ficar chocado.

– Não. Só vinham para respirar. Não era com fumo; queriam uma *boa* respiração.

– Está bem. – Thóra acariciou Jakob no ombro. Um anjo com uma mala e boa respiração. Nitidamente, aquele rapaz era uma mina de informações.

Capítulo 20

Sexta-feira, 15 de janeiro de 2010

NÃO HAVIA NADA COM QUE SE PREOCUPAR, em pleno dia, mesmo num como aquele, cinzento e sombrio. Margeir inspirou o ar fresco e húmido, enchendo os pulmões. Invadido por uma sensação de bem-estar que há muito não tinha, fechou os olhos. Talvez hoje fosse um ponto de viragem na sua vida; um novo começo para uma nova vida, em novas e mais agradáveis circunstâncias. Só a ele cabia lidar com muito daquilo que ultimamente o atormentava e tinha de parar de se flagelar a cada instante. O céu estava quase encoberto por nuvens negras e rajadas de vento forte sopravam a neve do corrimão; o inverno não ia diminuir de intensidade até ter dado tudo o que tinha. Sacudiu a neve do corpo com irritação. O seu casaco roçagou e esse ruído fê-lo perceber como tudo estava tranquilo ali fora. Não se ouvia o murmúrio do trânsito, nem o sussurro dos ramos nus do choupo; Margeir estava de olho fixo nos ramos, fascinado, como se estivesse a ver um filme mudo na televisão.

Um toque abafado, vindo da algibeira do seu casaco, desconcertou-o. Era como se a sua audição tivesse sido ativada de repente: o assobio do vento nas árvores era agora um som alto e nítido, secundado pelo distante rugir do trânsito.

Viu que era o número de telefone da estação e, apesar dos bem engendrados planos para não deixar que uns lunáticos anónimos o perturbassem, sentiu um alívio enorme. Aquele tipo provavelmente deixara de telefonar, embora Margeir ainda fosse bombardeado com mensagens de texto que deviam ser da mesma pessoa. Margeir não ouvia aquela voz de cobarde desde que procurara a morada que aparecera numa das mensagens. Desconfiava que aquele louco vivesse lá. Ou o idiota se arrependera do que fizera depois de ter sido descoberto, ou se fartara de atormentar Margeir e fora implicar com outro. Talvez tivesse sido a sua resposta inicial que o entusiasmara, acabando, depois, por se tornar aborrecido ouvir uma série de *Quem é? Deixe-me em paz!* e coisas do género como resposta. Talvez o pervertido tivesse resolvido importunar uma rapariga, da qual obteria, sem dúvida, reações mais satisfatórias. Tinha acabado. Devia ter acabado. Tinha mesmo de estar tudo terminado.

Margeir atendeu o telefone alegremente, certo de que iria receber alguma boa notícia: não era assim tão frequente contactarem-no do trabalho. Porém, a voz preocupada do diretor reduziu as suas esperanças a nada. Os lucros com a publicidade estavam baixos e o número de patrocinadores vinha diminuindo progressivamente, por isso o diretor queria que Margeir encontrasse uma entidade legal para patrocinar o seu programa, em troca de anúncios e boa publicidade por parte da estação. Acrescentou que Margeir devia pensar seriamente no assunto, dado que o seu emprego dependia disso; não devia excluir nenhum possível patrocinador. Toda a gente precisava de publicidade nos tempos que corriam: vivia-se um período difícil e era preciso lutar por cada freguês e cada cêntimo. Em lado nenhum se encontrava publicidade tão barata e que desse um tal retorno, e a audiência da estação estava a crescer constantemente. Aquele tom de vendedor era tão convincente que Margeir estava quase a pensar em fazer publicidade a si mesmo, quando o diretor lhe disse, de modo abrupto:

– Pode fazer isto, não é verdade? Senão, vou ter de contratar alguém que *consiga* arranjar os seus próprios patrocinadores. Os tempos são duros, como sabe – continuou, ao ver que Margeir não lhe dava resposta.

– Verei o que posso fazer. – Foi tudo o que conseguiu dizer. – Adeus. – Desligou e expirou lentamente. O vento mudara; Margeir arfou quando o ar se revelou bem mais frio do que os seus pulmões tinham previsto. Amaldiçoou a sua complacência. Como funcionariam os subsídios de desemprego? Não fazia a menor ideia. Lembrava-se vagamente de a sua mãe insistir para que se inscrevesse no centro de emprego quando ficara sem trabalho, havia um ano, mas esquecera-se por completo de onde devia ir e do que tinha de fazer. Não estava disposto a voltar a falar no assunto, porque dera a entender, na altura, que já o fizera há séculos. Não seria capaz de explicar à mãe de modo convincente por que se encontrava tão pouco motivado e desconfiava que só obteria dela um mínimo de compreensão, embora soubesse que ela estava sempre do seu lado.

Tinha a certeza de que o seu direito à totalidade do subsídio já expirara, tendo passado tanto tempo, mas certamente teria direito a alguma coisa. O Governo não devia estar à espera que ele fosse mendigar pelas ruas, pois não? Isso também não era ilegal? Não podia dar-se ao luxo de perder mais rendimentos, e o dinheiro que poupara ao acumular dois empregos há muito que fora gasto. Além disso, dificilmente poderia fazer mais cortes nas despesas da casa. O apartamento pertencia ao seu avô, por isso não conseguiria arranjar uma renda mais baixa em parte alguma. Tinha deixado de fazer chamadas do seu telemóvel e cancelado a conta do telefone fixo e da internet, bem como de tudo o que custasse dinheiro e não fosse considerado uma necessidade. O carro era a única coisa que ainda mantinha. De qualquer modo, quem iria comprar aquela velha lata? E era bom ter o carro para alguma urgência, embora o depósito de combustível estivesse furado e Margeir tivesse de andar sempre com um pequeno bidão de gasolina na mala, por uma questão de segurança. Não se permitia qualquer outro luxo e não conseguia pensar noutras maneiras de reduzir as despesas. Despendia o seu dinheiro em pouco mais do que alojamento e comida, e quando já só se comia macarrão, era difícil fazer cortes nessa área. A piza era um luxo em que às vezes pensava mas a que nunca se consentia. As únicas refeições decentes eram aquelas de que desfrutava em casa da sua mãe, geralmente aos domingos. A mãe ganhara muitos pontos na sua consideração por

nunca se ter referido ao seu apetite de lobo e à quantidade de comida que devorava. Uma vez perguntara-lhe se ainda estava a crescer na idade adulta, mas de resto agia como se não se apercebesse de nada de insólito e começara, simplesmente, a preparar refeições mais abundantes, para que ele pudesse levar os restos consigo. Não, não era nada como nos bons velhos tempos em que tinha sempre dinheiro na carteira. Claro que ao fim do mês não lhe sobrava muito, mas não se lembrava de que alguma vez lhe tivesse faltado algo. Não fazia então a menor ideia dos tempos difíceis que o esperavam.

Começou a descer a rua deserta, contra o vento, decidido a fazer o que estava certo. Nada mais tinha agora importância, exceto responsabilizar-se por si mesmo e esperar que as pessoas vissem a verdade. Embora fosse difícil atribuir-lhe todas a culpas, nunca se sabia; o destino era imprevisível. Ao que lhe parecia, o destino embalava as pessoas numa falsa impressão de segurança, levando-as a acreditar que tudo estava bem e depois, quando menos esperavam, tirava-lhes o tapete de baixo dos pés. Lembrava-se de todas as histórias dos jornais sobre gente pobre que ganhara os jackpots da lotaria e desperdiçara o dinheiro, vivendo o resto da vida com a noção do que não voltaria a ter. Margeir imaginara-se na mó de cima; julgara ter a vida orientada, embora não soubesse exatamente para onde ia nem como chegaria lá. Agora essa sensação desaparecera e era óbvio que estava na mó de baixo, não numa trajetória ascendente. Pelo menos por agora.

Margeir puxou o capuz para se proteger do frio. Porque se lamuriava, afinal? Havia muitas pessoas mais desafortunadas do que ele e de nada servia tornar as coisas mais difíceis do que já eram. Na pior das hipóteses, podia ir morar para a casa da sua mãe; a menos que, na verdade, conseguisse arranjar alguns patrocinadores. Enquanto ponderava opções nesta área, o seu telemóvel tocou outra vez e Margeir tirou-o do bolso, esperançado. Talvez o diretor da estação tivesse mudado de ideias, ou talvez tivesse aparecido um patrocinador e Margeir já não precisasse de encontrar nenhum. Mas não era esse o caso, e um eventual patrocínio deixou de ser a maior preocupação de Margeir.

Thóra estava de mau humor. Regressara ao escritório depois da visita a Sogn e fizera telefonemas para toda a cidade, tentando falar com as pessoas que, de momento, eram as mais importantes para o caso. Mas parecia que toda a gente conspirara para a ignorar. Ari não atendera – nem do seu escritório nem do telemóvel –, e Glódís não tinha respondido ao primeiro e-mail de Thóra, no qual ela lhe perguntava quem era o encarregado pela terapia de Tryggvi, nem à sua segunda mensagem, em que lhe pedia o nome da sexta residente, que ainda estaria viva. Também não conseguira contactar com a antiga diretora por telefone; do Departamento Regional tinham dito que Glódís estava ocupada e tinham-se recusado a encaminhá-la para alguém que pudesse responder à sua pergunta sobre a rapariga do quarto 6. A funcionária que a atendera alegara que os dados sobre os clientes estavam sujeitos a sigilo, pelo que de nada serviria a Thóra protestar. Quando ligara para o Ministério da Justiça, fora informada de que Einvardur se encontrava numa reunião e não estaria no seu gabinete durante o resto do dia. Thóra tentara percorrer a lista que Glódís lhe dera, mas a cada telefonema que fazia ou chegava aos correios de voz de antigos empregados ou não chegava a lado nenhum. Dois desses números já não estavam atribuídos.

Para agravar as coisas, Bella agarrara a sua oportunidade de arranjar algum tempo livre quando Thóra saíra nessa manhã, portanto a receção estava vazia. Bella deixara sobre a secretária um bilhete em letras grandes que dizia: *Fui ao medicu.* Thóra e o seu sócio Bragi tinham comprado um corretor ortográfico assim que viram as primeiras cartas escritas pela sua secretária e esse fora, sem dúvida, um dos seus melhores investimentos. Ainda assim, era um verdadeiro triunfo Bella ter conseguido dar dois erros na mesma palavra.

Quando o telefone por fim tocou, Thóra não conseguiu perceber qual dos números para os quais ligara surgira no ecrã.

– Chamo-me Linda, e tenho um aviso de chamada deste número.

Thóra procurou o nome na lista de Glódís, enquanto explicava quem era e resumia as razões que a tinham levado a telefonar. De facto, qualquer que fosse o empregado do centro com quem falasse, a explicação que dava era sempre a mesma. Quando estava a terminar a sua última frase, descobriu o nome da

mulher e a sua profissão, que Thóra encontrara na lista telefónica e rabiscara ao lado do nome. Ficou contente ao ver que Linda era uma terapeuta do desenvolvimento. A avaliar pela sua voz, era mais velha do que Thóra, e parecia ser uma pessoa calma e equilibrada.

– Não sei se poderei ajudá-la, mas se quiser dar cá um salto, terei todo o gosto em falar um pouco consigo. – Depois acrescentou: – Eu gostava do Jakob e nunca fiquei completamente convencida de que ele fosse o culpado. Pelo menos, hoje não estou convencida disso.

Thóra aceitou e agradeceu a oferta da terapeuta, e rabiscou a morada do seu emprego, um lar para crianças deficientes na parte ocidental da cidade. Apressou-se para chegar junto de Linda no seu horário de expediente, mas antes de sair corrigiu a mensagem de Bella, acrescentando *do cérebro* a seguir a *medicu,* Esperava que o bilhete ainda lá estivesse na manhã seguinte.

O lar em que Linda trabalhava não tinha nada a ver com aquele que Jakob alegadamente reduzira a cinzas. O centro consumido pelas chamas era um edifício moderno e elegante, mas este parecia estar ali desde que aquele bairro da classe média fora construído. Não tinha o ar de um edifício público, a não ser pela porta principal, que era invulgarmente ampla, e pelos lugares de estacionamento reservados a deficientes diante da entrada. Thóra encaminhou-se para a porta de aspeto normal e bateu, surpreendida por não haver campainha. De imediato, reconheceu a voz de Linda, quando a terapeuta a cumprimentou. Adivinhara a sua idade; Linda parecia ter quase sessenta anos, estava em boa forma e exibia um sorriso caloroso. Tinha o cabelo grisalho cortado curto, mas apesar da roupa escura e do cabelo, tinha um ar simpático e equilibrado.

– Não costumo correr para a porta, mas como estava à sua espera, fiquei à escuta. Não precisa de tirar os sapatos; as empregadas da limpeza vêm cá depois do jantar e, de qualquer maneira, o chão já está um pouco sujo, com todas as idas e vindas do dia.

Assim que Thóra entrou, qualquer semelhança que o lar pudesse ter com uma moradia tradicional dissipou-se. O átrio era muito mais amplo do que era

costume numa casa tão antiga, e dir-se-ia que alguém usara um martelo de ferreiro nos painéis de madeira. O chão era alcatifado e a terapeuta não exagerara ao dizer que estava muito sujo. Havia sulcos negros por toda a parte, provavelmente das cadeiras de rodas, bem como pegadas deixadas por sapatos sujos que seguiam pelo corredor até desaparecerem atrás de portas fechadas.

– Tenho aqui um gabinete onde nos podemos sentar. Costuma haver muito barulho, embora de momento esteja tudo calmo, por isso é melhor irmos para um lugar tranquilo antes que recomece o bulício. Claro que esta casa não foi concebida para o trabalho que aqui se faz, por isso não é nada daquilo que esperaríamos. Mas uma pessoa acostuma-se.

Entraram numa sala ampla e bem iluminada, onde se encontravam três crianças: um rapaz numa cadeira de rodas, que parecia anormalmente inchado, como se tomasse esteroides, uma rapariga que estava de pé apoiada numa estrutura de aço, e uma outra, muito direita, sentada a olhar ferozmente para o seu prato, embora fosse difícil adivinhar o que estaria a incomodá-la. Os outros dois olharam-nas enquanto passavam e sorriram abertamente para Thóra. Ela acenou e retribui-lhes com o seu maior sorriso, mas depois teve de se apressar para acompanhar Linda, que não abrandara o passo.

– Este lugar é parecido com aquele em que o Jakob viveu? – Sentia-se mais à vontade com aquela abordagem do que se começasse logo a falar sobre o lar que ardera, embora parecesse um pouco artificial.

– Não, este é um centro de cuidados de dia, e é só para crianças mais novas. Não podem frequentar escolas pré-primárias normais, mas mesmo assim precisam de uma educação e de estímulos que os pais não lhes podem proporcionar. – Linda abriu a porta de um gabinete pequeno mas muito arrumado e limpo. – Este edifício é um dos vários que foram doados ao Estado ou à cidade para um objetivo específico. Neste caso, estava estipulado que se destinava a servir crianças deficientes. O casal que aqui vivia tinha uma filha deficiente, e sabia que havia necessidade de lares como este. Já morreram há vários anos, mas a situação hoje em dia não é muito melhor do que era na altura. Nem por sombras.

– As coisas não melhoraram?

– Não, nem por isso, mas também não se pode dizer que a situação seja insustentável. Os recursos que temos não permitem responder a todas as necessidades. Cada ano nascem mais crianças com deficiência mental ou portadoras de múltiplas deficiências. É impossível prestar-lhes toda a assistência e a supervisão intensiva de que precisam, mas tentamos dar o nosso melhor, claro. Infelizmente, algumas pessoas são negligenciadas, mas esse é um problema do Governo, e não nos diz respeito a nós, prestadores de cuidados. Antigamente, toda a gente era empilhada nos poucos lugares que havia; a maior parte dos pacientes ficava numa espécie de instituição de cuidados de saúde, o velho Sanatório Kópavogur. Por mais estranho que pareça nos dias de hoje, o seu nome oficial até 1980 foi o de «Sanatório Central do Estado para Idiotas». Por aí pode ver que houve algum progresso, neste aspeto, pelo menos. Agora, todas estas pessoas devem ser instaladas em residências comunitárias, mas nenhuma delas é suficientemente grande, na minha opinião. Quando os recursos escasseiam, fica muita gente excluída. Há pessoas cujas necessidades são supridas na sua totalidade, enquanto outras não conseguem nada.

– Então deve ter sido um verdadeiro choque quando o centro ardeu por completo. Quer dizer, além de ter havido pessoas inocentes que ali perderam a vida.

– Sim, bem pode dizê-lo. Nem o Governo nem as juntas de freguesia fazem seguros para as suas propriedades, por isso não são pagas quaisquer indemnizações. Dada a situação atual, não haverá pressa alguma em construir um centro que o substitua nos tempos mais próximos, certamente não nos próximos anos. E entretanto o número de pessoas que precisam de apoio continuará a aumentar.

– Deve ser deprimente trabalhar nestas condições. – Thóra percorreu com o olhar algumas das fotografias de crianças deficientes que estavam na parede por detrás da terapeuta. Todas pareciam felizes, como as que Thóra cumprimentara ao passar pelo corredor.

– Sim, se não conseguirmos ultrapassar os problemas e concentrarmo-nos

naquilo que está ao nosso alcance mudar. É o que faço há tanto tempo que não me deixo influenciar, e poucas coisas me abalam. E aqui nem tudo é miséria e tristeza, como muita gente pensa. A maior parte das crianças daqui estão bem; são felizes, apesar de terem de lutar com problemas que as outras crianças nem imaginam. Tenho quase a certeza de que se podia mesmo dizer que são mais felizes do que as crianças «normais» da mesma idade. De certa forma, tudo tem a ver com as atitudes, e os computadores diminuíram em boa parte as distâncias entre as crianças com deficiência e as normais. Conheço miúdos fisicamente aptos que passam o dia inteiro diante do ecrã de um computador e pouco uso fazem da sua mobilidade. Quando se trata de crianças deficientes, o maior desafio é o tempo que leva a mudar as atitudes das pessoas. A sociedade, em geral, tem uma paciência limitada para aqueles que se considera que não «contribuem». No entanto, a maior parte destas pessoas pode trabalhar com autonomia se encontrar um trabalho adequado, e dificilmente se encontra pessoal mais diligente.

Thóra anuiu. Tinha a certeza de que uma pessoa com deficiências intelectuais poderia executar um trabalho de secretariado melhor do que Bella. Fora ingénuo da sua parte pensar que as vidas destas crianças giravam apenas em torno dos seus problemas e dificuldades.

– Tal como referi, estou a tentar perceber se alguém, além de Jakob, poderia, com ou sem ajuda, ter ateado o incêndio. Descobri certos detalhes que me estão a causar alguma preocupação. As suas dúvidas acerca da culpa do Jakob baseavam-se na sua intuição ou em algo mais substancial?

– Infelizmente, baseavam-se apenas na minha intuição. O Jakob passou por maus momentos naquele lar, sabe, mas não vejo que fosse capaz de recorrer a medidas tão desesperadas. Ele acreditava que tudo terminaria a certa altura, e que acabaria por voltar para casa; nunca pensou que ficaria ali a viver para sempre. É por isso que não concordo com a teoria de que ele pensava que tinha de reduzir aquele lugar a escombros para poder de lá sair. – Linda cruzou os braços, com uma expressão grave; o sorriso que parecia ser parte intrínseca da sua personalidade desaparecera. – Na altura, fiquei tão desgostosa que a tristeza

ensombrou tudo; sentia imensa pena das pessoas que tinham morrido, mas também sentia pena do Jakob. Vi-me numa tal confusão de sentimentos que não conseguia concentrar-me em mais nada. Nunca me passou pela cabeça duvidar da investigação. Só passado algum tempo voltei a questionar-me, mas então já era tarde demais. Agora pergunto-me se o resultado não teria sido diferente se eu, e outros, estivéssemos em campo quando o Jakob mais precisava de nós. Não é uma sensação agradável, se quer que lhe diga, e, para ser sincera, acho que atirei tudo para trás das costas. Talvez para não ter de lidar com a ideia de que se não tivesse sido o Jakob, então alguém teria de estar implicado… E nesse caso, quem?

– As pessoas não são robôs. As suas reações foram perfeitamente naturais perante uma crise daquelas. – Thóra estava contente por finalmente encontrar alguém que realmente acreditava na inocência de Jakob, além da sua mãe. Outras pessoas se tinham mostrado dispostas a considerar essa possibilidade, mas Thóra via-lhes nos olhos que não acreditavam, no fundo, que a sua investigação a levasse a algum lado. Linda parecia pensar de modo diferente. – Entre outras coisas, descobri que uma das raparigas que lá viviam estava à espera de bebé. A Lísa. Sabia disso?

A terapeuta corou de repente.

– Sim. Mas só soube depois. Isso descobriu-se quando fizeram a autópsia e, por causa das minhas funções, fui convocada para uma reunião no Departamento Regional, em que falámos disso. Fui completamente apanhada de surpresa. – Linda esfregou a testa. – Na altura, não me ocorreu que o desastre pudesse estar relacionado com ela. Estava toda a gente concentrada em descobrir quem era o incendiário e em impedi-lo de cometer outro crime. Foi também dada muita ênfase à necessidade de impedir que os média soubessem disso.

– Desconfia de alguém em particular?

– Oh, meu Deus, não. É um ato tão terrível que não queremos apontar o dedo a ninguém. Eu ainda estou convicta de que não pode ter sido ninguém do pessoal. – Linda ficou ainda mais ruborizada. – A única pessoa em quem pensei foi, afinal, ilibada pela análise de ADN.

– E quem era?

– Um jovem que trabalhava sobretudo no turno da noite. O que morreu no incêndio, o Fridleifur.

– Ah, sim? Até agora pensava que ele era um rapaz às direitas. Não é verdade?

A terapeuta pousou as palmas da mão sobre a mesa.

– Era boa pessoa, mas estava longe de ser um funcionário exemplar. Eu nunca gostei lá muito do Fridleifur, nem do outro rapaz que fazia o turno com ele; tinha as minhas dúvidas de que estivessem a fazer o seu trabalho como devia ser. Não gosto de dizer mal dos mortos, mas as coisas são como são.

– Apanhou-os a fazer algo de errado?

– Não, não posso dizer que tenha apanhado; se assim fosse, teriam sido despedidos. Eu de vez em quando trabalhava aos fins de semana, e por mais de uma vez encontrei aquele local num estado suspeito, com latas de cerveja pelo chão, esse género de coisas, o que sugeria que um deles ou ambos tinham estado a beber durante o período de trabalho. Estavam completamente sóbrios, de ambas as vezes, e tinham desculpas que a diretora aceitou, embora eu tivesse discordado dela. Quem podia ser influenciável ao ponto de acreditar que eles estavam sempre a descobrir latas de cerveja atiradas para o jardim e que as tiravam de lá? Eu é que não acreditava, isso é mais do que certo. Depois houve uma enorme quantidade de intralípidos, um medicamento administrado por via intravenosa e prescrito quando a nutrição oral é insuficiente, que desapareceu, juntamente com agulhas tipo borboleta e os tubos usados para administrar o medicamento. Por duas vezes foram encontrados sacos vazios no cesto dos papéis da sala de serviço, incidentes que eles não conseguiram explicar; disseram que os sacos já deviam lá estar quando tinham entrado ao serviço, mas eu simplesmente não acreditei. Nunca mais se encontraram sacos vazios nem agulhas, mas as provisões continuaram a diminuir misteriosamente. Acho que a Glódís não lidou com o problema como devia ser; queria mais tempo para chegar ao fundo da questão, o que evidentemente nunca aconteceu. Também não se pode dizer que houvesse muita gente na fila para substituir aqueles dois, o que

sem dúvida contribuiu para que ela fechasse os olhos.

– Acha que eles tomavam drogas ou que as vendiam lá de noite?

– Bem, não sou especialista em drogas de uso recreativo, mas não consigo ver como poderiam utilizar sacos para alimentação intravenosa. Em todo o caso, eles não deviam ter acesso a esse material, muito menos preparar agulhas, misturas ou algo parecido.

– Esse material não estava em armários trancados?

– Não. Isso era uma das coisas que faltava arranjar. Estávamos à espera de um frigorífico especialmente concebido para armazenar este tipo de fármaco. O fármaco podia ser armazenado à temperatura ambiente, mas era melhor conservá-lo no frio. Enquanto esperávamos, tínhamo-lo guardado num pequeno frigorífico perto do escritório da Glódís. Também lá guardávamos agulhas e algum outro material médico, coisas a que precisávamos de ter um acesso rápido. O quarto estava fechado à chave, como é evidente, mas o vigilante tinha chaves-mestras para todas as portas.

– Sei que a irmã do Fridleifur e um amigo lhe fizeram uma visita pela manhã, muito cedo. Isso acontecia com frequência?

Linda franziu as sobrancelhas.

– Não, não creio. Mas parece típico dele.

Era óbvio que Thóra teria de falar com a irmã de Fridleifur e com o outro vigilante noturno, que ainda não respondera aos seus telefonemas.

– Há uma coisa que estou extremamente interessada em saber: o nome da rapariga que vivia no quarto 6. Foi internada no hospital pouco tempo antes do incêndio. Gostaria de falar com ela, para o caso de ter alguma informação.

– Oh, Deus. – A terapeuta suspirou. – Quanto a isso, tenho de desiludi-la. Talvez não saiba, mas ela tem o chamado «síndrome de encarceramento» e a sua capacidade de comunicação é extremamente limitada.

– Sei que ela pode transmitir mensagens com os olhos. É verdade?

– Nem toda a gente é capaz de comunicar com ela dessa maneira. Espero que não se ofenda.

Thóra abanou a cabeça.

– Pode explicar-me esse «síndrome de encarceramento»?

– Para mim, é uma das piores doenças que se pode imaginar. É causada por um trauma crânio-encefálico que rompe todas as conexões com os músculos que controlam os movimentos voluntários, exceto os que permitem mover os olhos. Na verdade, há uma versão ainda pior, em que a pessoa também perde o controlo sobre os olhos. Às vezes dizemos que é como estar enterrado vivo, e é muito diferente de um estado de coma, porque a pessoa permanece consciente. Por outras palavras, a parte inferior do cérebro tem lesões graves enquanto a parte de cima está boa.

– E as terminações nervosas? Essas pessoas sentem alguma coisa?

– Sim, frequentemente, como neste caso. A rapariga chama-se Ragna Sölvadóttir; ficou assim depois de ter sofrido uma queda de grande altura há muitos anos, e não há esperança de que venha a recuperar. Normalmente, a síndrome resulta de um AVC ou de um acidente, às vezes tem outras causas, mas, felizmente, é rara. Não sei o que é feito da Ragna, mas penso que deve ter sido transferida para outro lar ou para uma instituição semelhante. Não pode ir para casa enquanto aguarda a abertura de um novo centro, pois os seus pais emigraram. Acho que foram à procura de trabalho.

Thóra não conseguia encontrar palavras. Só de pensar nessa síndrome sentia arrepios na espinha, mas afastou aquilo da sua mente. Seria possível que a pessoa que violara Lísa tivesse feito algo de parecido a esta rapariga, que se encontrava num estado semelhante? Talvez Thóra conseguisse uma descrição do homem, algo que permitisse descobri-lo.

– Não sabe se havia alguma coisa no apartamento 2 ligada a uma mangueira ou a um tubo que possa ser considerado curto? Era o apartamento de Natan. Peço desculpa pela estranheza da pergunta, mas realmente não me posso explicar melhor, dado que obtive esta informação numa mensagem bastante enigmática que me foi enviada.

Linda abanou a cabeça.

– Não me lembro de nada assim. Se isso de algum modo está relacionado com o incêndio, então eu duvidaria dessa informação, porque o Natan não

poderia estar implicado. Caso estivesse, ficaria estarrecida.

– E o que me diz dos outros que lá viviam? Seria possível que um deles ou algum dos seus familiares o tivesse feito? Refiro-me tanto ao fogo como a esta situação com a Lísa.

A terapeuta refletiu por instantes.

– Não consigo pensar em ninguém, sinceramente. Embora o centro estivesse a funcionar há pouco tempo, tive a oportunidade de conhecer bastante bem toda a gente de lá, e não me ocorre ninguém que pudesse estar implicado. Naturalmente, não conhecia os familiares tão bem, mas tenho sérias dúvidas de que algum deles fosse capaz de uma coisa tão atroz. A maior parte dos pais de crianças deficientes que tenho conhecido, e já são uns quantos, ao longo destes anos todos, só querem o melhor para os seus filhos e são capazes de lutar com unhas e dentes para bem deles. Estas pessoas seriam as últimas a cometer um assassínio; não posso conceber que o fizessem.

Pouca gente seria capaz de conceber que alguém matasse outra pessoa, no entanto era algo que estava sempre a acontecer.

– Vi boa parte das imagens captadas no lar, filmadas pelo cineasta que lá passou algum tempo.

Linda anuiu; era evidente que se lembrava bem dele.

– No fundo sonoro ouvi algumas palavras que surgiram nas minhas conversas com o Jakob, mas não consigo encontrar explicação para elas, e tinha a esperança de que a senhora me pudesse dizer o que significam.

– Que palavras? – A terapeuta parecia surpreendida.

– *Olha para mim…* Estas palavras eram repetidas por um homem bastante zangado.

Linda lançou um olhar indecifrável a Thóra.

– Sim, lembro-me bem de ouvir essa frase. O Tryggvi tinha um terapeuta que empregava meios muito pouco ortodoxos para estimular o rapaz. Era capaz de repetir a mesma frase sem parar, na tentativa de comunicar com ele. Na verdade, forçava-o a olhá-lo nos olhos para obter uma resposta. Fazia o Tryggvi uivar; a terapia provocava-lhe imensa ansiedade, e o terapeuta reagia uivando de volta

para ele. Era muito angustiante ouvi-los.

– Um terapeuta? Era um terapeuta do desenvolvimento, como a senhora?

– Não. – A expressão do seu rosto endureceu. – Os pais do Tryggvi, sobretudo a sua mãe, queriam que ele seguisse um tratamento não convencional, porque tinham a esperança de assim obter melhores resultados do que nós conseguíamos. O casal contratou esse indivíduo, chamado Ægir Rannversson, mas nunca cheguei a saber quais eram os seus graus académicos nem qual o seu currículo escolar. Tinha regressado havia pouco tempo, depois de ter passado uns tempos no estrangeiro, onde investigou ou estudou o autismo, mas não frequentou nenhuma instituição educacional de prestígio, isso de certeza.

– E o seu método teve resultados? – Desta vez seguiu-se um momento de silêncio ainda mais longo, mas por fim a terapeuta voltou a falar.

– Sim, teve. Se poderiam ter sido permanentes é algo que não lhe sei dizer, mas Rannversson conseguiu que o rapaz se exprimisse mais do que se poderia esperar, embora não estivesse a começar a falar nem nada do género. O Tryggvi comunicava mais através daqueles desenhos incríveis que fazia. Quero dizer, eu não seria capaz de os interpretar, mas a principal mudança consistiu no facto de ele ter ficado muito mais atento ao que o rodeava. Tinha um grau de autismo extremamente elevado e achava muitas das coisas quotidianas intoleráveis. Ficava fascinado por feixes de luz e por velas, e era capaz de olhar para eles durante horas. Mas detestava o som de descarga do autoclismo, por exemplo, ou o telefone a tocar. A verdade é que as suas reações a estes ruídos se atenuaram significativamente depois do tratamento, e quem sabe que progressos alcançaria se a terapia tivesse continuado. Mas, atenção, também poderia facilmente regredir, com o passar do tempo; já antes acontecera. A sua mãe disse-me que ele não suportava estar perto de uma televisão acesa, e mais tarde também deixara de tolerar rádios, por nenhuma razão óbvia. Mas, claro, ninguém sabe o que poderia ter acontecido. Certo é que houve queixas dos residentes e das famílias por causa do ruído daquelas sessões, e então os pais do Tryggvi decidiram acabar com a terapia, optando por não lhe dar seguimento noutro local, porque estava fora de questão tentar que o rapaz entrasse num carro. Felizmente, o

progresso que alcançara parecia consolidado e manteve-se mesmo depois de ter parado o tratamento.

Agora era a vez de Thóra ficar em silêncio. Nem Einvardur nem Fanndís se tinham referido a isto; pelo contrário, tinham sugerido que Tryggvi não fizera progressos. Às vezes, o que ficava por dizer era o que tinha mais significado. Dado todo o seu empenho no desenvolvimento do filho, semelhante omissão era realmente estranha. E ainda era mais estranho que tivessem dado ouvidos às queixas ao ponto de pararem com o tratamento. Não teria sido possível reduzir um pouco a gritaria e continuar a terapia de um modo mais tranquilo?

– Portanto, se ele começara a abrir-se, seria possível que se tivesse tornado mais capaz de sair do seu apartamento?

– Talvez, sim.

Capítulo 21

Sábado, 16 de janeiro de 2010

POR UMA VEZ, O TEMPO ESTAVA ESPLÊNDIDO. No entanto, Thóra sentia-se grata por envergar um casaco suficientemente comprido para a proteger dos assentos de plástico das bancadas, que eram gelados. No relvado sintético, Sóley corria com o resto da sua equipa, mas nenhuma das raparigas dava mostras de seguir as regras ou a bola, e em consequência disso esta estava sempre no seu meio-campo. Aquele jogo de treino fora anunciado com muito pouca antecedência e Thóra pensou que o treinador devia ter julgado que o tempo frio beneficiaria a sua equipa, permitindo-lhe perder por menos golos do que era costume ou até conseguir um empate. A ideia era demasiado otimista, sobretudo porque não havia o risco de a equipa rival confundir as balizas ou perder a bola de vista por causa da neve.

– Vira-te, Sóley! Vais na direção errada! – gritava Matthew, com as mãos em concha junto à boca. Sóley parou, virou-se para eles e acenou, sorrindo. Enquanto o fazia, um grupo de raparigas passou por ela, atrás da bola. – Está a ficar melhor – disse Matthew a Thóra, mas não parecia muito convencido.

– O campo não vai ficar estragado por estarem a jogar no inverno? – Thóra

sabia ainda menos de futebol do que Sóley, mas sabia que o relvado era novo e não queria que a 6.ª Divisão de Raparigas desse cabo dele, se era certo que iam perder.

– São tão leves que quase não faz diferença – respondeu Matthew. A minúscula estatura das miúdas era ainda mais acentuada por estarem a jogar contra o magnífico fundo do outro lado do campo, um mar brilhante e a cadeia das montanhas Reykjanes. – Vamos Sóley! Vamos lá! – Mais uma vez, a filha de Thóra parou para lhes acenar; esquecera-se do jogo, que há muito estava perdido.

– Se calhar não é boa ideia encorajá-la. – Thóra olhou para o relógio. Faltava um quarto de hora. – Parece-me que a sua concentração não dá para isto. – O telemóvel tocou dentro do seu bolso e Thóra pegou nele. Não se lembrava daquele número, porém a voz era-lhe familiar. Era Grímheidur, a mãe de Jakob. Thóra começou por se arrepender de ter atendido, porque preferia que o trabalho não interferisse com os seus fins de semana, mas depois de terem conversado mudou de ideias. Agradeceu a Grímheidur e despediu-se.

– O que se passa? – Matthew ficou perplexo ao ver a expressão no rosto de Thóra.

– O Jakob foi transferido de Sogn. Foi levado para o Hospital Nacional com ferimentos graves, e fizeram-lhe uma intervenção cirúrgica a um olho.

Matthew virou-se para continuar a ver o jogo.

– O que aconteceu?

– O Jósteinn atacou-o. Com uma faca e um garfo, a meio da refeição. O Jakob terá sorte se não perder um olho, e sofreu vários outros ferimentos, segundo me disse a sua mãe.

Isto foi suficiente para desviar a atenção de Matthew da bola.

– O quê? Pensei que o Jósteinn era o seu benfeitor ou algo parecido. Não está a pagar a investigação por ser tão amigo do Jakob? Tiveram alguma discussão?

– Não, tanto quanto consegui perceber. O ataque não foi provocado, de acordo com a Grímheidur. – Thóra voltou a enfiar o telemóvel no bolso. Era óbvio que aquele ataque teria um efeito decisivo na questão da reabertura do

caso; certamente, era improvável que Jósteinn continuasse a pagar a investigação depois do sucedido. – De facto, não sei porque estou surpreendida. Aquele homem é doente, capaz de tudo, e provavelmente devia sentir-me grata por não ter saído do nosso encontro com um garfo espetado nas têmporas ou coisa do género.

Matthew não achou piada nenhuma.

– Chega desta conversa.

Thóra não lhe ligou. Não sentia a menor vontade de voltar a encontrar-se com Jósteinn, mas, de qualquer modo, aquele era um desenvolvimento interessante, e agora a sua vontade de tirar Jakob de Sogn era ainda mais forte. Sabia que era perigoso pensar assim; não devia ficar emocionalmente ligada ao caso, o que aumentaria o risco de não ver algo importante, ou de simplesmente ignorar um dado que não lhe conviesse. Mas, infelizmente, nem sempre podemos controlar as nossas emoções, e era-lhe impossível não se preocupar com Jakob.

– Se calhar devia ir vê-lo ao hospital. Levar-lhe umas flores e chocolates.

Matthew encolheu os ombros e virou-se de novo para o relvado.

– Será que darão autorização? Ele não vai estar sob vigilância policial?

– Penso que me deixarão visitá-lo, por estar a trabalhar neste caso.

– Então é melhor que te despaches, porque não vais estar muito tempo nessa posição. Certamente, Jósteinn vai deixar de pagar pela investigação, agora que a amizade entre eles se deteriorou. – Matthew, de repente, parecia um pouco irritado. – Também não percebo porque te dedicas a casos destes. O que não falta por aí é trabalho para os advogados; tratar de papelada relacionada com dinheiro, transações agradáveis e inofensivas, ainda que as suas origens sejam obscuras.

– Esse género de trabalho é todo atribuído a uns quantos advogados por meio do nepotismo; além disso, não podemos competir com as grandes firmas, que empregam vários advogados especializados. – Thóra omitiu a razão mais importante de todas: é que achava os créditos financeiros e o direito empresarial indescritivelmente aborrecidos, e até Bragi, que geralmente conseguia encontrar algo interessante em todos os casos, dificilmente deixaria os casos de divórcio de

que tanto gostava. – Vou continuar com este processo, a menos que o Jósteinn deixe de pagar. Cativou a minha atenção e a verdade é que também não estamos propriamente inundados de trabalho. Dá-nos jeito este dinheiro, mesmo que o caso acabe por se revelar menos complicado do que parece.

– O banco contactou-me e ofereceu-me o meu lugar de volta. – Matthew não deixou de olhar para o campo enquanto dizia isto. – Embora com salário mais baixo, dado que o âmbito das minhas funções seria menor do que antes.

– Isso é ótimo! – Thóra inclinou-se para ele. – Não estás contente?

– Não sei.

– Quando é que te perguntaram?

– Anteontem.

– E ficaste à espera de me dizer porque...? Thóra afastou-se dele outra vez, contente por não ter ainda marcado a tal depilação.

– Não sei ao certo. Precisei de tempo para pensar nisso e tinha de o fazer sozinho. Pode parecer uma boa proposta, mas preciso de pensar nisso cuidadosamente. – Virou-se e olhou-a nos olhos. – Teria ficado confuso ao falar disto contigo mais cedo. Não tem nada que ver contigo, sou eu. Este género de coisas nunca foi fácil para mim. Sinto-me melhor quando as respostas surgem nítidas na minha cabeça, sim ou não, e quando não preciso de pensar mais.

Thóra anuiu lentamente.

– Percebo. – Sentiu-se mal pelo tom da sua voz; ele não estava exatamente a confessar que tivera uma relação com outra pessoa ou que desbaratara o dinheiro de ambos em slot machines ou em ações de bancos islandeses. – E qual é a tua decisão, agora que me disseste o que se passa?

– Nenhuma. Ainda estou a pensar. – Sóley e a sua equipa ainda corriam à roda do campo, e pelos vistos não estavam nada preocupadas por o número de golos das suas oponentes se assemelharem mais ao resultado de um jogo de voleibol do que ao de uma partida de futebol. Celebraram com imenso entusiasmo quando, por acaso, conseguiram dar um pontapé na bola na direção da baliza adversária. A bola rolou lentamente na pequena área e a outra equipa ficou espantada ao observar aquela inesperada movimentação, até que a guarda-

redes avançou e apanhou a bola. Os raros espectadores aplaudiram como se elas tivessem marcado um golo. Matthew bateu palmas ruidosamente, e antes dos aplausos terminarem acrescentou: – Provavelmente vou aceitar a proposta, se bem que, para ser sincero, não tenha nenhuma vontade de voltar àquele escritório.

– Isso parece-me bem. – Thóra sorriu. Outro salário não faria mal nenhum. – Podes sempre mudar de emprego mais tarde. Não estás a fazer um contrato vitalício.

– Não, lá isso é verdade. – Era óbvio que Matthew estava a fazer um esforço por soar otimista. – O que, evidentemente, é tudo o que este trabalho tem a seu favor, além de me estar a ser incrivelmente difícil ficar sentado sem fazer nada.

– E o facto de os meus pais estarem por lá não tornou as coisas mais fáceis. – Matthew não precisava de responder a isto. – Bem, seja como for, hás de descobrir qualquer coisa. Afinal, não estamos falidos.

Matthew endereçou-lhe um sorriso.

– Não precisas de um assistente?

Ela sorriu de volta.

– Livra-me da Bella e podes candidatar-te a ser o nosso rececionista.

O jogo acabou com a equipa de Sóley a ser arrasada como era costume; as vencedoras até pareciam um pouco envergonhadas, como se tivessem estado a jogar contra uma equipa de raparigas mais novas e se tivessem entusiasmado demasiado com o jogo, em vez de manterem o resultado a um nível modesto. Porém, Sóley e as suas colegas não pareciam levar a derrota a sério e saíram do campo de cabeça erguida, numa demonstração de desportivismo.

Jakob não estava algemado à cama nem tinha qualquer outro tipo de restrições. Também não havia nenhum guarda à porta. O quarto do hospital, no entanto, estava fechado à chave, portanto o paciente não iria longe, caso tentasse fugir – o que não parecia nada provável, tendo em conta os seus ferimentos. A enfermeira que abriu a porta a Thóra pedira autorização para a deixar entrar, o que não parecia ter causado qualquer problema. Como não conhecia toda a

história em torno daquela agressão, Thóra trouxera Matthew consigo, só para se sentir em segurança: era perfeitamente possível que Jakob tivesse iniciado a luta, e ela sabia que se arriscava a levar uma tareia semelhante à que a equipa de Sóley sofrera, caso Jakob decidisse descarregar a sua fúria sobre ela. A presença de Matthew parecia não ter incomodado ninguém, o que reforçou a sua impressão de que as pessoas não estavam especialmente preocupadas com Jakob. Thóra não sabia ao certo como interpretar isso, mas por fim decidiu que não era uma boa coisa: nem sequer achavam necessário mantê-lo sob vigilância. Claro que podia haver outra explicação para isso, uma de carácter muito prático; talvez se tratasse apenas de mais uma manifestação das poupanças e dos cortes na despesa.

Jakob estava deitado na sua cama de hospital com o cobertor esticado até ao queixo. Tinha o olho direito coberto de ligaduras espessas e tentara colocar devidamente os óculos por cima delas. As grandes armações tinham ficado inclinadas, dado que um dos braços não lhe chegava à orelha, que também estava ferida, envolta numa ligadura e colada à cabeça. O resultado era um pouco cómico, e tornou-se ainda mais evidente quando Jakob desviou rapidamente a cara da televisão para ver quem tinha chegado, o que fez que os seus óculos escorregassem, ficando-lhe quase perpendiculares ao rosto. Jakob apressou-se a endireitá-los com os seus dedos papudos.

– Olá, Jakob – disse Thóra, estendendo-lhe a caixa que comprara a caminho do hospital. – Trouxemos-te uns chocolates. Lembraste do Matthew, não é assim?

– Sim. – Jakob olhou para a caixa colorida. – Posso comer alguns agora?

– Claro. – Logo de seguida Thóra arrependeu-se de ter dito aquilo. Ele podia não estar autorizado a comer. – Tens autorização para comer? Alguém te disse que não podias?

– Não. Ninguém. – Jakob abanou a cabeça para sublinhar as suas palavras. – Mas ainda estou com fome. Não consegui acabar o meu jantar ontem à noite. – Não precisava de dar mais explicações quanto ao que lhe perturbara o jantar. – Já comi há pouco, mas eu devia ter duas refeições, porque me devem uma de

ontem.

– Claro. – Thóra sorriu. Abriu a caixa e pousou-a na mesa que estava perto de Jakob, enquanto Matthew trazia duas cadeiras para junto da cama. – Atenção ao biscoito.

Jakob tomou Thóra à letra e escolheu com cuidado.

– Muito obrigado – murmurou educadamente, já com a boca cheia de chocolate.

– Não tens de quê. – Matthew agarrou nos invólucros e atirou-os para o cesto do lixo que estava junto do lavatório, e depois voltou a sentar-se. – Além de estares com fome, como é que te sentes?

– Mal. Tenho comichão, mas não posso coçar-me porque estou com ligaduras.

Thóra apontou para o comando da televisão.

– Não te importas de baixar o som ou de apagar a televisão, só enquanto estivermos aqui? Assim podíamos ouvir-te melhor. – Os atores do filme tinham, de repente, desatado a cantar.

Jakob olhou para o ecrã e demorou alguns momentos a decidir-se. Por fim, agarrou no comando e desligou a televisão.

– Também já tinha visto este filme.

– Obrigada, assim é muito melhor. – Thóra voltou a sorrir-lhe. A tua mãe já veio visitar-te?

– Sim. Esteve aqui antes. – Jakob escolheu outro chocolate. – Ela volta mais tarde. Posso ver a nossa casa daqui, por isso ela também me pode ver. Vivemos no terceiro andar, e quando não estou em casa, a Mamã tem de levar a comida sozinha pela escada acima. – Apontou para a janela com a mão direita, que também estava envolta em ligaduras.

– Tenho a certeza de que a tens ajudado muito. – Thóra olhou pela janela, mas não foi capaz de ver a casa a que ele se referia. – Com um pouco de sorte, em breve poderás voltar para casa e ajudá-la outra vez. Mas primeiro tens de te pôr melhor, e depois têm de acontecer mais algumas coisas. Mas não nos preocupemos com esses assuntos agora.

– Não. – Jakob fechou a caixa. – Podemos falar de muitas outras coisas. Como do meu olho. – Pôs a mão na parte dos óculos que estava por cima das ligaduras.

– Como é que isso aconteceu? Achas que consegues contar-nos como foi esse ataque? – perguntou Matthew.

– Foi mau. Eu estava a comer e então, de repente… mesmo muito mau.

Matthew anuiu solidariamente.

– Ele estava sentado junto de ti?

– Sim. Estava a comer peixe e de repente levantou-se e… foi mesmo mau.

– Portanto, tu não lhe bateste, nem mesmo a brincar ou algo parecido? – insistiu Thóra.

– Nã. Eu estava a comer o meu peixe. Íamos ter arroz doce, se comêssemos tudo. – Ficou com um ar triste. – Não cheguei a comer o arroz doce.

– Tenho a certeza de que eles te vão dar mais. – Thóra decidiu perguntar à enfermeira na receção se seria possível levarem uma tigela de arroz doce a Jakob. – Ele já alguma vez tinha tentado bater-te? Alguma vez em que tivesse sido impedido pelo pessoal?

– Não, nunca. Ele é sempre bom. Exceto agora. Se calhar não gostou do peixe.

– Talvez. Ele disse algo quando te atacou, ou antes disso?

Jakob olhou para Thóra com ar pensativo, a boca muito aberta.

– Sim, disse. Foi realmente estranho.

– Lembras-te do que ele disse? – Thóra inclinou-se mais para a frente.

– Ele disse que seria melhor que eu estivesse em Reiquejavique. Lembro-me porque fiquei tão contente, e ia-lhe dizer que também pensava o mesmo, mas não pude dizer nada porque… de repente, tudo me doía muito e fiquei sem ver nada.

Ao pensar em alguém com um garfo espetado num olho, Thóra sentiu o estômago contrair-se e teve de interromper Jakob para dissipar essa imagem.

– Talvez fosse melhor falarmos doutra coisa, de algo mais divertido. Tenho a certeza de que vais ter de discutir este assunto com a polícia e com mais umas

quantas pessoas, e por isso se calhar não é boa ideia falar muito disto agora. – De súbito, a conversa que tivera, poucos dias antes, com Jósteinn surgiu-lhe no espírito. Mais uma vez interrompeu Jakob, que parecia querer dizer alguma coisa. – Ele disse que seria melhor? Que seria melhor tu estares em Reiquejavique?

– Sim. – Jakob anuiu tão ansiosamente que os seus óculos escorregaram outra vez. – Foi o que ele disse.

Thóra tentou não se mostrar surpreendida.

– Não disse mais nada?

– Disse, disse mais uma coisa. Disse que eu devia ser um bom menino e falar consigo. Mas depois começou a cortar-me a orelha e a bater-me no olho, por isso gritei e não o ouvi dizer mais nada depois disso. Talvez tenha dito mais alguma coisa.

Thóra duvidava. O que Jósteinn dissera explicava perfeitamente o ataque. Ele pensava que a investigação de Thóra faria mais progressos se ela pudesse contactar mais facilmente o Jakob.

Thóra só revelou as suas suspeitas a Matthew depois de saírem do hospital.

– A sério? – Matthew parou, com uma expressão consternada. Era sempre muito direto acerca de tudo. O facto de não lhe ter contado nada sobre a proposta do banco era o mais perto que alguma vez estivera de arquitetar esquemas. Manipular acontecimentos, tal como Thóra acreditava que Jósteinn fizera, era para ele algo tão estranho que ficou boquiaberto.

– Não posso provar ou confirmar o que quer que seja sem lhe perguntar diretamente, mas o certo é que se enquadra naquilo de que falámos.

Matthew abanou a cabeça, irritado.

– Não sei o que é mais louco, atacar alguém, assim, sem se ser provocado, ou ferir uma pessoa tendo em vista um objetivo preciso.

– Não há dúvida: é muito mais louco fazê-lo com um objetivo. – Thóra respirou o ar fresco. – Lembra-te que o Jósteinn não é, de todo, um homem normal. É capaz de tudo. – Olhou para a fachada do edifício e viu o rosto de

Jakob à janela. Não estava a vê-los a sair, mas apenas a espreitar os terrenos em redor do hospital, na direção da casa da sua mãe. – Se eu estiver certa – disse Thóra, voltando-se para Matthew –, é evidente que o Jósteinn quer que a investigação continue. – Apontou para a triste figura emoldurada pela janela. – Se é assim, vou continuar a trabalhar neste caso. Não há mais nada a acrescentar.

Matthew manteve-se em silêncio.

Capítulo 22

Domingo, 17 de janeiro de 2010

O JOGGER ESTAVA A FICAR CANSADO, mas concentrou-se no seu objetivo. Escolheu um carro estacionado ao longe e não pensou em mais nada a não ser chegar lá. Então, e só então, abrandaria. Esperava, desta maneira, resistir à tentação de parar, pôr as mãos nos joelhos e respirar o mais profundamente que os seus pulmões consentissem. No outono anterior correra aquele mesmo circuito sem respirar pelo nariz, mas depois da vida sedentária que levara durante todo o inverno, esperara demasiado de si mesmo naquele primeiro dia ameno, sem gelo, do novo ano. Estava sozinho, o que deixaria de acontecer à medida que a primavera se aproximasse, quando mal poderia percorrer dez metros sem encontrar outros *joggers*. Então todos sentiriam aquele mesmo cansaço, enquanto ele seria um dos poucos a estarem em forma. Durante um momento conseguiu esquecer a fadiga, enquanto se imaginava a correr ao sol da primavera, de costas direitas, mantendo um ritmo regular e ultrapassando, um a um, *joggers* de cara vermelha e todos suados.

Nesse momento, quando já pensava que se sentia melhor, o seu corpo decidiu que chegava. De repente, não conseguia dar nem mais um passo: o ardor nos

pulmões tornara-se insuportável, o seu coração batia a toda a força, sentia-se nos limites, e tinha as pernas a arder. Permaneceu imóvel, ofegante, e passou-lhe pela cabeça chamar um táxi para voltar a casa. Era ainda uma grande caminhada e havia poucas coisas tão embaraçosas como cambalear pela rua de fato de treino vestido. No entanto, a ideia de apanhar um táxi teve de ser posta de parte, porque não trazia nem telemóvel nem dinheiro consigo; não se via ninguém, embora estivesse a uma curta distância da popular praia de Nauthólsvík. Suspirou profundamente. Foi então que avistou o banco. Podia sentar-se ali a descansar e massajar as pernas para aliviar a dor. Depois talvez conseguisse voltar para casa sem se envergonhar – embora não muito depressa.

A superfície do banco estava fria, mas ele acostumou-se imediatamente, como se o seu corpo tivesse atingido o limiar máximo da dor. O banco não era quente nem confortável, mas não se lembrava de já se ter sentido tão contente só por estar sentado. Aos poucos, a dor foi diminuindo, mas agora dava-se conta de que a temperatura do seu corpo estava a descer rapidamente; trazia roupa leve, dado que não tencionava ficar sentado na rua, sem se mexer, com o equipamento justo e pouco quente. O vento, que antes parecera agradável, era agora frio e cortante, e o seu corpo suado em breve ficou gelado. Tinha mesmo de recomeçar a correr, mas ainda não se sentia capaz de se pôr de pé. Bateu com os braços cruzados contra o peito, como o avô lhe ensinara quando era miúdo. Sentiu-se um pouco melhor.

Depois de bombear calor para dentro do corpo, o marulhar das ondas chamou-lhe a atenção, e suspendeu a respiração para o desfrutar ao máximo. Voltou-se para olhar para o outro lado da baía e contemplou o oceano. Um tinir eletrónico forte quebrou, de repente, a paz e o silêncio, provocando-lhe um choque; julgara-se sozinho e sentiu-se pouco à vontade ao pensar que alguém se aproximara sem que ele se apercebesse. Olhou em volta, mas não viu ninguém. O toque continuava, no entanto, agora ainda mais alto e mais intenso. O jogger rapidamente descobriu de onde vinha o som; reparou num brilho azul debaixo do banco e baixou-se para apanhar um telemóvel de aspeto barato. No ecrã a piscar, viu a palavra *Mãe*, e por um segundo pensou responder, mas ainda estava tão

cansado que não sabia se conseguiria explicar a essa pessoa quem era e por que estava a atender um telemóvel de outra pessoa. Em vez disso, ficou a olhar para o ecrã até o telemóvel parar de tocar, altura em que apareceu uma mensagem: *7 chamadas não atendidas*. Algum idiota bêbedo devia ter perdido o telemóvel na noite passada e provavelmente ainda estava a dormir, em casa. O *jogger* virou-se para o mar; o telemóvel podia esperar; ia levá-lo para casa consigo e depois telefonaria à mãe para lhe dizer onde poderia ir buscá-lo. Resolveu ver se a carteira do tipo estaria ali por perto, para devolver tudo junto.

Foi então que avistou uns pés na vegetação rasteira, acastanhada, que crescia no começo do declive para o mar. Na verdade, teve de refletir um pouco até compreender do que se tratava; a princípio, pensou que eram rochas de aspeto peculiar, mas depois viu que era um par de sapatos pretos e que nos sapatos estavam pés, os quais pareciam também estranhamente enegrecidos. Ao dar-se conta do que tinha à sua frente, deixou de sentir a fadiga, e forçou as suas pernas cansadas a caminharem na direção daquela concavidade. Tinha medo do que poderia encontrar quando o resto do corpo se tornasse visível; tinha a esperança de que fosse apenas o bêbedo dono do telemóvel que se divertira demais na noite passada, mas os pés completamente imóveis e a posição desconfortável do corpo sugeriam outra coisa. À medida que se aproximava, apercebeu-se de um estranho cheiro a queimado proveniente da vegetação rasteira e disse para consigo que era muito estranho uma pessoa resolver deitar-se precisamente no sítio onde o mato ardera e o cheiro era tão desagradável; mas, pensando bem, isso não passava de um pormenor, tendo em conta que o homem estava em parte deitado na relva e em parte suspenso numa escarpa rochosa. Mesmo antes de avistar todo o corpo, o *jogger* percebeu que ninguém, nem vivo nem meio morto, escolheria um tal sítio para descansar.

Enquanto corria à procura de ajuda, agarrado ao telemóvel e esquecido de tudo, o *jogger* já não sentia nem dor nem fadiga. A única sensação que tinha era de náusea.

– Achei que devia saber. – Thóra agarrou na mão da velha senhora, que era

áspera e fria, e sentiu-a a contrair-se quando a agarrou. Thóra telefonara a Grímheidur depois da visita ao hospital, para lhe dizer que julgava ter compreendido a razão do ataque de Jósteinn. O pânico que isto parecia ter provocado na mãe de Jakob levara-a a visitá-la a caminho de casa. Agora, Matthew e Thóra estavam sentados com ela na pequena cozinha de que Jakob sentia tantas saudades. O apartamento era pouco espaçoso mas acolhedor, e fazia lembrar a Thóra a casa dos seus avós, quando era criança, que tinha em todas as paredes ornamentos cujo valor sentimental ultrapassava largamente o seu preço real. Ali, as fotografias emolduradas eram o orgulho da casa, a maior parte delas de Jakob em várias idades, mas também do seu falecido pai.

– Percebo perfeitamente que queira pensar nisto um pouco, mesmo que depois queira desistir do caso.

– Quais são os seus honorários? – Grímheidur mordeu o seu fino lábio superior, que era quase da mesma cor do seu rosto. Quando o soltou, o sangue voltou a fluir e o lábio ficou vermelho, como se lhe tivesse posto batom e se tivesse esquecido do lábio inferior. Thóra disse o preço mais baixo possível, o que propunha aos amigos mais chegados. O rosto da mulher revelou que estava à espera de um preço mais baixo. – Não pode fazer-me um desconto?

Thóra enfrentava um dilema; a mãe de Jakob não tinha como pagar a investigação, a menos que a firma trabalhasse de graça.

– Este valor não dá uma ideia precisa da despesa. O número de horas tende a aumentar neste género de casos, mas, se tudo correr bem, a maioria destas horas será reembolsada. No que diz respeito à reabertura de processos, a lei dita que os custos de uma petição (e de um novo julgamento, se a petição for aprovada) serão pagos pela Secretaria do Tesouro Público. Por outro lado, não sabemos se o processo do Jakob será reaberto e, mesmo que seja, não há garantia de que o tribunal considere as despesas reembolsáveis na totalidade.

– Mas… – Grímheidur ficou a olhar de boca aberta, já sem cor no lábio superior.

– Por outro lado, se eu tiver razão e o Jósteinn ainda quiser que o processo do Jakob seja reaberto, então, muito provavelmente, vai cumprir o que disse em

relação ao pagamento dos custos. Se isso não for, de todo, aceitável para si, depois do que aconteceu, cessarei de trabalhar para ele, e podemos arriscar e pensar que o caso vai correr bem e que os custos serão pagos pelo Tesouro Público. – Thóra sentia pena da mãe de Jakob, e não era preciso ser-se psicólogo para perceber que a senhora tinha duas opções, ambas más. Podia dar a luz verde e receber indiretamente dinheiro de um homem que tinha agredido o seu filho, ou podia recusar a ajuda desse benfeitor odioso e desperdiçar a hipótese de Jakob voltar para casa.

– O que é que o senhor faria? – Grímheidur endereçou a sua pergunta a Matthew. Ela era da velha escola: as palavras de Matthew tinham mais peso do que as de Thóra, dado que ele, por ser homem, tinha mais probabilidades de chegar a uma conclusão racional. Thóra não deixou que isso a perturbasse e sorriu ironicamente para si mesma.

– Eu? – Matthew estivera a seguir a conversa com atenção, mas não estava à espera de ser diretamente interpelado. Pousou o donut que se preparava para saborear, depois de Grímheidur ter posto um prato cheio deles na mesa à sua frente, bem como café preparado à moda antiga. – Bem, eu acho que deixava a investigação seguir em frente. Encararia os pagamentos do Jósteinn como uma compensação pelo ataque. O mal já foi feito e, embora seja contra os seus princípios aceitar seja o que for desse homem, a opção mais inteligente é pôr os nossos sentimentos de lado e ter uma visão mais abrangente.

– Por outras palavras, não interessa de onde vem a ajuda. – Grímheidur parecia ter ficado satisfeita com a resposta de Matthew e encheu-lhe a chávena. – Mas o que vão pensar as pessoas?

– Isso tem alguma importância? – Matthew estava a ser sincero; pouco lhe importavam as opiniões dos outros. – Este caso diz respeito ao Jakob, não a uns quantos estranhos da cidade.

Grímheidur pousou cuidadosamente a cafeteira numa bandeja, a qual, Thóra apostaria todo o seu dinheiro, devia ter sido feita por Jakob. Os seus olhos pálidos encheram-se subitamente de lágrimas, que enxugou com as mãos.

– Desculpem, não sei o que se passa comigo.

– Não precisa de se desculpar de nada. Tenho um filho, e uma filha, também, e percebo como a senhora se sente. Aquilo por que o Jakob tem passado, tanto na noite de ontem como ao longo dos anos, é muito mais do que a maioria das mães tem de suportar. A senhora é digna de apreço pela sua perseverança.

– Obrigada – murmurou Grímheidur, numa voz tão baixa que mal se ouviu. – Têm de deixá-lo voltar para casa. Estou tão preocupada com ele… E se tiver de voltar para Sogn? O que poderá o Jósteinn fazer-lhe? Atacá-lo outra vez, para que ele volte para aqui? O hospital está a sofrer cortes e não vão poder continuar com ele internado.

– Aconselho-a a falar com o Serviço Prisional da Islândia e até a pedir apoio ao hospital. Sogn está classificado como um hospital, não como uma prisão. Por isso, as duas instituições podem agir de modo coordenado para colocar o Jakob noutro lugar, com autorização do tribunal, que terá de ser contactado, dado que o Jakob foi declarado inimputável. Deve ser possível encontrar uma solução transitória para a sua situação. Infelizmente, o Ari também terá de ser ouvido, enquanto supervisor do Jakob, mas posso falar com ele, caso a senhora prefira. – Thóra receava que nenhuma das opções das autoridades fosse ao encontro dos desejos de Jakob e da sua mãe; mas, pelo menos, ele ficaria em segurança.

– Nunca tive jeito para falar com entidades governamentais, e especialmente com esse advogado. – Grímheidur lançou um olhar rápido a Thóra. – Nunca fui capaz de falar francamente do que penso com essa gente.

Thóra achou que ela se referia aos funcionários do Estado.

– Talvez eu possa ajudá-la. – Não podia ter a certeza, mas talvez Einvardur estivesse disposto a fazer uso dos seus contactos no Ministério da Justiça. O Serviço Prisional dependia do ministério e era o mínimo que ela poderia fazer por Grímheidur e pelo seu filho.

– Ficar-lhe-ia muito grata. – Mais duas lágrimas apareceram, mas Grímheidur enxugou-as imediatamente, suspirou e recompôs-se. – De resto, como estão a correr as investigações? Já encontrou algo que possa ajudar o Jakob?

Thóra contou-lhe os principais detalhes do que estava a investigar, sem, no

entanto, revelar tudo. Não havia forma de saber se o seu trabalho iria dar frutos, e não queria partilhar com Grímheidur informação com que ela pudesse ficar obcecada para o resto da vida, caso Thóra não conseguisse progredir mais.

– Tenho a esperança de apurar mais nos próximos dias e depois poderei avaliar se há razões suficientes para pedir uma reabertura do caso.

– Querem ver o quarto dele? – A pergunta surgiu do nada. Talvez a senhora quisesse conquistar ainda mais simpatia da parte de Thóra, para que a sua avaliação das provas fosse favorável a Jakob.

– Certamente. – Matthew levantou-se da cadeira da cozinha à velocidade da luz. O receio de se ver confinado numa pequena cozinha com uma mulher desconhecida e chorosa fora demais para ele.

Seguiram Grímheidur por um pequeno corredor até à porta do quarto de Jakob.

– Cá está. À espera que ele volte para casa. – Abriu a porta e acenou-lhes para que passassem à sua frente.

– Muito simpático – murmurou Thóra, só para dizer alguma coisa. Era difícil fazer muitos comentários sobre o quarto; era como as outras divisões do apartamento, cheio de coisas e demasiado pequeno para tudo o que lá estava. No entanto, não se via nem um grão de poeira. Havia até um rádio a tocar baixinho, como se Jakob tivesse acabado de sair. Thóra olhou em volta. – Dá para ver que tem mantido tudo muito arrumado e limpo. Quem me dera que a minha casa estivesse assim tão limpa.

– Hoje em dia não tenho muito com que me ocupar. O Jakob não tinha muito jeito para limpar o seu quarto, e eu estava acostumada a ajudá-lo. O que eu mais queria era que estivesse cá um rapazinho endiabrado que pusesse tudo em alvoroço, só para me lembrar de como é que as coisas costumavam ser, mas eu não ousaria desarrumar nada. – Olhou para algumas das coisas do filho arrumadas numa estante. – Podia partir algo, e o Jakob é tão cuidadoso com as suas coisas.

Matthew pegou delicadamente num par de binóculos que estava sobre a mesinha de cabeceira.

– São fantásticos. – Pôs os binóculos nos olhos.

– Foi um presente de Natal meu e do seu pai. Um ano antes de o meu marido ter morrido.

Matthew apressou-se a repor os binóculos no seu lugar. Não mexeu em mais nada e começou a observar os pósteres pendurados na parede por cima da cama, que estava impecavelmente feita. Eram muitos; por exemplo, o para-choques de um carro de Fórmula Um espetado sobre um póster da equipa de futebol do Manchester United.

– O que é isto? – Matthew apontou para uma imagem de cores esbatidas onde se via uma figura num fundo branco. Na legenda lia-se: *Até os anjos têm os seus dias maus.* – Não é um anjo? – Olhou para Thóra e depois para Grímheidur.

– Tem piada que me pergunte a respeito desse póster. – Grímheidur sorriu. – É um dos favoritos do Jakob, desde há quase dez anos. Deram-lho quando esteve no acampamento de verão organizado pela Igreja do Estado. Era um projeto experimental, mas não sei se o levaram por diante, porque no ano seguinte o Jakob já não tinha idade para participar. Talvez tenha acabado.

Thóra aproximou-se e ficou junto de Matthew a olhar para o póster. Talvez a imagem pudesse explicar o facto de Jakob ter mencionado um anjo quando, sem grande sucesso, tentava descrever o incêndio. A mente, às vezes, procura o que lhe é familiar quando está sob grande pressão. Como a legenda indicava, a existência do anjo já fora mais feliz; a aura dourada tombara-lhe da cabeça e a pequena harpa nas suas mãos tinha uma corda partida. Perdera uma sandália e uma pluma das suas pequenas asas estava caída no chão. Thóra apercebeu-se de que o seu interesse no póster surpreendera Grímheidur e perguntou-lhe a primeira coisa que lhe passou pela cabeça.

– Porque diz que talvez o acampamento não se tenha repetido?

– Oh, foi desastroso. Embora o Jakob tenha adorado e os organizadores tenham feito o possível para tornar a experiência digna de ser recordada, alguns dos participantes tinham demasiados problemas para se adaptarem às circunstâncias.

– Ah, sim? – Thóra afastou-se da parede.

– Sim, aconteceu uma série de coisas e duvido que o pessoal quisesse repetir a iniciativa. – Grímheidur abanou a cabeça, com um ar triste. – Ninguém tinha pensado devidamente em como os participantes se iriam adaptar… tal como naquele maldito centro. – Deu dois passos em direção à mesa de Jakob, pegou num agrafador azul e soprou para lhe tirar uma poeira invisível. – Uma rapariga quase se afogou quando caiu ao rio, perto de uma zona do campo para onde ia sempre, outra comeu cogumelos venenosos, e ainda houve outro que tentou pegar fogo ao seu saco-cama. Foi por pouco que as coisas não correram muito pior… – Grímheidur voltou a pousar o agrafador sobre a mesa, exatamente na mesma posição. – Aquele rapaz não gostou nada de estar naquele acampamento de verão, e não entendo como podem ter pensado que ele fosse gostar. Tinha um elevado grau de autismo e não tolerava novas situações. Pobre coitado. – Baixando a voz, acrescentou: – Morreu no incêndio do centro. O Tryggvi.

– Tryggvi? Einvardsson? – Thóra teve o cuidado de não se mostrar demasiado interessada, mas aquela informação podia ser importante, embora queimar o seu próprio saco-cama não fosse a mesma coisa do que usar gasolina para atear um incêndio num edifício.

– Sim, esse mesmo. – Subitamente, o rosto de Grímheidur iluminou-se. – Acha que foi ele quem ateou o incêndio? – Depois abanou a cabeça com violência. – É impossível; era tão incapaz disso como Jakob. Nunca saía por sua vontade do seu apartamento. Nunca andaria pela residência por sua própria iniciativa.

– Não, não. Claro que não. – Thóra agiu como se estivesse a pôr a ideia de parte. Era óbvio que nem toda a gente sabia dos progressos que Tryggvi fizera com o seu terapeuta. – Disse-me que era um acampamento de verão organizado pela Igreja? – Não faria nenhum mal obter mais alguma informação sobre o incidente com o saco-cama.

Do pequeno rádio pousado na mesa veio a voz irritada do locutor a queixar-se de que a pessoa que viria substituí-lo não tinha aparecido.

Capítulo 23

Domingo, 17 de janeiro de 2010

LENA ESTAVA DEITADA NUM SOFÁ MACIO E AGRADÁVEL, mas não conseguia encontrar uma boa posição, devido ao peso do livro que segurava. Pousou-o sobre a mesa de vidro; de qualquer maneira, não estava a ler, e não havia razão para não estar confortável. Tinha estado com dificuldade em concentrar-se e o simples facto de a sua mãe ter entrado na sala a meio de uma conversa telefónica, indiferente à filha, tinha-a feito perder o fio à meada. Em vez de olhar para as páginas do livro, Lena ficou a observar a mãe. Fanndís atravessou a sala fazendo grandes gestos com as mãos. A pessoa com quem ela estava a falar devia, provavelmente, estar a fazer os mesmos gestos, porque as amigas da sua mãe agiam todas da mesma maneira. Quando Lena passava em revista a vizinhança, tinha dificuldade em distingui-las umas das outras. Era sobretudo a sua mãe que se destacava, sendo quase sempre o centro das atenções, mas de um modo muito diferente do que se passava com Lena e os seus amigos. A sua mãe era sempre a mais infeliz; era a que mais se podia queixar, o alvo da piedade das outras e das suas palavras vazias de encorajamento. «*Minha querida Fanndís, não sei como consegue… Não pode fazer uma pausa e tentar esquecer tudo isto*

durante uns tempos? Deus sabe como o merece.» Lena gostaria de poder voltar ao passado só para ver como é que as coisas eram antes de Tryggvi ter nascido e de a mãe se ter tornado uma encarnação de sacrifícios pelo filho. Talvez ela fosse então mais como Lena e as suas amigas, que riam e a falavam juntas sem problemas.

Depois da morte de Tryggvi, Lena não esperara grandes mudanças, e o tempo dera-lhe razão. Fanndís já não representava o papel de mãe dedicada e resoluta que abdicava de tudo pelo filho deficiente; agora sorria corajosamente por entre as lágrimas, incapaz de aceitar a sua perda. Em ambos os papéis, a mãe dizia uma coisa quando queria dizer o contrário. Antes fora assim: *Não é tremendamente difícil para si, minha pobre Fanndís? Não, não. Temos de resistir, mesmo quando tudo parece perdido.* Agora era: *Mas, afinal, de que é que me queixo? No Terceiro Mundo há gente que perdeu os filhos e nem sequer consegue alimentar os que ainda estão vivos.*

Lena, de repente, foi invadida pela irritação. Como se a mãe tivesse o direito exclusivo de sofrer por causa de Tryggvi. Ao fim e ao cabo, Lena e o pai tinham-no amado tanto como ela, ainda que não estivessem constantemente a chamar a atenção para si próprios depois da sua morte. Lena nunca falara do assunto com os seus amigos; a dor, tal como todos os outros sentimentos que se agitavam no seu íntimo, era uma coisa privada. As outras pessoas não poderiam entender. Duvidava que o pai entendesse, embora tivesse passado bastante mal com tudo o que ocorrera e não fosse capaz de o esconder nem de Lena nem de quem o conhecia bem. Era como se tivesse fechado uma parte de si mesmo, nunca estava realmente feliz, ainda que tentasse fingir, por causa da mulher e da filha. Embora lá em casa já tivessem vivido muitos momentos difíceis, Lena não se lembrava de o ter visto tão triste como estava agora. Se fosse obrigada a dizer qual dos três fora mais afetado pela morte de Tryggvi, diria, sem hesitar, que fora o pai.

– Oh, obrigada, minha querida. Também vou pensar em si. – Fanndís desligou. Olhou por um momento pela janela da sala de estar antes de se virar para Lena, que estava no sofá. – Não tens aulas, hoje?

– É domingo. – Lena olhou para a mãe, estando há muito acostumada àquele

tipo de coisas.

– Mas o que se passa comigo? Claro! – A mãe ficou embaraçada. – Onde foi o teu pai?

Lena encolheu os ombros.

– Saiu. Não disse aonde ia.

– Ah, não? – A mãe parecia quase insultada. – Não foi trabalhar, certamente…?

– Não quis interromper-te quando estavas a falar ao telemóvel; não deve ter ido longe. Talvez esteja só a lavar o carro, agora que o tempo melhorou. – Se tivesse de escolher o passatempo favorito do seu pai, seria o de lavar o carro. Se calhar seria mais feliz se trabalhasse num serviço de Lavagem de Automóveis, em vez de ter tirado o curso de Direito e de trabalhar no ministério. – Já soubeste alguma coisa dos advogados que vieram ver-te? Sobre o Jakob e o incêndio?

Um acesso de raiva atravessou o rosto de Fanndís, mas ela conseguiu controlar-se e voltar à sua máscara habitual: a da mulher nobre e elegante confrontada com grandes adversidades.

– Não. Nem estou à espera disso. É um disparate completo e não percebo por que estão a reabrir velhas feridas nos familiares das vítimas.

Lena esforçou-se por não desatar aos gritos com a mãe.

– Não é propriamente justo deixar que uma pessoa inocente apodreça na prisão só para proteger os sentimentos de algumas pessoas, pois não? – Como era possível que a sua mãe, que queria passar uma imagem de boa pessoa, não ficasse abalada com uma tal dúvida? Lena sentia-se bastante mal.

– Oh, querida, vá lá, já chega. – Fanndís dirigiu-se para a janela e correu a cortina. – O teu pai não está no caminho da entrada. Mas o carro está lá, portanto não deve ter ido longe.

– Se calhar foi dar uma volta, Mãe. Meu Deus, se estás tão preocupada, passa mais tempo com ele e menos ao telefone.

– Olha quem fala! – A máscara da mãe agora tinha caído e ela nem tentou disfarçar a sua irritação. – Onde foste na noite passada?

– Fui sair com os meus amigos. – Lena olhou para ela com curiosidade. – Já

te tinha dito.

Fanndís agarrou o lóbulo da orelha e esfregou-o energicamente.

– Sim, é verdade. – Deixou-se cair na cadeira diante de Lena. – Realmente, não estou em mim. O teu pai anda a portar-se de um modo um bocadinho estranho, ultimamente, e não sei se é por causa do trabalho ou da reabertura do processo. – Fingiu que se interessava pelo livro que estava entre elas. – Ontem à noite foi trabalhar depois de saíres. Há anos que não trabalha de noite, muito menos aos fins de semana.

– Nesta altura anda superocupado. Sabes muito bem.

– Sim, sim. Mas, mesmo assim, estou preocupada. Chegou a uma idade em que o seu coração pode falhar e ele devia habituar-se a fazer as coisas mais devagar, mesmo que esteja tudo num alvoroço.

– Se ele tivesse um escritório cá em casa, não precisava de sair para trabalhar aos fins de semana ou de noite. – Lena falou com cautela, sabendo que se tratava de um assunto difícil. Embora a casa fosse grande, só havia uma divisão vaga: o antigo quarto de Tryggvi. Tinham mantido o quarto tal como estava, como se ainda estivessem à espera que Tryggvi viesse passar o fim de semana a casa, como tinham pensado que aconteceria, quando ele fora viver para o centro. Depois da sua morte, a porta do quarto permanecera fechada, e nem Lena nem o pai tinham voltado a lá entrar. Lena não sabia quantas vezes a mãe lá entrara, mas por duas vezes vira a porta aberta e espreitara, encontrando a mãe a chorar na cama. De ambas as vezes afastara-se sem se fazer notada. Conhecia muito bem aquela tendência que a mãe tinha para dramatizar as mínimas coisas, por isso apressara-se a sugerir ao pai que esvaziassem o quarto de Tryggvi e o transformassem no escritório com que o pai sonhava há muito. Não tentara disfarçar o motivo da sua sugestão e tinham ambos tentado, pouco a pouco, deitar mãos à obra, enquanto a mãe se ia habilmente esquivando a uma decisão definitiva.

– Sim, precisamos de falar disso. – Por outras palavras, debater interminavelmente o assunto.

– Porque não fazemos isso já? Nada vai mudar no futuro mais próximo. Eu

sei que o pai ficaria muito contente.

– Sim. Vou falar com ele hoje à noite. – Outra tática de adiamento.

Lena sentou-se.

– E que tal se fôssemos dar uma vista de olhos, agora mesmo, ao quarto? E ver o que queres fazer com as coisas dele? Não estou a dizer que vamos começar a metê-las em caixas hoje à noite.

A mãe abriu a boca e depois fechou-a. Os seus dedos esguios deixaram de esfregar a orelha.

– Bem, não me sinto preparada para fazer isso já, Lena. Tens de compreender que ainda não recuperei.

– Talvez tenhas de lidar com a situação de outra forma. Acho que resolver a questão do quarto do Tryggvi ia, na verdade, fazer-te bem. Há tanta gente que está agora a passar por maus momentos e que podia dar bom uso a muitas das coisas que lá estão. – Lena preparou-se para se levantar. – Vamos, o pai vai ficar tão contente… e se realmente estás preocupada com a saúde dele, certamente hás de perceber que isto o vai ajudar. – Levantou-se com um meneio. – Anda lá. Vai demorar um quarto de hora, no máximo.

– Não vamos começar a empacotar nada, vamos só dar uma espreitadela? – Lena anuiu e a sua mãe suspirou profundamente. – Mas não posso fazer isso agora. Ainda tenho de ir às compras, e isso é só a ponta do iceberg. – Seria difícil enfiar nem que fosse um pacote de leite com chocolate para criança no frigorífico, que estava atulhado, mas Lena deixou passar o comentário; já era uma grande vitória conseguir que a mãe considerasse, sequer, a ideia.

O ar no quarto estava pesado, muito mais quente do que no resto da casa, e o cheiro era diferente. Era como se tivessem entrado na casa de alguém onde o aquecimento estivesse regulado para níveis tropicais.

– Achas que abra a janela? – Lena nem esperou por uma resposta. No entanto, o ar fresco pareceu não surtir qualquer efeito. – Bem, por onde começamos?

A mãe ainda estava de pé à entrada do quarto.

– Nunca vamos conseguir terminar isto em tão pouco tempo. Não devíamos

começar depois de eu ir às compras e preparar a comida?

– Não, Mãe. Vamos começar agora. – Lena abriu o roupeiro. No interior estavam inúmeros cabides, um fato e um monte de velhas camisolas de lã e t-shirts que Tryggvi não levara consigo para o centro. – Isto, por exemplo, podia ir para a Cruz Vermelha. O fato está quase novo e de certeza que daria jeito a alguém.

– Está novinho em folha. Era para ele o vestir no dia de Natal. – A voz da mãe não acusava a menor emoção. – Não tenho a certeza de querer dá-lo. Nem às camisolas. A tua falecida avó tricotou uma delas.

Lena fechou devagar a porta do armário, embora lhe apetecesse batê-la com toda a força.

– Okay. E os livros? – As estantes, no lado oposto, estavam repletas de livros ilustrados sobre animais, carros e astronomia. – Duvido que algum de nós os venha a ler.

– Ensinaram-me que nunca se deve deitar livros fora. Não te lembras como ele ficava a olhar para eles durante horas seguidas? É horrível pensar em desembaraçar-me deles.

– Sim, Mãe, claro que me lembro. – Seria bem mais difícil do que Lena supusera. – Não precisamos de deitá-los fora nem de dá-los; podemos pô-los em caixas e guardá-los noutro lugar.

– Vem a dar no mesmo, ao fim e ao cabo.

Lena não ia desistir assim tão facilmente.

– Podemos guardar os que estão nas estantes, pelo menos. Ninguém lhes toca há sei lá quanto tempo. – Lena abriu a gaveta mais pequena da pesada secretária, puxando-a com tanta força que quase a fez sair das calhas. Encontrava-se ali uma quantidade de coisas: lápis e outros artigos de papelaria, um maço de cartas com que Tryggvi fazia castelos e dados com os quais gostava de jogar. No fundo da gaveta estava um isqueiro vermelho-vivo, no qual Lena não teria reparado se tivesse aberto a gaveta normalmente. Optou por não dizer nada e fechou a gaveta, sem se referir ao que encontrara lá dentro. – Talvez possamos dar a maior parte destas coisas.

– Depende do que aí estiver, evidentemente. – Fanndís estava encostada à ombreira da porta, e era óbvio que não tinha a intenção de entrar no quarto. – Mesmo que as coisas não estejam sempre a ser usadas, isso não quer dizer necessariamente que tenham de ser recicladas.

– Mas quem é que falou em reciclar? – Lena abriu a gaveta seguinte. Era maior e mais pesada do que a anterior, e a rapariga teve de empregar alguma força. – Embora isso não se deva excluir. – A gaveta estava cheia de pedras e seixos, mas não do género de pedras que uma pessoa gostaria de guardar. Lembrava-se de uma visita ao museu de mineralogia, onde havia pedras lindas, que chamavam a atenção, pedras de todas as cores possíveis e imaginárias, muitas delas brilhantes. Estas eram todas cinzentas, de formas irregulares e desinteressantes; não passavam de calhaus. – Onde é que ele arranjou todas estas pedras?

– Lá fora. Eu deixava que ele as guardasse aí.

– Costumava apanhá-las do chão? Nunca o vi a fazer isso. – Lena dera inúmeros passeios pela vizinhança com o irmão, e ele nunca manifestara o menor interesse por pedras… – na medida em que mostrava interesse pelo que quer que fosse.

– Era uma coisa nova para ele. Começou a fazê-lo pouco antes de ir para o centro. Tu tinhas entrado para a faculdade e já não tinhas tempo para passear com ele. – As palavras da mãe não eram de acusação; a família percebera perfeitamente como a situação de Lena mudara logo no começo das aulas. Lena agarrou numa das pedras, fazendo-a rolar na palma da mão. – Mesmo assim, não devíamos desfazer-nos delas? Não passam de pedras; não podem ter valor sentimental.

– Para mim, têm.

Estavam a dar um grande passo em frente e Lena sentia-se tão contente que teve de se virar de costas, para que a mãe não visse como se sentia triunfante. Ficou com esperança de que a vida lá em casa voltasse a ser normal, com o correr do tempo – ou, pelo menos, tão normal quanto possível. Deixou a pedra cair na gaveta, onde aterrou sobre a pilha e depois rolou até bater no fundo com

um ruído seco. Foi difícil voltar a fechar a gaveta, mas depois de o ter feito, Lena abriu a gaveta seguinte, pronta para encontrar mais pedras. Em vez disso, a gaveta estava repleta de papéis soltos. As folhas no cimo estavam em branco e Lena agarrou umas quantas para ver se eram todas semelhantes.

– Que estão as duas a fazer? – A voz do pai vinha do corredor, e soava estranha.

– Nada de especial. – A mãe entrara finalmente no quarto. – A Lena sugeriu que déssemos uma vista de olhos nas coisas do Tryggvi, para ver se podemos preparar o escritório de que tens falado.

– A sério? – O pai entrou e olhou à sua roda. Tanto quanto Lena sabia, era a primeira vez que ali entrava desde a morte de Tryggvi. – Ufff, o ar aqui está mau. – Aproximou-se da mulher e pôs-lhe uma mão sobre o ombro. – Obrigado, a ambas.

– Onde é que foste? – perguntou a mãe de Lena, acrescentando uma pequena mentira piedosa: – A Lena e eu estávamos preocupadas contigo.

– Estive lá fora, no jardim. A neve derreteu e queria apanhar o lixo do Ano Novo. – Virou-se para Lena: – Como é que vão as coisas?

Ela não respondeu de imediato, visto que estava absorvida a observar os desenhos nas costas das folhas de papel. Eram todos semelhantes e mostravam uma figura que podia estar de pé ou deitada, dependendo do modo como se posicionava a folha. Era bastante grotesca, sem olhos nem nariz, exibindo apenas uma grande boca, que Lena interpretava como um sinal de desespero. Tryggvi tinha acrescentado algo a esta figura que ela não vira nos seus outros desenhos: uma espécie de folha de papel escura, que saía da cavidade bucal aberta e negra. Lena desconfiava do que poderia significar a imagem, mas quando o pai lhe perguntou o que encontrara naquelas folhas de papel, limitou-se a entregar-lhe um dos desenhos em silêncio.

– Onde é que encontraste isto? – O pai arrancou-lhe o desenho da mão abruptamente. Examinou-o por instantes, com uma expressão severa, depois pegou no resto dos desenhos que Lena segurava.

– Na gaveta. – A rapariga apontou a pilha de papéis. O pai começou

imediatamente a reunir as folhas. – Não gosto nada disto. – Quando já não lhe cabiam nas mãos, pousou os papéis sobre a secretária. – Eu vou tratar deste quarto. Há aqui imensas coisas que as pessoas não têm de ver.

Fanndís e Lena observavam-no, surpreendidas. A mãe, que não vira os desenhos, esfregou a orelha febrilmente.

Quando o pai começou a rasgar os desenhos à sua frente, Lena sentiu-se terrivelmente infeliz. Começava a perceber que a vida de família calma e normal que sempre desejara não passava de um sonho louco que nunca se realizaria. Poderia aquela violenta reação estar relacionada com a investigação da advogada? O pai devia saber da existência daqueles desenhos, mas isso não o perturbara até agora, que o incêndio recomeçara a ser investigado. Lena tinha algures o número de telefone do amigo alemão da advogada; talvez ele lhe pudesse dizer como é que a investigação se desenrolava. Obviamente, os seus pais não lhe diriam nada. Um pedaço de papel branco caiu da secretária e voou até ao chão.

Capítulo 24

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2010

– PRECISO DE UM AUMENTO DE SALÁRIO. – O tom de voz de Bella dava a entender que isto era mais uma ordem do que um pedido, e Thóra teve vontade de rir às gargalhadas. Se não estivesse atrasada para uma reunião com Glódís no Departamento Regional dos Deficientes, teria gostado de continuar a falar com a sua secretária.

– Há uma recessão, Bella, e os aumentos de salário não estão na agenda, nem neste escritório nem em parte alguma da Islândia. Se calhar refere-se a um *corte* de salário. Nesse caso, podemos falar.

– O preço dos cigarros aumentou, a gasolina também, tudo aumentou, portanto os salários deviam aumentar. – A sua ordem de prioridade era bem clara.

– Tenho muita pena, Bella, realmente tenho. – Embora as duas mulheres não morressem de amores uma pela outra, o que Bella dizia era compreensível, dados os recentes aumentos dos preços, e quando se acrescentava à equação a subida dos impostos, dava para perceber que o seu salário se tornara insuficiente. – Também fomos atingidos pela inflação, portanto não há possibilidade de

melhorar os termos dos contratos de ninguém. Nem os seus *nem* os nossos.

– Então pague-me em dinheiro.

Thóra não tinha a menor dúvida de que Bella falava a sério.

– Não posso. Sabe disso.

– Porque não? Se me pagasse em dinheiro, eu podia pedir um subsídio de desemprego e continuar a trabalhar, o que seria como um aumento de salário, mas a senhora não teria de o pagar.

– Isso é ilegal, Bella, e o Estado precisa do dinheiro para pagar aos que realmente não têm emprego. Por uma vez, pense antes de falar.

– Ninguém sabe para onde raio vai o dinheiro do Estado, por isso não percebo por que não hei de ficar com algum. Compete às pessoas deste país tomar uma posição. – Bella explodiu numa indignação despropositada. – Portanto, vou sair mais cedo. Vou protestar, e juro que se vão arrepender de me terem irritado. Políticos imbecis.

Thóra franziu as sobrancelhas. Tinha a certeza de que Bella ia cumprir a sua ameaça, e esperava que a polícia de choque chegasse para ela. Tanto quanto sabia, não havia nenhuma manifestação programada, mas a sua secretária sozinha já seria um desafio para as autoridades. Sobretudo agora, que já só havia café instantâneo no escritório.

– Não vá com a camisola que tem o nome da empresa estampado. – Seria uma grande fotografia na primeira página do *Morgunbladid:* Bella com um esgar de raiva e o logótipo da empresa ao peito.

– Vou, se não tiver um aumento de salário.

Thóra mentalmente esbofeteou-se por ter mencionado a camisola. Agora, Bella ia mesmo envergá-la.

– Falarei disso com o Bragi na próxima semana. Esta semana não é boa para nenhum de nós. Não posso prometer-lhe nada, mas é possível que possa ser compensada de outro modo. Talvez com um curso gratuito para deixar de fumar, ou algo que funcione como o equivalente a um aumento de salário. – Thóra apressou-se a sair e a fechar a porta, para o caso de Bella atirar alguma coisa na sua direção.

O tempo ainda estava agradável, embora não prometesse ficar assim todo o dia. Estava um bocadinho mais fresco do que quando Thóra chegara, nessa manhã, e as nuvens negras sobre a baía de Faxaflói pareciam ter-se aproximado da margem. A rua Skólavördurtígur ainda estava meio adormecida, embora as lojas já estivessem abertas e, surpreendentemente, havia lugar para estacionar. Ao fundo da rua, Leifur Eríksson continuava a sua observação desapaixonada da vida humana do alto do seu plinto, e atrás dele erguia-se o pináculo da Catedral Hallgrímskirkja. De manhã, Thóra deixara o carro num parque de estacionamento a curta distância do escritório, pois não era certo que tivesse mais sorte nas suas tentativas de contactar alguém. Se soubesse que teria de voltar a sair tão cedo, teria estacionado na rua, onde os vigilantes monitoravam os lugares pagos de modo demasiado diligente para se poder estacionar ali por muito tempo. Thóra desfrutou da curta caminhada e foi revendo mentalmente tudo o que queria debater com Glódís. Podia ter-se limitado a falar com ela por telemóvel, mas Glódís não quisera, dizendo que estava ocupada e sugerindo que se encontrassem mais tarde. Dado que era raro Glódís atender as chamadas telefónicas, Thóra concordou em encontrar-se com ela. A antiga diretora do centro não se referira aos e-mails a que não se dignara responder, e Thóra desconfiava que ela só atendera a chamada por acaso, sem verificar quem era. De qualquer modo, Thóra já tinha respostas para as suas perguntas graças a Linda, a terapeuta do desenvolvimento: obtivera o nome do terapeuta de Tryggvi e o nome da residente que tinha sobrevivido, Ragna Solvadóttir. Só não apurara o local onde Ragna estava agora, pelo que teria de arrancar essa informação a Glódís.

Ao começo da manhã Thóra telefonara para Sogn e falara com o diretor acerca do ataque de Jósteinn a Jakob. Segundo lhe dissera o diretor, o assunto estava a ser discutido internamente e ainda não tinham chegado a nenhuma conclusão sobre as medidas que deviam ser tomadas. Thóra sabia que apesar de o ataque ter sido grave, Jósteinn era um homem doente; ao fim e ao cabo, não era por acaso que estava em Sogn. Tendo o tribunal considerado que não podia ser responsabilizado criminalmente, o pessoal tinha poucas opções para o

corrigir; provavelmente, aumentariam a dosagem da sua medicação e colocá-lo-iam sob uma vigilância mais apertada, retirando-lhe temporariamente alguns dos seus privilégios. O diretor admitiu que esses «privilégios» eram quase insignificantes e consistiam sobretudo na autorização para ter um rádio no seu quarto. Por outras palavras, não havia nenhuma espada suspensa sobre a cabeça de Jósteinn e, dada a sua moral distorcida, não havia muitas hipóteses de que viesse a arrepender-se, ou sequer a compreender as consequências dos seus atos.

Quando Thóra lhe revelou a sua teoria sobre as razões subjacentes ao ataque, o diretor não se mostrou surpreendido. Pelo contrário, a hipótese parecia-lhe bastante plausível. O incidente deixara o seu pessoal confuso, uma vez que Jósteinn e Jakob pareciam ser amigos, e ninguém notara que tivessem deixado de o ser. Nem o próprio Jósteinn falara das suas razões, dizendo não se lembrar de nada, o que era nitidamente mentira. O diretor perguntara a Thóra se a ideia de reabrir o processo seria agora posta de parte, e ela respondera que era precisamente por isso que ligara, para determinar se Jósteinn queria que ela prosseguisse a investigação. Também lhe dissera que a mãe de Jakob ainda tinha de dar uma resposta final, pois a ela cabia decidir se aceitava o apoio financeiro de Jósteinn – embora Thóra tomasse a ausência de resposta de Grímheidur como um «sim». O diretor ofereceu-se para fazer a pergunta a Jósteinn, dado que não podia autorizar Thóra a falar com ele ao telefone; de momento, Jósteinn estava num regime de semi-isolamento. O diretor apressou-se a explicar a Thóra que esse isolamento não se processava como nas prisões: a vida quotidiana de Jósteinn permanecia inalterada, exceto no que tocava a interagir com os outros residentes e a receber visitas. Thóra aceitou e agradeceu, e meia hora mais tarde o diretor telefonou-lhe a dizer que Jósteinn queria absolutamente que a investigação prosseguisse. Na verdade, parecera inquieto, pela primeira vez desde o ataque, ao pensar que a investigação corria o risco de ser abandonada.

Em seguida, Thóra telefonara a Grímheidur e falara com ela mais tempo do que o necessário. Não porque Thóra assim tivesse decidido, mas porque a velhota parecia ansiosa por contar todos os motivos que a tinham levado a tomar a sua decisão, admitindo que tinha tendência para ficar confusa com os seus

próprios pensamentos, que pareciam mover-se em círculos infinitos, em vez de se alinharem numa sequência clara. Mas quando falava era tudo diferente; falar exigia que os pensamentos fossem orientados numa determinada direção, o que a ajudava a organizar as ideias. Thóra deixou-a discorrer à vontade, porque era óbvio que Grímheidur precisava de esclarecer as coisas. Já há muito perdera a conta dos «sins» e dos «nãos» que fora dizendo durante a conversa, quando a mãe de Jakob, por fim, chegou à conclusão: seria melhor para Jakob que a investigação continuasse, embora aceitar a ajuda de Jósteinn fosse contra os seus princípios. Quando desligaram, Thóra sentiu que cada minuto da conversa valera a pena, pois tinham chegado a uma conclusão: a correta, no seu entender. As suas outras chamadas telefónicas não tiveram sucesso; Ari não atendia o telefone e as suas tentativas, um pouco ao acaso, de contactar os antigos funcionários da lista de Glódís revelaram-se infrutíferas. Ou os telemóveis estavam desligados ou as pessoas não atendiam.

A viagem até ao Departamento Regional decorreu sem problemas, exceto quando Thóra, irritada, quase fez o carro subir o passeio, ao tentar desligar o rádio. Tinham anunciado um noticiário e isso deixara-a furiosa; não podia aguentar mais agitação. Estava à beira de um ataque de nervos e não queria aparecer como uma louca diante de Glódís. Na verdade, porém, quem parecia estar prestes a ter um ataque de nervos era Glódís. Tinha um aspeto muito pior do que quando Thóra a vira pela última vez. As raízes negras do seu cabelo pintado em dois tons tinham crescido, e os olhos, papudos e cheios de olheiras, não a ajudavam nada.

– Vamos sentar-nos no meu gabinete. – Glódís nem esperou pela resposta, rodando sobre os calcanhares e começando a afastar-se da receção. A secretária, que anunciara a chegada de Thóra, ergueu uma sobrancelha e dardejou um olhar eloquente à advogada, dando-lhe a conhecer a reputação de Glódís no escritório.

– Tenho imenso que fazer, portanto, vamos diretamente ao assunto. – Glódís sentou-se à secretária, adotando uma expressão algo parecida à de Cristo na cruz. O volume de trabalho que tinha em mãos parecia não ter diminuído, embora Thóra pensasse que ela agora teria uma posição inferior no Departamento

Regional. – Deve querer que eu responda às perguntas que me fez nos seus e-mails, a que ainda não tive tempo de responder, mas...

Thóra interrompeu-a.

– Já obtive as respostas. No entanto, preciso de saber onde é que a Ragna Solvadóttir está agora. Sei que ela é a rapariga com «síndrome de encarceramento» que vivia no centro mas escapou ao incêndio.

Glódís pegou num lápis que estava sobre a mesa e começou a bater com ele ritmadamente na palma da mão.

– Não deve saber muito acerca da síndrome, se pensa que vai conseguir alguma informação diretamente dela.

– Tenho conhecimento do seu estado e não estou a pensar falar com ela em privado; vou pedir o apoio de um terapeuta ou de alguém capaz de comunicar eficazmente com ela.

– Não me parece boa ideia incomodá-la, nem vejo nenhuma razão para que o faça. Como disse, vou responder a todas as suas perguntas, e serei muito mais capaz de o fazer do que a Ragna, dado que ela costuma limitar-se a olhar no vazio. Não me parece que ela possa acrescentar algo ao que já se sabe, portanto não precisa de incomodá-la.

Thóra não se lembrava de Glódís lhe dizer que iria responder a todas as suas perguntas; de facto, a sua atitude até agora fora precisamente a inversa.

– Insisto em encontrar-me com ela, embora, claro, me sinta muito grata pela sua disponibilidade para me conceder um pouco mais do seu precioso tempo. Mas, como se diz, «duas cabeças pensam melhor do que uma só», e as suas respostas têm, por vezes, sido um pouco inconsistentes.

– O que quer dizer com isso? – Glódís batia agora ainda mais freneticamente com o lápis na palma da mão. – Tenho sido completamente aberta consigo. *Demasiado* aberta, na verdade.

Thóra sorriu educadamente.

– Não me falou sobre a Ragna, nem me disse que o Tryggvi Einvardsson tinha feito um tratamento especial que parecia estar a ter resultados positivos. Pelo que me disse, fiquei com a ideia de que o Jakob era o único rapaz da

residência que podia circular livremente. Também não me contou que o vigilante Fridleifur e o seu amigo eram suspeitos de beber álcool nas horas de trabalho e até de roubar medicamentos. Talvez ainda haja outras coisas que se esqueceu de referir.

– Nada disso tem alguma relevância em relação ao incêndio.

– Sou eu quem decide o que é relevante para a minha investigação. – Se queria evitar que passassem o tempo a embirrar uma com a outra, Thóra precisava de mudar de tática. Falara deliberadamente de modo brusco, porque não ganharia nada em ficar ali a ouvir meias-verdades e mentiras descaradas. – Mas devo dizer que me sinto muito grata por tudo o que já me disse. Percebo perfeitamente que esteja preocupada com os que morreram, mas não é, pura e simplesmente, justo que os seus direitos se sobreponham aos do Jakob, que ainda está vivo. – Estava a tentar dar algum espaço a Glódís, para a encorajar a continuar a conversa. No entanto, para se fazer entender melhor, decidiu acrescentar: – Talvez o senhor Einvardsson, o pai do Tryggvi, me pudesse dar esta informação. Ele já por várias vezes foi perfeitamente claro ao dizer-me que me queria ajudar. – Não referiu que Einvardur também lhe dera a impressão de ter selecionado cuidadosamente a informação que partilhara.

– Não é preciso incomodá-lo com isto. – A arrogância de Glódís parecia ter-se atenuado. – Hei de descobrir onde a Ragna se encontra e depois informo-a, caso ela não tenha objeções em recebê-la.

– Fico-lhe muito grata.

– No entanto, duvido que sirva para alguma coisa – acrescentou Glódís, pousando o lápis e esfregando as mãos. Penso que também devo dizer que o Tryggvi evidenciava, de facto, alguns progressos, dignos de consideração, sem dúvida, mas temos de ter presente que era tudo muito relativo. O Tryggvi tinha um elevado grau de autismo e, por isso mesmo, apesar desses progressos importantes, continuava a ter deficiências muito graves.

– Mas, diga-me, acha que seria possível ele, de noite, ter andado a vaguear pelo centro?

– Duvido muito que o tenha feito. Os seus avanços tinham sobretudo a ver

com a maneira como se exprimia. De repente, começou a interagir um pouco com as pessoas que o rodeavam, embora não conversasse com elas; simplesmente, começou a compreender algo do que se lhe dizia e tentava responder.

– Falava?

– Não, ainda estava longe de conseguir fazê-lo, se é que isso viria alguma vez a acontecer. Exprimia-se de outro modo: por meio de desenhos, batendo palmas e através de gestos. Era tudo muito primitivo; ainda assim, foi um grande sucesso, se pensarmos que até então ele nunca dera o menor sinal de estar consciente das pessoas à sua volta. Bem, isto talvez seja um pouco exagerado; ele *tinha* consciência das pessoas, mas não fazia qualquer tentativa para comunicar com elas. Sentia-se muito pouco à vontade na presença dos outros, sobretudo se fossem estranhos ou demasiadas pessoas ao mesmo tempo.

– Então, segundo o seu parecer profissional, ele não poderia ter contribuído para o atear do incêndio?

– Não, de todo. – Glódís parecia muito segura, e ainda mais quando acrescentou: – Isso está fora de questão.

– E o que tem a dizer-me sobre o Fridleifur e o facto de ele beber no seu horário de trabalho? Também se trata de uma alegação injusta?

– Não nego que havia suspeitas em relação a esse turno. Mas essas suspeitas acabaram por se revelar infundadas; ambos fizeram um teste de álcool por três vezes, se bem me lembro, e o resultado foi sempre o mesmo: estavam completamente sóbrios. Por isso, nunca passou de uma suspeita, o que significa que não há razão nenhuma para falar do assunto consigo. Não me parece correto espalhar boatos sem fundamento.

– E em relação às drogas? Não podiam estar a fumar erva? Na farmácia não há testes para isso.

– Não tomavam drogas, a menos que a cafeína esteja incluída. Quando tive conhecimento desses boatos, comecei a estar lá quando terminavam o seu turno aos fins de semana, e nunca os encontrei drogados. De todas as vezes, estavam apenas cansados, por terem estado a pé a noite inteira. – O telefone sobre a

secretária tocou e Glódís pediu a Thóra licença para atender. Pegou no telefone e escutou a pessoa do outro lado da linha. Thóra pôde ouvir o eco abafado de uma voz de homem, e ele parecia estar irritado. Glódís ficou ligeiramente corada antes de o interromper:

– Estou aqui com outra pessoa. Posso falar-lhe daqui a pouco? – Depois desligou e virou-se para Thóra. – Onde é que estávamos?

Thóra continuou a falar ainda durante algum tempo, mas Glódís não tirava os olhos do telefone e ia respondendo distraidamente. Thóra resolveu dar a visita por terminada. Antes de sair, fez Glódís prometer-lhe que arranjaria um encontro entre ela e Ragna. Glódís levantou-se e acompanhou Thóra apenas até à saída do gabinete, despedindo-se e fechando a porta logo atrás dela. Enquanto caminhava pelo corredor, Thóra ouvia o murmúrio da voz de Glódís.

– Ela estava aqui no meu escritório, por isso era um pouco complicado falar consigo. – Glódís deu-se conta de que estava a falar demasiado alto, como lhe acontecia sempre que ficava ansiosa. Parecera-lhe que Thóra nunca mais saía dali e sabia que Einvardur estava à espera da sua chamada. Não tivera intenção de o irritar, mas não lhe podia dizer com quem estava . Por essa razão, Einvardur se calhar pensara que ela estava a armar-se em difícil; com efeito, parecia irritado quando atendeu logo ao primeiro toque.

– O que é que ela queria?

– Quer encontrar-se com a Ragna. E falou do vigilante noturno Fridleifur, como já lhe contei; ouviu falar de alegadas infrações no lar e queria uma explicação. Disse-lhe a verdade, que esses boatos eram infundados. – Glódís não ousou contar-lhe que tinham falado sobre o seu filho. Receava que Einvardur lhe pedisse para repetir palavra por palavra tudo o que tinham dito, para em seguida apontar defeitos a tudo o que ela dissera à advogada.

Einvardur ficou em silêncio.

– O Tryggvi teve alguma coisa a ver com essa Ragna? Na realidade, não me lembro dela.

– Não. E duvido que ele soubesse que ela também lá vivia.

– E quanto ao vigilante noturno? Ele conhecia-o?

– Não muito bem. O Fridleifur e o outro empregado do turno da noite iam aos apartamentos várias vezes durante a noite, para se assegurarem de que tudo estava bem… na verdade, não é assim; só iam aos apartamentos dos residentes que estavam ligados a máquinas. É possível que entrassem no apartamento de Tryggvi uma ou outra vez, se ouvissem algum ruído, mas seria caso raro. Também interagiam um pouco com os residentes de manhã, dado que os ajudavam a sair da cama e lhes preparavam um pequeno-almoço ligeiro.

– Estou a ver.

Glódís não gostou do tom de voz de Einvardur e sentiu-se apreensiva em relação ao que ele lhe perguntaria em seguida. Seria melhor que falassem o menos possível da sua conversa com Thóra.

– Quando me telefonou há pouco, referiu-se a uns certos documentos. De que estava a falar?

– Ah, sim. – Era óbvio, pelo seu tom de voz, que Einvardur não estava de todo interessado em mudar de assunto. – Sim, queria saber sem margem para dúvidas se os documentos do centro ainda se encontram em circulação ou se ficaram armazenados algures.

– Como? – Glódís não sabia aonde ele queria chegar. Os documentos estavam espalhados por todo o sistema administrativo e não só. Havia uma pilha deles no Departamento Regional; alguns estavam no Ministério da Segurança Social e havia várias cópias que tinham seguido para a polícia e para os tribunais aquando do julgamento, e daí tinham passado para as mãos dos advogados que tinham estado ligados ao caso. Havia ainda alguns no seu ministério.

– Há alguns documentos que digam respeito ao meu filho ainda em circulação? Espero que me diga a verdade, e gostaria de lhe recordar que foi graças à minha intervenção que a senhora ainda tem o seu trabalho.

Glódís gaguejou. Einvardur não tinha o hábito de se referir de forma tão direta ao que fizera por ela. Não podia negar que teria sido posta na rua se ele não tivesse intervindo a seguir ao incêndio. Naturalmente, estava-lhe grata por isso. Por outro lado, ele não podia esquecer que ela própria lhe tinha feito um

favor, por isso não fazia sentido falar-lhe daquele modo. Mas em vez de lhe recordar isso, Glódís preferiu engolir o seu orgulho e responder, simplesmente, à pergunta.

– Bem... eu… sabe... – Recompôs-se. – Sim, há documentos sobre todos os residentes e sobre as operações do lar, tanto aqui neste escritório como noutros lugares.

– Não me refiro a relatórios e afins: falo apenas de coisas do meu filho. Pertences seus. Ardeu tudo ou ficou alguma coisa dele que possa ter sido guardada noutro lugar?

– Ardeu tudo. – Glódís não tinha a certeza daquilo a que Einvardur se referia. – O que pertencia aos residentes só pode ter sido retirado do centro pelos seus familiares. Não tínhamos nada a ver com isso.

– Não estou a falar de roupas ou coisas do género. Só quero ter a certeza de que nós, a família do Tryggvi, podemos ficar com tudo o que lhe pertencia e que possa ainda estar na vossa posse. Coisas que são importantes para nós, mas que não têm significado para mais ninguém. Os seus desenhos, por exemplo.

Glódís sentiu-se aliviada. Einvardur não queria que ela começasse a eliminar documentos. Por instantes, pensara que ele suspeitava que o seu filho estivesse implicado no incêndio e se quisesse desfazer de elementos de prova, para os manter ocultos aos olhos da advogada que fazia a investigação.

– Não, não temos nada disso. De modo algum. Tudo o que estava no centro ardeu juntamente com o edifício. Tenho a certeza absoluta.

Einvardur pareceu ficar aliviado e o seu tom de voz tornou-se mais natural, e mesmo amistoso, como sempre fora. Agradeceu-lhe calorosamente e despediu-se, mas só depois de uma tentativa breve e formal de fazer alguma conversa de circunstância, como se não tivessem estado a falar de nada fora do normal. Depois de desligar, Glódís olhou, surpreendida, para o telefone, à medida que os pensamentos lhe corriam no espírito. Seria possível que Einvardur tivesse descoberto algo que relacionava o seu filho com o caso, ou estaria a fazer a mesma coisa que fizera quando ele e a sua mulher tinham interrompido o tratamento de Tryggvi sem aviso? Nessa altura, pedira que lhe dessem todos os

desenhos que o filho fizera, e fora muito determinado em relação a isso. Glódís só o levara realmente a sério quando ele lhe telefonara uma segunda vez, furioso, depois de a sua mulher lhe ter dito que os desenhos tinham sido pendurados em todas as paredes do apartamento de Tryggvi. E que ganhara ela com todo o trabalho que tivera, a não ser uma dor terrível nas costas, desde que Jakob a atacara por ela lhe ter arrancado um desses desenhos da mão? Talvez aquela Thóra andasse a pisar terrenos movediços. Mas não era esse pensamento que mais estava a perturbar Glódís. Com todo o seu nervosismo, induzira Einvardur em erro: esquecera-se do terapeuta de desenvolvimento de Tryggvi: Ægir. Quando fora dispensado das suas funções, Ægir tinha empacotado todas as suas coisas – incluindo uma grande pilha de papéis que usara durante as sessões de terapia com aquele jovem. Nem todos os desenhos de Tryggvi tinham sido destruídos pelo fogo.

Capítulo 25

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2010

O ESTADO DE SAÚDE DE RAGNA SÖLVADÓTTIR era, afinal, muito pior do que Thóra imaginara. A jovem estava deitada de costas, porém a enfermeira virara-lhe a cabeça, para que pudesse fitar diretamente a pessoa com quem estava a falar. Uma terapeuta sentara-se junto de Thóra. O corpo descarnado de Ragna estava coberto por uma manta leve, os ombros salientes como cabides e as clavículas quase lhe furando a pele. Thóra tinha a certeza de que devia ser precisa toda a cautela para prestar cuidados àquela rapariga, que dava a impressão de se poder quebrar a qualquer momento. Não era, no entanto, o corpo esquelético que lhe fazia mais impressão, mas sobretudo a sua completa imobilidade. A ausência de movimento era tão absoluta que Thóra sentia a necessidade de se manter também perfeitamente imóvel, como se com o menor movimento fosse esfregar na cara da rapariga a enorme diferença entre as suas vidas. Contudo, ao ver como a terapeuta se mexia na sua cadeira, Thóra percebeu que devia estar a ser desnecessariamente sensível. A terapeuta trabalhava para o Departamento Regional e fora convocada para lhe prestar ajuda, embora a velocidade com que tudo se passara, desde que Glódís telefonara a dar-lhe luz verde para se encontrar

com Ragna, a tivesse deixado algo confusa, quando teria preferido vir mais bem preparada. Julgara que seriam precisos vários dias para organizar este encontro, não umas poucas horas. Tinha uma vaga desconfiança de que talvez tivesse sido precisamente esse o objetivo – surpreendê-la para que a sua conversa com Ragna fosse tão confusa quanto possível. A menos que Glódís tivesse finalmente percebido que não valia a pena ser teimosa; a investigação de Thóra prosseguiria com ou sem a sua ajuda.

A terapeuta pousou as mãos sobre os cartões que tinha no colo. Tinha uma voz doce e enunciava as palavras com muita precisão. Não havia o risco de as suas palavras serem mal interpretadas.

– Então, para que fique claro, compreendes quem é esta senhora e estás preparada para responder às suas perguntas? – A terapeuta tinha um ar muito calmo, e a sua breve apresentação de Thóra e do objetivo da sua visita fora perfeitamente clara e razoável, pelo que Thóra tinha a impressão de poder contar com uma profissional competente. Não havia na sua voz sinal de piedade nem vestígios do tom infantil que Thóra detetava nas suas próprias perguntas. Teria de se controlar e de ser cuidadosa ao falar com esta jovem: embora o seu corpo tivesse desistido de quase tudo, ela tinha uma mente lúcida.

A rapariga piscou um olho. *Sim.*

– Muito bem. Não estamos com pressa, Ragna. Por isso, não te precipites. Tenho os cartões comigo e agora já os conheces bastante bem, não é verdade?

De novo, a rapariga pestanejou uma vez. *Sim.* Tinha os olhos de uma cor invulgar, de um azul tão escuro que Thóra, a princípio, os julgou castanhos. Parecia-lhe que exprimiam uma tristeza terrível, embora não soubesse ao certo por que sentia isso. Os olhos da rapariga não tinham lágrimas, nem ela parecia de algum modo irritada: Ragna limitava-se a fitar quem tinha à sua frente, com os olhos muito abertos. Antes de entrarem no quarto, a terapeuta dissera a Thóra que as raras pessoas que tinham sofrido aquele tipo de lesão começavam sempre por dizer uma mesma coisa por meio dos cartões: *Matem-me.* Depois de ter ficado sentada junto da cama da rapariga durante alguns minutos, Thóra não ficou surpreendida. A terapeuta acrescentara que esse desejo de morte, em geral,

desaparecia: os seres humanos tinham uma extraordinária capacidade de adaptação e aqueles doentes conseguiam retirar algum consolo da ideia de que a sua situação poderia ser ainda pior. Quando Thóra, surpreendida, perguntara como era isso possível, a terapeuta respondeu que havia uma versão ainda mais grave da doença, em que o cérebro não era capaz de estabelecer contacto com nenhum dos músculos voluntários, incluindo os que controlavam os movimentos dos olhos. Por forma a distinguir esse estado de um coma, tinham de fazer uma medição das ondas cerebrais: a única diferença entre ambos esses estados era a consciência. Thóra sentiu a boca seca, bem até à garganta, enquanto o seu espírito tentava automaticamente imaginar como seria viver assim.

– Bem, talvez seja melhor a Thóra começar a fazer as perguntas, e eu trato dos cartões. – A terapeuta sorriu à rapariga e depois olhou para Thóra – Pode começar.

Thóra, na verdade, ficara sem palavras. Estava perdida nos seus pensamentos e não se sentia preparada para começar a falar, mas rapidamente se recompôs.

– Não sei se conhecias bem o Jakob, que vivia no centro, mas eu trabalho para ele. Eu, tal como outras pessoas, acredito que não foi ele quem ateou o incêndio. – Os olhos da rapariga permaneceram imóveis. – Seria uma boa ajuda para mim poder fazer-te algumas perguntas sobre o tempo que lá passaste, porque és a única dos residentes que sobreviveu, além do Jakob; e ele não tem a capacidade de descrever ou compreender o que aconteceu. – Thóra falava deliberadamente sem rodeios; estava determinada a tratar Ragna do mesmo modo que trataria um indivíduo totalmente funcional. – Algumas das perguntas que te quero fazer são desagradáveis e pessoais, por isso compreendo e respeito que não queiras responder a algumas delas. És tu que decides. – Ragna ainda não dava sinal de querer ou não continuar: tinha, evidentemente, piscado os olhos de modo natural, mas tivera o cuidado de o fazer enquanto Thóra falava, para que as suas piscadelas não fossem interpretadas como respostas. Thóra inspirou profundamente enquanto passava os olhos pelas suas notas, rabiscadas no quarto de hora que tivera para se preparar. – Na verdade, preciso de saber uma coisa antes de começar, e é isto: conhecias todos os residentes pelo seu nome? – Se

Ragna não os conhecesse, seria difícil para Thóra formular as suas perguntas de modo a que ela percebesse a quem se referia em cada caso.

Uma piscadela. *Sim.* Um pouco de saliva escapou da boca da rapariga e uma pequena mancha húmida apareceu na sua almofada.

– Fico contente por sabê-lo. – Thóra sorriu-lhe. Olhou para as suas notas e depois outra vez para a rapariga. – Visto que conhecias o Jakob, achas que ele poderia ter alguma razão para atear o incêndio ou que seria capaz de o fazer?

Os olhos da jovem procuraram a terapeuta, que agarrou o ombro de Thóra.

– Procure fazer-lhe uma só pergunta de cada vez. Acabou de fazer duas: se ele teria um motivo para atear o incêndio e se conseguiria fazê-lo. É muito mais fácil se mantiver as coisas simples.

Thóra, embaraçada, anuiu.

– Vou ter mais cuidado. O que quero saber é se achas possível que o Jakob tenha ateado o fogo.

Ragna olhou outra vez para a terapeuta, que ergueu um dos cartões e começou a apontar os símbolos nele inscritos. Por fim, olhou para Thóra.

– Ela não sabe, ou não tem opinião formada sobre isso. – Enquanto falava, a terapeuta olhava para Ragna, que piscou o olho uma vez, em sinal de aprovação.

– Muito bem. – Thóra viu que não fazia sentido perguntar a Ragna se Jakob poderia ter uma razão para atear o incêndio. Provavelmente, ela não estava em posição de o saber. – Penso que nunca foste ao apartamento do Natan, mas lembras-te de alguma coisa que pudesse estar ligada a um pequeno tubo de mangueira? – Os olhos da rapariga moveram-se para trás e para a frente, e ela parecia ter ficado incomodada com a pergunta, mas Thóra não tinha competência para avaliar a sua reação. A terapeuta usou os cartões e, por fim, pediu a Thóra para fazer uma pergunta diferente, visto que as respostas da rapariga não eram suficientemente claras; estava a soletrar *tubo curto no meu quarto.* Isto não fazia sentido para Thóra, que também não sabia o que mais poderia perguntar que ajudasse a clarificar a questão. Para não perder tempo enfiando-se num beco sem saída, fez outra pergunta em que se sentia mais à vontade. A terapeuta tinha-a prevenido, antes de entrarem no quarto, de que não podiam ficar muito tempo

com Ragna, pois os pacientes naquele estado cansavam-se rapidamente com aquele tipo de comunicação. – Havia muita interação entre os residentes?

Mais uma vez, ambas comunicaram por meio dos cartões.

– A sua resposta a esta pergunta é sim e não, que eu interpreto como querendo dizer que variava, dependendo das pessoas. – Ragna piscou o olho uma vez, pelo que a interpretação da terapeuta estava provavelmente correta.

– Os outros residentes vinham regularmente visitar-te ao teu apartamento? – Uma piscadela, o que permitiu a Thóra continuar no mesmo sentido. Leu os nomes dos residentes um por um e foi recebendo uma piscadela ou duas como resposta. Em suma, dois deles faziam-lhe visitas com alguma frequência: a rapariga surda e cega, Sigrídur Herdís, e o epilético Natan. A resposta de Ragna em relação a Tryggvi era difícil de perceber e a terapeuta disse a Thóra que ela estava a dizer que não podia responder à pergunta com um simples sim ou não. Depois de uma breve troca de informações, a terapeuta pousou cuidadosamente os cartões no colo e informou Thóra de que Tryggvi só a fora visitar uma vez. Havia uma situação semelhante com Jakob, que a fora visitar duas vezes, o que estava de acordo com o que ele dissera: que não se sentia à vontade na presença de Ragna. Contudo, era a visita de Tryggvi que interessava a Thóra, porque tinha agora uma testemunha que confirmava que ele se movera por sua livre vontade no centro, mesmo que tal fosse raro. O seu envolvimento no incêndio começava a parecer-lhe mais provável do que pensara e essa possibilidade ia ganhando força, dada a maneira como os seus pais e Glódís tinham ocultado informações que lhe diziam respeito. Porque haviam de querer que os seus progressos fossem mantidos em segredo, mesmo que tivessem sido pouco significativos? Talvez as sessões de terapia tivessem não só melhorado as aptidões sociais de Tryggvi mas também intensificado aquele seu fascínio pelo fogo, algo que os pais não tinham referido de todo. Thóra contactara uma funcionária do acampamento de verão, que de boa vontade lhe contara o incidente com o saco-cama a que ele largara fogo. Segundo ela, Tryggvi apoderara-se de alguns fósforos e acendalhas que tinham sido usados para fazer uma pequena fogueira na noite anterior, coisa que o fascinara. Usara-os para pegar fogo ao seu saco-cama num dos beliches, sem

dúvida para reviver o prazer que sentira ao ver a fogueira na noite anterior. Felizmente, não o fizera propriamente às escondidas e tinham sido capazes de extinguir o fogo antes que provocasse graves danos. A funcionária contara ainda a Thóra que os pais de Tryggvi tinham ficado muito aborrecidos e que informaram os organizadores do acampamento da obsessão que o rapaz tinha pelo fogo, insistindo para que mantivessem sempre fechados à chave todos os materiais para fazer lume, de modo que Tryggvi não pudesse deitar-lhes a mão. Os pais não tinham referido isto quando o inscreveram no acampamento; já passara tanto tempo desde que algo parecido sucedera que simplesmente se tinham esquecido de referir o problema. Talvez não pensassem que haveria fogueiras no acampamento. O pai de Tryggvi decidira, então, ir imediatamente visitá-lo, e toda a gente pensara que o assunto estava encerrado, sobretudo porque fora apenas um dos muitos incidentes penosos ocorridos naquela semana difícil.

– O Tryggvi foi visitar-te pouco antes de saíres do centro para vires para o hospital?

Uma piscadela. *Sim.*

– Ele disse algo? – Tryggvi, segundo constava, nunca falara, mas ainda assim Thóra decidiu perguntar. Podia ser que tivesse feito mais progressos do que as pessoas queriam admitir; coisas semelhantes tinham sido mantidas em segredo.

Duas piscadelas. *Não.*

– Alguma vez se meteu na tua cama? – Thóra olhava Ragna fixamente, mas pelo canto do olho viu a terapeuta voltar bruscamente a cabeça na sua direção.

Duas piscadelas. *Não.*

– Alguém alguma vez se meteu na tua cama? – A terapeuta agarrou o braço de Thóra com firmeza, mas ela sacudiu a sua mão e concentrou-se na reação de Ragna. Durante algum tempo nada se passou; ficaram só a olhar uma para a outra. Até que a rapariga piscou o olho. Uma única e longa piscadela. *Sim.*

Thóra estava sentada no seu carro, no parque de estacionamento repleto do Hospital Nacional. O aquecedor lutava contra a geada que se formara no vidro e

Thóra pôs as mãos debaixo das coxas para as proteger do assento gelado. Mas não era o para-brisas gelado nem as coxas frias que a incomodavam; tinha a cabeça aceleradíssima e seria perigoso lançar-se no meio do trânsito sem antes tentar pôr um pouco de ordem nos seus pensamentos. O problema era extremamente grave e a conversa com Ragna terminara muito antes de conseguir obter respostas para todas as suas perguntas. Tornara-se evidente que havia um limite de tempo para além do qual Ragna não conseguia manter uma conversa. Embora pudessem ter continuado durante mais algum tempo depois de se ter sabido que alguém tinha estado na cama com ela, a conversa chegou à sua conclusão natural quando Ragna, simplesmente, não conseguiu continuar mais. Thóra não sabia se tal se devera a agitação interior ou a fadiga, mas era difícil perceber como se sentia uma pessoa que só era capaz de se exprimir por meio de uma letra de cada vez. Ragna fizera saber o que lhe ia no íntimo de forma muito simples: fechara os olhos e não voltara a abri-los até lhe perguntarem se queria dar por terminada a conversa. Então piscara o olho uma vez. *Sim.*

Thóra sobressaltou-se com o som brusco de alguém a bater no vidro. Junto à janela encontrava-se a terapeuta, insuficientemente agasalhada para estar ali fora e a tremer como varas verdes. Thóra ainda levou um momento a recuperar o fôlego e a tirar as mãos de baixo das coxas.

– Desculpe, não a queria assustar – disse a terapeuta, depois de Thóra ter aberto a janela e cruzado os braços para conservar o calor do corpo. – Não posso deixar de lhe perguntar o que aconteceu lá dentro. – Isto não surpreendeu, de todo, Thóra. Embora de início a terapeuta se tivesse totalmente oposto a que falassem de questões tão sensíveis, a terapeuta mudara de opinião logo a seguir e rapidamente ficara tão ansiosa como Thóra por saber o que se passara. Depois de deixar a rapariga entregue aos cuidados da enfermeira, a terapeuta estava obviamente à espera que Thóra lhe contasse tudo sobre a investigação, mas Thóra limitara-se a agradecer-lhe a sua ajuda e apressara-se a sair. – Devo esclarecer que os assuntos destas conversas não costumam interessar-me; pode dizer-se que adoto o papel de uma estenógrafa, mas ser-me-ia muito difícil proceder desse modo neste caso.

– Creio que normalmente não há necessidade de fazer o tipo de perguntas que acabei de fazer.

– Não. Pelo menos, nunca participei numa entrevista deste género. – A terapeuta sorriu, mas o seu sorriso rapidamente desapareceu, quando os seus dentes começaram a bater. – Já ouvi falar de algo semelhante que aconteceu no Hospital Nacional há algumas décadas, e também, recentemente, numa residência comunitária, mas o caso foi completamente abafado. Uma jovem engravidou, mas morreu antes de se conseguir apurar responsabilidades. Pelo menos foi o que ouvi.

– Penso que a segunda história que me está a contar está relacionada com o mesmo caso de que estivemos a falar com a Ragna. – Thóra viu-se num dilema: não queria realmente falar do assunto com a terapeuta, mas podia vir a precisar dos seus serviços num futuro próximo. Dava a impressão que a notícia da gravidez de Lísa se tinha propagado por todo o Departamento Regional, mas ficara por aí, uma vez que a terapeuta só ouvira boatos em segunda mão.

– Tenho o dever de confidencialidade em relação a tudo o que ouço nestas entrevistas. Não precisa de se preocupar, porque isto não vai passar daqui. – Fazia sentido. O mesmo se passava com os intérpretes requisitados por um tribunal. Se Thóra tivesse tido tempo de se preparar melhor, esse era um ponto que teria averiguado, mas agora teria de tentar perceber se a terapeuta lhe estava a dizer a verdade. – Estou a tentar descobrir quem foi o homem que violou uma das residentes do centro que ardeu. A rapariga estava grávida quando morreu no incêndio e desconfio que foram feitas tentativas para ocultar o que se passou.

– Mas o que queria ela dizer quando repetiu por várias vezes a palavra «oxigénio»?

– Não faço ideia, infelizmente. – Esse era um pormenor que deixara Thóra perplexa. Quando a rapariga soletrara a palavra pela primeira vez, tinham pensado que estava com dificuldades respiratórias, mas verificou-se que não era o caso. Não era claro como é que o oxigénio estava relacionado com a coisa terrível que lhe acontecera, mas na cabeça da rapariga as duas situações estavam intimamente, embora de forma inexplicável, ligadas. – A descrição do homem

diz-lhe alguma coisa? – A probabilidade de alguém reconhecer o violador a partir da descrição fornecida pela rapariga era ínfima: *cabelo escuro, olhos cinzento-azulados, magro, dentes regulares.* Porque não havia o sacana de ter uma verruga ou uma tatuagem no meio da testa?

– Não, mas também não conhecia ninguém de lá. Nunca pus os pés nesse lar. – A terapeuta saltitava de um pé para o outro. – E a polícia? Não devia comunicar com eles?

– Sim, absolutamente. Vou contactá-los assim que chegar ao meu escritório. Está demasiado frio para fazer a chamada daqui. – Embora a polícia tivesse respeitado o pedido dos pais de Lísa para não divulgar o seu caso, a violação assumira novos contornos, agora que eram conhecidas duas vítimas, e sobretudo estando uma delas viva.

– Claro, certamente. – A terapeuta endireitou-se, preparando-se para se afastar, embora estivesse obviamente em pulgas por fazer mais perguntas a Thóra. Devia ser tão difícil para ela formular perguntas como era para Thóra assimilar o que se tinha passado.

– Só mais uma pergunta, antes de me ir embora. – Thóra voltou a pôr as mãos debaixo das pernas, desta vez para aquecer um pouco os dedos antes de começar a conduzir. O vento soprava para dentro do carro e o aquecedor não conseguia competir com ele. – Acha que se pode ter enganado com algum dos cartões? Que ela poderia estar a tentar dizer outra coisa qualquer? Esses símbolos são muito parecidos uns com os outros… deve ser difícil lê-los com uma precisão absoluta.

– Não, isso é muito improvável. Fiz-lhe perguntas em relação a todos os símbolos, como viu, e ela concordou especificamente com aqueles que lhe indiquei. Claro que é mais difícil comunicar por meio dos cartões do que através da linguagem verbal; é impossível ter ícones para tudo o que existe e a comunicação torna-se incerta quando temos de soletrar cada palavra. Mas o que eu lhe transmiti a si foi o que ela me indicou. Faço este trabalho há tempo suficiente para lhe poder assegurar que é assim.

– Desculpe. Estava só com esperança de que pudesse haver alguma

explicação simples para as suas respostas estranhas. Esta história do oxigénio é totalmente incompreensível, e não faço ideia do que ela queria dizer quando mencionou a rádio. – Mesmo antes de terminar a conversa, Ragna soletrara a palavra *rádio.* – Claro que ela devia estar a tentar dizer algo mais a esse respeito, mas eu achava que podia ser outra coisa. Algo mais claro.

– Não, infelizmente. – A terapeuta estava quase roxa por causa do frio. – Mas se me lembrar de alguma coisa, dir-lhe-ei, fique descansada. – Preparou-se novamente para se afastar, mas, antes de correr em direção ao seu carro, acrescentou: – Não demore a contactar a polícia. As pessoas com síndrome de encarceramento, em geral, morrem novas, e ela pode não ter muito mais tempo. Quando estes pacientes adoecem, a morte pode ser rápida a chegar, e sei que as investigações e os depoimentos levam tempo. A pessoa que lhe fez isto não pode ficar impune. Ela merece viver o suficiente para o ver condenado. – E dito isto, correu sob o vento gelado.

Com as palavras da terapeuta a ressoar nos ouvidos, Thóra conduziu de volta à rua Skólavördurtígur, tremendamente aliviada por ter ido de carro e não a pé, como pensara fazer. Não foi, no entanto, o gélido vento do norte que a fez sair do carro a correr, antes o desejo irresistível de informar as autoridades do que acabara de saber. Foi com essa mesma pressa que telefonou para a polícia, ainda antes de tirar o casaco. Apresentou-se e pediu para falar com a pessoa que tinha orientado a investigação sobre o incêndio. Seria melhor falar diretamente com ele, para não perder tempo a explicar os detalhes do caso; o inspetor devia saber da gravidez de Lísa e dos resultados da investigação. Depois de esperar um pouco, o que pelo menos lhe deu tempo para despir o casaco, um homem de voz profunda falou do outro lado da linha, apresentando-se como Úlfar. Thóra disse o seu nome completo e estava prestes a revelar por que lhe telefonara, quando ele a interrompeu.

– A senhora disse Thóra Gudmundsdóttir? Advogada?

Thóra ficou surpreendida.

– Sim, exato.

– Alguém contactou consigo?

Aquilo não era muito esclarecedor.

– Mmm... não.

O inspetor ficou em silêncio, aparentemente a pensar nisso.

– O seu nome consta de uma lista que tenho aqui no meu gabinete, ligado a um caso que apareceu ontem.

– Lamento, mas estou extremamente atarefada, não posso aceitar novos casos, de momento. Será que pode retirar-me dessa lista para os tempos mais próximos? – Algum tempo antes, Thóra pedira para incluírem o seu nome numa lista de advogados com quem os suspeitos poderiam contactar se precisassem de quem os representasse. Isto fora parte de um plano engendrado pelo seu parceiro Bragi como resposta à recessão, embora não tivesse dado qualquer resultado. Até agora, pelos vistos.

– Isso de tirá-la da lista a que me refiro é que não seria nada fácil. Aqui ninguém solicitou apoio jurídico da sua parte; isto tem a ver com um caso muito grave, com o qual a senhora parece estar relacionada.

Thóra ficou demasiado abalada para conseguir assimilar por completo todas as implicações do que Úlfar estava a dizer.

– Realmente, não percebo. Telefonei para vos participar um crime grave. Será que estamos a falar da mesma coisa? – Teria a terapeuta sido mais rápida do que ela e participado a violação?

– Se o crime que a doutora ia participar implica uma morte, então é possível. Se não, então estamos a falar de dois casos sem relação entre si.

– Uma morte? – O coração de Thóra disparou; teria Jakob morrido por causa dos ferimentos? No dia anterior não parecera de todo estar às portas da morte, mas o que sabia ela de medicina? – Pode dizer-me o nome da pessoa que morreu?

Em vez de lhe responder, o homem mudou de assunto, ou pelo menos assim parecia. – Conhece um jovem locutor de rádio chamado Margeir?

Capítulo 26

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2010

– NÃO ESTOU A INVENTAR NADA, HALLI. Pensei que eras capaz de perceber isso. – Berglind tinha o telefone entalado entre o ombro e a orelha, por forma a poder dobrar uma peça de roupa lavada. – As roupas tinham um cheiro horrível; já as lavei três vezes, usando cada vez mais detergente, mas o cheiro não desaparece.

– Begga, por favor, agora não. – Halli parecia cansado. – Claro que acredito em ti, mas tem de haver alguma explicação. Talvez o gato do vizinho tenha urinado na roupa.

– Não ouviste o que te disse? Não é o odor de urina de gato. Não sei o que possa ser. Parece o cheiro de algo estragado ou podre.

– Então, se calhar o gato passou pela roupa com um animal morto, não sei.

– A roupa pendurada não chega ao chão, Halli. E mesmo que chegasse, os gatos não andam com presas já podres. – Berglind arrependeu-se imediatamente de ter dito isto. Apercebeu-se de como aos olhos do marido devia parecer uma pessoa muito pouco razoável.

– Begga, tenho de ir trabalhar. Não sei nada sobre isso e parece que tudo o que digo só te irrita. Atira essa bodega para dentro de um saco, que eu dou uma

vista de olhos quando voltar. Se o mau cheiro for tão forte como dizes, então há de durar até à noite. – Não suspirou ao dizer isto, mas foi como se o fizesse.

– Ótimo. – Berglind pousou uma t-shirt branca que estava imaculadamente limpa mas que cheirava como se tivesse sido desenterrada de um túmulo húmido. – Até logo. Desculpa ter-te incomodado. – A sua intenção não era soar azeda ou sarcástica, mas foi o que aconteceu.

– Okay – disse Halli. Houve um breve silêncio, que ela não foi capaz de quebrar. – Não pendures a roupa lá fora, Begga. Usa o secador.

– Está bem. – Havia muito mais que Berglind lhe queria dizer, mas não era capaz de encontrar as palavras e sabia que ele não ia achar o momento oportuno. – Não venhas tarde. – Halli não aquiesceu imediatamente, como ela já esperava. – Por favor.

– Vou tentar.

Vou tentar era o mesmo que *talvez.* Ambas eram maneiras educadas de dizer *não*. O cheiro parecia-lhe ainda pior quando acabou de falar. Berglind afastou-se da mesa, pegou num saco plástico e apressou-se a deitar a peça de roupa lá para dentro. Depois deu um nó no saco e foi pô-lo num canto do quarto das arrumações. Apressou-se a sair e a fechar a porta atrás de si, decidida a não pensar mais no mau cheiro e a dedicar-se às suas outras tarefas. Havia muito a fazer e estava quase na hora de dar de comer ao seu filho.

– Pési, querido? Estás com fome? – chamou. Não obteve resposta. O silêncio fazia que a casa parecesse vazia, como se nem ela própria lá estivesse. – Pési? Onde estás, amorzinho? – Mais uma vez, não obteve resposta. Berglind precipitou-se para o corredor do rés-do-chão, de onde podia ver a cozinha e a sala de estar, mas Pési não estava em nenhuma das duas. O andar de cima também parecia deserto, mas isso não queria dizer nada: Pési era tão pequenino que quase não fazia ruído. Devia estar a fazer um puzzle no seu quarto ou a brincar com qualquer coisa. Fosse como fosse, Berglind subiu os degraus a dois e dois, a correr. Não se apaziguou quando viu que o quarto do filho estava vazio – tal como todos os quartos do primeiro andar.

Ao descer as escadas, passou-lhe pela cabeça que Pési devia ter saído para o

jardim enquanto ela falava ao telefone; talvez se sentisse aborrecido em casa e tivesse saudades da escola pré-primária. A opção que Berglind tomara no final da semana anterior, de o deixar ficar em casa mais tempo, talvez não tivesse sido a melhor, e de cada vez que ele lhe pedira para voltar, ela tivera de se confrontar com o facto de Pési não estar a ir à escola não apenas para o bem dele, mas também para o seu próprio bem. Sentia-se muito melhor quando o tinha por perto e não estava sozinha em casa, enquanto usufruía dessa coisa ridícula chamada «baixa por doença.» Era absurdo chamar-lhe assim. Fisicamente, estava de perfeita saúde, e mentalmente sentia-se, no máximo, apenas um pouco afetada. Nenhumas férias seriam capazes de curar as suas feridas e, por vezes, pensava que a sua ausência beneficiava sobretudo os seus colegas. Sentia-se culpada por pensar assim; a sugestão do seu chefe fora motivada por preocupação. Um nível invulgar de preocupação, pensando bem. Teria sido simpático se os seus familiares mais chegados tivessem sido tão compreensivos e demonstrado um interesse tão genuíno nos seus problemas. A sua desilusão com a atitude de Halli ao telefone ainda não passara.

– Pési? – Silêncio. Devia ter saído de casa.

A porta da frente estava sempre fechada à chave e Pési nunca a conseguira abrir sozinho. Naturalmente, estava a crescer e a ficar mais forte dia após dia, portanto, podia tê-lo conseguido pela primeira vez. Berglind abriu a porta e foi atingida por uma rajada de vento gelado. Definitivamente, o bom tempo do fim de semana acabara. O seu casaco estava pendurado num cabide no átrio e o blusão de Pési estava junto dele. Se realmente saíra, não estava vestido como devia ser, e também não tinha idade suficiente para andar por aí a vaguear sozinho. Em vez de enfiar o seu casaco, Berglind correu para as traseiras para verificar se ele não estaria a fazer das suas no jardim; às vezes conseguia abrir a porta de correr, se a empurrasse com toda a sua força, e estava acostumado a brincar lá fora – embora raramente o tivesse feito naqueles últimos meses de ventanias. Também era possível que ela tivesse deixado a porta meio aberta. Não se lembrava se a tinha ou não fechado depois de ter tirado as roupas da corda, irritada por se ter estupidamente iludido com o bom tempo do fim de semana e

pendurado a roupa lá fora. Pensando melhor, estava frio e não havia hipótese de a porta ter ficado aberta todo aquele tempo. Quando entrou na sala, viu as cortinas a dançar com a brisa.

– Pési? – Berglind correu as cortinas e ficou aliviada ao ver que o seu filho estava no jardim. Passou pela porta entreaberta. Pési estava de costas para ela e parecia não a ter ouvido. Felizmente, trazia uma camisola de mangas compridas, mas mesmo assim tinha muito pouca roupa para estar no exterior em pleno inverno. O seu cabelo loiro ondulava ao vento, lembrando a Berglind que já devia ter sido cortado há muito. – Pési? Não podes vir cá para fora assim, sem avisar a Mamã. – Ele permaneceu absolutamente imóvel, sem dar sinal de a ter ouvido. Estava mesmo debaixo da corda onde, nessa mesma manhã, a roupa estivera pendurada. Talvez tivesse descoberto o animal morto de que Halli falara, tentando encontrar explicação para o mau cheiro. Isso certamente que lhe pregaria um susto; Berglind não sabia se Pési já vira alguma coisa morta. – Anda, Pési, querido. Vais constipar-te, se continuares cá fora vestido dessa maneira. – Caminhou até junto dele e falou-lhe calmamente, para não o assustar quando lhe agarrasse no ombro. Era invulgar vê-lo assim tão distraído; acontecia de vez em quando, claro, mas sempre de noite e quando já estava muito cansado.

– Cheira mal aqui, Mamã – disse, sem se virar.

Berglind sentiu uma dor lancinante no coração: Pési era o único que sabia que ela não estava a imaginar coisas.

– Eu sei, querido, vamos lá para dentro. – Tinha chegado quase junto dele quando ele se moveu ligeiramente, patinhando na erva com os pés descalços. – Os teus pés devem estar feitos em cubos de gelo, Pési, querido. Acho que vou ter de fazer chocolate quente, se quisermos que voltem a ficar quentinhos.

– Não quero chocolate quente, quero estar cá fora. – Finalmente, virou-se e olhou tristemente para a sua mãe. Os seus cabelos ainda ondulavam um pouco ao vento, mas, de repente, pareciam ter ficado mais acamados, protegidos do vento por alguma mão invisível.

– Anda, querido. – Berglind desistira de fingir que estava alegre e bem-disposta; em vez disso, a sua voz tinha um tom de urgência e desconforto. –

Vamos para dentro. – O ar tinha um familiar odor metálico. – Está demasiado frio para estarmos cá fora.

Pési não respondeu, e olhou para ela como se não reconhecesse a sua própria mãe. Berglind nem sequer tinha a certeza de que ele a estivesse a ver. Mas Pési só podia estar a olhar para ela, dado que não havia nada entre ambos.

– Para onde é que estás a olhar? Para a minha camisola? – Em momentos como aquele, o melhor era falar, mesmo que apenas para consigo.

– Agora, quero ir para dentro. – Pési continuava a olhar em frente, hipnotizado, com a mesma expressão no rosto. Estava mais pálido do que o costume; as únicas cores do seu rosto eram duas manchas vermelhas no alto das bochechas. As mãos brancas, fantasmagóricas, que lhe saíam das mangas estreitas tinham o ar de pertencer a uma boneca de porcelana demasiado grande.

– Vamos lá. – Berglind segurou-lhe a mão, mas não foi capaz de o fazer sair daquele estado de hipnose. – Vamos, Pési. – Aproximou-se um pouco mais, inclinou-se e agarrou na sua pequena mão gelada. Então sentiu o seu próprio cabelo, que lhe dava pelos ombros, a ficar elétrico e a eriçar-se. Folhas frágeis e estaladiças ergueram-se no ar e voaram sobre a relva.

– Quem é que estava a guiar, Mamã?

Berglind apertou a sua mão pequenina. Estava ansiosa por levá-lo para dentro com ela, por fugir daquele mau cheiro opressivo que pairava sob a corda da roupa e por se ver com ele na cozinha, aconchegados pelo aroma a cacau quente. Poderiam estar à vontade e falar sobre tudo, exceto sobre o terrível acontecimento que destruíra as suas vidas. Berglind faria qualquer coisa para se livrar daquele fardo, mas não sabia o que seria essa «qualquer coisa». Ela e Halli só bem tarde tinham percebido como a sua vida já fora feliz. Estavam sem dinheiro, o caminho para o trabalho era demasiado longo, Pési estava muitas vezes doente, ela andava sempre a apanhar pontas soltas, o tempo estava horrível… essas queixas, agora, pareciam ridículas, comparadas ao que viera depois. Há um ano, Berglind estaria a trabalhar, e não meio vestida no jardim, como uma idiota, a tentar convencer o seu filho a voltar para casa. Mais uma vez se perguntou por que teriam as coisas evoluído tão lentamente antes de se

tornarem intoleráveis; embora o espírito se tivesse manifestado logo a seguir ao acidente, fora só por altura da crise financeira que sentiram que não aguentavam mais e que tinham procurado auxílio na igreja. Por outras palavras, quase um ano após o acidente. Berglind tinha a sensação de que algo elevara o assombramento a outro nível, mas era difícil dizer o que poderia ter sido. Nada mudara, nem no comportamento dela nem do Halli, durante esse tempo, e Pési continuava a ser o mesmo anjinho, seguindo uma rotina que se desenvolvia à medida que ia crescendo. A razão da mudança tinha de ser exterior. A melhor explicação que Berglind conseguia encontrar era que teria algo a ver com os pais de Magga, mas quando falara com a vizinha deles, que os observava de perto, a mulher não lhe soubera dizer nada de útil. A família de Magga ainda estava esmagada pela dor, tentando aceitar o que acontecera.

De repente, Pési pareceu acordar. Ao mesmo tempo, começou a sentir frio, porque batia os dentes ao falar.

– Estava alguém no jardim, Mamã. Eu já os tinha visto antes.

– Anda. Vais ficar doente se ficares cá fora ao frio mais um minuto que seja. – Berglind também estava agora a começar a sentir ainda mais frio e bateu com os pés no chão, na tentativa de se libertar daquele arrepio. Mas não resultou. – Há um cheiro mau quando alguém morre, Mamã. – Pési voltou-se para ela, mas em vez de a fixar, olhou para a sua boca aberta. – Embora não logo a seguir.

Esquecendo-se da sua ideia inicial de o levar cuidadosamente pela mão, Berglind agarrou o filho por debaixo dos ombros, pegou-lhe ao colo e correu para casa com ele.

O sacerdote não podia fingir que não tinha vontade de se ir embora. Iniciava todas as suas frases com as palavras *Bem, então,* mas depois ficava sem coragem, e falhou várias tentativas de sair. Se tivesse disfarçado melhor a sua vontade de estar noutro lugar, Jósteinn provavelmente não teria feito nada para adiar a sua partida; mas as oportunidades que tinha de fazer sofrer outras pessoas estavam a diminuir, e por isso aproveitava ao máximo todas as que surgiam.

– Não tenho a certeza de que Deus exista. E se existe, então não percebo o

destino que me foi atribuído.

– Não se devia preocupar com isso. Deus ama-o tanto como àqueles que nunca fizeram mal. Precisa simplesmente de compreender isso e de pensar naquilo que fez. Quando reconhecer que foi uma coisa extremamente errada, arrepender-se-á, e o arrependimento é o primeiro passo para deixar que Deus entre na sua vida. – Estava demasiado quente naquela sala, exatamente como Jósteinn gostava, e pequenas gotas de suor tinham-se formado na testa do sacerdote.

– Não me compreendeu. Não estou à procura de Deus. Perguntei como é que ele teve a ideia de criar um homem como eu, se é tão perfeito como me está a dizer.

– Ninguém é inteiramente mau, Jósteinn. Já discutimos isto antes. – O padre olhou de soslaio para a janela, ansiando pela liberdade que o esperava lá fora. – Mas não precisamos de voltar a falar disso. Você é um homem inteligente, e sei que se lembra de tudo o que lhe disse.

– Então, está a sugerir que o seu Deus me criou? – Jósteinn olhou para o seu colo e para as suas calças de veludo rasgadas, que já tinham sido de um vermelho cor de vinho mas que agora eram quase cor-de-rosa.

– Sim, estou. – O sacerdote pousara as mãos sobre os joelhos e preparava-se para se levantar daquele sofá baixo. – Bem, então…

– Mas se ele me *criou* da forma que sou, então não percebo. – Jósteinn fechou os olhos e ficou à escuta. Tinha lido que quando um dos nossos sentidos não funcionava, os outros compensavam a sua falta. Não conseguia ouvir nada mais claramente, apenas o vago som do rádio do cozinheiro que vinha do corredor, água a correr numa banheira nas traseiras da casa e a respiração ofegante do sacerdote, que sufocava naquele calor. Nada que não tivesse ouvido quando estava com os olhos abertos. – O seu Deus ou é incompetente ou excecionalmente cruel.

– Podemos discutir isso da próxima vez que nos encontrarmos, Jósteinn. Não nasci ontem e sei perfeitamente que está a tentar provocar-me. Mas é normal que pondere tudo isto e o facto de estar a fazê-lo é um bom sinal, na minha opinião.

Demonstra-me que está no bom caminho. A salvação não prejudica ninguém, pode crer, e o seu fardo tornar-se-á mais leve se procurar a salvação sem reservas.

– Ah, pensei que já sabia. Não tenho nenhuma alma para salvar. – Jósteinn abriu os olhos outra vez e tentou apertar o seu nariz. Mas não ficou nem a ver nem a ouvir mais claramente. – Ou nunca tive uma alma, ou então perdi-a algures ao longo do caminho – disse, com uma voz nasalada. Talvez tivesse de fazer aquilo durante mais tempo para conseguir uma perceção intensificada.

– Que disparate, Jósteinn. Claro que tem uma alma. Toda a gente tem uma alma. – Como não obteve resposta, o rosto do sacerdote iluminou-se, vendo ali uma oportunidade. – Bem, acho que tenho de vir vê-lo com maior frequência, Jósteinn. Preste mais atenção a si mesmo. E à sua alma. – Levantou-se.

– Como sabe se tenho uma alma? – Jósteinn deixou de apertar o nariz, porém continuou de olhos fixos nos seus joelhos.

– Porque, Jósteinn, embora tenha atacado o seu amigo Jakob, vejo que o está a ajudar, gastando o seu dinheiro para o auxiliar tanto a ele como à sua mãe. Isso não é um ato de um homem sem alma.

Jósteinn sorriu, mas não ergueu os olhos.

– *Isso* não passa de um enorme mal-entendido.

– Como assim? – O sacerdote ainda estava de pé junto do sofá.

– Não estou a fazê-lo para ser amável com o Jakob. Não é a compaixão que me motiva. Longe disso. – Sorriu outra vez, antes de tentar tapar ambos os olhos e as orelhas ao mesmo tempo. – Só estou a fazer isto para infligir dor. Para… ferir. – O sorriso desapareceu. – É perfeitamente possível fazê-lo sem ser com uma faca.

O sacerdote não disse nada. De qualquer modo, Jósteinn não o poderia ouvir, agora que tinha ambas as orelhas tapadas. O sacerdote já vira muito nos seus anos de trabalho em Sogn, por isso aquele comportamento estranho de Jósteinn não o surpreendeu, mas estava achar as suas declarações mais complicadas do que era costume.

– Às vezes, o bem é o mal e o mal é o bem. – Jósteinn tirou as mãos das

orelhas e olhou brevemente o sacerdote nos olhos, pela primeira vez desde que este chegara. – Mas também há situações em que o mal é mesmo o mal, e é o que se passa neste caso. Posso garantir-lhe que só tenho más intenções.

Thóra praguejou em voz baixa enquanto esperava pelo terapeuta, não por causa do lugar combinado, que estava longe de ser o ideal, mas porque se sentia muito irritada com o que acontecera. A azáfama no café da zona comercial de Skeifan não era suficiente para a distrair. Só quando Ægir apareceu, com quinze minutos de atraso, é que foi capaz de mudar o rumo dos seus pensamentos. O terapeuta permaneceu à entrada, procurando-a com o olhar, e quando Thóra se levantou e lhe acenou, sorriu com gentileza e avançou por entre as mesas, que estavam todas muito juntas umas das outras. Nada na sua atitude denunciava um tirano que aplicava métodos severos no tratamento de pacientes autistas. Pelo contrário: parecia ser uma pessoa amável, que avançava pedindo desculpa pelo incómodo causado a toda a gente por quem ia passando. O seu aspeto, no entanto, poderia inspirar medo a pessoas especialmente sensíveis, com o seu cabelo escuro como carvão e o rosto branco cor de neve. Os seus olhos, que também eram negros, dardejavam-lhe atrás da franja, e Thóra captou o brilho de um *piercing*, um anel dourado, numa das suas sobrancelhas.

– Olá. – Estendeu a mão. – Deve ser a Thóra. – Ela anuiu e ele sentou-se na pequeníssima mesa onde mal cabiam as duas chávenas de café que Thóra pedira, pensando que ele chegaria a horas. Agora a chávena dela estava vazia e a outra tinha cessado de deitar vapor.

– Desculpe, atrasei-me.

– Não faz mal. – Thóra apontou a chávena de café. – Não sei se ainda conseguirá bebê-lo.

– Não se preocupe. Só bebo chá, mas obrigado, de qualquer modo. – Thóra arrependeu-se de não ter bebido também o café dele. – Julgo que quer falar sobre o Tryggvi, não é verdade? Aceitei vir mais por curiosidade. – Há mais de ano e meio que ele deixou de fazer tratamento comigo, por isso tenho de admitir que há já muito tempo que não penso nele. Claro que não me saía da cabeça depois

do incêndio; foi uma coisa horrorosa. Mas por que razão quer falar sobre o Tryggvi agora? Não me disse que era advogada?

Mais uma vez, Thóra explicou por que estava interessada no incêndio e no centro. Já repetira a história tantas vezes que agora até seria capaz de a contar durante o sono.

– Gostaria, sobretudo, que me falasse sobre os progressos que ele estava a fazer. Imagino que ninguém saiba melhor do que você em que consistiam essas melhorias e que significado tinham. Tenho ouvido algumas histórias bastante contraditórias sobre o estado do Tryggvi.

– Claro, não há problema. – Ægir inclinou-se para trás e cruzou os braços. – Devo, no entanto, sublinhar que, na minha opinião, ele estava ainda nas primeiras etapas da sua evolução; poderia ter avançado muito mais se não me tivessem pedido para interromper o tratamento. Julgo que, em toda a minha carreira, nunca me senti tão desapontado.

– Pode descrever a natureza das melhoras?

– Ufa, por onde é que hei de começar? – Ægir expirou suavemente. – Não sei até que ponto conhece este grau de autismo, mas, de modo geral, o Tryggvi tinha uma incapacidade de desenvolvimento muito grave, que impedia o seu poder de comunicação ao ponto de mal ser capaz de se exprimir para os outros. Não tinha aptidões para socializar, por isso não desempenhava qualquer papel no que se passava à sua volta, além de ser um espectador indiferente. Poucos indivíduos têm este grau de autismo, ainda que a sua capacidade de comunicar seja de algum modo deficiente, tal como o seu comportamento social. O Tryggvi podia ficar a olhar para uma ventoinha, ou outra coisa qualquer de movimento repetitivo, durante horas seguidas. Também podia repetir certos padrões de movimento durante longos períodos. Por exemplo, balouçar-se para trás e para a frente ou contorcer as mãos sem cessar.

– Então, conseguiu fazê-lo ultrapassar tudo isso?

– Não ao ponto de um milagre, mas fui capaz de reduzir significativamente o seu comportamento repetitivo, e consegui que ele olhasse as pessoas nos olhos e aceitasse a sua presença. Como disse, ainda tinha um longo caminho pela frente.

– O Tryggvi já devia ter passado por outras formas de tratamento antes de começar consigo. Como é que conseguiu ter sucesso, quando os outros falharam?

– Não se pode dizer que os outros terapeutas que o trataram não tenham feito nada, longe disso. Por exemplo, o Tryggvi passava horas e horas a ver livros ilustrados, embora não lesse as palavras. A sua tendência para se magoar propositadamente também tinha sido suprimida. Quando era miúdo, costumava bater com a cabeça sempre que podia, chegando quase ao ponto de fraturar o crânio. Como pode ver, já progredira imenso. Para que se verifique qualquer tipo de progresso em pessoas tão autistas como o Tryggvi, é fundamental que a terapia de comportamento comece muito cedo. Os seus pais, sobretudo a mãe, estavam muito empenhados em que ele recebesse o melhor tratamento possível. A mãe seguia a sua dieta de perto e aplicava os novos conhecimentos nessa área, dado que em certos casos os efeitos do autismo podem ser reduzidos mudando a alimentação do paciente. Por exemplo, o Tryggvi deixou de comer glúten e açúcar e, de acordo, com a sua mãe, isso reduziu os sintomas. Não tive ocasião de avaliar esse processo, porque só o conheci mais tarde. É verdade que tanto a mãe como o pai estavam muito atentos ao aparecimento de novos fármacos para o autismo. De certo modo, eram um caso único, porque os pais de crianças autistas tendem a concentrar-se num fator em particular: comida, remédios ou tratamentos específicos. Poucos têm consciência de todos os diferentes aspetos. Adoravam o filho, mas, claro, o mesmo se passa com todos os pais de crianças autistas com quem me cruzei.

– Então porque é que interromperam o tratamento, sobretudo quando as coisas pareciam estar a melhorar?

Ægir encolheu os ombros.

– Só Deus sabe. Julgo que a sua mãe não gostava dos métodos que eu seguia; a minha abordagem não era propriamente delicada. Tinha de empregar muita disciplina para obter resultados, e convém não esquecer que, neste caso, o que tínhamos era um indivíduo que evitava o contacto humano por todos os meios. Assim, não vi outra alternativa a não ser forçá-lo a reconhecer que eu estava ali.

Era uma coisa ruidosa, e devia ser difícil para quem estava a ver. No entanto, pensei que ela tinha compreendido que o fim justificava os meios, o que foi nitidamente um mal-entendido da minha parte. Também é verdade que o facto de outros residentes e visitantes se terem queixado não ajudou muito. Mas foi realmente pena, tenho a certeza disso.

– Até que ponto o Tryggvi progrediu sob a sua orientação? – O terapeuta teria de responder a esta pergunta, aquela que realmente obcecava Thóra.

– Bastante, mas, mais uma vez, tem de se pensar que estávamos a partir do zero. Ele começara a desenhar mais, desenhos que pareciam refletir melhor o que lhe ia na mente, e não tinha tanto medo de tudo. Consegui que ele me olhasse nos olhos e aceitasse a minha presença, bem como a da sua mãe.

– Mas ele andava pelo centro voluntariamente? À procura de companhia ou de comida, por exemplo?

– Não, duvido muito que o tenha feito. – Ægir encolheu os ombros. – Suponho que *poderia* sair do seu apartamento por sua livre vontade, mas nunca à procura de comida ou de companhia. Ficaria muito surpreendido se fosse por isso.

– Eu sei que ele uma vez foi visitar uma rapariga que lá vivia e que estava acamada . Não sei por que foi vê-la, mas entrou no quarto e ficou a olhar para ela.

– Está a ver? Um avanço. – O terapeuta coçou o queixo e olhou em redor para a multidão que tagarelava. – Se se trata de uma das raparigas que não se podiam mover, não me surpreende que a tenha ido visitar em vez de ter procurado um qualquer outro residente. Uma pessoa incapaz de falar seria o mais conveniente para ele, e talvez se sentisse atraído pelo silêncio do seu apartamento. Fui com ele algumas vezes ver a rapariga que estava em estado de semicoma, para que se acostumasse a ver o desconhecido. Obviamente, era a pessoa mais inofensiva daquele lugar, e eu não queria incomodar os que estavam conscientes, mas ela não mexia nem um só músculo. Por duas vezes ficámos parados à porta do seu apartamento. Tínhamos autorização da diretora, naturalmente, ela era extremamente cooperante, e o Tryggvi não fez nada à

pobre rapariga, ficou só a olhar para ela, fascinado, talvez porque ela estava tão imóvel. Claro que ela não podia aperceber-se da nossa presença, dado que não estava consciente. Não sabia que o Tryggvi a tinha visitado sem ser comigo.

Thóra não viu necessidade em corrigir o mal-entendido; não tinha importância se Ægir julgava tratar-se de Lísa, quando na realidade Tryggvi visitara Ragna.

– E como é que ele se exprimia por meio dos desenhos? É certo que vi uns quantos, numa gravação de vídeo, mas não consegui vê-los a todos. Num deles via-se uma pessoa deitada, e depois outra pessoa que segurava um grande círculo dividido em três partes. Também havia chamas, em alguns desses desenhos.

– Claro que os desenhos não eram sempre os mesmos. Mas essas figuras que descreveu surgiam com frequência. A pessoa deitada era, provavelmente, a rapariga em coma, com a qual ele estava fascinado, como disse. Ela aparecia nos seus desenhos quando comecei a terapia, mas começou a aparecer com cada vez maior frequência, e por altura da interrupção do tratamento aparecia em todos os seus desenhos. Não importa qual fosse o tema. No que diz respeito à outra figura, aparecia e desaparecia, e acho que simbolizava a sua mãe; não consigo encontrar uma melhor interpretação. O anel que ela geralmente usava era um símbolo de paz, na minha opinião, mas não sou capaz de dizer se era realmente assim, tal como não posso ter a certeza de nada do que se refere ao mundo imaginário do Tryggvi.

– E as chamas?

– Era outra coisa que o fascinava, mas desconfio que está a querer ver nelas mais do que devia. Não estão de modo algum relacionadas com o incêndio no centro. Uma coisa é desenhar chamas, outra é atear um incêndio.

– Mas isso aconteceu, de facto; ele foi apanhado a fazer precisamente o mesmo, anos antes. Isso não quer dizer que tenha sido responsável pelo incêndio, mas certamente suscita algumas questões.

– As chamas, nos seus desenhos, simbolizavam perturbação e medo. Não mais do que isso. O Tryggvi desenhava um peixe quando tinha fome e um lavatório quando tinha sede. Qual a razão de escolher estes símbolos e não

outros? Não sei. Fazia cada desenho de uma só assentada, com uma linha contínua, por assim dizer. E se examinarmos os desenhos com atenção, podemos ver todo o tipo de coisas, pormenores que às vezes são mais importantes do que o tema principal.

– Sabe o que quer dizer *o8INN* ou *OBINN*? Está presente em todos os desenhos e pensei que poderia ser a sua assinatura ou algo desse estilo. Será assim?

– Não, nunca percebi o que isso queria dizer. Ele não gostava das letras, por isso relacionava-as com algo que era mau; desenhava-as sempre no fim. Mas não tenho a certeza de que o seu significado seja compreensível para nós. Talvez seja algo que ele viu em algum momento da sua vida e que lhe ficou gravado na mente. O Tryggvi não sabia ler nem escrever, portanto deve ter visto e copiado isso de algum lado, do mesmo modo que desenhava uma casa ou algum equipamento que visse. Dado que o texto era provavelmente uma imagem em espelho, como tudo o que ele desenhava no papel, torna-se difícil dizer o que era suposto representar; não há palavras que comecem por NN, por exemplo. Também não fazia sentido para os seus pais, mas nunca se sabe, talvez ele viesse ainda a acrescentar mais letras àquela sequência, com o passar do tempo, e o texto acabasse por se tornar mais claro. Infelizmente, isso nunca chegou a acontecer, porque pouco tempo depois de essas letras começarem a aparecer em todos os seus desenhos, os pais decidiram interromper o tratamento.

– Ainda tem algum desses desenhos?

– Tem piada que me faça essa pergunta. Eu tinha uma data deles, até hoje. A antiga diretora do centro contactou-me e pediu-me para ficar com eles. Sempre me pareceu ser uma pessoa decente, por isso concordei. Portanto, já não tenho nenhum; fui levar-lhos antes de vir para cá, foi por isso que me atrasei.

– Portanto, a Glódís ficou com todos os desenhos?

O homem anuiu.

– Sim. Pelo menos, com aqueles que estavam em minha posse.

Capítulo 27

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2010

Os painéis de publicidade no exterior do Centro Comercial Kringlan tentavam o mais possível fazer que tudo parecesse normal; ali toda a gente nadava em dinheiro e tudo era tão acessível como dantes. Os poucos carros estacionados lá fora contavam uma história diferente, e Matthew, que estivera atento durante cerca de dez minutos, não vira ninguém a entrar ou a sair do centro comercial. Lembrava-se perfeitamente de como aquele local fervilhava de vida havia apenas dezoito meses, quando lá estivera com Thóra e com Sóley para comprar uns ténis para Sóley, uma semana antes do colapso financeiro. O seu coração quase parara quando vira o preço do par de ténis que a rapariga escolhera. Aquela ida às compras fora para ele uma tortura do princípio ao fim, e nunca mais ninguém o convenceria a lá voltar; tinham andado às voltas no centro comercial, onde as pessoas passavam a vida a chocar umas com as outras e ninguém pedia desculpa. O estado de espírito de Thóra também não ficara muito melhor quando Sóley, finalmente escolhera os sapatos, que, como seria de esperar, eram os primeiros que tinham visto, mas pagou-os sem um murmúrio de protesto, considerando talvez que se tratava de um resgate aceitável para poder

sair daquele lugar. Sóley acabara por usar os ténis apenas duas vezes, tendo chegado à conclusão de que não eram confortáveis. Talvez devessem repetir a brincadeira só para ver se ela da próxima vez seria capaz de uma melhor opção e, quem sabe, talvez então saíssem dali com uns ténis confortáveis de preço razoável.

Matthew olhou para o relógio. Chegara cedo demais, receando não conseguir encontrar o lugar onde combinara encontrar-se com a rapariga. Agora estava em frente do Kringlan, no exterior da Universidade de Reiquejavique, onde Lena, a irmã de Tryggvi ficara de vir ao seu encontro. Tinha-lhe telefonado inesperadamente, dizendo que precisava de falar com ele por breves momentos – em privado. Dado que a proposta era muito mais excitante do que ficar a ver os pais de Thóra às turras para decidirem se haviam de tomar um chá ou um café, aceitou sem pestanejar. Depois, tentou contactar com Thóra, mas nem o seu telemóvel nem o telefone do escritório estavam acessíveis. E Bella, obviamente, não atendia o número geral. Esperava ter tomado a opção certa ao aceitar o convite, mas agora que a aguardava, junto à entrada principal, sentia-se algo desconfortável, um homem de meia-idade a olhar para os jovens que entravam e saíam. Por isso preferira dar a impressão de estar concentrado no centro comercial; sentia-se melhor do que se o vissem a olhar para os estudantes.

De repente, o fluxo de pessoas a sair pela porta principal aumentou. Matthew viu-se rodeado de estudantes; contentes por estarem fora das aulas, tentando acender os seus cigarros, antes de se amontoarem para ficarem mais abrigados. Não era o fumo em segunda mão que irritava Matthew, mas o facto de aquela massa de jovens lhe dificultar a observação da entrada. Não era assim tão bom a reconhecer pessoas que fosse capaz de reconhecer Lena de costas, e não tinha a certeza de que ela esperasse muito tempo, caso não o avistasse logo. Então, afastou-se do grupo, mas acabou por se ver submergido pela multidão que saía. Metade daquelas jovens podia ser Lena, a avaliar pela sua altura, pelo peso e pela cor de cabelo, porém um toque no seu ombro libertou-o da tarefa de olhar para cada rosto.

– Olá. Estava há muito tempo à espera? – Lena sorriu, revelando por

momentos os seus belos dentes brancos. O fumo do cigarro de um jovem que estava perto dela chegou-lhe ao rosto, e ela franziu as sobrancelhas e agitou a mão para o afastar. – Ugh, desde que deixei de fumar que acho o fumo tão enjoativo. – Escolhera a sua roupa mais pela moda do que pelo tempo, o que significava que não tinha chapéu. O vento sacudia-lhe os longos cabelos à roda da cabeça, mas isso não parecia incomodá-la, e não fazia qualquer esforço para os controlar. Trazia uma mochila pesada ao ombro, o que a fazia inclinar-se ligeiramente para um lado.

– Quem é este? – Uma jovem da mesma idade de Lena, embora não com um ar tão elegante, olhou com curiosidade para Matthew.

– Não conheces. Telefona-me mais tarde, talvez possamos estudar juntas logo à noite. – Assim que proferiu a última palavra, deu a entender à sua amiga que a conversa terminara, e foi como se ela tivesse deixado de estar mesmo ao pé deles. A rapariga, no entanto, ainda ficou por ali algum tempo, com um ar furioso, depois rodou nos calcanhares e desapareceu no enxame de estudantes. – Desculpe. Ela é boa pessoa, mas pode ser um pouco excessiva. – Um jovem esbarrou com força contra o seu ombro, mas Lena nem pestanejou. A mochila balançou e bateu-lhe nas coxas com um ruído surdo. – Que tal irmos ao Kringla, para podermos conversar em sossego? Há aqui um café na universidade, mas a esta hora está à pinha.

– Ótimo. – Esperaram para atravessar a rua, enquanto passava uma frota de carros de estudantes. Matthew nunca tivera jeito para conversa de circunstância, mas sentia-se grato por Lena ser uma especialista nessa matéria. Falava sem parar, não sobre o seu irmão e o incêndio, mas sobre tudo e nada. Ele tinha apenas de interpor um par de banalidades de vez em quando, dependendo do requerido pela cadência da voz dela.

Sentiu-se aliviado quando por fim encontraram uma mesa no Kringla Bar. Matthew pediu um café e Lena, uma *Coca-Cola Diet*. A rapariga atirou o telemóvel, sem cerimónias, para cima da mesa e pendurou o seu pesado saco nas costas da cadeira. Assim que o empregado se afastou, começou a falar de novo, tagarelando agora sobre o preço dos livros e explicando que a sua amiga tivera

de adiar os estudos por essa razão.

– Tenho pena que isso tenha acontecido, mas não seria melhor falarmos sobre o incêndio e sobre o Tryggvi? – interpôs Matthew. – Infelizmente, só disponho de meia hora. – Não era completamente verdade, mas talvez assim conseguisse que Lena se concentrasse no que era importante. Matthew achava-se demasiado velho para estar sentado num bar a falar sobre problemas de jovens.

– Sim, claro. – A rapariga esboçou um sorriso amarelo e atirou o cabelo para trás. – Claro que não queria encontrar-me consigo para falar sobre o preço dos livros. Tem de me desculpar; estou um bocadinho nervosa em relação a este caso e tenho alguma dificuldade em falar disso.

– Não há problema. – Matthew calou-se. Preferia não ser ele a orientar a conversa, porque poderia levar uma eternidade a conseguir que ela lhe dissesse o que tinha a dizer. Acalentara a esperança de que a rapariga tivesse na manga alguma informação para partilhar. No entanto, como Lena continuava a olhá-lo com uma expressão embaraçada, sentiu que lhe devia dizer algo. – É a investigação que a está a deixar ansiosa ou é outra coisa? Não tem nada a temer. Só estamos a tentar apurar se alguns elementos do caso terão sido mal interpretados.

– Não, não receio a conclusão. – Lena deu-se conta de que não parecia nada convincente e apressou-se a acrescentar: – Bem, não é bem *recear*, mas... É só que nunca se sabe o que vai surgir, e isso é um pouco enervante.

– Refere-se ao seu irmão? Preocupa-a que ele possa estar relacionado com isto, de algum modo?

– Sim, é verdade. Eu sei que é muito improvável, mas mesmo assim estou preocupada. Não sei que efeito isso teria nos meus pais. Consegue imaginar como eles se sentiriam só de pensarem que o filho, por quem ainda estão de luto, poderia ter estado implicado no incêndio? Que fora responsável pela sua morte e pela morte de todas aquelas pessoas? Até para mim é difícil pensar nisso, e não estou tão envolvida como eles. – Não disse mais nada enquanto o empregado de mesa lhes servia as bebidas, mas depois continuou, quando ele já se encontrava atrás do bar de *design* pretensioso, que ficava ao fundo da sala. – Mas, de

qualquer forma, não pense que cheguei à conclusão de que ele está ligado ao incêndio ou alguma coisa assim. Só estou um bocado preocupada.

– Não, não penso nada disso. – Matthew bebeu o café, depois limpou a espuma do seu lábio superior. – Não lhe posso dizer nada sobre o papel que o seu irmão poderá ter desempenhado nisto, porque não sei se ele, na verdade, fez algo.

– O senhor é advogado? – Lena não tocara na sua bebida; em vez disso, fizera uns traços verticais no vidro do copo embaciado.

– Não, não sou. Só estou a ajudar a Thóra. Ela é advogada, e está a dirigir a investigação.

– Estou a ver. – Lena parou de brincar com o copo e pousou as mãos sobre a mesa. – Então, se eu lhe contar alguma coisa, não está obrigado a manter sigilo.

–Matthew optou por não lhe explicar que esse privilégio da relação cliente-advogado era destinado só aos clientes, não a potenciais testemunhas ou outros intervenientes de um caso. Tal explicação só iria complicar as coisas e, além disso, ele não sabia todos os detalhes.

– Não, do ponto de vista profissional, não tenho essa obrigação. Mas encararei qualquer informação que me preste como confidencial, embora tenha de a transmitir à Thóra, que tratará o assunto com a mesma discrição. No entanto, se emergir da nossa conversa algo que possa demonstrar a inocência do Jakob, é quase certo que ela utilizará essa informação de um modo ou de outro. O mais importante é que uma pessoa inocente não tenha de arcar com a culpa de outra qualquer.

– Okay. Parece-me justo. – Lena bebeu devagar, com calma. – Mas não têm a certeza de que o Jakob esteja *mesmo* inocente, pois não?

– Não, mas a investigação ainda está a decorrer, portanto é muito cedo para dizer o que quer que seja.

– Mas descobriram algo que sugira que o Tryggvi teve alguma coisa a ver com o incêndio? – A rapariga corou ligeiramente e desviou o olhar de Matthew. – Seria bom que me prevenissem com alguma antecedência. Foi por isso que contactei consigo. Estou preocupada com os meus pais, e talvez eu pudesse

prepará-los, caso haja a hipótese de más notícias.

Matthew sentiu pena dela; era evidente que estava a sofrer e que julgava ter razões para se preocupar, justamente ou não.

– Tudo isto deve ser duro para os seus pais. Eles têm as mesmas preocupações do que a Lena? Receiam que o Tryggvi pudesse estar implicado?

– Não… sim… não sei. É impossível falar com eles. Sempre foi, na verdade. Mas agora a situação é cem vezes pior. Depois de o meu irmão ter morrido, não me tiravam a vista de cima, queriam saber o que eu estava a fazer a toda a hora, e continuam rabugentos. Parece que pensam que algo de mau me vai acontecer, e querem impedi-lo de acontecer, mas como se sentem impotentes, acabam por quase me afastar… Por tudo isso, também me sinto um pouco neurótica. Quero que eles me deixem viver a minha própria vida, quero ter tempo para mim… quando puder.

Isso era típico dos jovens que ainda viviam com os pais e Matthew tinha a certeza de que teria dito o mesmo no seu tempo, sem que para isso tivesse de passar por uma tragédia familiar.

– Eles só querem o melhor para si – disse. Mas era precisamente essa a resposta que ele não teria gostado de ouvir. – Sabemos que o Tryggvi teve melhoras significativas no centro, depois de passar por uma terapia especial que o ajudou a começar a exprimir-se ou, pelo menos, a modificar o seu comportamento. É verdade?

Lena encolheu os seus ombros esguios.

– Não diria que ele tenha começado a exprimir-se abertamente, mas ficou mais atento ao que o rodeava, isso é certo. Talvez ainda viesse a conseguir falar connosco, quem sabe? Mas isso não quer dizer que já tivesse começado a falar ou algo de semelhante. Longe disso.

– Mas estava a começar a exprimir-se de novas maneiras, o que era um progresso substancial, não é verdade?

– Sim, em comparação com o que ele fazia dantes. Desenhava mais, e dispersava-se menos nos seus desenhos.

– Era assim que ele transmitia mensagens? Por meio dos desenhos?

– Não, não diretamente. Não tenho a certeza se ele realmente pensava nos desenhos como mensagens que nos endereçava. A sua cabeça não funcionava como a nossa e não era fácil perceber as suas intenções. – Lena deu mais um gole da sua bebida e teve o cuidado de pousar o copo exatamente no círculo húmido que deixara na mesa. – Não havia neles nada que sugerisse que o Tryggvi queria incendiar o centro, se é isso que está a pensar. O meu irmão nunca teria planeado o que quer que fosse; mesmo que *tivesse* estado implicado, teria sido apenas algo que aconteceu. Não seria capaz de pensar nisso antecipadamente. Estou bastante certa disso.

– Ainda existem alguns dos desenhos? Além daquele na vossa sala de estar? – Matthew achou que o modo como Lena falava dos desenhos do irmão era bastante singular. Era como se estivesse a tentar que ele e Thóra parassem de meter o nariz no assunto. Se era esse o caso, o plano falhara por completo.

– Mmmm… – Lena hesitou. – Não. Já não existem, de qualquer modo. – Fez uma pausa antes de continuar. – Ainda tínhamos alguns do tempo em que o Tryggvi vivia lá em casa, mas deitámo-los fora quando começámos a arrumar o seu quarto; não faziam mais do que avivar as feridas. Posso assegurar-lhe que não estavam, de todo, relacionados com o incêndio. Pelo menos, tanto quanto pude ver.

– Esteve alguma vez presente nas sessões de terapia do Tryggvi? Estou a tentar perceber se ele se teria exprimido de forma diferente, de um modo mais claro, com a pessoa que o tratava. Talvez mesmo por meio de desenhos.

Lena franziu as sobrancelhas.

– Aquelas sessões eram uma coisa horrível de ver e o Tryggvi detestava-as. Pode ser que funcionassem, mas, por amor de Deus, de que serviam, na realidade? Não me parece que o Tryggvi pudesse apreciar os resultados, e horroriza-me que tenha sofrido assim, para nada, antes de morrer.

– Então, assistiu a essas sessões?

– Uma ou duas vezes. E chegou. – O seu belo rosto tinha-se tornado severo. – O terapeuta repetia a mesma coisa sem parar: *Olha para mim, olha para mim.*… Segurava no queixo do Tryggvi e forçava-o a olhar para os seus olhos.

Dizia que estava a fazer com que o Tryggvi estabelecesse uma ligação ou um relacionamento com ele, ou algo parecido. Não me lembro ao certo e, de qualquer modo, não tem importância. O meu irmão contorcia-se e virava a cabeça, tentando escapar, mas não conseguia. – Fez uma pausa. – O Tryggvi não podia fitar as pessoas de olhos nos olhos – continuou, já sem cólera na voz. – Sentia-se desconfortável. Não sei como é que a minha mãe suportava assistir.

– Ela estava sempre presente nas sessões? – Matthew sabia que Fanndís passava bastante tempo no centro, mas ficou surpreendido ao perceber que ela assistia às sessões de terapia.

– Não, nem sempre, mas com frequência. Não combinava antecipadamente, mas se o terapeuta lá estivesse quando nós chegávamos, costumava ficar a assistir. Não sei o que ela fazia quando ia sozinha ou com o meu pai, mas provavelmente faria o mesmo.

– E a Lena, o que fazia enquanto decorria a terapia? Havia uma sala de estar no centro? – Matthew não se lembrava de ver tal coisa durante a visita que ele e Thóra tinham feito ao edifício que ardera.

– Ficava à espera no átrio. Não me importava, porque assim conheci alguns dos membros do pessoal e pude conversar com eles. Havia vários da minha idade.

– Conhecia o vigilante noturno que morreu no incêndio? – Matthew não se lembrava de como ele se chamava e amaldiçoou-se por não ter memorizado os nomes dos principais envolvidos antes de vir a este encontro. Teria sido melhor que Thóra o acompanhasse, mas ela não tivera muitas hipóteses.

– O Fridleifur? Sim, conhecia-o.

– Sabemos que ele é suspeito de se ter embriagado durante as suas horas de trabalho. Alguma vez deu por isso?

– Não. – Lena franziu as sobrancelhas. – Tenho a certeza de que nunca o vi bêbedo das vezes em que lá estive, mas a verdade é que ele trabalhava sobretudo de noite, por isso não sei o que fazia nessa altura. Eu encontrava-o sobretudo nas manhãs dos fins de semana, antes de ele ir para casa, depois do seu turno. Não sou especialista na matéria, mas tenho quase a certeza de que nunca o vi bêbedo.

– Olhou o cubo de gelo que derretia no seu copo e corrigiu-se. – Não, tenho a certeza absoluta.

– Também sabemos que ele recebia visitas, nas manhãs dos fins de semana e talvez durante a noite. Sabe algo sobre isso?

Lena continuou a olhar o gelo por um momento, mas a seguir encolheu os ombros, indiferente.

– Só sei que lhe chamaram a atenção por causa de umas latas de cerveja; talvez tenha recebido visitas que tenham estado a beber cerveja ou coisa do género. Não foi muito antes do incêndio, mas não faço ideia se foi ele, ou o outro vigilante noturno, ou alguém que eles deixaram entrar, ou seja o que for. – Tirou os olhos do copo e olhou brevemente para Matthew. – Acha que eles podem ter deixado entrar visitantes que atearam o incêndio?

– Não há provas de nada, por enquanto. Mas sabe quais dos seus amigos ou conhecidos costumavam lá ir para o visitar? Precisamos de falar com essas pessoas, se for possível.

Lena abanou a cabeça.

– Não. Eram apenas algumas pessoas. Não conheço assim tão bem os vigilantes noturnos. Talvez falasse um pouco mais com o Fridleifur, mas realmente não sabia nada acerca dele.

– E, mais uma vez, qual era o nome do outro vigilante?

Lena permaneceu em silêncio, parecendo estar a travar um braço de ferro psicológico.

– Vão acabar por descobri-lo, não é verdade? Quer eu lhe diga o nome ou não?

– Sim, já o temos. Só que não tem respondido às chamadas da Thóra e não consigo recordar-me do nome dele neste momento. Claro que ele deve saber melhor do que ninguém o que se passava durante esse período noturno, mesmo que nessa noite estivesse em casa doente. Ao que parece.

– Okay. – Lena bebeu mais um pouco de refrigerante e olhou para o seu telemóvel, como se estivesse à espera que tocasse e a salvasse. O ecrã cinzento olhou-a sem pestanejar. – Não vai dizer como é que conseguiu obter o nome,

pois não? Não quero causar problemas a ninguém.

– Não, não. Não vou dizer nada, porque não há nenhuma razão para isso. Como disse, já temos o nome dele, só que agora não consigo recordar-me.

Lena anuiu tão levemente que quase não se deu por isso.

– Havia duas equipas que trabalhavam no turno da noite, semana sim, semana não, e geralmente era sempre o mesmo rapaz que ficava com o Fridleifur. Por vezes era outro, mas o que mais lhe convém a si é, de longe, falar com a pessoa que geralmente trabalhava com ele. Os outros devem ser menos importantes, porque só estavam juntos de vez em quando.

– E como é que ele se chama?

– Margeir. Não sei o apelido.

Capítulo 28

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2010

A ÁGUA ESTAVA MUITO MAIS QUENTE DO QUE O COSTUME e um vapor denso elevava-se no ar frio. Do céu escuro caíam flocos de neve sobre as cabeças de Thóra e de Matthew, que permaneciam sentados, imersos, com os dedos das mãos tão engelhados como os dos pés. Sóley estava na piscina das crianças com o seu braço à roda de Orri, mas Thóra não tirava os olhos deles, para não perder de vista o fato de banho colorido de Sóley e a forma rechonchuda de Orri, no meio do vapor que rodeava o grupo de crianças naquela água pouco profunda. Ela e Matthew tinham cedido à insistência dos garotos e ido à piscina, enquanto a mãe de Thóra preparava o jantar. Não se viam por ali muitos adultos e agora estavam sozinhos naquele banho quente; aquilo é que era vida. Tratava-se, na verdade, do único desporto que Thóra gostava de praticar; ao contrário da corrida de Matthew, podia-se parar sempre que se quisesse. Quando se saía para correr e se ficava exausto, ainda era preciso voltar para casa.

– Realmente, nem sei o que hei de pensar. – Thóra mergulhou ainda mais o corpo na água, para aquecer um pouco os ombros. – A polícia não mostra o seu jogo, mas estou convencida de que foi o Margeir que encontraram ontem, morto,

na praia de Nauthólsvík. Por que razão se haviam de preocupar com chamadas registadas no seu telemóvel, a menos que não conseguissem falar pessoalmente com ele? – Após a sua conversa com o inspetor, e apesar de ter decidido evitar os noticiários, Thóra procurara informação na internet, na esperança de descobrir do que se tratava. Fora contactada pela polícia porque fizera uma chamada para o telemóvel de Margeir no dia anterior, e outra dois dias antes. A princípio, Thóra não percebera qual era o problema, mas não tardara a descobri-lo e então explicara a razão de ter tentado falar com Margeir. Esclarecido esse ponto, conseguira expor o motivo do seu presente telefonema: queria informar a polícia de que Ragna Sölvadóttir sofrera abusos sexuais na residência. Também tentara saber – sem sucesso – por que estava a polícia a investigar o telemóvel de Margeir. E uma vez que obtivera tão poucos progressos nessa frente, tentou a sua sorte nas notícias, e ficara então a saber que fora encontrado o corpo de um jovem em Nauthólsvík, aparentemente vítima de um crime. O nome do falecido não podia ainda ser divulgado. Mas parecia evidente a Thóra, pela sua conversa com a polícia (a menção a uma morte, as perguntas em relação aos seus telefonemas para Margeir), que o telemóvel para onde ela fizera a sua chamada fora encontrado no corpo ou perto dele, e nesse caso era provável que se tratasse de Margeir.

– Talvez ele esteja a evitar a polícia por alguma outra razão. Talvez seja suspeito de algo e não queira falar. – Matthew sacudiu os flocos de neve que lhe derretiam na testa, antes que a água lhe entrasse nos olhos. – Pode ser apenas uma coincidência.

– Duvido. – Thóra observou Sóley, que atirava água para Orri, fazendo-o guinchar, deliciado com a brincadeira. – Pelo tom de voz do inspetor, isto parece ser uma coisa séria.

– Bem, não há muitas coisas mais sérias do que um homicídio a sangue-frio.

– Claro, claro, mas a polícia referiu-se a uma morte, e não havia nada nas notícias a respeito de mortes acidentais. Por isso, deve estar relacionado com o incêndio. Outra coisa qualquer seriam coincidências a mais. Por outro lado, os testes indicaram que o Margeir não era o pai do filho da Lísa, logo não pode ser

nada que tenha a ver com esse aspeto do caso. A menos que os testes nunca tenham sido feitos e que a Glódís me tenha mentido quando disse que viu os resultados dos testes feitos aos vigilantes noturnos.

– Mas, certamente que se fizeram esses testes, não? Os principais suspeitos seriam sempre os vigilantes noturnos.

– Sim, e seria ridículo suspeitar de outras pessoas. Estou a ficar um pouco paranoica. Por muito caros que sejam esses testes de paternidade, os vigilantes noturnos devem ter sido incluídos. A menos que se tenha tomado uma decisão no sentido de não investigar a violação; se planeavam enterrar esse crime de qualquer modo, não faria sentido perder tempo e dinheiro a tentar encontrar o culpado. – O vapor na piscina das crianças aumentara e Thóra sentou-se, para as poder ver melhor. – Também tenho pensado muito naquilo que o Ægir disse sobre a terapia do Tryggvi e a forma como foi interrompida. E pelo que me contou a respeito dos desenhos, estou extremamente interessada em encontrá-los… sobretudo depois do que te disse a Lena. O facto de a Glódís não querer que eu veja os desenhos deixa-me ainda mais incomodada por não ter acesso a eles. – Thóra contactara Glódís imediatamente a seguir ao seu encontro com Ægir, e ela dissera-lhe que a sua visita lhe lembrara que havia documentos que já deveriam ter sido entregues há muito. Na medida em que estavam implicados familiares, não seria correto que terceiros tivessem acesso a esses documentos, pelo que estava fora de questão que ela os entregasse a Thóra, agora que tinham finalmente sido devolvidos. Os desenhos iriam diretamente para as mãos dos pais de Tryggvi.

– Mas tens a certeza de que eles não te vão deixar ver os desenhos assim que os tiverem consigo?

– Não me parece, e mesmo que isso acontecesse, como posso ter a certeza de que não vão esconder os desenhos que retratem precisamente aquilo de que estou à procura, elementos relacionados com o fogo ou com a Lísa? Talvez haja desenhos dela nua, quem sabe? – Thóra ergueu-se ainda mais um pouco na água, apercebendo-se de que Sóley e Orri davam mostras de querer sair da piscina. – Como o seu teste de paternidade deu negativo, é altamente improvável, claro;

mas ele poderia ter desenhado uma imagem do homem que a violou, podia tê-lo visto da porta. – Thóra levantou-se e acenou às crianças, para ter a certeza de que percorreriam o curto caminho até junto dela. – Mas tendo em conta o aspeto primitivo das figuras que ele desenhava, não sei até que ponto seriam úteis para encontrar a pessoa que violou a Lísa.

Sóley levou Orri para a piscina quente; os corpos das crianças emanavam vapor, mas quando chegaram à piscina já tremiam de frio.

– Esta banheira está terrivelmente quente? – Sóley mergulhou um pé ao de leve na água e retirou-o logo a seguir.

– A princípio, parece. Mas saltem cá para dentro antes que fiquem cobertos de neve. – Fizeram o que Thóra lhes dizia, mas não tardou que Orri começasse a fechar as pestanas, cheio de sono. A sua cabecinha loira caiu-lhe para o peito e não havia nada a fazer senão voltar para casa.

No vestiário, Thóra e Sóley tiveram de fazer turnos para manter Orri acordado. Ficou sentado no banco, embrulhado numa toalha, a lutar para manter os olhos abertos. Thóra deu uma olhadela ao telemóvel para ver se a mãe lhe tentara ligar; dissera que lhe daria um toque se precisasse de alguma coisa das lojas. Quando viu no ecrã que de facto recebera uma mensagem, ficou apreensiva; teria preferido ir diretamente para casa. Todavia, a mensagem não era da sua mãe, nem do ja.is., e dado que a sua mãe não era propriamente uma adepta da internet, Thóra suspeitou que Gylfi enviara a mensagem em nome da avó. Ele tinha muita atenção ao seu saldo e não gastaria nem uma coroa a falar de algo tão enfadonho como compras de comida. Thóra abriu a mensagem quando estava a sair do vestiário: *Facebook.com um derradeiro adeus fridleifur.*

Embora estivesse no Facebook desde que os seus antigos colegas da Faculdade de Direito tinham criado uma página para comemorar o aniversário da sua licenciatura, Thóra raramente abria essa página. Sentia-se pouco à vontade com as redes sociais, que lhe pareciam unicamente concebidas para encher a sua caixa de correio com anúncios e pedidos intermináveis. Matthew ainda era pior do que ela, e recusara-se a aderir ao Facebook antes de a novidade perder a

frescura para Thóra. Como de costume, depois do jantar, Thóra pedira ajuda a Gylfi para investigar a estranha mensagem, em vez de passar horas no computador na esperança de que o Facebook finalmente a deixasse aceder.

– Mas porque não escolheste uma palavra-passe que tivesses a certeza de que te lembrarias? – Gylfi empurrou o teclado na direção da mãe, frustrado e surpreendido.

– Calma. Tenho-a aqui. – Thóra abriu um ficheiro onde guardava os seus nomes de utilizador e palavras-passe. Gostava muito daquele sistema, que já tinha demonstrado ser muito útil. – Cá vamos. – Empurrou o teclado para o filho e apontou a palavra.

– Esta é uma das piores palavras-passe que poderias ter escolhido – murmurou Gylfi, teclando «Thóra 123» – e é uma estupidez não te lembrares disto. – Abanou a cabeça com espanto. – Já para não falar da ideia de manter este ficheiro.

– Sim, está bem. Adiante. – Thóra moveu a sua cadeira um pouco para o lado, de forma que Matthew, que estava de pé atrás dela, pudesse ver melhor.

– Oh, que engraçado! É um jogo de computador? – A mãe de Thóra estava à porta do escritório. Viraram-se os três para ela e anuíram. Era mais fácil do que explicar o que estavam a fazer. – Espero que não seja nenhum jogo de guerra – declarou, saindo antes que tivessem a oportunidade de lhe responder.

– É pena que a avó e o avô não fiquem a morar connosco para sempre – disse Gylfi, virando-se para a página de Thóra no Facebook, que agora estava aberta. – Seria divertido se ficassem. – A flecha do cursor deslizou pelo ecrã. – Tens seis pedidos de amizade, um convite para um evento e sete recomendações de amigos. E tens mais uns cento e trinta e dois outros pedidos. Dá para perceber que vens cá com imensa frequência.

– Muito engraçado. – Haveria cerca de um mês que Thóra não consultava a sua página do Facebook. – Vê se algum deles está relacionado com o Fridleifur. Talvez me tenha enviado um pedido de amizade.

– Mas ele está morto. – Matthew observava com interesse, dado que nunca vira aquele tipo de página. – Isso é possível?

– Sim, se alguém mantiver a sua página em funcionamento e souber o seu nome de utilizador e a sua palavra-passe. Não sei se o Facebook tem de ser necessariamente informado da morte de um membro. Claro que é possível enviar-lhes um e-mail a pedir que a página seja fechada, se alguém reparar em algo de invulgar, mas não sei como é que isso se faz. No entanto, tenho a certeza de que os seus amigos teriam informado o site se a sua página tivesse continuado a ser utilizada depois da sua morte. – Gylfi verificou os pedidos de amizade que Thóra recebera, mas nenhum deles era de Fridleifur. – Não está aqui, nem nas recomendações dos amigos. Talvez haja algo nos eventos. – Abriu a página das notificações e começou a percorrer a lista, que era extremamente longa. – Não, aqui também não há nada.

– Não é possível procurá-lo? – Thóra tentou, sem sucesso, encontrar no ecrã algo que pertencesse à categoria de «motor de busca».

– Sim, claro. – Gylfi clicou numa janela que dizia «Pesquisar» e escreveu «Fridleifur». Num segundo surgiram os resultados da pesquisa. Doze, ao todo. Em nenhum deles constava o seu apelido. Naquela página também era possível ver os resultados para grupos relacionados, de um modo ou de outro, com o nome em questão. Apareceram cinco, um dos quais chamado *Adeus Derradeiro – Fridleifur.* Tinha cento e trinta e oito membros. – Bingo.

– Vai para esta página. – Thóra teve vontade de agarrar no rato, mas coibiu-se de o fazer, com receio de perder o que já tinham encontrado.

– Tens sorte. – É um grupo aberto, portanto não precisas de pedir a autorização a ninguém para seres membro – explicou Gylfi. – Mas ainda tens de te tornar membro. Queres? – A flecha deteve-se no separador para essa opção.

– Absolutamente. Não há outra maneira de poder ver?

– Não. Tanto quanto sei.

– Tens a certeza de que é uma atitude sensata? – A expressão no rosto de Matthew dava a entender que não estava propriamente contente com a ideia.

– Sim, claro. Que haverá nesse *site* que nos possa preocupar? Clica aí, Gylfi. – Mais uma vez, o ecrã mudou e ficaram todos a ver uma página dedicada à memória de Fridleifur. Thóra pediu a Gylfi para ampliar a fotografia do

vigilante. Não o reconheceu, pois só vira uma fotografia dele morto, depois de o fogo lhe ter destruído por completo as feições. Fridleifur tinha cabelo escuro, a pele avermelhada em volta do queixo, talvez devido a acne de adolescente. Era uma imagem triste, de certo modo; o seu sorriso parecia um pouco fúnebre, como se o rapaz adivinhasse o que lhe estava reservado. Os seus dentes regulares eram visíveis entre os lábios escuros, e tinha um aspeto agradável, sendo até bonito, à sua maneira. Tinha o cabelo encaracolado em desalinho, caindo-lhe sobre a testa e os olhos. A fotografia tinha muito grão, como se tivesse sido ampliada muitas vezes, pelo que era pouco provável que tivessem sido os seus familiares a criar a página.

– Queres trocar de lugar? – Gylfi levantou-se. – Agora já deves saber como hás de proceder; é difícil fazer asneira depois de se entrar. – Matthew ficou com a sua cadeira e Gylfi deixou-os, bocejando. – Chamem-me se tiverem alguma dificuldade.

Segundo as palavras iniciais, a página fora criada para permitir que os amigos de Fridleifur, que morrera demasiado jovem, lhe dissessem adeus uma última vez. Encontrava-se referida a data da sua morte e as pessoas eram encorajadas a expressar os seus pêsames e a partilhar fotografias de Fridleifur. Pedia-se aos membros que adicionassem apenas fotografias de bom gosto e dizia-se explicitamente que qualquer imagem que fosse considerada inapropriada seria removida. Não dizia em nenhum lugar quem era o responsável pela página nem quem a geria.

– Pode-se encontrar de tudo na web – disse Matthew. – Suponho que não seja a vida depois da morte, mas a internet depois da morte…

– Ora, eu acho que esta é uma boa ideia… e se calhar uma parte muito útil do processo de luto. Julgo que seja uma versão moderna de um obituário; talvez seja assim que um dia seremos recordados. – Thóra passou os olhos pelos comentários deixados na página. O comentário mais recente fora introduzido quatro meses antes, mas havia muitas outras entradas.

– Ugh. – Matthew não ficara impressionado com a visão que Thóra tinha do futuro. – Será que estou louco, ou estes comentários são um pouco estranhos?

Thóra anuiu ligeiramente.

– Já muitas vezes te achei louco, mas tens razão, isto não é realmente aquilo que uma pessoa está a espera de ver neste género de página. – A maior parte dos comentários eram sobre bebedeiras e ressacas. Thóra leu-os em voz alta. – «A pensar em ti depois de uma noite louca de bebida… tenho a cabeça a estalar. Quem me dera que estivesses cá!»; «Na sexta parti a moca, pensei muito em ti»; «Fridleifur, camarada, onde é que estavas no fim de semana? Vomitei as tripas, isto não é o mesmo sem ti.» Bem, não sei como é que esta gente nova recorda os amigos que morreram, mas isto é muito estranho. – Continuou a correr os comentários, que se estendiam por várias páginas. – Deve haver aqui algo que o meu misterioso mensageiro quer que eu veja… «Tenho montes de saudades tuas, estou realmente com uma ressaca»; «Saúde, camarada! Bebo um copo à tua!»; «Não se sabe o que temos, a não ser quando o perdemos, apanhei uma *cebedeira do baraças*, a vida sem ti é uma seca, lixa os bons momentos»; «Saudades de ti, nosso herói, sem ti estamos perdidos».

– O que quererão eles dizer? – Matthew observava enquanto Thóra continuava a percorrer os comentários. Eram todos semelhantes. – Será que ele vendia droga?

– O que te faz pensar nisso? – Thóra olhou o ecrã de alto a baixo sem ver nada que a pudesse ajudar; havia apenas inúmeras mensagens sobre festas e mais festas.

– Estou a pensar se o Fridleifur e o outro vigilante afinal estariam a vender acesso aos corpos das duas raparigas, a Lísa e a Ragna. A vendê-lo até aos outros residentes.

– Não, espera um pouco, há aqui demasiada gente a deixar mensagens para que todos fossem ao centro para uma coisa dessas, não é verdade? O esquema não podia envolver tanta gente e, além disso, também há muitas mensagens de mulheres. Acho que não se pode ler isto doutra maneira a não ser esta: ele impedia que os seus amigos bebessem até caírem para o lado, pois parece que toda esta gente apanhou umas valentes bebedeiras depois de ele morrer e lamenta que ele já não esteja vivo para os ajudar.

– A minha interpretação é que os seus amigos simplesmente se embebedaram em memória dele. Talvez ele tivesse sido um grande doido por festas e se desse com gente que passa a vida a beber.

– Isso não faz muito sentido. Como é que uma pessoa doida por festas arranja um trabalho em que fica com o turno da noite aos fins de semana?

– A menos que bebesse no local de trabalho, como desconfiavam que fizesse. Talvez desse festas na residência, ao fim e ao cabo. E só trabalhava lá semana sim, semana não. – Thóra leu os últimos comentários, que também eram os mais antigos, datados de um mês após a morte de Fridleifur. – «Diverte-te com Deus, tenho a certeza de que ele vai ficar feliz por te ver. Uma boa festa no céu!»; «Adeus, Fridleifur, especialista em resolver problemas, tenho saudades tuas, pá.»; «Fridleifur, meu amigo, boa viagem para o céu, quando nos encontrarmos lá, vai ser superfixe.» – Todos os comentários eram dentro do mesmo espírito.

– Não te deste conta se alguma destas pessoas está ligada ao caso?

Thóra abanou a cabeça.

– Se estavam, não dei por isso. Não posso, na verdade, lembrar-me de todos os nomes, mas pelas fotografias parecem ser todos muito novos, por isso duvido que algum deles trabalhasse no centro. À parte o Fridleifur e o Margeir, que tinham à roda de vinte anos, todos os membros do pessoal eram muito mais velhos do que as pessoas que escreveram estes comentários. Também me parece que estes são apenas os seus amigos. Não há nenhum comentário de familiares, tanto quanto eu saiba.

– Sim. Parece-me que tens razão. Achas que o Gylfi ou a Sigga possam conhecer alguém deste grupo? Talvez valha a pena mostrar-lhes as fotografias e os comentários. Talvez consigam perceber por que razão as mensagens são tão estranhas.

– Talvez, mas não acho que estas pessoas sejam estudantes do secundário. E parecem estar mais envolvidos nesse mundo das festas do que o Gylfi e a Sigga, mas nunca se sabe.

Thóra começava a sentir-se mais à vontade a navegar no site e conseguiu com alguma facilidade ordenar os membros do grupo por ordem alfabética, bem

como ver a sua fotografia do perfil e o seu país de origem. Como acabou por perceber, nada disso lhe deu uma grande ajuda, porque todos os membros tinham optado por não partilhar informações ou páginas pessoais com estranhos. No entanto, passou os olhos por toda a lista e reparou em dois nomes familiares: Margeir e Lena. Nenhum deles deixara qualquer comentário. Não era de estranhar que se tivessem associado ao grupo: Margeir era o colega que mais vezes trabalhava com Fridleifur e Lena dissera a Matthew que tinha conhecido o Fridleifur vigilante aquando das suas visitas ao centro.

– Talvez lhe pudesses telefonar e perguntar-lhe sobre isto… – Thóra olhou para Matthew. – Talvez ela saiba o que tudo isto significa, mesmo que não o conhecesse muito bem e não fizesse ideia do que lá se passava durante a noite. Atentou na imagem junto do nome de Margeir, mas não reconheceu o rosto. Ao contrário de Fridleifur, Margeir era loiro e sardento e tinha um ar sério que não se adequava de todo ao seu aspeto.

Matthew franziu as sobrancelhas.

– Não posso dizer que a ideia me agrade muito. Não lhe podias tu telefonar?

– Podia, mas ela parece ter confiança em ti. Porque não queres falar com ela? Pensei que a achavas uma pessoa como deve ser.

– Sem dúvida, mas é demasiado nova, e não me sinto à vontade a falar com ela. Não estou formalmente envolvido na investigação e pode haver mal-entendidos. O que achas que pensaria, por exemplo, o seu pai de um homem de meia-idade que passa a vida a incomodar a filha de vinte anos?

– Não se pode dizer que encontrares-te uma vez com ela num café e telefonares-lhe outra vez seja propriamente assédio. Mas percebo o teu ponto de vista. Vou telefonar-lhe. – Thóra pronunciou estas últimas palavras ligeiramente distraída, dado que a sua atenção agora estava dirigida para o álbum de fotografias da página. – Olha. – Apontou uma fotografia onde se viam três jovens. Thóra ampliou a imagem e viu que se tratava de Fridleifur e Margeir, e entre ambos estava uma rapariga desconhecida, cujo nome não era referido. A rapariga tinha uma saia curta e uns saltos altos que a faziam parecer tão alta como os dois rapazes. Tinha os braços sobre os seus ombros, estando quase

pendurada neles.

Matthew apontou para a fotografia.

– Não foi tirada no centro? Acho que me lembro deste fundo nas filmagens que vimos.

Thóra desviou a sua atenção das pessoas que apareciam na fotografia para o que estava em seu redor.

– Raios me partam! – Atrás daquele trio de personagens viu um quadro branco e um armário de chaves exatamente como os que se encontravam na parede da sala do vigilante noturno. – Bem, bem. Portanto, estavam a fazer uma festa no local de trabalho. Pelo menos, esta rapariga parece estar bastante divertida.

Viram mais algumas fotografias, e embora a maior parte mostrasse Fridleifur noutros locais, em várias delas ele encontrava-se no centro, tanto com Margeir como com outros jovens desconhecidos da mesma idade. Os convidados, em geral, apareciam bem-vestidos. Um ou dois seguravam latas de cerveja na mão. Não havia nenhuma fotografia que demonstrasse que andavam à vontade pelo edifício; na sua maioria, tinham sido tiradas na mesma sala e em nenhuma delas se via algum residente ou visitante mascarado – nem de anjo nem do que quer que fosse.

– Esta é uma das coisas mais estranhas que já vi. – Matthew recostou-se na cadeira.

– Sim, concordo. No entanto, isto explica porque é que a irmã do Fridleifur não me contactou. O Sveinn já tinha dito que ela cheirava a álcool, portanto andava em festas como esta gente, sem dúvida, mas fingia que vinha visitá-lo com os seus amigos para lhe dar uma ajuda. – Thóra continuou a observar as fotografias. – Agora percebo porque é que aquela senhora que vivia na vizinhança me disse que a rua se tornava muito barulhenta aos fins de semana. Também já sabemos por que razão os residentes do centro nem sempre estavam muito contentes; deviam ter dificuldade em dormir, com todo aquele alvoroço, mesmo que isso não acontecesse todas as noites. – Thóra inclinou-se para trás, pensativa. – Para se deslocarem até ao centro, devia lá haver algo que atraísse as

pessoas; o lugar não era propriamente de acesso fácil. Ou o Fridleifur e o Margeir eram realmente populares, ou tinham algo que as pessoas queriam quando saíam para festejar. Uma coisa é certa: o número de candidatos a pai do filho da Lísa é bastante maior do que eu pensava no início.

Capítulo 29

Terça-feira, 19 de janeiro de 2010

THÓRA SENTIA-SE COMO SE OS SEUS PENSAMENTOS lhe andassem para trás e para a frente dentro da cabeça. Por mais que tentasse organizá-los e impor-lhes uma lógica, surgia sempre um pensamento mais forte do que todos os outros: quem lhe enviara a mensagem? Examinou minuciosamente as fotografias na página dedicada à memória de Fridleifur e observou cada rosto, como se cada um deles pudesse conter a resposta à sua pergunta. *Sim, fui eu!* Quem quer que fosse, teria de estar ligado ao caso; pelo que vira nas fotografias, não havia outra explicação possível. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia perceber por que não havia aquela misteriosa personagem de lhe telefonar, simplesmente, para lhe dar uma explicação detalhada do que sabia. Ou era uma pessoa que tinha alguma culpa em tudo o que acontecera, ou era um excêntrico perverso que se divertia à sua custa, dando-lhe apenas umas migalhas de informação.

Diante dela, Thóra tinha uma folha de papel onde rabiscara todas as pistas que descobrira, mas era dececionante saber que de pouco ou nada lhe servia. Claro que devia haver uma explicação simples para os acontecimentos; as coisas não aconteciam por acaso ou graças a uma série de coincidências, mas o

problema consistia, como tantas vezes sucede, em distinguir o trigo do joio. Até isso acontecer, todos os nomes, lugares e testemunhos permaneceriam como um grande emaranhado de informação no qual tudo parecia ter o mesmo valor. Lembrou-se do que lhe dissera o técnico de IT quando viera fazer uma reparação no servidor de internet do escritório. Passara a maior parte do dia a trabalhar e declarara que levaria apenas um instante a corrigir a falha quando a encontrasse; o problema era identificá-la. Talvez devesse chamá-lo. Pedir a opinião de um estranho certamente não era uma estratégia mais louca do que outra qualquer, mesmo que um técnico informático pudesse não ser o estranho mais indicado. Ligou para a extensão do seu sócio, Bragi, mas ele não devia estar no escritório, porque Bella atendeu depois de vários toques. Thóra perguntou-lhe se sabia quando devia Bragi chegar e obteve a resposta de que estava à espera: Bella não fazia a menor ideia e não queria saber disso para nada. Depois de falar com a funcionária do mês, Thóra decidiu tentar contactar Ari. Mais uma vez, ele não atendeu o telefone, o que a irritou ainda mais.

Deu-se conta de que não fazia sentido passar mais tempo a ruminar sobre as notas que tinha rabiscado, por isso começou a pesquisar na internet, na esperança de encontrar mais notícias sobre o homem que fora encontrado morto em Nauthólsvík. A informação que havia era escassa, mas fora confirmado que se tratava de um indivíduo do sexo masculino com vinte e poucos anos, e que a morte não se devera a causas naturais.

A polícia nitidamente queria dizer o menos possível sobre o caso, mas era referido na notícia que ainda estavam a tentar identificar o corpo. Thóra achou aquilo intrigante; regra geral, não levavam tanto tempo a descobrir esse género de coisas. Talvez o defunto, ao fim e ao cabo, fosse um estrangeiro, e só por coincidência o telefone de Margeir tivesse sido encontrado no mesmo local – se é que Thóra acertara nessa parte. Seria absurdo, sim, mas não impossível. O facto de a polícia não a ter contactado, embora ela tivesse telefonado a Margeir dias antes, poderia simplesmente indicar que ele e o seu telemóvel não estavam relacionados com a morte do homem de que falavam os noticiários – ou então a polícia andava atarefada com outras coisas. Desapontada por não encontrar mais

nada sobre o assunto, voltou à página inicial do *website* e viu que uma nova história fora acrescentada enquanto estivera a ler.

No título lia-se «GRAVE AGRESSÃO EM SOGN». Thóra, na verdade, ficou surpreendida por o conflito entre Jósteinn e Jakob não ter sido reportado antes. A história não era longa nem muito detalhada, consistindo numa breve descrição do incidente e dos ferimentos de Jakob. Dizia-se que um funcionário dos Serviços Prisionais não quisera comentar o incidente, tal como o médico de serviço em Sogn. Era feita uma breve referência aos crimes anteriormente cometidos por Jakob e por Jósteinn; nenhum dos dois era mencionado pelo nome, mas dizia-se que um deles padecia de deficiência mental. Era, em boa medida, um relato factual e neutro – à exceção da linha que dizia ter-se tratado de um ato gratuito e invulgarmente agressivo. No entanto, Thóra duvidava que Jósteinn perdesse o sono por causa disso. Leu ainda que a permanência de ambos os homens em Sogn estava em dúvida, devido à possibilidade de novos atos de violência, e ficou particularmente interessada ao saber que a decisão a respeito da sua institucionalização estava em vias de ser concluída. Tal significava que Jakob poderia ter alta do hospital em breve.

Olhou para o relógio. Ainda faltavam duas horas para a reunião marcada com o juiz, respeitante ao divórcio de um casal que finalmente concordara em partilhar igualmente as suas dívidas. Como frequentemente acontecia nesses casos, tinham conseguido restabelecer um relacionamento cortês e talvez acabassem por ficar amigos. Thóra tinha tempo de sobra para dar um salto ao hospital e ver Jakob. Havia uma boa possibilidade de ele ser enviado para Akureyri, a quase 400 quilómetros de Reiquejavique, e, com o tempo que fazia, Thóra tinha todo o interesse em evitar atravessar o país inteiro para falar com ele. Realmente, tinha de ir visitá-lo enquanto estavam à distância de apenas cinco minutos um do outro.

O cheiro estéril das ligaduras de Jakob não se sentia imediatamente, mas ao fim de cerca de uma hora penetrara de tal modo nos sentidos de Thóra que ela tinha a impressão de estar quase a sufocar.

– Não achas que o ar aqui está muito abafado? Posso abrir um pouco a janela? – Olhou, esperançada, para Jakob e apontou as cortinas, que tinham sido corridas para ele poder ver melhor o ecrã do portátil. Thóra trouxera o computador na esperança de que Jakob reconhecesse alguém da página dedicada à memória de Fridleifur.

– Não, não. Tenho frio. – Jakob ajeitou os seus óculos de aros grossos, que não lhe assentavam como devia ser no nariz e estavam sempre a escorregar para baixo. De cada vez que olhava para aqueles óculos, Thóra perguntava-se quando teriam sido comprados e quem teria escolhido aquelas armações. Se tivesse de adivinhar, diria que tinham sido comprados por Tootsie no princípio dos anos 80.

– Okay. Não faz mal. Vamos ver as próximas fotografias? – Thóra sorriu para Jakob, que parecia aliviado por ela não insistir naquela questão da janela. Era justo: ela trazia uma camisola de lã leve mas quente e ele tinha um pijama de manga curta, com o logótipo da Sala de Lavandaria do Hospital Nacional. A sua roupa de cama também era leve, parecendo um cobertor revestido por uma coberta de edredão.

– Ainda bem. Não quero apanhar uma constipação. A Mamã diz que isso é mau quando se está ferido como eu.

– Ela tem razão. – Thóra não pôde impedir-se de sorrir outra vez.

A maneira apaixonada como ele se exprimia era contagiosa e constituía uma mudança revigorante falar com alguém genuinamente interessado em tudo o que ela dizia.

– Bem, reconheces alguém nestas fotografias?

– Mmm, sim. – Jakob aproximou-se do ecrã. – Não. Esse é parecido com aquele ator.

– Sim, um pouco. – Até agora, Jakob não reconhecera ninguém, a não ser os dois vigilantes noturnos, Margeir e Fridleifur. Isso não o impedia de observar cada fotografia com a mesma concentração que tivera com a primeira. – Então e esta? – Thóra selecionou a fotografia seguinte, que fora tirada no centro.

– Sim! – Jakob bateu no ecrã repetidas vezes, com tanta força que a imagem ondulou levemente. Thóra não ousou fazer nada a não ser afastar um pouco o

computador das suas mãos. – O Fridleifur! Outra vez!

– Sim, é ele. Na verdade, não precisamos de pensar mais nele, lembras-te? Nem no Margeir. Se reconheceres mais alguém além destes dois, diz-me.

– Sim, eu sei. – Olhou para Thóra e ficou contente com a sua expressão, talvez porque receasse que ela ficasse dececionada com ele. – Ainda lhe posso perguntar uma coisa?

– Claro.

– Será que agora já posso ir para casa? Fiquei magoado e não quero voltar para Sogn. Acho que devia ir para casa.

– Eu também acho, Jakob. – Thóra não se admirou por ele falar do assunto. – Tenho esperança de que possas voltar, mas não penso que isso vá acontecer muito em breve, infelizmente.

Jakob olhou-a com tristeza.

– O que significa ter esperança? Uma boa esperança? – De repente, o seu rosto abriu-se num sorriso.

– Sim. Significa exatamente isso. Tenho uma boa esperança de que hás de voltar para casa, o que quer dizer que isso vai acontecer um dia. Então alguém há de te chamar e dizer: «Eh, Jakob! Sabes uma coisa? Podes ir para casa hoje!» – Thóra pousou a palma da sua mão sobre as costas da mão áspera de Jakob. – Mas não vai ser hoje. Nem amanhã. Mais tarde. Espero bem.

Jakob anuiu e novamente os seus óculos lhe escorregaram até à ponta do nariz. Voltou a pô-los no lugar, com ar cansado. As suas feridas ainda não tinham sarado, e por forma a ver o ecrã, tinha de se apoiar no cotovelo sobre na cama.

– Se calhar, posso ver mais fotografias?

– Claro que sim. – Thóra selecionou a imagem seguinte. Nela apareciam Fridleifur, Margeir e um homem desconhecido que fazia caretas para a máquina fotográfica, com a língua de fora entre os indicadores e os dedos mínimos espetados. Thóra já vira numerosas fotografias dos seus próprios filhos a fazer caretas semelhantes. Não fazia a menor ideia do que é que aquilo tinha de engraçado, mas sentia-se grata por uma pose tão ridícula como aquela não ter

sido popular na sua juventude.

Jakob riu um bocadinho ao ver a fotografia.

– Coisa parva. – Tentou imitar a careta, mas não teve muito sucesso.

– Concordo.

Jakob enxugou os dedos molhados e virou-se para o ecrã.

– Eh, conheço esta rapariga.

Thóra inclinou-se para ver de mais perto. Julgara que naquela fotografia apareciam três homens, mas podia ter-se enganado, pelo que o convidado do vigilante talvez fosse uma jovem. Contudo, não era esse o caso, como se tornava óbvio pela pequena pera do homem desconhecido que estava entre Fridleifur e Margeir.

– Referes-te a este homem? O Fridleifur?

– Não. Já deixámos de o procurar, não se lembra? Estou a falar desta. – Não estava a apontar para um dos personagens do trio, mas antes para uma pessoa que surgia ao fundo e em que Thóra não reparara.

Thóra inclinou-se ainda mais para o ecrã e viu que se tratava de uma jovem de perfil.

– Quem é esta rapariga, Jakob?

– É a amiga do Fridleifur. – Fez um grande sorriso, muito contente consigo mesmo.

– Sabes o nome dela?

O sorriso desapareceu.

– Não me lembro. – Ficou agitado e contorceu-se na cama.

– Mas viste-a no lar? Quando ia visitar o Fridleifur, talvez?

– Não, não. – Jakob ajeitou os óculos, apertando-os tanto contra a cara que a parte de cima do seu nariz ficou mais branca.

– Portanto, não a viste no centro? – Thóra pensou que ele devia estar a confundi-la com outra pessoa.

– Sim, ela estava lá. Mas não ia visitar o Fridleifur. Era só amiga dele. Ela ia visitar o seu irmão, o Tryggvi.

De repente, o cheiro a desinfetante pareceu dissipar-se e Thóra,

instintivamente, sentou-se com as costas muito direitas.

– A Lena?

Jakob bateu a sua mão com força na cama.

– Exatamente!

Thóra escondeu a cara entre as mãos, debruçada sobre a mesma folha de papel escrevinhada que deixara sobre a secretária antes de ir visitar Jakob. Matthew estava estendido no sofá que adotara como seu no escritório.

– O que se passa? – Ajeitou a almofada bordada que colocara debaixo da cabeça. – É uma coisa boa, não? Agora tens uma testemunha que pode revelar o que lá se passava… Embora não me consigas convencer a falar com ela outra vez.

Thóra suspirou.

– Fico contente por saber que há alguém que está feliz. – Olhou para ele. – Vou falar com ela. Não é esse o problema. Só estou a tentar perceber o que é que isto significa. Ela estava ali numa visita normal, enquanto amiga do Fridleifur, ou estava ali para obter… ou para fazer… o que quer que tornasse aquele lugar tão apetecível a altas horas da noite, como sugerem as fotografias?

– De certeza que ela te poderá dar uma resposta.

– Provavelmente. Mas há ainda outra coisa que me incomoda.

– Ah sim? – Matthew fechara os olhos. Tinha passado pelo escritório de Thóra ao regressar do ginásio, porque sabia que a sua reunião com o juiz já teria terminado. Na verdade, demorara menos do que o previsto: o casal separado estava demasiado deprimido para chegar a grandes compromissos, dado que a sua dívida era volumosa; ainda assim, planeavam partilhar os encargos.

– Não sei, talvez eu devesse ter contactado a polícia.

– Por causa da fotografia da Lena? – perguntou Matthew, surpreendido.

– Não, não é isso. Vou falar com ela primeiro. Se conseguir algo daí, espero poder apresentar em breve o pedido formal de reabertura do caso. Faço votos de que ela também saiba, ou pelo menos suspeite, de alguém que possa ter violado a Lísa. Desse modo poderei começar a reunir todos os elementos para formular

uma hipótese sobre o que terá acontecido naquela residência.

– Então, porque estás a pensar na polícia?

– Precisamente por causa da Lísa. – Thóra virou o ecrã do computador para Matthew. – E se estiver uma fotografia desse homem neste site? Também poderiam fazer uso dela para investigarem a violação. – Thóra viu que ele não tinha percebido o que ela lhe queria dizer. – Vamos deixar a Ragna ver as fotografias, percebes? Mostrar-lhas, uma por uma.

– Não és obrigada a dizer isso à polícia? Parece-me evidente que sim.

– Claro que sim, mas estou preocupada, porque acho que eles não me vão dizer o resultado, e então a oportunidade de ajudar o Jakob, descobrindo quem realmente ateou o incêndio, deixará de estar nas minhas mãos.

– Se eles descobrissem algo desse modo, não te iam esconder os resultados, pois não? Transmitir-te-iam a informação.

– Não necessariamente. Já investigaram o que se passou com a Lísa, por isso é natural que tenham relutância em reabrir a investigação. A Ragna não pode ser considerada uma vítima normal e não é, de todo, claro se ela quereria apresentar queixa ou comunicar com a polícia.

– Telefona à polícia. Depois visitas a Ragna e perguntas-lhe o que é que ela lhes contou. Ela sabe que estás a tentar ajudar o Jakob, por isso não vai tentar esconder nada de ti.

Thóra pegou no telefone. Às vezes era melhor andar para a frente. Marcou o número de telefone da esquadra da polícia e pediu para falar com a mesma pessoa com quem antes falara. Passou algum tempo antes de a sua voz surgir na linha. Não parecia propriamente encantado por voltar a ouvi-la e era óbvio que estava à espera que ela quisesse obter informação relativamente ao telefone de Margeir. Thóra sabia, no entanto, que tal seria uma perda de tempo, e em vez disso foi direta ao assunto, tanto quanto lhe era possível num caso tão difícil de expor. Era, na verdade, bastante complicado explicar que a residência para deficientes que ardera no meio do nada fora outrora um antro de festas, e que numa página do Facebook dedicada à memória de uma das pessoas que lá tinham morrido, encontrariam, provavelmente, fotografias de um homem que

tinha o hábito de violar raparigas paralisadas.

A resposta que obteve era provavelmente um reflexo de como tudo aquilo parecia bizarro.

– Sabe, estou bastante atarefado com algo neste momento, portanto não posso prometer nada. Se bem a entendi, essa rapariga não irá a lado nenhum em breve, e por isso não me parece que haja grande urgência. Mas tomei nota do que me disse e hei de dar uma vista de olhos, quando as coisas amainarem. Duvido que ainda seja durante esta semana, o mais certo é que seja na próxima.

Thóra desligou e virou-se para Matthew.

– Anda, temos de passar pela florista. Vamos ao hospital. O Jakob não pode ficar à espera que a polícia tenha tempo para isto.

No sofá, Matthew suspirou profundamente.

Capítulo 30

Terça-feira, 19 de janeiro de 2010

JÓSTEINN EXTRAIU O PROCESSADOR DE UM COMPUTADOR que tinha posto de parte e colocou-o sobre uma bandeja de plástico. As luvas de plástico faziam-lhe suar as mãos, e estava morto por descalçá-las e começar a coçar-se até a camada superficial da pele se dissolver em pequenas partículas, que depois poderia atirar do tampo da mesa para o caixote de lixo. Aquele caixote de lixo, de uma cor verde asquerosa, irritava-o desde que há alguns anos conseguira obter acesso a esta sala. Há muito que deixara de contar os anos já passados em Sogn; podia muito bem ser um número igual ao das estrelas no céu. Se os contasse, as coisas talvez lhe parecessem diferentes, mas ali permaneceria até esticar o pernil, ou até ficar tão velho e decrépito que as autoridades o julgassem incapaz de perpetrar mais crimes. Nenhum desses possíveis futuros era do seu agrado, mas isso não lhe tirava o sono; era ali que tinha os seus computadores, e percebia-os muito melhor do que às pessoas, que de outra forma lhe criariam obstáculos no mundo lá fora.

O seu calcanhar de Aquiles sempre fora o facto de não compreender as outras pessoas. O psiquiatra que avaliara o seu estado mental para o tribunal

afirmara que Jósteinn tinha todos os sintomas típicos de um sociopata – uma pessoa desprovida de ética porque não é capaz de aprender com os erros passados ou com a experiência e que, portanto, é dominada quase exclusivamente por impulsos antissociais. O arrependimento, disse o mesmo médico, não existia para ele. Esse diagnóstico era absolutamente correto; Jósteinn não se arrependia de nada do que fizera no passado, a não ser, talvez, de não o ter escondido melhor da polícia, por forma a usufruir de mais tempo antes de ser apanhado. Então teria criado mais memórias com as quais se consolar. Nada teria mudado se tivesse ferido ou abusado de mais pessoas – seja como for, nunca poderia cumprir mais do que uma sentença de prisão perpétua.

Teria sido fácil enganar o médico; sabia como parecer normal, embora as emoções lhe fossem completamente estranhas – bem, todas exceto a ira, que conhecia intimamente. Em criança, aprendera com a experiência, e exercitara-se a sorrir quando as pessoas tentavam ser engraçadas, ou a adotar uma expressão triste quando se queixavam. O problema era que tinha tendência para exagerar as emoções, o que deixava os outros pouco à vontade. Podia ter tentado esquivar-se a um diagnóstico correto, por forma a receber uma sentença convencional, que teria sido mais curta, mas tornara-se tão indiferente ao seu próprio sofrimento como ao dos outros. Talvez tivessem sido todos os rostos com que fora forçado a confrontar-se, quando representava o papel da pessoa normal que ia trabalhar de manhã, todos os dias da semana durante o ano inteiro. Cada instante em que olhava um colega nos olhos, na sua oficina de computadores, era uma tortura, mas tivera de sorrir e suportar tudo isso por forma a não levantar suspeitas. O trabalho convinha-lhe na perfeição; tinha vivido e respirado computadores desde a sua adolescência e para isso não precisava de muita interação humana. Certamente, teria desistido e sido preso mais cedo se no seu local de trabalho estivesse mais ocupado. Atormentar outras pessoas enfraquecera-lhe aos poucos o instinto de sobrevivência que o mantivera sob o radar das autoridades, e levara-o a deixar escapar comentários sobre as imagens. Já não se lembrava de quando essa aversão por olhar as pessoas nos olhos se manifestara pela primeira vez; crescera, simplesmente, pouco a pouco, sem que se apercebesse, até que,

por fim, precisava de todas as suas forças para olhar alguém, por um instante que fosse, de olhos nos olhos.

– O jantar está pronto. – A porta atrás dele abrira-se e à entrada estava um guarda de cujo nome Jósteinn nunca se lembrava. – Arrume as suas coisas; pode ser que não o autorizem a continuar depois do jantar.

– Porque não? – Jósteinn ergueu o processador sob a luz. Por vezes conseguia recuperar partes de máquinas consideradas sem préstimo, mas desta vez, infelizmente, não era o caso. Precisava de um processador para o computador que estava a construir. Pois bem… os zés-ninguéns que ficavam com os seus computadores reconstruídos teriam de esperar um pouco mais.

– Estamos à espera de um homem dos Serviços Prisionais que precisa de falar consigo sobre algo. Talvez sobre o incidente com o Jakob. – O guarda encostou-se à ombreira da porta, com os braços cruzados sobre o peito. – Despache-se.

– Já ouviu dizer se vamos ter mais computadores? Tem piada como já não se deita tanta coisa fora, agora que estamos em recessão. Acha que estão a poupar muito dinheiro dessa maneira?

– Toca a andar, Jósteinn, ou faço queixa de si. Está a um passo de perder este trabalho.

– Ótimo. – Esta era uma das vantagens de ser diagnosticado como um sociopata; tornava-se óbvio para os que tomavam conta dele que não se importava de ser punido. Então, tal como desconfiara, a sua situação não tinha mudado desde que atacara Jakob. Continuava a reconstruir computadores e cada dia era como o dia anterior, que por sua vez era como o que o precedera, e por aí afora. Sem dúvida, haveria consequências, mas não teriam qualquer significado e seriam uma mera formalidade. Pousou o processador sobre a mesa e levantou-se. O cheiro a comida que vinha da cozinha seguira o guarda até à pequena oficina. A fome era uma sensação física e não estava ligada ao seu estado de espírito, o que significava que a sentia como qualquer ser humano. Nem todos os aspetos da humanidade tinham sido postos de parte quando fora criado. – O que é o jantar?

– Guisado de borrego. Mesmo bom para este tempo. Se não se despachar, a carne vai desaparecer. Hoje está toda a gente esfomeada desde o almoço. – O almoço consistira num prato vegetariano, que fora a primeira tentativa do cozinheiro de Sogn no sentido de preparar ementas mais saudáveis. A massa espessa e insípida ficara quase intacta nos pratos, quando os reclusos saíram do refeitório, amargamente dececionados. Todos à exceção de Jósteinn, que saíra de lá tão esfomeado como os outros, mas também muito satisfeito. A fome fora para ele uma diversão. Contudo, agora estava farto de a sentir, e de boa vontade atacaria o jantar. Desde que agredira Jakob, tinha de ficar sentado sozinho a uma mesa, longe dos outros reclusos, o que lhe convinha muito. Levantou-se, satisfeito com a ideia de comer sem ser perturbado pela tagarelice oca daqueles idiotas.

– Porque não apaga a luz? Sabe que tem de o fazer antes de sair daqui. – O guarda apontou o seu queixo maciço para o candeeiro *Luxo* que estava aparafusado à mesa de trabalho.

– Desconfio que vou voltar. – Jósteinn sorriu para o chão. – Não é provável que venha alguém em missão oficial a esta hora da noite e você não vai gostar que eu fique sentado com os outros na sala de estar. Pois não? – O silêncio do guarda foi eloquente e Jósteinn sorriu com ironia. – Acho que ambos sabemos que vou voltar mais tarde.

O guarda nem se deu ao trabalho de protestar. Eram ambos homens inteligentes e não fazia sentido argumentar em defesa de uma causa perdida; toda a gente sabia que Jósteinn estava autorizado a estar ali sempre que quisesse. Mesmo de noite. Quem tentasse impedir Jósteinn de realizar aquilo a que ele chamava seu trabalho estava a travar uma batalha perdida; o garfo cravado na testa de Jakob ainda estava demasiado fresco no espírito dos guardas para que o deixassem sem vigilância na companhia dos outros. Era mais fácil permitir-lhe que se ocupasse na sua pequena oficina. E isso era precisamente o que convinha a Jósteinn, que só lamentava não ter pensado mais cedo em fazer algo semelhante. Resolveu repetir a mesma tática logo que o pessoal estivesse menos atento. Agora tudo era como devia ser: tinha tudo sob controlo e podia usar

aquela advogada para espicaçar o idiota do Ari. Tudo corria conforme planeado, e aquele simplório do Jakob acabaria por obter aquilo que queria. Seria bom para ele, e não tinha o menor significado para Jósteinn.

– Vai ser ótimo poder enfiar o dente num pouco de carne – disse ao guarda, quando passava por ele a caminho do corredor. A sua voz não manifestava nem alegria nem esperança. No entanto, há anos que não se sentia tão bem. Não era a vida uma coisa maravilhosa?

Ari sentou-se no seu escritório e olhou para o atendedor de chamadas, que piscava a indicar que tinha mensagens à sua espera. No pequeno ecrã ao lado da luz via-se o número dezassete. Claro que era um bom número de chamadas não atendidas, mas estava longe de bater o recorde daquele aparelho. Ari já percorrera quase todos os números, a maior parte dos quais também ficara registada no seu telemóvel. De facto, os amigos e conhecidos desistiam de o contactar quando ignorava duas chamadas seguidas. Viam logo que o vento não estava de feição. Outros, que não o conheciam tão bem, eram mais otimistas. A advogada, por exemplo, essa Thóra que estava a trabalhar na reabertura do caso de Jakob, telefonara-lhe cinco vezes para o escritório e outras tantas para o telemóvel. Teria de inventar uma história qualquer para a tranquilizar, algo que explicasse porque não respondera aos seus telefonemas durante dias. Dificilmente lhe poderia contar a verdade, mas era bastante agradável saber que ainda havia advogados que não sabiam como ele era.

Apesar de tudo, a culpa era toda dela. Aquela investigação sobre o caso de Jakob bem que o preocupara, corroendo o seu autocontrolo, como ácido, e empurrando-o direitinho para as cartas. Resolvera afastar-se delas algum tempo antes, *não* por lhe ter sido diagnosticada uma dependência do jogo – isso fora um tremendo exagero –, mas porque tinha azar. Perdia mais do que ganhava – perdia sempre, de facto – e por alguma razão incompreensível essa falta de sorte fora interpretada como uma dependência. Claro que chegaria o seu dia. Não era preciso saber muito sobre probabilidades para perceber que um ganho enorme estava no horizonte. Ele merecia-o. Embora se lembrasse apenas das primeiras

breves horas daquele delírio de jogos, calculava que tudo se passara como de costume: decidira jogara um pouco na internet, de noite, e antes de se dar conta a noite terminara e todo o dinheiro que ao princípio ganhara tinha-se desvanecido, e ainda muito mais para além desse. Agora, ficava a dormir durante a maior parte do dia. Quando, por fim, conseguia arrancar-se da cama, tentava compensar as perdas do dia anterior. E então era outra vez de manhã, e de novo cedia ao cansaço, vendo o jackpot cada vez mais longe. E então as cartas deixavam de funcionar. De vez em quando, tinha uns pequenos ganhos que apenas muito vagamente compensavam as grandes perdas, e ao fim de quatro noites estava na bancarrota.

Ari nem queria pensar na conta do cartão de crédito; nunca ousara somar as despesas de todos os seus cartões. Achava que a melhor abordagem era ignorar os extratos por abrir, depois contactar as entidades credoras e congelar as suas contas, uma por uma, enquanto entrava em negociações para o autorizarem a fazer pagamentos mensais até a dívida estar saldada. Este plano de pagamento era demorado, e após a queda da coroa islandesa, o limite dos cartões de crédito aumentara ainda mais rapidamente do que antes. O estado miserável das taxas de câmbio era precisamente o que agora tornava os casinos da internet tão interessantes: as apostas atingiam patamares muito mais elevados do que antes.

Já terminara a sua pasta de dentes há algum tempo e agora tinha de lavar os dentes só com água, o que obviamente não era tão eficaz. Esfregava-os vigorosamente, na esperança de se livrar do mau hálito, mas continuava com o mesmo mau cheiro. As poucas coroas islandesas que tinha na conta da firma seriam suficientes para comprar comida e um tubo de pasta de dentes, até conseguir pagar algumas das suas contas pendentes. Seria melhor fazê-lo com brevidade; tencionava verificar o estado da sua conta bancária através da internet, mas esquecera-se do código de acesso em casa, depois de ter tentado transferir alguns fundos para uma das suas contas de crédito, na esperança de poder utilizar o cartão de novo. Mas acontecia que tinha muito pouco para transferir e, de qualquer modo, uma senhora da companhia credora dissera-lhe que a operação levaria vinte e quatro horas a ficar concluída. Era demasiado

tempo para ficar à espera da Dama Sorte – que raras vezes o visitava, e sempre por um breve período de tempo. Assim, o jackpot voltara a fugir-lhe das mãos. Embora se sentisse frustrado, nem isso nem as perdas dos últimos dias constituíam a sua principal preocupação. Devia telefonar a Thóra ou deixar as coisas como estavam? A depressão de que sempre sofrera estava agora no auge, e Ari não poderia aguentar a mínima má notícia.

Que lhe queria ela? Certamente, não seriam mais documentos, e também não devia querer conselhos. Não, devia ter alguma pergunta para lhe fazer, algo de difícil resposta; por exemplo, porque não preparara uma defesa adequada no caso de Jakob. Não era preciso estudar a fundo os documentos para perceber que não defendera Jakob com a devida diligência. Não queria argumentar palavra a palavra o caso com aquela vaca presumida. No seu lugar, ela não teria feito muito melhor; não era fácil permanecer-se concentrado quando a nossa vida se desfaz aos pedaços. Era certo que ele tinha tendência para cometer erros em tribunal, mas isso podia ser atribuído a circunstâncias de *force majeure*, circunstâncias que escapavam ao seu controlo e que o impediam de cumprir as obrigações para com o seu cliente. Neste caso, não se tratara de um desastre natural, mas de uma guerra, uma batalha tremenda que se travara na sua vida privada. A sua mulher deixara-o. Cansara-se do pequeno apartamento que tinha substituído a elegante casa de família que ele perdera ao jogo, e todas as suas tentativas de a persuadir a regressar tinham redundado em nada. Ari precisara de toda a sua energia mental para lidar com ela, e quando assumira a defesa de Jakob, não lhe restava nenhuma. Claro que podia ter recusado o caso, mas precisava realmente do dinheiro – e também achara difícil recusar esse favor. Convencera-se de que seria dinheiro fácil, porque o caso iria progredir rapidamente no sistema judiciário; primeiro, porque as autoridades queriam encerrar o caso o mais rapidamente possível, para evitar que se prolongasse o circo dos média, e, em segundo lugar, por causa da deficiência do acusado – ninguém sabia o que fazer com ele enquanto o processo estava em tribunal.

Assim, por que não havia de aceitar o caso e de tentar fazer o melhor que podia, dadas as circunstâncias? Não que o seu cliente tivesse cabeça para se

queixar. Também era certo que não o ajudara, pondo-se a debitar aqueles disparates sobre anjos e malas e todas aquelas tretas que não tinham qualquer utilidade quando se tratava de construir uma defesa. De qualquer modo, toda a gente adivinhara o veredito: culpado, embora criminalmente inimputável. Os juízes não precisavam de ser alimentados à colher; bastava-lhes olhar para o réu. Tinha confessado, depois retirara a sua confissão, claro, à sua maneira, e depois voltara a confessar. Não fazia sentido deixar as coisas arrastarem-se, e era injusto olhar apenas para os documentos do tribunal quando se considerava o caso no seu todo. Também não se podia dizer que o desempenho do Procurador Público tivesse sido melhor. Toda a gente se apressara nas audiências, dado que não havia razão para prolongar o sofrimento do pobre homem, que permanecera de olhos esbugalhados, cheio de medo, durante todo o julgamento.

Lembrar-se disto ajudou-o a ganhar coragem, e então pegou no telefone. Uma pessoa devia confrontar-se com os seus demónios. Marcou o número de Thóra sem hesitar, mas ao segundo toque também pensou que era melhor fugir dos demónios a toda a velocidade. Nesse momento, Thóra atendeu o telefone e ele gaguejou:

– Sim, sou o Ari. Estive a ver que tem tentado contactar comigo.

– Sim, olá. – Thóra parecia surpreendida e dava a impressão de estar num carro.

– Está a conduzir? Talvez seja melhor ligar-lhe mais logo.

– Não, não há problema. Tenho tentado falar consigo, e não estou ao volante.

– Queria alguma coisa em particular?

– Sim, queria. Encontrei algo que me surpreendeu e precisava de falar a esse respeito consigo, para ver se será capaz de mo explicar.

– Ah sim? – Ari sentiu as palmas das mãos a começar a suar.

– Bem, na verdade são duas coisas. Uma delas consiste no facto de ser parente do pai de uma das vítimas do incêndio: Einvardur Tryggvason.

Ari não disse nada, mas apertou os olhos com força e passou a língua pelos seus lábios secos.

– Sim, somos parentes afastados. Isso não teve influência em nada.

– Informou o juiz desse facto? Ou o Jakob? Não vi nenhuma nota sobre isso em parte alguma.

– Uh, provavelmente. – Ari engoliu em seco; de repente ficara com a boca seca. – Sim, acho que informei.

– Certo. – Agora era a vez de Thóra permanecer em silêncio durante um momento. – Então, provavelmente, hei de encontrar essa nota nos documentos do Tribunal Distrital. Certamente que se lembra que, de acordo com o Artigo 9º do Código de Ética da Ordem de Advogados da Islândia, está obrigado a informar o seu cliente de qualquer dado que possa influenciar o seu relacionamento com a parte contrária. O artigo refere-se especificamente ao parentesco. O mesmo está referenciado no Artigo 33º das Atas de Tratamento de Processos Criminais. Quarto parágrafo, se quiser ver.

– Sim, sim. Depois confirmo-lhe. De certeza que o fiz, acho. – Ari pigarreou. – Qual era a outra coisa que me queria perguntar?

Thóra nem por um segundo acreditou que ele estivesse a falar verdade, mas não havia necessidade de forçá-lo a confessar, pois seria fácil demonstrar que estava a mentir consultando o processo no Tribunal Distrital.

– Bem, a pessoa que me está a pagar para fazer esta investigação também é, ao que parece, um velho cliente seu. Estou um bocadinho surpreendida por não ter mencionado isto quando falámos no outro dia. Chama-se Jósteinn Karlsson, para o caso de se ter esquecido. Também sei que o Ari é o seu supervisor, pelo que deve fazer uma ideia de quem é o sujeito.

Porra, então não havia de fazer.

– Pensei que isso não tinha importância – cortou. – O que a leva a pensar que há algo de suspeito nisto? A Islândia é um país com pouca gente, como sabe, e nesta nossa profissão somos apenas uns quantos. – A sua sorte ainda poderia piorar? De todos os casos da sua longa carreira, o de Jakob era justamente aquele para o qual menos queria ser arrastado outra vez.

– Estive com o Karlsson, como é evidente, e devo dizer-lhe que ele insinuou que a razão por que quis iniciar esta investigação era criar-lhe problemas a si.

– Isso é estranho – retorquiu Ari. – Ninguém mais do que eu ficaria contente

se houvesse novas provas demonstrando a inocência do Jakob. Mas não me surpreende que o Jósteinn esteja irritado comigo. As pessoas que ficam insatisfeitas com a sua sentença tendem a culpar os advogados, como certamente sabe. Parece que nunca lhes ocorre que talvez sejam, pelo menos em parte, responsáveis pelo desfecho do seu caso.

– Talvez. – Thóra não estava convencida. – Portanto, ele não tinha contas a ajustar consigo?

– Não. – Ari achou que o seu tom de voz não fora muito convincente, por isso repetiu: – Não. – Mas da segunda vez a sua resposta soou tão oca como da primeira.

– Se eu precisar de voltar a contactá-lo, qual é a melhor altura para falar consigo?

– Mmm, da parte da tarde.

– Ótimo. Obrigada pelas suas informações. É provável que volte a ligar-lhe em breve.

– Certo. – Ari tentou o seu melhor para parecer descontraído, mas não conseguiu encontrar o tom de voz adequado. Ao despedir-se, tinha as palmas das mãos tão suadas como no início da conversa. Mas, afinal, que lhe passara pela cabeça para falar àquela mulher?

Thóra enfiou o telemóvel na mala e olhou para Matthew, que estava ao volante. Desciam a rua em direção a casa.

– Era o Ari, o advogado. Estou capaz de apostar que meteu os pés pelas mãos no caso do Jakob. – Thóra fechou a mala. – Estou em pulgas por ler outra vez os documentos do tribunal.

– Okay. – Matthew estacionou junto do carro dos pais de Thóra. – E eu que estava a pensar que tínhamos tempo para um jogo de computador.

Capítulo 31

Quarta-feira, 20 de janeiro de 2010

O MONITOR ESTAVA A COMEÇAR A TREMULAR. De facto, já estava na altura de o substituir, embora Thóra não gostasse nada dessa ideia, dado que tudo se tornara muito caro. O ideal seria que aquele inútil pedaço de lixo durasse ainda os meses ou anos que a coroa islandesa levasse a recuperar, mas Thóra não podia contar com isso. Podia, evidentemente, tentar comprar um monitor em segunda mão, mas não sabia onde é que havia esse tipo de loja em Reiquejavique. A menos que comprasse um a Jósteinn… Nem pensar, disse para consigo, estremecendo; antes comprar um novo do que fazer negócio com alguém por quem sentia repugnância. A tolerância que sentia em relação a ele diminuíra assim que tomara conhecimento dos pormenores dos seus crimes.

Thóra desligou o monitor e foi até à receção para beber um café. Não se apressou, visto que era só café instantâneo. Tinha os olhos a arder, pois na véspera ficara até tarde a estudar os documentos do tribunal e outros ficheiros do caso de Jósteinn. A certa altura, parara de ler e fora passar algum tempo com a família, o que também implicara dar uma ajuda a Sóley numa redação em inglês, que devia ser alegre e autobiográfica. Era óbvio que a sua filha se sentia

extremamente feliz por agora estarem todos a viver juntos, porque a lista dos membros da família e as descrições que deles fazia enchiam várias linhas. Thóra também reparou, com interesse, que o gato fora o primeiro a ser nomeado. Sóley acrescentara, em seguida, que tinha pai fim de semana sim, fim de semana não, mas que ele agora tinha uma nova mulher, que era mais jovem do que a mãe. Thóra optou por deixar Sóley escrever o que ela queria, embora se sentisse muito tentada a convencê-la de que em inglês «younger» também se podia escrevia «uglier». A redação continuava no mesmo estilo até as duas páginas obrigatórias estarem preenchidas. Por essa altura, Thóra já perdera todo o interesse em analisar o veredito do caso de Jósteinn, e deu-se ao luxo de não pensar nele nem em Jakob durante o resto da noite.

– Não há café? – Thóra estava diante da chaleira, com uma chávena vazia e um frasco de *Nescafé* também vazio. – Será que tenho de beber chá? Podia ter-nos avisado! Eu podia ter dado um salto à loja ontem à tarde ou hoje de manhã.

– O café não acabou ontem à tarde. Acabei-o esta manhã. – Bella continuava a olhar para o seu monitor e o som que chegava do computador sugeria que estava a ver um vídeo no YouTube. Foi o próprio monitor que fez Thóra parar por um instante e morder a língua. Era exatamente igual ao seu velho monitor e da mesma idade. Satisfeita consigo, caminhou em silêncio pelo corredor do escritório, ainda com a chávena na mão, determinada a substituir o seu ecrã pelo de Bella, logo que a secretária fosse para casa. Ainda sorria quando passou à porta do gabinete de Bragi.

– Muito trabalho, pelo que vejo. – Apontou com a cabeça as pilhas de papéis que o rodeavam. Bragi era extremamente meticuloso a fazer cópias e a guardar ficheiros, e não se deixava persuadir a deitar nada fora. Thóra já por várias vezes lhe sugerira que mandasse Bella digitalizar os documentos mais antigos e guardá-los em arquivos digitais, por forma a simplificar o seu armazenamento, e recebera sempre a mesma resposta: iria ponderar sobre o assunto. Todavia, Thóra nunca descobrira a que conclusão ele chegara. Não voltara a maçá-lo com isso; a enorme probabilidade de Bella arranjar uma confusão dos diabos com a digitalização tornava difícil insistir na ideia.

– Neste ramo dos divórcios, não há mãos a medir... Aqui a crise provocou um abanão muito mais forte do que no setor financeiro. – Acabou de escrever algo antes de olhar para ela. – Mas como é que vai o seu caso? Passei pelo seu gabinete ontem e não estava lá.

– Ah. – Thóra entrou e sentou-se. – Deve ter sido quando fui ao Hospital Nacional. Tive uma conversa muito útil lá, tanto com o Jakob como com uma rapariga que passou uns tempos no lar. Até já avancei um pouco na petição de reabertura do caso. Está tudo a começar a fazer sentido, pouco a pouco.

– Como acha que vai correr?

– Bem, penso que estou a um passo de conseguir demonstrar que as provas não foram tratadas corretamente. Tenho vindo a descobrir cada vez mais informação que nunca foi levada em conta. Realmente, não percebo por que razão despacharam o caso. A defesa foi desastrosa, e não apenas por causa do mau desempenho do advogado. Mas está tudo a encaminhar-se e é importante que eu não estrague tudo pondo elementos a mais no relatório. – Thóra pousou a sua chávena na secretária. – Na verdade, já teria avançado mais se tivesse começado por examinar o caso do homem que está a financiar esta investigação. Acontece que o idiota que defendeu o Jakob também é advogado do Jósteinn, e suspeito que o Jósteinn tem umas contas a ajustar. E ainda há mais. Ao que parece, este advogado é parente de um dos rapazes que morreram no incêndio. Tenho a certeza de que não revelou este dado ao Jakob, muito menos ao juiz, embora diga que o fez. Já enviei um pedido de esclarecimento ao Supremo Tribunal e disseram-me que esse dado não consta do processo, nem lá, nem no Tribunal Distrital. – A mãe do Jakob também não se lembra de ele lhe ter falado no assunto, e devia tê-lo feito, sendo ela a sua tutora legal.

– Que sorte. – Bragi pegou na chávena de Thóra e espreitou lá para dentro. Estava com esperança que ela tivesse descoberto café.

Thóra abanou a cabeça.

– Infelizmente, não. Trato disso mais tarde; tenho de passar pelo supermercado a caminho de casa, de qualquer modo. – Levantou-se para sair. – Estava a pensar pedir-lhe um pequeno favor.

– Certamente. – Bragi abriu os braços, pronto a ouvi-la. – De que se trata?

– Talvez conheça a pessoa que foi o delegado do Ministério Público no caso do Jósteinn; lembro-me que era alguém da sua idade. – Disse a Bragi o nome do delegado e ele afirmou conhecê-lo bem. – Estava a pensar que talvez pudesse telefonar-lhe e falar um pouco com ele sobre isto.

– Está bem. Mas em relação a que aspetos, concretamente?

– Os documentos não dizem de forma clara como é que a polícia descobriu as fotografias que determinaram, em larga medida, a condenação do Jósteinn. No meu entender, a polícia recebeu uma dica anónima sobre o lugar onde podiam encontrá-los, quando o Jósteinn estava em prisão preventiva. Tinha havido uma busca ao seu apartamento, mas não descobriram nenhumas fotografias. É provável que a polícia ou o delegado do Ministério Público soubesse ou desconfiasse de quem tinha sido a fonte, embora nada disso tenha sido dito durante o julgamento ou no veredito. O Jósteinn é um verdadeiro solitário, por isso não creio que tivesse um cúmplice ou um amigo que soubesse das fotografias.

– Então, quem poderá ter dado essa pista?

– Não faço ideia. Mas estranho que o Ari, o advogado do Jósteinn, tenha prestado tão pouca atenção a este pormenor; podia, pelo menos, ter referido que não havia a certeza de que as fotografias fossem mesmo do réu. O Jósteinn não aparece em nenhuma das imagens, embora as suas impressões digitais tenham sido encontradas em várias delas. Não quero ser mal interpretada, não estou a dizer que ele não seja culpado; pergunto-me apenas se terá sido esta falha na sua defesa que deixou o Jósteinn ressentido com o seu advogado… que acabou por ser o seu supervisor, afinal. – Thóra encaminhou-se para a porta. – Não se trata de um pormenor decisivo. Só gostaria de saber o que anda o homem a tramar.

– Não há problema. Vou ver o que consigo descobrir. – Bragi procurou uma agenda telefónica numa das gavetas da sua secretária, mas a gaveta estava tão cheia que teve dificuldade em tirar o que queria.

– Nunca pensou em usar o ja.is? – perguntou Thóra, da porta. Ele abanou a cabeça e abriu a sua agenda volumosa, e bem antiga.

O relatório já tinha quatro páginas; embora pudesse facilmente acrescentar mais informação, Thóra achava que seria contraproducente torná-lo demasiado exaustivo ou incluir demasiados pormenores. Isso acabaria por desviar a atenção dos pontos principais do caso, que consistiam na questão de o advogado de Jakob ter omitido o seu parentesco próximo com uma das vítimas, e no facto de ter sido cometido um crime de violação na residência, crime cujo perpetrador teria todo o interesse em ocultar. Também era importante transmitir claramente que muitas pessoas visitavam regularmente aquele lugar, a maior parte delas a meio da noite (pelas mesmas horas em que o incêndio deflagrara), e referir que alguns desses indivíduos se encontravam em estado de intoxicação. Estes factos eram relevantes para a primeira investigação e, portanto, deviam ter sido levados em consideração; se tal tivesse acontecido, o juiz poderia ter chegado a uma conclusão diferente em relação a quem ateara o incêndio, ou podia ter solicitado uma nova investigação. A única coisa de que Thóra precisava, antes de assinar o pedido de reabertura do caso, era o nome completo da pessoa que violara Lísa.

Thóra ponderou se devia contactar a polícia para saber se já tinham descoberto o nome. Não seria uma grande surpresa, visto que Thóra praticamente lhes fornecera uma descrição do homem, acompanhada de fotografia, numa bandeja de prata. A sua visita a Ragna, na tarde anterior, correra muito bem. Depois de explicar à rapariga o que pretendia, sentara-se junto da sua cama e mostrara-lhe as fotografias que vinham na página do Facebook. Matthew observara os movimentos do olho da rapariga e interpretara as suas reações. Ragna dissera *não* a um rosto após o outro, até Thóra clicar numa fotografia onde se viam Margeir, Fridleifur e um jovem que parecia estar absolutamente paralisado – como a maior parte dos visitantes, de facto. Ragna piscou o olho várias vezes, o que fez que fosse difícil para Matthew perceber se estava a dizer «sim» ou «não», mas parecia ter ficado muito afetada pela imagem. Fechou os olhos com força e Thóra teve de lhe perguntar por três vezes, com uma voz cada vez mais doce, se esse terceiro homem era a pessoa que a tinha violado. Então, Ragna abriu os olhos, fixou o ecrã e piscou os olhos uma vez. *Sim.* Depois voltou a fechar os olhos e assim permaneceu até Thóra e

Matthew se despedirem dela. Antes de a deixarem, Thóra disse-lhe calmamente que iria imediatamente informar a polícia e que aquele homem teria o que merecia. De nada lhe serviria negar, visto que existia uma amostra de ADN que poderia confirmar a sua culpa em relação a Lísa. Ragna teria certamente de responder a algumas perguntas da polícia, mas o peso do segredo da sua violação ser-lhe-ia tirado dos ombros. Antes de saírem do hospital, Thóra fez saber à enfermeira de serviço o que acontecera e pediu-lhe para ter ainda mais atenção com Ragna, pois a jovem devia sentir-se terrivelmente agitada.

Foram diretamente do Hospital Nacional para a polícia e pela terceira vez nesse dia Thóra abriu o seu portátil e acedeu à página do Facebook. Infelizmente, o agente da polícia com quem já falara sobre o caso estava ocupado, pelo que teriam de voltar mais tarde ou de falar com o seu assistente. Thóra optou pela segunda opção. Sentia que devia informar a polícia sem mais delongas acerca da sua descoberta; os crimes que aquele malvado cometera tinham sido silenciados durante demasiado tempo. Assim, teve de contar a história do princípio ao fim, embora tivesse a impressão de que o agente já conhecia alguns dados. Ficou ligeiramente aliviada ao verificar que assim era, dado que pelo menos isso significava que o caso estava na agenda da polícia, mesmo se Ragna tivesse respondido negativamente quando Thóra lhe perguntara se a polícia tinha falado com ela. Ainda assim, o agente fez o seu melhor para não dizer nada, tendo, sem dúvida, estudado e praticado a técnica de deixar o inquirido falar sem o interromper, na esperança de que ele ou ela dissessem mais do que tencionavam. Claro que, neste caso, era uma tática que não fazia sentido; Thóra não tinha a menor vontade de esconder fosse o que fosse da polícia. Foi só quando chegaram à segunda visita de Thóra a Ragna que a expressão impassível do agente se desmoronou, no instante em que ela lhe mostrou a fotografia do homem que Ragna indicara como culpado. Felizmente, a imagem tinha uma legenda: *Bons tempos – Margeir, Fridleifur e Bjarki*. O aspeto de Bjarki não evidenciava de modo algum que fosse um pervertido; apesar da evidente embriaguez, parecia um jovem perfeitamente normal. Às vezes, o pior que a natureza humana tem pode estar oculto sob uma máscara de normalidade.

Mas agora cabia à polícia descobrir quem era esse Bjarki; o nome era demasiado vulgar para que Thóra o conseguisse localizar sozinha. Tinha verificado se ele pertencia ao grupo do Facebook; não pertencia, mas era possível ver quem lá colocara a fotografia – uma mulher registada com o seu nome completo. Embora dispusesse dessa informação, Thóra decidiu deixar que fosse a polícia a contactar essa senhora; não queria correr o risco de prejudicar a investigação, que agora decorreria, certamente, com maior rapidez.

Bragi apareceu à porta.

– Falei com o delegado, mas não consegui que me dissesse grande coisa. A polícia recebeu as fotografias na fase final da investigação e não encontraram qualquer pista sobre a identidade do remetente no envelope. Estava coberto de impressões digitais, dado que fora enviado por correio, mas nenhuma dessas impressões digitais constava da base de dados da polícia. Por isso, ninguém sabe quem enviou as imagens, embora seja óbvio que não foi o Jósteinn, porque, primeiro, não ia agravar a sua própria situação e, segundo, estava em prisão preventiva quando foram enviadas. A sua mãe não sabia de nada. Mostrou-se tão pouco solidária no tribunal, que o delegado do Ministério Público chegou a pensar que fora ela a enviar as fotografias. Parecia não se importar minimamente com o filho, e provavelmente seria capaz de o admitir. Quando prestou depoimento, a maior parte das pessoas ficou nitidamente embaraçada. O Jósteinn é, sem dúvida, o produto de uma educação anormal. Se é que se pode chamar educação a uma completa indiferença.

– Mas será que esse tipo sabe alguma coisa da relação do Jósteinn com o seu advogado, e se eles tinham algum conflito ou disputas enquanto o processo estava a decorrer?

– Disse-me que era impossível saber. O Jósteinn não demonstrou nenhuma reação no tribunal; esteve sempre a olhar para o seu colo e mal disse uma palavra. De facto, o delegado disse que reparou que nunca comunicavam entre si.

Thóra agradeceu a Bragi, mas ficou sentada, a pensar, ainda algum tempo depois de ele sair para ir tomar um café, declarando que já não podia suportar

mais a falta de cafeína. Talvez Jósteinn estivesse a apoiar Jakob por uma questão de mera decência. No entanto, Thóra não conseguia livrar-se da sensação de que nada era o que parecia, no que tocava ao papel de Jósteinn em toda aquela história. Thóra levantou-se e dirigiu-se para a janela, com a esperança de que um pouco de ar fresco lhe desse energia. O trânsito fluía lentamente lá em baixo. Parecia ter havido um acidente: dois carros estavam parados numa das faixas e os dois condutores debruçavam-se sobre os para-choques, aparentemente à procura de amolgadelas. Um dos condutores parecia estar à beira de perder a paciência. O ruído incessante das buzinas fazia Thóra pensar na música moderna: primeiro havia uma espécie de melodia, mas depois os sons tornavam-se cada vez mais discordantes, convertendo-se no estrondo contínuo de uma sinfonia cacofónica. Thóra quase não ouviu o telefone a tocar devido ao ruído que vinha da rua.

– Olá – disse, tendo-se precipitado para a secretária, na sua ânsia de atender a chamada.

– Olá – respondeu Matthew, que parecia invulgarmente tenso. – Já viste as notícias na internet?

– Não, só vi de manhã. O que aconteceu?

– Identificaram o homem que encontraram em Nauthólsvík. O que tinha o telefone do Margeir.

Thóra encostou o recetor com força contra o ouvido.

– E é mesmo o Margeir? – Contornou a secretária e sentou-se com alguma dificuldade, porque o cabo do telefone era curto e impedia-a de se mover à vontade.

– Não. – Matthew hesitou um pouco, provavelmente à procura do nome no ecrã. – Chamava-se Bjarki. Bjarki Emil Jónasson.

– Bjarki? – Thóra sentou-se e abriu a página da internet. – Estás a brincar?

– Não, claro que não, mas que género de piada seria essa?

Thóra não respondeu, mas continuou à procura da notícia.

– Deve ser o mesmo Bjarki que foi identificado pela Ragna – disse, por fim. – Não deve ser uma coincidência.

– Foi por isso que telefonei.

Thóra agradeceu-lhe um pouco distraidamente, enquanto lia o artigo. A informação era escassa; o corpo fora identificado e, para além do nome e da idade da vítima, a notícia referia apenas que se tratava de um homem solteiro e sem filhos.

O telefone tocou outra vez e Thóra levantou o auscultador sem tirar os olhos do ecrã.

– O que é? – Pensara que era Matthew a voltar a ligar para acrescentar algum pormenor.

– Eh... boa tarde, chamo-me Lárus e estou a falar da Telecom. É a Thóra Gudmundsdóttir?

– Desculpe, estava à espera de outra pessoa. Sim, daqui fala a Thóra.

– Estou a ligar-lhe por causa de um pedido para encontrar o endereço IP de algumas mensagens de texto que lhe foram enviadas através da nossa rede.

– Claro, já me tinha esquecido. Encontrou alguma coisa? – Olhou para o ecrã e concentrou-se na chamada. Estaria realmente prestes a saber quem lhe tinha enviado todas aquelas mensagens? Não esperava que a informação fosse muito relevante: a pessoa que as enviara provavelmente utilizara um cibercafé, ou uma biblioteca, ou outro local público.

– Sim, descobrimos. Será que lhe posso enviar o número por e-mail? Seria mais fácil assim.

– Com certeza. – Thóra deu-lhe o seu endereço. – Como faço depois para saber onde é que esse endereço IP está localizado?

– Ia dar-lhe essa informação na minha mensagem, mas de facto o computador está registado no setor público.

– O quê? – A primeira coisa que cruzou o espírito de Thóra foi o que pensara logo de início: que alguém da polícia ou da procuradoria estava por detrás de tudo aquilo. – Pode ser um pouco mais preciso?

– Sim, desculpe, o computador pertence ao Ministério da Justiça.

Capítulo 32

Quarta-feira, 20 de janeiro de 2010

THÓRA SALTOU PARA DENTRO DO CARRO e fechou a porta. Matthew tivera de parar no meio da rua para ela entrar e não convinha provocar outro engarrafamento na rua Skólavördurtígur.

– Para onde vamos? – perguntou Matthew, arrancando rua acima.

– Para o Ministério da Justiça. – Depois de lhe indicar o caminho, disse: – Vou falar com o Einvardur, o pai do Tryggvi. Não sei no que estará metido, mas deve ser o responsável por estas estranhas mensagens de texto. Não acredito que haja outros funcionários do ministério ligados ao caso, e é altamente improvável que uma pessoa estranha esteja por trás disto, mesmo detendo a informação.

– Como achas que ele vai reagir?

– Não sei, mas estou certa de que vai ser interessante. Começo a perguntar-me se ele não se terá passado quando o filho morreu. É muito difícil perceber as suas intenções; se estivesse ansioso por me orientar nesta investigação, teria sido muito mais fácil falar comigo diretamente. – Fez sinal a Matthew para virar. O trânsito estava a ficar mais denso e avançavam com dificuldade. – Mas, como disse, é pouco provável que alguém do ministério esteja relacionado com o caso,

a menos que um dos seus colegas queira deixá-lo na merda por alguma razão completamente alheia ao caso. E onde essa pessoa teria descoberto toda esta informação é mais um mistério, para acrescentar a todos os outros…

Permaneceram em silêncio durante o resto do trajeto, Matthew concentrado a percorrer as ruas de sentido único da área, já que a condução se tornava cada vez mais difícil por causa da neve forte que caía. Os transeuntes andavam depressa e ninguém parecia querer perder tempo a olhar para as montras, à exceção de uma senhora de idade indefinida, de cabelos soltos, com um casaco de pele de ovelha, que tinha parado para observar umas botas de inverno numa sapataria, enquanto o seu cão farejava com entusiasmo a esquina do edifício. Na rua Skuggasund era como se o país inteiro se tivesse unido em protesto contra o tempo, recolhendo-se para evitar a tempestade. A rua estava completamente deserta e havia muitos lugares livres no parque de estacionamento do ministério. As ruas vazias encheram Thóra de uma súbita melancolia; não era preciso muito para que tal lhe acontecesse, ultimamente. Quando sempre se acreditou que a sociedade está ancorada em bases sólidas, torna-se muito difícil aceitar que não é assim. Para agravar as coisas, parecia que o país não se limitara a tropeçar em terreno plano, mas tinha caído pela falésia abaixo. O escuro edifício do Teatro Nacional não fez mais do que intensificar essa impressão.

– Porque é que nunca vamos ao teatro?

– O quê? – Matthew olhou-a, surpreendido, enquanto desligava o motor. – Não sabia que querias ir. Eu alinho.

Thóra arrependeu-se imediatamente de ter dito aquilo. Não queria ir ao teatro, tal como não queria os donuts de passas que tantas vezes acabavam no seu cesto de compras. Iam ali parar apenas porque Thóra andava irritada com a crise bancária, e todas as coisas islandesas lhe pareciam tão dignas de pena que se sentia compelida a comprá-las.

– Bem, então acho que vou ver o programa. – Havia muitas coisas que era impossível explicar a Matthew; por exemplo, no outro dia de manhã, ele tentara verter precisamente dez gotas de café para a chávena da mãe de Thóra, tal como ela lhe pedira. «Dez gotas» queria, simplesmente, dizer uma pequena chávena

cheia. Ele percebia a maior parte das palavras em islandês, mas a maneira de as combinar modificava o sentido. A vida quotidiana era outro aspeto daquela transição interminável; uma série de coisas que para ela eram óbvias escapavam por completo a Matthew. Ela limpava a neve só numa parte do para-brisas, enquanto ele, com todo o rigor, a tirava das janelas, do tejadilho, do capot, dos faróis, do porta-bagagens e até dos pneus, antes de sair de casa. Quando ele ainda trabalhava no banco e saíam de casa à mesma hora, Matthew rira-se da sua técnica e perguntara-lhe por que não se limitava a fazer dois pequenos buracos na neve acumulada no para-brisas, um para cada olho.

O átrio estava vazio, mas havia bastante movimento naquela ala de escritórios do ministério. Funcionários com ar sóbrio caminhavam apressadamente ao longo do corredor, apareciam à porta de uns gabinetes e desapareciam noutros, com os braços cheios de papelada. Não estava ninguém na receção.

– Telefonamos ao Einvardur e dizemos-lhe que estamos à espera na receção? – Matthew procurou o rececionista com o olhar, mas não viu ninguém por perto, ou, pelo menos, ninguém que lhes prestasse atenção.

– Não, não. Vamos entrar. Eu sei onde é o escritório. – Ali estava mais um exemplo da diferença de atitudes. – Matthew não disse nada, mas pela sua expressão era óbvio que lhe desagradava desrespeitar o protocolo num ministério do Estado, mesmo que fosse a única forma de atingirem o seu objetivo. Ela sorriu-lhe. – Anda lá, senão ficamos aqui até nos varrerem com o lixo ao fim do dia. – Matthew ainda abriu a boca para dizer algo, mas interrompeu-se e seguiu Thóra.

A porta do escritório de Einvardur estava aberta e ouviram a sua voz e a de uma funcionária discutindo, lá dentro, sobre a formatação de um relatório, com a qual ele parecia estar descontente. Thóra espreitou, mas nenhum deles reparou nela. Einvardur estava visivelmente irritado por aquela funcionária não ser capaz de fazer as coisas como uma outra chamada Begga, e Thóra sentiu pena dela por estar a ser comparada daquele modo. Se essa Begga era assim tão boa, porque não a chamaria ele? Thóra perguntou-se o que faria Einvardur se tivesse Bella

como sua assistente e, por um momento, imaginou que a secretária com quem ele estava a ralhar se despedia e que ele contratava Bella, inadvertidamente. Mas em vez de pigarrear ou de lhe chamar a atenção doutro modo, optou por esperar. Thóra e Matthew ficaram em silêncio a ouvir uma conversa sobre margens, tipos de letra e esquemas de cores em gráficos de barra, até que a secretária saiu do gabinete, ruborizada, e passou por eles sem sequer os olhar, juntando-se ao fluxo de pessoas apressadas no corredor. Thóra bateu suavemente à porta.

– Olá, Einvardur, vejo que está muito atarefado, mas será que nos pode conceder um minuto?

Ele levantou os olhos do relatório e uma expressão involuntária de pânico surgiu-lhe no rosto, mas depois recompôs-se e assumiu a pose de quem tem todo o tempo do mundo. Levantou-se e acenou-lhes para que se sentassem. Quando Matthew fechou a porta, Einvardur pareceu surpreso, mas tentou mostrar-se indiferente.

– Desculpem este burburinho. Estamos a acabar um projeto que precisa de estar pronto amanhã. – Sentou-se e sorriu-lhes educadamente. O cabelo perfeitamente penteado e a gravata com um nó impecável sugeriam que, apesar da agitação anteriormente demonstrada, era um homem capaz de lidar com a pressão com a mesma facilidade com que bebia um copo de água.

– Vamos tentar ser rápidos. – Thóra sentou-se. – Bem, desde que fiquei com o caso do Jakob, tenho recebido mensagens de texto de um indivíduo anónimo que parece ter informações acerca do caso.

– O quê? – Einvardur parecia sinceramente chocado.

– A origem das mensagens foi detetada e o número de IP do computador de onde foram enviadas está registado aqui no ministério.

– O quê? – A sua surpresa não diminuíra.

– Dado que o caso implica o seu filho, o senhor é o candidato óbvio a remetente das mensagens. Os outros funcionários do ministério não devem, certamente, conhecer pormenores tão específicos sobre o incêndio.

– Sim, isso é verdade. – Einvardur permaneceu sentado, em silêncio. Pela primeira vez desde que se tinham conhecido, a sua atitude evidenciava sinais de

insegurança. As suas mãos delicadas e bem tratadas tremiam ao de leve sobre a mesa. – Não sei o que lhe hei de dizer. Não enviei nenhuma mensagem.

– Então, quem foi? – Matthew olhou para o computador sobre a secretária. – Mais alguém tem acesso a este computador, por exemplo?

Einvardur abanou a cabeça.

– Não, isso é impossível. Sou o único que tem acesso a ele, com um nome de utilizador e uma senha que mais ninguém conhece. – Pegou no rato e abanou-o nervosamente. – É possível iniciar a sessão no computador com outros nomes, mas não entrar na minha área de trabalho. Devo admitir que não sei ao certo como é que isto funciona. E talvez valha a pena referir que o meu gabinete não fica fechado à chave quando saio, ao fim do dia.

– As mensagens não foram necessariamente enviadas do seu escritório ou por alguém deste edifício. Pelo que me explicou o técnico da Telecom, há, na verdade, dois endereços IP implicados; um chama-se endereço IP externo e é o mesmo para todos os computadores ligados a uma rede particular, tal como a sua. O outro designa-se endereço MAC e está atribuído ao Cartão de Interface de rede. Em suma, o acesso à internet que queremos averiguar não foi feito através da rede deste edifício, mas através de uma chave de internet 3G que está registada na Telecom como sendo do ministério. O técnico com quem falei hoje não tinha qualquer informação sobre os endereços MAC, portanto não sabemos qual foi o computador. A chave da internet é uma das dez compradas pelo ministério e elas não foram atribuídas a funcionários individualmente.

– Então seria um portátil?

– Não, não necessariamente, mas é provável que sim. É possível usar este tipo de chave para aceder à internet num desktop, mas não sei quem o faria, já que os desktops estão ligados à internet de modo convencional. – Thóra viu-o contorcer-se e não pôde deixar de sentir pena dele. Não parecia, de todo, estar implicado na situação, mas talvez fosse apenas um bom ator. – Tem algum computador do ministério ou uma chave como aquela que descrevi?

– Sim, tenho. – Depois acrescentou rapidamente: – Mas nunca uso a chave. E quero mesmo dizer nunca; há séculos que não a uso. Tenho uma ligação sem fios

em casa, e quando viajo para o estrangeiro ao serviço do ministério uso as redes dos hotéis. Além disso, costumo andar tão atarefado que mal tenho tempo para navegar na internet. Para ser franco, nem me lembro quando foi a última vez que usei a chave, mas já foi há muito tempo.

– Quem é o seu técnico informático? Seria possível comparar os endereços MAC com ele ou com ela, para descobrirmos que computador foi usado? – perguntou Thóra. – Tenho comigo o número, bem como o endereço externo IP.

– Mmm… – Einvardur pegou no telefone, marcou o número e foi diretamente ao assunto: – Gudrún, quem é que se ocupa dos nossos computadores? Não temos um endereço IT, pois não? – Einvardur ouviu o que a senhora lhe dizia, rabiscou algo numa folha de papel, agradeceu e despediu-se. – Contratamos os serviços de uma empresa da cidade. Tenho o nome da empresa, bem como o do responsável pela nossa rede. Não seria melhor falar com ele acerca disto? – Empurrou a folha de papel na direção de Thóra. – Fale agora mesmo com essa pessoa e tente descobrir isto. Não tenho nada a esconder e gostava que isto fosse esclarecido imediatamente. – Olhou para Thóra de olhos nos olhos. – Acredite, não lhe enviei nenhuma mensagem de texto.

Ela contactou de imediato a empresa em questão e passados instantes foi posta em contacto com a pessoa mais indicada, que se mostrou feliz por responder ao seu pedido e não fez qualquer pergunta. Talvez ouvissem imensas perguntas estranhas e já nada os surpreendesse. O técnico não questionou o facto de Thóra estar a telefonar em nome do ministério e aplicou-se imediatamente a localizar o endereço MAC.

– Trata-se de um computador portátil IBM que temos registado em nome de um funcionário do ministério, Einvardur Tryggvason. Pelo menos, o primeiro pedido para a sua instalação está neste nome. Claro que este pedido foi feito já há algum tempo, há quase cinco anos. – Thóra anotou a informação sobre a marca do computador e desligou.

– É o seu computador. O portátil. – Ergueu o olhar do papel e fixou Einvardur. – Onde é que o tem? Alguém poderá ter tido acesso a ele? Em sua casa, por exemplo?

Einvardur olhou-a, boquiaberto. Depois virou-se para Matthew, como que à procura de apoio.

– Isto é um disparate absoluto. Não mandei nenhumas mensagens. – Empurrou a cadeira para trás com firmeza e agarrou uma pasta de couro negro. – Este é o meu portátil. Geralmente, levo-o para casa comigo e, claro, tanto a Fanndís como a Lena já o usaram, mas muito raramente. A minha mulher não é grande fã de computadores e só o utiliza para procurar números de telefone de tempos a tempos. A Lena usa-o para descarregar fotografias da máquina fotográfica, visto que a ligação USB do seu computador é bastante inacessível. De resto, não se servem dele. Tenho a certeza de que não foram elas a enviar-lhe mensagens, tal como não fui eu. Como pode ver, tenho o portátil aqui, no meu local de trabalho, portanto alguém o deve ter usado sem o meu conhecimento.

– Recebi pelo menos uma mensagem a meio da noite. – Thóra apontou para o portátil. – Se o leva sempre para casa, então a mensagem foi enviada de lá. – Depois lembrou-se de como aquele escritório parecia sempre tão movimentado. – A menos que trabalhem aqui de noite.

– Claro que uma vez por outra não o levo comigo. É isso que deve ter acontecido. – Abriu a pasta e, algo atabalhoadamente, tirou de lá um computador portátil prateado, de marca *Dell*.

– *Dell*? – Thóra pegou na folha de papel com a informação que o técnico lhe fornecera. – Aqui diz *IBM*. Tem dois portáteis?

Agora era a vez de Einvardur examinar o papel.

– Só tenho este. O *IBM* deve ser o meu velho computador. Está avariado há muito tempo. – Parecia aliviado. – Isto não passa de um erro. Só pode ser isso. Há meses que deixei de o usar; há uns seis meses, acho eu.

– E onde é que ele está agora? – perguntou Matthew.

– Não faço ideia. – Einvardur parecia novamente ansioso. – Não o tenho, isso é certo.

– Eu acho que sei onde ele está. – Thóra sentia a ira crescer dentro de si. – Ainda tem a chave, ou poderá ter desaparecido com o computador?

– Ainda a tenho. – Einvardur hesitou. – Pelo menos, penso que sim. –

Procurou nas bolsas da pasta, uma após outra. – Não, não está aqui. Devo ter-me esquecido de a tirar da pasta antiga, quando o outro computador se avariou. Suponho que ainda lá esteja.

– Parece-me bem que sim. – A cabeça de Thóra estava a acelerar. Aquele filho da mãe de Jósteinn. – O ministério envia computadores avariados para Sogn?

Einvardur empalideceu.

– Sim, penso que sim. – Lambeu os lábios, que de súbito tinham ficado secos. – Está a querer dizer que o computador se encontra na Unidade Psiquiátrica de Segurança… e que está a funcionar?

Thóra anuiu.

– Acho muitíssimo provável.

– Oh, meu Deus. Pensei que estava definitivamente avariado. – Einvardur respirava demasiado depressa. – Oh, meu Deus.

Continuava a nevar quando finalmente saíram do ministério, mas a azáfama nos corredores diminuíra substancialmente. Mal conseguiam ver o outro lado da rua, através dos grandes flocos de neve, e o Teatro Nacional pouco mais era do que uma silhueta indefinida por detrás de uma cortina branca. Thóra sentiu-se como se fossem figuras num globo de neve que um gigante agitava com toda a força.

– Olha para o carro – disse Matthew, por cima do colarinho levantado do seu casaco. – Quanto tempo estivemos aqui?

Thóra não sabia ao certo, mas uma camada espessa de neve quase cobria o carro. Resolvido o mistério do computador, Einvardur parecia ter ficado distraído e ansioso, e pouca atenção prestara às perguntas que lhe tinham feito. Isto tinha um lado positivo e outro negativo; por um lado, mostrara-se menos cauteloso, dizendo que achava natural que quisessem falar com a sua filha, depois de Thóra lhe ter contado sobre a página do Facebook em memória de Fridleifur. Einvardur parecia menos preocupado com a fotografia de Lena do que com o destino do seu computador; tentou minimizar o facto, dizendo que a filha

era uma jovem e frequentava festas com gente da sua idade. Se travara amizade com outros jovens no lar, isso só mostrava que era uma pessoa sociável. Tinha um grupo grande de amigos, de todas as condições sociais. Thóra optou por não o pressionar em relação à vida noturna da residência, dado que ele nitidamente não percebia que o que lá se passava podia estar relacionado com o incêndio. Thóra estava convencida de que Lena não tivera nada a ver com a tragédia, mas tinha a certeza de que a rapariga seria capaz de lançar luz sobre o que lá acontecia.

Quando Thóra o questionou a respeito da sua ligação familiar a Ari, Einvardur ficou preocupado, mas defendeu-se com o velho argumento de que a Islândia era um pequeno país. Thóra nem por sombras acreditava que se tratasse de pura coincidência, todavia, por mais perguntas que lhe fizesse, não estava a chegar a lado nenhum; Einvardur não se movia nem um milímetro. Então, Thóra mudou de tática e perguntou-lhe se sabia alguma coisa sobre o caso de Jósteinn Karlsson, que lhe descreveu em termos gerais. Einvardur disse que se lembrava vagamente do assunto, mas só do que a comunicação social noticiara na altura. Não estivera envolvido no caso, nem a título privado nem através do ministério. Claro que conhecia bem o nome de Jósteinn, dado que o seu internamento e o de Jakob tinham recentemente estado em discussão nos Serviços Prisionais. Einvardur só referiu este último ponto no final da conversa, depois de Matthew e Thóra terem esgotado a sua lista de perguntas. Quando estavam quase a sair, Thóra não conseguiu resistir a uma última tentativa: Einvardur podia informar os Serviços Prisionais de que já não precisavam de se preocupar com o encarceramento de Jakob, porque ele certamente sairia da prisão em breve. Isso pareceu não surtir qualquer efeito em Einvardur; era como se não estivesse de todo interessado em saber quem ateara o incêndio, caso essa pessoa não tivesse sido Jakob. Talvez não entendesse, simplesmente, a relação.

– Porque não se guarda o raspador de neve no exterior do carro? – Matthew olhava a camada de neve que cobria o automóvel. – Quando abrimos a porta para ir buscá-lo, o assento fica coberto de neve.

Thóra enfiou as mãos nos bolsos do casaco e usou os cotovelos para raspar o

máximo de neve que conseguia do cimo da porta do lado do passageiro.

– Basta fazer assim. Já devias saber isso, ao fim de tanto tempo e tanta neve.

Matthew revirou os olhos, mas cedeu e imitou-a. Depois de limparem a porta o suficiente para a abrirem, tiraram o raspador, que era muito mais eficaz.

– Queres voltar ao escritório ou já acabaste por hoje? – perguntou Matthew, enquanto raspava a neve do para-brisas. – Não ias trocar o teu monitor pelo da Bella?

– Não, isso vai ter de esperar. Temos de ir visitar a Lena antes que o seu pai mude de ideias e a proíba de falar connosco.

Capítulo 33

Quarta-feira, 20 de janeiro de 2010

– NUNCA PENSEI QUE TANTA GENTE LÁ FOSSE. Quando lá fui com os meus amigos, eles eram só dois. Pensei que me tinham falado disso porque eu tinha uma ligação ao centro. – Lena falava depressa, com a voz a tremer um pouco. – Fiquei realmente surpreendida quando vi todas aquelas fotografias no Facebook, e talvez devesse ter contado a alguém, mas o Jakob já tinha sido condenado, por isso pensei que já fosse demasiado tarde. Como podia saber que isto tinha alguma importância? – Lançou um olhar de súplica a Thóra e a Matthew. Como nenhum deles acusou a menor reação, baixou os olhos, embaraçada. Rodando no dedo um anel muito ornamentado, acrescentou, em voz baixa – Mas o mal já está feito e ficar-lhes-ia muito grata se os meus pais não ouvissem falar disto.

Thóra ergueu as sobrancelhas mas não respondeu. Os interesses de Jakob tinham toda a prioridade.

– Mas tem a certeza de que não conhece este Bjarki Emil? Talvez fosse conhecido como Emil.

Lena olhou mais uma vez para a reprodução da fotografia e abanou a cabeça devagar, de modo hesitante.

– Acho que não. Claro que o posso ter encontrado em alguma altura, mas conheço tanta gente… No entanto, o seu rosto parece-me vagamente familiar.

Thóra deu uma olhadela às pessoas que entravam e saíam do café. Era um daqueles novos espaços destinados à gente jovem, onde serviam café orgânico que em princípio era comprado aos produtores. Thóra já era demasiado velha para cair nessa, mas aquilo fê-la pensar se algum outro café não seria roubado aos produtores sob a ameaça de um revólver. A verdade era que aquele café lhe sabia bem, e quem era ela para dizer senão seria assim, em parte, porque o podia saborear com a consciência tranquila? Lena sugerira aquele local a Matthew ao telefone, visto que era ali que estava a estudar, e com a chegada de Matthew e de Thóra a idade média dos frequentadores do café subira significativamente. Lena estava sentada a uma pequena mesa com três amigas, todas debruçadas sobre os seus livros escolares. Quando os viu chegar, deixou as amigas e sentaram-se os três à janela que dava para a avenida Laugavegur.

– Bem, gostava que tentasse lembrar-se – disse Thóra, voltando-se de novo para Lena. Tinha a impressão de que ela sabia mais sobre Bjarki do que queria admitir. Claro que era possível que não tivesse mesmo a certeza de o ter conhecido e que, por isso, quisesse dizer o menos possível. – Pense um pouco mais, por favor. Às vezes, depois de terem refletido durante algum tempo, as pessoas conseguem lembrar-se de um qualquer pormenor.

Matthew falou pela primeira vez depois de Lena deixar de mentir sobre o que acontecia no lar quando Fridleifur e Margeir estavam de serviço.

– Quanto é que custava cada sessão? – perguntou, mudando de posição na sua cadeira, demasiado pequena para um homem adulto.

– Não faço ideia. Disseram-me que era três mil coroas, mas como acabei de lhe dizer, não sabia que era algo que estavam sempre a fazer. Na verdade, parecia-me um preço justo. Se calhar podiam cobrar muito mais… enfim, um pouco mais, de qualquer modo.

– E o que é que estava incluído, precisamente? – Parecia que Matthew não percebera por completo, o que era de esperar. Talvez pensasse que ouvira mal, e não seria a primeira vez.

– Bem, claro que não sei tudo. Só posso dizer o que me ofereceram a mim e à minha amiga.

– E era o quê? – Matthew, obviamente, queria esclarecer a questão de vez.

– Deram-lhe água com açúcar por via intravenosa, gota a gota. E também oxigénio.

– E ela ficou sóbria? – perguntou Thóra, incapaz de esconder o seu ceticismo. A história de Lena era tão diferente de tudo o que imaginara que lhe era quase tão difícil como a Matthew aceitar o que a rapariga estava a dizer.

– Absolutamente. – Lena estendeu ambas as mãos. – Era incrível. Parecia magia. Talvez não tivesse ficado completamente sóbria, mas pelo menos pudemos ir para o centro da cidade. Quando chegámos ao lar ela estava completamente bêbeda, por isso, acho que não ficou arrependida por ter gasto aquele dinheiro.

– Então, deixe-me pôr isto em pratos limpos: só descobriu o esquema quando o Fridleifur lho explicou numa manhã?

– Se calhar não fui muito clara, mas eu costumava ficar com ele no seu gabinete nas manhãs de domingo, enquanto a minha mãe estava com o Tryggvi. Quando lhe perguntei sobre aquela história das latas de cerveja no cesto do lixo, disse-me que estivera a ajudar um amigo seu a ficar sóbrio. O tipo que viera com ele estivera a beber cerveja. Então, explicou-me como é que o ajudara e convidou-me a aparecer se alguma vez tivesse algum problema. Quando a minha amiga ficou completamente embriagada, decidi experimentar. Um outro amigo levou-nos até lá. – Lena parecia estar a lutar para dominar a sua ira, ainda assim visível no rosto. – É ele que aparece na fotografia que foi tirada enquanto a minha amiga estava a receber oxigénio, a que apareceu no Facebook. Ainda não percebo como é que me encontraram lá, porque eu desativei-a. – Ao perceber que não lhe iam dizer nada sobre isso, continuou. – Era um bocado chato, porque demorava muito tempo. Talvez por isso não levassem mais dinheiro. O Fridleifur disse que também era capaz de fazer desaparecer as ressacas empregando o mesmo método, mas fazia-o com menos frequência, porque só estavam lá durante a noite e de manhã cedo, aos fins de semana. A maior parte das pessoas

está de ressaca quando acorda por volta do meio-dia, mas talvez houvesse gente que precisava de ir trabalhar de manhã ou algo assim.

– Posso perguntar-lhe onde é que se efetuava esse tratamento com oxigénio?

– Bem... – Lena fechou os olhos, mas abriu-os logo em seguida. O seu rosto estava todo vermelho. – Meu Deus, só queria nunca lá ter ido. E sabe o que é pior no meio disto tudo? Já não somos amigas. E estou neste sarilho todo por causa dela.

A pena que Thóra e Matthew podiam sentir pelo fim daquela amizade era muito limitada.

– Onde é que faziam esse tratamento com oxigénio, Lena? – repetiu Thóra.

Lena corou ainda mais. Parecia ter-se apercebido de que em breve já não poderia voltar atrás e ainda achava que podia persuadir Thóra e Matthew a guardar segredo sobre tudo aquilo.

– Num dos apartamentos, onde havia fornecimento de oxigénio na parede.

– Um apartamento que estava vazio?

– Mmm... não. A minha... – Mais uma vez, aparentava estar irada. – A minha *ex*-amiga esteve no apartamento da Lísa. Sei-o porque vi o Margeir ir para lá com ela, e sabia exatamente onde vivia cada pessoa.

– E a Lísa não tinha nada a dizer sobre isso? – Matthew não conhecia tão bem os residentes como Thóra e, obviamente, não se lembrava do estado em que se encontrava Lísa.

– Não estava consciente, portanto isso não tinha importância nenhuma para ela. – Lena não encarou Thóra ao dizer isto. – Acho eu.

– E ela ficou sentada numa cadeira durante o tratamento, essa sua amiga? Thóra literalmente torcia para que tivesse sido assim.

– Não sei, mas acho que sim. Eu não entrei lá. – A vermelhidão no rosto de Lena quase desaparecera. – Vocês têm de acreditar que lamento tudo isto profundamente e que sei que não estava certo. Mas não fui eu quem se portou pior. Foram o Fridleifur e o Margeir. A culpa é deles.

– Não estamos a julgá-la, Lena. A única coisa que nos interessa é apurar se o Jakob está inocente. Contudo, tenho de admitir que não compreendo por que

quis encontrar-se com o Matthew e comigo. Teria sido mais lógico não chamar a atenção.

As amigas de Lena estavam a fechar os seus livros e a enfiá-los nas mochilas. Lena olhou para elas, mas não fez menção de se levantar.

– Queria saber como é que a vossa investigação estava a correr. Os meus pais nunca me dizem nada e eu receava que vocês suspeitassem do Tryggvi; na verdade, só queria saber se pensavam que ele poderia estar implicado. Depois receei que descobrissem esta história e que lhe dessem demasiada importância. Só queria ter uma ideia do que se estava a passar.

– Porque havíamos de começar a suspeitar do Tryggvi? – Thóra reparou que as amigas de Lena estavam quase a levantar-se; viraram-se para tentar olhá-la nos olhos, mas não tiveram sucesso. – Não suspeitamos de ninguém. Por enquanto.

– Eu estava preocupada. Talvez não seja lógico, mas estava preocupada com os meus pais. Realmente, pareciam estar muito assustados quando esta investigação começou. Eu, talvez de uma forma confusa, associei isso ao Tryggvi; fiquei com a impressão de que tinham ouvido dizer que ele estava a ser investigado. Eu queria estar a par dos acontecimentos e pensei que podia obter alguma informação falando convosco. Se vos fiz perder tempo, peço desculpa. Não estava a pensar de um modo claro.

– Deve ter alguma razão específica para pensar que acabaríamos por investigar o seu irmão… – Enquanto Thóra dizia isto, as amigas de Lena levantaram-se, pondo-se a remexer nas coisas que ela lhes deixara entregues. O caso estava um pouco complicado, visto que para além dos seus livros, Lena deixara um casaco grande, uma mochila e um saco de desporto. Thóra tinha a esperança de que as raparigas demorassem a encontrar aquilo de que estavam à procura, para que Lena tivesse tempo de responder à sua pergunta.

Lena dava a impressão de estar a pensar intensamente.

– Não, de facto não. Como disse, era a reação do meu pai e da minha mãe que me inquietava, não era nada que tivesse a ver com o Tryggvi. Estavam a agir de uma forma muito estranha e pensei que se calhar era por causa dele. Mas

agora julgo que sei o que se passava, e não tem nada que ver com o Tryggvi ou com o incêndio.

– Então posso perguntar com o que é que tem que ver? – Thóra falou depressa, porque as raparigas tinham começado a juntar as coisas de Lena. A expressão no rosto de Lena tornou-se feroz, mas a sua ira não era dirigida a Thóra.

– Sim, claro que pode, não me importa nada – disse, embora a sua expressão sugerisse o contrário. – O meu pai tem uma amante. Pelo menos, é o que eu penso.

– Ah. – Thóra não estava à espera daquela resposta. – Tenho pena de o saber, mas isso não tem relevância para o caso, como disse. – Depois acrescentou, cautelosamente: – Será alguma antiga funcionária do lar, ou alguém do Departamento Regional dos Deficientes?

– Não. É uma mulher do ministério. Chama-se Begga, acho eu.

Portanto, a mulher cujo talento para a formatação tanta falta fazia a Einvardur também era boa noutras coisas além do processamento de texto.

– Como é que sabe disso?

Só agora Lena parecia estar a prestar atenção às suas amigas; no entanto, respondeu a Thóra.

– Ouvi uma vez os meus pais a discutirem sobre ela e depois, quando me viram, começaram a fingir que estavam muito tristes. – Lena fez os possíveis para disfarçar a sua preocupação com os problemas dos seus pais. As suas amigas, de olhos muito abertos e curiosas, estavam agora muito perto da mesa em que estavam sentados. Lena parou de falar e as raparigas ali ficaram, embaraçadas.

– Não sabíamos se querias pôr isto na tua mochila ou no teu saco… – disse uma delas, entregando a Thóra, que estava entre ela e Lena, duas folhas de papel agrafadas. Parecia ser um exame ou um trabalho de casa. À frente estava escrito um grande «9.7», a vermelho e com um círculo desenhado à roda.

Thóra passou os papéis a Lena. Nesse instante, conseguiu ler o nome completo da jovem.

– O seu nome completo é Helena? – Como se sentia parva. A mensagem misteriosa que recebera tempos antes fora-lhe realmente destinada: *como é que a Helena se queimou em criança?*

– Sim, porquê? – Lena agarrou os papéis que Thóra tinha nas mãos.

– Pensei que o seu nome era Lena; não me dei conta de que era um diminutivo.

– Não, não. O meu nome é Helena, mas sempre me chamaram Lena. – Levantou-se e a amiga deu-lhe o casaco. – Agora tenho de me ir embora. Espero que vocês… Sabem, o que vos disse anteriormente? Elas não precisam de ouvir isto… vocês compreendem. – Aquelas amigas não eram, obviamente, as suas confidentes mais íntimas.

– Será que nos podem dar mais dois minutos? – perguntou Thóra às duas raparigas, que saíram imediatamente, dizendo a Lena que iam lá para fora fumar um cigarro. Thóra virou-se para Lena. – Tem algumas cicatrizes? Sei que pode parecer uma pergunta ridícula, mas alguém me disse que a Lena se queimou. É verdade?

Lena abriu e fechou a boca, como um peixe a morrer em terra.

– Que tem isso que ver com o caso?

– Tem algumas cicatrizes de queimadura, Lena? É óbvio o que tem que ver com o caso.

– Quem lhes contou isso? Seja quem for, é um idiota completo. Muito bem, se realmente querem saber, queimei-me numa perna. – Levantou a perna das calças e mostrou-lhes uma mancha espiralada e brilhante que lhe subia até à barriga da perna e desaparecia debaixo da bainha do tecido puxado para cima. Um cliente ficou de olho arregalado. Lena voltou a cobrir a perna, sem se aperceber do choque do homem, embora Thóra desconfiasse que ela não se importaria nada que ele a tivesse visto. – Isto aconteceu quando eu era miúda, não teve nada a ver com o incêndio, caso seja isso o que está a pensar.

– Que aconteceu? – perguntou Matthew, calmamente.

– O Triggvy, num Natal, acidentalmente, pôs alguns ornamentos a arder e eu era demasiado pequena e demasiado tonta para me afastar quando o fogo se

espalhou. – Virou-se irritadamente para Thóra. – Sabia que mesmo os ornamentos de Natal podem arder? Aposto que mais ninguém que também tenha cometido esse erro seja suspeito de ter incendiado uma residência comunitária. Mas deve conseguir adivinhar por que razão não lhe disse nada sobre isto. Ter-se-ia atirado ao Tryggvi, embora ele não tivesse nada a ver com o incêndio. – Pegou na sua mochila e parecia prestes a correr para a rua, com os olhos cheios de raiva. Thóra levantou-se rapidamente e agarrou-a pelo ombro.

– Lena, confie em mim, a última coisa que nós queremos é conseguir a libertação do Jakob pondo a culpa noutra pessoa inocente, esteja ela viva ou morta. Entre nós, posso dizer-lhe que não acredito que o seu irmão tenha ateado o incêndio. De facto, desconfio que terá sido uma das pessoas que faziam visitas noturnas ao Margeir e ao Fridleifur. Mas tenho de seguir todas as pistas, mesmo que depois de examinadas em profundidade não nos levem a lado nenhum.

Lena respirou fundo, parecendo aliviada. Enxugou uma lágrima no canto do olho.

– Compreendo. Só estou perturbada com isto e em relação aos meus pais. Pôs um dedo numa ferida. Detesto a minha cicatriz. Nunca posso usar saias curtas, como as outras raparigas, e se me quiser vestir com elegância, só posso usar calças ou uma saia comprida, que me dá um ar de paralítica. Sei que é ridículo ficar tão chateada; já vi suficientes lesões graves e deficiências para saber que isto não é nada.

Thóra afagou o ombro de Lena antes de a soltar.

– Sabe como posso entrar em contacto com o Margeir? A polícia precisa de falar com ele sobre dois assuntos importantes, pelo menos, e espero que ao mesmo tempo ele possa prestar esclarecimentos sobre as causas do incêndio daquela noite. Tenho a impressão de que ele sabe quem o ateou.

– Não faço ideia de onde ele está. Costumava cruzar-me com ele na cidade, a seguir ao incêndio, mas não o vejo há meses. Talvez tenha saído do país. Por outro lado, alguém me disse que ele tinha um programa na rádio, mas não sei se é verdade e se ainda continua a passar. Penso que era numa estação de rádio que nunca ouço.

A polícia já tinha essa informação; Thóra lembrava-se de terem referido que ele era locutor de um programa de rádio, da primeira vez que contactara a polícia.

– Acredito que sim. Muito bem, se o vir ou se ele lhe falar, aconselho-a a agir com normalidade e depois afaste-se dele o mais depressa possível. E informe de imediato a polícia.

Lena franziu as sobrancelhas.

– Porquê? A polícia anda à procura dele?

– Prometo contar-lhe quando a polícia tiver terminado a sua investigação preliminar. Por agora, não quero relacioná-lo com um caso que pode não ter nada a ver com ele. – Apesar de ter dito isto, Thóra estava convencida de que Margeir estava relacionado tanto com a morte daquele homem na praia de Nauthólsvík como com os atos violentos contra Lísa e Ragna. Talvez não fosse o perpetrador, mas provavelmente sabia mais sobre todos aqueles incidentes do que muitos.

Durante o noticiário dessa tarde, o telemóvel de Thóra emitiu um sinal sonoro. Ao olhar o ecrã, viu que mais uma vez recebera uma mensagem através do ja.is. Em vez de a ler imediatamente, ligou para as informações, pediu o número de telefone de Sogn e solicitou que estabelecessem a ligação. A chamada foi atendida ao quarto toque. Thóra pediu ao funcionário para dizer a Jósteinn que recebera a sua mensagem. Se não soubesse onde encontrá-lo, o mais provável era que estivesse na sua pequena oficina de computadores. Depois desligou, sem dar ao funcionário a oportunidade de lhe fazer mais perguntas sobre aquele estranho recado. Thóra sentiu-se satisfeita consigo, embora a sua mãe lhe tivesse lançado um olhar de reprovação, porque obviamente achava que não era maneira de se lidar com uma instituição pública. Thóra leu a mensagem.

Rua Vesturlandsvergur, 8 de dezembro de 2007.

Capítulo 34

Quinta-feira, 21 de janeiro de 2010

– NÃO PRECISO DE UMA EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA sobre como funciona, Hannes. Só preciso de saber se isto de algum modo dá resultado. – Thóra revirou os olhos, sabendo que o seu ex-marido não a podia ver do outro lado da linha. Contactara-o na sua qualidade de médico, esperando que ele lhe esclarecesse se era possível reduzir os efeitos da embriaguez e da ressaca por meio de inalação de oxigénio e de alimentação intravenosa. Thóra achava tudo aquilo bastante duvidoso e não o queria incluir no seu relatório se as alegações de Lena afinal fossem puro disparate.

– Resulta, sim. – Hannes parecia desapontado por não poder continuar a iluminá-la com a sua vasta sabedoria. – Os estudantes de medicina fazem-no, por vezes, e outras pessoas que trabalham em locais onde têm acesso a garrafas ou tanques de oxigénio. Não é coisa que recomende, especialmente a quem não faça ideia do que está a fazer.

– Sabias disso quando andavas na Faculdade de Medicina? – Thóra não conseguiu dissimular o seu choque. – E nunca me disseste nada? – Se não estivesse já divorciada de Hannes, teria iniciado imediatamente o processo de

divórcio. Nos primeiros anos do seu casamento, quando ambos ainda estavam na universidade, Thóra passara inúmeras manhãs desejando ter a cabeça envolta em algodão para aliviar as suas terríveis ressacas.

– Claro que não. Nunca me passou pela cabeça tal coisa. Seria difícil arrastar-te para o hospital e esconder-te no armário dos pensos, com uma agulha espetada numa veia e ligada a um tanque de oxigénio. Na verdade, são bem poucos os que fazem isso, e espera-se que o façam com moderação. É muito mais saudável para o corpo lidar com os efeitos do álcool por sua conta, quer na embriaguez quer na ressaca.

– Esqueceste-te de acrescentar que o mais saudável é beber com moderação. – Thóra pôs fim à conversa agradecendo-lhe a informação e depois perguntou-lhe o que iriam fazer com os filhos durante as férias de inverno, que estavam à porta. Ainda nenhum deles tinha planos, e por isso decidiram que iriam ambos pensar no assunto e voltariam a falar mais tarde.

Thóra estava bastante satisfeita por ter os factos esclarecidos. Tudo indicava que o seu relatório estaria pronto em breve, e a sua argumentação seria de tal modo irrefutável que dificilmente o Supremo Tribunal poderia rejeitar o pedido. Mas ainda teria de esperar pelo resultado do teste de ADN feito a Bjarki Emil, o homem encontrado morto na praia de Nauthólsvík, pois só esse dado demonstraria sem margem para dúvidas que fora ele o violador de Lísa. O testemunho de Ragna era forte, mas tinha de ser verificado. Uma preocupação esmorecia, no entanto, o contentamento de Thóra: mesmo que conseguisse provar o crime de Bjarki Emil, não era absolutamente certo que isso tivesse alguma influência no caso de Jakob. A relação entre as violações e o incêndio não era evidente. Para conseguir a libertação de Jakob, Thóra precisava de demonstrar que Bjarki Emil ou outra pessoa tinha ateado o incêndio no lar, e explicar porquê. Claro que não era tarefa fácil. Mesmo antes de se pôr a imaginar possíveis motivos para o atear do incêndio, havia muito poucos suspeitos potenciais. Mais uma vez, estudara os principais documentos do processo, e quando se perguntava qual dos indivíduos com quem contactara teria maior probabilidade de ser o culpado, o resultado era sempre o mesmo: nenhum

deles tivera oportunidade para atear o incêndio, a menos que as várias pessoas que tinham fornecido o álibi para cada indivíduo, na noite em questão, tivessem todas mentido.

Einvardur e Fanndís tinham estado num baile anual que se realizava no campo, a leste de Reiquejavique, no meio de inúmeros convidados. Claro que nenhuma dessas pessoas fora questionada, mas a ideia de que o casal tivesse mentido fora obviamente considerada absurda. Se se tivesse sabido que ninguém se lembrava de os ter visto durante o período de tempo relevante, podiam simplesmente dizer que estavam no seu quarto de hotel. Poderia o estranho comportamento de Einvardur ser atribuído a ansiedade, no caso de estar a ocultar o papel que desempenhara na tragédia? Quanto a Lena, dera uma festa em sua casa, e as duas pessoas que lá tinham ficado até ao fim – nenhuma fora identificada, mas sabia-se que uma era do sexo feminino e outra do sexo masculino – estavam com ela quando a polícia aparecera, mais tarde, nessa noite, e comprovaram a história da rapariga.

Os pais dos outros residentes ou se encontravam a dormir nas suas casas, fora da cidade, ou em festas, e Thóra não tinha razões para duvidar do que tinham dito. Glódís também estava em casa a dormir, mas pouco antes do incêndio uma velha amiga sua acordara-a, tendo-lhe telefonado a perguntar se queria encontrar-se com ela no centro da cidade. A diretora falara com brusquidão quando a polícia ligara para a informar do incêndio, porque julgara que fosse a sua amiga a insistir. Margeir também tinha estado a dormir, e verificara-se que recebera uma mensagem de Fridleifur no seu telemóvel, antes de começar o incêndio, e o telemóvel fora localizado em sua casa. Claro que Margeir poderia ter partido imediatamente para a residência e desencadeado o incêndio, mas teria de se ter deslocado muito depressa. Além disso, era difícil conceber o que teria levado um homem que estava bastante mal de saúde a saltar de repente para um carro e a ir atear um incêndio que custaria a vida a cinco pessoas. De acordo com os documentos do caso, não havia dúvida de que Margeir estivera doente nessa noite. Outras pessoas com quem Thóra falara – Sveinn, o cineasta; Linda, a simpática terapeuta; Ægir, o terapeuta de Tryggvi, e Ari – estavam fora de

questão: era simplesmente absurdo pensar que qualquer deles tivesse algum motivo para matar quer os residentes, quer Fridleifur. Claro, havia sempre a possibilidade de Thóra não ter atentado num possível motivo por parte de qualquer um deles, mas essa possibilidade era extremamente reduzida…

Não, tanto quanto Thóra sabia, só havia três possíveis cenários: Bjarki Emil ateara o incêndio, para matar Lísa, ou Fridleifur, ou ambos; alguém completamente diferente, que não surgira ainda da investigação, provocara a tragédia num momento de loucura, talvez um visitante noturno que lá fora para receber o tratamento de oxigénio; finalmente, Tryggvi, que depois de atacar Fridleifur ateara o incêndio por razões impossíveis de determinar. Nenhum deles saberia que o alarme de incêndio estava desligado, à exceção, talvez, de Tryggvi. Talvez nada daquilo tivesse relevância para o caso e o incendiário simplesmente não tivesse reparado nos bocais de saída no teto, que em circunstâncias normais teriam extinguido o fogo antes de este se propagar. Thóra começava a perceber que era impossível decidir qual daquelas três possibilidades era a mais credível. Mas inclinava-se mais para a ideia de que Tryggvi estava implicado, devido às reações dos seus pais e da sua irmã. Todos eles tinham tentado ocultar-lhe informação, inclusive o facto de ele já ter causado problemas com fogo pelo menos duas vezes antes, uma das quais com graves consequências para a sua irmã. Estava fora de questão que Lísa Finnbjörnsdóttir ou Ragna Solvadóttir tivessem ateado o incêndio, e o mesmo se passava com a cega e surda Sigrídur Herdís Logadóttir. E Natan Úlfheidarson estava fortemente medicado, como confirmara a autópsia.

Depois de percorrer cuidadosamente os pontos que reunira na sua última análise dos documentos, Thóra não encontrou nada, em particular, que lhe chamasse a atenção ou que a levasse a mudar de opinião. Assim, decidiu que o seu próximo passo seria debruçar-se sobre as mensagens de texto que lhe enviara Jósteinn. Ficara tão furiosa ao descobrir que era ele que estava por detrás das mensagens que ainda não fora capaz de se concentrar na tarefa. Irritava-a terrivelmente ser manipulada daquela forma, por Jósteinn e pelos seus estranhos impulsos. Também achava particularmente desagradável a maneira que escolhera

para o fazer. Sem dúvida, a maior parte das mensagens daquele sacana tinham-na ajudado a avançar na investigação. A única mensagem que Thóra não conseguia esclarecer era a que dizia *o2 tubo curto.* Suspeitava que *o2* queria dizer O_2, o símbolo do oxigénio, mas ainda não descobrira nada que ajudasse a explicar a referência ao *tubo curto*. Também ainda não considerara a mensagem sobre a rua Vesturlandsvegur. Eram quase dez da manhã, e era tentador adiar para o dia seguinte, mas depois Thóra lembrou-se daquele monitor com luz vacilante que decidira trocar pelo de Bella, e decidiu tentar descobrir o significado da mensagem na paz e tranquilidade da sua casa. Também tinha de admitir que estava em pulgas por saber o que teria aquilo a ver com o caso de Jakob: o local e a data de modo algum coincidiam com o incêndio – a data era de quase um ano antes e o local ficava a quilómetros de distância.

Thóra levou algum tempo a descobrir, através do Google, aquilo a que Jósteinn se estaria eventualmente a referir. A primeira entrada consistia numa notícia antiga, onde era referido que parte da estrada de Vesturlandsvegur fora encerrada devido a um acidente de trânsito, e que a polícia ainda não sabia quando iria ser reaberta. Não havia mais pormenores sobre o acidente, na altura em que essa notícia fora escrita, mas depois aparecia um artigo, publicado pouco tempo depois, com muito mais pormenores. O artigo relatava que uma jovem fora atropelada por um carro e morrera. O condutor pusera-se em fuga do local e estava a ser procurado, e fazia-se um apelo a possíveis testemunhas para que prestassem depoimento. Thóra lembrava-se vagamente da história e continuou a ler o artigo. Fora desencadeada uma vasta investigação e tinham procurado testemunhas, mas sem resultados; tudo o que se sabia era que a rapariga fora atropelada ao atravessar a rua e morrera em consequência dos ferimentos pouco tempo depois. O condutor fugira e não era, de todo, plausível que não se tivesse apercebido do acidente. A investigação parecia ter sido muito abrangente; entre outras diligências, todas as garagens e oficinas de mecânica haviam sido investigadas. A polícia tivera a esperança de determinar a marca do veículo com base nas provas no local do acidente e na análise das lesões da rapariga, mas tal não foi o caso. Descobriram que o veículo em questão era um carro de família de

tamanho médio, mas não descobriram mais pormenores. O condutor não respondera aos diversos apelos para se apresentar e ninguém testemunhara o acidente. A pouco e pouco, a história caíra no esquecimento. A identidade da rapariga fora divulgada: chamava-se Margrét Svandís Pétursdóttir. Um nome que nada dizia a Thóra. Tinha a certeza de que nunca encontrara aquele nome referido em relação ao caso de Jakob.

Thóra estava especialmente interessada na entrada seguinte, que dizia respeito ao acidente. Alguém, no seu próprio blogue, tinha comentado uma notícia que à primeira vista não parecia ter nada a ver com a tragédia e que não aparecera na busca que Thóra fizera através do Google. Numa breve descrição autobiográfica, o autor do blogue afirmava ser um *especialista em tudo o que dizia respeito ao mundo espiritual e ao sobrenatural.* A história que o inspirara a comunicar com o mundo exterior era breve. Contava como a Igreja Islandesa, pela primeira vez desde há mais de um século, fizera um exorcismo para expulsar um fantasma. Thóra não lera essa pequena história na altura; devia ter-lhe passado despercebida no meio da enxurrada de notícias sobre o colapso bancário, tal como sucedera com a história sobre o incêndio. De facto, a ocorrência só fora relatada uma vez na comunicação social, e a entrada do blogue continha mais pormenores do que o artigo então publicado: referia-se à rua Vesturlandsvergur e citava a data de que Thóra tomara conhecimento através da mensagem de texto, razão pela qual o motor de busca a apresentara. No seu texto, o bloguista dizia que o exorcismo estava relacionado com o referido acidente, e que quando fora chamado a intervir percebera claramente que a casa estava assombrada. Uma rapariga dirigia-se para aquela casa, para tomar conta de um menino, quando fora atropelada: como a sua morte estava por esclarecer, a sua alma acabara por ficar num limbo entre este mundo e a eternidade. Enquanto o homicídio não fosse resolvido, a rapariga não conseguiria deixar o aqui e o agora, pelo que se ancorara na criança de quem costumava tomar conta na ausência dos pais. Thóra não conseguia perceber muito bem o resto do comentário, que prosseguia descrevendo a natureza do limbo e debatendo outras questões relacionadas com médiuns espirituais.

Os nomes das pessoas que viviam nessa casa eram referidos no blogue – Berglind e Haraldur –, e embora só tivesse os seus nomes, seria bastante fácil localizá-los na cidade de Mosfellsbær. Thóra tinha de parar e pensar por um momento. Sem dúvida alguma, era importante descobrir se esta tragédia estava relacionada com o caso de Jakob, e seria bom fazê-lo antes de se encontrar com aquele louco do Jósteinn, algo que planeava fazer muito em breve. Mas havia um perigo: apesar de Thóra ter descodificado a maior parte das mensagens que ele lhe enviara, o que à partida lhe daria uma certa vantagem no seu relacionamento, a vantagem podia ficar do lado dele se Thóra não permanecesse alerta. Se tivesse oportunidade, Jósteinn poderia eludir as suas perguntas e continuar a alimentá-la com migalhas de informação. Claro que podia contactar os pais da rapariga que morrera, mas a ideia de falar com pessoas que ainda estariam consumidas pela dor, embora já tivessem passado três anos desde o acidente, não lhe agradava nada. Como quer que imaginasse o início da conversa, não havia maneira de evitar parecer uma louca. *Sim, olá, chamo-me Thóra e recebi uma mensagem de um sociopata que está preso em Sogn, que sugere que um homicídio múltiplo cometido por meio de um incêndio está relacionado com o acidente que vitimou a vossa filha. Não se importaria de se encontrar comigo?* Era, no entanto, menos provável que as pessoas que se julgavam vítimas de uma assombração lhe desligassem o telefone a meio de uma frase. Sem mais delongas, olhou para o número e ligou.

A conversa acabou por ser muito mais fácil do que imaginara. Berglind não pareceu minimamente chocada quando Thóra, com todo o tato de que era capaz, lhe explicou a razão do seu telefonema. Era fácil de perceber, pela sua voz angustiada e pelas suas respostas monótonas, que aquela mulher tinha passado por momentos difíceis. Quando Thóra sugeriu cautelosamente que se encontrassem, Berglind não hesitou. *Sim, pode vir já. O meu marido está no trabalho e eu não estou a fazer nada de especial.*

– Isto não se parece lá muito a uma casa assombrada. – Thóra inclinou-se para a frente, para ter uma vista melhor. A casa, de forma retangular, era de

cimento e tinha dois andares, mas não causava grande impressão. Bastaria uma pintura rápida no telhado e nas molduras das janelas para melhorar consideravelmente o seu aspeto. A porta principal era de contraplacado barato, quase parecendo temporária, e, ao contrário dos outros jardins da rua, o jardim da frente estava coberto de vegetação. Mas embora desse a impressão de ter sido construída com materiais mais baratos e não estivesse em tão bom estado de manutenção como as dos vizinhos, a casa não era muito diferente das restantes dessa rua. De facto, parecia que as melhorias estavam iminentes, e que não faltaria muito para que as rachas do cimento fossem reparadas, o exterior pintado e a porta substituída. Havia uma fiada de lâmpadas de Natal pendurada ao longo do beiral do telhado, como lembrança da recente quadra natalícia.

– Que aspeto achas que devia ter uma casa assombrada? – perguntou Matthew, tentando decidir onde arrumar o carro. Ambos os espaços no caminho de entrada estavam livres, mas não lhe agradava estacionar em nenhum deles, visto que o marido estaria de volta a qualquer instante e encontraria o seu lugar ocupado. Matthew preocupava-se muito com essas coisas. – Estavas à espera de uma casa de madeira à americana, com empenas altas e os vidros partidos? E talvez um morcego pendurado de cabeça para baixo no algeroz? – Acabou por estacionar o carro junto à berma diante da casa.

– Talvez não exatamente assim, mas isto é bem diferente do que estava à espera. – Thóra saiu para o passeio e a neve acabada de cair estalou sob os seus pés. – Raios, está frio. – Esperou enquanto Matthew fechava o carro. Inspirou profundamente o ar frio e imóvel do inverno e deu-se conta de um odor ligeiro mas repugnante, que não soube identificar. – Oh, iagh.– Aquele cheiro metálico colava-se-lhe à boca e às narinas e aumentava de intensidade a cada inalação. Sentiu logo um arrepio; olhou outra vez para a casa e já não lhe pareceu tão inofensiva como à primeira vista. O escuro jardim que a rodeava agora parecia, de algum modo, sinistro, e o edifício parecia projetar sombras maiores e mais escuras do que as outras casas daquele quarteirão. Tentou libertar-se daquela impressão desagradável e encaminhou-se para a porta de aspeto algo degradado. Quase todas as janelas estavam iluminadas; no andar de cima, uma luz

tremeluzia como se a lâmpada estivesse quase a fundir-se, ou seria apenas a televisão? Não era fácil de perceber, dado que todas as cortinas estavam corridas. Atrás das cortinas da cozinha surgiu o contorno indefinido de uma silhueta humana. Thóra não conseguia ver se o rosto da pessoa se encontrava virado para eles, mas tinha quase a certeza de que estavam a ser observados, enquanto percorriam o caminho de acesso. A silhueta desapareceu assim que chegaram à casa. Se era Berglind, então devia ter ido diretamente para a porta, porque esta abriu-se mal Matthew acabara de tocar à campainha. O ruído da campainha não chegou ao exterior, como se a casa tivesse engolido o som.

– Entrem. A campainha está avariada. Estava com receio de não os ouvir tocar, por isso estava à espreita. – Era uma mulher ainda nova, com trinta e poucos anos, ou talvez um pouco mais nova. Os cabelos lisos que lhe chegavam aos ombros pareciam sujos e caíam-lhe para o rosto. As suas calças de ganga usadas eram obviamente um modelo justo, mas nela pareciam largas, e a camisola que trazia era demasiado grande para o seu corpo magro. Tinha uns olhos grandes e expressivos, que seriam lindos sem os círculos escuros que os rodeavam. Tudo isto coincidia com a imagem que Thóra tinha de uma mulher vítima de uma assombração.

– Olá, eu sou a Thóra e este é o Matthew, de quem já lhe falei. – O aperto de mão de Berglind era mole e a palma da sua mão, fria e húmida. – Muito obrigada por ter aceitado encontrar-se connosco. Não a vamos incomodar durante muito tempo. Sei que já está a ficar tarde e amanhã é um dia de trabalho.

– Estou de baixa por doença, por isso não tenho de me levantar cedo. O meu marido ainda está no trabalho; estão a fazer um inventário, e ele vai ter de lá ficar até altas horas da noite, por isso não nos incomodam nada. – Dir-se-ia que Berglind precisava de entrar em pormenores, como se quisesse justificar a grande carga horária do marido no meio da crise económica. – A sua empresa mudou de donos, o que implica imensas mudanças e trabalho extra… que não é pago, mas prometeram-lhe umas férias suplementares em troca. – Berglind convidou-os a entrar. O hall estava muito arrumado, mas desprovido de qualquer luxo. Onde poderia estar um armário para os casacos, havia apenas um

bengaleiro sobre rodas. Os sapatos estavam arrumados meticulosamente contra a parede, ordenados por tamanhos, exceto umas flamantes botas vermelhas que estavam ao meio, decoradas como pequenos carros de bombeiros. Thóra viu que Matthew estava a ter dificuldades em perceber onde havia de colocar os seus sapatos: perto da porta ou no devido lugar, entre os pares de sapatos das pessoas da casa? Berglind pareceu aperceber-se da sua hesitação. – Não se preocupem com os vossos sapatos – disse. – Não tenho muito que fazer durante o dia, por isso tento manter a casa com bom aspeto. Somos só três, portanto tenho de arranjar maneiras de ocupar o tempo. – Olhou para os sapatos, que estavam alinhados como numa loja. – Sei que é ridículo, mas quase não saio de casa, e tenho mesmo de me entreter, por mais estranho que pareça.

Thóra sorriu.

– Bem, devo dizer-lhe que invejo o seu hall tão arrumado; devia ver o meu. – O hall da casa de Thóra estava sempre cheio de sapatos, que eram lá deixados por Sóley, Gylfi, Sigga, e agora também por Orri, geralmente numa pilha no meio do chão. Thóra tinha a certeza de que deviam descalçá-los ao entrarem, mas sem sequer pararem: desapertavam os atacadores mal se aproximavam da porta e depois descalçavam-se ainda em andamento. O pequeno espaço que sobrava no hall estava atulhado de casacos dos miúdos; por alguma razão, nunca os penduravam nos cabides. Quando Thóra e Matthew emergiam do hall, era como se tivessem atravessado um rio saltitando de pedra em pedra.

Berglind não retribuiu o sorriso.

– Podem sentar-se na sala. Vou ver o Pési. – Apontou para o teto *Artex*. – Ele está lá em cima a ver um filme. Amanhã também não tem de acordar cedo, porque está a fazer uma pausa da escola pré-primária. Uma espécie de miniversão do que se passa comigo, na verdade. – As suas olheiras davam a impressão de ter ficado mais escuras e maiores, agora que Berglind saíra da luz intensa do hall.

Matthew e Thóra sentaram-se num sofá modular, do género que dominara o mercado de mobília poucos anos antes. Era como se o sofá quisesse mostrar-se solidário com a casa, dando sinais de uso: a *chaise longue* que lhe estava ligada

afundava-se a meio e tinha a cor desbotada, dando a impressão de pertencer a um conjunto diferente. Tal como o hall de entrada, a sala estava excessivamente arrumada, e Thóra julgou detetar um cheiro a produto de limpeza. Queria muito levantar-se e ir ver as fotografias emolduradas que estavam na parede à sua direita, mas não se sentia à vontade, receando que Berglind a pudesse apanhar a espreitar. Assim, permaneceu sentada, sem se mexer, e tentou observá-las de longe.

– Desculpem, tive de lhe arranjar papel e uns lápis de cera; não queria parar de ver o filme. – Berglind sentou-se em frente de Thóra. Sorriu para ambos, pouco à vontade, esperando que fossem eles a falar. – Querem tomar um café ou outra coisa qualquer?

Thóra e Matthew recusaram educadamente.

– Não queremos incomodá-la. Já tem muito que fazer. – Thóra olhou para as escadas que levavam ao andar de cima. – O seu filho deu-se conta desse… espírito? – Não sabia até que ponto podia confiar na história que lera no blogue; preferia que Berglind lhe respondesse diretamente.

– Sim, muito. Ao que parece, o Pési e eu somos os mais sensíveis à sua presença; o meu marido não tem problema nenhum em ignorar o problema e agir como se nada fosse. – Franziu as sobrancelhas. – Bem vejo que não acreditam numa palavra. Tornei-me especialista em reconhecer essa expressão.

Embaraçada, Thóra tentou esconder as suas dúvidas.

– Não tive qualquer intenção de sugerir isso. Não sei nada de fantasmas e, de facto, não tenho opinião formada sobre o assunto. Estamos aqui por uma razão totalmente distinta, como já referi: um caso que está de algum modo relacionado com o acidente que se deu aqui, na estrada de Vesturlandsvergur. Tinha a esperança de esclarecer essa ligação falando consigo.

Ao ouvir Thóra, a mulher acalmou-se um pouco.

– Compreendo. É que…tornei-me muito sensível em relação a isto; todos à minha volta se cansaram do assunto e foram deixando de se mostrar solidários. – Endireitou-se na sua cadeira. – Mas é assim a vida, parece-me. Embora uma ou duas pessoas tenham sido extremamente compreensivas; o casal que mora aqui

ao lado tem sido muito amável para connosco, tal como o meu chefe, no trabalho. As outras pessoas, pura e simplesmente, não querem falar disto.

– Será que posso perguntar-lhe como é que a assombração se manifesta? – Matthew, obviamente, estava morto de curiosidade. – Nunca conheci ninguém que tenha estado neste tipo de situação.

– Claro. – Berglind sorriu inesperadamente, mas depois o seu rosto ficou sombrio, quando começou a contar a história. Enquanto escutava, Thóra ficou contente que as cortinas estivessem corridas; era inegável que se tratava de uma história poderosa.

Quando Berglind terminou o seu relato, Thóra viu que não estava nem um milímetro mais perto de perceber se aqueles acontecimentos tinham alguma relação com o incêndio, e embora todas as mensagens de Jósteinn tivessem informações relevantes, era possível que desta vez ele tivesse errado o alvo. Thóra tinha a impressão de que Berglind falava verdade e de que estava a contar a história exatamente como a via, mas isso não significava que todas as suas explicações refletissem a realidade.

– Bem… – Thóra sentia a garganta seca e tossiu suavemente. – Tudo isso parece bastante assustador, mas, infelizmente, não vejo como possa ter alguma relação com o caso em que estou a trabalhar. Nenhum dos nomes corresponde; as datas não evocam nada, o acidente ocorreu um ano antes do incêndio. Não se lembra de nada de especial que tenha ocorrido aqui no dia 11 de outubro de 2008?

– Não, embora tenha sido por volta dessa data que a assombração se tornou significativamente pior. – Berglind refletiu durante um momento, em silêncio, e uma expressão de espanto surgiu-lhe no rosto. – Disse um incêndio? Que ocorreu em outubro desse ano?

– Sim.

– Refere-se ao incêndio no lar comunitário? – perguntou Berglind, que parecia surpreendida. Ouviram passos leves no andar de cima, pelo que o filho de Berglind devia estar a andar de um lado para o outro, e ela olhou para o teto. Pareceu dar-se conta de que a sua reação podia não parecer natural às suas

visitas e, de imediato, voltou a concentrar-se na conversa.

– Sim – disse Thóra. – Sabe alguma coisa acerca disso? – Talvez a mensagem de Jósteinn não estivesse diretamente relacionada com o acidente na rua Vesturlandsvergur, mas ele a tivesse escolhido como uma maneira tortuosa de a pôr em contacto com Berglind. – Será que, por acaso, trabalha no Departamento Regional para os Deficientes?

Ela abanou a cabeça.

– Não, trabalho no Ministério da Justiça. Um colega meu perdeu um filho nesse incêndio.

– Estou a ver. – Thóra estava a ter dificuldade em encontrar uma pergunta pertinente em relação àquela informação inesperada. De facto, tinha apenas uma questão na ponta da língua, mas pensou que seria melhor guardá-la para si, até ter esgotado tudo o que lhe vinha ao pensamento. – As pessoas chamam-na Begga?

– Sim.

– Mamã. – À porta estava um rapazinho com um pijama do rato Mickey e uma expressão séria no rosto, segurando um desenho na mão. Berglind levantou-se, pegou nele ao colo e sentou-se outra vez. Acariciou-lhe os cabelos loiros e a criança encostou-lhe a cabeça ao peito. Pousara o desenho no colo, e algo nele chamou a atenção de Thóra.

– Mas que desenho tão bonito que fizeste! Sabes o alfabeto? – Inclinou-se para a frente e pegou no desenho. – Posso ver? – O menino era tímido e afastou-se dela, mas entregou-lhe o desenho, ainda assim. Letras e números grandes, irregulares, estavam desenhados a lápis azul. *NNI8o.* Era tão perturbador como a série de letras e números com que Tryggvi marcara todos os seus desenhos, e o frio que sentira à chegada, no jardim, voltou a apoderar-se de Thóra. – Berglind, conheceu o Tryggvi ou alguma vez viu desenhos feitos por *ele*?

Berglind abraçou o garoto com mais força.

– Refere-se ao filho do Einvardur? Nunca o vi, e o Pési também certamente que não. Porquê? Tem alguma coisa a ver com essas letras e números? – Olhou para o desenho. – Creio que já as vi, mas, definitivamente, não em desenhos do

Tryggvi.

Thóra deixou o desenho cair no seu colo.

– Sei que a pergunta lhe vai parecer impertinente, mas… a Berglind e o Einvardur tinham algum relacionamento à margem do trabalho? – Thóra tinha quase sussurrado a última parte da sua pergunta, embora a criança que Berglind tinha ao colo não fosse suficientemente crescida para compreender do que se tratava.

– Desculpe? Onde é que foi buscar essa ideia? – Berglind não parecia sentir-se insultada, apenas extremamente surpreendida. Ajeitou Pési no seu colo.

– Devo ter percebido alguma coisa mal. Por favor, peço desculpa por ter sido tão mal-educada. – Thóra não estava certa de poder confiar inteiramente naquela mulher, mas não queria continuar a fazer acusações que seriam negadas. Não sabia nada acerca do relacionamento a que Lena se referira, mas era óbvio que Berglind, se estivesse a ter um caso extraconjugal, dificilmente o admitiria a uma estranha. Thóra inclinou-se para o rapazinho. – Porque escolheste essas letras e esses números, Pési? – Thóra segurava o desenho. Ele tinha-se afastado da mãe e cobrira o rosto com ambas as mãos. Depois espreitou por entre os dedos.

– A janela – disse, numa voz tão baixa, que mal se ouviu. – Estava escrito na janela. Foi a Magga que escreveu. Ela está lá fora.

Matthew deteve-se nos degraus, a bater energicamente com os pés no chão para sacudir a neve.

– Não há dúvida que era um homem, e jovem, pela velocidade a que corria. – Tentou recuperar o fôlego. – Tê-lo-ia apanhado, se tivesse uns sapatos melhores e se ele não tivesse atravessado os jardins, saltando as vedações. – Nuvens finas de vapor desprendiam-se-lhe do corpo, misturando-se depois com o ar gelado e sereno, e acabando por desaparecer. Tendo pedido licença a Berglind, Matthew fora espreitar a janela a que Pési se referira, e enquanto examinava as letras e números escritos na porta coberta de geada da varanda, que dava para a cozinha, vira um homem no jardim e correra atrás dele, calçado com as pantufas do marido de Berglind, que estavam junto da porta.

– É pena que nos teus exercícios diários não corras pelos jardins das pessoas. – Thóra esticou-se para ver por cima do seu ombro, embora soubesse que de nada lhe servia, visto que o homem não poderia estar por perto, dada a distância que Matthew percorrera. – Raios.

– Quem seria? Viu-lhe a cara? – Berglind estava atrás de Thóra, com o filho ao colo; Pési abraçava a mãe com tanta força que ela devia estar com dificuldades em respirar. O garoto ficara perturbado com o incidente, e era difícil dizer se suportaria muito mais. Para ele, bem podia ser a ogra Grýla, que viera até ao jardim para o enfiar no seu saco, querendo levá-lo para as montanhas e depois comê-lo.

– Não, nunca se virou para trás. Mas vi que tinha cabelo escuro.

Thóra virou-se para Berglind.

– Eu acho que o melhor seria a senhora contactar a polícia. Claro que se calhar não passa de algum maluco, mas, considerando o caso que estou a investigar, não faz mal ser cauteloso, dado que a Berglind parece estar, de algum modo, ligada a toda esta história. Se esta visita inesperada tem algo a ver com o caso, seria muito melhor e mais seguro pôr isto nas mãos das autoridades. Talvez optem por manter a casa sob vigilância.

Enquanto Matthew estivera a praticar corrida de longa distância atravessando metade de Mosfellsbær, Thóra continuara a falar com Berglind, que ao princípio tremia como varas verdes. Por mais perguntas que lhe fizesse, Thóra não conseguia perceber que relação poderia ela ter com o processo de Jakob. Não, não trabalhara diretamente sob as ordens de Einvardur; não, não se envolvera nos seus assuntos; não, não tivera nada a ver com o incêndio. Também disse que Einvardur fora o único no ministério a mostrar-se compreensivo, quando se tinham espalhado os rumores sobre a assombração, e esforçara-se muito para ela conseguir ficar de baixa quando começara a sofrer de graves insónias. Thóra não queria inferir grande coisa deste relato; talvez Einvardur estivesse apenas a ser amável e solidário, depois de ele próprio ter passado por grandes dificuldades, tanto com o autismo do filho como com a sua morte trágica. Por outro lado, Thóra estava intrigada, porque até então Jósteinn só partilhara informação

relevante para o caso, quando agora parecia não haver uma ligação aparente. Thóra até perguntara, com muito tato, se Einvardur tivera algum relacionamento mais íntimo com qualquer outra mulher no ministério, mas obtivera apenas um ar chocado e um «Não» colérico. Aos olhos de Berglind, Einvardur era um anjo em forma humana, e Thóra deixou de falar num possível adultério, compreendendo que se arriscava a ser posta fora daquela casa e a ficar à espera de Matthew no carro, e logo com o frio que estava. Talvez o objetivo de Jósteinn não fosse levá-la até ali; talvez estivesse a orientá-la para os pais da rapariga que morrera no acidente.

– O meu marido deve estar a chegar a casa agora. Posso esperar até amanhã para falar com a polícia.

– Acho que isso não é muito prudente. – Matthew parecia ter finalmente recuperado o fôlego. – Devia falar com eles imediatamente. Se adiar até amanhã de manhã, aposto que vai adiar outra vez. – Ambos podiam ver pela expressão de Berglind que ela não ia seguir este conselho. – Se contactar com a polícia esta noite, vai sentir-se aliviada. Não há maneira de saber se ele já fez isto antes ou se está a planear fazê-lo de novo. Há imensa gente estranha implicada neste caso do incêndio.

– Acha que esse tipo já cá esteve antes? – Berglind ajeitou Pési na sua anca; o corpinho do rapaz amolecera e os seus olhos começavam a fechar-se. – Às vezes sentia que estava alguém no jardim.

Berglind corou um pouco, mas tão ao de leve que quase não se dava por isso.

– Pensei que estava relacionado com esta… compreende. – Calou-se, mas agora pairava no ar a possibilidade de haver uma explicação lógica para algumas das coisas que antes pensara serem de ordem sobrenatural.

Capítulo 35

Sexta-feira, 22 de janeiro de 2010

SVEINN TINHA O DESENHO NA MÃO; não parecia nada maçado por se descartar dele.

– Fique com ele. Como vê, não estou a fazer nada com ele, e só por acaso não foi parar ao caixote do lixo há que tempos.

Thóra pegou no desenho, duvidando de que o realizador de cinema deitasse fora o que quer que fosse. Na caixa de onde ele tirara o desenho parecia estar guardado tudo o que se relacionava com o seu documentário para o Ministério da Previdência. Talvez estivesse apenas chateado por o seu projeto ter sido posto na prateleira.

– Ótimo. Muito obrigada por se ter esforçado a procurar este desenho para mim.

– Não tem de quê. Já podia estar nas suas mãos, se soubesse que o queria. Como me disse no outro dia, não é propriamente o género de coisa que alguém queira pôr na parede.

– Não, e também não é isso que tenciono fazer. – Thóra agradeceu-lhe mais uma vez e precipitou-se para o carro. Mal conseguia disfarçar a sua alegria enquanto descia apressadamente a escada daquele bloco de apartamentos. Ao

sair de casa de Berglind, praguejara por não ter nenhum desenho de Tryggvi para o poder comparar com o desenho trapalhão de Pési, que Berglind consentira que eles levassem. Matthew sugerira que talvez pudessem pedir emprestada a gravação de vídeo que tinham visto em casa de Sveinn e observar com atenção a parede do quarto de Tryggvi coberta com os seus desenhos, para depois ampliarem a imagem. Foi então que Thóra se lembrou que numa das imagens do vídeo se via Tryggvi a oferecer um dos seus desenhos ao cineasta, e ficou a pensar se ele ainda o teria. Tinha quase a certeza de que o desenho seria composto por todos os elementos do costume: uma jovem deitada, provavelmente Lísa; uma pessoa de pé, que simbolizava a sua mãe; as chamas, aquela série de letras e números e ainda outros pequenos pormenores que não tinham conseguido observar devido à baixa resolução das imagens. Depois de um breve telefonema na manhã seguinte, Sveinn confirmara que ainda tinha o desenho e que Thóra seria muito bem-vinda se quisesse passar por lá para ir buscá-lo.

Thóra saltou para o carro e fechou com força a porta.

– Bingo!

Matthew pôs o carro em andamento com um ar satisfeito, embora ela soubesse que não estava tão satisfeito como ela. O banco dera-lhe nessa manhã um prazo para aceitar ou recusar o seu novo trabalho: a oferta só vigorava até segunda-feira. Não podiam esperar mais pela resposta, pelo que Matthew tinha de se decidir. Thóra tentou esconder o quanto desejava que ele ficasse com o emprego, limitando-se a dizer-lhe que o seu instinto lhe dizia que ele devia aceitar. O que não lhe disse foi que a probabilidade de ele encontrar um cargo à sua altura na Islândia, nos próximos anos, era extremamente limitada. E se Matthew não encontrasse trabalho ali, acabaria por ter de sair do país, quer os seus pais continuassem ou não a viver com eles. Para Thóra, era a Islândia ou nada; tinha de ficar por causa dos seus filhos, e dos seus pais, e até por si própria. Se ele se fosse embora, a sua relação terminaria, quer isso acontecesse num dado momento, por decisão mútua, quer se afastassem aos poucos. Quaisquer outros planos para manterem a relação à distância nunca funcionariam

na prática. Mas seria injusto da parte de Thóra pressioná-lo desse modo; era a ele que tinham oferecido emprego, e a ele cabia tomar uma decisão.

– Tens tempo para ver isto comigo antes de ires para a reunião? – perguntou. Matthew tinha uma reunião marcada para pouco antes do meio-dia com o diretor do recrutamento de pessoal: havia tempo suficiente, mas talvez ele quisesse tomar outro duche, mudar de fato ou pôr uma gravata com riscas para a direita, em vez da que tinha riscas para a esquerda. Era um costume seu, após anos de trabalho em bancos alemães. – Quero dizer, não tens nada que fazer antes?

– Não, nada. – Matthew não deu mais satisfações e Thóra ficou sem saber se ele acharia inútil preparar-se melhor porque tencionava recusar a proposta, ou se já se decidira a aceitar o emprego, embora lhe tivesse dito que ainda estava na dúvida. Optou por não fazer mais perguntas; em breve ficaria a saber.

– Então vamos até ao escritório ver o desenho. Tenho café instantâneo para ti.

– Os caracteres são os mesmos, só que estão dispostos ao contrário. Claro que é impossível ter a certeza, dado que o garoto não é propriamente um artista extraordinário. – Thóra pousou a lupa entre os dois desenhos. – É difícil perceber se se trata da letra O ou do número zero, e o mesmo acontece aqui… será um «i» ou o número um? – Olhou outra vez para o desenho de Pési. – Também não sou capaz de perceber se isto é um B ou um oito. E, ao fim e ao cabo, talvez não faça diferença nenhuma, porque qualquer que seja a combinação, nada disto faz sentido.

Matthew inclinou-se para trás e esfregou os olhos.

– Há pormenores realmente complexos neste desenho; nem sei como o Tryggvi os conseguiu desenhar. Doem-me os olhos só de olhar para eles. – Pegou na lupa. – Achas que esta é a Lísa? – Examinou a figura que estava deitada de bruços no primeiro plano do desenho. – Ela tinha outras deficiências, além de estar em semicoma?

– Não. – Thóra percebeu a razão daquela pergunta. Tendo em conta que Tryggvi desenhava muito bem, havia pormenores naquele desenho que pareciam

estranhos, sobretudo no que dizia respeito ao corpo de Lísa, se é que era mesmo ela que ali estava representada. Um braço parecia estar virado para trás no ombro, e as suas pernas, em vez de um joelho, tinham duas articulações, uma no meio da coxa e a outra a meio da barriga da perna. – Talvez isto seja uma interpretação da violação. Talvez o violador tenha colocado o corpo dela numa posição estranha por forma a conseguir dar seguimento ao seu ato. O mundo sensorial do Tryggvi era completamente diferente do nosso, claro, mas se calhar era assim que ele via as coisas.

– Mas ela está a gritar; ou, pelo menos, tem a boca completamente aberta. – Matthew franziu as sobrancelhas para Thóra. – Será que também foi forçada a fazer sexo oral? Há algo que parece estar a sair da sua boca, no desenho.

– Será que isso é possível, estando uma pessoa inconsciente? – Thóra agarrou na lupa que ele tinha na mão e examinou a boca aberta. – Mas tens toda a razão, é como se algo lhe escorresse de um dos cantos da boca.

– É mesmo uma pena que ele não tenha conseguido fazer um desenho um bocadinho mais claro. Achas que o terapeuta Ægir poderia explicar isto um pouco melhor?

– Talvez. Mas a verdade é que ele tomou muitas liberdades poéticas quando analisou os desenhos. Não acho que se possa forçar aqui uma interpretação específica. – Thóra apontou a pessoa que estava de pé. – Por que razão, por exemplo, o objeto na mão desta pessoa tem de ser forçosamente o símbolo da paz, como ele pretendia? Certamente que é parecido, mas porque havia o Tryggvi de pespegar um símbolo da paz nos seus desenhos? As pessoas têm de conhecer um pouco da história humana para perceberem o significado deste símbolo. É, pelo menos, o que penso. – Olhou o grande anel que a figura segurava entre as mãos. – Meu Deus. E estava eu a pensar que tínhamos avançado bastante nisto.

– Mas, e se não for a Lísa?– Matthew olhou para Thóra. – Não estaremos a tentar ver aquilo que nos convém? Na verdade, não sabemos, de todo, se ele realmente testemunhou algo e, se calhar, nem era possível ver a cama estando à porta do apartamento. Talvez devêssemos verificar todos os factos antes de

continuar a seguir esta interpretação. – Olhou para o relógio e levantou-se. – Bem, é melhor ir andando. – Deu um beijinho na testa de Thóra. – Não me queres perguntar o que lhes vou dizer?

Ela abanou a cabeça.

– Convida-me para jantar fora e depois contas-me tudo. Hoje vai ser um dia curto para mim, de qualquer modo, porque só me posso encontrar com o Jósteinn amanhã, e não vou escrever mais nada neste relatório antes de falar com ele. – Soprou-lhe um beijo e desejou-lhe boa sorte. Depois viu-o encaminhar-se para a porta e perguntou-se se aquela seria uma das últimas vezes que o via sair do seu escritório.

Para se distrair até ao regresso de Matthew, Thóra decidiu ver mais uma vez a página do Facebook. Bastava de olhar para os dois desenhos, por agora. Alguma coisa a incomodava, e tinha a ver com a visita noturna de Lena ao lar, mas ao recordar essa conversa, Thóra não sabia ao certo o que era. Talvez ao ver as fotografias ficasse inspirada. Queria sobretudo ver a fotografia de Bjarki Emil, para tentar perceber se era isso que a inquietava. Para sua grande surpresa, várias daquelas fotografias a fizeram compreender o que não batia certo.

– Então, afinal de contas, eles conheciam-se? – Matthew mantinha-se na faixa do lado direito, embora fosse improvável encontrarem outro carro, enquanto percorriam lentamente os sinuosos meandros das ruas.

– Não sei se se *conheciam* necessariamente, mas sem dúvida estiveram no lar na mesma noite e, quase de certeza, ao mesmo tempo. – Thóra apontou para um banco de neve na rotunda da qual se aproximavam, e a seguir continuou: – Lembras-te de ela ter dito que tinha lá ido com a sua amiga embriagada, e mais outro amigo delas que estava a conduzir? Ele estava na fotografia com o Fridleifur e o Margeir em que se vê a Lena ao fundo, o que me leva a querer saber quem foi, de facto, que tirou essa fotografia. Quase de certeza não foi a rapariga que estava a cair de bêbeda, se o que a Lena disse é verdade… que a fotografia foi tirada enquanto ela estava a receber oxigénio. O que significa que estava lá mais alguém, e penso que era esse tal Bjarki Emil.

– Só porque o Fridleifur e o Margeir têm a mesma roupa na fotografia, uma roupa idêntica à que tinham quando tiraram a fotografia com o Bjarki Emil? – Matthew contornou cuidadosamente o monte de neve. – Mas talvez nenhum deles tivesse assim tanta roupa e isso não passe de uma coincidência, o facto de estarem vestidos da mesma maneira nas duas fotografias.

– Achas provável que ambos estejam vestidos exatamente com a mesma roupa, e quero mesmo dizer *exatamente?* O Margeir tinha as calças descaídas de um lado em ambas as fotografias, e tinha a camisa de fora no mesmo local. Não, eu acho que eles ou se encontraram lá por acaso ou então foram para lá juntos. E a segunda hipótese é a que me parece mais provável: foram juntos. Descobri, aliás, que a Lena e o Bjarki estão inscritos na universidade, no mesmo departamento e no mesmo ano. São demasiadas coincidências, a meu ver. Ela devia tê-lo reconhecido quando lhe mostrámos a fotografia. Não sei exatamente o que isto quer dizer, mas é, no mínimo, estranho.

– Sim, sem dúvida.— Matthew virou para o caminho que levava aos restos calcinados do lar. Diante do edifício em ruínas viram um carro com todo o aspeto de estar abandonado. – O que se passa aqui? – Matthew parou a poucos metros apenas do caminho da entrada. – Queres que siga até ao edifício ou chamamos a polícia? Podemos sempre voltar noutra altura, para ver se a cama da Lísa era visível da porta do seu quarto.

– Não, vamos ver o que se passa. – Thóra tentava perceber o que aquele carro estaria ali a fazer, mas não o conhecia. Nenhuma das pessoas que conhecera durante a sua investigação guiava uma lata velha e tão cheia de amolgadelas como esta.

Matthew avançou, agora com os faróis apagados, para que fosse menos provável que o visitante desse por eles. Podia, evidentemente, ser um carro que alguém lá tivesse deixado algum tempo antes, porém, o para-brisas sem neve indicava que não era assim.

– Talvez alguém do Departamento Regional esteja a monitorar o local…

– Duvido. Avança um pouco, mas não te aproximes demasiado, para não sermos vistos. Seja lá quem for, não faz mal nenhum passarmos desapercebidos.

Matthew estacionou o carro a uma pequena distância, de modo que não se ouvisse a neve a estalar sob os pneus. Abriram com cautela as portas, puseram os pés no chão o mais silenciosamente possível e depois viraram-se para o edifício enegrecido. Thóra teve a impressão de que nunca antes estivera rodeada por um tal silêncio; tinham o vento pelas costas, por isso não se podiam esconder no ruído constante do trânsito que vinha no sentido oposto.

Quando, por fim, chegaram à porta vedada com tábuas, onde tinham estado pela primeira vez dias antes, o coração de Thóra começou a bater-lhe com força no peito; a necessidade de avançar em silêncio deixara-a nervosa e a tensão parecia aumentar a cada passo que davam, com toda a cautela. Matthew, em silêncio, apontara para um rasto que ia desde o carro abandonado até à porta. Thóra fez figas para que o condutor não estivesse à espera, armado com um bastão de basebol. Parecia-lhe evidente que se aquela fosse a pessoa que ateara o incêndio, então ele ou ela já tinha matado várias pessoas, o que significava que mais uma ou duas não faria grande diferença – a pena a que seria condenado seria a mesma. Não havia muitas coisas piores do que encontrar uma pessoa que não tinha nada a perder e, subitamente, Thóra arrependeu-se de não ter seguido o conselho de Matthew e voltado para trás.

Matthew inclinou-se para ela e sussurrou-lhe ao ouvido, tão baixinho que ela quase não o ouviu.

– Espera aqui. Não há razão para entrarmos os dois. Só duplica as possibilidades de sermos ouvidos. – Thóra abanou a cabeça com veemência, apesar das dúvidas que acabava de sentir. Pôs-se em bicos de pés para lhe chegar ao ouvido e sussurrou tão baixinho como ele.

– Vamos ficar juntos. Isso vai duplicar as nossas hipóteses de o apanhar, a ele ou a ela, se acabarmos à luta.

– Estás a gozar? – Matthew sentia-se tão ofendido que lhe soprou ao ouvido: – Quando muito, podes acrescentar trinta por cento. Mais perto dos vinte e cinco.

Pararam de fazer cálculos assim que ouviram ruído de passos dentro do edifício abandonado. O chão devia estar coberto de água, porque se ouvia um chape-chape. O som era amplificado naquele espaço vazio, fazendo eco. Tanto

quanto os sentidos de Thóra lhe podiam dizer, alguém avançava na sua direção.

– Tinha-me esquecido da água – sussurrou. – Vai ouvir-nos assim que pusermos um pé lá dentro.

Matthew anuiu. Levou a mão ao ouvido e, com um simples gesto, disse a Thóra que saísse dali e se preparasse para chamar a polícia. Thóra procurou o telemóvel na sua mala de mão, ao mesmo tempo que ouvia os passos aproximando-se rapidamente. Antes que ela se conseguisse esconder, os passos chegaram junto da porta. Thóra e Matthew ficaram paralisados quando a tábua solta foi afastada e do interior saiu uma perna vestida de ganga com um sapato de ténis barato na extremidade. Seguiu-se o torso de um homem e, por fim, a sua cabeça. O homem viu-os imediatamente, e por um momento ficou tão imóvel quanto eles, antes de voltar repentinamente para dentro. Thóra estava demasiado agitada para poder pensar com clareza, mas aquele rosto era-lhe familiar, embora tivesse levado vários segundos para o situar – era Margeir, o vigilante que fazia os turnos da noite com Fridleifur. Entretanto, Matthew desaparecera no interior daquelas ruínas enegrecidas. O chape-chape lá dentro indicava que começara uma perseguição frenética; Thóra só esperava que fosse Matthew a correr atrás de Margeir, e não o contrário. Depois de pensar por um instante, decidiu também entrar.

Tinha-se esquecido do cheiro a fumo. Assim que entrou, as suas narinas acusaram o odor. A escuridão era total, dado que todas as janelas e portas estavam vedadas. Matthew trouxera uma lanterna no bolso do casaco, mas era provável que não tivesse tido tempo para a acender. Thóra decidiu avançar colada à parede, com medo de tropeçar no lixo que possivelmente estaria por ali a flutuar. A parede de cimento estava gelada e parecia granulosa com a sujidade, mas Thóra não deixou que isso a dissuadisse e avançou, orientando-se pelo ruído. Quando já avançara o suficiente para encontrar uma parede de ligação, apercebeu-se de que a situação mudara: ouviu uma queda e um forte chape. Um deles ou ambos tinham caído ao chão. Esperava que não tivesse sido Matthew e precipitou-se em direção ao ruído. Era impossível dizer quem grunhia com mais força, se Matthew ou Margeir, mas Thóra ficou contente por não ouvir nem

gritos nem gemidos de dor. De repente, fez-se um silêncio completo, onde só se ouvia uma respiração ofegante. Thóra apressou o passo, mas voltou a abrandar quando ouviu ambos os homens a andar na sua direção. Estavam a andar muito mais devagar do que quando se tinham precipitado naquele buraco negro, e então, para seu grande alívio, ouviu Matthew ordenar ao homem que avançasse, a menos que quisesse ser arrastado dentro de água. Thóra suspirou profundamente e só então se deu conta de que sustivera a respiração durante todo aquele tempo. Chamou por Matthew, que lhe disse para sair dali. Voltou para trás, percorrendo o mesmo caminho, grata por fugir da escuridão e do sufocante cheiro a fumo. Afastou a tábua para deixar entrar um pouco de luz.

Viu Matthew surgir, arrastando o rapaz atrás de si, e foi preciso um esforço conjunto para o tirarem do edifício. Margeir opunha-se com todas as suas forças, e Thóra acabou por partir a unha do indicador.

– O que se passa consigo? – gritou-lhe. Depois, já um pouco mais calma, acrescentou: – Tem de sair daqui. Se calhar estava a pensar mudar-se para cá, não? – Nesse momento, Matthew puxou Margeir com toda a força, fazendo-o voar até cair de costas na neve. Estava sujo e ofegante, e segurava a parte de cima do braço como se tivesse ficado ferido. Depois de recuperar o fôlego, Matthew inclinou-se para ele e agarrou-o pelo ombro.

– Ponha-se de pé. Vai morrer se ficar aí mais tempo. Vamos para o carro e ficamos a aguardar a polícia lá dentro.

– Acho que preferia morrer, mas obrigado, de qualquer modo. – O homem não olhava para eles, permanecendo deitado com os olhos fechados.

– Deixe de se portar como um idiota. Levante-se.

Thóra seguiu os movimentos de Matthew e inclinou-se para ajudar o rapaz a levantar-se.

– Chama-se Margeir?

Os olhos dele abriram-se muito, fitando-a interrogativamente.

– Foi você que me enviou aquelas mensagens de texto?

Ela abanou a cabeça.

– Não, tenho tentado entrar em contacto consigo, é tudo. – O polegar de

Jósteinn estivera, obviamente, ocupado a escrever mensagens.

– Então, quem é a senhora? – A respiração de Margeir tornara-se mais regular; ele largou o braço e levantou-se. – Eu não lhe fiz mal nenhum. – Olhou para Matthew. – E você não é o tipo que andou a correr atrás de mim ontem à noite?

– Acho que sou; reconheço a parte de trás da sua cabeça. – Matthew ajudou-o a pôr-se de pé, agarrando-o com força, não fosse ele fugir de novo. – O que estava a fazer no jardim daquela gente? Conhece alguém dos que lá vivem?

Margeir abanou a cabeça e Thóra aproveitou a oportunidade para perguntar:

– Foi você que ateou o incêndio neste lugar, Margeir? Sabemos exatamente o que se passava aqui, e que tipo de serviço é que você e o Fridleifur vendiam.

– Não, não fui eu. – Margeir sacudiu a neve do corpo com o braço que não estava magoado; o outro pendia imóvel a seu lado. – Mas sei quem foi.

– Não me diga. – Thóra pensou que ele ou se referia a Jakob ou então ia falsamente acusar outra pessoa, provavelmente uma das vítimas do incêndio.

– Não estou a inventar nada. Eu sei quem provocou o incêndio.

– Isso calha muito bem, dado que sou a advogada do Jakob; lembra-se dele, não é verdade? Está preso numa Unidade Psiquiátrica de Segurança; nunca lhe passou pela cabeça dizer o que sabia? – Thóra estava com vontade de lhe gritar. O que se passava com as pessoas?

Margeir não disse nada, dando a impressão de estar a refletir sobre a sua situação.

– É a advogada dele? E estava a tentar contactar comigo? – Thóra anuiu e ele ficou em silêncio durante um momento. – Eu não tive nada a ver com o incêndio. Não estava aqui, não fui eu quem o ateou e não encobri provas nem nada disso. Não tenho culpa que a polícia não tenha feito uma investigação como devia ser, mas tem de admitir que não faz muita diferença ao Jakob em que tipo de instituição está a viver.

Thóra sentiu-se tão irritada ao ouvir estas palavras que antes de pensar no que fazia bateu-lhe com força no braço magoado.

– Seu filho da mãe! Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que as

coisas lhe corram muito mal. Sacana estúpido e ignorante. – Matthew voltou-se para ela, surpreendido, mas não disse nada.

Margeir fixava-a, esfregando o braço, espantado. Subitamente, foi como se ficasse sem forças. Olhou tristemente a neve e o anjo sem asas que se formara no lugar onde antes caíra.

– O que eu disse foi uma coisa estúpida, eu sei. – Suspirou e arrastou um pouco os pés, como se quisesse manter-se quente. – Se lhe disser o que sei, o Jakob poderá sair em liberdade, não é assim? E isso é o mais importante.

– Será uma ajuda. Quem ateou o fogo? – Thóra sabia como era importante tirar a história a limpo antes que ele mudasse de ideias e antes de a polícia chegar.

– O Bjarki Emil. – Margeir olhou para ela e depois para Matthew. – Não sei o seu apelido.

– É Jónasson. – Margeir podia estar a tentar pôr as culpas num homem morto, que já não se podia defender, pensou Thóra. – O homem que foi encontrado morto em Nauthólsvík. Sabe que a polícia anda à sua procura por causa desse crime?

– Sim. Eu sei. – Margeir virou-se para Matthew. – Ele caiu de costas nas rochas, e a queda matou-o. Eu não o empurrei, nem nada parecido. Só queria que ele se entregasse e confessasse tudo. Não me importavam as consequências que isso teria para mim. – Nem Matthew nem Thóra lhe disseram que se aquilo fosse verdade, ele não andaria a correr pelos jardins traseiros de Mosfellsbær nem a chapinhar nas ruínas calcinadas de um edifício que ficava no meio do nada. – Foi um acidente. Mas entrei em pânico e tentei desfazer-me do corpo; tinha medo de ser considerado culpado. Não resultou; ele não ardeu como eu estava à espera. Não havia gasolina suficiente na mala do meu carro.

– Mas pensou que ele iria desaparecer? Que ficaria reduzido a cinzas? – O tom de voz de Matthew permanecia inalterado e Thóra admirou a calma que ele aparentava.

– Não. Tencionava queimar-lhe a carne, de modo que fosse mais fácil afundar-se. Não podia pôr-me a arrastar um corpo por ali, à procura de um lugar

para o atirar. – Parecia um pouco envergonhado. – E eu estava em estado de choque; não conseguia pensar como devia ser. Acho que pensei que era uma coisa apropriada, tendo em conta o que ele fizera.

– Sabia desde o início que foi ele que ateou o incêndio? – Thóra tentava imitar a postura serena de Matthew. O cheiro a fumo estava a ter um mau efeito no seu estado de espírito; não conseguia deixar de pensar nas imagens dos corpos carbonizados dos residentes.

– Não, não sabia, mas desconfiava disso. Encontrei-me com ele para ter a certeza. Não conseguia ter sossego, com todos aqueles telefonemas loucos e as mensagens de texto, e quis fazer o que achava que era certo.

– E ele admitiu ter ateado o incêndio?

Margeir abanou a cabeça.

– Não, cabrão do idiota. Mas foi ele. Eu sei que foi ele.

– E como é que sabe isso? Alguém lho disse? – Thóra receava que Jósteinn tivesse resolvido fazer de Deus e enfiado alguma espécie de disparate na cabeça daquele jovem tenso.

– Eu sei como ele era. Apanhei-o a violar uma das raparigas do lar. Era um monstro, mas ao princípio não sabíamos disso; ele aparecia várias vezes, bêbedo ou com uma grande ressaca, para receber o tratamento de oxigénio e nutrientes, mas em vez de se limitar a isso, ele… – Margeir permaneceu em silêncio.

– Não achava estranho ele deitar-se na cama dos residentes?

– O tubo de oxigénio não era suficientemente comprido para as pessoas se sentarem numa cadeira, por isso era a única maneira de o alcançar. Das poucas vezes que precisámos de uma cama e a Ragna estava em casa, usámos a da Lísa. Ela não podia fazer queixa de nós, obviamente. Acho que também devemos ter usado a cama da Ragna quando ela lá estava, algumas vezes. Mas não me lembro bem, estávamos bêbedos. – *O_2 tubo curto.*

Thóra recompôs-se.

– Ele sabia que a Lísa tinha ficado grávida? Acha que ele queria ver-se livre dela fazendo arder o edifício?

– Tinham começado a desconfiar de que qualquer coisa não batia certo e ela

ia ser examinada por um médico. Mas o Bjarki, na realidade, não sabia disso, porque nós o expulsámos quando descobrimos aquilo que ele fazia e nunca mais o deixámos lá entrar. Na noite em que o centro ardeu, eu estava doente, em casa, mas o Fridleifur telefonou-me e disse-me que o Bjarki o contactara, querendo lá dar um salto, para falar de uma coisa qualquer. Ameaçou que ia dar com a boca no trombone sobre o que nós fazíamos, se não consentíssemos que viesse para falar com o Fridleifur. Eu menti à polícia e no tribunal a respeito do motivo do telefonema, porque receava que viessem a descobrir o que tínhamos feito. Pensei que não tinha importância.

Thóra ficara sem palavras. Lembrou-se das referências à chamada telefónica feita para o centro naquela noite, que se julgara ter sido engano. A pessoa que fizera a chamada fora um jovem, o Bjarki. E havia uma explicação semelhante para o facto de tanta gente embriagada telefonar aos fins de semana: estavam a tentar contactar Fridleifur ou Margeir, mas se estivesse outra pessoa de serviço, alguém que não um deles, diziam, simplesmente, que tinham ligado para o número errado.

– De que é que o Bjarki queria falar, se não era do estado da Lísa?

– O Fridleifur não sabia ao certo, mas disse que ele falara vagamente em pregar um pequeno susto a um dos residentes.

– À Ragna? – Thóra não via razão para ele querer assustar Lísa, que estava praticamente em coma. – Será que ele pensou que ela estaria lá nessa noite?

– Não faço ideia. Tudo o que sei é que ele planeou a sua vinda, e o Fridleifur deve ter discutido com ele, o que fez que o Bjarki ateasse o incêndio. Talvez o Fridleifur tivesse dado a entender que já se falava da possível gravidez da Lísa.

Thóra abriu o seu telemóvel, para chamar a polícia.

– O que estava a fazer aqui e no jardim daquelas pessoas em Mosfellsbær?

– Vim aqui para ver se ainda restava o dinheiro que nos pertencia, a mim e ao Fridleifur. Tínhamo-lo escondido em caixas no quarto das arrumações e nunca me atrevi a vir ver se ainda lá estava, para não atrair as atenções. Mas agora que estou metido nesta alhada, tinha a esperança de que a caixa tivesse escapado, e assim podia usar dinheiro para sair do país. – Por outras palavras, só estava

preocupado em salvar a sua própria pele. – Provavelmente ardeu ou desapareceu, mas eu estava tão desesperado que tinha de o verificar.

– E Mosfellsbær? – Thóra começou a marcar o número da polícia. – De que é que se tratava?

– A morada aparecia numa das mensagens de texto e pensei que devia ser a pessoa que lá morava a enviá-las. Tenho estado a tentar entrar em contacto com o homem, porque era um homem que me telefonava, não uma mulher. Mas só vi uma mulher e uma criança, quando lá estive.

A polícia atendeu e, após descrever brevemente a situação, Thóra pediu-lhes para enviarem agentes ao centro em ruínas. Depois desligou.

– O que quer dizer NNI8o? Aquilo que escreveu na janela embaciada?

– Como? O que eu escrevi foi o8INN. Estava numa das mensagens de texto e eu queria que o homem, ao chegar a casa, percebesse que eu lá tinha estado. Não era para o miúdo ver.

Claro que a escrita tinha ficado invertida na janela: Margeir escrevera a sequência do lado de fora, enquanto o miúdo a vira do interior. Obviamente, Tryggvi teria escrito NNI8o, ou algo semelhante, pois desenhava tudo em espelho. Thóra suspirou. Mas como podia Jósteinn saber disto, a não ser que tivesse visto os desenhos de Tryggvi? Como poderia tê-los visto, e que tinha em mente, ao certo? Talvez Einvardur tivesse digitalizado e guardado as imagens no seu portátil, mesmo que tal parecesse pouco provável.

– Sabe alguma coisa em relação a um crime de atropelamento e fuga na rua Vesturlandsvergur, em que morreu uma rapariga? Isso poderia ter alguma relação com o Bjarki?

Margeir abanou a cabeça firmemente.

– Não sei nada acerca isso. Toda esta história do lar já é drama que chegue para mim.

Quanto a isso, tinha razão. Enquanto esperavam pela chegada da polícia, Thóra não pôde evitar pensar que faltava algo em tudo aquilo. Aquele relato de Jakob a respeito de um anjo seria realmente apenas um disparate? E qual a razão de Jósteinn ter envolvido aquela pobre mulher e o filho naquele seu jogo cruel?

Embora parecesse agora quase certo que Jakob seria posto em liberdade, aquelas dúvidas impediam-na de se sentir vitoriosa. Devia estar esfuziante: seria, provavelmente, apenas uma questão de tempo até Jakob voltar para casa; Matthew acabara de lhe dizer, enquanto comiam uma pizza, que aceitara o emprego – tudo parecia correr pelo melhor. E no entanto. Tentou afastar aqueles pensamentos negativos enquanto olhava em silêncio as luzes dos carros-patrulha que se aproximavam. A investigação chegara a um resultado razoável; nem sempre era possível atar todas as pontas soltas. Talvez no dia seguinte aquele filho da mãe de Jósteinn pudesse responder a algumas das perguntas que ainda a incomodavam. Thóra não queria que a menor dúvida sobre a inocência de Jakob arruinasse o caso.

O que realmente a preocupava era não estar a ser capaz de conseguir encontrar a ligação entre os dois casos. Aparentemente, não tinham qualquer relação entre si, excetuando o facto de, em ambas as situações, terem morrido vítimas inocentes – mas Thóra tinha a certeza de que deviam estar relacionados, pois só assim se explicava que Margeir tivesse recebido uma mensagem a encaminhá-lo para a casa de Berglind. Estavam de novo na estrada, seguindo os carros da polícia à distância, quando Thóra recebeu um telefonema de Berglind a confirmar a sua suspeita. *Eu sei onde vi essas letras e esses números.…*

Capítulo 36

Sábado, 23 de janeiro de 2010

THÓRA E MATTHEW ESTAVAM SENTADOS com Jósteinn há quase uma hora, mas ele permanecia de olhos baixos. Por isso, era impossível Thóra perceber a reação do homem ao facto de ela ter descoberto as suas atividades com o computador: o seu rosto inexpressivo nada revelava e a sua voz era desprovida de emoção. Como de costume, estavam sentados naquela sala de estar um pouco degradada de Sogn. Embora a divisão fosse bastante espaçosa, estar perto daquele homem atemorizante deixava sempre Thóra exasperada. Embora não dissesse grande coisa, e de grande parte do que dizia ser bastante inócuo, era impossível ignorar os pormenores repulsivos que Jósteinn de vez em quando trazia para a conversa, como pequenos lembretes da sua maldade. A imprevisibilidade destes comentários impedia Matthew e Thóra de se defenderem deles. De cada vez que Jósteinn dizia uma coisa horrorosa, ficavam perplexos. Ocorreu a Thóra que ele talvez se estivesse a comportar daquele modo por saber que provavelmente nunca mais a veria, nem a ela nem a mais ninguém, a partir de agora, exceto àqueles que ali viviam e trabalhavam.

– Não estamos aqui para discutir as suas compulsões, Jósteinn. – Thóra

humedeceu os lábios, que estavam secos. – Devia falar com um médico acerca disso, ou então com alguém que o possa ajudar. Não estamos interessados nessas coisas e não somos especialistas na matéria, para estar agora a falar do problema consigo. Se não é capaz de se cingir ao assunto, então teremos de obter a informação de que precisamos através da polícia.

– Muito bem. – Jósteinn passou a mão pelo seu cabelo fino e gorduroso. O pente deixara-lhe riscas pouco profundas onde brilhava o couro cabeludo. Thóra não sabia ao certo o que quereria ele dizer com aquele «muito bem»; muito bem, podiam ir à polícia ou muito bem, iria parar com aquela conversa doentia. Optou por pensar que se tratava da última hipótese.

– Explique-me outra vez, para que tudo fique esclarecido. – Jósteinn recusara-se a autorizar que gravassem a conversa e, receando que ele não se abrisse, Thóra limitava-se a escrevinhar uma palavra ou outra de vez em quando. – Comece pelo princípio e repita aquilo que pensa que o Ari lhe fez.

Jósteinn ergueu o rosto e olhou através da janela, e Thóra e Matthew automaticamente seguiram o seu olhar. Não havia nada para ver lá fora, a não ser neve, a estufa abandonada e os ramos nus das árvores balouçando ao vento.

– Ele traiu-me. Talvez não seja assim tão surpreendente, no entanto, foi o que ele fez. Não pode ter sido mais ninguém a não ser ele. Era o único que sabia daquelas imagens, além de mim.

Deu uma pequena gargalhada sem alegria.

– Pensava que os advogados deviam proteger os interesses dos seus clientes, e não ir a correr para a polícia com denúncias. – Sem deixar de olhar pela janela, perguntou: – O que faria a doutora se tivesse de defender uma pessoa e descobrisse que havia mais provas contra ela?

Thóra não tinha o menor interesse em tornar-se o tema da conversa.

– De um modo geral, os advogados não têm o hábito de entregar à polícia informação que seja prejudicial ao caso do seu cliente. – Esqueceu-se de referir que a natureza dos crimes de Jósteinn era de tal ordem que poucos se esforçariam por mantê-lo à solta na sociedade. – Mas o papel do advogado não é ocultar provas em nome do cliente. Tem a certeza de que não lhe pediu para se

desfazer das provas? Você estava em regime de isolamento e com certeza receava que as fotografias fossem encontradas.

– Não. As coisas não se passaram assim. Simplesmente, avisei-o de que as fotografias existiam, e disse-lhe que as tinha escondido no vaso de flores no túmulo do meu avô. Ninguém ia visitar aquele túmulo, portanto, ali ficariam seguras. O Ari não demorou muito a ir lá buscá-las para as enviar à polícia, anonimamente. Ninguém mais o poderia ter feito, e embora eu soubesse que fora ele, só há pouco tempo pude comprová-lo. – Mais uma vez, Jósteinn riu friamente. – Este computador chegou até mim para que se fizesse justiça, pura e simples.

Thóra e Matthew ficaram sem palavras. Se a justiça triunfasse sempre, aquele homem não estaria ali sentado, mas sim sete palmos abaixo da terra, junto do seu avô.

– Como sabia que o computador continha informações que lhe diziam respeito? Tem aqui um monte de máquinas, agora; decerto que não as inspeciona a todas minuciosamente. E a maior parte delas não está avariada, de qualquer modo?

– Pode-se sempre recuperar informação. É preciso tempo e paciência, mas eu tenho ambos. As pessoas pensam que é impossível fazer algo com elas, mas raramente é assim. Ninguém tem ideia do que aqui faço; o pessoal sabe tão pouco de computadores que lhes posso dizer o que quiser. E no meu caso, ficam felizes por me verem fechado no meu cubículo. Quando o portátil do Einvardur aterrou na minha mesa, acertei no jackpot. Não só porque era o seu computador, mas também porque se esquecera de tirar a sua chave 3G da pasta. Graças a isso, consegui aceder à internet sem que ninguém desconfiasse, e até fazer chamadas telefónicas para toda a cidade. O idiota tinha escrito a senha na chave. – Continuou a olhar para a neve lá fora. – Foi do mais agradável que há, e o que encontrei no disco rígido ainda foi melhor.

Matthew pigarreou.

– Então, encontrou e-mails trocados entre Ari e o seu primo Einvardur, nos quais o Ari oferecia ao ministério provas em relação ao seu caso, como

contrapartida de não ser expulso da Ordem dos Advogados devido a uma falência iminente?

– Oh, era mais do que isso. – Jósteinn desviou o olhar da janela, dirigindo a sua atenção para a almofada bordada que pusera ao colo ao sentar-se. – Havia trocas de e-mails entre o Einvardur e outros funcionários do ministério, incluindo a pessoa que estava a investigar o caso. Esse Einvardur não é parvo nenhum, embora a sua aparência sugira o contrário. Salvou os e-mails porque ele era meramente um intermediário. Fraseou-os de tal modo que mesmo que viessem a ser tornados públicos, ele seria considerado inocente. E provavelmente também se teria tornado um herói.

– E a polícia e o delegado do Ministério Público alinharam nisso?

– Oh sim, claro. Como é que o afastamento temporário de um advogado da Ordem se compara a porem-me na gaiola para o resto dos meus dias? Menos incómodos para um resultado muito melhor. – Jósteinn soava triunfante. – Mas as pessoas implicadas nisto não faziam ideia de que o Ari ficaria a dever um favor ao Einvardur; um favor que ele cobrou quando o centro ardeu e ele precisava de uma pessoa infiltrada na investigação e no julgamento. Havia e-mails em relação a isto também e, mais uma vez, penso que o Einvardur quis proteger a sua posição, para o caso de as mensagens virem a ser conhecidas. Escreveu as mensagens de modo a proteger-se, atribuiu algumas palavras ao Ari e, ao proceder assim, conseguiu esconder-se atrás de maus conselhos jurídicos, embora deva ficar claro para quem quer que as leia o modo como ele preparou as coisas.

– Se alguém as conseguir ler, neste momento. – Após uma visita de um representante do Ministério da Justiça, todos os computadores tinham sido retirados da oficina de Jósteinn, e Einvardur quase de certeza que recuperara o seu portátil e a seguir o destruíra. Ele certamente tivera algo a ver com aquilo, tendo feito um pedido para reaver o computador depois do seu encontro com Thóra e com Matthew, embora o representante do ministério não tivesse aparecido logo a seguir. Talvez Einvardur não tivesse querido mostrar-se ansioso por ter o seu computador de volta; ou talvez o pedido tivesse de percorrer os

devidos canais antes de se iniciar qualquer ação. Uma coisa era certa, em todo o caso: o computador desaparecera.

Jósteinn puxou um fio solto na cobertura bordada da almofada.

– Compete-lhe a si provar quem o fez. E deve ser capaz de o fazer, agora que sabe o que procura.

– Nada do que me diz que leu prova seja o que for em relação ao incêndio. É tudo muito interessante, mas se o Einvardur não admitir claramente num e-mail que foi ele quem ateou o incêndio, nenhuma prova aponta para ele. Agora existe outro suspeito, que parece ser um candidato extremamente plausível. Além disso, o Einvardur estava num baile em Selfoss, nessa noite, com a sua mulher. Seria difícil demonstrar que foi de carro até à cidade para atear o incêndio, tendo depois regressado à festa. A sua mulher certamente teria sabido e nunca aceitaria tal coisa.

– Há de descobrir. – Jósteinn puxou pela ponta do fio, que agora tinha bem preso entre os dedos, e puxou-o lentamente da almofada. O fio pertencia a uma das maiores rosas e era vermelho-vivo. – Já alguma vez tirou a tripa a um rato? – Tinha recomeçado com as suas táticas de terror.

– Não, e nunca o faremos – rosnou Matthew.

Jósteinn pousou a almofada ao seu lado, mas continuou a olhar para ela.

– É pena.

– Não se importa de voltar ao computador e aos documentos? – Thóra sentia náuseas e não podia suportar mais aquelas interrupções. – Não encontrou nada que pudesse ser considerado uma prova concreta de que ele ateou o fogo?

Jósteinn encolheu os ombros.

– Isso é o que eu lhe tenho estado a dizer. Não me está a ouvir. O filho dele, o Tryggvi, tinha começado a abrir-se um pouco e parecia querer comunicar umas quantas coisas. Embora estivessem encantados com os seus progressos, também estavam muito preocupados com o que ele queria comunicar. Compreensivelmente. – Jósteinn pousou a mão na almofada e Thóra sentiu um aperto na garganta ao pensar que ele ia puxar outro fio.

– O que pensariam as pessoas se descobrissem que a mulher dele se pôs em

fuga depois de ter atropelado aquela rapariga? Acha que isso é melhor do que aquilo que eu fiz? Eu não matei ninguém. – Ficou em silêncio e acrescentou, tristemente: – O que é de lamentar.

Matthew moveu-se no sofá.

– E, afinal, o filho foi testemunha? Ele estava no carro?

– Sim. – A voz de Jósteinn era tão desprovida de emoção como antes. – Ele estava no banco da frente e viu tudo. A filha também estava no carro. A reação violenta do Tryggvi ao atropelamento levou a mãe a não parar, ou eles assim o dizem, embora se possa suspeitar de que ela simplesmente bebera demais.

Thóra ficou em silêncio. Sem dúvida, esta era a razão por que Tryggvi detestava andar de carro. Quando o tratamento do seu filho estava finalmente a dar resultados, devia ter sido um choque para Fanndís e Einvardur perceberem que isso também implicava aquilo que mais temiam. O rapaz tornara-se capaz de interagir com o mundo exterior, embora só até certo ponto, mas quando tentava exprimir-se era para contar ao mundo o atropelamento fatal na rua Vesturlandsvegur. Que ironia. A figura deitada não era, de todo, Lísa, mas a jovem baby-sitter, e o símbolo da paz que se via nos desenhos seria certamente o volante do carro. Por outro lado, quando a série de números e letras era lida ao contrário, revelava o número de matrícula do seu carro de família, NN180, o carro que Fanndís conduzia nessa noite.

– E o Ari pegou no caso do Jakob para se assegurar de que nenhuma prova incriminatória apareceria durante o julgamento? – Jósteinn já lhe explicara essa parte, pelo que aquela era apenas uma pergunta retórica.

– Tudo o que ele sabia era que devia esconder tudo o que dizia respeito ao Tryggvi, aos seus desenhos e ao seu fascínio pelo fogo, e impedir que a menor suspeita incidisse sobre ele. A Glódís, a diretora do centro, também foi alistada para ajudar o Einvardur a ocultar alguns dados, sem saber porquê. Se ela tivesse pensado um bocadinho, teria chegado à conclusão de que ao fazê-lo estava a pôr em risco uma pessoa inocente, o Jakob. Na verdade, o Einvardur nunca disse que eles atearam o incêndio; isso foi o que eu deduzi a partir de outras coisas que encontrei no portátil.

– Tais como? – Matthew inclinou-se para frente, mas logo a seguir recuou bruscamente, ao dar-se conta de quão perto ficara de Jósteinn.

– Eram algumas fotografias que tinham sido guardadas no computador. Encontrei várias que foram tiradas na noite do incêndio. O Einvardur pensava que as tinha apagado, mas os ficheiros do computador nunca ficam apagados por completo, a menos que se escreva por cima da área em que estão armazenados. Os leigos, em geral, não sabem disso. – Jósteinn emitiu um bocejo preguiçoso, como se estivesse maçado com os seus visitantes e com o tema da conversa. – Não estão interessados em saber quem ateou o incêndio? Ainda não vos disse. Bem, dado que não lhes vou poder enviar mais dicas úteis, vou ter mesmo de dizer quem foi.

Neste momento, Jósteinn tinha toda a atenção de Thóra e de Matthew.

– Não estava a querer dizer-nos que foi o Einvardur? – Thóra esperava que ele não acabasse por dizer qualquer coisa sobre tripas ou outros órgãos internos.

– Não foi ele. Foi a sua filha. A Lena.

Mal falaram no regresso a casa, perdidos nos seus pensamentos. A história de Jósteinn coadunava-se com tudo o que emergira durante a investigação, e ao mesmo tempo fornecia as peças que ainda faltavam. Segundo ele, as fotografias da festa que Lena dera nessa noite mostravam-na com um longo vestido branco – o mesmo vestido que Thóra vira numa fotografia em casa dos seus pais, tirada na véspera do incêndio. Com uma fita dourada no cabelo, parecia exatamente um anjo, o «anjo» que Jakob vira. Jósteinn conseguira ver todos os ficheiros que Einvardur guardara no seu computador e investigara até perceber quem era quem e o que se passara ao certo. Tinha descoberto a página do Facebook e lera o relatório da autópsia de Lísa, além de ter encontrado uma fotografia do corpo carbonizado de Fridleifur, que enviara para o telemóvel de Thóra. Comparara escrupulosamente as fotografias da página do Facebook com as que tinham sido tiradas na festa em casa da Lena nessa noite, e encontrara alguns rostos conhecidos. À medida que a noite avançava, o número de convidados nas fotografias ia diminuindo. Finalmente, só ficaram três pessoas, e uma delas

estava a dormir no sofá. O outro convidado era Bjarki, que Jósteinn reconheceu por já o ter visto na página do Facebook.

A última fotografia que fora tirada era de Lena. Estava debruçada sobre a mesa da cozinha com um *Bacardi Breezer* à sua frente, as mãos e o vestido branco cobertos de fuligem. Não era de admirar que o seu pai tivesse apagado aquelas fotografias. Não havia a menor dúvida quanto ao que ela fizera.

Jósteinn também tinha descoberto Margeir e começou a bombardeá-lo com mensagens de texto e telefonemas através do Skype; tinha conseguido roubar o número do cartão de crédito de um funcionário de Sogn e comprara saldo para comunicações nacionais. Acreditava que Margeir estaria mais intimamente ligado ao caso do que se supunha, porque aparecia em muitas fotografias da página do Facebook e devia, pelo menos, saber o que se estava a passar. Jósteinn enviara-lhe a sequência de letras e números que aparecia nos desenhos de Tryggvi, aqueles que *Æ*gir dissera que entregara a Einvardur quando fora dispensado. O relatório também referia a imagem em espelho, o que levou Jósteinn a perceber que aquela série de números e letras devia ser lida de trás para a frente. Ao procurar no computador as diversas versões da sequência, na qual também experimentara mudar números e letras, acabara por encontrar uma declaração fiscal por via eletrónica que Einvardur também conservara no seu portátil. Dessa declaração constava o número da matrícula do seu carro. Não era de admirar que tivesse empalidecido ao saber que o portátil ainda estava em funcionamento. Ao aprofundar a sua investigação, Jósteinn deu-se conta de que o carro tinha desaparecido da declaração fiscal do ano seguinte, sem que houvesse qualquer referência à sua venda, e verificou ainda que outro carro tinha sido declarado. Thóra achou a ideia bastante engenhosa, dado que era sempre possível dizer que se tinha esquecido de dar baixa do carro, o qual provavelmente permanecera na garagem desde a noite do atropelamento. Tryggvi tinha escrito o número da matrícula nos seus desenhos. Provavelmente, não compreendia o seu significado, mas era capaz de o relacionar com o carro e com o acidente. E visto que escrevia tudo numa imagem de espelho, ninguém descobrira o que estava a tentar dizer nos seus vagos desenhos do acidente.

Quando Margeir escrevera o número de matrícula no vidro embaciado da janela, Pési vira uma imagem em espelho do mesmo, uma coincidência que Jósteinn não previra. Graças a Berglind, que a contactara na tarde anterior, Thóra ficara a saber que aquele era o número de matrícula do carro que Einvardur conduzia dois ou três anos antes. Era ela que registava a sua quilometragem, pelo que vira frequentemente aquela matrícula ao longo dos anos.

– Queres ir diretamente à polícia? – perguntou Matthew, quando as luzes da cidade começavam a surgir no horizonte.

– Não, vamos para o escritório. Preciso de fazer uma cópia disto. Abriu a mão e olhou para a pen USB. Não tinha querido guardá-la na sua mala, não fosse danificar-se por andar a bater contra toda a tralha que lá estava. Naquela pen estavam gravados os principais ficheiros referentes ao incêndio e ao acidente, que Jósteinn encontrara no portátil. Tinha escondido a pen muito antes de lhe tirarem os computadores, pois sempre desconfiara que acabaria por ser descoberto.

Thóra tinha de reconhecer: aquele filho da mãe do Jósteinn era um tipo astuto.

Capítulo 37

Terça-feira, 9 de março de 2010

O SOL JÁ IA BAIXO NO HORIZONTE e brilhava nos olhos de Jakob, mas isso não diminuía a alegria que lhe irradiava do rosto. Ainda tinha os seus óculos, com lentes do tipo fundo de garrafa de cola, mas já tirara as ligaduras, pelo que a armação lhe assentava agora melhor nas orelhas. Ainda tinha em mau estado um dos braços, que não voltaria a ser o mesmo, e o mesmo acontecia com o olho em que perdera a visão. A sua audição estava perfeita, mas o olho cego apontava sempre numa direção diferente do outro. Isso chamava a atenção para aquela estranha pupila, que desde o ataque ficara oblonga, como a de um gato.

– Portanto, o incêndio foi acidental, se tudo isto for verdade. Talvez nunca venhamos a ter a certeza de como foi. Quando o Jósteinn me contratou para fazer esta investigação, disse qualquer coisa como «uma criança que uma vez já queimou os dedos pode ainda querer brincar com o fogo», e foi o que aconteceu. – Thóra falava com Grimheidur. Quanto a Jakob, a sua atenção já há muito se virara para outra coisa, e agora esperava, em grande excitação, por sair para a luz do sol com a Mamã. A investigação do caso estava terminada e a reabertura do processo no Supremo Tribunal encontrava-se garantida; era tão provável que o

tribunal decidisse a favor de Jakob e uma decisão temporária no sentido da sua libertação de Sogn seria antecipadamente emitida pelo sistema. – A Lena diz que conheceu o Bjarki na escola e que estiveram em diversas festas juntos, com outros amigos, incluindo a festa que teve lugar em sua casa na noite do incêndio. Quando já só lá estavam os dois (além da sua melhor amiga, que estava desmaiada no sofá), ela lembrou-se de ir ao lar, para ver se ficava mais sóbria. Depois de terem verificado que o Fridleifur estava de serviço, foram até lá, com o Bjarki a guiar, embriagado. A Lena não sabe quando é que teve a ideia de fazer o Bjarki pregar um susto ao seu irmão: se quando seguiam para lá, ou se depois de terem chegado, mas, seja como for, ela tinha-lhe pedido para o fazer. Lembra-se de lhe ter dito que o Tryggvi tinha, ao mesmo tempo, fascínio e medo do fogo. A teoria subjacente ao seu plano de bêbeda era que o Tryggvi apanharia um susto de tal ordem que voltaria a ser como sempre fora e, assim, o atropelamento continuaria por resolver.

A mãe de Jakob permanecia sentada, com os olhos muito abertos, acenando com a cabeça a cada frase que Thóra dizia.

– Como é que essa gente foi capaz de deixar o Jakob atrás das grades por causa disto? Não consigo entender.

– Os pais dela não sabiam. A única motivação do Einvardur era assegurar-se de que a investigação não incidia sobre o Tryggvi, dado o seu fascínio pelo fogo. Foi por isso que mandou o seu primo Ari telefonar-lhe a si, oferecendo-lhe os seus serviços, quando o Jakob foi preso. Receava que se o Tryggvi fosse investigado, a verdade sobre o atropelamento e fuga viesse à superfície. A Lena manteve tudo completamente em segredo; as fotografias no portátil do pai eram suas, mas ela apagou-as imediatamente, pelo que o Einvardur nunca chegou a vê-las. Nada disto, no entanto, explica como é que ela foi capaz de viver com algo tão terrível; talvez se tenha habituado, depois de ter ficado calada em relação à morte da rapariga atropelada. Ela estava no carro com a mãe e o irmão quando ocorreu o atropelamento.

Thóra sorriu para Jakob, que não era capaz de ficar quieto na sua cadeira.

– Se ela estiver a dizer a verdade, então o incêndio não foi intencional. Deve

ter pensado que não seria justo se ela e o Bjarki tivessem de pagar por isso. Tudo na sua versão sugere que ele foi o único responsável, mas também não é de admirar; ele não está propriamente em posição de se defender. A Lena garante que quando chegaram ao lar, o Fridleifur não queria deixar o Bjarki entrar e os dois homens tiveram uma discussão da qual ela não percebeu nada. A Lena não fazia a menor ideia do que o Bjarki fizera às raparigas do centro, nem do que, em consequência disso, se passara entre ele e o Fridleifur. Persuadiu o Fridleifur a deixá-los entrar, e enquanto ela se divertia com o vigilante, o Bjarki percorreu o edifício e encontrou o bidão de gasolina na zona de armazenamento de que Lena lhe falara, tendo em seguida derramado gasolina por toda a parte. A Lena disse que ele estava a cair de bêbedo e ela esquecera-se de lhe dizer em que apartamento vivia o Tryggvi, por isso o Bjarki derramou gasolina em todos, para não falhar. Estava convencido de que a gasolina, ao incendiar-se, formaria um tapete de chamas ao longo do corredor e nos apartamentos, e que o fogo duraria apenas alguns minutos, enquanto o líquido inflamável ardia. Tinha reparado no sistema de deteção e extinção de incêndios que estava no teto e pensou que isso resolveria tudo, caso as coisas corressem mal. Não sabia que o sistema não estava ligado.

– Não devíamos ir embora agora? Já é quase de noite. – Jakob agarrou os braços da cadeira, tentando levantar-se, mas a mãe pôs-lhe uma mão sobre o ombro e, gentilmente, empurrou-o para baixo, dizendo-lhe que em breve estaria pronta para ir.

Thóra continuou o seu relato, mas começou a falar mais depressa.

– Enquanto o Bjarki levava a cabo o seu plano, o Fridleifur começou a ficar preocupado e escapou-se de Lena para ir ver o que se passava; talvez lhe tivesse cheirado a gasolina. Apanhou o Bjarki ainda a derramar gasolina e ficou louco de raiva. Precipitou-se para a sala de serviço para chamar a polícia, mas o Bjarki bateu-lhe na parte de trás da cabeça com o bidão de gasolina, com tanta força que o Fridleifur desmaiou. O que aconteceu a seguir não é completamente claro, mas a Lena diz que ficaram horrorizados e pensaram em chamar uma ambulância. Para se acalmarem, acenderam um cigarro, e uma fagulha acabou

por cair na gasolina. Isto desencadeou uma sequência de acontecimentos com a qual dois jovens bêbedos não podiam lidar. A Lena diz que correu a tentar salvar os residentes, mas a razão por que não conseguiu salvar nenhum é um mistério. Contudo, penso que isto vai contribuir para reduzir a sua pena. O Jakob falou num anjo; sem dúvida, foi o que ela lhe pareceu, com o seu vestido comprido branco e a sua fita de cabelo dourada, exatamente como o anjo no póster do seu quarto. Mas eu suspeito que isto não é tão inócuo como parece; como se deve recordar, o Jakob disse que o anjo tinha uma mala, que afinal era a lata de gasolina. A desculpa de Lena para isto é que estava de tal modo em pânico que levara a lata consigo. Mas o facto de ela e o Bjarki terem tido a presença de espírito suficiente para apagar as suas impressões digitais da lata sugere que não estavam assim tão em pânico.

– E o que lhe vai acontecer a ela? – Pela primeira vez, a expressão no rosto da mãe de Jakob era severa: as linhas doces do seu rosto tinham-se tornado agudas, as rugas nos cantos dos olhos tinham ficado mais fundas e os seus lábios estavam comprimidos, parecendo duas linhas.

– Não sei. Vai ser condenada, mas é impossível dizer se a pena não será suspensa.

– Suspensa? Bem, é uma pena que o Jakob não tenha tido tanta sorte quando foi condenado. Como podem discriminar as pessoas assim? – Grimheidur não precisava de acrescentar o que era mais do que óbvio: Jakob fora discriminado desde a sua conceção, até pelo seu Criador.

– Diga-se, em sua defesa, que ela parece não ter sido a principal responsável, além de que o incêndio terá sido acidental. O facto de ela ter deixado de fumar logo a seguir dá crédito à sua história dos cigarros.

– Não tenho palavras.

Thóra abanou a cabeça. O caso era complicado. Os testes de ADN tinham revelado que Bjarki engravidara Lísa, e mesmo que o sistema judiciário não o tivesse punido, talvez desse algum consolo a Ragna saber que a condenação que ele recebera fora rigorosa e não admitia recurso. Margeir ainda estava em prisão preventiva, à espera de ser julgado pela morte de Bjarki. A sua defesa também se

baseava na alegação de que a morte de Bjarki fora acidental, e de que a única culpa que lhe cabia era a de ter tentado queimar o corpo a seguir. A mãe de Lena ainda não ouvira a sentença pelo seu crime de atropelamento e fuga. Fanndís confessara tudo, mas na Islândia havia poucos precedentes de pessoas condenadas à prisão por atropelamento e morte de alguém. E eram ainda mais raros os casos em que o condutor se pusera em fuga, embora alguém tivesse sido condenado por esse crime apenas seis meses antes. Contudo, nesse caso, o condutor tinha um cadastro de peso e fora condenado por dois crimes em simultâneo, enquanto o registo de Fanndís estava imaculado. Einvardur fora afastado do seu lugar para ocupar outro semelhante e as notícias sobre o papel que tivera na ocultação de um crime não tiveram grande eco nos média. O caso de Jósteinn não foi referido de todo, tal como não o foi a manipulação de provas por parte de Einvardur.

Glódís Tumadóttir não teve tanta sorte como Einvardur. Tanto quanto Thóra conseguiu apurar, o verdadeiro motivo da sua demissão não foram os cortes e a otimização, como fora noticiado, mas principalmente o seu desempenho no caso de Jakob e o facto de ter agido como uma marioneta de Einvardur na esperança de que ele a ajudasse a progredir na carreira. Quando a posição de Einvardur na hierarquia enfraqueceu, ela perdeu todo o apoio que tinha. Ao que parecia, Glódís informara o chefe do Departamento Regional de que Einvardur a levara a mascarar os custos adicionais associados às necessidades particulares de Tryggvi no que se referia a comida e terapia; com efeito, despesas que em condições normais caberia aos pais de Tryggvi suportar tinham, afinal, sido pagas com os fundos limitados devidos a outros residentes. Confrontado com a questão, Einvardur simulou uma completa ignorância, dizendo que julgava que aquelas despesas estavam incluídas nos serviços do lar e dispondo-se, evidentemente, a pagar a diferença. Os e-mails que Glódís apresentara para confirmar a sua história não provavam nada: Einvardur tivera muito cuidado para não dizer nada que o pudesse comprometer. A tentativa desesperada de Glódís de escapar à demissão estava condenada desde o início.

– Não deixe que nada disto a perturbe. – Thóra sorriu de novo para Jakob. –

O mais importante de tudo é que estás de volta a casa, Jakob, e agora podes começar a viver a tua vida tal como dantes. É um final feliz, não achas?

– Sim. – Jakob olhou para Thóra e a seguir para a sua mãe. – Mas eu ficaria ainda mais feliz se pudéssemos sair agora.

Thóra riu.

– Podes ir. Não faz sentido seres livre se tiveres de ficar no escritório de uma advogada a ouvir conversa de advogado. – Acompanhou-os à saída. Despediram-se no átrio da firma e parecia que a mãe de Jakob nunca mais terminava com os seus agradecimentos a Thóra. Quando, por fim, Jakob conseguiu que ela passasse pela porta, Thóra ficou a vê-los enquanto desciam a escada de mãos dadas. Sentia uma profunda satisfação e uma imensa vontade de ir para casa. Para junto da sua família. Também ficara satisfeita com a sua conversa ao telefone com Berglind no dia anterior. Berglind agradecera-lhe por ter resolvido o caso do atropelamento e desculpou-se um pouco pelos seus exageros com aquela história da assombração, que agora parecia ter tido origem no estado pouco cuidado da casa e nas idas de Margeir ao jardim. Tudo está bem quando acaba bem, e Thóra realmente não queria virar-se e ver Bella a pintar as unhas de preto à secretária da receção, embora soubesse que tinha de passar por lá. Precisava de ir buscar a sua mala antes de ir para casa, e de caminho tinha uma marcação para a qual precisava do seu cartão de crédito. Uma depilação à brasileira, para celebrar o regresso de Matthew ao trabalho no banco, e também o facto de os seus pais receberem as chaves do seu novo apartamento nessa noite. De momento, havia uma só coisa que a incomodava mais do que a sua secretária e a ansiedade em relação à dor que sentiria com a depilação. Einvardur e a sua família nunca seriam sujeitos a uma verdadeira justiça, embora a tivessem negado a Jakob, a Ragna e também à rapariga que fora morta na rua Vesturlandsvergur e aos seus pais, bem como a todos os que tinham morrido no incêndio.

Fanndís esfregou a orelha, olhando, pela janela da sala de estar, o céu daquela noite sem estrelas. O silêncio era absoluto. Nenhum deles tinha vontade

de ligar a televisão ou a rádio. Os jornalistas tinham tendência a fazer-lhes emboscadas quando menos esperavam, e se havia algo que os punha em pânico eram as notícias sobre o que se tinha passado. Fanndís detestava o tom repetitivo dos repórteres, caracterizado por uma ênfase que ia aumentando até atingir o auge no final de cada frase. Sentia a presença de Einvardur no sofá atrás dela e podia ouvi-lo a folhear as páginas do livro que fingia ler.

– Apetece-te um café? – Fanndís não se voltou, continuando a olhar pela janela e a mexer na orelha.

– O quê? – O tom de voz do marido era mal-humorado. Eram as primeiras palavras que ele dizia desde que lhe agradecera o jantar.

– Café. Queres um pouco de café? – Fanndís virou-se para ele, deixando cair a mão depois de ter arranjado o cabelo de modo a esconder o lobo inflamado da orelha. – Agora está tanto frio aqui. Chamaste o canalizador?

Einvardur fechou o livro com força e pousou-o na mesinha de apoio.

– Não, e não. Não quero café e também não chamei o canalizador. – Levantou-se. – Acho que me vou deitar.

Fanndís permaneceu em silêncio. Não porque não tivesse nada a dizer, mas porque não tinha coragem para começar. A vida daquela família de três pessoas estava em ruínas. Tudo o que tinham construído e por que tinham lutado se esfumara, e tinham lutado em vão. Einvardur estava numa posição difícil no ministério e o seu sonho de alcançar um empolgante cargo de embaixador tinha-se dissipado por completo. Lena deixara a universidade e raras vezes saía do seu quarto, e nunca por sua iniciativa. Era como se tivessem sido esquecidos. O telefone deixara de tocar. Fanndís já nem se lembrava de como era o seu toque. Entristecia-a perceber como eram, na realidade, superficiais as amizades – e os laços familiares, também, embora Fanndís soubesse que ela era a única responsável por isso; não fizera grandes esforços para se manter em contacto com a sua família nos últimos anos. Também lhe ocorreu que já esgotara a quota de compreensão dos seus amigos há muito.

Viu o marido sair da sala sem sequer lhe dirigir um olhar, sem lhe perguntar se também se ia deitar cedo. Isso não a surpreendeu por aí além. Ainda que não

lho tivesse dito explicitamente, ele culpava-a pela situação em que se encontravam agora. Fora ela que atropelara a rapariga, tendo parado apenas o tempo suficiente para ver pelo retrovisor que ela estava morta. Na altura, Einvardur dissera que percebia que ela tivesse reagido daquele modo: os gritos de Tryggvi tinham-na aturdido e o choro de Lena também não ajudara, mas ele nunca dissera uma só palavra acerca do que ambos sabiam, que a outra razão pela qual ela não parara fora o vinho que tinha bebido. Talvez ele se culpasse por isso. Einvardur tinha declinado um convite para jantar em casa da sua tia nessa noite, mas se não tivesse ficado a trabalhar, teria sido ele a sentar-se ao volante. Pensar na tia de Einvardur deixou Fanndís ainda mais desconfortável. Ela tinha contactado Einvardur na véspera e dissera-lhe que a polícia estivera a fazer perguntas sobre o acidente daquela noite, querendo saber se Fanndís consumira álcool. A tia não quisera revelar a Einvardur a sua resposta, o que significava que a polícia sabia que Fanndís tomara uns quantos copos.

Decidida a preparar um café, mesmo se tivesse de o beber sozinha, Fanndís foi até à cozinha. Talvez conseguisse convencer Lena a descer e a juntar-se a ela para beber uma chávena. Doutro modo, tomá-lo-ia sozinha, à mesa da cozinha – como tantas vezes lhe acontecia por esses dias. O aroma dos grãos deu-lhe uma boa sensação de expectativa e prazer; levou a lata até ao rosto e inalou profundamente. Depois pôs uma mão-cheia de grãos no moedor e moeu-os durante demasiado tempo, de facto. Estando o café na máquina e a água a ferver, Fanndís sentiu-se um bocadinho melhor; o som familiar da água a fervilhar acalmou-a e permitiu-lhe esquecer por um momento como tudo parecia desesperado. Teriam, simplesmente, de encarar os factos e lidar com a situação o melhor possível. O tempo certamente ajudaria a curar todas as feridas e os seus problemas não eram mais graves do que aqueles que tantas outras famílias tinham conseguido ultrapassar. Talvez o primeiro passo para um futuro melhor fosse estar ciente desse simples facto. Embora o cargo de embaixador estivesse fora de questão para Einvardur, isso não queria dizer que um posto mais baixo numa embaixada no estrangeiro fosse impossível; ou então um posto no Ministério dos Negócios Estrangeiros na NATO ou noutra instituição

internacional. A situação não poderia ficar pior, só podia melhorar.

De repente, a máquina de café parou de funcionar. Fanndís, surpreendida, olhou a máquina, que agora permanecia silenciosa à sua frente, sobre a mesa, a água já sem borbulhar. Tentou desligar a máquina e voltar a ligá-la, mas nada aconteceu. Verificou se o cabo teria ficado solto, mas viu que não era esse o problema. Era o costume. Fanndís resistiu à ideia de atirar a máquina de café para o chão de azulejos, e limitou-se a imaginar os estilhaços de vidro voando em todas as direções e os pedaços de plástico a deslizar pelo chão. Então reparou que o relógio do forno estava a piscar, como sempre acontecia nas raras ocasiões em que falhava a eletricidade. Fanndís expirou o ar pelo nariz, depois inspirou profundamente. Mas isso não lhe deu energia – pelo contrário, sentia um mau gosto na boca. Era como se tivesse inalado o ar através de um cano ferrugento. Aquele sabor a ferro fê-la salivar e, involuntariamente, dirigiu-se para o lava-louça. Graças a Deus, não vomitou, e começou a acostumar-se àquele repugnante gosto. Dirigiu-se para a janela, à procura de ar puro, mas deu um salto para trás, quando lhe pareceu avistar uma pessoa ou uma sombra mesmo ali fora.

Pôs as mãos no peito, como se quisesse acalmar as batidas rápidas do seu coração, e ali ficou, gelada, à espera que a sua pulsação abrandasse. Depois, reparou que a geada começava, a pouco e pouco, a cobrir o vidro da janela, impedindo-a de ver a escuridão lá fora.

Sobre o Autor

YRSA SIGURDARDÓTTIR

Yrsa Sigurdardóttir nasceu na Islândia em 1963. é uma multipremiada de *thrillers* e romances policiais, com grande sucesso internacional. estreou-se na escrita com *Last Rituals*, em 2005, o primeiro livro da série dedicada aóra Gudmundsdóttir – a intrépida advogada e mãe solteira que leva a cabo, por sua conta e risco, as investigações mais difíceis e desvenda os mais obscuros crimes –, entretanto traduzida em mais de trinta idiomas. Segundo o *Times Literary Supplement*, «a sua escrita ombreia com o que de melhor se faz na escrita policial contemporânea a nível mundial». e o *Independent* escreve: «um gerador de medo e de destreza comparável a escritores como Stephen King.»

Lembro-me de Ti, publicado pela Quetzal em 2012, foi galardoado com o Prémio para a Ficção Policial Islandesa, e *The Silence of the Sea* (que a Quetzal publicará em 2016 com o título *O Silêncio do Mar*) acaba de ser nomeado finalista do Prémio Pretrona, que distingue, no Reino unido, a melhor literatura policial escandinava.



Sobre o Tradutor

MIGUEL DE CASTRO HENRIQUES

Nome ligado a diversos grupos da vanguarda portuguesa – nascido em pleno centro da era da ansiedade, numa maternidade alemã, na cidade de Buenos Aires. Viveu em vários países e, sobretudo, fugiu com muita regularidade, embora com pouco êxito.

Tem livros de contos publicados.é também pintor e praticante e instrutor de artes marciais. Como tradutor foi o primeiro em Portugal a traduzir enrique Vila-Matas. Tem traduzido para a Quetzal, desde há seis anos, autores como Kingsley Amis ou Samuel Johnson. E há sete que começou a missão impossível de traduzir o *Finnegan's Wake* para a lusitana e clara língua.